

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL**

## **DO DOM À PROFISSÃO**

**Uma etnografia do futebol de espetáculo  
a partir da formação de jogadores no Brasil e na França**

ARLEI SANDER DAMO

Porto Alegre

2005

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL**

## **DO DOM À PROFISSÃO**

**Uma etnografia do futebol de espetáculo  
a partir da formação de jogadores no Brasil e na França**

ARLEI SANDER DAMO

Tese apresentada para a obtenção do título de doutor junto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Ruben George Oliven

Porto Alegre

2005

À memória de  
João Aníbal Göttens dos Santos

## **AGRADECIMENTOS**

Esta tese teve o suporte da Coordenação de Apoio e Pesquisa em Ensino Superior (CAPES), que me possibilitou um estágio com bolsa-sanduíche na França, entre março de 2003 e fevereiro de 2004. O Institut d’Ethnologie Méditerranéenne et Comparative (IDEMEC), vinculado à Maison Méditerranéenne des Sciences de l’Homme (MMSH) e à Université d’Aix-Marseille I & III, proporcionaram a estrutura física e intelectual para o bom andamento da investigação no período. A Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC) concedeu-me uma bolsa-afastamento durante o doutoramento. O Sport Club Internacional e o Olympique Marseille permitiram o acesso aos centros de formação/treinamento, condição indispensável para a realização da pesquisa de campo. Agradeço, sobretudo, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), na qual realizei toda a minha formação universitária e, particularmente, ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS), seus mestres e colegas.

A observação participante ocupa um lugar de destaque nesta investigação e não teria o mesmo êxito se muitas pessoas não tivessem colaborado. Élio Carravetta abriu as portas das categorias de base do Inter e, depois dele, Ademir. As diferentes comissões técnicas da formação colorada franquearam-me seus espaços e tempos de trabalho. Tenho uma dívida enorme com André Luiz, Joel, James, Andrey (Cebola), Jordan, Carioca, Paulo, Mauren, Marcelo Estigarribia, Flávio (Galo), Jorge, Banha, Baby, Tio Paulo, Rogerinho e, sobretudo, com Emílio e André Prodes. Também agradeço ao Seu Carlos, Seu Corbelini, Franco e André Silva, dirigentes das categorias de base, pela compreensão em relação à pesquisa. Aos “guris”, desejo sucesso, no futebol ou em qualquer outra profissão, em particular a Teco, Ju, Cleber, Rafael Sobis, Rafael Lopes, Diego Pain, Felipe Soares, Marcelo Labarthe, Rodrigo Paulista, Renan, Pereira, Cícero, Felipe Machado, Patrick, Giancarlo, Giacomini, Diego, Diogo, Maicon, Danny, Flávio e Júlio.

Em Marseille, tive o privilégio de observar o trabalho de Floes e Philippe, graças à intermediação de M. Cipriani. Obrigado e “bonnes chances” também aos “jeunes” que em 2003 treinavam entre os “moins 18”. Agradeço à A.S. Aixoise e ao professor Sébastien, por terem permitido acompanhar o treinamento dos “débutés”; e a M. Coquillat, pai de Angelin, pelas trocas de idéias acerca dos “petits”. Fui recebido para visitação em vários centros de formação,

geralmente por seus diretores/coordenadores. Agradeço a gentileza do FC Nantes, do Olympique Lyonnais e do Centre Technique National Fernand Sastre, na França; e ao Athletic Club (Bilbao), na Espanha. Ao CFZ Rio e ao RS Futebol Clube, no Brasil, igualmente, obrigado. Durante as competições de Santiago-RS e Macaé-RJ frequentei várias delegações de jovens em formação, dentre as quais a do Fluminense, do Cruzeiro, do Vitória, do Cruzeiroinho (Santiago), do Coritiba e do CFZ-Rio; pelo acesso aos vestiários, pequenas viagens e concentrações, muito obrigado.

Concilieei uma etapa do trabalho de campo com a atuação junto à Secretaria Municipal de Esportes de Porto Alegre. Pela compreensão em relação aos interesses da tese e pelo empenho na concessão extra-ordinária da Licença para Tratamento de Interesse, agradeço a Gilmar Tondin e Rejane Penna Rodrigues. Pela convivência e pelas trocas de informações, obrigado ao “pessoal da várzea”: Amilco, Tóvi, Giba, Larri, Meneghello, Rogério, Escurinho, Marcelo e Seu Souza.

O ano vivido em Aix-en-Provence não teria sido tão gratificante se não tivesse contado com a generosidade de muitos colegas e novos amigos. “Merci” ao núcleo do IDEMEC: Christophe Pons, Gilles de Rapper, Valery Feschet, Eric Boutroy, Dionigi Albera e, sobretudo, Nadia Monsegu e Marc Bordigoni, cujo suporte foi além do meu merecimento. Aos colegas da ASTI e, particularmente, à professora Laura, Rodolfo e Haji, que me possibilitaram aprimorar o francês e uma convivência multicultural fraterna. A família Garguillo e aos queridos amigos Eric, Cristina, Alvim e Janaína.

Os fóruns promovidos pela ABA e pela ANPOCS oportunizaram o diálogo crítico de muitas idéias embrionárias. Ao núcleo de assíduos, a quem muito devo, inclui: Simoni Guedes, Pablo Alabarces, Luiz Henrique de Toledo (Kike), Édison Gastaldo, Antônio Jorge Soares, Simone Pereira e Xavier Rodrigues, com as participações especiais de Carmen Rial e José Sérgio Leite Lopes. Muitas pessoas leram ou ouviram os esboços da presente tese, com paciência e ponderação, como os professores Carlos Steil e Cláudia Fonseca, na banca de qualificação; Marco Paulo Stigger, Patrice Schuck e, sobretudo, de Rosana Pinheiro Machado, já em fase avançada. Rose (PPGAS), Ana Lúcia (PROPESQ), Clarice e Caline (UNISC), deram-me suporte providencial em vários momentos. Luciana de Conti, Carlos e Helena (e Beatriz, em breve) compartilharam o antes, o durante e o depois da França - a tese e muitas coisas para além dela. Aos meus pais, avó e Sandra, obrigado pela torcida à distância. Meu irmão Andrey foi, dentre todos, o colaborador mais solicitado e por isso lhe devo um duplo “obrigado”.

Os professores Christian Bromberger, diretor do IDEMEC, meu co-orientador durante a estada em Aix-en-Provence, e Ruben Oliven, meu orientador no Brasil, proporcionaram-me o essencial para a realização desta investigação. Irretocáveis, cada qual ao seu estilo. Especialmente ao Professor Ruben, que me acompanha faz quase uma década, OBRIGADO!

## RESUMO

Esta tese aborda o futebol de espetáculo a partir do processo de formação de atletas profissionais. Trata-se de uma etnografia tendo como objeto principal os dispositivos usados na conversão de jovens talentos em atletas aptos a performances em forma de espetáculo. Os dispositivos compreendem um conjunto variado de elementos, tais como: centros de formação, recrutamento e seleção de talentos, organização para o trabalho, tecnologias de treinamento, redes de agenciamentos, normas legais, especialistas em vários saberes e outros procedimentos que demarcam a rotina do referido processo.

Do ponto de vista teórico, a profissionalização de jogadores é usada estrategicamente em dupla perspectiva. Por um lado, investiga-se a circulação das emoções no espectro do futebol de espetáculo, cuja força motriz é dada pela adesão dos torcedores aos clubes, instituições tradicionais a quem os jogadores disponibilizam os capitais incorporados ao longo da formação. Por outro lado, são abordadas as lógicas subjacentes à própria formação, com atenção especial à circulação de jovens talentos e seus estatutos: de pessoas e de mercadorias.

A observação participante foi realizada em vários centros especializados em formação, no Brasil e na França, dentre os quais destacam-se o Sport Club Internacional (Porto Alegre) e o Olympique Marseille (França). A tese focaliza a singularidade das configurações concretas, usando a diversidade das experiências para apresentar uma síntese de quem, quando, onde, como e com que finalidade produzem-se jogadores profissionais. O desafio de compreender um fato social extenso, integrado aos cenários urbanos aos quais o pesquisador faz parte, atravessa esta investigação, cujo suporte etnográfico foi decisivo em todos os momentos.

Palavras chaves: futebol, jogador, formação, dom, pessoa, mercadoria, etnografia.

## **ABSTRACT**

This thesis approaches professional soccer from the point of view of the making of professional players. The ethnography focuses mainly on the resources employed in the transformation of young skilled players into athletes capable of dealing with their sport skills. These resources include a number of elements, such as training centers, the recruiting and selection of prospective players, organizational skills, training technologies, agent networks, legal norms, and specialists in different fields along with other procedures that define the routine of the whole process.

From the theoretical viewpoint, the transformation of players into professionals implies a two-way perspective. On one hand, and on the basis of such transformation process, we look into the circulation of emotions through the whole picture of the soccer game, whose motor is determined by the rooters adherence to team clubs. Such team clubs are traditional associations to whose disposal soccer players offer the capital they have accumulated along their making. On the other hand, we look into the logics underlying the making itself of the professional players, mainly focusing on the circulation and network agencies of young prospective players, commonly depositaries of a double person and commodity character.

Participatory observation was carried out in several training centers, both in Brazil and in France. Among these, Sport Club Internacional, in the southern Brazilian city of Porto Alegre and Olympique Marseille in France are worth of note. The thesis focuses on the particular character of specific configurations, and resorts to a variety of experiences in order to present synthetic understanding of who, when, where, how and what for professional football players are brought to existence. The challenge of understanding an extensive social fact, embracing the urban contexts of which the researcher is part of, crosses this research in which ethnographic support played an essential part.

Key-words: soccer, professional players, instruction, gift, person, commodity, ethnography.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>1 O QUE ESTÁ EM JOGO NOS JOGOS DE FUTEBOL.....</b>	<b>26</b>
1.1 FUTEBOL E FUTEBÓIS .....	32
1.1.1 Codificação, diáspora e bricolagem do <i>football association</i> .....	32
1.1.2 As matrizes futebolísticas .....	36
1.1.2.1 A matriz bricolada .....	37
1.1.2.2 A matriz espetacularizada .....	38
1.1.2.3 A matriz comunitária .....	41
1.1.2.4 A matriz escolar .....	43
1.2 A DIMENSÃO PRÁTICA DAS PRÁTICAS FUTEBOLÍSTICAS .....	45
1.2.1 As práticas esportivas como linguagem .....	46
1.2.2 As propriedades intrínsecas das práticas futebolísticas .....	52
1.2.2.1 Os futebolis sem público .....	53
1.2.2.2 Os futebolis com público .....	57
<b>2 A TRAMA SIMBÓLICA DAS EMOÇÕES CLUBÍSTICAS:   uma contribuição à compreensão do gosto pelo futebol de espetáculo.....</b>	<b>61</b>
2.1 PAIXÃO CLUBÍSTICA E EMOÇÕES ENGAJADAS .....	63
2.2 O CLUBISMO BRASILEIRO COMO TRAMA SOCIAL E SIMBÓLICA .....	71
2.3 A FIDELIDADE, AMÁLGAMA DO CLUBISMO .....	83
2.3.1 Diletantismo, clubismo e a invenção do amor eterno .....	83
2.3.2 A circulação das emoções entre torcedores de clubes rivais .....	88
<b>3 O ESPECTRO DO DOM: talento, dádiva e capital futebolístico.....</b>	<b>105</b>
3.1 DEFINIÇÕES E INDEFINIÇÕES DO DOM .....	107
3.1.1 O dom/talento e o dom/dádiva .....	107
3.1.2 O dom futebolístico matizado pelas teorias da reciprocidade .....	114
3.1.3 A transubstanciação do dom no futebol .....	121
3.2 ACERCA DOS CAPITAIS FUTEBOLÍSTICOS .....	126
<b>4 A CORAGEM E O DOM:   a prática bricolada do futebol numa configuração de rua.....</b>	<b>138</b>
4.1 A BRICOLAGEM FUTEBOLÍSTICA NA LEÃO XIII .....	141
4.2 VIRILIDADE, CORAGEM E OUTROS ATRIBUTOS MASCULINOS .....	148
4.2.1 “Guri de rua” e “guri de apartamento” .....	148
4.2.2 Jogos e status bricolados .....	153
4.3 AS VIGARISTAS: temíveis meninas nos jogos de futebol .....	157



<b>5 AS LÓGICAS DA FORMAÇÃO/PRODUÇÃO DE FUTEBOLISTAS.....</b>	<b>168</b>
5.1 MERCADO DE TRABALHO PARA OS PÉS-DE-OBRA BRASILEIROS.....	171
5.1.1 Uma profissão que se constituiu historicamente .....	172
5.1.2 Uma carreira breve .....	173
5.1.3 Uma profissão sem mercado fora do sistema FIFA .....	176
5.1.4 Uma profissão socialmente valorizada, mas não por todos .....	177
5.1.5 A riqueza e a pobreza dos futebolistas .....	182
5.1.6 Uma profissão com mercado internacional .....	185
5.1.7 Brasil, “celeiro de craques” .....	186
5.2 OS TRÊS TIPOS IDEAIS DE FORMAÇÃO/PRODUÇÃO .....	188
5.2.1 A formação/produção endógena .....	190
5.2.2 A formação/produção exógena.....	199
5.2.3 A formação/produção híbrida .....	205
5.3 AS PRODUÇÕES “À FRANCESA” E “À BRASILEIRA” .....	208
5.3.1 Em torno da performance futebolística das formações francesa e brasileira .....	211
5.3.2 Em torno do desempenho escolar das formações brasileira e francesa .....	215
5.3.2.1 Cultura escolar e cultura esportiva .....	216
5.3.2.2 Futebol em tempo integral .....	218
<b>6 A CONFIGURAÇÃO COLORADA:</b>	
<b>um modelo de formação/produção híbrida.....</b>	<b>220</b>
6.1 A CONSTITUIÇÃO E A GESTÃO DOS PATRIMÔNIOS COLORADOS .....	221
6.1.1 O totem, o clube e a comunidade política-afetiva .....	221
6.1.2 O clube, o time e as políticas de recrutamento de futebolistas .....	231
6.1.2.1 “Era negro? Era bom? Era nosso!” .....	231
6.1.2.2 Mercado periférico e recrutamento estratégico .....	234
6.2 NOS BASTIDORES DA CONFIGURAÇÃO COLORADA .....	238
6.2.1 Homens à beira de um ataque de nervos .....	239
6.2.1.1 A crise de resultados dentro de campo .....	240
6.2.1.2 A crise política na “corte” .....	242
6.2.2 Os investimentos dos e nos atletas em formação .....	247
6.2.2.1 Os vínculos de identidade clubística .....	248
6.2.2.2 Os vínculos federativos .....	253
<b>7 A LAPIDAÇÃO DO DOM: as rotinas na incorporação dos capitais visando</b>	
<b>o espetáculo a partir da formação/produção colorada.....</b>	<b>260</b>
7.1 AS PROGRESSÕES EM ESPIRAL .....	262
7.2 DOIS DISPOSITIVOS DA FORMAÇÃO/PRODUÇÃO .....	273
7.2.1 O Genoma e a Escola Rubra: recrutamento e seleção precoce de talentos .....	273
7.2.2 O internato e as suas múltiplas funcionalidades .....	278
7.3 APRENDER PRATICANDO .....	282
7.3.1 Treino é trabalho .....	282
7.3.2 Trabalho é rotina .....	286
7.3.2 O treinamento físico .....	289
<b>8 ESTÉTICA E FUTEBOL:</b>	
<b>espaço, tempo, estilos e outras propriedades das configurações de jogo.....</b>	<b>299</b>
8.1 UMA ESTÉTICA PRAGMÁTICA .....	300
8.1.1. A economia do espaço e do tempo no futebol .....	300
8.1.2 As formas-padrões como ilustração das propriedades intrínsecas do futebol.....	304

8.2. ESTILOS DE JOGO: ISSO EXISTE, AFINAL? .....	315
8.2.1 A ficcionalidade dos estilos a partir do futebol-arte .....	318
8.2.2 Onde se inscrevem os estilos? .....	321
8.2.3 Estilos e estilistas em ação .....	325
8.2.4 Estilo, perfil e preço para pés-de-obra estrangeiros no mercado europeu .....	333
<b>9 PESSOA E COISA: A dupla identidade dos pés-de-obra .....</b>	<b>338</b>
9.1 COMO O DOM E SEUS PORTADORES TORNARAM-SE MERCADORIAS .....	340
9.1.1 O mercado de futebolistas a partir do “modelo de mercados múltiplos” (MMM). .....	340
9.1.2 Os três estágios em direção à mercadorização dos futebolistas .....	343
9.1.2.1 A compensação pelo não-trabalho .....	344
9.1.2.2 A consolidação do clubismo e a autonomização do <i>métier</i> de jogador.....	346
9.1.2.3 A ética capitalista e a globalização do mercado para pés-de-obra .....	350
9.2 O VALOR DO DOM E DE SEUS PORTADORES .....	354
9.2.1 Olheira e olheiro amadores .....	355
9.2.2 A arte da tergiversação .....	358
9.2.3 Os mercadores especializados do dom .....	362
9.3 O “DINHEIRO DO DOM” A PARTIR DE “A HISTÓRIA DE IRANILDO” .....	370
<b>10 OS JOGADORES E SEU PÚBLICO .....</b>	<b>386</b>
10.1 A SENSIBILIZAÇÃO DOS SENTIMENTOS .....	389
10.1.1 A teatralidade dos espetáculos futebolísticos .....	389
10.1.2 Os ritos e performances de pertencimento antes do jogo .....	393
10.2 A EXPRESSÃO PÚBLICA DAS EMOÇÕES ATRAVÉS DO CLUBISMO .....	402
10.2.1 Os espetáculos vistos com luneta e com lupa .....	402
10.2.2 A polifonia dos colorados .....	405
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>417</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>424</b>

## QUADROS, GRÁFICOS

Quadro 1.1 - As escolhas profissionais idealizadas pelos meninos.....	27
Quadro 2.1 - Capital simbólico e social dos principais clubes de futebol no Brasil .....	75
Quadro 2.2 - PIB e performances dos clubes por região .....	78
Quadro 2.3 - Mapas de parentesco e pertencimento clubístico .....	94
Quadro 2.4' - Parentesco e pertencimento clubístico .....	95
Quadro 2.4'' - Parentesco e pertencimento clubístico .....	95
Quadro 3.1 - Características específicas prioritárias dos futebolistas .....	132
Gráfico 5.1 - A escalada do futebol como espetáculo no século XX.....	172
Quadro 5.1 - Os ciclos da espiral longa .....	174
Quadro 5.2 - A posição de futebolista no cenário das profissões prestigiosas .....	178
Quadro 5.3' - Os predicados dos futebolistas .....	179
Quadro 5.3'' - As diferenças de prestígio dos futebolistas .....	180
Quadro 5.4' - Distribuição dos futebolistas segundo faixas salariais I .....	182
Quadro 5.4'' - Distribuição dos futebolistas segundo faixas salariais II .....	183
Gráfico 5.2 - Negros, pardos e brancos no mercado de pés-de-obra .....	184
Quadro 5.5 - Recrutamento de atletas sub-17 por local de nascimento .....	206
Quadro 6.1 - Nacionalismo e clubismo .....	226
Quadro 6.2 - Composição da seleção brasileira em copas do mundo .....	234
Quadro 7.1 - Os ciclos da espiral curta ou da preparação para a profissão .....	264
Quadro 7.2' - Aspectos gerais da pré- formação, formação e atuação profissional .....	266
Quadro 7.2'' - Volume de treinamento ao longo da formação profissional .....	270
Quadro 7.2''' - Profissionais da área técnica com e sem DE no Internacional .....	272
Quadro 7.3 - Programação semanal de atividades .....	287
Gráfico 8.1 - Divisão do trabalho em equipe por nacionalidade .....	336

## INTRODUÇÃO

Se o futebol fosse um jogo praticado por uma sociedade longínqua, sendo preciso descrevê-lo antes de tecer considerações acerca da maneira absorvente com que os nativos se entregam a ele, seria oportuno referir que se trata de um jogo agonístico, disputado entre duas equipes. O êxito de uma delas, e tão somente uma, é quantificado pelas vezes que um objeto esférico transpõe a meta adversária, sendo interdito o uso das mãos neste intento. Existem outras regras, de amplo domínio entre os nativos, boa parte delas visando conter a violência física, razão pela qual alguns gestos são proscritos. Nos jogos improvisados, essas regras são instituídas conforme consenso entre os praticantes, o que não implica dizer que sejam consensuais em suas interpretações. Os jogos improvisados são praticados por boa parte dos nativos do sexo masculino, ao menos até atingirem a idade adulta. Às meninas é facultada a prática desse jogo - por vezes desaconselhada - enquanto os meninos são constrangidos a jogar, sob o pretexto de que se não o fizerem não serão propriamente varões prestigiados. Uma versão do mesmo jogo tem, no entanto, um tratamento diferenciado, de tipo oficial, havendo, inclusive, agências com a finalidade de controlar a uniformidade dos códigos e de tornar o jogo atraente para ser fruído como espetáculo. Fazer o objeto esférico transpor a meta do adversário - que alguns insinuam tratar-se de um ato sexual, outros de uma conquista de um território - parece estar ao alcance de qualquer nativo. Todavia, a modalidade praticada em arenas públicas, construídas à maneira dos anfiteatros romanos, sofisticou-se a tal ponto que apenas uma minoria é considerada apta à realização da prosaica tarefa. Muitos nativos desejam estar entre eles, cercados por um público engajado, que co-participa do jogo. Os bem-afortunados que vão para o centro da arena têm um estatuto diferenciado: são tidos como portadores de uma dádiva especial, cortejados pelas mulheres e uma parte deles, ao menos, recebe consideráveis contra-prestações econômicas, tornando-se ainda mais desejados e admirados. A expectativa do público em relação à performance das equipes em quem depositam uma fé totêmica e, por extensão, dos jogadores que as integram, assumiu tamanha importância que desenvolveram-se,

paulatinamente, estratégias para tornar mais aptos aqueles já tidos como aptos para estar no centro da arena. Dado que o jogo é disputado entre duas equipes, são extensos os dispositivos para aperfeiçoar as ações coletivas, sendo estas meticulosamente preparadas no período que antecede as demonstrações públicas. O desejo de vencer - ou de derrotar o adversário, o que dá no mesmo - é matizado pelas restrições impostas pelas regras, de tal modo que as estratégias para se atingir tais fins desenvolveram-se num espaço relativamente exíguo de possibilidades de usos do corpo. A noção de eficácia, correspondendo a uma espécie de economia dos movimentos, tornou-se um dos elementos centrais na estética do referido espetáculo. Certos gestos que os nativos apreciam foram praticamente banidos da prática nas arenas, enquanto outros seguem sendo incorporados. Apesar das mudanças, o interesse estético e afetivo do público pela dinâmica do jogo segue preservado. Na medida em que tal jogo está imbricado às culturas locais, com algumas variações pontuais, pode-se chegar até elas por intermédio da exegese dos espetáculos, da preparação para eles, do público que os frequenta, das agências que o controlam, dos encarregados de retransmiti-los e, particularmente, da maneira como são desenvolvidos, criados ou apropriados, de outros jogos ou de atividades afins, os equipamentos, as estratégias, as tecnologias, em uma só palavra, os dispositivos necessários à preparação dos jogadores que serão apreciados em performances pelo público engajado.

Entretanto, o futebol é um jogo acessível e estou certo de que meu leitor tem sua própria impressão a seu respeito, podendo diferir daquela aqui apresentada. Afinal, aquilo que denominamos pelo termo futebol abarca uma diversidade de fatos empíricos, de tal maneira que convém fazer uso do termo *futebóis*, no plural. Os seus significados são, em parte, idiossincráticos, mas variam também conforme determinadas categorias amplas, como são os caso de gênero, idade e nação. É sobretudo em razão de categorias mais restritas, a partir das posições ocupadas no universo do próprio futebol - o que já exclui, de algum modo, aqueles que lhe são indiferentes - que se configuram alguns dos espaços singulares. Neles, encontram-se os praticantes, os apreciadores, os profissionais, os mediadores especializados, os dirigentes e outras categorias de agentes, sendo que, para cada posição, correspondem variações expressivas em termos de interesse e de significado.

O objetivo desta tese não é entender o jogo de futebol propriamente dito, mas a compreensão dos códigos, valores e atitudes que atravessam-no. Fundamental, por hora, é demarcar a posição na qual está ancorada esta tese, sem a pretensão de tomá-la como “a” posição legítima a ser ocupada no sub-campo de produção acadêmica - refiro-me, particularmente, à história, à sociologia e à antropologia do esporte em vias de consolidação. Como expresso no título, o processo de formação/produção de futebolistas está no centro dos

interesses desta investigação, mas estes não se resumem a ele<sup>1</sup>. O processo em questão é uma etapa que sucede a aquisição das técnicas elementares, não raro realizada à margem das instituições clubísticas, e antecede a atuação propriamente dita. Trata-se, portanto, de uma tecnologia, constituída no decorrer da espetacularização do futebol, visando converter jovens de talento reconhecido em profissionais capazes de exibir suas performances a um público muito peculiar, engajado a agremiações denominadas de clubes. Essa tecnologia, ou dispositivo de conjunto, integra o futebol de espetáculo, e aqueles que lhe são sujeitos demarcam, na forma de capitais incorporados, uma distância em relação à prática do futebol em perspectiva de lazer ou de entretenimento.

A formação/produção de futebolistas é constituída por um conjunto de elementos entre os quais destacam-se: os espaços físicos denominados de centros de formação, com seus suportes (albergue, campos de treinamentos e vestiários, entre outros); as técnicas de recrutamento e seleção de talentos precoces, cada vez mais sofisticadas em razão da concorrência; os princípios de organização para o trabalho, articulados a partir dos investimentos econômicos e dos interesses políticos dos clubes ou de empresas; as tecnologias de preparação/treinamento para os jogos e para o exercício da profissão, ajustadas conforme a disponibilidade e as exigências do clube; os especialistas, ex-boleiros e/ou profissionais com diploma universitário; as redes de agenciamentos, implicando toda a ordem de indivíduos que gravitam no entorno dos dons/talentos na expectativa de lucrar com os ganhos milionários aos quais alguns deles têm acesso; as normas legais, decorrentes de acordos entre os centros formadores ou impostas a estes pelo Estado, visando disciplinar (ou não) os procedimentos em relação à tutela de menores; enfim, um leque extenso de elementos heteróclitos que definem os procedimentos e demarcam a especificidade desse processo. Articulados a partir de lógicas distintas, como será explicitado no capítulo 5, tais dispositivos cumprem estrategicamente a função de prover o mercado de pés-de-obra, atendendo as demandas de times vinculados a clubes que, por seu turno, representam comunidades afetivas - tema do capítulo 2.

Quando vista na perspectiva dos atletas, a formação/produção é um processo altamente competitivo. São aproximadamente 5.000 horas de investimentos, distribuídos ao longo de aproximadamente 10 anos, realizados diretamente no corpo, em rotinas altamente disciplinadas, extenuantes e seguidamente monótonas - como mostro em detalhes no capítulo 7. Como será argumentado oportunamente, o mercado de pés-de-obra tem limitadas possibilidades de expansão num contexto como o Brasil, em que o clubismo está estabilizado. Há, em contrapartida, possibilidades de emprego no mercado internacional, mas boa parte dessas

---

<sup>1</sup> Os termos formação e produção são usados, seguidamente, como sinônimos ou agrupados, como agora. As razões desse procedimento serão detalhadas no capítulo 5.

oportunidades são em países futebolisticamente periféricos, ou em clubes de 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> divisões de mercados mais glamourosos. Não é com essa expectativa que os meninos entram para os centros de formação. O projeto deles é um sonho, e como tal nada modesto: a seleção brasileira, os grandes clubes brasileiros e europeus - o Inter, o Olympique Marseille (OM) - e por aí afora.

São adolescentes, boa parte vinda de grupos populares, investidos por representações de masculinidade que os fazem propensos aos desafios que o futebol exige, dentro e fora de campo, especialmente em termos de uma ascense mundana calcada na prática corporal e no esforço físico continuado. A carreira começa, efetivamente, e por vezes termina, num centro de formação, como será visto no capítulo 7. O acesso a esses locais não é compulsório, como à escola, razão pela qual o intenso regime disciplinar adquire contornos próprios. Para acessar tais centros, é preciso desejar, mas isso não basta; é preciso também ser escolhido. E uma vez integrado, será preciso entregar-se, de corpo e alma, sendo dragados pelo circuito do *métier* que ambicionam e, seguidamente, afastados de outras modalidades de interação às quais são sujeitos garotos de suas idades - escolarização, entretenimento, amizades, etc. Não se consegue compreender as razões pelas quais os adolescentes se entregam à incorporação dos capitais futebolísticos, na intensidade e na extensão que ela exige, desconsiderando-se o fato de que eles são induzidos à percepção, desde o ponto de partida, de que são, antes de tudo vocacionados. O dom e as representações correlatas, que estão na origem de todos os investimentos conforme o ponto de vista nativo, matiza o processo de formação com um colorido social e cultural singularíssimos, como será mostrado no capítulo 3, e retomado no capítulo 9, quando tratarei do duplo estatuto a que são sujeitos os boleiros: de pessoa e coisa.

A densidade de representações de masculinidade associadas à prática do futebol, o fato dos investimentos serem preponderantemente práticos e o vedetismo de alguns atletas de talento invulgar encobrem as mazelas da profissão: a maioria dos jogadores são assalariados, suas carreiras são curtas, o auge é precoce, a reconversão improvável e, da mesma forma que se pode estar na capa de um jornal de grande circulação, aclamado pelo público, pode-se, em questão de meses, ser esquecido e até execrado. Quem experimentou as benesses da profissão - dinheiro, visibilidade, fama, mulheres, etc - sofrerá com a escassez; quem não as teve, mas sonhou em tê-las, pode ficar marcado pelo resto de seus dias, com a impressão de que “a chance da sua vida” - é assim que muitos meninos referem-se à possibilidade de tornarem-se boleiros - escapou-lhes na adolescência. Sem escorregar para o romantismo e tampouco para o populismo, que caracterizam muitas tomadas de posições acadêmicas em relação aos grupos populares, esta tese procura explicitar a trama simbólica que constitui o poder de sedução da profissão, bem como as redes de agenciamentos que se beneficiam, dada a oferta abundante de dons/talentos e praticamente nenhuma vigilância estatal, da exploração desse mercado de trabalho e de pessoas.

Os boleiros têm preço, e isso não é novidade. Mostrarei, com argumentos teóricos e etnográficos, quem e como se institui o valor econômico desses indivíduos - capítulo 9.

Os dados sobre o mercado de pés-de-obra no Brasil são desconhecidos, mas estima-se que existam entre 10 e 15 mil postos de trabalho, alguns deles sazonais e bastante precarizados. Existem no Brasil, em torno de 500 clubes de futebol credenciados às subsidiárias da FIFA (agência internacional que detém o monopólio do futebol de espetáculo), mas apenas um número reduzido, em torno de 20 (4% a 5%), detêm 90% da predileção dos torcedores - objeto do capítulo 2. Como esse sistema, a que denomino clubismo, está estabilizado, também não há expansão de oferta de trabalho, mas apenas uma rotatividade intensa, com a competição direta entre os pés-de-obra. Desde os anos 70, os brasileiros passaram a procurar emprego fora das fronteiras nacionais, mas foi nos anos 90 que o processo intensificou-se. Entre janeiro de 2002 e fevereiro de 2005, mais de 2,5 mil profissionais deixaram o Brasil, algo em torno de 1/5 dos pés-de-obra ocupados no país. A impressão, a partir dos jornais, é de que esses emigrantes vão fazer fortuna no exterior, aproveitando o prestígio do Brasil no cenário futebolístico internacional. Efetivamente, os brasileiros constituem, em números absolutos, o maior contingente de estrangeiros atuando nos 5 principais mercados de jogadores - Inglaterra, Itália, Espanha, Alemanha e França. Todavia, no princípio da temporada 2004/05, havia pouco mais de uma centena de brasileiros atuando por clubes de primeira divisão nesses países. O fluxo de pés-de-obra brasileiro não é, propriamente, para a Meca do futebol. Em 2004, mais de 800 jogadores deixaram o país, empregando-se em 80 países distintos: no Vietnã e no Sudão, no Azerbaijão e no Haiti, na Albânia e na Bolívia, há mercado para nossos pés-de-obra nos quatro cantos do mundo<sup>2</sup>. Antes de pressupor que haja apenas encantamento com a originalidade do nosso estilo de jogo, há que se trabalhar com a idéia de que existe um mercado globalizado, e não se trata apenas de trabalho, mas de mercadorias, de pessoas que são agenciadas e transacionadas por agentes especializados.

A tese não conseguirá abarcar todas as possibilidades dessa dinâmica, mas esforça-se por apresentar uma versão do que seja o futebol de espetáculo a partir dos profissionais e, particularmente, dos jogadores em formação. O processo de formação/produção constituiu, a este respeito, uma escolha estratégica. Em primeiro lugar, havia o interesse pelo processo em si, por investigar os dispositivos usados no decurso da etapa que vai do reconhecimento do dom até a profissionalização. Em segundo lugar, a problematização da formação/produção facilitou o acesso ao futebol de espetáculo em perspectiva etnográfica. Não teriam sido franqueados

---

<sup>2</sup> Segundo dados do Escritório das Nações Unidas Contra as Drogas e o Crime, deixariam o Brasil, anualmente, em torno de 900 mulheres com destino ao mercado de prostituição internacional, número mais ou menos equivalente ao de boleiros, portanto.



determinados espaços, tais como concentrações, vestiários, viagens e centros de treinamento, se fossem priorizados os profissionais já formados. Ou os investimentos teriam sido bem mais custosos, o que não implica dizer que não foram.

A tese é articulada pela experiência etnográfica, havendo um percurso ao longo do qual uma série de questões foram formuladas e reformuladas ininterruptamente. O Sport Club Internacional, sediado em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, foi o ponto de partida e, ver-se-á, o ponto de chegada em se tratando de observação participante. Uma vez definido que o objeto de tese seria a formação de futebolistas, o Inter apresentava-se como a configuração concreta que atendia aos pré-requisitos para a pesquisa. Sendo uma das 13 agremiações que constituem a elite clubística brasileira, já próxima de seu centenário, o Inter atravessou, ao longo dos anos 90, um período de crise de resultados, com turbulências políticas de matizes e proporções diversas. A gestão que chegou ao poder em 2000 - por coincidência, chamava-se Inter2000 e se articulava em meados dos anos 90 - decidira investir na formação de jogadores, como estratégia de barateamento de custos na composição do plantel principal e priorização de atletas identificados com a instituição - tema do capítulo 6.

De mais a mais, os garotos colorados da categoria infantil, nascidos em 1985, haviam vencido a Copa Nike, um prestigiado torneio internacional para meninos de até 15 anos de idade. A gestão Inter2000 havia contratado João Paulo Medina, renomado especialista em gestão futebolística, para assessorar a remodelação do clube, com destaque para a formação/produção de jogadores. O cenário não poderia, pois, ser mais apropriado e, com o consentimento do coordenador das categorias de base, assessor direto de Medina, dei início à observação de campo em outubro de 2001. Fui direto aos juvenis, onde estavam os remanescentes da Copa Nike, nos quais o clube depositava boa parte de suas fixas<sup>3</sup>. Lá estavam Diego e Diogo, desde então freqüentadores das páginas dos jornais porto-alegrenses, quer pelo futebol invulgar, quer pelo fato de serem gêmeos. Também estava entre a comissão técnica um informante de outra época, que contribuiria para a minha inserção no grupo de trabalho. Os membros da comissão técnica e os jogadores foram mudando ao longo de 2001 e 2002, mas eu permaneci acompanhando o cotidiano dos juvenis (sub-17) e, assim sendo, fui adquirindo a confiança necessária para freqüentar os espaços privativos.

---

<sup>3</sup> Dessa geração tida como excepcional, 4 dos 16 garotos já estão entre o grupo principal do Inter, embora apenas 2 tenham recebido oportunidades efetivas, e 1 deles se firmado entre os torcedores – oscilando entre a titularidade e a reserva da equipe principal. Outros 2 permanecem nos juniores, relativamente prestigiados entre os dirigentes e o *staff* técnico; e 1 foi emprestado para um clube de menor expressão. Os outros 9 foram dispensados do Inter ou abandonaram o clube por conta própria, alguns deles desistindo da carreira.

O domínio da rotina colorada possibilitou-me o trânsito desenvolvido por outros centros de formação e, particularmente, entre outros grupos de atletas em formação. A primeira ocasião em que dispus dessa estratégia foi no princípio de 2002, quando acompanhei, praticamente na íntegra, a realização da Copa Santiago de Futebol Juvenil, realizada no município homônimo, na região central do Rio Grande do Sul. Além de consolidar minha presença no grupo colorado, principalmente entre os atletas - cuja disposição do meu arquivo fotográfico foi providencial - circulei entre outras delegações, entre elas a do Vitória-BA, do Cruzeiro-MG, do Fluminense-RJ e do Cruzeiro-RS (clube local). Em julho de 2002, a equipe colorada viajou à Macaé, litoral norte do Rio de Janeiro, para participar de outra competição reunindo clubes de diferentes estados brasileiros. Graças à confiança do *staff* e a compreensão dos dirigentes colorados, integrei a delegação do clube, vivendo durante praticamente duas semanas - em Conceição do Macabu e em Macaé - integralmente com o grupo. Repeti a estratégia de Santiago e, assim sendo, regressei de Macaé ao Rio de Janeiro com a delegação do Clube de Futebol Zico, conhecendo as sedes do clube-empresa, na Barra da Tijuca e no Recreio dos Bandeirantes. Retomei os contatos com a delegação de Fluminense e do Vitória e aproximei-me da do Coritiba. Além da rotina de preparação-jogo colorada, participei dos momentos de sociabilidade do grupo: jogos de sinuca e ping-pong com os meninos; peladas, chimarrão e intermináveis conversas sobre futebol e mulheres com o *staff*. Transformei-me em assessor de André, um dos membros da comissão técnica, destacado como “olheiro”, frequentando jogos de outras equipes para decodificar suas qualidades e seus defeitos. Num desses deslocamentos, a Córrego d’Ouro, André detectou um jogador de raro talento, tendo ele retornado conosco a Porto Alegre depois de uma negociação que se arrastou por quase uma semana - descrita no capítulo 9.

Entre março de 2003 e fevereiro de 2004, residi em Aix-en-Provence, cidade vizinha à Marseille, na qual está situado o Institut d’Ethnologie Méditerranéenne et Comparative (IDEMEC), no qual realizei meu estágio de bolsa-sanduíche. A partir de outubro de 2003 até o retorno ao Brasil, acompanhei a rotina da formação dos “moins 18”, em La Commanderie, centro de treinamento/formação do Olympique Marseille (OM), cujo grupo era bastante reduzido, não superior a 18 atletas, nascidos em 1986 e 87. Ao contrário do Beira-Rio, a 10 minutos da minha residência, La Commanderie impunha-me o deslocamento de Aix-en-Provence à periferia de Marseille, com 4 horas de duração entre a ida e a volta, na melhor das possibilidades (com 6 ônibus e 2 metrô). Tamanho empenho fora realizado com vistas às sessões de treinamento de 2 horas de duração, se tanto. E o que é pior, nada de extraordinário que valesse a pena ser destacado, diverso do que presenciara no Inter e em outros centros. As notas de campo com descrições e mapas de deslocamentos dos atletas prestaram-se, ao menos, para mostrar que o treinamento não poderia ser descrito tal qual eu o observara, sob o risco de tornar minha tese

um livro didático sobre a dimensão técnica do treinamento e, portanto, desprovido de interesse antropológico. Contudo, lá estava um grupo de jovens em formação, uma comissão técnica reduzida e uma configuração concreta de formação “à francesa”, tida como a melhor do circuito europeu. Foi a partir de La Commanderie que conheci dois informantes-chave, pai e filho, recém chegados do Brasil e praticamente abandonados pelo agente/empresário sem que soubessem ao menos dizer “bonjour”. Acompanhei-os durante dois meses, nas idas e vindas do período de adaptação, ainda incompleto quando retornei ao Brasil, tendo, inclusive, servido como intérprete no ato de assinatura do contrato do garoto (menor de idade) com o OM - e descoberto que os franceses (os marseheses, ao menos) também têm jogo de cintura para conciliar os interesses às regras. Com um pouco menos de desenvoltura, dadas as dificuldades de acesso e o pouco tempo em campo, frequentei o albergue e o vestiário dos “moins 18”, colhendo impressões que, se não serão integralmente trabalhadas na tese, prestaram-se para consolidar certas convicções acerca das diferenças entre os processos que têm lugar no Brasil e na França - capítulos 5 e 8.

Entretanto, o OM não é tido como um clube de primeira linha em matéria de formação caseira. A vanguarda francesa - e européia, segundo algumas fontes - é atribuída ao FC Nantes, da cidade homônima, onde estive durante uma semana. Além de frequentar os equipamentos físicos - campos, albergue, salas de aula, etc - fui recebido pelo diretor/recrutador do Centre de Formation do FC Nantes e pelo diretor do Centre Educatif Nantais pour Sportifs (CENS), situado no mesmo complexo. O CENS é um dispositivo diferenciado, que explicita uma modalidade de estratégia dos clubes franceses no recrutamento de atletas, algo que nem todos usam, por certo, mas muito diverso das estratégias brasileiras: o investimento na formação escolar. Trata-se de uma exigência da legislação francesa, atenta, desde os anos 70, ao fato de que os investimentos futebolísticos não têm reconversão imediata e o mercado profissional comporta um número reduzido dentre aqueles investidos durante os longos anos de formação.

Em Nantes, conheci uma delegação de formadores do Athletic Club, da cidade de Bilbao, região basca situada no norte da Espanha, e dada a originalidade da proposição deste clube, que não recruta jogadores a não serem bascos, fui até eles em janeiro de 2003. Menos pelo centro de Lezama - em nada diverso de outros espaços qualificados que conheci - e antes pela política do Athletic - na contramão do mercado de pés-de-obra - a estada em Bilbao foi decisiva para pensar as diferentes lógicas da formação/produção - descritas nos capítulos 5 e 6. Além do centro de treinamento/formação do Bordeaux, do Paris-Saint-Germain e do Olympique Lyonnais, estive em Clairefontaine, na periferia de Paris, onde localiza-se o centro de treinamentos da seleção francesa e, sobretudo, o Institut national du football (INF), espécie de cérebro da “formation à française”. Na medida em que a formação tornou-se obrigatória para os clubes da primeira divisão, cada qual constituindo seu próprio centro, o INF perdeu um pouco da importância

desempenhada nos anos 70 e 80, mas seu status segue preservado como um ícone de um modelo de formação nacionalmente articulado, altamente regrado e orientado por princípios pedagógicos em que a formação escolar e a formação esportiva são paralelas. Na prática, as coisas acontecem um tanto à margem do modelo preconizado, como será mostrado oportunamente, mas há várias diferenças em relação à formação “à brasileira”, especialmente no que concerne à proteção dos jovens e adolescentes em formação, exigidas pelo Estado e tutoriadas pela entidade máxima do futebol francês - equivalente à Confederação Brasileira de Futebol (CBF).

Não freqüentei muitos espetáculos futebolísticos na Europa, à exceção de uma partida no Camp Now, em Barcelona (Barcelona versus Athletic Club (Bilbao)), outra no Santiago Bernabéu, em Madrid (Real Madrid versus Real Valladolid) e uma no Velodrome, em Marseille (OM versus FC Nantes). No entanto, fui a vários jogos dos “moins 18” do OM, realizados aos finais de semana, no estádio Le Bert, periferia sul de Marseille. No retorno ao Brasil, continuei freqüentando, estrategicamente, alguns jogos da categoria júnior do Inter, onde jogavam, em 2004, boa parte dos meus informantes de 2001/02 e, particularmente, fui aos jogos da equipe principal, realizados no Beira-Rio, onde atuavam outros informantes. Foram mais de 20 jogos acompanhados de diferentes lugares do estádio (populares, sociais, cadeiras, etc), com a preocupação voltada para as narrativas verbais dos torcedores, simultâneas à atuação dos jogadores. Este material não poderá ser aproveitado na íntegra, dada a extensão, a riqueza e a especificidade, mas parte dele, ao menos, consta no último capítulo. A experiência prestou-se, de todo o modo, para consolidar algumas convicções acerca da dinâmica dos torcedores, matizada por trabalhos realizados entre os torcedores do próprio Inter, em 2001, e do Grêmio, com os quais realizei a observação participante que deu origem à dissertação de mestrado - em 1996 e 1997.

A inserção nessas configurações ligadas ao futebol de espetáculo e, particularmente, à formação de boleiros não impediu, antes suscitou o trânsito por espaços e redes que se encontram à margem, quer dos grandes centros de formação, quer do futebol de espetáculo. Aprende-se a jogar, sobretudo no Brasil, no decurso da socialização e, particularmente, da incorporação dos papéis sexuais. Quando iniciei o doutorado, em 2001, já fazia parte do quadro de professores da Secretaria Municipal de Esportes, Recreação e Lazer (SME), junto à Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Desde meados de 2000, quando ingressei na SME, até o final de 2001, trabalhara no Brincalhão e no Verão da Gurizada, dois espaços que me mantinham

afastado dos programas desenvolvidos pela SME para o segmento do futebol<sup>4</sup>. A partir do segundo semestre de 2001, passei às incursões pelos programas ligados ao futebol de várzea que me pareceu oportuno de ser observado, servindo como contraponto para pensar os usos do corpo, os agenciamentos e outras diferenças em relação ao futebol de espetáculo. Propus, então, um remanejamento interno à direção da SME, com a condição de que pudesse manter-me afastado da intervenção direta, exercendo funções burocráticas e subordinadas, tais como: organizar arquivos, atualizar o *site* com os resultados dos jogos da várzea, fotografar solenidades, entre outras. A condição foi aceita sem qualquer reparo, propiciando-me o acesso a outras redes de boleiros, incluindo-se ex-profissionais que, de um modo ou outro, circulam pelo futebol comunitário. A parte mais instigante, porém, foi circular de Kombi pela cidade, acompanhando os professores que orientavam aproximadamente 50 líderes esportivos comunitários, agentes de ponta do programa Em Cada Campo Uma Escolinha (ECCE) - em 2002 aproximadamente 2,5 mil crianças, quase todos meninos, participavam do circuito. Minha contrapartida incluía, ainda, a confecção de um livro contando a experiência de gestão da SME nessa área. Cumpri, apesar das dificuldades, a tarefa demandada, mas a publicação não aconteceu até o presente.

No conjunto da tese, aparece apenas parte dessa experiência de campo extensiva. Nove fora, utilizei apenas alguns fragmentos das observações realizadas junto aos “débutts” da A.S. Aixoise, de Aix-en-Provence - capítulo 8 - e, aqui e ali, fragmentos acerca do ECCE e da várzea porto-alegrense, sobretudo nos capítulos 1 e 4. O capítulo 4, dedicado à socialização futebolística que antecede o recrutamento para os centros de formação, foi descrito a partir de uma configuração de crianças e pré-adolescentes da rua Leão XIII, bairro Cidade Baixa, na qual resido, mas as observações extensivas, realizadas em Porto Alegre e em Aix foram importantes até mesmo na opção de problematizar o objeto e o universo supracitado.

---

<sup>4</sup> O Brincalhão é um projeto voltado para a recreação e o lazer de crianças e adolescentes de comunidades carentes, principalmente aquelas que não dispõem de espaços e equipamentos. São dois ônibus retirados da circulação viária e adaptados para funcionar como brinquedotecas itinerantes. Uma equipe formada por professores e estagiários acompanha-os conforme agendamento ao qual tem acesso qualquer cidadão porto-alegrense. Na prática, as brinquedotecas circulam de acordo com as demandas de líderes comunitários e de outros projetos da própria SME - conforme solicitação dos professores responsáveis pelos centros de comunidades, por exemplo, em ocasiões especiais, tais como festas juninas, dia das crianças, competições esportivas e assim por diante. O Verão da Gurizada é uma espécie de colônia de férias para crianças de periferia. Durante quatro dias da semana, crianças de diferentes vilas da cidade são mobilizadas pelos respectivos líderes comunitários, a partir de agendamento prévio com os assessores comunitários da SME, podendo, no conjunto, formarem um grupo de até 200 pessoas. Sob a orientação de professores e estagiários, em parceria com os líderes comunitários, as crianças participam de várias atividades tais como: banho de piscina em centros de comunidade (existem 6 deles com piscina em Porto Alegre), freqüentação a uma peça de teatro, passeio na praia do Lami (extremo-sul da cidade) e atividades esportivas e recreativas diversificadas.

A tese, já foi dito, é produto da inserção etnográfica por esses e outros espaços futebolísticos, oportunamente descritos, mas o texto a seguir está distante de ser uma compilação dessas experiências. A observação participante andou lado a lado com o processo de escrita e reescrita de textos, alguns deles publicados, outros apenas apresentados em eventos em ciências sociais<sup>5</sup> e, portanto, paralela às leituras em antropologia clássica e daquelas atinentes à recente produção em ciências sociais e história voltada ao esporte - na França, no Brasil e na Argentina, sobretudo. Nesse processo de intermitência entre o campo e o gabinete, dois outros instrumentos de base mais sociológica e quantitativa tiveram de ser forçados. Na medida em que serão retomados seguidamente em momentos distintos - capítulos 1 e 5 - convém explicitá-los.

Diz-se, seguidamente, que a profissão de futebolista é uma das mais cobiçadas entre os meninos. Por ser esta uma crença generalizada, mas sem qualquer comprovação, e como eu mesmo a usara como justificativa para a realização da presente investigação, realizei um *survey*, que chamarei de “*survey* das profissões”, para certificar-me de que não estava mistificado pelo senso comum. Foram sondados 411 pré-adolescentes, 201 meninos e 210 meninas, de 6<sup>a</sup> e 7<sup>a</sup> séries, na faixa dos 11 aos 13 anos, em 5 estabelecimentos escolares porto-alegrenses. As duas escolas privadas, nas quais foram respondidos 185 questionários, localizam-se em regiões próximas ao centro, sendo uma delas laica e a outra de confissão católica. Nos três colégios públicos, um estadual e dois municipais - o primeiro localizado na região central e os dois outros na periferia sul e leste da cidade - foram respondidas 226 amostras. A amostragem não tem formatação estatística, mas está bem distribuída em termos de classes, gênero e regiões da cidade, o que a legitima, ao menos, como um indício do que pensam os pré-adolescentes porto-alegrenses acerca dos temas suscitados. Foram 20 questões assim distribuídas: identificação (8), preferências genéricas (4), profissões/escolha profissional (5) e jogadores de futebol (3).

Outra ferramenta, usada para esclarecer certas questões suscitadas pela etnografia, deve ser destacada. Através de dados obtidos junto ao periódico virtual L'Équipe (França), constituí um banco de dados no qual cataloguei, segundo a nacionalidade, 2.700 profissionais credenciados junto aos 58 clubes que compõem as ligas principais dos cinco mais cobiçados mercados mundiais de pés-de-obra: Itália, Espanha, Inglaterra, Alemanha e França. Este levantamento, assim como o “*survey* das profissões”, não receberão tratamentos exclusivos, prestando-se, no entanto, como base de ancoragem sociológica para argumentos antropológicos. Pela modalidade do objeto desta tese e pelos objetivos que ela se propunha, foi preciso recorrer, seguidamente, a essas ferramentas de suporte. Outros dados quantitativos operacionalizados serão devidamente explicitados e justificados em contexto de uso.

---

<sup>5</sup> Tais textos estarão devidamente indicados na tese e referidos na bibliografia.

Os dez capítulos que compõem a tese possuem relativa autonomia, mas estão encadeados a partir de três blocos principais. Os três primeiros constituem uma espécie de bloco de abertura, priorizando a apresentação e a discussão de alguns conceitos-chave para a compreensão dos demais segmentos. No primeiro, deles abordo a diversidade das práticas futebolísticas destacando a especificidade do futebol de espetáculo e, particularmente, a compreensão do jogo como configuração dinâmica a partir da qual os diferentes agentes do campo instituem narrativas múltiplas. No segundo capítulo, trato da constituição do público que dá suporte à atuação dos futebolistas e justifica, em última instância, os investimentos que direferenciam os atletas dos praticantes convencionais. Trata-se de explicitar, a partir de uma argüição formal, a maneira como está tramado o clubismo brasileiro, com atenção destacada para o fato de que o gosto pelo futebol de espetáculo é matizado pelo engajamento do público, articulado por um sentimento de pertencimento a uma comunidade afetiva; adesão única e inquebrantável que tem a ver com as filiações parentais e com as redes de sociabilidade masculinas. O terceiro capítulo problematiza a questão do dom, cujas representações nativas situam-no no ponto de partida e, ao mesmo tempo, no centro dos investimentos a que são sujeitos os futebolistas. Para que o dom pudesse ser tratado com o cuidado devido, preservando os significados que os agentes atribuem, desenvolvi, ainda nesse capítulo, o conceito de capital futebolístico, uma modalidade de capital corporal a ser incrementado ao longo da formação. Valho-me, nesse segmento, de referenciais teóricos atinentes às teorias da reciprocidade, matizados com informações de campo.

O bloco intermediário trata detidamente dos dispositivos da formação/produção. No capítulo 4, abordo o processo de aprendizado difuso das técnicas futebolísticas elementares a partir de uma configuração concreta. O argumento central pretende dar conta de que o dom é um diferencial que emerge a partir da prática bricolada do futebol, voltada mais para a construção da masculinidade do que orientada para a expectativa de profissionalização. O capítulo 5 aborda as lógicas da formação/produção a partir de dois parâmetros distintos. Por um lado, invisto na construção de três modelos de tipo ideal, como de síntese etnográfica das observações de campo. O modelo endógeno caracteriza-se quando a formação visa, prioritariamente, atender às demandas identitárias do clube, como o Athletic (Bilbao); o modelo exógeno, quando a formação está orientada para o mercado de pés-de-obra e visa o retorno econômico, como é o caso da Talento S/A (de Alvorada-RS); e o modelo híbrido quando a formação usa, oportunamente, as duas lógicas precedentes, como no caso do Internacional. O capítulo também contempla um esboço comparativo entre os modelos de formação “à francesa” e “à brasileira”, destacando, além da diversidade, a precariedade do modelo brasileiro, no qual predomina o recrutamento com interesses mercadológicos. O capítulo 6 trabalha com uma configuração concreta, o Internacional, na qual prevalece o modelo híbrido. Reconstituo

argumentos dos capítulos precedentes mostrando como os meninos em formação precisam dar conta, para além da aquisição dos capitais futebolísticos, de uma série de interesses de dirigentes e torcedores, desejoso de performances exitosas e demonstrações de apego ao clube, como se os atletas fossem extensão de seus vínculos. O capítulo 7, que fecha o bloco intermediário, é um mergulho no cotidiano da formação e, particularmente, nos dispositivos pedagógicos usados no recrutamento, seleção e preparação para a atuação profissional. Destaco, tanto neste como no capítulo anterior, a tensão permanente a que são sujeitos os adolescentes e de como movimentam-se em meio a ela.

O bloco de fechamento é marcado por temas que julguei oportunos de serem tratados a partir da circulação através das redes de formação/produção. O capítulo 8 é, fundamentalmente, um capítulo sobre estética. Por um lado, apresento o que seria a visão do futebol a partir do ponto de vista dos profissionais, razão pela qual destaco a importância dada às categorias espaço e tempo, bem como das tecnologias desenvolvidas para fazer frente às exigências de um espetáculo que dramatiza a eficácia e sustenta-se a partir da lógica disjuntiva. Por outro lado, aproveito as incursões etnográficas para problematizar a categoria futebol-arte, tida como demarcadora de um estilo genuinamente brasileiro de jogar futebol. O capítulo 9 aborda o duplo estatuto dos futebolistas, de pessoa e coisa. Desenvolvo argumentos em diacronia e em sincronia mostrando como e por que os boleiros tornaram-se mercadorias, assim como os procedimentos para atribuir-lhes valor econômico, e quem são os agentes com legitimidade para tal. Na última parte, utilizo a trajetória de Iranildo, contada no documentário “Futebol (II)”, de João Moreira Salles e Arthur Fontes, para interpretar a maneira como os boleiros redistribuem os seus ganhos a partir da perspectiva do dom - nesse caso, do dom como sinônimo de dádiva. Finalmente, o bloco e a tese encerram-se com uma descrição etnográfica do encontro dos boleiros com o público, aproveitando a ascensão de alguns dos meus informantes à equipe profissional do Inter. A intenção não é, no entanto, de fixar-me neles, mas captar as emoções dos torcedores em ação e, fundamentalmente, o que dizem daqueles que amam, e também odeiam, dependendo das circunstâncias. Tanto os jogadores quanto os torcedores são personagens quando imersos no jogo. As performances de uns e de outros são completamente imbricadas, mas por lógicas complementares. Em campo (palco), estão os que dispõem de dom, um atributo valioso que só adquire valor quando apreciado por aqueles que estão nas arquibancadas (platéia). Estes, por seu turno, são marcados pelo pertencimento clubístico, uma herança de família, que os impede de trocar de clube, ao passo que os primeiros o fazem com muita facilidade, de acordo com as leis de mercado. Misturam-se, pois, sentimentos e dinheiro, pessoas e coisas, alegria e sofrimento, amor e ódio, bem como outros sentimentos e lógicas antitéticas que fazem do futebol um espetáculo original. No seu decurso, sobressaem elementos da cultura local, regional,



nacional, enfim, códigos que transcendem, e muito, o espectro futebolístico. A tese, no seu conjunto, investe na compreensão do futebol de espetáculo “por dentro” e, a partir dessa perspectiva, trama-o, sem precipitação, às demais esferas da vida social, cultural e política.

## 1 O QUE ESTÁ EM JOGO NOS JOGOS DE FUTEBOL

Se o fascínio pela prática do futebol já não fosse intrigante o suficiente, desenvolveu-se, ao longo do século XX, o gosto pela prática em forma de espetáculo. Deixemos de lado, por um instante, o gosto pelas discussões, a freqüentação aos estádios, a audição radiofônica, a assistência televisiva e a leitura de periódicos especializados, concentrando os olhares em relação ao jogar propriamente dito. Em Porto Alegre, cidade com aproximadamente 1,4 milhão de habitantes, existiam, em 2002, 32 ligas de futebol comunitário - também chamado de amador ou de várzea. Como cada liga contava, em média, com a participação de 9 clubes/times, apenas na categoria “adulto” - em várias ligas haviam campeonatos para as categorias “veterano”, “feminino” e “sub-20” -, existiam em torno de 290 clubes/times de futebol comunitário na cidade, cada vila ou bairro tendo uma, por vezes mais agremiações, algumas delas com mais de duas décadas de existência. O levantamento foi realizado a partir do credenciamento para o Campeonato Municipal de Várzea 2002, o que implica dizer que podiam existir mais clubes/times na cidade, não credenciados para o referido certame, mas não menos. Se somadas as diferentes categorias, chegava-se a 450 times em atividade. Como freqüentemente um clube possui times em várias categorias e não se pretende aqui produzir qualquer distorção, tomarei como ponto de partida os 290 clubes/times credenciados para o Municipal de Várzea propriamente dito. Uma projeção dos dados de Porto Alegre para o Brasil indicaria a existência de aproximadamente 40 mil clubes/times de futebol, quase quatro vezes a estimativa de Rebelo e Torres (2001)<sup>6</sup>. E, vale lembrar, para além dos praticantes em clubes/times comunitários, existem os jogadores de peladas, as ligas de *futsal* e outros futebolis.

---

<sup>6</sup> Conforme Rebelo e Torres, “existe registro de 13.000 times amadores e 800 clubes de futebol. Há igualmente 11.000 jogadores federados no Brasil, além de 2.000 atuando no exterior. A estrutura física compreende 308 estádios com capacidade total de 5 milhões de lugares” (2001, p. 21). Os autores não referem a fonte de onde teriam obtido tais dados, o que reforça a suspeita de que eles estejam subestimados, para o caso dos “times amadores” – referidos nesta tese como clubes/times comunitários – e

A prática profissional, praticamente restrita aos homens e a um grupo reduzido dentre eles, tornou-se, por isso mesmo, uma profissão cobiçada, como pode ser notado no quadro a seguir, composto a partir dos dados do “*survey* das profissões” - referido na introdução. A percepção dos pré-adolescentes em relação às restrições do mercado de trabalho futebolístico para mulheres certamente influenciou para que apenas 2 meninas, de uma escola pública, respondessem que gostariam de ser jogadoras de futebol, entre as 210 questionadas.

**Quadro 1.1 - As escolhas profissionais idealizadas pelos meninos**

	<b>Escolas Públicas</b>		<b>Escolas Privadas</b>	
1	Jogador de futebol	39	Engenheiro	19
2	Advogado	31	Advogado	15
3	Médico	10	Jogador de futebol	14
4	Policial	10	Médico	10
5	Empresário	8	Arquiteto	8
6	Músico/cantor	6	Juiz	8
7	Engenheiro	6	Téc. informática	5
8	Dentista	5	Veterinário	4
9	Não respondeu	5	Músico/cantor	4
10	Juiz	5	Cientista	4

Fonte: “*survey* das profissões”<sup>7</sup>

É notório o fascínio dos meninos pela profissão de futebolista, tanto assim que ela aparece bem posicionada mesmo na amostra dos alunos de escolas privadas, onde a reputação dos boleiros não dispõe do mesmo prestígio do que entre os pares de escola pública, como se verá no capítulo 5. Numa amostra com 123 questionários em três escolas públicas, 39 meninos manifestaram o desejo de serem jogadores de futebol, praticamente um em cada três. Como se pode notar pela referência a outras profissões desejadas, a de futebolista consegue romper a barreira de status dada pelo diploma universitário, mesmo entre os alunos de escolas privadas. Interessante notar, igualmente, como outra atividade, neste caso de músico/cantor, também

---

superestimados para o caso do número de clubes federados – em torno de 500, conforme dado obtido em diversas fontes. O número de jogadores em atividade no país está mais ou menos conforme as projeções, que variam entre 10 e 12 mil, mas é provável que existam mais de 2 mil atletas atuando no exterior, pois só nos três últimos anos a CBF registrou a saída de 2.170 profissionais.

<sup>7</sup> Em razão do recorte de gênero, o quadro acima foi composto apenas com as indicações dos meninos, estimulados pela pergunta: “O que você gostaria de ser quando crescer?” A questão aberta permitia mais do que uma resposta, o que muitos efetivamente fizeram. Os números à direita da profissão indicam as ocorrências das mesmas em relação a uma amostragem de 123 meninos de escolas públicas e 78 de escolas privadas.

consegue romper esta barreira<sup>8</sup>. A proporção de meninos de escolas públicas desejosos de tornarem-se futebolistas explicita, desde logo, o extrato da população com a qual os centros de formação/produção trabalham.

Um dos segredos da bem sucedida produção de boleiros no Brasil, nada menos do que 20% do total dos pés-de-obra estrangeiros atuando nos principais mercados internacionais - Itália, Inglaterra, Espanha, Alemanha e França -, deve-se a esta combinação original: uma legião de meninos de grupos populares desejosos e disponíveis para serem investidos profissionalmente. A intensidade do trabalho corporal, os apelos à ética do sacrifício, a resistência à dor, o albergamento, a mercadorização, o descaso com o ensino escolar e a indisciplina são alguns dos principais ingredientes que compõem o cotidiano da profissionalização dos boleiros no Brasil. São o produto deste arranjo peculiar entre uma profissão que muito promete e a muitos seduz, mas que contempla apenas alguns - como será mostrado no capítulo 5.

Antes de ser o produto de uma escolha utilitária, calculada e individualista, a adesão ao futebol é estética e orientada por uma modalidade de gosto que se impôs no ocidente ao longo do século XX, disseminando-se planetariamente como cultura masculina, salvo exceções. O gosto pelo futebol é uma construção social, historicamente datada e culturalmente legitimada. O recorte de gênero seria, nesse caso, uma prova de sua arbitrariedade e um indicativo de que o interesse pelo referido esporte é matizado por outras modalidades de pertencimentos socialmente instituídos, cuja trama vem sendo investigada. Assim como outros arbitrários culturais, o futebol poderia ser definido como um consenso de época, legitimado por determinados públicos, tal qual a gladiatura romana, o olimpismo grego, a tourada aldaluz e as rinhãs balinesas, entre tantos fatos sociais aparentados ao interesse pelo futebol.

Para compreender o gosto pelo futebol, poder-se-ia centrar a atenção no jogo, como o esteta que, intrigado com o interesse do público por uma dada obra de arte, opta por explicá-lo a partir da exegese das propriedades intrínsecas à obra - a perfeição dos traços, a combinação de cores e texturas, a subjetividade manifesta do autor e assim por diante. Afinal, não são para os

---

<sup>8</sup> As profissões de policial e de técnico em informática/eletrônica também rompem a barreira do status universitário, a primeira entre os meninos de escolas públicas e a segunda entre os de estabelecimentos privados. Todavia, ambas dependem de uma formação técnica, a de policial mediante concurso. A proximidade entre futebolistas e músicos/cantores não é, no entanto, apenas o produto das percepções de prestígio, mas quero crer que aproximadas a partir do estatuto do dom, como se ambas pertencessem ao universo das escolhas vocacionadas, daquelas para as quais se é predestinado. Esta hipótese não foi declinada tão somente do “*survey* das profissões”, evidentemente, e será explorada em diferentes momentos da tese, pois o fato de se reconhecer como vocacionado influencia na maneira como um sujeito, qualquer que seja, empreende suas estratégias no interior do campo no qual investe com vistas à profissionalização.

jogos, sobretudo, que se dirigem as energias dos praticantes e os olhares do público? De outra parte, não se deve ignorar que os olhares e o próprio público são, também eles, constituídos a partir das obras, pouco importa se for um livro, uma sinfonia, um balé contemporâneo ou um jogo de futebol. Fala-se, seguidamente, na magia do futebol, dentro e fora do circuito do espetáculo, mas não será apenas pelos truques dos feiticeiros que se explica o encantamento, até porque existe, num outro extremo, uma fração expressiva de pessoas que não vêem a menor graça em tais correrias, chutes e palavrões no entorno de um objeto esférico - se fosse oferecido um desses fetiches a cada qual das equipes, não estaria dizimada a prosaica disputa? Os apreciadores dirão, por certo, que há qualquer coisa para além do imediatamente observável na intriga pela bola, sugerindo, talvez, que aqueles a quem o futebol não faz sentido são os que não o conhecem suficientemente, não foram socializados frequentando os estádios ou praticando-o, enfim, não foram educados para os sentidos profundos do jogo - morais, estéticos, afetivos, políticos, etc. Sendo assim, não disporiam dos elementos básicos para sua decifração, quer dizer, para a sua significação. A propósito, quais seriam os elementos que norteiam a adesão ao futebol? Seriam os mesmos para o caso de praticantes e de espectadores? Em que medida as diferenças, caso existam, possuem alguma relevância?

Além da prática ter se tornado ostensiva, uma parcela dos esportes, dentre os quais o futebol, constituíram-se enquanto espetáculos criando seus respectivos públicos ou, dizendo o mesmo de modo diverso, disseminando determinados padrões de sensibilidade que convém investigar. Não se trata, porém, de forjar argumentos em favor ou contra tais sensibilidades, mas antes de formular indagações acerca de seus processos de constituição, sempre que possível a partir de configurações concretas, no passado ou no presente. Ver-se-á que, na aparente indistinção das práticas futebolísticas, reside uma diversidade de sentidos de tal modo que o uso do termo no plural se impõe. Pressupondo ser o espetáculo futebolístico uma variante dos futebolis, um bem simbólico como outro qualquer, porém peculiar, pretendo investigar as condições que fazem do jogo um espetáculo e, por extensão, as categorias de valoração em termos de beleza (ou torpeza), de arte (ou não-arte), de alienação (ou participação) e assim por diante.

As analogias entre o mundo das artes e dos esportes - das artes plásticas e do futebol, por hora - não implicam na fusão das fronteiras, mas contribuí na formulação de algumas questões acerca do gosto futebolístico a partir das contribuições da sociologia e da antropologia da arte que, talvez por terem desenvolvido-se há mais tempo, elaboraram-nas com mais consistência. Uma das rupturas importantes, mas não a única, deu-se em relação às tendências essencialistas de se pensar a apreciação estética, quer sejam aquelas centradas na obra, na recepção ou em quaisquer outros elementos, sobretudo os transcendentais - o belo e o sublime, por exemplo.

Cada modalidade de produção de bens culturais possui sua especificidade, mas as questões sócio-antropológicas acerca da admiração são compatíveis.

Contrairement à l'approche privilégiée par l'esthétique, la réponse à cette question [da admiração] ne se trouve pas exclusivement dans les œuvres; mais [...] elle ne se trouve pas non plus exclusivement dans l'œil des regardeurs, autrement dit dans les caractéristiques sociales des publics. Tant les propriétés objectives des œuvres que les cadres mentaux des réceptions (lieux, moments, interactions...) sont requis dans la probabilité de voir qualifier un objet en termes esthétiques - la description de ces déplacements, et l'explicitation de leurs logiques [...] (HEINICH, 2001, p. 56).

A sugestão de Heinich - cuja aplicação pode ser encontrada no estudo da construção da reputação de Van Gogh (1991) - originalmente pensada para a compreensão das artes plásticas, aplica-se muito bem aos esportes, cuja admiração em forma de espetáculo é resultado de múltiplas mediações, no centro das quais figuram ao menos três elementos fundamentais: os artistas (jogadores), as obras (os jogos) e seus públicos (os torcedores). Trata-se, em última instância, de uma fórmula genérica, em nada diversa da clássica formulação de Lévi-Strauss a partir da qual o feiticeiro, a cura e os crentes são postos em relação (1970, p. 193-226). Nessa perspectiva, futebolistas, futebol de espetáculo e torcedores deverão ser pensados como produtos e produtores de uma trama social e simbólica. Sem deixar de ser o que é segundo a visão daqueles que o apreciam, o futebol pode ser apreendido como um campo ou configuração social singular, mesmo que tramado às religiões, às economias, aos afetos e assim por diante.

Entretanto, futebol é um termo cujo referente empírico apresenta-se difuso nas representações em geral, acadêmicas ou não. O termo presta-se como referente a uma extensão de elementos heteróclitos, mas para estabelecer relações entre tais elementos, como sugerido no parágrafo precedente, convém, primeiramente, separar a flora da fauna, os córregos das trilhas e as lendas dos fatos que têm lugar na floresta de chuteiras (ou descalça). O futebol jogado entre meninos e meninas na rua, como ocorre na Leão XIII - objeto do capítulo 4 -, não é o mesmo que um jogo realizado no estádio Beira-Rio. Uma das diferenças fulcrais é que os jogos no Beira-Rio possuem público, os atletas são criteriosamente preparados para tal, razão pela qual também os usos do corpo e a dinâmica da disputa divergem substancialmente daquele empreendido na Leão XIII. Um e outro possuem, em comum, o fato de constituírem performances únicas, que jamais se reproduzem, não podendo ser ensaiadas.

Pretendo destacar, neste capítulo, a diversidade dos futebolis, especificando o futebol de espetáculo, em torno do qual gravita a tese no seu conjunto. Parte dos escritos sobre futebol estão comprometidos do ponto de vista teórico por ignorarem a diversidade do fato social empírico, ofuscados, talvez, pela razão que deveria ser, ela própria, objeto de investigação: o monopólio das representações exercido pela versão espetacularizada, em grande parte

decorrente da militância da mídia especializada<sup>9</sup>. Esta tese, como já foi dito, aborda a matriz espetacularizada, mas não se prende a ela, e dado que a etnografia foi articulada a partir do processo de formação/produção de atletas profissionais, não teria sido possível ignorar as fronteiras no interior do próprio campo futebolístico. Em outros termos, ser recrutado para um centro de formação/produção implica a transição de uma fronteira a que apenas uma parcela muito restrita de praticantes tem acesso, embora muitos desejem-na, como está claro a partir do interesse demonstrado pelos meninos porto-alegrenses. Enfim, compreende-se os futebóis na medida em que se explicitam as fronteiras entre diferentes categorias e, por extensão, modalidades distintas de *habitus*.

A primeira parte deste capítulo está centrada no argumento segundo o qual a formação/produção de futebolistas e a matriz espetacularizada deste esporte devem ser compreendidas não apenas em razão das suas especificidades, bem como na diversidade dos futebóis, incluindo-se aqueles que transcendem a falação midiática e os grandes eventos. Para tanto, esboço uma classificação estratégica a partir de quatro matrizes futebolísticas - espetáculo, bricolagem, comunitário e escolar. Não se pretende instituir uma classificação com um fim em si mesma, mas supõe-se que o seu uso estratégico sirva para melhor compreender a diversidade a partir das diferenças. A ubiqüidade dos futebóis, ao menos no Brasil, faz com que seja esquecido, por vezes, que jogar não é o mesmo que torcer, assim como jogar no parque não é o mesmo que jogar no estádio.

A segunda parte explicita o entendimento sobre o que vem a ser um jogo de futebol e, particularmente, um jogo apreciado com a conotação de espetáculo. O objetivo, por um lado, consiste em acentuar a importância da dimensão prática das práticas esportivas, de que existe uma narrativa constituída pela ação dos jogadores, uma trama *ad hoc*, a qual corresponde uma série de outras narrativas produzidas simultaneamente ou não. Não se trata de uma revisão bibliográfica acerca do verbete “jogo” ou coisa que o valha, mas de uma articulação de ferramentas conceituais sugerindo que o jogo, como centro do interesse de todos os agentes do campo, demanda uma compreensão mediada, mesmo quando é simultânea. O jogo é um rito disjuntivo e o prazer estético é dado, em grande medida, pela expectativa em relação ao seu

---

<sup>9</sup> Para uma argumentação mais extensa a este respeito, sobretudo aos atropelos em termos de periodizações da história social do futebol no Brasil cf. Damo (2002c). Em linhas gerais, sigo os argumentos de Lovisolo quando afirma que “as ciências sociais e históricas encontram no jornalismo uma fonte insubstituível de conhecimento empírico e compreensão dos processos. Contudo, a história e a sociologia dos esportes não podem apenas se reduzir a dizer em linguagem sociológica, geralmente pouco transparente e vibrante, o dito pelos jornalistas naquela linguagem que é dirigida à emoção e imaginação dos amantes dos esportes, atletas e torcedores. Devemos reconhecer que a tradução é menos valiosa do que o original na maioria dos casos, além de que as ciências sociais não devem nem podem confundir-se com jornalismo ou literatura” (2001, p. 78).

desfecho. A decifração das propriedades intrínsecas do jogo é um dos elementos importantes para o arranjo dos eventos isolados - passes, chutes, desarmes, gols, expulsões, resultados paralelos, etc. - com vistas à produção de uma narrativa orgânica. A dimensão imediata é corroborada pela maneira como os torcedores se comportam nos estádios, co-atuando em tempo real, simultaneamente aos atletas, mas a seu modo. A co-atuação é, no entanto, mediada pelo engajamento que é obra do pertencimento a um dos clubes que se faz representar na forma de uma equipe com onze jogadores. O argumento da segunda parte é de que um jogo deva ser interpretado como uma modalidade de narrativa, em que mito (pertencimento clubístico, a ser problematizado no capítulo 3) e rito (performance dos jogadores, uma categoria de praticantes que dispõem de dom, tema do capítulo 3) viram uma só coisa: jogo.

## 1.1 FUTEBOL E FUTEBÓIS

### 1.1.1 Codificação, diáspora e bricolagem do *football association*

*Football association* é o nome dado ao jogo cujas regras foram codificadas por um grupo de jovens londrinos no final de 1863. Havia muito que a prática de jogos nominados de *football* (*folk football*) disseminara-se pela Grã-Bretanha, cujos registros mais antigos remontam ao século XIV (ELIAS e DUNNING, 1992c, p. 257-70). A codificação das regras, até então suscetíveis aos interesses situacionais e às tradições locais, demarcam uma ruptura que transcende à maneira de praticar o jogo. Entre os motivos que levaram à codificação, encontram-se pelo menos duas ordens de fatores. A primeira diz respeito ao desejo dos jovens londrinos de diferenciarem a sua modalidade de *football* de outras práticas, sobretudo em relação a uma delas que, depois de codificada, combinaria o uso dos pés e das mãos: o *football rugby*, codificado por estudantes de Rugby.<sup>10</sup> O que bem poderia ser qualificado como um narcisismo das pequenas diferenças tornou-se uma ruptura com desdobramentos substanciais no desenvolvimento tanto

---

<sup>10</sup> Dadas as peculiaridades no processo de diáspora, o *rugby* preservou a integridade lingüística, mesmo porque sua disseminação deu-se mais intensamente nas ex-colônias britânicas. O caso dos EUA representam, efetivamente, uma exceção, sendo o *football association* denominado de *soccer*, equivalendo para o termo *football* um jogo que eles próprios recriaram a partir do *rugby* e ainda é muito próximo a este. O jogo que nos EUA é denominado de *football* não é praticado no Brasil – à exceção dos alunos do Colégio Mackenzy, em São Paulo –, embora referido como “futebol americano”. Na França, por exemplo, o jogo estadunidense é denominado de “*football américain*” e, embora sua prática seja mais difundida do que no Brasil, está bem distante dos co-irmãos, o *association* e o *rugby*.



do *association* quanto do *rugby*.<sup>11</sup> A segunda razão que norteou a codificação tem a ver com as pretensões de seus agentes, quase sempre internos ou egressos de *Public Schools*, desejosos de tornarem-se referência em relação a outros grupos com os quais competiam em termos de status. Uma vez regrados e codificados, os *sports* superaram as idiossincrasias locais, expandindo-se por intermédio de circuitos de competições regulares e abrangentes. Nesse sentido, a codificação não é a causa ou o motor da disseminação em massa de uma dada maneira de praticar os *sports*, mas um dispositivo de desconexão parcial das práticas em relação às influências locais e regionais, impulso decisivo para a constituição de uma cultura esportiva globalizada. No que concerne às motivações mais amplas do processo de codificação, as interpretações convergem e complementam-se: uma espécie de obsessão de jovens de classe média inglesa visando afirmar seus próprios códigos, segundo Murray (2000); um desdobramento do processo de civilização, conforme Elias (1992b); ou uma das tantas tradições inventadas ao longo do século XIX, se seguirmos Hobsbawm (1984).

A relação que se pode estabelecer entre o *football association* e as formas de *football* não codificadas - por vezes tratadas como *folk football* ou jogos pré-modernos - é análoga à maneira como se processou a codificação das línguas oficiais em certos Estados-nações que caracterizavam-se pela diversidade de práticas em seus territórios (GUIBERNAU, 1997, p. 75-81). Frente ao *association* e ao *rugby*, as demais formas de se praticar o *football* na Grã-Bretanha tornaram-se uma espécie de dialetos. A codificação não implicou, efetivamente, no desaparecimento das práticas locais e, nesse particular, a analogia com as línguas oficiais é ainda pertinente. Todavia, não existiu em relação ao *football* uma instituição com o poder de coerção tal qual o Estado-nação, cuja influência foi determinante e deliberada para impor a prática de um idioma oficial, não raras vezes contra a resistência da população. No caso do *association* e do *rugby*, as agências e os agentes que tomaram o controle da codificação usaram seus poderes de forma persuasiva, impondo-se, paulatinamente, às práticas locais - como na Itália, onde se praticava o *calcio* - e disseminando as versões codificadas em regiões nas quais os futebolis eram até então desconhecidos. Quaisquer que tenham sido os desdobramentos desse processo, é inegável que o jogo da *association* conquistou adeptos entre as classes trabalhadoras inglesas e estas foram decisivas na sua popularização no circuito britânico e, ato contínuo, para diversas

---

<sup>11</sup> Existe uma extensa bibliografia que trata, em detalhes, o processo de codificação do *football* na Inglaterra, destacando o papel centralizador das *Public Schools*, dentre as quais destaca-se a de Rugby (WALVIN, 1994, p. 32-51). Sobre o desenvolvimento comparativo do *rugby* e do *association* na Inglaterra, no período imediatamente posterior à codificação, cf. Dunning e Sheard (1992).

regiões do planeta, como símbolo do estilo de vida moderno<sup>12</sup>. De outra parte, as agências controladoras do *association* não puderam impedir que outras modalidades de futebol, na maior parte dos casos, adaptadas a partir dos seus próprios códigos, fossem praticadas. Sendo assim, disseminou-se pelo planeta o *football association* e, paralelamente, as versões bricoladas<sup>13</sup>.

O controle sobre as regras do *association* cabe, na atualidade, à Internacional Board (IB), instituição centenária, associada à FIFA que, por seu turno, é responsável pelo gerenciamento direto ou indireto das competições futebolísticas mais importantes em termos econômicos.<sup>14</sup> Qualquer mudança nas regras do *association* que, por seu turno, tendem a desencadear mudanças na dinâmica do jogo e, portanto, no espetáculo - ver-se-á oportunamente - são debatidas e só então autorizadas por este comitê que, por assim dizer, presta auxílio à FIFA. Todavia, a IB não tem como impedir que o *football association* seja praticado para além do seu controle, pois também a FIFA não dispõe de mecanismos impedindo que se organizem eventos futebolísticos para além do seu domínio e muito provavelmente isto não lhe interesse.<sup>15</sup> Afinal, o domínio da FIFA-IB compreende um conjunto

---

<sup>12</sup> Sobre alguns estudos sobre a recepção do *football* no Brasil cf. Sevcenko (1998), para o contexto paulistano; Pereira (2000), para o Rio de Janeiro; Mascarenhas (1998), para o Rio Grande do Sul; Guedes (1998, p. 1001-16), Antunes (1994) e Silva Jr. (1996) sobre o futebol nas fábricas.

<sup>13</sup> Este processo de codificação ao inverso é pressuposto, mas ainda pouco explorado. Por tratar-se de um procedimento tido, equivocadamente, no sentido do complexo para o simples, sem que jamais se tenha questionado esta suposição, atribui-se a ele pouca ou nenhuma importância. A bricolagem do *futebol association* no Brasil deveria ser percebida menos como uma transição do complexo para o simples e mais como um processo de acomodação e reelaboração bem sucedida de algo não-familiar. Na adequação dos códigos e etiquetas dos *sportmen*, foram seguidas tendências bastante disformes, sendo que alguns grupos, notadamente ligados às classes altas, preocuparam-se em imitar os ingleses, ao passo outros setores apropriaram-se dos códigos sem em segui-los à risca. Dizer que este segundo grupo é formado pelas classes populares e pelos negros é um tanto romântico, pois há exemplos – como os Canelas Pretas, de Porto Alegre (DAMO, 1992d; MASCARENHAS, 1998) - em que negros, excluídos do futebol de elite pela elite que detinha o controle organizacional deste esporte, optaram por criar suas próprias agências nos cânones daqueles que os haviam excluído, como estratégia de inclusão. A convicção de que o futebol foi abrazeirado num passe de mágica é amplamente disseminada como um subproduto da crença de que nosso futebol tem magia e outros atributos do gênero, um problema que vem sendo corrigido aos poucos pela produção historiográfica – Pereira (2000), Mascarenhas (2001), entre outros. O processo de acomodação do *football* foi mais nuanceado do que se imagina, sobretudo do ponto de vista estético.

<sup>14</sup> É ilustrativo o fato de que foi a IB quem incorporou a FIFA, por volta do início do século, sendo que é a FIFA quem engloba a IB na atualidade. Esta inversão é produto da importância assumida pelo mercado de atletas, de eventos e de imagens, algo praticamente inexistente no início do século XX, ocasião em que o poder sobre as regras é que determinava o poder sobre o *football association*.

<sup>15</sup> Isto poderia mudar se, por hipótese, um segmento qualquer de clubes resolvesse, por conta própria, organizar uma competição midiaticável usando as regras e, portanto, praticando o *football association*, à revelia da FIFA-IB e suas subsidiárias. Na prática, existe uma quantidade incontável de campeonatos, torneios e mesmo de jogos ditos amistosos em que se praticam as regras do *football association*, na íntegra ou com pequenas alterações. Jamais quaisquer destas entidades foram molestadas pela FIFA ou pela Internacional Board, certamente porque jamais o monopólio foi ameaçado. Retornarei seguidamente ao monopólio FIFA-IB quando tratar de temas como o mercado de atletas, no capítulo 9.

formado por 6 confederações continentais, mais de 200 federações nacionais e aproximadamente 3.000 clubes de futebol filiados às federações nacionais ou suas subsidiárias, como é o caso das 24 federações estaduais brasileiras. O domínio FIFA-IB detém, portanto, o monopólio do mercado futebolístico, ou seja, do futebol que é praticado e apreciado em forma de espetáculo, como um bem simbólico com valor econômico, embora existam muitos futebolis para além dessa versão monopolizada.

Além das modalidades agenciadas pela FIFA - o *association*, segmentado em masculino e feminino, o *futsal* e, recentemente, o *beach soccer*<sup>16</sup> - e de outras que não o são, incluindo-se a diversidade das formas improvisadas, o que pressupõe um espectro heterodoxo de usos do corpo e de codificações *ad hoc*, assistir, ouvir, ler, discutir e se fazer anedotas com e a partir dos futebolis. Em certos casos há vestimentas, comportamentos e uso de expressões na linguagem ordinária forjadas nos espaços futebolísticos. À diversidade de práticas futebolísticas corresponde, portanto, uma multiplicidade de sentidos, razão pela qual dever-se-ia ter muito cuidado no momento de escrever sobre o tema. Afinal, quando se usa o termo futebol, a qual modalidade está-se referindo? E, como corolário, a quais sistemas de significados? O que vem a ser diversidade cultural quando se pensa a partir dos futebolis?

O termo “futebolis” não é um neologismo de ocasião. O dicionário Aurélio contém, desde a sua edição de lançamento, o plural para o termo futebol. Não se pode negar, contudo, que “futebolis” é um termo usado com remota freqüência de modo que soa estranho. Isso não implica, entretanto, no não reconhecimento social da diversidade de práticas, manifesta inclusive na linguagem. São usadas, quando pertinente, referências explícitas à diversidade, tais são os futebolis compostos, casos do futebol de várzea (amador), futebol de salão, *futsal*, futebol-soçaite, futebol de praia (*beach soccer*), futevôlei, futebol de botão, futebol totó (fla-flu), entre outros. Boa parte dessas modalidades são, tal qual o *football association*, agenciadas, existindo entidades que organizam competições e vigiam as regras, em circuitos de extensões variadas, mas nenhuma delas com o poderio da FIFA-IB. Existem, ainda, outros termos para referir a plêiade de futebolis não-agenciados. Tais jogos podem ser nomeados simplesmente futebol ou por outros nomes, tais como “pelada”, “racha”, “goleirinha”, “fute”, entre outros - sendo que pelada é, disparado, o termo mais usado de norte a sul do Brasil.

---

<sup>16</sup> O *futsal* foi incorporado pela FIFA no final dos anos 80, que desde então gerencia as principais competições desta modalidade internacionalmente. Nacionalmente, no entanto, o agenciamento do *futsal* não é atributo da CBF – afiliada da FIFA-IB –, mas da Confederação Brasileira de Futsal (CBFS). Já o *beach soccer* ou futebol de areia, simplesmente, vinha sendo organizado internacionalmente desde 1995 pela Beach Soccer World Wide, uma agência privada sediada na Espanha. A partir de 2005, no entanto, a FIFA passará a organizar a Copa do Mundo desta modalidade, dada a crescente popularidade e rentabilidade publicitária. Cf. Correio do Povo, 2/2/05, p. 19.

Se os futebolis tais quais eles existem pudessem ser tomados, dada a diversidade de formas e significados, por analogia a uma floresta, diria que é dado o momento de retornar às árvores, aos animais, às trilhas, aos córregos, às pessoas que habitam-na, às aparições fantasmagóricas, às lendas e à infinidade de elementos heteróclitos que precisam ser postos em relação, mas com posições bem demarcadas, a fim de ilustrar uma idéia mais precisa do que vem a ser a floresta, ou uma dada floresta em particular. Muito do que se escreveu até o presente peca pela pretensão de ir direto à floresta, ignorando ou simplificando demasiadamente a complexidade das relações que devem ser estabelecidas não apenas entre os fatos futebolísticos ou esportivos, senão que destes em relação a outros fatos sociais para além do campo esportivo<sup>17</sup>.

### 1.1.2 As matrizes futebolísticas

As práticas futebolísticas possuem em comum uma estrutura a partir da qual são socialmente reconhecidas e nomeadas como tais<sup>18</sup>. Esta estrutura, uma espécie de “unidade futebolística”, caracteriza-se por: a) duas equipes (princípio da coletividade); b) perseguindo objetivos idênticos, porém assimétricos (princípio do conflito); c) sendo a disputa mediada por um objeto (princípio da evitação, mas não da interdição do corpo-a-corpo); d) um conjunto de regras (circunscrevendo o espaço, o tempo e o ilícito, dentre o qual se destaca o uso das mãos, salvo exceções, sendo esta uma modalidade de marca diacrítica em relação a outros esportes). A partir desta unidade detectável em quase todos os futebolis<sup>19</sup> - à exceção do futevôlei e futebol de mesa ou de botão e suas variantes - articulam-se diferentes maneiras de praticá-lo podendo estas serem agrupadas em quatro matrizes principais que denominarei como: **espetacularizada, bricolada, comunitária e escolar**.

---

<sup>17</sup> Uma das dificuldades na compreensão do fenômeno esportivo em geral e do futebolístico em particular deve-se ao fato de que, como diagnosticou Bourdieu, “[...] a unidade nominal (tênis, esqui, futebol) [...] mascara uma dispersão, mais ou menos forte, conforme os esportes, das maneiras de praticá-los, e no fato de que essa dispersão cresce quando do aumento do número de praticantes [...] é acompanhado de uma diversificação social desses praticantes” (1990, p. 209-10). Talvez fosse interessante pensar que a unidade nominal seja menos una do que se pressupõe quando se olha para as configurações concretas e as formas como são nomeadas – portanto, classificadas - do que quando se observa a maneira como elas são abordadas academicamente.

<sup>18</sup> Por “práticas” compreendo não apenas “o jogar”, mas como já foi dito, inclui-se “o torcer”, “o discutir”, “o presenciar”, “o vestir-se”, entre outras. É por economia lingüística que o termo “prática” equivale, na maior parte das vezes, ao “futebol jogado”, sendo as demais dimensões dos futebolis devidamente especificadas quando referidas.

<sup>19</sup> A “unidade futebolística” poderia ser pensada por homologia ao “átomo de parentesco” de Lévi-Strauss (1970), tão somente pelo fato de que esta unidade pode ser reconhecida universalmente onde quer que se esteja praticando um jogo nomeado com o equivalente ao termo futebol – quase sempre uma acomodação de *football*.

### 1.1.2.1 A matriz bricolada

Por futebol bricolado são compreendidas as configurações nas quais se admite as mais diversas variações a partir da unidade futebolística. Como não há agências para controlá-lo, não há limites para a invenção e/ou adequação de códigos situacionais, destacando-se, sobretudo, as distorções em relação ao *football association*. Poder-se-ia denominá-lo de futebol de improviso ou informal, mas o termo bricolagem é mais apropriado, pois não supõe a idéia de déficit. Um jogo bricolado não é incompleto porque só há, por exemplo, três jogadores para cada equipe ou porque jogam descalços. Pelo contrário, é essa bricolagem que caracteriza as peladas<sup>20</sup>: joga-se com o que se dispõe, adequando-se as regras e os recursos materiais<sup>21</sup>. De maneira geral, o tempo da bricolagem é o tempo social do não-trabalho - do lazer, da recreação, do ócio, etc -, ainda que seus praticantes se empenhem de modo laborioso, com intenso desperdício de energia física e psíquica. A duração do jogo varia de acordo com o ânimo dos praticantes, a disponibilidade de tempo, as condições climáticas, as limitações de horário impostas pela locação dos espaços, entre outros. A divisão das tarefas no âmbito das configurações de jogo propriamente ditas é praticamente inexistente nas peladas, quando muito a distinção entre atacantes e defensores, ou quando esta distinção é bem demarcada, trata-se de arranjos situacionais, ao contrário dos profissionais, especializados na execução de tarefas tão particulares como a cobrança de um córner pelo lado direito.

A matriz bricolada está à mercê dos agenciamentos, sendo isso, inclusive, um dos critérios de demarcação desta em relação às demais matrizes futebolísticas. As regras, além de adaptadas, são arbitradas pelos próprios praticantes. Os conflitos de interpretação são freqüentes, diria mesmo que fazem parte do jogo. A maneira como são resolvidos depende, obviamente, de questões que excedem o espectro esportivo. Intransigências e autoritarismos são comuns, mas seus limiares variam de grupo para grupo, sendo usual a exclusão de um jogador

---

<sup>20</sup> Há várias versões para a origem do termo, mas nenhuma muito convincente. Rosenfeld (1993) sugeriu que a designação declina dos jogos praticados em terrenos baldios, sem grama, pelados. Como é freqüente uma das equipes, por vezes ambas, jogarem com o dorso nu, e em certos casos, descalços, quase pelados, também poder-se-ia sugerir que o termo teve esta origem, sendo feminilizado posteriormente. O mais provável, no entanto, é que “pelada” seja um arranjo para a expressão “jogo de *pella*”, como era referido o futebol por alguns jornais no início do século XX (PEREIRA, 2000, p. 52) – péla, segundo o dicionário Aurélio, equivaleria à bola (de borracha, sobretudo), termo próximo ao espanhol “pelota”, igualmente aportuguesado. No Brasil, sugere-se, por ocasião de jogos diversos em que há equivalência nos escores de partidas ganhas e perdidas, que se jogue a “nega”; daí à pelada não chega a ser deveras distante. Enfim, quaisquer que sejam as origens, o termo parece apropriado para um contexto no qual prevalece uma disputa absorta entre homens. Como o termo é de uso alargado em língua portuguesa, não usarei aspas ou itálico, encarregando-se o contexto de esclarecer quando pelada é ou não sinônimo de mulher nua.

<sup>21</sup>Sobre os arranjos em termos de regras, redes de relações sociais e significados atribuídos à sociabilidade futebolística, cf. a etnografia de Stigger (2002). Cf tb. Leite Lopes (1994), Guedes (1982), Gonçalves (2002).

caso ele seja considerado inconveniente à dinâmica da sociabilidade como um todo. Na maioria das configurações de peladeiros que se encontram com regularidade, a sociabilidade excede a temporalidade do jogo propriamente dito. Por isso existe, inclusive, cuidados especiais com o equilíbrio das tensões. Se, como sugere a perspectiva eliasiana, a tensão é um ingrediente essencial da excitação esportiva, é preciso, no entanto, administrá-la de maneira tal que haja equilíbrio e que este se mantenha em um nível de tensão agradável. O limiar é notadamente subjetivo e caracteriza-se como um dos ingredientes no jogo bricolado. Os jogadores, não sem o suporte do grupo, vão estabelecendo os pontos frágeis de equilíbrio, limites em que o status pode ser insultado de maneira controlada; insulta-se o status de alguém com dribles, desdém, troça verbal. Por mais que sejam modestos do ponto de vista da performance futebolística, os lances são formas em que os corpos dialogam através do jogo, sendo preciso decifrar os códigos dessa linguagem cifrada para compreender o que significa. Salvo raras exceções, a bricolagem é importante na formação e demonstração de uma imagem pública de menino e não parece menos necessária para que os homens propiciem, a eles mesmos, um raro espetáculo de hostilidade e afeto.

Além da relativização da performance, da ausência de espectadores, da distorção do *football association*, das dramatizações de gênero, a bricolagem torna-se um dos espaços privilegiados onde são socializados os fundamentos do jogo, ao menos no Brasil. A bricolagem é praticada em ruas, praças, parques, terrenos baldios e outros tantos espaços à margem das instituições formais, sobretudo da Escola, que se acredita haver um diferencial no uso do corpo daqueles profissionais que praticaram-na, quando meninos, em detrimento dos que foram socializados a partir dos métodos escolares. Há quem acredite que o futebol-arte ou o estilo brasileiro de jogar, exibido por muitos profissionais que atuam nos principais mercados futebolísticos, seja produto da socialização primária em configurações de bricolagem. Pode haver um pouco de romantismo e outro tanto de folclorismo nesta crença, mas ela é muito difundida e tem alguma consistência, como será mostrado no capítulo 4, quando retornarei a uma configuração concreta de bricolagem.

#### 1.1.2.2 A matriz espetacularizada

O futebol espetacularizado caracteriza-se, em termos gerais, por particularidades dentre as quais três se destacam. A mais importante é a sua organização de forma monopolista, globalizada e centralizada através da FIFA-IB. A FIFA e suas afiliadas - as confederações e abaixo delas as federações nacionais e, em países como o Brasil, estaduais - organizam eventos (campeonatos, torneios, copas, etc), estabelecem normas para as relações entre os clubes e

controlam a circulação dos atletas e de boa parte do comércio de imagens, uma das principais fontes de receita do futebol. A partir da Internacional Board, a FIFA também exerce o controle sobre as regras do *football association*. Sendo assim, em todas as partes do planeta e independente de quaisquer variantes locais, as equipes ligadas a clubes que fazem parte do sistema FIFA-IB praticam a mesma modalidade de regras e, portanto, modalidades de usos do corpo muito próximas. A circulação de atletas é assim facilitada pois, apesar das variações locais, eles são dotados de uma espécie de gramática incorporada em forma de disposições para a prática de uma linguagem universal.

O futebol de espetáculo também caracteriza-se pela intensa divisão social do trabalho, dentro e fora de campo. Não obstante a distinção clara e precisa entre quem pratica e quem assiste, há nesse meio uma expressiva rede de outras especialidades em torno das quais produzem-se as lutas em relação às competências, aos interesses e às reciprocidades. Com a ressalva de que faltou atribuir aos dirigentes maior destaque, o que tomo a liberdade de fazer agora, concordo com a caracterização dos principais segmentos de agentes do campo do futebol de espetáculo apresentadas por Toledo (2002, p. 16-17).<sup>22</sup>

**a) Os profissionais:** “todos aqueles que interferem diretamente no jogo, quer dentro do campo como a própria performance dos jogadores, técnicos ou juizes na busca imediata dos resultados quer na percepção dos jogadores, fisiologistas, preparadores físicos, etc., ou no suporte administrativos dos dirigentes [...] que viabilizam a competição como espetáculo”;

**b) Os especialistas:** “[...] [os] que procuram decodificar e ordenar para uma narrativa supostamente mais linear e universalista, a partir das técnicas disponíveis de cada meio midiático, o processo ritualístico em evento jornalístico, de interesse geral”;

**c) Os torcedores:** aqueles que impõem ao futebol “a circularidade das emoções”, importando-se sobretudo com a capitalização simbólica do desfecho dos rituais agonísticos;

**d) Os dirigentes:** são aqueles que detêm o controle político e econômico do futebol de espetáculo. Podem ter cargos eletivos (como são os presidentes de clubes, federações e confederações), ou assegurados por outras vias (como são as nomeações de acionistas, patrocinadores, administradores, enfim, há uma extensa lista de novos gestores, produtos e produtores das últimas etapas da espetacularização do futebol, aliados ou rivais dos cartolas tradicionais).

---

<sup>22</sup> Uma segunda ressalva, já realizada alhures (DAMO, 2003, p. 138-40), é de que a sugestão de Toledo é válida para o futebol de espetáculo ou profissional, em relação ao qual o conceito de campo aplica-se tranqüilamente. Todavia a tipologia em questão foi sugerida sem que tal destaque tivesse sido realizado, como se ela valesse para a diversidade dos futebolis. As matrizes do jogar que hora apresento são pensadas, justamente, para dar conta das diversidades que a tipologia de Toledo poderia ofuscar, pois ela traduz, a meu ver, uma visão de conjunto do futebol de espetáculo, em relação ao qual as noções de campo social aplicam-se perfeitamente – muito embora Toledo oscile, aqui e ali, entre os termos configuração, campo e tipologia.

A excelência performática, por seu turno, é uma exigência que se impõe de fora para dentro, mediada pelos interesses do público, dirigentes, críticos e patrocinadores. Ela acarreta na dedicação exclusiva e remunerada de quase todos os profissionais diretos - e não apenas dos atletas. Dos atletas, exige-se preparação específica para os eventos (jogos) e a especialização em relação ao uso das técnicas corporais, individuais e coletivas, condição indispensável para que elas sejam exibidas ao público. A exibição na forma de um confronto espetacularizado, que tende à separação entre vencedores e perdedores, é fundamental para a produção e circulação das emoções dos torcedores, antes, durante e depois do espaço-tempo do jogo propriamente dito, conforme será tratado no próximo capítulo. Como em outras modalidades artísticas ou esportivas, o gosto do público e os interesses da indústria do espetáculo classificam alguns artistas como dignos de compensação e outros como muito dignos, de dinheiro e de outras dádivas. No caso dos esportes, parte da beleza do espetáculo parece indissociada do limite ao qual a competitividade foi sendo guindada e da maneira como é dramatizada. Mas nem toda a prática de futebol é considerada interessante (ou absorvente) pelo público - caso das peladas, por exemplo, mas também de muitos jogos do circuito profissional. A freqüentação aos estádios, por exemplo, deve ser pensada com a mesma ordem de complexidade que se pensa o fluxo aos cinemas ou aos teatros, desde que respeitadas as especificidades, obviamente.

Essa matriz é aquela que eleva a tensão e o conflito aos níveis mais elevados, razão pela qual o aparato repressor do Estado é seguidamente mobilizado para conter o público, e por vezes os próprios profissionais. Além da presença de um trio de arbitragem com plenos poderes orientados pelas regras da IB, a FIFA, por intermédio de suas subsidiárias, desenvolveu um aparato jurídico capaz de impor punições rigorosas, se necessário, às diversas ordens de transgressões. A este controle institucional corresponde o autocontrole que é exigido e desenvolvido nos atletas durante o período de formação profissional. Em linhas, gerais afirma-se que a tensão aumenta quanto mais absorvente for o embate, e ele será tanto mais absorvente quanto maior o risco, ou seja, quanto maiores forem as possibilidades de ganho ou perda em termos de valor econômico e/ou simbólico.<sup>23</sup> Não se deve esquecer jamais que o sistema de enfrentamento na esfera do espetáculo é organizado em forma de divisões hierárquicas - A, B, C

---

<sup>23</sup> Um jogo como o Gre-Nal, por exemplo, denominado “clássico” ou “derby”, é um exemplo de um enfrentamento que, dados os componentes simbólicos que cercam a rivalidade entre Grêmio e Internacional, tende a ser tenso e equilibrado independente da importância propriamente esportiva, do fato do jogo valer três pontos ou dos atletas receberem um prêmio pela vitória. Em contrapartida, todo o jogo que decide um campeonato tende a ser tenso e equilibrado, independente de quem sejam os adversários. São situações nas quais estão em jogo vantagens econômicas e simbólicas, o que nem sempre existe nos clássicos como o Gre-Nal, razão pela qual eles constituem uma categoria de enfrentamento à parte. Se aplicássemos ao futebol as categorias de interpretação geertziana usadas em “Um jogo absorvente...” (Geertz, 1989), seriam estes jogos, Gre-Nal, Fla-Flu, Ba-Vi, entre outros, que deveriam ser tomados como modelos de tipo ideal.



etc. ou 1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup>, 3<sup>a</sup> e assim por diante - de tal modo a forçar o cruzamento entre os clubes mais poderosos, aqueles que detêm as preferências dos torcedores e o poder econômico para formar equipes com profissionais concorridos no mercado e evitar o enfrentamento entre desiguais. Pela maneira de organizar os enfrentamentos, o sistema explicita, claramente, a preferência pela realização de jogos tensos, porém equilibrados. Não existisse um conjunto de dispositivos - agências, tecnologias de controle e autocontrole, sistema de punições, entre outros - arrançados com tal finalidade, tais jogos dificilmente poderiam promover a violência simbólica na forma e na intensidade com que o fazem, com o risco iminente de ultrapassar o limiar que a separa da violência física.

A compreensão do futebol como espetáculo deveria considerar, em quaisquer de suas variantes teóricas e metodológicas, a possibilidade de articular ao menos quatro processos que caracterizam-no, na esteira do que foi apropriado de Toledo anteriormente: a) a constituição do público, que demarca-o enquanto espetáculo, incluindo-se a sensibilidade dos torcedores (como, por que e por quem excitam-se?); b) os dispositivos usados na preparação dos profissionais do e para o espetáculo, que demarcam-no como um *savoir faire* particular e serão enfocadas nesta tese; c) a mediação especializada que, além da comunicação entre os profissionais propriamente ditos e o público, recria o espetáculo; d) as agências e os agentes que controlam política, administrativa e economicamente esta matriz futebolística, desde os clubes até a FIFA-IB, passando pelas intersecções com o Estado, freqüentes em toda a parte.

Dentre esses quatro processos, o primeiro, em torno do torcer e dos torcedores, é aquele que mais tem despertado o interesse das ciências sociais, sendo o quarto, que trata dos dirigentes, praticamente desconhecido. Esta tese está articulada a partir do segundo processo, razão pela qual lhe será dedicado mais de um capítulo, procurando, sempre que possível, articulá-lo com os outros processos.

### 1.1.2.3 A matriz comunitária

Entre a matriz espetacularizada e a bricolada existe ao menos uma modalidade de futebol, vinculada ao tempo de lazer dos seus praticantes, realizada em espaços mais padronizados do que a bricolagem, mas sem a ortodoxia dos campos oficiais e tampouco circunscritos a uma edificação que dá ao espaço uma conotação sagrada - caso dos estádios, por exemplo. Talvez o que melhor caracterize o futebol intermediário - em boa parte do Brasil, ao menos de São Paulo em direção ao Sul é chamado de “futebol de várzea” - é a presença de quase

todos os componentes do espetáculo, mas diferindo em escala.<sup>24</sup> A divisão social do trabalho fora de campo não é nula, mas precária. Todos os times de várzea têm um técnico e quase todos têm também um dirigente e um massagista, diferindo da bricolagem, portanto. Entretanto, o técnico de várzea não é remunerado e nem treina a equipe durante a semana. Nos jogos, os papéis são, de início, bem definidos e até especializados, mas não deve causar surpresa se o centroavante, a certa altura, for jogar de goleiro; ou se um atleta que atuava na ponta-direita, e fora substituído antes do intervalo, reaparecer como beque de espera nos minutos finais da partida. Entrar e sair deste circuito não demanda o mesmo capital corporal do profissionalismo, mas também não é tão poroso quanto o futebol bricolado

Em alguns casos, as federações estaduais - conectadas à estrutura FIFA-IB - organizam eventos que congregam a elite dos clubes, mas prevalece, sobretudo, a organização de competições em circuitos locais - bairros, cidades, dependendo das circunstâncias. A grande mídia, de alcance nacional e estadual, simplesmente ignora a existência do futebol comunitário ou notabiliza-o por meio de seus subprodutos - confusões, improvisos, bebedeiras e comilanças. Nas cidades de menor porte, no entanto, o semanário publica a tabela, o regulamento e a classificação do certame, geralmente chamado de “municipal” ou “regional”. Por asseptismo a “várzea” vira “amador” e, a cada rodada, a rádio local transmite um jogo, sendo os patrocinadores da jornada esportiva pequenos empreendedores e não raro o poder público.

No caso da França, onde a presença do Estado é abrangente e a prática esportiva é regulamentada desde o final dos anos 60, o futebol intermediário está integrado ao sistema federativo, de modo que é possível, a partir da FIFA, chegar a um pequeno clube de bairro de qualquer cidade francesa. Por intermédio de sucessivas subdivisões, o A.A. Val Sant'Andre - clube de futebol do *quartier* de mesmo nome, de Aix-en-Provence - integra a base de uma pirâmide na qual o Olympique de Marseille, da cidade distante trinta quilômetros, está no topo. Este modelo holístico, hierarquizado e vigiado pelo Estado não é, entretanto, o mesmo existente no Brasil. Se tentarmos percorrer a estrutura FIFA em direção ao Brasil, chegaremos, numa cidade como Porto Alegre, no máximo aos clubes da segunda divisão estadual, mas jamais ao Academia do Morro, da Vila Maria da Conceição, ou ao Banguzinho, da Bom Jesus - campeão e vice do Municipal de Várzea 2002. Tampouco chegaremos aos lendários Dínamo e Clarão da Lua; nem aos outros quase 300 clubes de futebol comunitário da cidade, o que sugere ser esta matriz bem mais rica em diversidade de personagens, formas de organização e de significados atribuídos quer à prática futebolística, quer à sociabilidade que acontece no entorno dela.

---

<sup>24</sup> Sobre futebol comunitário ou de várzea cf. Antunes (1994;1996), Guedes (1982;1998), Magnani (1984), Magnani e Morgado (1996), Adauto (1999), Netto (1999), Rigo (2000) Santos (1999), Gonçalves (2002), Nuytens (2002).

#### 1.1.2.4 A matriz escolar

O futebol praticado nas escolas, integrado aos conteúdos da educação física, como parte das disciplinas legalmente constituídas, deve ser tratado na sua especificidade, dadas as relações que tal prática estabelece com o contexto que a legitima. Talvez não seja o caso do futebol jogado no recreio ou antes do início das aulas; no pátio das escolas, pratica-se, quase sempre, o modelo bricolado, pois o pátio é, em relação às salas de aula, um espaço menos institucionalizado. Não é o espaço físico, por si só, quem determina as atitudes. A variável tempo é fundamental, pois o tempo do recreio é significado de maneira diversa do tempo de aula, e tais significações são forjadas a partir de um conjunto de relações, ocupando a instituição escolar enquanto tal considerável influência. É preciso considerar, por exemplo, os constrangimentos a que estão sujeitos os alunos na medida em que, para além de freqüentar a escola, são as aulas de educação física disciplinas obrigatórias, justificadas a partir de valores chancelados pelo Estado e dirigidas por profissionais com diploma acadêmico, com suas próprias visões de como e para que fins deva ser usado, quando usado, o futebol.

No quadro da divisão social da pesquisa, a escola e tudo o que dela se aproxima é um objeto partilhado entre as ciências sociais e as ciências da educação, entre as quais a educação física poderia ser incluída, ao menos em parte. No que diz respeito aos esportes praticados nas escolas, as ciências sociais limitam-se, basicamente, ao interesse pelas *Public Schools*, uma espécie de corolário do interesse pela sociogênese da esportivização. Assim sendo, autores do campo da educação física instituem, também eles, categorizações objetivando dar conta da diversidade e especificidade social dos esportes e mesmo dos futebolis. Uma dessas classificações, instituídas por Tubino (1992), foi recebida de maneira tal que chegou a ser incorporada pela legislação esportiva brasileira. Na categorização de Tubino e, por extensão, na Lei de Diretrizes e Bases do Desporto, existe uma categoria em particular denominada de “desporto educacional”<sup>25</sup>. Do ponto de vista das ciências sociais, a classificação de Tubino é embaraçosa, pois a ação educativa - em sentido aberto, implicando as relações de ensino e aprendizagem - não acontece num único espaço ou instituição - a Escola, supostamente. A prática e a contemplação esportiva podem ser consideradas atos educativos, sejam eles atinentes

---

<sup>25</sup> As classificações de Tubino foram mais tarde incorporadas à chamada Lei Zico e mantida na Lei nº 9.615 – popularmente conhecida como Lei Pelé -, no Capítulo III, “DA NATUREZA E DAS FINALIDADES DO DESPORTO”. “Art. 3º O desporto pode ser reconhecido em qualquer das seguintes manifestações: I - desporto educacional, praticado nos sistemas de ensino e em **formas assistemáticas de educação**, evitando-se a seletividade [...]; II - desporto de participação, de modo voluntário [...]; III - desporto de rendimento, praticado segundo normas gerais desta Lei e regras de prática desportiva [...]”. A lei já não é responsabilidade de Tubino, mas dá uma idéia de quão aberto é este tipo de definição denominado de “educacional”. (Grifos meus).

ao domínio das técnicas corporais, das sensibilidades estéticas ou dos controles/descontroles emocionais. Educativo tenderia a ser antes de tudo um juízo associado ao ponto de vista dos atores sociais e, portanto, relacionado ao significado da ação - da prática do futebol, por exemplo. Em resumo, educativo pode vir a ser um dos predicados do futebol escolar, mas certamente não é o único e talvez não seja sequer o principal.

A literatura brasileira em ciências sociais praticamente ignora este segmento, à exceção de uma ou outra referência periférica acerca da importância de algumas instituições tradicionais - como o Colégio Rio Branco, no Rio de Janeiro, ou o Mackenzi, em São Paulo - na disseminação do *habitus* esportivo no princípio do século. A invisibilidade da instituição escolar é produto da hipertrofia do futebol profissional, cuja relação entre o espaço esportivo e o espaço destinado a este futebol parece ter reproduzido-se no campo acadêmico tal qual ela apresenta-se no campo midiático. Porém é também o produto, ao menos no Brasil, da crença compartilhada, ao que tudo indica entre nós e os agentes do campo, de que as instituições formais não têm muita importância no ensino e na aprendizagem das técnicas corporais, em contrapartida ao domínio aberto da rua.

Finalmente, há de ser observado que a escola, ou certos dispositivos forjados por e através dela, estão migrando para o interior dos clubes esportivos e para as “escolinhas de futebol” (ver capítulo 7). É interessante notar como nesses espaços, especialmente nas escolinhas, não apenas ensinam e aprendem as técnicas futebolísticas, mas acreditam os meninos, seus pais e principalmente os professores - ex-atletas ou diplomados em educação física - ser este processo singular: disciplinado, formador do caráter, metódico, criterioso e assim por diante. Trata-se de uma migração de valores, profissionais, disciplinas, enfim, de mentalidades. Entretanto isto não implica que a assimilação seja generalizada ou que os fluxos não enfrentem resistência.

A tipologia aqui sugerida possui um uso estratégico, sendo improdutiva quando usada como ferramenta classificatória com um fim em si mesma. A classificação estratégica a partir do jogar foi pensada para demarcar as continuidades e discontinuidades no universo futebolístico a partir de critérios tais como: o grau de codificação e agenciamento, a intensidade da divisão social do trabalho, a espetacularização e a presença de público, a maneira de dispor do espaço e do tempo, o equilíbrio de tensão, entre outros. A partir das tipologias matriciais de base sociológica, é possível pensar com mais apuro nas questões antropológicas, especialmente a produção e circulação de sentidos atribuídos à prática e à fruição futebolísticas.

## 1.2 A DIMENSÃO PRÁTICA DAS PRÁTICAS FUTEBOLÍSTICAS

Os esportes são seguidamente subestimados pelas ciências sociais a partir do entendimento equivocado de que as ações na esfera dos jogos propriamente ditos não seriam ações sociais e, como tais, simbólicas. Algumas representações nativas, constituídas a partir de disciplinas como a biomecânica, por exemplo, contribuíram para tanto. A dificuldade de verbalizar a intencionalidade de determinados gestos, por vezes, faz crer que eles sejam desprovidos de sentido, quando o mais correto seria supor que eles os contêm e por vezes retêm. Seria o caso também da dança, como sugere Gil citando Cunningham [1952]. “Si un danseur danse - ce qui n'est pas la même chose que d'avoir des théories sur la danse ou sur le désir de danser ou sur les essais qu'on fait pour danser [...] -, [...] tout est déjà là” (2000, p. 58)<sup>26</sup>. Nesse caso, seria preciso trabalhar com a idéia de que as ações corporais constituem uma modalidade de linguagem; de que o corpo e o movimento dizem algo ao fazerem, invertendo-se a famosa expressão de Austin - “how to do things with words” -, com o cuidado de não deslizá-la para alguns clichês empiricistas, quer nos esportes quer nas danças. Como sugere a tempo o mesmo Gil (2000), a dança só é reconhecida enquanto tal a partir de um nexos entre os movimentos aos quais se dá o nome de coreografia, quer dizer, de uma dada ordenação dos movimentos, o que pressupõe uma dada ordenação de significados - mais ou menos caóticos, dependendo da modalidade de dança.

Não pretendo desenvolver aqui nenhuma teoria dos gestos esportivos ou futebolísticos, mas não poderia, uma vez abordando a formação/produção de futebolistas voltada ao espetáculo, deixar de destacar a importância da dinâmica dos jogos propriamente ditos, enquanto nexos corporais instituídos pelos jogadores a partir de um conjunto pré-estabelecido de códigos, dentre os quais destacam-se as regras ditadas pela Internacional Board, mas não apenas elas. O processo de formação/produção é, nessa perspectiva, uma pedagogia das predisposições que permitem aos jogadores a manipulação, em forma de performance, de uma modalidade de gramática corporal que é ao mesmo tempo diversa de todas as demais modalidades esportivas e dos outros futebóis<sup>27</sup>.

---

<sup>26</sup> E na continuação: “C'est comme cet appartement ou je vis – je regarde tout autour de moi, le matin, et je me demande, qu'est-ce que tout cela signifie? Cela signifie: ça, c'est là ou je vis. Quand je dance, cela signifie: ça, c'est ce que je suis en train de faire” (CUNNINGHAM apud GIL, 2000, p. 58). De todo o modo, tê-los acompanhado nesse argumento não implica segui-los integralmente.

<sup>27</sup> Se, por um lado, são evidentes as diferenças entre o futebol e o basquete ou o vôlei, as diferenças entre os futebóis, como o *association* e o *futsal*, são por vezes encobertas quando se passa da prática espetacularizada para a bricolada. Nesses casos as diferenças aparecem mais nitidamente em tentativas de reconversão – como Manoel Tobias, por várias vezes eleito o melhor do mundo no *futsal* – de atletas do *futsal* para o futebol de campo – *association*. Há um trabalho de adaptação, seguidamente sem o êxito

Pretende-se enfatizar a dimensão prática de dadas práticas, conforme sugerem Bourdieu (1990) e Wacquant (2002); ou ainda, da dimensão concreta de gestos tradicionais e eficazes, se seguíssemos Mauss (1974a)<sup>28</sup>. O recorte não é portanto aleatório e nem mesmo determinado pelo fato de a maior parte das experiências futebolísticas demandarem o uso do corpo, a produção de movimentos e gasto de energia física. Enfatiza-se, pois, a dimensão prática, na medida em que se crê na sua centralidade para a compreensão do interesse estético pelos futebolistas e, particularmente, pela versão espetacularizada. São os atletas que detêm um *savoir faire* privilegiado, enquanto os torcedores detêm, em graus variados, a sensibilidade estética que permite decifrar o jogo a bom termo<sup>29</sup>.

### 1.2.1 As práticas esportivas como linguagem

Um gesto esportivo não é um movimento qualquer. Não é um tique nervoso, para retomar o exemplo das piscadelas geertzianas (GEERTZ, 1989, p. 15-20). Tal qual a diferença entre o tique e a piscadela intencional, cuja distância só é perceptível a partir do contexto de enunciação e, portanto, na relação com outros gestos e atitudes, também as ações esportivas precisam ser contextualizadas, etapa indispensável para superar as perspectivas naturalizantes - tecnicistas, biologicistas, comportamentalistas e assim por diante. A contração da pálpebra não é, por si só, objeto de interesse antropológico; a piscadela sim, pois ela possui uma dimensão significativa. Por analogia, os gestos motores produzidos na execução de uma ação esportiva não interessam aqui da mesma maneira que interessam a outras disciplinas, como a biomecânica, a cinesiologia e a fisiologia do exercício<sup>30</sup>. Todavia, se eles precisam ser compreendidos a partir do contexto no qual são enunciados, não é possível desvinculá-los das performances, definidas segundo Zumthor (2000) como “eventos comunicativos” - voltarei a isto oportunamente.

No espectro futebolístico, uma performance é, fundamentalmente, um jogo. E o que vem a ser um jogo de futebol, afinal? Partindo-se de uma definição eliasiana, “um jogo é uma configuração dinâmica de jogadores no campo” (ELIAS e DUNNING, 1992d, p. 289), sendo que,

---

esperado. Vários dos meus informantes no Inter haviam sido “descobertos” jogando competições dos dois futebolistas, simultaneamente. Porém uma vez incorporados ao Inter, foram aconselhados a abandonar o *futsal*. Efetivamente, do ponto de vista da alta performance, as “gramáticas” corporais são distintas, muito embora o sejam apenas no detalhe, mas detalhe, em performance para o público, é o que faz a diferença.

<sup>28</sup> Uma argumentação mais extensa a este respeito, incluindo-se várias referências a Bourdieu e a Mauss, encontra-se em Wacquant (2002, p. 31-5) e em Faure (2000, p. 85-113).

<sup>29</sup> Temo chateá-los com tantas repetições, mas em alguns momentos, como aqui, é imprescindível: a sensibilidade estética para o futebol de espetáculo passa pelo engajamento clubístico (capítulo 2) e pelo domínio das propriedades intrínsecas do jogo (capítulo 8), um e outro incorporados em graus variados.

<sup>30</sup> Retornarei seguidamente e com maiores detalhes a estas disciplinas quando abordar a preparação e o treinamento futebolísticos, no capítulo 7, principalmente.

por configuração, o mesmo Elias compreende “la figure globale e toujours changeante que forment les joueurs; elle inclut non seulement leur intellect, mais toute leur personne, les actions et les relations réciproques (1991, p. 157). Agrupando-se as duas definições, é possível concluir que um jogo é, muito simplesmente, a dinâmica estabelecida pela interação dos jogadores, razão pela qual, no seu conjunto, um evento futebolístico constitui-se como um processo de encadeamento de configurações dinâmicas. Todas as relações com no mínimo dois indivíduos constituem uma configuração do tipo eu-ele(a) ou nós-elas(elas)/outros, de maneira tal que, das peladas ao espetáculo, o jogo propriamente dito pode ser tomado como um conjunto de relações de interdependências face-a-face (ELIAS, 1991, p. 158)<sup>31</sup>.

Restringindo-nos ao espetáculo, os jogadores devem ser tomados como aqueles que interferem diretamente no processo, sendo intérpretes em primeira mão, pois suas ações - passar, chutar, marcar, etc - são matizadas pela percepção, mais ou menos apurada, da dinâmica configuracional. O resultado de um jogo dependerá, por conseguinte, do êxito dos jogadores na exegese, individual e coletiva, das configurações e do sucesso/fracasso na escolha das estratégias, visando aproximar-se das zonas de arremate a gol e, em sentido inverso, impedir que os adversários o façam. Assim sendo, a ação/atuação das equipes em campo constitui uma trama motivada pela necessidade de estabelecer a disjunção, quer dizer, de haver, ao final do jogo, vencedores e vencidos. A maneira como os torcedores interpretam esta trama difere da dos jogadores, pois aos primeiros não é dada a possibilidade de interferir diretamente nela, ao passo que dos segundos exige-se que o façam, afinal é para tal que são preparados e remunerados<sup>32</sup>.

É importante deixar claro, uma vez mais, que as dinâmicas configuracionais possuem tantas possibilidades de decifração quantas possam ser imaginadas, razão pela qual não raro os torcedores e mediadores especializados seguem interessados nelas depois de encerrados os

---

<sup>31</sup> Se houvesse a pretensão de constituir uma abordagem do tipo fenomenológica, poder-se-ia, então, marcar algumas diferenças entre, por exemplo, as configurações de futebolistas e torcedores ou entre os primeiros e os jogadores de peladas. Em todas elas existe relações face-a-face, mas nem sempre as ações desencadeadas no aqui e agora são o produto desta interação. Os torcedores, no estádio, orientam suas ações pelo desenrolar da configuração que vêem no gramado, mas seguidamente também se manifestam em razão de jogos e resultados paralelos, que interessam ao seu time ou ao arquirrival. De mais a mais, o estádio é um local onde raramente se vai só, ou raramente se assiste só, razão pela qual a interação nos estádios possui múltiplas possibilidades de ser abordada. Os futebolistas profissionais, à diferença dos peladeiros, cujas ações são orientadas principalmente por relações face-a-face, orientam-se também em razão das ações projetadas a partir dos treinamentos.

<sup>32</sup> A adesão ao jogo, em sentido aberto, tanto quanto a adesão a uma dada modalidade de jogo, como o futebol, por exemplo, é algo mediado por um conjunto extenso de fatores, dentre os quais a cultura desempenha um papel fundamental. Todavia, a adesão ao jogo implica na adesão a um sistema de tensões, ainda que as intensidades poderão, certamente, apresentar variações. “Comme on peut le voir, cette configuration forme un ensemble de tensions. L’interdépendance des joueurs, condition nécessaire à l’existence d’une configuration spécifique, est une interdépendance en tant qu’alliés, mais aussi en tant qu’adversaires (ELIAS, 1991, p. 157)

jogos. O que eles fazem não é senão reconstituir as configurações, tramando-as a partir de referenciais diversos - hipotéticos, sobretudo, “se... então...”. Como as configurações não são informadas senão por movimentos corporais, está claro que elas constituem-se como linguagem, do contrário não seria possível decifrá-las. Contudo, elas não existem em si mesmas, como realidades independentes daqueles que as decifram. A linguagem futebolística é, pois, como dito na abertura do capítulo, apreendida e ensinada ao longo da socialização com o espetáculo, e não há nada de novo a este respeito, à exceção, talvez, do fato de que isso pareça menos evidente quando se fala em esportes do que em música, dança, ópera e literatura.

São freqüentes em Elias e Bourdieu, seguidamente utilizados aqui, as analogias aos jogos, incluindo-se o de futebol, para pensar as tramas social e simbólica que norteiam as ações dos indivíduos no espectro das configurações ou campos sociais, respectivamente.<sup>33</sup> No entanto, seguidores destes teóricos franzem o cenho quando o procedimento é em sentido inverso, ou seja, quando se interpreta um jogo propriamente dito enquanto uma trama social e simbólica. Não se pretende fazer digressões em torno dessa má vontade, que por sorte não é generalizada, mas argumentar em favor da possibilidade de se apreender, a partir das ações desencadeadas por ocasião dos jogos, pouco importa se bricolados ou espetacularizados, outros elementos sociais e culturais, sejam eles expressos por indivíduos, grupos ou coletividades mais extensas, como o público que acorre aos estádios de futebol.

Fixando-se no futebol, mas não propriamente no *association*, podemos pensar na movimentação dos jogadores como ações sociais, no sentido weberiano do termo, pois a ação de um jogador é orientada pela ação dos outros jogadores, quer sejam adversários ou companheiros de equipe. As ações individuais e coletivas também são orientadas pelas regras, que podem ou não ser as da Internacional Board. São ainda mediadas pela eficácia como valor e por uma série de outros elementos particulares que não convém detalhar. As ações mediadas - por códigos, valores ditados pelo público ou pela intencionalidade de outros jogadores - determinam que um jogo de futebol seja uma configuração de tipo particular, em nada que não lhe faça pertencer ao rol do que se denomina como configurações sociais, no sentido eliasiano do termo, como visto anteriormente.

Havendo ações ou configurações sociais, há comunicação, troca, conflito de interesses, enfim, criação e recriação de sistemas simbólicos. Da mesma forma que estes precisam ser atualizados, as ações humanas pressupõem a existência de sistemas que as orientem, indicando,

---

<sup>33</sup> Exemplos pontuais a este respeito podem ser encontrados, por exemplo, Bourdieu e Wacquant [1995, p. 64-6] e Elias [1991, P. 158-61]. Seria um desperdício de tempo, no entanto, reproduzir aqui as tantas referências ostensivas que fazem esses autores aos jogos em geral e aos esportes em particular, sem contar as contribuições especificamente voltadas ao tema.



à maneira de uma carta cartográfica, as coordenadas para a ação. “The people perceive the word through symbolic lenses does not mean that people or cultures are free to create any symbolic system imaginable, or that all such constructs are equally tenable in the material word. There is a continuous interaction between the ways people have of dealing with the physical and social universe and the actual contours of that universe (Kertzer,1988, p. 4).”

Nessa perspectiva, que serve como referência teórica e metodológica, o interesse pelos jogos não se limita às escolhas racionais, tampouco individuais. Tanto as ações quanto os seus significados só podem ser adequadamente compreendidos quando relacionados com outros elementos do conjunto.<sup>34</sup> Driblar é uma ação não interdita pelas regras do *football association*, mas nem todos os seus praticantes utilizam-se deste dispositivo e mesmo os que o fazem não procedem indiscriminadamente. Driblar envolve, por exemplo, o domínio das técnicas corporais específicas e o seu uso eficaz pressupõe o reconhecimento das condições de possibilidade, o que é dado por um conjunto complexo de elementos situacionais. Normalmente, o público aprecia os dribles - quando são eficazes, especialmente -, mas eles são relativamente raros no caso do futebol profissional; a quantidade deles é muito inferior ao número de passes, por exemplo. A baixa quantidade de dribles no caso dos jogos profissionais não decorre, certamente, da debilidade técnica dos atletas, sobretudo quando comparados aos peladeiros, mas antes a uma restrição em relação ao uso deste dispositivo, tido como importante e mesmo necessário, porém apenas em dadas circunstâncias. O investimento dos profissionais é no passe; ocupa-se muito mais tempo aperfeiçoando-os, mais tempo do que é destinado aos dribles. Por quê? O passe é um dispositivo de ligação, o elo por intermédio do qual os indivíduos que compõe uma equipe são postos em relação e, vale acrescentar, o futebol é um jogo de equipe, logo necessita aperfeiçoar as relações visto que se pretende ser eficaz. De maneira geral, as equipes profissionais possuem um compromisso com o resultado e espera-se delas ações no sentido de produzi-lo a seu favor, de vencer. É nesse ponto que entra em cena a economia do espaço e do tempo. Os atletas não trocam passes para agradar aos torcedores, mas o fazem estrategicamente, para aproximarem-se da zona de arremate, por exemplo, pressupondo que trocando passes e, portanto, envolvendo vários elementos da equipe na consecução da ação desejada seja mais produtivo do que cada qual dos jogadores tentar fazê-lo por conta própria. Nessa modalidade de procedimento, marcado pelo princípio da eficácia, percebem-se os constrangimentos socialmente impostos à

---

<sup>34</sup> Seguindo com Kertzer: “When symbolic systems collide with refractory social or physical forces, the potential for change in the symbolic system is ever present. Moreover, symbols do not simply arise spontaneously, nor is the continuing process of redefinition of the symbolic universe a matter of chance. Both are heavily influenced by the distribution of resources found in the society and the relationships that exist with other societies. Though symbols give people a way of understanding the words, it is people who produce new symbols and transform the old (p. 4).”

prática como espetáculo, pois tal não é, via de regra, o que se nota na prática esportiva voltada para o lazer e o entretenimento.

A gramática futebolística voltada para o espetáculo necessita ser incorporada na forma de um sistema particular de disposições para a prática, de um *habitus* portanto. Dificilmente se poderia encontrar para além dos esportes, especialmente dos esportes coletivos e de contato, como o futebol, o *rugby*, o handebol, entre outros, práticas que poderiam ser qualificadas de ideais do ponto de vista do *modus operandi* da noção de *habitus*. Ao contrário de algumas interpretações, o *habitus* não é o dispositivo que explica a transposição das categorias sociais para o indivíduo, o que equivaleria a supor que este último seja um mero reprodutor, uma espécie de ventríloco do social.<sup>35</sup> Pensada segundo o próprio Bourdieu como alternativa aos conceitos de *ethos*, *hexis* e costume, a noção de *habitus* será aqui operacionalizada como “la capacidad generadora, por no decir creadora, que figura em el sistema de las disposiciones como un arte - em el sentido fuerte de maestría práctica - y, em particular, *ars inveniendi*” [espécie de *savoir faire*] (BOURDIEU e WACQUANT, 1995, p. 84). A fim de explicitar a noção de *habitus* no contexto da “teoria da ação”, e precavendo-se dos freqüentes mal entendidos que acusam-no de economicista, Bourdieu recorre a um exemplo do jogo que vem a calhar com os argumentos aqui desenvolvidos.

O melhor exemplo de disposição [que está no cerne da noção de *habitus*] é, sem dúvida, o sentido do jogo: o jogador, tendo interiorizado profundamente as regularidades de um jogo, faz o que faz no momento em que é preciso fazê-lo, sem ter a necessidade de colocar explicitamente como finalidade o que fazer. Ele não tem necessidade de saber conscientemente o que faz para fazê-lo, e menos ainda de perguntar explicitamente (a não ser em algumas situações críticas) o que os outros podem fazer em resposta [...] (1996, p. 170).

Partindo-se do princípio de que um sistema de disposições para a prática, qualquer que seja, mobiliza o sujeito enquanto totalidade, a investigação acerca de como se dá a incorporação das disposições necessárias à prática do futebol profissional haverá de detalhar, a partir de casos concretos, o processo de constituição de uma modalidade particular de capital corporal. Trata-se de explicitar e compreender os dispositivos que dotam os corpos de possibilidades de produzirem movimentos que, uma vez arranjados coletivamente, constituem uma dada narrativa. Para tanto, é preciso pensar nas “transsubstanciações”, como escreve Merleau-Ponty (1980a), como tecnologias que capacitam a produção de movimentos em seqüências que se pretendem eficazes, enfim, “há que reencontrar o corpo operante e atual, aquele que não é um

---

<sup>35</sup> O *habitus* visa “escapar tanto de la filosofía del sujeto, pero sin sacrificar al agente, como la filosofía de la estructura, pero sin renunciar em tener em cuenta los efectos que ella ejerce sobre el agente y através de él” (Bourdieu e Wacquant, 1995, p. 83-4). Para uma crítica ao uso da noção de *habitus*, pelo próprio Wacquant, cf. capítulo 3.

pedaço de espaço, um feixe de funções, mas um entrelaçado de visão e de movimento” (p. 88). Onde por vezes se supõe existir um autômato em ação, operando à revelia do aprendizado e da criação, há uma modalidade de inteligência prática inscrita no corpo, “[que] sabe, compreende, julga e reage, tudo ao mesmo tempo. Se fosse de outro modo, seria impossível sobreviver entre as cordas”, como sugere Wacquant (2002, p. 118) em relação aos boxeadores.

É o treinamento prolongado, metódico e seguidamente extenuante quem cria as disposições para o jogo, entre elas a disposição para as ações aparentemente fragmentadas como o passe e o drible. Criar as disposições exigidas para o espetáculo esportivo implica desenvolver um sistema de referências perceptivas tais que seu portador tenha a possibilidade de fazer escolhas instantâneas, em graus variados de dificuldade. O êxito envolve, no mínimo, a percepção de várias temporalidades (do deslocamento da bola, dos adversários, dos companheiros de equipes e de seus próprios gestos) e espacialidades (dos limites do campo, mas também dos espaços vazios, onde a bola pode ser deslocada sem ser interceptada) que são apreendidas ao longo dos treinamentos. Para tanto, são importantes as experiências acumuladas ao longo do processo de formação, mas também aquelas trazidas de fora do futebol. E é no aprendizado destes sistemas de percepção que se revelam os limites e as possibilidades de cada qual dos pretendentes à profissionalização. Não basta ter o dom para o futebol, é preciso saber resistir, constituir alianças dentro do grupo, cercar-se de amigos influentes, desenvolver mecanismos de autocontrole, disciplina e assim por diante.

Tal como demonstrou Wacquant, há uma diferença expressiva entre o boxe e a briga de rua, o que equivaleria à diferença entre ser profissional e mero praticante de peladas. O que torna o boxe uma arte de dispor eficazmente do próprio corpo é um conjunto de dispositivos incorporados através do treinamento.

O conhecimento que os pugilistas têm do funcionamento de seu corpo, a percepção prática de que há limites que não devem ser ultrapassados, os trunfos e os pontos fracos de sua anatomia [...], o comportamento e a tática que adotam no ringue, seu programa de preparação, as regras da vida que seguem, tudo isso vem, de fato, não da observação sistemática e do cálculo refletido da linha ótima a ser seguida, mas de uma espécie de “ciência concreta” de seu próprio corpo, de suas potencialidades e de suas insuficiências, retirada do treinamento cotidiano, assim como da “terrível experiência de apanhar e bater repetidamente” (Wacquant, 2002, p. 148)

No campo do esporte voltado para o espetáculo, do qual o futebol é, em escala brasileira e mundial, o mais prestigiado em termos de interesse dos espectadores, os capitais corporais adquiridos ao longo do processo de formação são decisivos. Também são, de algum modo, expressivos em relação à distância que separa este futebol daquele praticado em praças, parques, terrenos baldios, praias e tantos outros espaços do gênero. Jogar com vistas ao espetáculo pressupõe um aprendizado diferenciado daquele exigido nas peladas de rua, um conjunto de

disposições para a prática adquiridos através da incorporação dos valores a qual esta é sujeita segundo os interesses do público. Todo o trabalho de “lapidação”, como sugerem os formadores, reside na inculcação de valores tais como o princípio da eficácia e do rendimento. Mais do que aprender o que devem fazer, os futebolistas em formação são orientados para o que deve ser evitado e a descobrir, a partir da margem de manobra restante, como podem agir.

### **1.2.2 As propriedades intrínsecas das práticas futebolísticas**

Uma das diferenças dos esportes em relação às danças é que parte dos primeiros são avessos à idéia de coreografia, especialmente aqueles em que há enfrentamento direto entre as equipes<sup>36</sup>. Pode-se planejar e até ensaiar algumas jogadas, mas elas jamais acontecem tal qual. A gramática futebolística incorporada precisa, pois, dar conta do improviso sistemático, da ação iminente que deve ser executada em tempo devido, fora do qual deixa de fazer qualquer sentido<sup>37</sup>. O que se aprende ao longo do processo de formação/produção é uma espécie de “partitura de jazz”, um aprimoramento da arte do improviso. Por este critério, todos os futebolis seriam práticas bricoladas, não fossem as diferenças entre eles marcadas, sobretudo, pelo desenvolvimento das formas espetaculares no sentido da domesticação do espaço e do tempo - objeto do capítulo 8. O que gostaria de acentuar, daqui até o final do capítulo, é que a gramática futebolística incorporada ao longo da profissionalização não se resume às regras do jogo. Se ficarmos nisso, corremos o risco de perder de vista todas as tecnologias desenvolvidas ao longo do século XX visando aprimorar as performances. A gramática da qual os profissionais devem fazer uso não é a mesma da dos bricoleurs, como se verá em seguida. O que eles necessitam incorporar são as propriedades do jogo voltado para o público, como se verá em breve.

---

<sup>36</sup> Esta asserção, para ter validade heurística, precisa ser relativizada. Afinal, existem muitas práticas esportivizadas, como a ginástica rítmica desportiva, o nado sincronizado, a patinação artística, os saltos ornamentais, entre muitos outros, em que se faz uso de coreografia. Em certas modalidades de dança contemporânea, no entanto, a liberdade de execução é de tal modo extensa que o improviso torna-se o eixo principal da performance.

<sup>37</sup> É esta a dimensão do jogo que está no cerne dos esportes, que encanta alguns pensadores das práticas, como Mauss, Bourdieu, De Certeau, Elias, entre outros. Trata-se de uma espécie de linguagem oral que não pode ser jamais escrita, pois está irremediavelmente vinculada à performance. Nós a usamos cotidianamente, no falar, por exemplo. Só muito raramente paramos para pensar as palavras, os nexos, as gírias; simplesmente falamos, dançamos, jogamos e assim por diante. Os esportes são, nessa perspectiva, uma forma de dramatizar os limites da comunicação imediata, na qual inclui-se a oralidade [BAKHTIN, 2003; GOODY, 1979; RICOEUR, s/d; ZUMTHOR, 2000]. Dizer que a cultura popular brasileira é pródiga em ensinar a dispor do corpo, e que os meninos nascidos entre esses grupos beneficiam-se sobremaneira dessa herança que vem de berço nas reconversões da capoeira em *funk*, deste em *hip hop*, dali ao futebol e, se for o caso, às brigas de rua e delas ao samba, é uma obviedade.

### 1.2.2.1 Os futebóis sem público

Nem todos os futebóis seguem os códigos do *association*, ou o fazem em graus bastante variados, razão pela qual deve-se supor que existam outros códigos em ação ou, para ser preciso, tantos códigos quantos forem os futebóis. A idéia, nesse caso em que se privilegiam as práticas, é pensar os códigos a partir delas, mesmo quando eles não estão, e quase nunca estão, escritos em manuais com agências encarregadas de vigiá-los. A matriz bricolada é movida pelo realinhamento dos códigos, como um dialeto que sobrevive paralelamente à língua oficial. A impressão, à primeira vista, é que as peladas não possuem códigos, quando na verdade eles são estabelecidos situacionalmente, com implicações mais ou menos evidentes na dinâmica do jogo<sup>38</sup>. Darei um exemplo para esclarecer esse ponto, confrontando dois grupos de peladeiros dos quais fiz parte durante algum tempo. Para evitar tergiversação, focalizarei dois aspectos da dinâmica dos grupos: a escolha das equipes e a gestão do quorum extra.

Os dois grupos eram integrados, em sua maioria, por militantes ou simpatizantes do PT. Um deles, que identificarei como a “turma de A”, era composto por funcionários e estagiários de um tribunal de justiça. O outro, a “turma de S”, constituía-se, basicamente, por historiadores e cientistas sociais. Ambos os grupos seguiam, ao largo, as regras do *futsal*, sendo as diferenças mais nítidas entre os dois grupos dadas pelos critérios de segmentação das equipes<sup>39</sup>. Na “turma de A”, os critérios de escolha das equipes eram bem claros e precisos: quaisquer dois dos elementos do grupo poderiam procedê-la, desde que entre eles houvesse certa equidade técnica - poderiam ser os dois melhores ou os dois piores, pouco importava. Disputava-se par ou ímpar e o vencedor escolhia quem lhe aprouvesse, e assim alternadamente até que todos tivessem time. Outra regra importante: caso estivessem presentes até 12 pessoas, escolhiam-se duas equipes, havendo então um revezamento entre os pares, pois apenas 5 poderiam compor as equipes em quadra. Caso houvesse 13 ou mais, segmentava-se o grupo em três, sorteando - no par ou ímpar -

---

<sup>38</sup> O futebol bricolado, que na verdade são muitos, é uma espécie de língua falada sem que lhe corresponda um sistema padronizado de códigos, aquilo que chamamos de gramática propriamente dita (um livro contendo as regras de uma língua). Isso não quer dizer que não existam códigos norteando os usos do corpo. Se houvesse pretensão de seguir a diante com as analogias, o que não vem ao caso depois de explicitado o conceito de propriedades intrínsecas, poder-se-ia pensar que o *association* é o tronco do qual derivam quase todos os futebóis, que por seu turno, podem ser decompostos na “unidade futebolística” já referida anteriormente, em analogia ao átomo de parentesco.

<sup>39</sup> Trata-se de uma escolha que, no caso do *futsal* agenciado, compete ao técnico de cada equipe. No caso das peladas compostas por grupos de sociabilidade, as escolhas são processadas *ad hoc*. A preocupação com o equilíbrio técnico é importante, pois se uma das partes prepondera demasiadamente sobre a outra estabiliza-se a relação dominante/dominado e cessam os fluxos de poder, como bem dissera Elias. Nesse caso, o jogo perde o interesse, não raro traduzindo-se em agressões de parte a parte. A respeito das tecnologias de controle da excitação em jogos de bricolagem a partir do equilíbrio das tensões cf. Stigger [2002, p. 173-209).

as duas equipes que começariam a disputa; aquela que perdesse aguardaria o vencedor do primeiro confronto. Permanecia em quadra o time que estivesse vencendo transcorridos 10 minutos ou quando um deles abrisse, a qualquer momento, uma diferença de três gols sobre o adversário. Assim, uma equipe poderia jogar ininterruptamente, durante todo o período em que a quadra estivesse reservada, sendo este um dos ingredientes que incitavam a competição, pois perder implicava sair do jogo. Na sociabilidade do grupo, discutia-se abertamente as potencialidades de cada um e também as formações mais equilibradas - quem não poderia jogar com quem, quem deveria jogar contra quem, etc.

Bem, com a “turma de S”, a escolha das equipes era particularmente dramática, sendo que por vezes demorava-se muito tempo para iniciar o jogo pois havia um certo constrangimento em segmentar o grupo, classificando uns e outros para equilibrar a disputa. Era sintomático que a “turma de A” tivesse três jogos de coletes e que aquele a quem coubesse lavá-los fosse muito cobrado caso não estivesse pontualmente, à hora marcada, para o início do jogo na semana seguinte. A “turma de S” adquiriu um par de coletes, mas ele se perdeu rapidamente e não foi repostado, pois os coletes prestavam-se, justamente, para evidenciar as diferenças. De mais a mais, a “turma de S” seguia um critério *sui generis* sempre que havia excesso de quorum, exigindo a formação de três equipes. Duas haveriam de iniciar jogando, como ocorria com a “turma de A”, e a vencedora permaneceria em quadra, como no outro grupo. Todavia, daí por diante, sempre sairia de quadra a equipe que tivesse realizado dois jogos consecutivos, independente do resultado. A alegação para a vigência de tal regra era de que assim todos teriam o mesmo tempo para praticar, eliminando-se também qualquer bônus aos vencedores, de modo que a luta pelo resultado ficaria banalizada uma vez que perder ou ganhar deixaria de ser um critério para permanecer em quadra. Com tais pressupostos, pretendia-se englobar a estrutura agonística do jogo - que incita a disputa, a competitividade e, portanto, o acúmulo/perda de prestígio simbólico - aos valores anti-capitalistas que eram mais ou menos consensuais entre os participantes da “turma de S”<sup>40</sup>.

Seria pouco produtoro tentar compreender as formas-padrões de jogo - os também chamados esquemas táticos, 3-5-2, 4-3-3, etc - usadas pelas turmas de “A” e de “S”, pois tais

---

<sup>40</sup> Difícil saber até que ponto a estratégia atendia aos fins práticos argumentados. Ocorre que a tensão nos jogos da “turma de S” era seguidamente elevada, dado o fato de que boa parte de nós possuíamos o *habitus* da militância política, um certo gosto pela discussão – desinteressada, por vezes desinteressante e não raro nos estendíamos acirradamente em pautas tão prosaicas como a posse de bola depois de uma saída lateral. Em dada ocasião propus, intempestivamente, que a “turma de S” alterasse seus critérios, fazendo notar a aleatoriedade na escolha das equipes – os que estão sem camisa contra os com camisa, ou os que encontram-se conversando de um lado da quadra contra os outros... – era um dos fatores que gerava tensões para além daquelas próprias ao embate, pois neste elas efetivamente deixavam de existir dado o desequilíbrio entre as equipes.

dispositivos fazem sentido para o contexto do espetáculo, no qual a luta pelos resultados suscitou o desenvolvimento de estratégias tais como a divisão do trabalho de equipe, a racionalização do espaço e do tempo, a segmentação das etapas do jogo, entre outros. Não é que nos jogos das turmas de “A” e de “S” não existissem princípios de ordenação, de divisão e de hierarquização dos papéis na dinâmica do jogo propriamente dito, mas eles eram tão instáveis que não valeria a pena sequer descrevê-los. Para participar dessas peladas, não eram demandados investimentos expressivos em termos de capitais corporais, nem em treinamento e tampouco exigia-se espetáculo, afinal jogávamos para nossa própria apreciação. As tecnologias usadas por ocasião dos jogos não eram no sentido do rendimento e da eficácia - em que pese a “turma de A” se permitisse manipulá-los -, mas no sentido de perpetuação do grupo, da sociabilidade e da excitação mimética matizada pela ludicidade. A manipulação dos códigos dava conta de manter um dado equilíbrio em torno desses valores e poder-se-ia dizer que a criatividade, se é que existia, residia na invenção de formas de preservação de uma dada harmonia em meio ao conflito instigado pela estrutura do jogo.

A gramática dos peladeiros de “A” e de “S” passa ao largo daquela exigida pelos profissionais, sendo, no entanto, imprescindível que um sujeito desenvolva certo controle das emoções conforme as exigências dos respectivos grupos. O melhor parceiro de peladas não é, necessariamente, o que decide o jogo; aquele que dispõe de dom/talento, mas aquele que contribui para a fluidez e o equilíbrio da dinâmica no conjunto. A configuração que importa é a do grupo e não a do jogo. A disjunção no jogo não pode contaminar a disjunção do grupo, e como não há agências para mediar esta tênue fronteira, os próprios agentes é que são imbuídos de fazê-lo.

Outra coisa é o que se passa com o futebol espetacularizado. Já não há turma de “A” e de “S”, mas dois times que representam clubes e estes, por seu turno, estão vinculados a comunidades de pertencimento, como se verá em detalhes no capítulo 3. A gramática, assim, será outra. Será preciso superar as analogias para compreender o futebol de espetáculo a partir da formação/produção de atletas. É nessa perspectiva que as noções de gramática corporal/futebolística e de *habitus*, entre outras, precisam ser incorporadas à noção de propriedades intrínsecas, aqui enunciadas de forma concisa para serem retomadas noutro contexto<sup>41</sup>.

Como os termos sugerem, propriedades intrínsecas são os elementos que podem ser notados observando-se a dinâmica das configurações de um jogo, nesse caso, de futebol. As propriedades intrínsecas são, comumente, aquilo que os críticos transformaram em seus objetos

---

<sup>41</sup> A protelação é estratégica, pois a noção de propriedades intrínsecas é melhor compreensível a partir de certas incursões de campo retratadas nos capítulos a seguir. A definição sucinta será suficiente até lá.

de apreciação, o que compreende, pode-se antever, um leque extenso e diversificado de dispositivos. As propriedades intrínsecas compreendem os códigos agenciados pela Internacional Board, as formas-padrões de jogo (ditos esquemas táticos), a divisão do trabalho em equipe, as estratégias empreendidas por ocasião de um jogo em particular, a qualidade técnica e a disposição dos atletas, o entrosamento do conjunto, os lances, os gols, o resultado e suas implicações, os estilos, enfim, o conjunto de disposições que fazem um jogo de futebol ser o que é: uma prática absorvente para determinado público. Decifrar tais propriedades por ocasião de um jogo é essencial para a sua compreensão e, por extensão, para se ter prazer com ele. Aprende-se a fazê-lo freqüentando os jogos, discutindo, lendo, da mesma forma que se aprende a apreciar música, teatro ou literatura<sup>42</sup>.

A utilidade da noção de propriedades intrínsecas é menos em relação a sua precisão do que em termos de concepção, como uma ferramenta que se presta para fazer crer que o gosto pelo futebol precisa ser aprendido para que o jogo seja significado, valendo o mesmo em sentido inverso. O conjunto de disposições que a noção de propriedades intrínsecas abarca prestam-se para informar quais são alguns dos elementos da prática espetacularizada e, por extensão, aquilo que alguém deve saber para ser tomado à sério, como um conhecedor de futebol. Os mediadores especializados não fazem outra coisa senão expressar juízos acerca das propriedades do jogo, não sem o suporte do jogo e dos treinamentos, razão pela qual eles ocupam a posição de intérpretes consagrados, o que por certo é fonte de conflitos intermináveis com os profissionais e, por vezes, com os torcedores. Sem cair no círculo interminável dos arbitrários culturais que se auto-reproduzem, é imperioso lembrar aqui as considerações de Bourdieu em torno dos modos de produção e percepção artísticos, em sua notável apropriação de Panofsky.

Ao designar e ao consagrar certos objetos como dignos de serem admirados e degustados algumas instâncias [...] são investidas do poder delegado de impor um arbitrário cultural, [entre os quais] o arbitrário das admirações, e por esta via, estão em condições de impor uma aprendizagem ao fim da qual tais obras poderão surgir como intrinsecamente [...] dignas de serem admiradas (1999a, p. 272).

A produção das competências necessárias à apreciação futebolística são elas próprias produzidas pelo campo do futebol de espetáculo, incluindo-se as competências para a compreensão das propriedades intrínsecas. O fundamental para esta tese, cujo objeto principal são os dispositivos da formação/produção, é fazer ver que as propriedades intrínsecas, notadas pelo público e pelos experts, são incorporadas pelos futebolistas; jamais por completo,

---

<sup>42</sup> Assim como não é preciso conhecer em minúcia as técnicas usadas por Picasso para compor Guernica para impactar-se com ela, também os jogos de futebol permitem emoções com níveis diferenciados de compreensão. A hipótese de que alguém não ache a menor graça do caos que Picasso traduziu em Guernica também é válida para o futebol.



evidentemente. Afinal não existe, em futebol, algo equivalente a uma tela sobre a qual se depositam as tintas que darão forma e expressão para uma intenção, mas indivíduos nos quais se investem as disposições para o jogo. E jogo de futebol de espetáculo se joga para vencer, para agradar o público engajado, bem diferente do sentido e, por extensão, das propriedades intrínsecas das peladas das turmas de “A” e de “S”.

#### 1.2.2.2 Os futebóis com público

Se, no princípio, a codificação cumpriu uma função estratégica, estabilizando a violência e uniformizando as disputas, elas tornaram-se desde então um dispositivo que constrange os usos do corpo. Como em outros esportes, no futebol não está dito como se deve proceder, mas antes o que é interdito, razão pela qual os códigos do *association* são uma espécie de gramática negativa. A luta pelos resultados - mas não apenas ela - fez com que se investisse na invenção de tecnologias de preparação e de aprimoramento das técnicas futebolísticas. Todavia, um jogo não é uma demonstração do que se treina ou mera exibição dos capitais de que se dispõe, mas antes suas aplicações. A improvisação é parte importante do espetáculo, na medida em que o mesmo não comporta coreografias pré-estabelecidas. Daí a se pensar que ele reserva uma margem expressiva às vanguardas corporais vai uma distância considerável.

Uma das razões pelas quais os esportes são seguidamente classificados como técnicas (*savoir faire*, por exemplo) e não como arte é esta espécie de servidão às regras que bloqueiam as vanguardas criativas. Não bastasse ser o futebol um rito disjuntivo (há que jogar para vencer, pelo menos em se tratando de espetáculo) incitado pela estrutura agonística, os códigos seguidos pela Internacional Board permitem o enfrentamento direto, corpo a corpo, e restringem o uso das mãos, justamente o segmento mais visado pela nossa cultura e, como tal, preciso e refinado. No futebol, não existem séries obrigatórias, como nas ginásticas, nem coreografias, como na dança, mas interdições definidas pelas regras. Resta, portanto, uma margem de manobra, mas esta margem, entre o que é lícito (conjunto de possibilidades) e o que é realizado (possibilidades escolhidas em razão do princípio da eficácia) não está a cargo das escolhas individuais dos jogadores. Em parte, porque o público orienta, por intermédio de aplausos ou vaias, as ações dos jogadores. De outra, porque estes, individualmente, são constrangidos para atuarem em equipe, de modo que a margem de manobra reduz-se significativamente. A padronização dos gestos e dos procedimentos de preparação estão relacionado-os à dimensão valorativa assumida pelo binômio êxito/fracasso, tendo gerado uma espécie de economia política dos espaço-tempo. Certas manobras foram banidas do espetáculo, para desespero dos românticos e saudosistas. Todavia, a padronização é apenas aparente, pois em lugar das técnicas banidas outras foram ou

estão sendo criadas. De qualquer modo, a criação é, no presente, consubstanciada pela preocupação com a eficácia, mas esta não é propriamente a negação da criatividade e antes um valor que suscita formas específicas de criação.

O espaço reservado à criação no domínio do futebol de espetáculo é certamente um tema controverso e, sobretudo, difícil de ser abordado. A primeira questão, um tanto paradoxal, é que embora não exista um jogo igual a outro, também não existe nenhum que se possa considerar, do ponto de vista das técnicas corporais, radicalmente diverso dos demais. Um jogo poderia ser pensado como um texto ou talvez como uma narrativa. Um jogo como Boca Juniors e Inter, realizado em 1/12/2004, constituiu-se num evento único que gerou outras narrativas, em vídeo, áudio, reportagens de jornais, lembranças dos torcedores, meu diário de campo, enfim, há uma multiplicidade extensa de narrativas que se constituíram a partir do referido evento. Independente do conteúdo e da forma das demais narrativas, existiu um jogo, que terminou empatado, sem gols, tendo o Inter sido eliminado da competição. Os quase 50 mil torcedores que estavam no estádio saíram decepcionados, mas não muito, pois a derrocada gremista - arquirrival onipresente -, noutra competição, serviu-lhes como alento. Creio que nenhum dos torcedores que viram o jogo, pelo menos com os que eu conversei, viram algo de inusitado, que não tivessem visto antes, e no entanto o jogo foi único.

Não gostaria de alongar-me sobre este ponto, mas não há como evitar uma retomada da proposição estética de Gumbrecht (1998, p. 115-17; 2001). Fosse esta uma posição isolada talvez não valesse a pena, mas na medida em que ela suscita uma dada mirada estética para o espetáculo convém dar-lhe atenção. A questão central de Gumbrecht é a seguinte: “Por que os atletas apreciam competir e por que nós, espectadores, apreciamos assistir-lhes?” Estou de acordo com ele quando rejeita a hipótese de que o prazer resulte da obediência às regras, da realização de esforço físico por parte dos atletas (catarse, em si mesma) ou da concentração dos espectadores no desenlace do jogo. Porém não posso estar com ele quando arrasta o debate para o campo da epifania.

“Qual é, então, o tipo específico de acontecimento em que atletas e espectadores se concentram? Qual é o acontecimento que realiza as suas expectativas?” O que eles esperam é uma epifania, isto é, aparição súbita e transitória de algo que, ao menos durante o tempo de sua aparição, tenha substância e forma simultaneamente. Mas epifania significa, além disso, aparência - como evento. O que aparece “como um evento” bem pode ser surpreendente - por exemplo: a defesa de um goleiro tal como você nunca viu antes (2001, p. 8).

O fato de que as epifanias sejam apreciadas não implica que elas sejam o fundamento estético do futebol como espetáculo. Daí porque a interpretação de Gumbrecht tem seus limites quando ela própria, depois das críticas aos essencialismos, tenta impor a chave do sublime. Então, por que Gumbrecht tem de ser retomado? Exatamente para mostrar como a sua investida

é arriscada. Não se pode tentar decifrar o enigma estético olhando-se tão somente para o jogo. A epifania é um deles, bem característica de um olhar distanciado, a-sexuado e desengajado, mas não há, rigorosamente, uma única via metodológica para se acessar aos significados de um jogo. A maneira como procede Gumbrecht é de um crítico de arte e é nesta perspectiva que seu ponto de vista deve ser apreendido. O equivalente mais próximo à posição a partir da qual ele interpreta o jogo é, certamente, a dos cronistas e comentaristas esportivos, com sua erudição peculiar e com um olhar treinado em outras modalidades de espetáculos. Certamente, não é esta a posição que este texto, produto de um trabalho etnográfico, vai adotar.

Em primeiro lugar, um jogo é um evento, do tipo disjuntivo, e como tal um ato epifônico, único, irreproduzível, situado no espaço e no tempo. Um jogo é *parole*, se quiséssemos, pois *parole* é ato, como escreve Ricoeur (s/d, p. 20-4)<sup>43</sup>. Segue-se que, como evento, enseja a significação. O público que acorre aos estádios não o faz aleatoriamente, não sem interesses específicos, não sem expectativas relativamente claras. As configurações de jogo decorrentes do enfrentamento entre as equipes, o Inter e o Boca Júnios, por exemplo, foram seguidas atentamente pelos torcedores, como segue uma modalidade de narrativa oral, uma performance coreográfica ou outra qualquer. Todavia, os próprios torcedores que co-atuaram, aplaudindo e depois vaiando o time, constituíram, também eles uma segunda ordem de narrativa, anexa aos eventos do jogo propriamente dito, mas com o acréscimo de elementos próprios. Os torcedores ditos organizados, da Camisa 12, por exemplo, enquanto um recorte entre a totalidade dos torcedores, constituíram uma narrativa autônoma, co-atuando paralelamente aos jogadores, mas atuando efetivamente, a ponto de formarem configurações específicas e de produzirem dinâmicas verbais e gestuais próprias, diversas daqueles que viram o jogo das cadeiras numeradas e dos camarotes. Cada torcedor, em última instância, constitui sua narrativa, diversa de todas as demais, incluindo-se as do locutor de rádio, que difere do narrador de televisão. Há também as narrativas pós-jogos, a caminho de casa ou no botequim, e aquelas com anos, por vezes décadas de distância temporal dos jogos. Enfim, os jogos de futebol de espetáculo suportam diferentes possibilidades narrativas, mais do que as peladas e os jogos de várzea.

O poder simbólico de gerar tamanha quantidade e diversidade de narrativas faz do futebol um fato social relevante de ser compreendido, mas não parece que se conseguirá compreender este poder simbólico - em que reside, afinal, o interesse pelo futebol de espetáculo? - olhando-se tão somente para o jogo. Se assim fosse, qualquer cidadão ficaria tocado, mas não é

---

<sup>43</sup> Dizer que a realidade social pode ser lida como texto não implica dizer que ela seja um texto. Espero que o leitor esteja atento para esta importante distinção, pois o recurso às analogias, intenso nesta parte de capítulo, visa proceder alguns passos em direção à maneira de compreender um jogo de futebol. Não se trata, portanto, de misturar uma perspectiva interpretativista com uma sociologia à Bourdieu, mas não há porque não usar a ambos se eles não se apresentam como incompatíveis.

o que ocorre na prática, sendo que há muitos que lhe são indiferentes – “não entendo nada, isto para mim nada significa”, dizia uma amiga! Um jogo é um evento, no sentido de que ele produz a disjunção. É evento que enseja a significação, mas é suficientemente aberto para comportar uma pluralidade delas. Há no jogo, um complexo de relações de interdependências, como sugere Elias, que a cada mudança de posição constituem uma trama, um enredo. As equipes, compostas por indivíduos em interação, constituem uma certa dinâmica. Há um sentido em relação ao qual esses indivíduos se comportam. Eles não o fazem aleatoriamente. São pagos, alguns muito bem, inclusive, para desempenharem determinadas performances, orientadas para o êxito das equipes pelas quais atuam e, portanto, para a realização de ações eficazes, algo bem diverso de epifenômenos.

O que pretendo, daqui por diante, é problematizar não apenas os usos do corpo e as tecnologias que são disponibilizadas para tal, mas os significados atribuídos a estes usos. Os significados das práticas futebolísticas estão, em grande medida, encravados na própria ação. É preciso traduzi-los. Nesse caso, não se pode falar em futebol e nem em futebóis, mas em elementos menores, como dribles, passes, gols, chutes, clubes, torcidas, torcidas organizadas, atletas, um determinado atleta, enfim, é preciso retalhar a floresta. O futebol de espetáculo constituiu-se paralelamente ao seu público, uma modalidade de apreciadores muito peculiar na medida em que seus interesses são, via de regra, dados pela adesão a uma agremiação tradicional que se faz representar dentro de campo por uma equipe com onze jogadores.

Dessa forma, atletas profissionais e torcedores existem uns para os outros e uns nos outros, mas não são a mesma coisa, óbvio. Não interessa discutir se um gesto é ou não é eficaz do ponto de vista instrumental, se ele pode vir a ser realizado de modo ainda mais eficaz e assim por diante. Em contrapartida, investe-se ao longo desta tese na compreensão das razões pelas quais a eficácia instrumental é exigida de um gesto futebolístico no espectro do espetáculo. Ou melhor, é preciso captar em que contextos a eficácia é mais ou menos exigida, o que equivale pensar que ela possui diferentes gradientes de valoração. Embora este seja um atributo que praticamente todas as formas de práticas esportivas valorizam, é no contexto do espetáculo e não no lazer de fim-de-semana que ela aparece como um valor, simultaneamente simbólico e econômico. Não se compreende as razões de ser da formação/produção de futebolistas, como um processo de investimento visando produzir corpos aptos a performances eficazes, sem a compreensão de como se constitui o público que aprecia tal espetáculo, tema do próximo capítulo.

## **2 A TRAMA SIMBÓLICA DAS EMOÇÕES CLUBÍSTICAS: uma contribuição à compreensão do gosto pelo futebol de espetáculo**

Dentre os quatro processos referidos no primeiro capítulo como sendo fulcrais à compreensão do futebol de espetáculo – a saber: a constituição do público, do mercado profissional, dos mídias especializados e dos dirigentes – é a formação e o comportamento do público que tem ocupado o centro dos interesses das ciências sociais até o presente. Eu mesmo já trabalhei com a questão do torcer e dos torcedores em outra ocasião, mas não com o enfoque presente<sup>44</sup>. Retorno ao tema enfatizando a noção de pertencimento clubístico, um neologismo sugerido à época para dar conta da especificidade da adesão dos torcedores aos clubes, mola propulsora do futebol de espetáculo. Interesse-me agora pelo amálgama do pertencimento, a fidelidade clubística, tomada aqui como um valor incorporado à cultura futebolística que atravessa fronteiras geográficas e sociais. A fidelidade clubística não é apenas uma marca diacrítica do futebol em relação a outros esportes, quando pensado no contexto brasileiro. O vínculo exclusivo e imutável de um torcedor com seu clube estabiliza um sistema complexo chamado de clubismo, tomado aqui como um sistema articulado de crenças e de práticas que, numa perspectiva arrojada, pode ser definido como um totemismo moderno.

Sabe-se que os torcedores não vão ao estádio para ver um jogo qualquer, mas para ver jogar e torcer pelo time que representa seu clube. Virtuosismos à parte, o que se espera é que os (seus) atletas representem satisfatoriamente o (seu) clube, razão pela qual eles precisam demonstrar, além dos qualificativos propriamente futebolísticos, uma série de outros atributos

---

<sup>44</sup> Teria, à época da dissertação (DAMO,1998), levado bem mais longe minha pesquisa se houvesse insistido em uma análise mais formal. No entanto, naquela ocasião, fora preciso pulverizar os argumentos, dedicando boa parte deles às conexões horizontais entre o futebol e outros fatos sociais. Não fosse por esta razão, teria conduzido aquela investigação em outra direção e lamento não poder retomá-la aqui com a profundidade devida, uma vez que esta tese problematiza a formação profissional, e a questão do pertencimento é retomada a partir da preocupação basilar.

visando atender às demandas emocionais dos torcedores. Os jogadores são aqueles que dispõem de dom/talento, uma predisposição inata que, segundo as representações nativas, não teria valor e sequer existiria, não houvesse um público para reconhecê-lo, aclamá-lo, reivindicá-lo e remunerá-lo. Em contrapartida, os torcedores são aqueles que participam do espetáculo a partir de uma predisposição que em tudo se parece a um dom às avessas: o pertencimento clubístico, único e imutável. Enquanto o dom permite a circulação dos atletas – quanto mais dom possuem mais são cobiçados -, o pertencimento fixa os torcedores – quanto mais pertencem, mais presos estão ao clube. Os que dispõem de dom atuam no centro da arena, os que não o possuem co-atuam desde o entorno, nas arquibancadas. Em campo, os atletas doam-se à equipe e, por extensão, ao público identificado com o clube ao qual a equipe representa. E não doam apenas virtuosismos, como os zidanes e ronaldinhos: doam, em termos nativos, “suor”, “sangue”, “sacrifício”, “a alma”, “tudo de si”, etc.

O pertencimento clubístico e a formação/produção de futebolistas possuem um nexo importante, razão pela qual o primeiro precisa ser aqui retomado. Trata-se de uma crença amplamente disseminada entre os nativos; segundo ela, os profissionais formados no próprio clube, denominados de “pratas da casa”, receberiam, ao longo do processo de formação, um investimento emocional que os tornariam não apenas atletas, mas atletas-torcedores, identificados com o clube que os formou. Ser um atleta-torcedor não implica imunidade frente à torcida, mas tornam-se remotas as possibilidades de ser acusado de “mercenário” - o que não quer dizer muito, pois o repertório de acusações é extenso e há entre eles alguns tão agressivos que tornam mercenário uma categoria amena. Os vínculos de pertença exigidos dos atletas pelos torcedores e a maneira como estes últimos respondem às demandas dos primeiros põem em ação diversas estratégias de teatralização por parte dos atletas, entre as quais destacam-se as demonstrações de entrega – expressas sob termos como “superação”, “suar a camiseta”, “suar sangue”, “jogar a morrer”, “colocar o coração na ponta das chuteiras” e tantos outros – e de pertencimento – beijar o dístico do clube, declarar o novo clube “a paixão oculta” (quando se trata de atleta vindo de um clube rival), dizer-se convertido e assim por diante.

Para se compreender as razões pelas quais alguns palavrões ditos nos estádios são bem mais do que um descontrole programático, ou um indicativo de incivilidade, é preciso avançar em relação ao pertencimento clubístico a partir de uma perspectiva formal. Uma parte do significado desses ditos permanece oculta, ainda que a energia e a expressividade com que são enunciados permitam formular algumas hipóteses. Há xingamentos que são expressos de maneira protocolar, como a maior parte dos xingamentos aos árbitros. Há outros, contudo, que condensam uma narrativa que não pode ser expressa à beira do campo, mas é forçosamente manifesta em evocações breves – ordens, ameaças, insultos, etc. – que revelam, na maneira

tensa de expressá-las, a presença de uma narrativa latente. O pertencimento clubístico é o mito cujas manifestações a caminho do estádio, no seu interior, bem como em outros locais de fruição do espetáculo complementam-lhe, quer dizer, ritualizam-no.

Este capítulo está subdividido em três partes. Na primeira delas, de caráter introdutório, recupero o debate sobre a paixão clubística e as emoções engajadas, explicitando as particularidades na maneira como o pertencimento clubístico será aqui interpretado. A segunda parte aborda a constituição do clubismo brasileiro, uma modalidade de totemismo, como já foi referido. Trata-se de fazer ver como os clubes de futebol estão tramados a um conjunto de categorias sociais: há um operador simbólico determinando que um número reduzido tenha o status de totem nacional e uma série de outros dispositivos especificando quem faz parte da elite do clubismo brasileiro – em torno de 20 entre os mais de 500 clubes pertencentes ao sistema FIFA. As duas primeiras partes servem de base para a terceira, na qual problematizo a fidelidade dos torcedores aos clubes. A hipótese em torno da qual são centrados os argumentos é de que o clubismo é um totemismo moderno alimentado por códigos de honra masculinos instituídos a partir do parentesco. Em que pese a performance corporal dos que dispõem de dom/talento, a força motriz do futebol como espetáculo reside nas arquibancadas, onde se dramatizam os pertencimentos. Na ótica do clubismo brasileiro, os pertencimentos parentais e, particularmente, dos laços de sangue, culturalmente definidos como inquebrantáveis, ocupam um lugar de destaque.

### **2.1. PAIXÃO CLUBÍSTICA E EMOÇÕES ENGAJADAS**

Por muito tempo, inquietou-me o fato de encontrar em textos não acadêmicos as definições mais apropriadas para o sentimento de devoção aos clubes de futebol. A convicção acentuou-se ao longo da pesquisa de mestrado em relação a qual o pertencimento clubístico constituiu-se no objeto central. Por um lado, interessavam-me as diferentes modalidades de vínculos, não apenas entre os torcedores e seus clubes, mas dos torcedores de um mesmo clube entre si, dos clubes com as cidades onde estavam sediados, com as regiões ou mesmo categorias sociais mais alargadas como raça e classe social, para o caso dos clubes brasileiros. Por outro lado, havia a questão concernente ao sentimento que amálgama os torcedores a seus clubes, caracterizando tal modalidade de vínculo como única e imutável.

Indagando diretamente aos torcedores, não encontrei para minhas perguntas - mal formuladas, talvez – senão respostas lacônicas, óbvias ou redundantes: “gosto do Grêmio porque

ele é azul”; “não sei o porquê, mas sempre gostei desse time”; “todos na minha família são colorados”; “para mim, o Grêmio é tudo” e, aquela que foi a gota d’água para repensar os procedimentos, “não sei como dizer! Ser Gremista é experimentar todas as emoções. Ser gremista é ter orgulho de sê-lo”. Esta última tornar-se-ia epígrafe de um dos capítulos da dissertação, e a razão de tal escolha, bem me lembro, foi o fato de uma definição tão evasiva ter sido extraída de uma redação classificada em segundo lugar num concurso realizado pelo próprio Grêmio, o que implicava na sua legitimidade entre os gremistas (DAMO, 1998, p.132).

Durante a revisão bibliográfica da referida dissertação, fui colecionando, em contrapartida, frases que eu supunha poder ouvir de meus informantes em lugar de seus reiterados embaraços, evasivas e obviedades. Tais frases não eram de colegas antropólogos ou sociólogos, mas em grande parte retiradas de seus textos, onde eram referidas em citações, muitas delas em epígrafes, atribuídas a José Lins do Rego, Luiz Fernando Veríssimo, Carlos Drummond de Andrade, Nelson Rodrigues, Armando Nogueira e assim por diante.

#### Algumas luzes no túnel do clubismo

“Uma vez Flamengo, sempre Flamengo.  
 Flamengo sempre eu hei de ser.  
 É meu maior prazer vê-lo brilhar,  
 Seja na terra, seja no mar...  
 Vencer, vencer, vencer...  
 Uma vez Flamengo, Flamengo até morrer.  
 Na regata  
 Ele me mata,  
 Me maltrata,  
 Me arrebatava.  
 Que emoção  
 No coração!  
 Consagrado  
 No gramado.  
 Sempre amado.  
 O mais cotado.  
 Nos fla-flus  
 É o ai Jesus...  
 Eu teria um desgosto profundo  
 Se faltasse o Flamengo no mundo.  
 Ele vibra!  
 Ele é fibra.  
 Muita libra  
 Já pesou.  
 Flamengo até morrer  
 Eu sou...”

Lamartine Babo



“A estética do torcedor é inconsciente: ele ama o belo através de movimentos conjugados, astuciosos e viris, que lhe produzem uma sublime euforia, mas se lhe perguntam o que sente, exprimirá antes uma emoção política. Somos Fluminense ou Vasco pela necessidade de optar, como somos liberais socialistas ou reacionários. Apenas, se não é rara a mudança do indivíduo de um para outro partido, nunca se viu, que eu saiba, torcedor de um clube abandoná-lo em favor de outro”.

**Carlos Drummond de Andrade**

“Zelins, então como é Deus? Em forma de esfera. Uma bola de futebol. Do Flamengo.”

**Murilo Mendes a José Lins do Rego**

“[...] Uma rivalidade [Gre-Nal] que tem algo de selvagem na medida em que o sucesso de um não apenas desconcerta mas arrasa o outro, mas que é responsável por todas as conquistas de Grêmio e Internacional nestes últimos anos. [...] Se o que move o capitalismo é a fome do lucro, o que move o irracional futebol de Porto Alegre é a fome da flauta. Há rivalidades parecidas no resto do Brasil, mas duvido que haja outra igual.”

**Luis Fernando Veríssimo**

“Nenhum torcedor diria que se ‘entretém’ com seu time, que vai ver um jogo como vai a um concerto. Vai para dilacerar ou ser dilacerado, vai para a guerra, mesmo que seja quase sempre uma guerra metafórica. Assim, para ser atraente, o esporte não pode ter nenhum dos atrativos do espetáculo, nenhuma sugestão de montagem ou faz de conta. Tem que ser uma séria e quase trágica competição por um cetro [...], a busca do coração do inimigo e da glória eterna - mesmo que no ano seguinte todos voltem a ter zero ponto.”

**Luis Fernando Veríssimo**

Os poetas e cronistas, com o domínio singular da palavra, textualizavam aquilo que meus informantes tinham dificuldade de expressar: suas emoções, sobretudo em narrativas individuais. Comentar o jogo, avaliar a performance dos atletas, da comissão técnica, dos dirigentes, dos comentaristas de rádio e TV, enfim, tudo em relação ao que pertencesse à esfera do discutir futebol poderia ser perguntado e respondido sem constrangimentos, mas não seria possível esperar o mesmo em relação ao significado da pertença, pois isto implicava em falar de si, em expressar sentimentos, o que enseja, via de regra, uma modalidade de discurso cifrado ou ritualizado, dado que se trata de um público marcadamente masculino.

Pertencimento clubístico fora um neologismo forjado para dar conta de uma modalidade de vínculo identitário próprio à esfera do futebol, ao menos no caso do Brasil. A noção prestou-se não apenas para produzir um distanciamento em relação às noções nativas correspondentes – torcer, gostar, amar, ser apaixonado, etc. – mas para especificar, no espectro do torcer, um segmento de público militante, não necessariamente pela frequência aos estádios, nem mesmo pelo vínculo a grupos organizados, mas emocionalmente engajados a ponto de estenderem as

emoções vividas no espaço-tempo do jogo para além dele. Ainda que usados seguidamente como sinônimos, torcer e pertencer já não são exatamente o mesmo. O primeiro serve para caracterizar tanto as adesões duradouras quanto as eventuais, ao passo que o pertencimento denota uma modalidade de envolvimento propriamente intensa, ilusória, equivalente ao que os nativos caracterizam como “torcedor fanático”, “doente”, “cego”, etc.

Essas pequenas sutilezas passam despercebidas ao observador que também não nota a mudança no perfil do público interessado por futebol em períodos de copas do mundo, no qual se enfrentam equipes representando Estados-nações, enquanto o clubismo fica em segundo plano. São públicos distintos e modos de expressão igualmente diferenciados, sendo o público que torce pelo Brasil acrescido por mulheres e crianças que, via de regra, não participam tão entusiasticamente do universo clubístico, lendo, ouvindo, discutindo, assistindo ou freqüentando os estádios. Se a audiência das copas do mundo é assegurada a partir dos vínculos inequívocos entre a nação-Estado e a equipe de jogadores de futebol que a representa, sendo os sentimentos nacionalistas a principal força motriz destes eventos, o futebol empresta no nacionalismo um sentido extra para o espetáculo e em troca oferece um espetáculo disjuntivo que permite a dramatização dos sentimentos nacionais. De onde retira o clubismo o seu poder de mobilização? Como os clubes de futebol constituíram seus “ismos” (gremismo, coloradismo, flamenguismo, etc.)? Qual é a modalidade deste sentimento que faz um extenso contingente de público acorrer aos estádios, assistir aos jogos pela TV, ouvir, ler e discutir futebol para além dos períodos de copas do mundo?

Não existe, por certo, uma única chave interpretativa para a compreensão do apreço que os torcedores têm pelos seus clubes. Já se disse, mas não custa reiterar, que a constituição do público futebolístico é *sui generis* em relação a outros espetáculos, esportivos ou não, e que a existência desse público não apenas diferencia a matriz espetacularizada das outras matrizes futebolísticas senão que influencia diretamente na sustentabilidade de um mercado profissional, no centro do qual encontram-se os atletas. De outra parte, compreender a maneira como se articulam as relações de pertencimento é fundamental, pois elas constituem um dos pilares que dão sustentação ao futebol enquanto espetáculo para além do espetáculo propriamente dito.

É imprescindível, como tem reiterado Bromberger, estar engajado a uma das partes para vivenciar plenamente a excitação futebolística. “C’est la passion partissane qui donne sens, sel et intérêt à la confrontation. [...] La partisanerie est la condition nécessaire pour assurer un maximum d’intensité pathétique à la confrontation” (1998a, p. 272-3)<sup>45</sup>. As sensibilidades e os

---

<sup>45</sup> “A los hinchas italianos se los llama *tifosi*, y ésta es una palabra derivada de tifo, que significa apoyo, pero etimologicamente significa tifus, una enfermedad contagiosa, una de cuyas variantes se traduce en fiebre y agitación nerviosa. El *tifosi* es aquél que tomo la decisión de sentir plenamente la intensidad del

juízos estéticos engajados podem variar em intensidade e forma, mas não serão jamais neutros, mesmo quando se passa do pertencimento clubístico ao pertencimento nacional, nos casos de enfrentamento entre equipes representando Estados-nações. Diria, então, que o sentimento de pertença é um dos ingredientes principais da espetacularidade futebolística e ainda que este capítulo não pretenda estender suas interpretações açodadamente, convém destacar que o clubismo atravessa as fronteiras de nação, geração, gênero e outras que existem em relação à prática do futebol. Como o pertencimento já está dado de antemão – é único e imutável – o que ocorre no estádio, a caminho dele ou em outros espaços de fruição mediatizados, é um processo de sensibilização desse sentimento.

Isto caracteriza um passo adiante em relação às interpretações eliasianas nas quais a hipótese de que o público esportivo ocorre aos eventos em busca de excitação é lançada, mas a justificativa mal acabada.<sup>46</sup> Faltou avançar em relação à compreensão das emoções esportivas, ou de parte delas ao menos, a partir da análise de sistemas simbólicos que lhes dão suporte concretamente; quer dizer, a dadas modalidades e em circunstâncias situadas no espaço e no tempo. A hipótese de busca de excitação controlada (mimética), como resposta às questões concernentes ao desenvolvimento do esporte moderno, escorrega freqüentemente em direção a um relacionismo que auxilia na compreensão da emergência do fenômeno esportivo, porém sendo incompleta quando solicitada a dar conta da progressiva autonomização do campo esportivo e, sobretudo, da constituição de uma estética própria aos esportes, mas não unívoca. Existe muito para ser explorado na comparação dos esportes modernos com a tragédia grega. Há, contudo, outras possibilidades talvez ainda mais fecundas, passando pela etnografia e pela interpretação dos sistemas simbólicos que são, como argumenta Lévi-Strauss, a fonte para o entendimento das emoções desde o ponto de vista antropológico (1975, p. 72-7).<sup>47</sup>

---

drama convirtiéndose en actor (y no simple espectador) de una historia incierta que se construye ante sus ojos, y en cuyo desarrollo cree poder influir através de una intensa participación corporal y vocal. Efectivamente, aquí, a diferencia de las películas y las piezas de teatro, las cartas no están echadas antes de la representación [...]” (Bromberger, 2001, p. 22).

<sup>46</sup> Elias e Dunning recorreram, como tantos outros intérpretes das emoções esportivas, aos fundamentos da tragédia grega, supondo que há nos eventos esportivos um residual trágico: alternância de sentimentos que produzem emoções fortes, com intensa participação do público, instado a manifestar-se abertamente, mantendo certo limiar de controle. As emoções esportivas seriam do tipo mimético, experimentadas a partir de sentimentos despertados por “medo e compaixão ou ciúme e ódio por simpatia com os outros, mas de uma maneira que não é seriamente perturbante e perigosa [...]. Na esfera mimética são, por assim dizer, transpostos numa combinação diferente. Perdem seu ferrão” (1992a, p. 124). Retornarei a esta discussão no último capítulo, quando tratar da etnografia realizada entre o público, no estádio Beira-Rio, mas é importante conectar a discussão que se faz aqui àquela que terá continuidade, pois estes capítulos se complementam.

<sup>47</sup> A perspectiva analítica poderia ser outra, como já salientei. Todavia, a escolha de um viés mais formalista, como já se faz sentir, tem a ver com o entendimento de que o atual estágio de investigação em antropologia do esporte demanda algumas guinadas nesta direção. Sem uma interpretação mais formal, corre-se o risco de permanecer na superfície dos problemas.

O clubismo é analisado aqui como uma trama social e cultural. Nada impede que se trate a dimensão simbólica dessa trama como uma modalidade de totemismo moderno, com a ressalva já expressa de que esta não é a única possibilidade de abordá-lo. Duas ponderações breves são aqui necessárias. Em primeiro lugar, tratar o clubismo como um totemismo não é uma antropologia às avessas, pois não há pretensão de explicar o complexo pelo simples. O que está no cerne do totemismo, enquanto conceito, é uma modalidade de projeção e representação coletivas articuladas em forma de sistema. A escolha dos totens, que certas sociedades fizeram recair sobre espécies animais, é uma arbitrariedade cultural, razão pela qual Durkheim (1996, p. 209-50) descreveu o uso da bandeira no contexto da Revolução Francesa como uma modalidade de representação totêmica e os clubes de futebol podem ser aqui tomados como totens, como se fossem gaviões, águias, urubus e assim por diante<sup>48</sup>. Toledo formulou uma versão de totemismo futebolístico tomando como ponto de partida os animais escolhidos pelos torcedores como símbolos do clube – gavião/Corinthians, macaca/Ponte Preta, porco/Palmeiras, urubu/Flamengo, galo/Atlético Mineiro, etc. – limitando-se, no entanto, em apresentar a diversidade e justificar as identificações, interpretando-as como marcas diacríticas (1996, p. 52-73). O fato é que os animais ou personagens – saci/Inter, mosqueteiro/Grêmio, etc. – servem como símbolos de identificação, tal qual a camiseta, o boné, a bandeira, ou qualquer vestimenta nas cores do clube. Nesse caso, são elementos visuais de mediação entre os torcedores e os clubes ou dos torcedores entre si – pode-se pensar também em outros elementos de mediação não visuais, como cânticos e xingamentos. Em que pese um porco represente o Palmeiras, permanece em aberto a questão fundamental: o Palmeiras representa o quê? Ou por outra, o que significa ser palmeirense?

Não será pelo fato de que há algo em comum entre os símbolos escolhidos pelos torcedores brasileiros e as escolhas dos clãs que foram abordados pela literatura antropológica, de Frazer aos nossos dias, que o clubismo pode ser lido como um totemismo moderno. A questão é bem outra: trata-se de investigar a maneira como os clubes são pensados entre si, a partir da constatação inequívoca, amplamente partilhada pela bibliografia, de que eles constituem comunidades de sentimento imaginadas<sup>49</sup>. Os torcedores de Grêmio e Inter sabem perfeitamente o que significa um saci curando um mosqueteiro, como sugeria um adesivo vendido no Beira-Rio à época em que o Grêmio foi rebaixado à segunda divisão. Entretanto, como dito no princípio, embarçam-se quando perguntados acerca do gremismo e do coloradismo. Tanto para o

<sup>48</sup> A respeito da trama durkheimiana entre efervescência política e religiosa cf. Tarot (1999, p. 209-27) e, particularmente, para a influência da Revolução Francesa na maneira de pensar o simbolismo cf. igualmente Tarot (p. 215-17). Para uma breve resenha acerca da atualidade e da procedência das contribuições da Escola Francesa (Durkheim, Mauss e Lévi-Strauss) para pensar os ritos da nação moderna cf. Oliven (1992, p. 13-5).

<sup>49</sup> A apropriação deste conceito à produção brasileira, a partir de Anderson (1989), foi forjada por Souza (1996, p. 44-50), mas é amplamente adotada local e internacionalmente.

clubismo quanto para o totemismo das sociedades longínquas, o que interessa não são as representações em si mesmas, senão a relação destas com o mundo social. “Le clan fait, si l’on peut dire, la différence spécifique [...]. Sans cette dimension sociale, il n’y aurait que des totems épars comme il n’y a que des fétiches épars. Sans clan le totémisme ne serait pas une religion, c’est-à-dire un système de croyances et de pratiques, le système social d’une société en tant qu’il est cru, vénéré, respecté” (TAROT, 1999, p.523). São os clubes que, além de instituições políticas e administrativas, representam as nações imaginadas os elementos que devem ser tomados como objeto para análise das representações totêmicas, daí porque se usa o termo clubismo.

A segunda ponderação faz-se em torno da modalidade de análise a ser aqui empreendida. A prioridade será dada à perspectiva semiológica, porém isto não contraria nem exclui a possibilidade de se pensar os clubes como símbolos (motivados, portanto). A opção é arrojada pois contraria, num primeiro momento, a recomendação de Bromberger, cuja advertência é explícita, como se pode notar na passagem a seguir.

L’identification à un club n’est, en effet, pas perçue et conçue par les supporter comme le simple signe (arbitraire) d’une commune appartenance, mais comme le symbole (motivé) d’un mode spécifique d’existence collective, qu’incarne le style de jeu de l’équipe, modulation aux tonalités propres d’un langage universel. Le style local ou national que l’on revendique ne correspond pas toujours, loin s’en faut, à la pratique réelle des joueurs, mais plutôt à l’image stéréotypée, enracinée dans la durée, qu’une collectivité se donne d’elle-même et qu’elle souhaite donner aux autres. Non pas tant, donc à la manière dont les hommes jouent (et vivant), mais à la manière dont ils se plaisent à raconter le jeu de leur équipe (et leur existence)” (1998b, p. 77).

As duas idéias centrais desta passagem, inspiradas em Paul Veyne (1987), são seguidamente retomadas nos textos de Bromberger. A segunda parte da citação, “le style local ou national que [...]”, será problematizada em outro momento – capítulo 8 -, não sendo, de qualquer modo, corolária da proposição que a precede, mas antes seu complemento. A primeira parte da citação, “l’identification à um club...” é que precisa ser reconsiderada. Ao tratar os clubes como símbolos (ao invés de signos), Bromberger pretendeu, quero crer, reforçar a premissa do engajamento, ou talvez, foi a constatação de que o engajamento é uma premissa do pertencimento que o levou à adoção da perspectiva semiótica<sup>50</sup>. Naquilo que se propôs a realizar a análise de Bromberger foi perspicaz, diria mesmo que irretocável. O procedimento aqui é no

---

<sup>50</sup> Até que ponto o clubismo “à francesa” influenciou nesta escolha só o próprio Bromberger poderá avaliar. Boa parte do seu trabalho de campo foi realizado na Itália, onde o clubismo articula-se à maneira argentina, espanhola, inglesa e brasileira, com rivalidades intensas entre clubes de uma mesma cidade, enquanto na França os clubes e as cidade se sobrepõem – quem habita Marseille torce pelo Olympique Marseille; quem habita Nantes, pelo Nantes FC; e assim por diante.

entanto diverso. Retornado à encruzilhada entre a semiótica e a semiologia, opto pela segunda, mas a possibilidade de reencontrar Bromberger não está descartada<sup>51</sup>

O vínculo clubístico que serve de mola propulsora ao futebol como espetáculo não se caracteriza por uma adesão *ad hoc*. Em tempo devido, será destacado o processo de transição de indivíduo à pessoa operado a partir da adesão ao clubístico. Não se trata, porém, de enfatizar as narrativas torcedoras a este respeito, mas antes de uma argumentação teórica mostrando as razões pelas quais esta transição é necessária ao clubismo. O vínculo *ad infinitus*, para a qual sugeri algumas hipóteses que atestam os empréstimos do clubismo em relação a outros sistemas simbólicos, é fundamental para que o clubismo funcione a pleno, o que só será possível de ser demonstrado a partir de uma compreensão semiológica. Dessa forma, é o sistema de pertenças quem sugere e mesmo constringe determinadas atitudes. Se você ama o Inter, dirá o sistema, você não apenas o ama acima de todos os outros clubes, senão que odeia o Grêmio. É importante estar atento ao fato de que tornar-se colorado implica, pois, na adesão a um universo de regras de afinidades e de evitações pré-estabelecidas, tanto quanto sugerem ser as adesões a outras coletividades.

Faz-se importante acentuar aqui, para desenvolver outros argumentos na seqüência e retornar mais adiante, que a passagem de indivíduo à pessoa implica numa modalidade de conversão. Se alguém se declarar colorado, mas não um anti-gremista, são grandes as chances de vir a ser considerado, pelos próprios colorados, como um torcedor “incompleto”, “meia-boca”, “suspeito” e assim por diante. São muitos os exemplo de torcedores que afirmam não saber exatamente por que torcem pelo clube A, sugerindo que a aversão ao clube B, rival de A, talvez esteja na origem do amor por A – uma das passagens de Luis Fernando Veríssimo, referida anteriormente, é clara a este respeito. Sem estas regras um tanto rígidas, o sistema não funcionaria a pleno, ainda que para cada regra existam possibilidades de negociação, de adequar-se estrategicamente a elas, como diria Bourdieu em contraposição a certas limitações de um estruturalismo ortodoxo. Tanto a pessoa (gremista, colorada, atleticana...) quanto o indivíduo (sujeito idiossincrático) possuem uma certa margem de manobra – ver-se-á, pouco a pouco – sendo importante compreendê-las em relação às orientações do clubismo.

---

<sup>51</sup> Pretendo evitar, de todo o modo, entrar no debate entre semântica e semiologia. Pelo menos no espectro do clubismo, as duas abordagens mostram-se férteis e isto é o que efetivamente importa por hora, desde que evitados os arranjos teóricos forçados.

## **2.2. O CLUBISMO BRASILEIRO COMO TRAMA SOCIAL E SIMBÓLICA**

Segundo pesquisa da agência Ibope – citada adiante - existem aproximadamente 5 milhões de colorados em todo o território brasileiro, sendo que a maior concentração está no Rio Grande do Sul, onde o Inter detém aproximadamente 37% da preferência dos torcedores. À primeira vista, isso parece óbvio, afinal o Internacional possui sua sede na capital desse estado e, a rigor, todos os clubes apresentam os maiores índices de concentração de torcedores nos estados da federação em que estão sediados. No entanto, o Flamengo, sediado no Rio de Janeiro, lidera o ranking das preferências clubísticas em vários estados do Norte e do Nordeste brasileiro, o que evidencia certa arbitrariedade na geopolítica das pertenças. Ou talvez, outras lógicas para além dela.

Ser colorado é torcer pelo time que representa o clube, mas isto não implica que não se possa desdenhar do time e dos jogadores, porém jamais do clube. O time é a representação encarnada do clube, como diria Hobsbawm (1990) um grupo de 11 atletas – para o caso do futebol, mas pode-se pensar também em outros esportes – vestidos com as cores que os vinculam a uma coletividade que os transcende. Ora, é porque o time representa o clube e este, por seu turno, representa uma comunidade de sentimento, que os torcedores protestam, dizendo-se envergonhados com determinadas performances dos jogadores ou, ao contrário, idolatrando-os. Assim, um clube não joga, tampouco os torcedores, embora estes últimos possam ser tomados como co-partícipes. Quem joga, efetivamente, são os atletas, razão pela qual o Inter, clube de futebol, precisa ter uma equipe para participar do universo do futebol espetáculo. Sem um time, os torcedores de um clube não teriam acesso ao sistema de disputas – diria mesmo que um clube de futebol sem um time é uma espécie de contradição – e, como se verá adiante, isso excluiria os torcedores dos fluxos jocosos, forma de atualização cotidiana do sistema de pertenças. Assim explica-se por que Flamengo, Vasco, Corinthians, São Paulo e Palmeiras têm muitos torcedores para além do Rio de Janeiro e de São Paulo. Eles predominam em estados em que os clubes locais não participam da primeira divisão nacional, ou seja, se os torcedores desses estados permanecessem fiéis aos clubes locais, como sugere a tendência, eles não teriam totem entre a elite futebolística. Não poderiam, portanto, participar da circulação das emoções promovidas a partir dos jogos que acontecem semanalmente, em que os times, representando as comunidades de sentimentos, perdem, empatam ou ganham.

Um clube de futebol é também uma instituição político-administrativa, mas nem por isso deixa de ser uma representação, sobretudo representação. Um clube é, nesse contexto, o mediador entre uma dada equipe de 11 atletas e um dado torcedor. Na perspectiva aqui adotada, então, um clube de futebol é tomado como mediador entre um significante (time, camiseta,

cores, bandeira, outros torcedores, etc.) e um significado (amor/ódio, paixão, entrega, fidelidade e pertencimento). Boa parte dos colorados jamais esteve no Beira-Rio, nem assistiu a um jogo de seu time ao vivo e ainda assim declaram-se torcedores do Inter, razão pela qual é usado, há algum tempo, o conceito de comunidade de sentimento imaginada (nação imaginada, portanto) para definir a coletividade dita torcedora de um dado clube de futebol. Um clube pode ser compreendido como tendo duas faces distintas, imbricadas uma na outra:

- a) Uma dimensão político-administrativa, institucionalmente constituída, a quem compete, entre outras atribuições, a organização do time que representa o clube;
- b) Uma dimensão simbólica, constituída historicamente, quer seja como entidade única (o Sport Club Internacional, de Porto Alegre), quer como parte do sistema clubístico (não existiria coloradismo/internacionalismo sem gremismo, flamenguismo e assim por diante; ou seria algo muito diverso do que é), ele próprio constituído ao longo do século XX e em permanente transformação.

No primeiro capítulo insistiu-se bastante com a importância do sistema FIFA-IB na organização do futebol como espetáculo, bem como com as diferenças entre esta matriz e os demais futebóis. Compreende-se melhor quem é o Internacional – e o que pode significar ser colorado – quando se relaciona o Inter a outros clubes que não fazem parte do ordenamento FIFA-IB e, portanto, não integra um mesmo sistema de circulação das emoções. O Banguzinho, da Vila Bom Jesus, zona Leste de Porto Alegre, também conhecido como “time do Zé Mário”, foi finalista da 10<sup>o</sup> Campeonato Municipal de Várzea de Porto Alegre, organizado pela Prefeitura da cidade, em 2002, sagrando-se vice-campeão. O vencedor foi o Academia do Morro, da vila Maria da Conceição – mais conhecida por Maria Degolada –, cujo patrono diziam ser o traficante local. Não há dúvidas de que o Banguzinho e o Academia do Morro, embora à margem do sistema FIFA-IB, possam cumprir idêntica função significativa de Grêmio e de Internacional, afinal uns e outros são capazes de pôr em evidência um conjunto de representações que transcendem o futebol. Ou ainda, eles são capazes de mobilizar dadas comunidades de pertencas, salvo as devidas proporções. A prova disso pode ser encontrada no fato dos organizadores do Municipal de Várzea solicitarem, seguidamente, reforço policial para jogos entre times de vilas rivais. Panelão, dono do Santos FC, orgulhava-se, em certa ocasião, de que, graças a sua diplomacia, a esperada guerra entre o seu time e o Academia do Morro – ambos da Vila Maria da Conceição (Degolada) – não havia acontecido, sendo o “terceiro tempo” regado à cerveja e pagode. Todavia, se o Santos e o Academia do Morro podem colocar em ação interesses extra-futebol - nesse caso boa parte da contenda é perpassada pela relação com o tráfico de drogas no Morro -, nenhum desses dois clubes existe para gremistas e colorados, pois Santos F.C, Banguzinho, Academia do Morro, Clarão da Lua e outros 300 clubes/times da matriz comunitária existem, quando muito, para o circuito porto-alegrense. A distância que separa o Sport Club Internacional do Academia



do Morro e do São José, ambos de Porto Alegre, é dada, respectivamente, pelas hierarquias existentes entre clubes que integram o sistema FIFA-IB. O Inter pertence à primeira divisão nacional e jamais enfrenta o São José, aliado deste circuito. No entanto, o São José oscila entre a primeira e a segunda divisão gaúcha, razão pela qual por vezes enfrenta o Inter. Já o Academia do Morro, dada à exclusão sumária do sistema FIFA-IB, jamais terá a oportunidade de enfrentar os outros dois clubes; a exclusão do circuito de competição determina, por extensão, a exclusão de um sistema de relações<sup>52</sup>.

Em contrapartida, o Inter encontra-se bem próximo do Flamengo, que não é de Porto Alegre, mas joga na primeira divisão nacional<sup>53</sup>. Foi no início da década de 70 que passou a existir, no Brasil, uma competição nacional, embora seu embrião date da década anterior. Em pouco mais de três décadas de disputas, mais de 300 dos 800 clubes filiados às federações estaduais, subsidiárias da CBF, já participaram deste certame, atualmente composto, em 2004, por 24 clubes na Série A, 24 na Série B e 64 na Série C. Entretanto, ver-se-á que apenas um número muito reduzido deles efetivamente interessam ao gosto dos torcedores. Ou, para não ser discriminatório com a maioria, há uma elite que concentra o pertencimento, como se pode notar nas duas primeiras colunas do **Quadro 2.1** (na seqüência), constituídas a partir de dados de pesquisas realizadas pelas agências Ibope-Lance e Placar, respectivamente.

Do ponto de vista dos clubes, a adesão dos torcedores constitui uma modalidade de capital simbólico. Um clube só é citado nas pesquisas se reconhecido entre uma extensa diversidade de agremiações, mas quando se faz a pergunta “para qual clube/time você torce” não se afere a modalidade e nem mesmo a intensidade afetiva do vínculo. O que importa aos clubes é, sobretudo, a modalidade de vínculo permanente, o pertencimento propriamente dito, uma modalidade de capital afetivo. É isso que se pode esperar de boa parte dos que reconhecem os clubes nas pesquisas de opinião, mas não de todos, pois há os que não possuem vínculo de pertença e mesmo assim manifestam sua preferência – dependendo de uma performance atual, por exemplo - e há outros cujo vínculo, embora afetivo, seja tão frouxo que o clube não poderá contar com este indivíduo para nada - não frequenta os estádios, não consome produtos com as marcas do clube e assim por diante. No entanto, ser desdenhado, como é o caso do Inter, pelos

---

<sup>52</sup> Como será explicitado no capítulo 5, há diferenças substantivas em relação à organização do sistema FIFA-IB no Brasil e na França, por exemplo. Se Porto Alegre estivesse na França, o Academia do Morro pertenceria ao mesmo sistema de disputas que o Inter, embora teriam poucas chances concretas de se enfrentarem, dado que o Inter estaria no topo e a Academia do Morro na base do mesmo sistema. Como estão no Brasil e aqui o futebol comunitário organiza-se à revelia da CBF, Inter e Academia do Morro inexistem um para o outro, ao menos do ponto de vista do clubismo.

<sup>53</sup> O Inter está igualmente distante do Boca Júnios e do River Plate, de Buenos Aires, pelo fato de que existe entre eles a fronteira nacional, mas nada impede que eles venham a enfrentar-se, pois ambos estão integrados ao sistema FIFA-IB que possui duas competições continentais agenciadas pela sua afiliada na América do Sul – a COMEBOL.

gremistas, é ao mesmo tempo uma forma de reconhecimento e de capital afetivo. O Internacional, enquanto instituição, não consegue converter diretamente a aversão dos gremistas em benefício próprio, transformando-a em capital econômico, por exemplo, ou só o conseguem muito raramente<sup>54</sup>. Indiretamente, porém, a aversão por um clube deve ser entendida como sinal de prestígio. Basta olhar para os clubes mais citados pelos torcedores e notar que, para quase todos eles, é possível indicar um arquirrival, também referido na lista dos mais lembrados. Em outros termos, no Brasil como em vários outros países, um clube só é “grande”, como dizem os torcedores, se compuser um par de contrários com outro, igualmente “grande”. Enfim, o capital afetivo de um clube não deve ser pensado apenas a partir da relação de afinidade com uma dada comunidade de sentimento, mas também em razão da aversão a ele dirigida por uma outra nação imaginada.

O apreço e o desdém são pensados aqui como capitais, pois assim torna-se mais simples a compreensão de como um clube converte, sem muito esforço, o pertencimento de seus torcedores em outras modalidades de capitais, dentre elas econômica - através da venda de ingressos, de cotas publicitárias e produtos diversos tais como: camisetas, agasalhos, uniformes de treino e *souvenirs*. Considerando-se, como afirma Bonnewitz (1997, p. 83), que “une chose existe des lors qu’on croit qu’elle existe, et inversement, elle n’existe pas si on ne croit pas à sa réalité”, é impreterível que os clubes tornem-se reconhecíveis, mas sendo eles instituições e, como tal, não dispendo da faculdade de fazer-se conhecer por conta própria, é preciso que para tal concorram seus dirigentes, atletas, mídias e, sobretudo, os próprios torcedores. Ser lembrado ou apreciado pelos torcedores é produto destas elaborações, e uma breve interpretação do quadro a seguir contribuirá para mostrar como elas são tramadas.

Nas duas colunas à direita do **Quadro 2.1**, na página seguinte, estão listados os 20 clubes brasileiros melhor posicionados segundo classificação da CBF e da Placar, a mais antiga revista especializada em circulação no país. O “ranking dos clubes”, como é denominado entre os nativos, é uma modalidade de hierarquia do capital social, referindo-se, basicamente, ao prestígio dos clubes de acordo com suas performances – posições conquistadas, títulos e assim por diante. Vale destacar que tanto o capital simbólico quanto o social são amplamente discutidos entre os torcedores e nos mídias, havendo, certamente, outras pesquisas e outros *rankings* circulando em *sites*, jornais, revistas, rádios, TVs ou mesmo na boca dos torcedores. De outra parte, é importante estar atento ao entrelaçamento desses capitais e para a reconversão de

---

<sup>54</sup> Pode parecer inusitado, mas em circunstâncias extremas não é raro notar a presença de gremistas no Beira-Rio e de colorados no Olímpico engrossando as torcidas adversárias. De um certo ponto de vista, eles estão lá para torcer para o adversário de Grêmio ou Inter, mas o que os move é, francamente, o desejo de ver derrotado o arquirrival. Este tipo de mobilização é, repito, notado apenas em circunstâncias extremas, quando um dos times está prestes à conquista de um título, por exemplo.

uns em outros. Longe de constituir uma curiosidade fútil, o entrelaçamento revela, entre outras coisas, a maneira como uma elite particular, nesse caso de clubes e de dirigentes, constitui-se e reproduz-se, justificando-se politicamente e beneficiando-se economicamente a partir dos capitais dos clubes, ou de seus apreços populares, se o leitor preferir.

**Quadro 2.1 - Capital simbólico e social dos principais clubes de futebol no Brasil**

	Capital simbólico (“ranking das torcidas”)				Capital social (“ranking dos clubes”)			
	Ibope-Lance (1998)*		Placar (2004)**		CBF (até 2003)***		Placar (até 2003)****	
	Clube	%	Clube	%	Clube	pts	Clube	pts
1	Flamengo-RJ	15,5	Flamengo	19,1	Grêmio	1.811	São Paulo	145
2	Corinthians-SP	10,8	Corinthians	14,4	Corinthians	1.715	Atlético-MG	143
3	São Paulo-SP	6,3	São Paulo	9,1	Vasco	1.695	Corinthians	129
4	Palmeiras-SP	5,5	Vasco	8,4	Atlético-MG	1.675	Inter	125
5	Vasco-RJ	4,8	Palmeiras	7,2	Flamengo	1.667	Palmeiras	124
6	Grêmio-RS	3,8	Grêmio	4,5	São Paulo	1.651	Cruzeiro	115
7	Inter-RS	3,1	Atlético-MG	4,0	Palmeiras	1.620	Grêmio	115
8	Cruzeiro-MG	2,9	Cruzeiro	3,9	Inter	1.576	Vasco	105
9	Santos-SP	2,9	Inter	2,9	Cruzeiro	1.546	Flamengo	101
10	Botafogo-RJ	2,0	Fluminense	2,7	Santos	1.417	Santos	98
11	Atlético-MG	1,7	Bahia	2,5	Guarani	1.338	Fluminense	79
12	Fluminense-RJ	1,6	Santos	2,4	Botafogo	1.293	Botafogo	69
13	Sport-PE	1,2	Botafogo	2,3	Fluminense	1.287	Guarani	60
14	Bahia-BA	0,9	Sport	1,6	Sport	1.202	Coritiba	51
15	Vitória-BA	0,6	Santa Cruz	1,5	Coritiba	1.191	Sport	40
16	Santa Cruz-PE	0,5	Fortaleza	1,3	Bahia	1.156	Portuguesa	38
17	Atlético-PR	0,4	Coritiba	1,3	Goiás	1.151	Bahia	37
18	Coritiba-PR	0,3	Atlético-PR	1,2	Portuguesa	1.150	São Caetano	30
19	Fortaleza-CE	0,3	Paysandu-PA	1,1	Vitória	1.084	Bragantino	27
20	Outros	9,9	Vitória	1,1	Atlético-PR	1.003	Ponte Preta	26
	Nenhum	25,00	Outros	7,5	Outros 322	26.526	Outros 18	177
	<b>Total</b>	<b>100%</b>	<b>Total</b>	<b>100%</b>	<b>Total pts</b>	<b>55.854</b>	<b>Total pts</b>	<b>1.834</b>

\* O Ibope entrevistou 3 mil pessoas, acima de 16 anos, entre os dias 13 e 17 de setembro de 1998, e perguntou: "Para qual time você torce?" (<http://lancenet.ig.com.br/news/pesquisa/torcida>).

\*\* Mesma pergunta do Ibope, respondida por 10.217 leitores de Placar na *home page* da revista ao longo do mês de maio de 2004 (<http://placar.abril.com.br/aberto/rankings/torcidas>).

\*\*\* A CBF atribui pontos em escala decrescente, por ordem de classificação nos campeonatos nacionais das séries A (60 ao 1º, 59 ao 2º [...]), B (a partir de 40 em escala decrescente) e C (a partir de 20), além da Copa do Brasil (50 ao 1º, 20 ao 2º, 10 aos semi-finalistas, 5 aos oitavo-finalistas, 3,2 e 1 para os trigésimo segundo-finalistas (<http://www.cbf.com.br>)).

\*\*\*\* A cada ano, o campeão brasileiro soma 10 pontos, o vice-campeão 9 e assim por diante, até o 10º colocado, que soma 1 ponto (<http://placar.abril.com.br>).

Observando o **Quadro 2.1** nota-se claramente a relação entre o capital simbólico dos clubes, definido aqui como a lembrança dos torcedores, e o capital social, declinado a partir do status galgado pelas performances dos times nas competições futebolísticas. Em que pesem as oscilações, que são o produto de metodologias de pesquisas e de classificações diferenciadas, nota-se a proeminência, em todas elas, de clubes que atualmente participam da primeira e da segunda divisão nacionais. A exceção é o Bragantino-SP, cuja 19<sup>o</sup> colocação no *ranking* de pontuação da Placar deve-se às performances do clube no início da década de 90, tendo em seguida decaído a ponto de não constar, no ano de 2004, sequer entre os clubes que disputaram a terceira divisão nacional.

Do grupo que em 1987 fundou o Clube dos Treze, justificando-se a partir da preeminência dos capitais simbólico e social – ou, para seguir os termos nativos, de terem as maiores torcidas e o melhor desempenho técnico -, a surpresa talvez seja a presença do Sport, 13<sup>o</sup> colocado na pesquisa Ibope-Lance, uma posição à frente do Bahia, fundador do Clube dos Treze, e a presença do Guarani, 11<sup>o</sup> no *ranking* de pontos da CBF e 13<sup>o</sup> no da Placar, ambos os clubes – Sport e Guarani - excluídos da composição original do Clube dos Treze. Todavia, deve-se destacar, uma vez mais, que são os capitais simbólico e social que serviram como justificativa para a criação do referido grupo corporativo que representa política e administrativamente os interesses da elite clubística do futebol brasileiro<sup>55</sup>.

Outro aspecto relevante é a hegemonia de clubes de quatro estados da Federação. Da 1<sup>a</sup> à 13<sup>a</sup> posições de quaisquer das classificações apresentadas no **Quadro 2.1**, apenas o Bahia e o Sport conseguem romper a hegemonia dos clubes situados nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Ou melhor, os clubes do Rio Grande do Sul, Grêmio e Internacional, são os que efetivamente conseguem romper a barreira simbólica e social instituída pelos clubes da região sudeste e, particularmente, pelos clubes do eixo Rio-São Paulo. Segundo a pesquisa da Placar, a única que oferece detalhamento por estado, Flamengo, Corinthians, Vasco, São Paulo e Palmeiras têm, juntos, 58,2% da preferência dos torcedores brasileiros. Este escore notável deve-se não só ao fato da região sudeste concentrar 42,65 % da população – ver **Quadro 2.2**, adiante -, mas também por esses clubes conseguirem bons escores de preferência em outros estados da Federação. O Flamengo, o “mais lembrado” no Brasil, é líder no Rio Janeiro e em todos os demais estados, à exceção de São Paulo, Minas, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Bahia, Paraná e Ceará.<sup>56</sup>

---

<sup>55</sup> Sobre a formação do Clube dos Treze cf. Helal (1997, p. 84-101).

<sup>56</sup> Segundo tabulação a partir dos que afirmam gostar de futebol, o Flamengo perde o posto de mais querido do Brasil para o Corinthians. Em pesquisas por Internet, por exemplo, realizadas por sites de agências especializadas – no caso a Placar e o Lance – e, portanto, freqüentado por um público

Ainda segundo os dados da Placar, São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul são, disparados os três estados mais “bairristas” em termos de pertencimento clubístico. Nos três, em torno de 90% dos torcedores declaram suas preferências por clubes locais. Seguem-se os pernambucanos, com aproximadamente 75% das preferências distribuídas entre Sport, Santa Cruz e Náutico – nesta ordem –; os mineiros, com mais de 60% das preferências voltadas para Atlético e Cruzeiro - praticamente empatados –; e, já abaixo dos 50%, surgem os paranaenses, cearenses e baianos. Santa Catarina é um exemplo de estado “cosmopolita” em matéria de clubismo. Mesmo tendo duas equipes na 1ª e outras duas na 2ª divisão nacional em 2004, ano de realização do registro da Placar, o melhor clube catarinense no *ranking* das torcidas é o Avaí, 7º colocado em seu próprio estado, atrás de Flamengo, Vasco, Corinthians, Internacional, Grêmio e São Paulo, respectivamente. Em razão do cosmopolitismo, o Avaí, melhor clube catarinense no *ranking* das torcidas da Placar, figura na 30ª posição geral, com 0,2% das preferências nacionais.

Estes dados não são meras curiosidades, mas devem ser lidos com cautela para que se possa abstrair algumas conclusões importantes acerca do sistema de relações entre torcedores e clubes. Eu não esperaria obter dos torcedores ditos fanáticos a anuência acerca do status de seus clubes nas pesquisas e *rankings* citados, exceto dos primeiros colocados e ainda assim com ressalvas. No entanto, em que pesem as pesquisas sobre as torcidas deixarem a desejar do ponto de vista metodológico e as classificações técnicas serem provenientes de agências do próprio meio futebolístico, está claro que a composição do sistema apresenta tendências bem demarcadas.

Uma dessas tendências é a relativa estabilidade, sobretudo no que diz respeito às preferências clubísticas. Comparando-se a pesquisa Ibope-Lance/98, referida no **Quadro 2.1**, com a pesquisa Ibope-Placar/1993, analisada alhures (DAMOa, 2002, p. 44), nota-se algumas alternâncias de posições, mas elas não são propriamente substantivas. O Grêmio, certamente em razão da boa performance no interstício das pesquisas, subiu da 12ª para a 6ª posição na preferência dos torcedores e o Fluminense, por razões inversas, despencou da 5ª para a 12ª colocação, assim como o Bahia perdeu o posto de 13º colocado para o Sport. Apesar da relativa

---

supostamente mais engajado do que aquele interpelado na rua, como no caso das pesquisa do Ibope, a tendência é que o Corinthians encurte a distância em relação ao Flamengo. Como existe, no caso das pesquisas via internet a clivagem sócio-econômica, alguns clubes que, supostamente, teriam maior densidade entre a população de usuários da net – classes média e alta, notadamente – tem melhores resultados comparativamente à clivagem do Ibope. É o caso do Fluminense, que ascende, e do Flamengo, que descende. Como estas amostragens são demasiado restritas não é permitido aferições confiáveis a este respeito, à exceção, talvez, da notável queda do Flamengo quando se passa, conforme o Ibope-Lance/98, das faixa de até 2 salários mínimos – liderança com 15%, seguido pelo Corinthians, com 7% ; para a faixa dos que recebem mais de 5 salários – liderança do Corinthians com 15%, com o Flamengo em segundo com 14%.<<http://lancenet.ig.com.br/news/pesquisa>> Acesso em: 7/09/2004) .

estabilidade, o sistema possui alterações, dadas principalmente pela performance dos times e pela entrada de novos torcedores no clubismo. Como as pesquisas não discriminam o grau de interesse pelo futebol entre o público entrevistado, até porque isto é relativamente difícil de ser feito, embora possível, a tendência é que entrem na computação as preferências de uma parcela da população cujo pertencimento é frouxo o suficiente para oscilar conforme as performances situacionais – e, portanto, de acordo com a exposição midiática – dos times que representam os clubes. Desse modo, estas oscilações são difíceis de serem notadas de uma temporada a outra. Apenas um ciclo prolongado de maus resultados pode fazer o prestígio de um clube declinar, como parece ter sido o caso do Fluminense, a partir da segunda metade da década de 90, e do Flamengo, nos últimos anos, que perdeu terreno e tem ameaçada a condição de “mais querido do Brasil” pelo Corinthians.

Entretanto, mais difícil do que galgar posições em termos de capital social é ascender na preferência dos torcedores, o que deixa claro que só visibilidade e performance futebolísticas não bastam. A totemização é um processo bem mais complexo, haja visto que as excelentes performances do São Caetano, desde 1999 para cá, rendeu-lhe a 18ª posição no ranking dos clubes da Placar, mas isto não correspondeu a um aumento expressivo de sua torcida, não ocupando o clube sequer uma posição entre os 60 nomeados pela consulta aos internautas realizadas em 2004 pela mesma Placar. O São Caetano é, disparado, em termos de capital social - conhecimento e reconhecimento por parte do público -, o pior desempenho entre todos os clubes que disputaram a primeira divisão nacional nos últimos 5 anos, em que pese ter chegado duas vezes à decisão do certame. Já a concentração do interesse por clubes do eixo Rio-São Paulo não pode ser compreendida sem considerar que o clubismo não é alheio às variáveis sócio-econômicas, mas tramado a elas, de tal modo que será preciso o auxílio do quadro a seguir para acessar certas tendências.

**Quadro 2.2 - PIB e performances dos clubes por região**

	<b>PIB</b>	<b>série A</b>	<b>série B</b>	<b>A(x2)+B</b>	<b>população</b>	<b>torcidas</b>
<b>Sudeste</b>	57,12	52,67	26,47	45,33	42,65	75,2
<b>Sul</b>	17,80	27,48	19,61	25,27	14,78	11,1
<b>Nordeste</b>	13,12	10,69	30,39	16,21	28,12	10,4
<b>Centro-Oeste</b>	7,20	6,11	12,75	7,97	6,85	1,4
<b>Norte</b>	4,76	3,05	10,78	5,22	7,60	1,9
	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: Os dados referentes ao PIB e à população brasileira foram obtidos junto ao IBGE (senso 2000). Os dados sobre a divisão das torcidas por região são da Placar (2004), já referidas no **Quadro 2.1**. A distribuição dos clubes das séries A e B, por região, foi realizada pelo autor conforme explicação na seqüência do texto.

Existe uma correlação estreita entre a distribuição regional do PIB brasileiro e a segmentação, da elite clubística, pelos mesmos critérios. Em um universo de mais de 500 clubes filiados às subsidiárias da CBF, ao sistema FIFA-IB, portanto, estar na Série A ou B – 24 equipes disputaram cada um dos circuitos em 2004 – é pertencer a um seletivo grupo de status elevado. Na série A, por exemplo, encontravam-se todos os fundadores do Clube dos Treze, à exceção do Bahia, e outros dentre os mais lembrados pelos torcedores. O status de um clube é definido pelo circuito de disputas de que participa e será tanto mais elevado quanto mais poderosos forem considerados seus adversários – algo como: “diga-me contra quem joga e te direi quem és!” A partir daí, nota-se como o Grêmio e o Inter estão próximos um do outro, do contrário não seriam arquivais – ou porque são arquivais mantêm-se próximos, em que pese o Grêmio tenha sido rebaixado à segunda divisão em 2004. De outra parte, ambos estão muito distantes do Banguzinho, do Zé Mario, e do Santos FC, do Panelão, clubes do circuito comunitário portolegrense. Este argumento revela claramente os meandros da meritocracia esportiva. Por outro lado, mostra como existe, por trás da aparente equiparação de forças entre os competidores de um dado campeonato, condição indispensável para que o ritual disjuntivo tenha eficácia simbólica<sup>57</sup> e para que o sistema de disputas se pareça democrático, um dispositivo que hierarquiza e igualitariza previamente as disputas. Do contrário ficaria muito claro que as chances não são iguais para todos, quer dizer, o jogo “perderia a graça”, “deixaria de ser um jogo”, etc.

O circuito integrado pela elite dos clubes brasileiros, sobretudo a Série A, reproduz a concentração da riqueza produzida no Brasil. Basta comparar a coluna do PIB com a 2<sup>a</sup>, a 3<sup>a</sup> e a 4<sup>a</sup> colunas do **Quadro 2.2**, nas quais constam as distribuições percentuais dos clubes a partir das regiões em que estão sediados. Para compor as três colunas referidas, foram considerados os 5 últimos campeonatos brasileiros da 1<sup>a</sup> divisão (2000/01/02/03/04) e os quatro últimos da 2<sup>a</sup> (2001/02/03/04). A quarta coluna “A(x2+B)” é uma composição reunindo os clubes de 1<sup>a</sup> e 2<sup>a</sup> divisões, atribuindo-se, no entanto, um peso duas vezes maior para a participação na Série A. Esta composição é, sem dúvidas, a mais coerente em relação à performance dos clubes nordestinos. De qualquer modo, todas as três colunas tendem a variações conforme a passagem dos clubes de uma divisão a outra, mas como a quantidade de ascensos e descensos é reduzida – menos de 20% dos participantes por temporada – os percentuais não apresentam variações expressivas de ano a ano, sobretudo na coluna “A(x2)B”. Assim como a progressão do PIB e o

---

<sup>57</sup> Quer dizer: um jogo só possui interesse se, no princípio, as equipes disputantes parecerem equilibradas, ainda que não o sejam completamente, pois do contrário não haverá tensão e expectativa em relação ao desfecho da partida. Para que haja disjunção é preciso que, primeiramente, exista a conjunção, daí porque o empate (simetria) é o ponto de partida para apontar-se um vencedor e um vencido (assimetria).

crescimento populacional seguem pequenas flutuações em termos das distribuições regionais, o mesmo ocorre com a performance dos clubes. A distribuição regional da elite mantém-se estável do ponto de vista hierárquico, sendo a alta presença de clubes da Região Sul na Série A o dado mais discrepante, mas seria preciso incluir uma série maior de competições – dez campeonatos, ao menos – para se partir, então, em busca de explicações.<sup>58</sup> Como se pode notar ainda, a ordenação da Série A está mais próxima do PIB do que da distribuição populacional, enquanto a distribuição das torcidas por região – coluna mais à direita – resulta arbitrária, dada a excessiva concentração em clubes da região Sudeste – Flamengo, Corinthians, Vasco, São Paulo e Palmeiras, sobretudo. Esse fenômeno deve ser interpretado em duas direções distintas.

A primeira delas enfatizando a existência de uma correlação entre o capital econômico, nesse caso a concentração da riqueza no Sul e no Sudeste – juntos, os sete estados acumulam em torno de 75% do PIB, embora tenham menos de 60% da população -, com a performance dos clubes destes estados – juntos, Sul e Sudeste detêm 80% da participação na Série A do brasileiro. Tudo indica, portanto, haver uma injeção de recursos financeiros nos clubes proporcional às riquezas regionais e a subsequente reconversão deste capital econômico em capital social, dado pela participação dos respectivos clubes no circuito mais prestigiado do futebol nacional. Não por acaso, os clubes das regiões Sul e Sudeste constituem 85% dos 20 clubes melhor posicionados no “ranking de clubes” da CBF e 90% no da Placar - **Quadro 2.1**. Como a participação neste circuito é condição para se ter apreço entre os torcedores – dentre os 30 clubes de maior torcida, segundo a Placar, apenas o Botafogo-SP não constava na disputa da Série A e B em 2004 –, e o apreço é uma modalidade de capital, afetivo e/ou simbólico, tem-se uma constante reconversão de capitais. Essas reconversões não se dão mecanicamente, razão pela qual nota-se um crescente investimento dos clubes em estratégias e estrategistas visando aprimorá-las, com a criação de museus, departamentos consulares e com campanhas visando consolidar o pertencimento, como é o caso do projeto “Criança Colorada” – ver capítulo 6.

A segunda razão para a discrepância em relação à concentração do interesse dos brasileiros por clubes do eixo Rio-São Paulo, e não mais da região Sudeste, deve ser buscada no processo de constituição do público voltado ao futebol de espetáculo, um processo que, como afirma Leite Lopes (1994), é constitutivo do processo de profissionalização do futebol brasileiro,

---

<sup>58</sup> O que impede que isso seja feito são os arranjos – também chamados de “viradas de mesa” – freqüentes na composição das séries A e B. Se fosse feita uma composição a partir dos 10 últimos anos, além dos critérios técnicos haveria embutido o poder político, não raro pessoalizado, de um ou outro dirigente de clube e/ou federação que, por força de sua influência, incluiu seu clube e por vezes arrastou outros para as disputas nacionais. Antes de afirmar que isso seja irrelevante ou que deva ser descartado na medida em que mostraria, supostamente, “a outra face do futebol”, sugiro que, oportunamente, seja investigado separadamente. Os jogos de poder entre os dirigentes de futebol devem ser levados tão a sério que merecem um tratamento diferenciado em outro momento e por outros trabalhos.



com intensa participação dos mídias esportivos. Há outros pormenores que merecem explicações, como é o caso do já referido “cosmopolitismo” dos catarinenses e as preferências divididas dos paranaenses entre clubes de seu estado e do estado vizinho, São Paulo. A tendência parece clara, apesar dos catarinenses estarem na contramão: deve-se torcer por clubes locais, mas se nenhum deles participar da elite do futebol e você gosta de futebol de espetáculo, então você pode escolher um clube de outra praça, pois para participar intensamente é preciso engajar-se – se você não tem galo em Bali e gosta de rinhas, pode associar-se aos galos dos outros, mas tanto lá quanto aqui há certas regras que convém respeitar<sup>59</sup>.

O sistema de pertencas, no conjunto, funciona à maneira do totemismo, de modo que a tendência, para o caso daqueles cujos totens da cidade ou do estado não fazem parte da elite, é escolher entre aqueles que dela participam. Essa tendência explica por que os torcedores do Norte, Centro-Oeste e boa parte do Nordeste torcem por clubes de outras regiões – da região Sudeste e por Flamengo e Vasco em particular, conforme dados da Placar. Embora seja constante a presença de clubes destes estados na divisão de elite, há um revezamento entre eles, sendo que um clube dificilmente permanece entre os estabelecidos por um longo período. Já o mesmo não se pode dizer de Flamengo, Vasco, Corinthians e outros que sempre estiveram entre a elite. A regra é genérica, com tantas exceções quantas se possa imaginar, mas de qualquer sorte expressa uma tendência, e ver-se-á adiante como é importante torcer por um clube e por que não se recomenda a mudança de clube em decorrência das flutuações performáticas.

Se fosse o caso de investigar apenas a questão do clubismo, dever-se-ia ampliar os olhares em ao menos duas perspectivas. Uma delas seria a comparação com os sistemas clubísticos de outros Estados-nações<sup>60</sup>. Na medida em que o futebol agenciado pela FIFA-IB é organizado com respeito às fronteiras dos Estados-nações, a constituição e a dinâmica do clubismo brasileiro deveria ser comparada aos equivalentes espanhol, italiano, inglês e argentino, entre outros, com os quais há compatibilidades, mas também com o sistema francês, por exemplo, no qual existe apenas um clube de destaque por cidade, razão pela qual as rivalidades mais acirradas são entre clubes de cidades diferentes, como OM versus PSG (Marseille versus Paris), OM versus Nice (Marseille versus Nice) e assim por diante. Uma segunda possibilidade seria ampliar os

---

<sup>59</sup> Sobre a briga de galos em Bali cf. Geertz (1989).

<sup>60</sup> O caso da organização do futebol na Espanha é paradigmático nesse sentido. Assim como no Brasil, o futebol se organiza por estados, a Real Federación Española de Fútbol (RFEF) congrega duas dezenas de entidades de diferentes regiões. A Federació Catalana de Futbol, fundada em 1900, é mais antiga do que a RFEF e “la llengua catalana, com a llengua pròpia de Catalunya, ho és també de la Federació Catalana de Futbol”. E o mesmo exemplo é seguido pela Euskadiko Futbol Federakundea (Federación Vasca de Fútbol), entre outras. Com a autorização da RFEF, a seleção catalã pode realizar anualmente um jogo amistoso contra outra seleção nacional, mas esta permissão não se estende à participação em competições organizadas pela FIFA (caso das copas do mundo) ou por suas afiliadas, como a UEFA (organizadora da Euro Copa). Cf. (<http://www.football.nethut.no/fn/esp>).

horizontes do sistema para dentro das fronteiras nacionais. Nesse caso, teríamos que investigar, no Brasil, não apenas os totens nacionais, aqueles que são referidos nas pesquisas quando se pergunta pelo clube/time do coração, pois está dado que esta pergunta refere-se à elite clubística. Há clubes que participam apenas dos circuitos estaduais e há ainda os clubes que integram tão somente os circuitos semi-profissionais ou amadores, aqui denominados de comunitários. Tais circuitos são ainda mais localizados, podendo circunscrever-se a um município, cidade, vila ou bairro.

O clubismo é produto das operações simbólicas de demarcação de fronteiras, de classificações, divisões e segmentações diversas. Ele não pode ser compreendido à mercê das teorizações do simbólico, ainda que o ponto de partida aqui adotado seja a trama social e, portanto, um modelo concreto, para evitar as generalizações precipitadas num terreno que ainda há muito para ser investigado. Não há espaço para se abordar o clubismo com exclusividade neste trabalho, razão pela qual muito do que poderia ser dito terá que ser feito em outro momento. Daqui por diante, vou me deter, portanto, naquele que considero o elemento estruturante do sistema: a fidelidade.

O futebol de espetáculo no Brasil é um sistema no qual estão tramados elementos das mais diferentes matizes. Isso não é exclusividade nossa, mas ela revela as razões pelas quais o futebol é tão apreciado no Brasil: ele está tramado à economia, à sociedade, à cultura e, como não poderia deixar de ser, às identidades locais, regionais e nacionais. A trama revela que o futebol é um campo interessante para se pensar a maneira como operacionalizamos nossos pertencimentos mais alargados, como é o caso das categorias “região” e “nação”<sup>61</sup>. É preciso

---

<sup>61</sup> Conhecido slogan “onde a Arena vai mal, um clube no nacional” tem sido referido, quase sempre de maneira superficial, como indicativo das ingerências dos militares no futebol à maneira como intervieram em outros segmentos da sociedade brasileira e, via de regra, a referida intervenção tem sido condenada sem que se tenha prestado a devida atenção. Em primeiro lugar, é um erro pensar que os esportes constituem um segmento a parte da sociedade, razão pela qual deve-se estar atento para as interfaces entre esporte e sociedade. Assim como o governo Lula interveio através do estatuto do torcedor, os militares apropriaram-se da CBD (antiga CBF) e a partir dela exerceram suas influências. O interessante nesse caso é pensar o processo de nacionalização das disputas futebolísticas - ocorrida nos anos de chumbo, em 1971, para ser exato - como uma idéia de “brasil”. Seria interessante de se pensar, na esteira do que há muito sugeriu DaMatta (1979; 1982), de que forma instituições ou sistemas simbólicos aparentemente periféricos, como o futebol, contribuem para fixar determinadas fronteiras, conceitos e preconceitos. É nesse sentido, portanto, que eu imagino que a intervenção militar deveria ser pensada, como uma tentativa de manipular noções de “brasil” e de “brasilidade”, e não como uma simples intromissão em um campo que não lhes dizia respeito. Veja-se, por exemplo, que o governo Lula exigiu da CBF a definição do calendário das competições, o respeito aos regulamentos – com o fim das “viradas de mesa” – e assim por diante, todas ou quase todas justificadas nos valores de transparência, estabilidade, democracia e participação popular. Os militares incluíram o Acre, o Mato Grosso e o Amazonas em um campeonato nacional de 96 equipes em 1979, contrariando a meritocracia esportiva a partir de um outro argumento, o da representatividade de todos os brasileiros, que por seu turno encobria um argumento oculto: os interesses eleitoreiros.

seguir em frente, mostrando como os indivíduos entram nessa trama na medida em que se convertem em torcedores.

### **2.3 A FIDELIDADE, AMÁLGAMA DO CLUBISMO**

Uma das características do público futebolístico é o engajamento, não custa reiterar. Se o amor ao clube é incondicional, a relação com o time que o representa, em contrapartida, está sujeita a oscilações. Quando o time joga mal os torcedores vão, xingam, fazem ameaças aos atletas, técnico, dirigentes, enfim, a todos os que se acredita tenham responsabilidade direta sobre o sofrimento, e depois cantam o hino do clube. Se o time apresenta uma série de resultados negativos a tendência é o esvaziamento do estádio, indicando o arrefecimento das paixões. Se o time vai mal ao ponto de comprometer o status do clube, ameaçando-o de rebaixamento, por exemplo, então os torcedores podem vir a ser mobilizados, lotando o estádio para “empurrar” o time. Mas é certamente quando este vence, e sobretudo quando vence em série e torna-se concorrente a um título, que a paixão inflama. A performance do time oscila e a libido dos torcedores também, mas o que importa, como traço distintivo do clubismo, é que eles não deixam de ser fiéis ao clube. Trata-se, portanto, de um público cativo. Por quê?

#### **2.3.1. Diletantismo, clubismo e a invenção do amor eterno**

É preciso considerar de antemão que a fidelidade é um valor cultural historicamente constituído. O clubismo não é alheio ao romantismo e uma das evidências pode ser encontrada observando-se o conjunto dos 20 clubes preferidos pelos torcedores brasileiros: boa parte deles são centenários e todos foram fundados nos tempos do amadorismo, entre a virada do século passado e os anos 30, no mais tardar. Em outras palavras, o clubismo - por analogia a nacionalismo e partidarismo, por exemplo, sendo o gremismo, o coloradismo, o flamenguismo e os outros “ismos” um desdobramento, uma particularidade – é mais compreensível se pensado como um desdobramento do romantismo, de quem o amadorismo esportivo herdou parte de sua ideologia.

A sociogênese do clubismo esportivo, do qual o futebolístico é uma variante, não diferiu, em linhas gerais, de um movimento amplo ocorrido ao longo do século XIX, com epicentro na Inglaterra, que promoveu a invenção massiva de novas formas de sociabilidade a meio caminho entre o público e o privado. Clubes de futebol, de *rugby*, dos amantes de grego antigo, de recitadores, poetas e outros mais são, de um certo ponto de vista, uma só coisa. Como bem os interpreta Hobsbawm (1984), trata-se de um processo de invenção em massa de tradições, algo

impulsionado pela juventude burguesa que não tardou a se disseminar entre as camadas populares.<sup>62</sup>

O processo de disseminação dessas formas de sociabilidade tipicamente burguesas entre as camadas populares não mereceu até o presente a atenção devida, quer dizer, estudos pormenorizados mostrando como um mesmo dispositivo transpôs as fronteiras de classe, etnia, religião, raça e outras mais.<sup>63</sup> O clubismo, enquanto um dispositivo gregário, atravessa várias fronteiras de maneira que é preciso estar atento para notá-lo mesmo quando ele muda de nome. No presente, existe um abismo separando o Internacional do Corinthians da Praça Tamandaré, clube/time de várzea de Porto Alegre, adversário do Banguzinho do Zé Mário, já referido tantas vezes. Se fosse possível retroceder na existência do Inter, o que exigiria uma retrospectiva historiográfica em direção às primeiras décadas do século XX, diria então que o abismo já não passa de um fosso. E se contextualizadas as diferenças entre os sócios-fundadores do Internacional e os que integram o Corinthians da Tamandaré, freqüentado por homens de classe média/média-baixa, diria que eles estarão ainda mais próximos.

Servindo-me do futebol comunitário para marcar as diferenças e as similitudes, não seria despropositado dizer que Morel, do Corinthians, assim como Zé Mario e seus parceiros de Banguzinho, Panelão e outros tantos possuem um militantismo futebolístico nos moldes dos sócios-fundadores do Inter, ainda que quase um século os separe. É possível estabelecer

---

<sup>62</sup> Sobre o frenesi esportivo entre a juventude burguesa no princípio do século XX cf., entre outros, Sevckenko (1998), para o caso de São Paulo; Mascarenhas (1999), Melo (1999) e Pereira (2000, p. 21-87) para o Rio de Janeiro, este último voltado ao futebol e os demais abarcando a diversidade dos *sports*.

<sup>63</sup> Um dos trabalhos historiográficos mais elucidativos a respeito é sem dúvidas o de Frydenberg, tratando da invenção massiva de clubes de futebol em Buenos Aires no princípio do século XX. “Para ser un *footballer* fue suficiente ser miembro de un club, y no fue necesario saber jugar al fútbol. Cuando once jóvenes se agrupaban formando un equipo, dedicaban su tiempo en fundar un club, eligiendo su nombre, sus dirigentes, el diseño de su sello, etc. Aquí se puede apreciar el nacimiento del equipo-club. Un club creado para formar un equipo y poder así competir con otros semejantes en el espacio del fútbol aficionado. [...] Cuanto más socios, más recursos para engrandecer la institución. La diferencia con los clubes de la elite o de la colonia inglesa fue notable pues estos hicieron de la restricción y selección un valor. Contrariamente, los nuevos clubes debieron ensachar su base social de apoyo como forma de sobrevivir y si fuera posible, crecer” (1997, p. 10). Como já referido por mim alhures, “o impulso competitivo, o desejo de colocar em jogo as diferenças, quaisquer que fossem, converge no incremento dos clubes e na formação de ligas paralelas. A diferença entre os clubes de elite e os também chamados clubes-equipes estava na orientação dispar quanto à aceitação de novos sócios. Enquanto os primeiros optaram pela seleção rigorosa como um critério de preservar a identidade da instituição e do grupo, os segundos adotaram a perspectiva oposta que, com o advento do profissionalismo, mostrar-se-ia decisiva quanto à sobrevivência dos próprios clubes. O que se passa ao longo da popularização é uma inversão valorativa do ideário clubístico, a partir da qual a diversidade e até mesmo a quantidade de aficcionados sobrepõem-se à homogeneidade e à seletividade característica dos clubes de elite. Nessa perspectiva, a tendência foi a concentração da elite dirigente - que migrou da prática para a administração dos clubes, processo denominado ‘democratização funcional do futebol’ - e até mesmo dos torcedores em torno de um número bastante reduzido de clubes que, no decorrer do processo, constituíram os atuais ‘grandes clubes’ e as ‘grandes torcidas’ do futebol brasileiro” (DAMO, 2002a, p. 43). O tema da democratização funcional do futebol brasileiro será retomado oportunamente, no capítulo 9, especialmente.

paralelos entre as atitudes de uns e outros, sobretudo quando se trata da devoção ao clube, uma modalidade de entrega aparentemente gratuita, dispendiosa – sob vários aspectos -, própria dos diletantes.<sup>64</sup> Pretendendo-se estabelecer os nexos históricos para o modo como os torcedores entregam-se à paixão pelos seus clubes, exigindo o mesmo de seus atletas, tais não deveriam deixar de ser matizados pelo diletantismo, próprio do romantismo<sup>65</sup>.

É notável, no entanto, que enquanto o romantismo em geral declinou ao longo do século XX, o amor aos clubes expandiu-se. O que aproxima um e outro é uma espécie de prazer decorrente da entrega, de dar-se por inteiro, sem restrições, de dar-se à morte, de morrer por amor ou de amor – ou de tuberculose, como Álvares de Azevedo. Há qualquer coisa de romântico no amor que o soldado demonstra pela Pátria, entregando-lhe a própria vida.<sup>66</sup> E não há menos romantismo nos torcedores do Grêmio quando cantam “até a pé nós iremos, para o que der e vier”, seguidamente quando o time perde. E o que dizer do hino do Flamengo, reproduzido na íntegra anteriormente? Se há, no presente, um mal estar no clubismo, do qual quase a unanimidade dos torcedores ressentem-se, este se deve à escalada mercantilista que incrementou a circulação de atletas, enquanto os fiéis torcedores permanecem presos a seus clubes, alegrando-se, mas também sofrendo com seus times. Daí a razão para as acusações de mercenários, a ira, as ameaças, a violência física e outras atitudes que não podem ser entendidas sem compreender que a fidelidade implica em expectativa de retribuição.

---

<sup>64</sup> Lembro de Zé Mário, na SME, a queixar-se com o professor Tóvi, de que estaria gastando todo o seu tempo, seu dinheiro, seu carro, com a tal da várzea. Para ter um time respeitável – e se não fosse para tanto ele dizia que não valia a pena sair de casa – era preciso ter bons jogadores, o que só lhe era possível se pagasse cerveja, churrasco e o transporte. Manter o Banguzinho custava-lhe muito esforço, havia de fechar o bar ou deixá-lo aos cuidados da mulher e do sogro, que por conta disso já haviam tomado conta da casa. Uma ladainha interminável ao final da qual Tóvi perguntou-lhe: “tá bem, Zé Mário, o que tu quer afinal? Uma bola, tá bom?” Depois de recebê-la, Zé Mário despediu-se. Eu estava um tanto perplexo pela prontidão de Tóvi, pela maneira como ele havia captado o sentido da narrativa de Zé Mário, enfim, um pouco desconcertado pelo fato de que o episódio tivesse lugar numa secretaria administrada pelo PT. Com o tempo, aprendi com Tóvi a interpretar essas queixas intermináveis que, a rigor, são dispositivos de barganha. “Nós precisamos dele, ele faz um bom trabalho lá na Vila. Comparado aos outros, o Zé Mário é fichinha. Mas tá sempre reclamando de uma coisa ou outra. Por que ele não larga a várzea? Ele não consegue, é a vida dele. Mas se a gente não der nada, ele baterá em outra porta, entendeu?” Lembrei-me então que Zé Mário havia referido - como ouvi de Panelão e muitos outros - ser o futebol de várzea a sua cachaça. Um vício, certamente, algo que lhe escapa ao controle, que lhe excita, algo pelo qual faz muito, sem que consiga justificar-se ao certo: os gastos, o tempo desperdiçado, o distanciamento da família; em certo sentido, a devoção à bebida e ao futebol são paralelas. E, no entanto, todos sabem quem é o Zé Mário na vila Bom Jesus, na SME, no circuito da várzea, enfim, sua entrega não é completamente em vão.

<sup>65</sup> Nessa perspectiva, Bourdieu (1999a, p. 274) aproxima as atitudes de poetas, estetas e dândis, estes últimos incorporados à cena esportiva, como mostra a literatura já referida em nota anterior, dando conta da disseminação dos *sports* no Brasil. Uns e outros são personagens diletantes, característicos da cena urbana, com epicentro na Europa, no final do século XIX.

<sup>66</sup> Para um tratamento sucinto acerca dos sentimentos afetivos e dos simbolismos que perpassam as fronteiras entre o tradicional e o moderno, o clã e a nação, o totem e a bandeira, entre outros, cf. outra vez Oliven (1992, p. 13-29).

O que marca a diferença entre o Banguzinho e o Inter, para retomar o clubismo pelas diferenças, e com um argumento em diacronia, é que este último foi criando num período em que o clubismo era um modismo, uma novidade glamourosa, em que o próprio futebol era uma prática em processo de disseminação, ao passo que Zé Mário é um dândi da várzea, da vila Bom Jesus, que circula com seu time por esses campos mal preservados. Como o Inter e o Grêmio, existiram outros clubes em Porto Alegre voltados à prática do futebol, mas quase todos sucumbiram, um após o outro, alguns sem deixar rastros. O que está claro, observando-se a elite clubística nacional, é o fato de que tais clubes só chegaram a ser o que são graças à militância de seus associados e dirigentes que, acionando suas redes de relações, conseguiram drenar visibilidade, prestígio, dinheiro e outros capitais para os clubes, dentre os quais os títulos propriamente futebolísticos. Drenar capitais para o Banguzinho é uma das dificuldades de Zé Mário, razão pela qual seus limites são claros: no circuito comunitário porto-alegrense, o Banguzinho não é “um qualquer”, mas ele não será jamais um clube como o Inter, isso todos sabem. O que deve ser acrescentado é que além das limitações das redes as quais Zé Mário consegue acionar, o que está em jogo, quando se trata de pertencer ao circuito nacional, onde está inserido o Inter, é um operador simbólico limitando a inclusão de novos clubes.

Assim como no totemismo clássico há espaço para muitos bichos, mas não para todos (Lévi-Strauss, 1975, p. 96), pois o interesse não é classificar os bichos, mas usá-los para pensar as classificações sociais, o clubismo escolhe entre a diversidade de clubes aqueles que são os melhores para se pensar, com a diferença, em relação às espécies animais e vegetais, que os clubes são também instituições pelas quais militam diletantes e interesseiros. Assim explica-se por que alguns clubes foram desaparecendo com o processo de nacionalização do futebol, como o Cruzeiro, de Porto Alegre, ou perderam força, como o América-RJ, o Bangu, o América-MG, entre outros. A nacionalização das disputas calcada nos modelos europeus – e não no da Arena, por certo - limita a participação de clubes de forma completamente arbitrária. Por que 20, 24 ou 26? Para haver equilíbrio, talvez; mas não há critério isento nesta opção. Muitas cidades e estados não dispõem de PIB suficiente para sustentar um único clube entre a elite, outros podem sustentar até três ou quatro, como está claro a partir da concentração de clubes das regiões Sul e Sudeste. Em função desse princípio, o sistema de disputas acaba contemplando determinadas relações, mas não todas. A cidade de Criciúma, em Santa Catarina, voltou-se para o clube homônimo, deixando para trás o Próspera e o Metropol. Assim sendo, concentrou os capitais em um único clube, oscilando entre a 1ª e a 2ª divisão nacional. Em Pelotas, no entanto, os torcedores seguem interessados pela rivalidade Bra-Pel e também por isso nem Brasil e nem Pelotas conseguem chegar à 2ª divisão do brasileiro. Mas que diferença isto faz se o Bra-Pel é bom para se pensar as diferenças locais? O Bento Freitas e a Boca do Lobo, estádios de Brasil e

Pelotas, respectivamente, são seguidamente lotados, contrastando com a tendência nacional, constituindo um exemplo - quase isolado, é verdade - de como não existe uma única lógica no clubismo.

Se, adequando a expressão lévi-straussiana para o clubismo, os clubes são bons para torcer porque são bons para se pensar, na medida em que representam comunidades de sentimento, há limitações impostas pelo sistema de disputas propriamente futebolístico, impedindo, por exemplo, que todos joguem contra todos. Considerando-se a lógica que preside o ordenamento das disputas propriamente futebolísticas – quantos clubes haverá na 1ª divisão, como eles vão se enfrentar, etc. -, a hipótese aqui sustentada é de que as divisões hierárquicas não existem apenas para equilibrar as disputas, mas é porque se deseja ver disputas equilibradas é que elas se fazem necessárias. E, sobretudo, as hierarquias usadas para equilibrar as disputas também se prestam para estabelecer nexos entre as comunidades de sentimento as quais os clubes/times representam.

Há, portanto, verossimilhança entre o sistema clubístico e outras modalidades de segmentação política, social e econômica. O Banguzinho, do Zé Mario, joga contra e, portanto, relaciona-se, com outros clubes comunitários de Porto Alegre. Eles integram um sistema - clubismo comunitário porto-alegrense – e ao fazê-lo consubstanciam dadas percepções e representações do mundo ou, para não parecer exagero, uma dada percepção da cidade, afinal a disputa do Municipal de Várzea, organizada pela SME, seguiu até 2004 a lógica das 16 micro-regiões do Orçamento Participativo, contribuindo, em certa medida, para assentar uma dada divisão da cidade instaurada pela Administração Popular. Em outras palavras, ao disputar-se o Municipal de Várzea incorporava-se, em alguma medida, a idéia de que o Orçamento Participativo tornara-se o princípio orientador das visões e divisões das ações governamentais, dos pertencimentos, da sociabilidade e assim por diante.

O São José, do bairro Passo d'Areia, não disputa o Municipal de Várzea porto-alegrense, mas tampouco participa da 1ª e 2ª divisão nacional. Apenas Grêmio e Inter têm tal privilégio e a presença deles parece ser suficiente não apenas para os porto-alegrenses, senão que para os gaúchos, radicados ou não no Rio Grande Sul, pensarem-se a partir do clubismo – o Juventude, que se consolidou futebolisticamente nos últimos anos, tem apenas 1% das preferências clubísticas entre os gaúchos, segundo dados da Placar. O clubismo brasileiro poderia ser apreendido em diacronia e tal perspectiva revelaria como as rivalidades mais densas, que são exatamente aquelas que tornaram os clubes mais possantes, foram sendo constituídas. Não se pode entender o Internacional sem compreender o Grêmio; sem compreender a díade Gre-Nal, portanto. É interessante retomar a história para se compreender por que Grêmio e Inter constituíram uma díade particular, quando poderiam constar quaisquer outros clubes em seus

lugares. Entretanto, a razão que justifica a díade deve ser buscada em outra parte. Até poderia ser evocada a “tradição sul-rio-grandense”, a maneira peculiar como a identidade regional foi constituída, à verossimilhança dos conflitos e, portanto, propensas à lógica agonística, às díades, aos contrários<sup>67</sup>. Em outros centros, como Rio de Janeiro, São Paulo e Recife, por exemplo, as rivalidades operam também a partir de tríades ou mais combinações, mas no geral são as díades que predominam, em grande parte porque o próprio jogo possui uma estrutura agonística que favorece as relações duais.

Não se deve imaginar que a rivalidade Gre-Nal existe porque Grêmio e Inter competem em igualdade de condições, mas antes o contrário. É porque são rivais que seus dirigentes são forçados a constituir times equiparados, os atletas obrigados a jogar a morrer, os mídias acusados de parcialidade e cada menino instigado a amar um e a odiar o outro, desde tenra idade. Grêmio e Inter tornaram-se rivais, tão rivais a ponto de terem transposto as fronteiras locais e regionais, posicionando-se entre os principais clubes em ambos os *rankings* referidos no **Quadro 2.1**. Segundo a pesquisa da Placar, 88% dos torcedores sul-rio-grandenses torciam pela dupla Gre-Nal em 2004 – 51% para o Grêmio e 37% para o Inter. Só os paulistas e os cariocas são mais bairristas do que os gaúchos em relação ao clubismo, mas deve-se considerar que há 4 clubes de elite em cada um desses estados, o que reforça o argumento de que no Rio Grande do Sul a rivalidade Gre-Nal transcende o futebol. Seja como for, a rivalidade Gre-Nal constitui-se numa díade quase ideal, razão pela qual o Rio Grande do Sul e Porto Alegre são universos concretos bons para se pensar um modelo de tipo ideal, no sentido weberiano do termo. Aqui, se um clube é dos brancos o outro será necessariamente dos negros, se um é elite o outro será popular, se um é representado pelo mosqueteiro o outro é pelo saci e não seria exagero dizer que, para muitos sul-rio-grandenses, azul e vermelha são (tornaram-se) cores opostas.

### **2.3.2. A circulação das emoções entre torcedores de clubes rivais**

É possível considerar um sujeito plenamente socializado para o futebol de espetáculo quando ele tiver experimentado as oscilações decorrentes do fato de pertencer a um clube de futebol. Seria dizer o mesmo se afirmado que um torcedor sentirá a pleno o que significa torcer quando experimentar trocar de clube e perceber que isso é demasiadamente custoso ou ainda, tentando gostar de outro, sentir-se tocado pelo antigo clube do coração. A fidelidade é

---

<sup>67</sup> Sobre isso cf. Oliven (1992). Cf. tb. a interpretação de Guazzelli (2002) para um jogo realizado em 1972 entre a seleção brasileira e a seleção gaúcha, com mais de 100 mil presentes no Beira-Rio, recorde histórico.



estruturante do clubismo e seu amálgama é afetivo, por isso tão consistente e difícil de ser verbalizada pelos torcedores. Eles sabem que são fiéis a seus clubes e o dizem abertamente<sup>68</sup>.

As hipóteses daqui por diante são arrojadas. A primeira dá conta de que a fidelidade clubística é um valor que confere a este pertencimento uma especificidade. A pergunta é: como este valor foi constituído? O percurso poderia ser feito, como já foi dito anteriormente, em diacronia. Porém em sincronia pode-se encurtá-lo e, ademais, fornecer hipóteses acerca do “por quê?” para então investigar-se o “como”, nesse caso em ambas as direções temporais. À questão precedente é oferecida a seguinte conjectura: a fidelidade é um valor indissociável à noção de pertencimento na medida em que cumpre, no clubismo, uma função estabilizadora. Sem a estabilidade dos vínculos entre torcedores e clubes, o sistema não se sustentaria. Ou ainda, se os torcedores pudessem trocar de clube toda a vez que desejassem, não haveria como circular as emoções para além do espaço-tempo do jogo. Dessa forma, as regras seriam muito diversas do que as que se pode observar.

Esse raciocínio sugere, por seu turno, uma outra observação importante: há circulação de emoções clubísticas para além do espaço-tempo do jogo, sendo que as emoções vividas por ocasião do jogo possuem com elas estreita relação. De mais a mais, é a partir da compreensão da maneira como se articulam umas e outras que se pode avançar na compreensão da estética torcedora conectando estas com outras emoções e, portanto, o futebol com outros fatos sociais e afetivos. A fidelidade é tomada como a constante no sistema clubístico. Ela determina que um torcedor mantenha-se informado acerca do cotidiano do time que representa seu clube para além do espaço-tempo ritual e assim conecta o ordinário e o extraordinário, os bastidores e o espetáculo, as discussões com as emoções e assim por diante. Além disso, a fidelidade não apenas possibilita a comunicação cifrada entre os torcedores, sobretudo no que tange às emoções – se você é gremista, então sabe o que sente um colorado quando o Inter perde ou ganha... -, senão que os posiciona no sistema: uma vez flamengo, flamengo até morrer. As implicações disso ver-se-ão em breve.

Para compreender a implicação que tem a fidelidade para o clubismo é preciso, em primeiro lugar, desvincular-se da idéia de que as emoções explicam-se por elas mesmas.

*Les sentiments et les émotions ne sont pas des états absolus, des substances transposables d'un individu et d'un groupe à l'autre, ce ne sont pas, ou pas seulement, des processus physiologiques dont le corps détiendrait le secret. Ce sont des relations. Les perceptions sensorielles ou le ressenti et l'expression des émotions paraissent l'émanation de l'intimité la plus secrète du sujet, mais ils n'en sont pas moins socialement et culturellement modèles (BRETON, 1998, p.7)*”.

---

<sup>68</sup> Não há demérito nisso, em que pese não seja de praxe os homens do futebol anunciarem outras modalidades de fidelidades – “pega mal”. É mais ou menos generalizada a idéia de que no Brasil, troca-se de “partido, de mulher e de religião, mas não se muda de clube de futebol”.

Desse modo, implica dizer que as emoções não são sinônimos de irracionalidade e que a *ratio* das emoções clubísticas, em particular, não é cartesiana, mas tampouco espontaneísta ou redutível às hipóteses psicologizantes, sobretudo aquelas que as explicam a partir do subterfúgio à regressão, animalização e a outras reduções do gênero<sup>69</sup>. Avança-se em relação à já referida hipótese eliasiana da busca de excitação, sendo também ela um avanço, na medida em que se decifra, ao menos em parte, a trama social e simbólica da excitação torcedora. Isso rompe com as explicações até certo ponto tautológicas que remetem as emoções futebolísticas às similaridades estruturais entre este esporte e a tragédia grega, como já foi dito anteriormente.

O pertencimento clubístico é uma espécie de máscara e implica uma transição de uma personagem a outra. Particularmente, implica na identificação de um indivíduo a dada coletividade e, portanto, uma transubstancialização de indivíduo à *persona*. Isso pressupõe, como afirma Rabain-Jamin, “l’existence d’un ordre de symboles, d’une logique des représentations et d’un dispositif rituel qui lui assignent une place aussi bien qu’un rôle dans la société et lui assurent une reconnaissance [...]” (2002, p. 571). É-se Fluminense ou Vasco como se é comunista ou capitalista, disse Drummond de Andrade<sup>70</sup>. No entanto, para cada qual das incontáveis máscaras que adotamos ou herdamos ao longo da existência, existe uma forma de herdá-las e em certos casos uma razão para existirem, assim como emoções compatíveis aos usos. O pertencimento clubístico com certeza não se encontra na ordem das necessidades biológicas ou instrumentais, quaisquer que sejam. Ainda assim, quase todos os brasileiros, sobretudo os homens, torcem por um clube de futebol, o que indica haver um certo ônus em não se torcer por clube algum. É preferível ser de alguém do que não ser de ninguém, ao menos em se tratando de futebol. Não torcer por algum clube – o que seria o equivalente a não pertencer a ninguém – é ser um simples indivíduo, pois o pertencimento, pelo fato de integrar o sujeito a uma dada comunidade de sentimento, pessoaliza-o. Não torcer por clube algum é não usar uma máscara, o que efetivamente não acarreta qualquer sanção de ordem jurídica ou moral, apenas é ser ignorado, um “ninguém” em matéria de emoções e jocosidades clubísticas. Nesse particular, a maneira como os torcedores experimentam a transição de indivíduos à pessoa – ou de cidadãos a flamenguistas, por exemplo – é água para o moinho de DaMatta, quando este argumenta que não há nada pior para um brasileiro do que ser apenas um indivíduo (2000, p. 11-28)<sup>71</sup>.

---

<sup>69</sup> Para uma crítica sucinta, porém suficiente às tendências psicologizantes de senso comum aplicadas ao entendimento aos espetáculos esportivos ou de multidões, cf. Ehrenberg (1991, p. 30-44)

<sup>70</sup> Ver destaques no início do capítulo.

<sup>71</sup> O argumento poderia romper as fronteiras nacionais, mas não cabe entrar neste debate por hora.

A transição de indivíduo à pessoa, no caso do clubismo futebolístico, é algo que compete, primeiramente, à família, razão pela qual, suspeita-se, tornam-se as emoções futebolísticas, já na origem, indexadas a um outro sistema de pertencas no qual o fluxo de emoções é igualmente intenso. Não há espaço para exemplos, com narrativas a este respeito<sup>72</sup>, mas merecem ser reiterados alguns dados já referidos e comentados em outros textos, especialmente em Damo (1998, p. 75-85), apoiado em pesquisa realizada no âmbito de Porto Alegre. Em praticamente 70% dos casos, a escolha do clube, dito do coração, fora feita por influência da rede de sociabilidade familiar – avô, pai, irmão, tio, primo, sobretudo – ou muito próxima a ela – padrinho e amigos de infância e/ou adolescência. Ninguém nasce palmeirense ou flamenguista, mas não são raros os que assim se declaram. É o caso dos proselitizados na primeira infância, quase sempre meninos, filhos, netos, irmãos menores ou afilhados de um torcedor fanático. A mesma pesquisa indica que as escolhas clubísticas, ao menos entre os porto-alegrenses, dá-se até os 10 anos de idade para aproximadamente 70% dos casos – quase a metade dos entrevistados disseram ter feito a escolha antes dos cinco anos de idade, o que está claro que foram, antes de mais nada, escolhidos. À época em que a pesquisa foi realizada, 1996, 10% dos entrevistados declaravam ter mudado de clube, sendo que mais de 85% afirmaram que não mudariam “jamais”.

A hipótese de que a fidelidade clubística pudesse ser um desdobramento das afinidades parentais levou-me a traçar alguns mapas cruzando parentesco e pertencimento clubístico, entre os meninos e meninas da Leão XIII, rua na qual resido<sup>73</sup>. Em 80 casos de descendência paterna em 1º grau, pai/filho ou filha, nos quais havia indicação de pertença - nem todos os informantes souberam indicar os clubes pelos quais torcem sua parentela mais distante -, houve 67 coincidências e 13 incompatibilidades entre pai e filho ou filha. Ou seja, para cada 5 descendentes que seguem a predileção paterna, ao menos um destoa. No entanto, se

---

<sup>72</sup> Suponho que meus leitores tenham, em seus circuitos de sociabilidade, pessoas – normalmente homens – que dêem ao pertencimento clubístico razoável ou muita importância. Haverão de lembrar, então, caso estes adultos tenham filhos, netos, sobrinhos ou afiliados, de episódios ou narrativas em torno de um evento aparentemente banal: a primeira ida ao estádio do neófito. Mesmo sem ter trabalhado sistematicamente sobre o tema – razão pela qual partilho minhas impressões – os depoimentos de que disponho dão conta de que este é um evento dramático para a relação entre pai-filho, tio-sobrinho, padrinho-afiliado e assim por diante. Os adultos possuem, via de regra, constrangimentos em revelar publicamente a meticulosidade com que operam a escolha do jogo ao qual o neófito será apresentado ao clube pelo qual ele já deve pertencer, por opção do adulto. E se o time perder? Será que ele não vai se frustrar e querer mudar de clube? Mas se não for levado de uma vez, não haverá o risco dele interessar-se pelo clube rival?

<sup>73</sup> Para detalhes acerca dos “meninos e meninas da Leão XIII” cf. capítulo 4, ocasião em que serão abordadas as configurações de futebol bricolado das quais eles participam. Para ter segurança em relação às minhas hipóteses, também elaborei alguns mapas de parentesco e clubismo com amigos e colegas, quase todos porto-alegrenses, o que limita as possibilidades de generalização dos dados.

considerarmos o universo possível de clubes para quem torcer, o fato de que 80% dos filhos acompanhem a preferência do pai e mais de 30% dos netos a do avô paterno é um dado notável.

O fato de serem os neófitos “mascarados” preferencialmente por um parente consanguíneo do sexo masculino levou-me à formulação da hipótese de que a fidelidade clubística pudesse estar relacionada ao valor simbólico atribuído aos laços de sangue, tão presentes no parentesco. Dadas as influências da parentela consanguínea no acesso ao clubismo em geral, e na escolha de um clube em particular, o pertencimento clubístico poderia ser tomado enquanto uma espécie de tradução das afinidades de sangue. O pertencimento seria inquebrantável pois assim é que são pensados, do ponto de vista da nossa cultura, os laços de sangue, como sugere Schneider.

What are called “blood ties” can be understood as the bonds of solidarity that are caused by or engendered by the actual biological connectedness, sometimes figured as genetic, sometimes hereditary, sometimes in emotional terms. Or the notion of blood can be understood as figurative, iconic, but still attending for the bonds of solidarity, bonds which are deeply affective, deeply binding, actually breakable but to be broken under the most unusual, tragic, unforgivable circumstances (1992, p. 195).

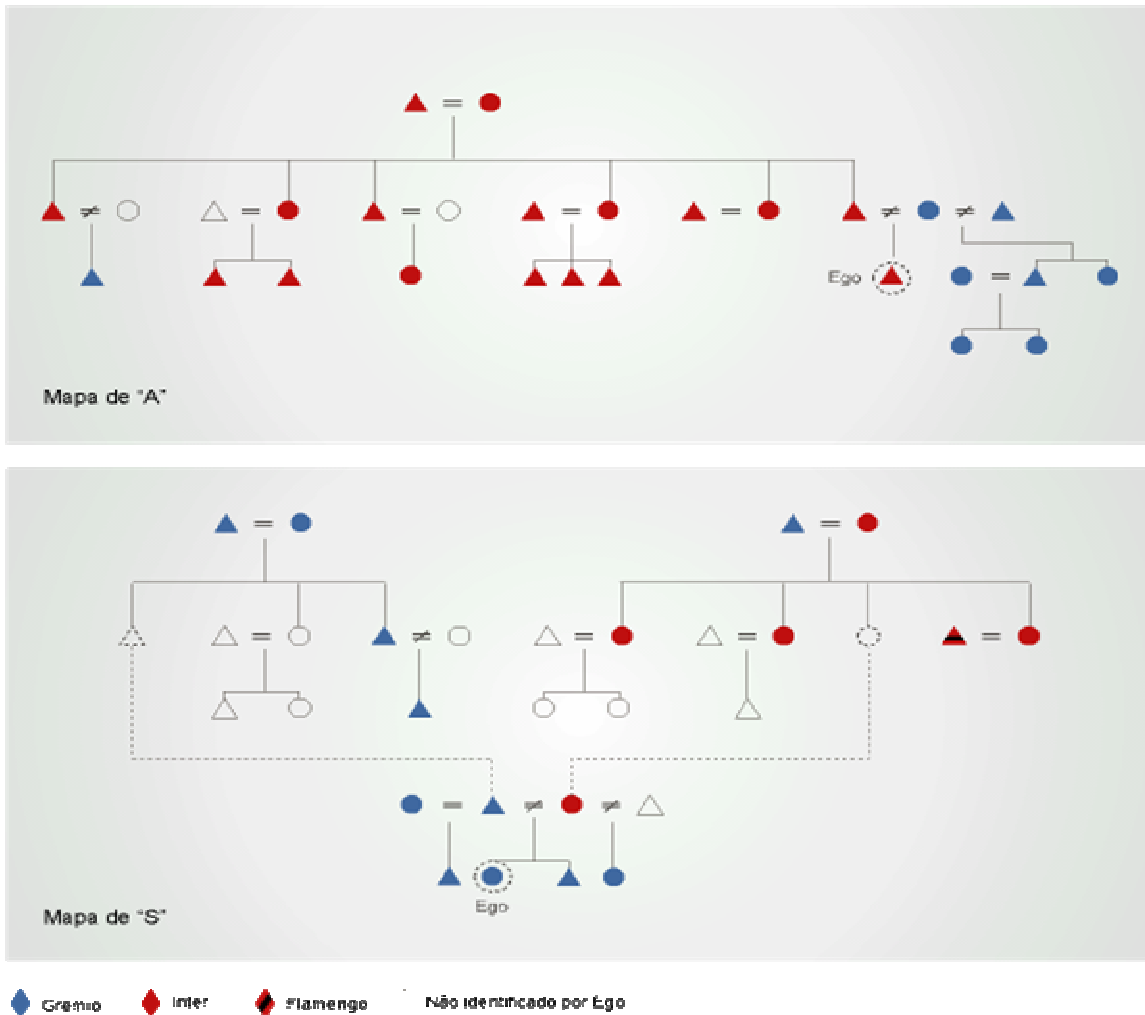
A tese parece convincente, mas para que ela o fosse por completo teríamos que sonegar um dado que a contradiz, ao menos em parte: o englobamento das mulheres em casos de alianças matrimoniais. É evidente que isso só ocorre nos casos em que o pertencimento delas não é entusiástico, ou seja, em que não há interesse pelas coisas do futebol e, particularmente, pelo clubismo. Poder-se-ia afirmar ainda que assim como é cada vez menor a tendência das mulheres incorporarem o sobrenome da família do marido por ocasião do casamento, ou não mais suprimirem a identificação com a família de origem nas mesmas circunstâncias, também é menos freqüente a mudança de pertença clubística. Poder-se-ia conjecturar ainda que, dada a flexibilização das diferenças dos papéis sexuais, a tendência é encontrar cada vez menos mulheres dispostas a abrir mão do que quer que seja, mesmo de uma herança aparentemente frívola como é o pertencimento clubístico. O fato é que esses casos de englobamento da esposa pelo marido ainda são freqüentes, enquanto o inverso é, francamente, um tabu – ao menos não registrei nenhum caso até o presente.

O englobamento das mulheres, a reprodução das pertenças por três ou às vezes mais gerações de consanguíneos do sexo masculino, além dos ritos de convencimento serem freqüentemente dirigidos pelos homens - pai, avô, irmão, etc. - e tanto mais cuidadosamente orquestrados para seduzir os meninos em relação às meninas, sobretudo quando o adulto declarar-se torcedor passional, além de outros fatos observáveis no cotidiano levaram-me a formular uma nova hipótese. Segundo ela, a proeminência masculina na prática do futebol e nos estádios, assim como em quase tudo o que diz respeito a este esporte, exceto, talvez, ao interesse

pela seleção nacional, que corre à margem do clubismo - operando a partir das pertenças ao Estado-nação - seria uma espécie de residual do patriarcado. Num primeiro momento, a hipótese soa despropositada, afinal o futebol não é um esporte moderno? O que fazer com as formulações eliasianas neste caso? Eis uma questão interessantíssima, pois se, por um lado, estão mais do que consolidados os vínculos do esporte com a modernidade, por outro, há sólidos argumentos em favor da suposição precedente. Poder-se-ia sair pela tangente, argumentando ser o clubismo uma combinação peculiar entre tradição e modernidade. Sem desconsiderar nenhuma das hipóteses, convém seguir em frente.

O englobamento das mulheres, seguidamente referido pelos meus informantes confirma-se, indiretamente, através dos mapas de parentesco. Computando o total de indivíduos constantes nos mapas manipulados, notei que meus informantes não souberam identificar a metade do pertencimento clubístico da parentela feminina, ao passo que a proporção caiu para  $\frac{1}{4}$  em relação à masculina. A hipótese, bastante plausível, é de que o clubismo é um tema discutido mais aberta e freqüentemente entre os homens, razão pela qual teria sido mais fácil aos informantes associar indivíduo e *persona* quando se trata da parentela masculina. Mas como já foi referido acima, há exceções e uma delas pode ser notada acompanhando-se o mapa de parentesco de “S” – **Quadro 2.3**, na seqüência -, cuja mãe não apenas discrepou em relação à pertença do pai (avô de “S”) senão que nem o fato de seus quatro descendentes torcerem pelo Grêmio – ao menos no caso de “S” e “P”, por influência do pai, segundo eles próprios – a fez mudar de clube.

**Quadro 2.3 – Mapas de parentesco e pertencimento clubístico**



A partir dos mapas de "A" e "S", escolhidos para ilustrar uma tendência geral<sup>74</sup>, constituiu-se o **Quadro 2.4'**.

<sup>74</sup> Na verdade, a tendência geral é de predominância de um clube dentro de um mesmo mapa de parentesco. Ou seja, famílias inteiras de gremistas ou de colorados, o que corroboraria muito facilmente minhas hipóteses. Os casos escolhidos são ilustrativos dentro das exceções na medida em que a proporção de gremistas e colorados é mais equilibrada. Vale acrescentar que a diáde Gre-Nal favorece, sobremaneira, a interpretação da lógica das pertenças.

**Quadro 2.4’ – Parentesco e pertencimento clubístico<sup>75</sup>**

	Mapa de “A”			Mapa de “S”		
	CDM	C	C+A	CDM	C	C+A
<b>Grêmio</b>	1	6	7	7	10	11
<b>Inter</b>	6	15	17	-	5	5
<b>Outros</b>	-	-	-	-	-	1
<b>Não identificados</b>	-	-	2	-	6	9
<b>Total</b>	7	21	26	7	21	25

CDM: consangüíneos por descendência masculina; C: consangüíneos; A: afins;

Dois aspectos são aqui fundamentais. O primeiro diz respeito ao aumento progressivo de preferências clubísticas não identificadas à medida que se passa dos consangüíneos por descendência masculina (CDM) à inclusão de todos os consangüíneos (C) e, finalmente, à inclusão dos afins (C+A): tanto “A” (menino, 11 anos) quanto “S” (menina, 11 anos) identificaram todos os pertencimentos da parentela por descendência consangüínea masculina (CDM), embora “S” em parceria com seu irmão, 8 anos, tivessem dúvidas em relação a uma quantidade expressiva (mais de 1/3) dos pertencimentos clubísticos, mesmo quando suprimidos os afins (C).

O dado mais significativo do cruzamento entre parentesco e pertencimento clubístico é aquele produzido a partir do contraste em relação à proporção das preferências por Grêmio ou Inter: a) quando computados todos os consangüíneos (C) de “A” ou “S”; b) quando se restringe a amostragem apenas para os consangüíneos por descendência masculina (CDM), como pode ser visto no **Quadro 2.4**.

**Quadro 2.4” – Parentesco e pertencimento clubístico**

	Mapa de “A”		Mapa de “S”	
	C	CDM	C	CDM
<b>Grêmio</b>	29%	14%	48%	100%
<b>Inter</b>	71%	86%	24%	-
<b>Não Identificados</b>	-	-	28%	-
<b>Total</b>	100%	100%	100%	100%

C: consangüíneos; CDM: consangüíneos por descendência masculina.

No caso de “A”, em cujo mapa predominam os torcedores do Inter, a porcentagem deles aumenta de 71% para 86% quando a amostra se restringe aos consangüíneos por descendência masculina (CDM). Para “S”, em que predominam os gremistas, esta proporção passa de 48% para 100%. O que os mapas de “A” e “S” ilustram, e os demais mapas investigados confirmam, é

<sup>75</sup> “A” e “S” estão computados, mas não os ex-afins (ex-tios, ex-cunhados, etc.), embora indicados nos mapas.

um purismo clubístico no âmbito da parentela consangüínea por descendência masculina. É como se o sangue do pai e do avô não pudesse ser misturado com o sangue dos aliados - desde o ponto de vista simbólico, bem entendido.

Antes de responder afirmativamente à hipótese de que o patriarcado sobreviveria disfarçadamente sob a pele de um espetáculo moderno, convém ampliar e diversificar a amostragem, o que está fora do alcance dessa investigação. Entretanto, a aproximação do clubismo com o parentesco permite compreender as razões pelas quais os machos empenham-se em reproduzir seus pertencimentos clubísticos entre os consangüíneos, aqueles a quem o valor atribuído aos laços de sangue indica uma solidariedade inquebrantável. Com os filhos, os netos, os irmãos e os sobrinhos espera-se viver juntos os altos e baixos atinentes às disjunções futebolísticas. No entanto, isso não é tudo. A convicção de que os mapas de parentesco e pertencimento clubístico não dizem apenas obviedades conduz-me à formulação de outras hipóteses. Por um caminho diverso pretendo, mais adiante, reencontrar o argumento da patriarcalidade. Posso antecipar, no entanto, a avenida para a qual convergem todos os percursos: o clubismo, combustível do espetáculo futebolístico, opera a partir das noções de honra<sup>76</sup>.

Um jogo de futebol é um evento produtor de disjunção e toda a disjunção implica em possibilidades antitéticas: vitória/derrota, êxito/fracasso e assim por diante.<sup>77</sup> Um jogo pode ser interpretado de várias maneiras, mas isso não interessa no momento. Importa definir, primeiramente, a posição do jogo em relação ao sistema clubístico, o que pressupõe uma relação entre prescrição e performance, como sugerido por Sahlins (1990); entre uma dada estrutura de relações consolidadas no processo histórico (dimensão prescritiva) e a atualização desta estrutura através de eventos tais como ritos, celebrações e, nesse caso, jogos (dimensão performática). Como a relação será retomada no capítulo 10, pois ela é fundamental para se compreender o que dá sentido a um jogo, ou porque alguns jogos são mais absorventes do que outros, basta, por hora, fazer apenas uma analogia: o jogo é aqui entendido em relação ao clubismo de maneira muito próxima àquela que se poderia compreender uma eleição em relação ao cotidiano da política partidária; ou então, do voto em relação ao processo eleitoral.

---

<sup>76</sup> Falar em códigos de honra não implica na necessidade de recorrer ao cânone antropológico representado pela bibliografia sobre as sociedades mediterrâneas (FONSECA, 2004, p. 135-6). A preocupação deste capítulo é com a decifração do clubismo. Interpretar as representações de honra que circulam no interior deste sistema é um passo além que precisa ser dado com cautela, sob o risco de reificá-lo.

<sup>77</sup> O *football association* é uma das raras modalidades esportivas, juntamente com o xadrez, em que admite-se o empate, mas mesmo quando ele ocorre tende-se a contextualizá-lo, de modo que quase sempre haverá uma equipe dita favorecida por ele, ou seja, “vencedora”.



Se um jogo é um evento na medida em que promove a disjunção, a cisão entre perdedores e vencedores, pode-se afirmar que sua função é desestabilizar temporariamente o sistema. Ou ainda e numa só palavra: a disjunção dinamiza o clubismo. O clubismo está para o mito assim como o jogo está para o rito; um rito definido por Lévi-Strauss (1989) como disjuntivo, por oposição aos ritos conjuntivos<sup>78</sup>. Ou então: o jogo (rito disjuntivo, evento) está para a performance assim como o clubismo está para a estrutura (mito, estrutura prescritiva). Da mesma forma que na tragédia existe uma estrutura a partir da qual a trama das personagens faz aflorar os sentimentos antitéticos que caracterizam-na, a trama do jogo é fundamental para tencionar, movimentar e tornar manifestas as emoções estruturadas pelo pertencimento clubístico. Mas afinal, tencionar o quê? Para quê? Com que finalidade?

Já se disse que o pertencimento é uma máscara herdada quase sempre de um parente consanguíneo do sexo masculino e que a partir dela o torcedor não pertencerá apenas a uma comunidade de sentimento imaginada, mas a um sistema integrado por várias comunidades, definido aqui como clubismo, dentre elas aquela a quem lhe será ensinado a gostar e outra que haverá de aprender a desdenhar. Ou seja, um pai tende a tornar seu filho palmeirense, como ele, mas é o sistema de pertenças que fará, a ambos, desdenharem os corinthianos. Na prática os processos são, via de regra, simultâneos e é esta “outra face” do clubismo, aquela do desdém, do ódio, do chiste e das jocosidades, que aqui nos interessa, pois ela distingue a circulação das emoções futebolísticas de outras modalidades de pertencimentos. Mais do que a identidade, através do clubismo vive-se a alteridade.

Herdar a pertença significa habituar-se a sentimentos de alegria quando o time vence e o entristecimento ou enfurecimento quando ele perde, mas a *persona* clubística é igualmente estimulada a alegrar-se com a derrota do arquirrival e a calar diante de seu êxito. Negar-se a este jogo é negar-se a viver a alteridade proposta pelo clubismo e, portanto, negar-se a participar de um potente mercado de trocas afetivas. Trata-se de um sistema de dádivas no qual não circulam propriamente presentes, mas jocosidades. Nas trocas entre os torcedores arquirrivais situacionais ou estruturais – por hora a diferença não interessa - prevalecem os insultos, as provocações e, portanto, a incitação ao conflito.

A alegria, a tristeza, a dor, a excitação, o êxtase, a ira e a desolação, entre outros sentimentos próprios aos torcedores são expressos claramente, seja no estádio ou fora dele. São expressões obrigatórias, como diria Mauss, na medida em que se complementam, pois sendo antitéticas umas e outras estão completamente imbricadas. A dor dos gremistas é o combustível da alegria colorada, razão pela qual aprender a amar o Inter é tão importante quanto detestar o

---

<sup>78</sup> Para uma apropriação contextualizada da categoria lévi-straussiana cf. Damo (2001, p. 84-7).

Grêmio e o processo de socialização torcedora inclui tal aprendizado. A incorporação dos dispositivos de amor e de ódio diante da derrota e da vitória, tanto quanto em relação a um “nós”, representado pelo clube/time amado, e a um “outro”, identificado com o clube/time rival, é um processo gradativo, de educação sentimental, pois a expressão pública desses insultos envolve algumas regras em relação a espaços, tempos, pessoas e, sobretudo, um certo autocontrole acompanhado de humor, sarcasmo, ironia e criatividade.

Se observadas com atenção, nota-se que as trocas de insultos ordinários (jocosidades) entre os torcedores rivais não são da mesma ordem daquelas processadas em circunstâncias rituais. Os insultos ordinários são relativamente amenos e assemelham-se, sob vários aspectos, incluindo-se o tom ambíguo entre a hostilidade e a amistosidade, ao que Mauss, seguindo M. Radin, denominou de “joking relationships” ou “parentes à plaisanteries”, em francês (1969[1926], p. 109-25)<sup>79</sup>. É importante retomar Mauss pelas possibilidades que seu artigo sugere, dentre as quais a vinculação do parentesco por brincadeira com os sistemas de prestações totais e, particularmente, com os rituais de trocas agonísticas, em que se destaca, evidentemente, o *potlach*. Preocupado sempre com o concreto, Mauss dirá que cada sociedade tem seu próprio parentesco por brincadeira, mas ele também sugere comparações que de resto não devem ser compreendidas senão a partir dos fluxos: quem brinca com quem, quais as regras de etiqueta, quais são os tabus, quais os termos lícitos, ilícitos, preferenciais e assim por diante. Tais trabalhos, afirma Mauss,

éclaireraient, si on les poussait davantage, la nature et la fonction d'éléments esthétiques importants, mêlés naturellement, comme partout, aux éléments moraux de la vie sociale. Les obscénités, les chants satiriques, les insultes envers les hommes, les représentations ridicules de certains êtres sacrés sont d'ailleurs à l'origine de la comédie; tout comme les respects témoignés aux hommes, aux dieux et aux héros nourrissent le lyrique, l'épique, le tragique (p. 124).

---

<sup>79</sup> Na esteira de Mauss, Radcliffe-Brown deu ao parentesco por brincadeira uma roupagem funcionalista, o que não retira sua atualidade. “O parentesco por brincadeira é uma combinação peculiar de amistosidade e antagonismo. O comportamento é tal que em qualquer outro contexto social exprimiria e suscitaria hostilidade; mas não é entendido seriamente e não deve ser tomado de modo sério. Há uma pretensão de hostilidade e real amistosidade. Em outras palavras, o parentesco é o do desrespeito lícito. Assim, qualquer teoria completa sobre ele deve ser parte de uma teoria do lugar do respeito nas relações sociais e na vida social de modo geral. Mas este é um problema sociológico muito amplo e importante; porque é evidente que toda manutenção da ordem social depende do adequado tipo e grau de respeito para com certas pessoas, coisas, idéias ou símbolos” (1973, p. 116). Na versão do antropólogo britânico, o parentesco por brincadeira prestar-se-ia para dar vazão a certas tensões decorrentes de relações assimétricas ou conflituosas (com relação aos aliados, por exemplo) dadas pelo parentesco convencional, estruturante dos direitos e deveres morais, econômicos, políticos e religiosos, entre outros. Certamente não é nesta perspectiva que o clubismo deve ser interpretado, ainda que em muitos aspectos haja compatibilidade. A proposição aqui é dar um passo atrás e um à frente em relação a Radcliffe-Brown, encontrando Mauss e Lévi-Strauss, respectivamente.

Pois então, retomando o clubismo, qual é a modalidade preferencial de jocosidade nas trocas entre os brasileiros, especialmente entre gremistas e colorados? Jocar talvez seja um verbo demasiadamente distante, um tanto polido para expressar as brincadeiras entre torcedores rivais. Preferem os homens, que de resto são os que mais apreciam estas trocas, termos como “gozar”, “tirar sarro”, “arriar-se”, “deitar-se”, “judiar”, “pegar-no-pé” e outros do gênero, quase todos ambíguos, com indisfarçável conotação sexual.

No estádio, um colorado xingará a todos os gremistas, mas fora dele só gozará os (nos) que pertencem a sua rede de sociabilidade, normalmente a mais próxima ou intensa – amigos, parentes, colegas de trabalho, vizinhos e assim por diante. Fazem piadas, perguntam pelo resultado de um jogo que já se sabe, insinuam, riem, enviam torpedos, vão ao trabalho com a camiseta do clube (com um brinco, um boton, um adereço qualquer), enfim, há mil e uma possibilidades de exhibir-se, de provocar, de gozar o outro. Entretanto, são sobretudo as metáforas sexuais as moedas principais que circulam pelas redes de homossociabilidade. Como tais jocosidades são lícitas aos olhos do clubismo, o porteiro goza o (no) condômino, e vice-versa, sendo que nesses casos de clara assimetria de status o fluxo tende a ser iniciado pelo torcedor de status mais elevado. Ao gozar “o” ou “no” torcedor arquirrival abre-se a possibilidade de vir a ser gozado ou, preferindo-se, está-se autorizando uma modalidade peculiar de comunicação. A licenciosidade instaurada pelas jocosidades clubísticas faz do futebol um poderoso dispositivo de sociabilidade transversal, rompendo diversas hierarquias e categorias sociais tais como: pobre/rico, negro/branco, criança/adulto, mulher/homem, PT/anti-PT (para o caso de Porto Alegre) e assim por diante.

Descritas de forma um tanto breve, mas nem por isso menos importante para a compreensão do clubismo como um todo, algumas regras são importantes para que os fluxos sejam regulares e permanentes. Pode-se não gostar de futebol, detestá-lo, inclusive. Nesse caso o sujeito estará fora desse universo, não havendo risco de ser insultado por nenhum amigo ou subordinado, à exceção, é claro, se tiver o azar de cruzar com torcedores à caminho do estádio – eles xingam indiscriminadamente todos os que, segundo Toledo (1993), não compartilham com eles o êxtase do pertencimento, quer dizer, dos que não estão dispostos a brincar, a entrar para o mundo da fantasia. O que o sistema não tolera, de modo algum, é a ambivalência: a) daquele que ora gosta, ora não gosta de futebol; b) daquele que ora torce por um clube, ora por outro. Ambos não são bons para se brincar, pois eles não permitem a circulação – quer dizer, o dar e o receber – das gozações, não se conformando aos princípios elementares das identidades e alteridades sugeridas pelo sistema.

Se você é Inter e o Inter ganha, então você tem o direito a dar uma gozada no seu colega gremista. Se o Inter perde, tens a obrigação de receber, preferencialmente calado e de forma

amistosa, para que quando o Inter vencer lhe seja permitido retribuir a gozação. Negar-se a ser gozado é negar-se a receber e, como tal, negar-se a participar das trocas, o que pode vir a ser tomado como falta de compostura – de espírito de humor, leveza, amenidade, jogo de cintura, etc<sup>80</sup>. Assim, chega-se à compreensão, por uma segunda via, das razões pelas quais o pertencimento é imutável. Se fosse permitido mudar de clube, não haveria como impedir que um torcedor o fizesse a toda a hora, conforme a conveniência. O clubismo, por extensão, ruiaria imediatamente. Se você é Inter e o seu time vence, você pode tomar a iniciativa de fazer a piada, de pôr o sistema em circulação, de insultar a honra dos gremistas, especialmente quando o time deles foi derrotado pelo seu. Isso implica, de um ponto de vista posicional, tornar-se ativo/passivo. E o que é notável: é o seu time quem lhe torna ativo ou passivo. Pela performance dele é que alguém terá o direito a fazer ou o dever de receber uma jocosidade; de gozar em ou ser gozado por alguém. Talvez por isso o sofrimento faça parte da rotina de quem se diz torcedor, dos homens em particular, afinal ser torcedor é tornar-se susceptível de vir a ser passivizado metaforicamente.

Como o clubismo e, sobretudo, os fluxos jocosos cotidianos mobilizam preponderantemente o público masculino, mas não exclusivamente, não há como cegar em relação às possibilidades de transcender o campo do futebol em direção à sexualidade; ou de tramá-los, quem sabe. Se pertencer é correr o risco de ser insultado, gozado e passivizado, seria lógico pressupor que o sistema haveria de interditar certos fluxos, afinal a nossa cultura impõem determinados tabus sexuais. O fato de herdar o pertencimento de um familiar ou amigo muito próximo à família não seria justamente o mecanismo que impede o fluxo jocosos entre aqueles a quem um outro sistema simbólico, no caso o parentesco, interdita esta modalidade de trocas? Pressupondo, na esteira de Almeida, ser o parentesco, entre outras coisas, uma “forma concreta de sexualidade organizada” (1995, p. 132), não seria para evitar a possibilidade de passivizar/ser passivizado que pai, avós, tios, irmãos ou primos mais velhos, padrinhos e amigos íntimos militam para tornar os netos, os filhos, os sobrinhos e assim por diante, pertencentes à mesma agremiação, impedindo a circulação de jocosidades entre eles? E, sobretudo, não estaria aí a explicação para a fidelidade, enquanto um dispositivo em forma de dogma que assegura a perpetuação da interdição dos fluxos indesejados? Há, efetivamente, certa lógica nisso, afinal o que se percebe, concretamente, é que o pai que não se empenha em fazer do filho mais um membro da sua comunidade de pertença certamente não é alguém que se importe

---

<sup>80</sup> Tais não são os casos em que o receptor da ocasião desliga ou não atende as chamadas telefônicas, ausenta-se de determinados itinerários ou coisas do gênero. Com tais negativas estereotipadas ele simplesmente está dizendo que se importa muitíssimo com as gozações e é um ótimo parceiro para jocosidades clubísticas.

verdadeiramente com o clubismo. Ou por outra, trata-se de alguém para quem pouco lhe interessa o futebol e, sobretudo, alguém para quem as jocosidades atinentes ao clubismo não lhe sensibilizam, razão pela qual jamais gozará e, por extensão, dificilmente será gozado por alguém. Na hipótese de que o filho viesse a se tornar um torcedor fanático, as possibilidades de fluxos jocosos entre eles estariam de qualquer modo descartadas. Em sentido inverso, é o torcedor dito fanático, aquele que vive o clubismo a pleno, o protótipo do proselitista. Se entendermos as gozações, dado o seu duplo sentido, como interditas a certas classes de relações, reencontramos então uma segunda razão para a tendência, expressa no **Quadro 2.4**”, dos consangüíneos masculinos anularem a possibilidade de jocosidades entre eles, fazendo com que seus descendentes herdem-lhes a predileção clubística. Dizendo um tanto simplificada, o clubismo permite que se goze o patrão, a autoridade, o ricoço e quem quer que se permita, mas não o pai e o irmão, nem o pai do pai, nem os irmãos do pai, nem os filhos dos irmãos do pai, nem os amigos que se quer tanto quanto se fossem irmãos, enfim, preservam-se aqueles com quem se possui laços de sangue, reais ou inventados.

Essas são hipóteses arrojadas. Cabem portanto ponderações, a primeira delas reforçando, uma vez mais, a necessidade de complementá-las com dados empíricos, corroborando-as ou refutando-as. Não vem ao caso detalhar a maneira como elas poderiam ser testadas, mas isso não é apenas possível senão que desejável. De outra parte é preciso ressaltar que a procura por regras e sentidos ocultos não é o fim último da antropologia, razão pela qual o que justifica este capítulo não é o gosto diletante pelas regras, a fé cega nas possibilidades da interpretação formal, nem mesmo a mistificação pelos significados não manifestos. Há a crença, no entanto, de que o formalismo é uma ferramenta, e seu uso em relação ao clubismo não é do tipo dogmático. Dada a importância do sistema de pertenças para a compreensão do futebol de espetáculo, é preciso soprar-lhe as cinzas para ver se há brasileiro, sendo nesta perspectiva pragmática que usei as ferramentas da semiologia e da hermenêutica estrutural.

Nem todos os que se declaram torcedores são do tipo “fanático”, “doente”, “maluco”, enfim, aqueles para quem o clubismo efetivamente importa. Assim sendo, existe uma plêiade de possibilidades de se fruir um espetáculo futebolístico, mas é indiscutível que ele só chegou a ser o que é graças à militância dos torcedores pelos seus clubes, razão pela qual não se pode compreender o espetáculo sem olhar para as razões daqueles que o sustentam emocional e engajadamente. E espero não ter deixado a impressão de que se vai ao estádio para torcer por um time a fim de evitar que o pai (o filho, o avô, o próprio torcedor, etc) seja passivizado metaforicamente através das jocosidades do dia seguinte. Porém, são os tipos libidinosos – no sentido de *libido*, desejo, paixão, luxúria -, completamente envolvidos na e pela trama das pertenças que fazem o futebol ser diferente de outros esportes no Brasil. E é por essa razão que

se atribui aqui tanta importância ao clubismo e ao pertencimento, sendo este último o elo afetivo capaz de dragar os indivíduo para um universo no qual são instigadas as alteridades de quase todas as espécies. O pertencimento produz *illusio*, como uma modalidade de adesão ao jogo quase absoluta e que é produto do jogo ao mesmo tempo em que é condição de seu funcionamento.<sup>81</sup> São remotas as possibilidades de se obter vantagens utilitárias a partir da *illusio* futebolística, daí uma das diferenças em relação à política, por exemplo, e uma das razões pelas quais os torcedores são tomados como irracionais, tolos, alienados, extravagantes e assim por diante – por que desperdiçam tanto tempo, dinheiro, saliva, energia e outras coisas mais?

A *illusio* é condição para se compreender aquela que talvez seja a razão pela qual o futebol é um espetáculo diferenciado: a excitação diante do risco e, portanto, do medo de ser gozado, de ser passivizado, de ser subjugado pelo outro que, via de regra, está próximo – como gremistas e colorados, avaienses e figueirenses, atleticanos e coritibanos, entre outros. Não menos importante é a excitação de partilhar os afetos, algo que os homens podem fazer entre eles e em público. Os estádios não são propriamente públicos, nem privados. Em geral, são freqüentados por pessoas acompanhadas e afetivamente próximas. Pode-se também optar por lugares nos quais o pertencimento é partilhado com mais facilidade, como nas gerais, freqüentadas pelas camadas populares, cuja expressão dos sentimentos clubísticos é notadamente efusiva, talvez porque a educação dos sentidos faculte-lhes certo autocontrole a que estão submetidos os modernos. Porém não há nada mais triste do que estar só em meio à multidão. A hipótese de que o clubismo tem qualquer coisa do patriarcado reaparece aqui, na medida em que herdar o pertencimento a um clube implica constituir um vínculo duradouro, uma quase-certeza de que se poderá encontrar solidariedade *ad infinitum*. Seria este um dos mitos do clubismo?

Por mais primárias que se revelem as emoções torcedoras, há sempre um sistema simbólico a orientá-los. Falta-nos avançar e mostrar, a partir de casos concretos, como se produzem, nos estádios de futebol e fora deles, por ocasião de jogos ou não, certas modalidades

---

<sup>81</sup> A noção de *illusio* tem por referência as considerações de Bourdieu sobre o funcionamento do campo da política, mas o ponto de partida para tal analogia, bem como a adoção de uma dada perspectiva estética sobre os futebolis, que marca a “versão do autor”, é certamente aquela passagem de Drummond referida no início do capítulo. Sem a obrigação de segui-lo integralmente, segue a passagem em que consta o essencial para o entendimento da noção bourdiana de *illusio* e, por exentesão, da vinculação do clubismo com a participação engajada na política, um certo partidarismo, quem sabe. “Nada há que seja exigido de modo mais absoluto pelo jogo político do que esta adesão fundamental ao próprio jogo, *illusio*, *involvement*, *commitment*, investimento no jogo que é produto do jogo ao mesmo tempo que é a condição do funcionamento do jogo: todos os que têm o privilégio de investir no jogo (em vez de serem reduzidos à indiferença e à apatia do apolitismo), para não correrem o risco de se verem excluídos do jogo e dos ganhos que nele se adquirem, quer se trate do simples prazer de jogar, quer se trate de todas as vantagens materiais ou simbólicas associadas à posse de um capital simbólico...” (BOURDIEU, s/d, p. 173)

de comportamento que, se não são únicas, são no entanto peculiares. Nos estádios, por exemplo, são permitidas certas manifestações que ordinariamente não seriam toleradas, pois assim como o templo é o lugar da prece, o estádio é a tribuna dos insultos, e ambos são bons para se compreender quem são aqueles que os dizem. O pressuposto de que o público do futebol é engajado é um ponto de partida e possui conseqüências mais amplas do que se poderia supor em um primeiro momento.

O que pretendi, por hora, foi mostrar alguns aspectos importantes da dimensão da pertença clubística, pois sem considerá-la não há qualquer possibilidade de avançar na compreensão das manifestações dos torcedores nas arquibancadas. Está subentendido aqui que o pertencimento é estruturante das manifestações em relação ao clube, ao time, aos outros torcedores, aliados ou rivais. O pertencimento é estruturante das emoções, cujas manifestações observadas nas arquibancadas são a sua dimensão manifesta. Tomarei muito a sério, no último capítulo, onde abordo o encontro dos torcedores com os atletas, a premissa de que aquilo que é dito nas arquibancadas está matizado pelos afetos parentais. Se lá estarei atento aos enunciados verbais, individuais e coletivos, aqui estive com a dimensão latente, com uma das dimensões mais importantes da participação no espectro de futebol de espetáculo. Não estou em busca de universais, de regras de comportamentos, das estruturas rígidas ou coisas que o valham.

As observações acumuladas a partir de leituras e de intenso trabalho de campo fizeram-me crer ser fundamental este capítulo. Diria que ele não cobre todas as modalidades de pertença, mas não creio que um torcedor que se diga engajado possa posicionar-se à margem do que foi dito. Ou por outra, que ele possa dizer: “comigo nada disso acontece”, “isso não me faz pensar a respeito de mim mesmo”. Em sentido contrário, um cidadão que se considere pouco libidinoso em relação ao futebol talvez encontre uma ou outra chave compreensiva para tal. Afinal, não se perseguiu a explicação de como opera a trama do clubismo, mas ofereceu-se uma interpretação possível, um sentido para a participação interessada no espetáculo ou, simplesmente, para a ilusão futebolística.

É compreendendo a lógica das emoções torcedoras que se acessa parte das razões pelas quais os clubes são levados a investir em seus times e, estrategicamente, a formar seus próprios atletas. A digressão pelo pertencimento aqui realizada será muito útil para a compreensão da formação profissional, com certeza. Todavia o mais importante talvez seja repetir, ainda uma vez, ser este capítulo uma tentativa de compreender, a partir de dentro, as emoções futebolísticas e, particularmente, alguns eixos norteadores da trama social, e como tal simbólica, de uma modalidade particular de sociabilidade. Uma das raras formas culturalmente toleradas, senão que obrigatórias, de expressão pública de afetos masculinos – não obstante estarem “mascarados” de colorados, gremistas e assim por diante. A busca propriamente antropológica,

nesse caso, é pelo sistema simbólico que preside um universo tido por muito tempo como irracional, alienado e de mau gosto. O futebol não pertence ao universo da alta cultura, certamente, mas há muito para se aprender nele a partir da perspectiva estética. Uma estética engajada, eis a hipótese de partida. Uma estética da honra, da alteridade e da masculinidade, eis os eixos a serem explorados, ao menos em parte, no último capítulo.



### **3 O ESPECTRO DO DOM: talento, dádiva e capital futebolístico**

O dom é um termo tão importante no universo do futebol que optei por preservá-lo como categoria nativa, muito embora eu utilize com alguma frequência, incorporando-o ao texto como estratégia de interlocução com os informantes. Para evitar sobreposições e explicitar os principais atributos exigidos para a prática do futebol como profissão, a qual os nativos supõem ter acesso somente aqueles que dispõem do dom, desenvolvi a noção de capital futebolístico. Trata-se de uma modalidade de capital corporal que, combinada aos capitais convencionais - social e simbólico, sobretudo -, é requerida para a inserção legítima no campo do profissionalismo. A noção de capital futebolístico é pensada tanto a partir da noção bourdiana de capital quanto do dom, tido como sinônimo de talento em uma de suas acepções. Tal qual a categoria nativa, o conceito de capital futebolístico possui autonomia, não sendo, portanto, sinônimo desta.

O capítulo está dividido em duas partes: a primeira abordando questões atinentes ao dom e a segunda ao capital futebolístico, o que não implica, certamente, em divisões estanques. Um dos principais objetivos da primeira parte é interpretar o uso nativo da categoria dom, cuja multiplicidade de significados foi condensada em torno de dois eixos a partir dos quais pode-se melhor compreendê-lo: a) como sinônimo de talento; b) como sinônimo de dádiva. No primeiro caso, o dom equivale a uma predisposição inata, algo que está no sujeito e pode ser aperfeiçoado, mas que comporta um residual intangível à cultura - “com exceção do talento, tudo o mais se ensina em futebol, e o talento se aprimora ou se estiola”, como sugere uma representação que será retomada oportunamente. No segundo caso, o dom equivale a uma predisposição que, além de inata, é herdada, razão pela qual se aproxima da noção de dádiva - “moi, j’essaie de m’amuser [...] et de faire en sorte que les gens s’amussent aussi en regardant mon jeu. [...] C’est de l’instinct, un don que Dieu m’a donné”, segundo outra fonte nativa. Se em relação ao

dom/talento aquele que o possui é sujeito aos investimentos visando aprimorá-lo, no caso do dom/dádiva aquele que o herdou - da natureza (genética) ou da divindade - torna-se o centro dos interesses de uma configuração social de pequena escala aqui definida como *entourage*<sup>82</sup>. Os que fazem parte dela são, preferencialmente, os familiares e os amigos daquele em quem o dom se manifesta, influenciando no uso dos produtos do dom, dentre os quais o dinheiro. Para que fique bem claro desde logo, há diferenças significativas entre os dons, embora na maioria das vezes eles estejam imbricados<sup>83</sup>.

Para compreender a maneira como o dom é manipulado no contexto futebolístico, é preciso cotejá-lo com as teorias da reciprocidade, o que será feito na primeira parte deste capítulo. No decorrer da tese, o dom será seguidamente retomado, afinal ele é a senha de acesso dos jogadores no circuito do futebol de espetáculo e, portanto, a contrapartida do pertencimento clubístico, senha dos torcedores. A segunda parte do capítulo explicita a noção de capital futebolístico a partir da noção bourdiana de capital, matizando-a com elementos etnográficos. Não se trata, em hipótese alguma, de usar a noção de capital como camisa de força, ofuscando as representações nativas do dom, elas mesmas indicando que o futebol de espetáculo encontra-se próximo, para não dizer integrado, ao campo artístico. Objetiva-se, convém reiterar, a preservação da categoria dom em razão da extensão, da ambivalência e, portanto, da polissemia.

Este capítulo é importante para o conjunto da tese, pois impede que se deixe desguarnecido um flanco sempre problemático quando se trata de representações do dom/dádiva: afinal, a presença do dom implica, necessariamente, na sua circulação? Em caso afirmativo, como se processa e de onde provém a força que o põe em movimento? A hipótese aqui suscitada é de que a força do dom reside na crença dos grupos que reconhecem e manipulam-no, quer dizer, são as configurações sociais que geram o dom as responsáveis por orientar a sua manipulação. A inserção no circuito da formação/produção de atletas, justamente o espaço-tempo onde o dom é manipulado, forjou e ao mesmo tempo contribuiu para elucidar a hipótese precedente. Todavia, a discussão não se encerra neste capítulo, de cunho mais conceitual, sendo retomada em diferentes momentos da tese, tal qual a noção de pertencimento clubístico, por vezes imbricando-as, inclusive.

---

<sup>82</sup> O termo não precisa ser grafado em itálico pois, embora seja usado com mais frequência em francês do que em português, os dicionários brasileiros indicam o aportuguesamento.

<sup>83</sup> Não apenas porque os dois sentidos para o dom andam juntos, mas também por economia lingüística, só especificarei o dom com o indicativo correspondente – dom/talento e dom/dádiva – quando for estritamente necessário. Nas demais circunstâncias, o sentido poderá ser precisado pelo contexto, embora eles estejam seguidamente imbricados.

### 3.1 DEFINIÇÕES E INDEFINIÇÕES DO DOM

#### 3.1.1 O dom/talento e o dom/dádiva

O termo dom, já foi dito, não possui um único sentido no contexto futebolístico, sendo no entanto recorrente o seu emprego como sinônimo de talento. A esta modalidade também se poderia nomear de dom manifesto, pois seu uso é freqüente, ainda que a tendência seja a sua substituição, pura e simples, pelo termo talento, na medida em que nos afastamos de indivíduos ou grupos marcados por influências religiosas - boleiros, ex-boleiros, familiares, entre outros - e nos aproximamos dos agentes diplomados, quer dizer, de formadores, mediadores especializados e dirigentes, para quem o termo talento parece soar mais requintado. A diferença é sutil, mas existe, parecendo os formadores mais à vontade para falar em talento do que em dom, pois eles manipulam diretamente com as predisposições que os termos sugerem. Manipular com o talento parece ser menos embaraçoso, afinal o termo tem uma conotação secularizada, ao contrário da aura que cerca o dom. Se alguém propuser nomear os formadores de “lapidadores do dom”, eles concordarão prontamente, mas se insistir com questões acerca do dom, o aborrecimento é provável, afinal quanto mais alguém estiver propenso a reconhecer o dom de um futebolista, menos estará sujeito ao reconhecimento do aprendizado e, portanto, do trabalho dos formadores. De qualquer forma, usa-se, mesmo entre os formadores, dom e talento como sinônimos, como ilustra a passagem a seguir, constante no prefácio e reproduzida na contracapa de um livro escrito pelo ex-coordenador das categorias de base do Inter, Élio Carravetta.

**Com exceção do talento, tudo o mais se ensina em futebol** [a] - e o talento se aprimora ou se estiola, como exemplificam tantas carreiras vitoriosas ou fracassadas, **na medida do bom ou do mau uso da aptidão inata** [b]. E é disso que trata o livro do professor Elio Carravetta, **de ensinar aos talentosos como administrar seu dom** [c], de às vezes mostrar ao seu próprio talentoso as virtudes que não conhece no seu potencial [...].

(Ibsen Pinheiro, ex-presidente do Congresso Nacional/PMDB, ex-dirigente do Internacional e eleito vereador de Porto Alegre pelo PMDB em 2004 (apud CARRAVETTA, 2001, p. 13)). (Meus grifos)

Além de explicitar a equivalência de sentido entre os termos dom e talento, como expressa o grifo “c”, a passagem reforça duas outras convicções disseminadas nos centros de formação/produção. A primeira delas, de que existe uma espécie de residual no dom/talento, em relação ao qual os processos pedagógicos não têm interferência, como pode ser notado nos grifos “a” e “b”. A segunda convicção, expressa pelos três grifos, dá conta do caráter manipulável do objeto em questão, como atestam duas outras observações.

Acho que talento não se ensina, mas se desenvolve. Você pega a pedra crua e lapida ela. Então você tem que saber observar o garoto que tem potencial, que tem talento, e

desenvolver nele o talento. Você não faz nascer nele um talento, mas se Pelé e Zico não tivessem sido lapidados não teriam surgido como jogadores de futebol.

(Marcos Seixas, à época preparador físico do juvenil do Fluminense, em entrevista gravada durante a realização Copa Santiago, Santiago/RS, jan/2002)

[Zinedine Zidane] C'est le genre de joueur que tu aides, mais que tu ne formes pas.

(Frase atribuída a Guy Lacombe, treinador de clubes da primeira divisão francesa e “patron” do centro de formação de Cannes, freqüentado por Zidane, publicadas no suplemento de L'Équipe, nº 1122, 22/11/2003).

Para reforçar a hipótese de que dom e talento são, sob certa perspectiva, termos permutáveis, e não apenas no contexto brasileiro, sugiro atenção para outras referências a Zidane (Zizou).

Zizou a le don rare de rendre simples les situations les plus compliquées, car il est capable de trouver une solution technique à chaque problème posé.

(Marcello Lippi, em 1998, à época treinador da Juventus/Itália).

Il a un truc unique, Zizou. Un truc qui lui permet d'aller chercher des ballons à une hauteur inouïe, un truc qui lui confère une fluidité, une facilité de dribble incomparables.

(Thierry Henry, em 2002, atacante titular da seleção francesa).

Ce mec pense en une fraction de seconde ! Vous pouvez compter dans le monde sur d'autres joueurs ultra-techniques. Mais ont-ils cette imagination, ce pouvoir de création ? Sel Zidane a ce don.

(Edgar Davids, em 2000, titular da seleção holandesa e à época companheiro de Zidane na Juventus)

Se substituíssemos o termo “don” por “talent” na frase de Marcello Lippe - “Zizou a le don rare de rendre simples [...]” - ou de Edgar Davids - “[...] Sel Zizou a ce don” - seus sentidos não seriam alterados. O fato dos termos serem permutáveis, ainda que um e outro sejam usados com freqüências variadas em contextos distintos, como é o caso da resistência implícita dos formadores, não implica, contudo, que esta seja a única acepção possível para a categoria dom, sendo justamente este um dos seus enigmas. Só o trabalho de campo prolongado, cuja formulação e reformulação incessante de interpretações situacionais é encoberta pela síntese apresentada ao público, poderia ter evitado dois atalhos tentadores e perniciosos à compreensão do dom.

O primeiro atalho seria aquele que conduziria a interpretação tangenciando as sinuosidades do percurso, abreviando-o, porém privando-a daquilo que pode haver de surpreendente e estimulante no trajeto mais longo. O dom poderia ser interpretado, pois, como uma teoria nativa em vias de deterioração a partir das novas tecnologias usadas na formação/produção de futebolistas, dentre as quais incluem-se os formadores diplomados, cuja resistência ao dom, já se disse, é notável. Como tais agentes e seus métodos encontram-se

relativamente consolidados nos principais centros de formação/produção brasileiros, como se verá a bom tempo, poder-se-ia sugerir que o dom está em vias de perder sua eficácia simbólica em detrimento do termo talento, o que seria indício de uma mudança em termos de concepção do estatuto dos futebolistas, das pedagogias que dão suporte à formação e ao próprio campo do futebol de espetáculo.

A maneira como o *don/truc* de Zidane foi adjetivado poderia ser tomada como indicativa dessa mudança, cuja ênfase recai, como se pode notar, sobre os atributos cognitivos tais como: capacidade de simplificação, de solucionar tecnicamente os desafios do jogo, fluidez, facilidade de driblar, imaginação, poder de criação e rapidez de raciocínio. Ver-se-á, em detalhes, quando for explicitada a noção de capital futebolístico, como se atribui muita ênfase, contemporaneamente, às variáveis cognitivas e, por extensão, ao desenvolvimento, a partir da prática, da percepção dos espaços e tempos que estão em jogo por ocasião de um jogo de futebol. Certos formadores estabelecem, inclusive, uma relação entre desenvolvimento intelectual/mental e o aperfeiçoamento das técnicas futebolísticas.

Você consegue estabelecer uma relação entre capacidade intelectual global dos meninos e a capacidade para incorporar, aprender... para assimilação, isso, para assimilação. Um jogador com capacidade mental, com uma inteligência mais avançada, mais desenvolvida, ele tem uma capacidade de assimilação infinitamente superior. Tem jogadores tecnicamente bons, com força boa, com capacidade de chute muito boa, com capacidade física muito boa, mas uma deficiência de pensar, de raciocinar, uma preguiça até, e isso atrapalha muito na hora dele desenvolver o jogo. E ao contrário disso, as vezes você tem jogadores mais limitados, mas que usam mais a cabeça, pensam, e aí encurtam os espaços, facilitam as coisas [...].  
(Marcos Seixas, preparador físico do juvenil do Fluminense, entrevista gravada, jan/2002)

A maneira como Seixas articula os atributos intelectuais e futebolísticos é característica dos novos profissionais que, gradativamente, tomaram o lugar dos ex-boleiros nos centros de formação. Ele se referiu, em algumas passagens da entrevista, ao termo talento - “Acho que talento não se ensina, mas se desenvolve. Você pega a pedra crua e lapida ela”, como consta na primeira reprodução de Seixas -, mas jamais ao dom. Não seria difícil fazer crer que o dom estaria em vias de extinção, substituído pelo termo talento que, por seu turno, poderia ser substituído aqui, com vantagem, pelo termo *habitus* - como dispositivo de percepção e de ação incorporadas.

O atalho ao qual me referi anteriormente reside justamente neste ponto em que o conceito ético parece mais completo, abrangente e pertinente do que o termo êmico. Estou convencido de que a noção de *habitus* é mais apropriada do que a noção de talento, porque a engloba na medida em que a categoria nativa decididamente tem dificuldade de dar conta da dimensão social da manifestação, reconhecimento, aperfeiçoamento e utilização dos atributos

futebolísticos requeridos para a prática espetacularizada. Do ponto de vista teórico, o atalho seria facilmente corroborado recorrendo-se à etnografia de Wacquant entre os boxeadores de Chicago, pois também lá o dom é categoria de uso alargado e, como aqui, com um sentido de predisposição inata.

O mito indígena do dom do boxeador é uma ilusão fundada na realidade: o que os boxeadores tomam como uma qualidade de natureza (‘é preciso que você tenha isso em você’) é, na verdade, essa natureza particular que resulta do longo processo de inculcar o *habitus* pugilístico, processo que muitas vezes começa desde a mais tenra infância, seja no interior do próprio *gym* - onde vemos crianças que são regularmente trazidas pelos membros do clube e que treinam boxeando -, seja, ainda, nessa antecâmara do salão de boxe, que é a rua no gueto (2002, p.119).

Substituindo-se o *gym* pelos centros de formação/treinamento e o gueto pelos terrenos baldios, ruas, praças e parques, tornar-se-ia cômodo apropriar a passagem de Wacquant para o contexto do futebol brasileiro, afinal o “mito indígena do dom” é recorrente também por aqui. O que me impede de revestir o dom com a noção de *habitus* é, em primeiro plano, o fato de que ela está demasiadamente próxima das representações dos formadores. Todavia, eles não são os únicos agentes do campo do futebol de espetáculo a operar com a noção de dom/talento. Proceder nesta direção seria, portanto, corroborar uma dada interpretação nativa sem ao menos referir a presença de outras, como sugere o diálogo com um olheiro/agente/empresário que se tornou meu informante durante a Taça Macaé.

- Que tal aquele garoto lá, Dadá?
  - Olha, rapaz, o moleque é bom mesmo!
  - Você acha que ele chega ao profissional?
  - Não sei, não; não tem como saber!
  - Mas leva jeito, não leva?
  - É, leva! Você pode ver pelo jeito dele correr, o jeito como bate na bola...
  - Como assim? De que jeito ele corre, não é igual aos outros?
  - Ah isso não sei explicar não; isso é prá você aí no seu trabalho, não é não!?
- (Dadá era olheiro do Vitória/BA, em Conceição do Macabu/RJ, julho de 2002)

Dadá é um olheiro à moda antiga, mas agente/empresário contemporâneo, com os signos de prestígio que identificam esses novos atores do futebol - celular de última geração, roupas de grife, etc. Suas respostas ambíguas são, em parte, compatíveis ao ramo de atividade que exerce, mas evidenciam também o uso de categoriais de percepção e de juízo diversas daquelas que se poderiam esperar de um formador com o perfil de Seixas. O domínio de Dadá é notadamente prático, adquirido através do acúmulo e elaboração de experiências concretas. Ele não tem diploma, mas isso não o impede de identificar meninos com potencial à profissionalização, do contrário não estaria trabalhando para o Vitória, um dos mais reputados centros de formação/produção brasileiros. Dadá mostra-se reticente quando solicitado a especificar a maneira como classifica os meninos, e não se trata apenas de despiste. Há qualquer

coisa do tipo “é preciso que eles tenham algo neles” - o jeito de correr, o jeito de bater na bola - para serem futebolistas, assim como os boxeadores dizem, em Wacquant, “é preciso que você tenha isso em você” para boxear profissionalmente. É justamente o “algo”, o “jeito”, o “isso” que permanece como um mistério na interpretação de muitos nativos; é a dimensão residual e intangível que o dom, e apenas ele, consegue dar conta satisfatoriamente.

Na tentativa de desnaturalizar o “mito indígena”, Wacquant aplicou o “mito bourdiano”, diluindo o dom com o conceito de *habitus*. Ao fim e ao cabo, Wacquant usa o *habitus* para explicar a crença nativa no dom, como se pretendesse salvá-los do que ele constata ser um equívoco de suas percepções acerca de si mesmos. “A expressão ‘boxeador natural’ (*a natural*), que muitas vezes retorna ao vernáculo das academias, designa essa natureza cultivada, cuja gênese social tornou-se invisível para aqueles que a percebem por meio das categorias mentais que são o produto dela” (2002, p. 120). Em que pese se pudesse argüir que a “natureza cultivada” seja uma modalidade de tradução da “natureza ‘natural’”, suponho que o problema não se resolva com o uso do coringa bourdiano<sup>84</sup>. Não tenho como saber se DeeDee - de quem Wacquant assume todos os pontos de vista, à exceção daquele que contradiz frontalmente o de Bourdieu - concordaria com a tradução sugerida, mas os meus informantes não, pelo menos boa parte deles.

O residual que a noção de dom protege, com mais vigor do que a noção de talento, e que a noção de *habitus* pretende escancarar, é preservado nesta tese. O primeiro atalho, ao qual me referi anteriormente, seria consumado se o residual que faz do dom um mistério fosse desmistificado, como pretendeu Wacquant. Se nos sentimos pouco a vontade para lidar com as ambivalências - e esse parece ser o caso também dos formadores com diploma universitário - é forçoso reconhecer que para outros agentes isso não constitui um problema, mas quiçá o colorido que os singularizam. Vejamos.

É hora de distinguir o dom/talento do dom/dádiva, um procedimento necessário do ponto de vista teórico, mas algo inimaginável aos meus informantes. Trata-se de uma etapa delicada dada a sutileza das diferenças e a repercussão que elas sugerem. Uma passagem

---

<sup>84</sup> As incessantes redefinições do conceito de *habitus* (BOURDIEU, 1990; BOURDIEU e WACQUANT, 1995) ao longo de sua obra corrigiram alguns mal entendidos, evitando que este fosse tomado como um adequador/alocador do social no indivíduo. Tais reelaborações – através de discípulos, inclusive, entre eles Wacquant – dinamizaram a noção, aumentando suas possibilidades de uso que, em contrapartida, tornaram-se por vezes excessivas. Entre a lista interminável de críticas ao *habitus*, aquela pertinente de ser invocada aqui é a de Bronckart e Schurmans (1999), dando conta de que a noção não pode ser usada, como freqüentemente ocorre, como teoria cognitiva. No ponto em que Wacquant usa o conceito de *habitus* como princípio gerador das práticas e, ao mesmo tempo, como princípio mistificador das percepções do referido processo, instaura-se uma nuvem turva no entorno da própria ferramenta conceitual. Por vezes, ela se assemelha a um coringa, mediador dos processos entre o social e o individual, mas noutras é usada simplesmente como uma chave mestra (gazua, “mixa”) que abre e fecha todas as portas; um *truc* conceitual.

atribuída a Ronaldinho Gaúcho, pinçada de uma longa entrevista ao semanário France Football (nº 2998, 26/09/2003) é tomada como paradigmática.

Moi, j'essaie de m'amuser, de prendre du bon temps et de faire en sorte que les gens s'amussent aussi en regardant mon jeu. Il n'y a rien de plus, c'est de l'instinct, un don que Dieu m'a donné (p. 7).

A simples substituição do termo dom pelo termo talento já não preservaria, nesse caso, a integralidade do sentido da asserção, mas tão somente de parte dele. O instinto ao qual Ronaldinho credita sua habilidade invulgar não é um mero dom/talento. É, sim, algo que está nele, mas é algo mais, “un don que Dieu m'a donné”; uma dádiva, portanto. Ou seja, ele se percebe não apenas como portador, mas como receptor de um dom, uma espécie de predestinado ou vocacionado. O que faz então Ronaldinho com o dom que lhe foi dado por Deus? Diverte-se, brinca, regozija-se (*s'amuser*) e, ao fazê-lo, acredita divertir também o público, o que poderia ser interpretado como uma forma de redistribuição da dádiva divina. Nesse ponto encontramos-nos com o dom/dádiva em vias de entrar em circulação, como pode ser vislumbrado na descrição em destaque.

#### Milhões de euros e moedas de reais

Ronaldinho não se refere, na entrevista ao *France Football*, ao fato notável de que a diversão, dele e do público, é mediada por diversas modalidades de prestações e contraprestações, dentre as quais se destaca o recebimento de honorários por parte dele. O dinheiro é apenas um dos bens usados para mediar as trocas, pois boleiros do quilate de Ronaldinho são ávidos também pelo reconhecimento simbólico e, particularmente, afetivo. Na medida em que nos encontramos na modernidade, não seria de estranhar a possibilidade de reconversões sucessivas do dom, partindo de uma divindade e chegando aos bancos, sem contar as muitas outras transubstanciações ocorridas pelo caminho.

Em troca de dinheiro, no princípio de 2001, Ronaldinho deixou o Grêmio, ao qual esteve vinculado por mais de dez anos. No seu último jogo pelo clube que o formou, Ronaldinho recebeu um coquetel de vaias, xingamentos e moedas no seu percurso em direção aos vestiários. O dom que ele dispusera aos gremistas - “j'essaie de m'amuser [...] en sorte que les gens s'amussent aussi” - seria, dali por diante, partilhado com os torcedores do Paris-Saint-Germain (PSG) e mais tarde com os do Barcelona. As moedas que lhe foram arremessadas significavam o descontentamento daqueles que até então lhe haviam dirigido elogios (ohhhh!), aplausos e afetos das mais diversas matizes. A passagem de herói a vilão, selada com a acusação de mercenário, pode ser interpretada como a contra-prestação dos gremistas à opção do jogador. Seus interesses não deram conta, àquela altura, das expectativas dos torcedores, pois eles, presos ao Grêmio pelo clubismo, não poderiam seguir Ronaldinho, que a partir de então pertenceria aos torcedores do PSG. Embora não seja necessário nomear as razões, a troca de clube foi mal conduzida do ponto de vista afetivo, tanto por Ronaldinho quanto pelo Grêmio. Entretanto existem outros exemplos, como o de Nilmar, que será visto no capítulo 6, em que a transação é compactuada pelas partes e avalizada pelos torcedores.

A partida de Ronaldinho não correspondeu, em virtude da mudança de legislação sobre os contratos profissionais, à esperada contrapartida econômica do PSG ao Grêmio, o que implicou na perda de receita presumida<sup>85</sup>. Sendo o Grêmio uma nação-Clube de futebol, a comunidade de pertença sentiu-

<sup>85</sup> Oito meses antes de deixar o Grêmio, a boataria dava conta de uma proposta de compra de Ronaldinho por 80 milhões de euros. Isto jamais se confirmou e o Grêmio só foi indenizado pelo PSG depois de entrar com representação junto à FIFA, tendo recebido algo em torno de 5 milhões de euros, segundo fontes diversas na imprensa local. A quantia é bem inferior aos 30 milhões faturados pelo PSG com a venda do



se ludibriada, parte dela ao menos, pois Ronaldinho e seus agentes/empresários teriam quebrado os códigos de ética, negociando com o PSG sem comunicar ao Grêmio. O atleta teria sido beneficiado economicamente na transação, protelando sua renovação de contrato com o Grêmio até tirar vantagem da vigência da nova legislação - Lei Pelé, ver adiante - que facultou ao PSG o pagamento da contrapartida pelos direitos federativos de Ronaldinho. Trocando em miúdos, Ronaldinho teria permanecido com parte do dinheiro que caberia ao Grêmio, daí porque, em sua partida, não pode dizer o mesmo que Nilmar e tantos outros: “se é bom para mim e para o clube...”. Sendo assim, as moedas jogadas pelos torcedores foram a contrapartida.

O dom futebolístico que está na origem de todos os investimentos, uma vez aperfeiçoado e reconhecido pelo público, entra em circulação suscitando uma cadeia de trocas que, por seu turno, implicam na sua reconversão incessante, em forma de dinheiro e afeto, interesses individuais e coletivos, fidelidade e traição, idolatria e escárnio, enfim, em uma miscelânea de eventos e símbolos. Estamos tratando do dom/dádiva, um dom ubíquo - ao contrário do dom/talento, manifesto - e, ao que tudo indica, no terreno das teorias da reciprocidade. Também estamos a um passo de ingressar no segundo atalho sugerido anteriormente, bastando para tanto tomar uma das teorias da reciprocidade - Mauss, Lévi-Strauss, Bourdieu, Dumont, Godelier, Caillé... - para encaixar episódios como os ilustrados a partir da transferência de Ronaldinho do Grêmio ao PSG e muitos outros eventos e representações em que o dom/dádiva e seus produtos imediatos (dinheiro e prestígio) ou transubstanciados (os produtos do dinheiro e do prestígio) encontram-se em circulação.

O nexos entre o dom futebolístico e o dom (os dons, talvez) que está na base das diferentes teorias da reciprocidade parece inconsistente na medida em que estas são postulados teóricos que servem como recorte analítico para diversas modalidades de objetos. Pretendendo-se utilizá-las como ferramentas para compreender o campo do futebol de espetáculo, porque seria preciso uma justificativa a partir da presença do dom como categoria nativa? Assim como termos grafados distintamente podem ser equivalentes em termos de significado - basta recordar o amplo levantamento realizado por Mauss em torno dos equivalentes do dom nas sociedades ditas “arcaicas” a partir da literatura etnográfica (1974b, p. 39-128) - nada garante que a presença do dom no espectro futebolístico tenha nexos com a teoria da reciprocidade ou com seus desdobramentos. No entanto, se existe um dom e se um dos sentidos é o de dádiva, por que não investigá-lo à luz das teorias disponíveis, elucidando seu uso entre os agentes sociais? É isso que será feito na seqüência, mas sem atalhos, pois o objetivo é preservar as teorias nativas a seu respeito. Se acerca do dom se faz alguma modalidade de teoria, esta não é englobando e tampouco fundindo os horizontes, mas antes preservando as diferenças entre o ético e o êmico

---

jogador ao Barcelona, dois anos mais tarde. Sobre isto cf. o periódico eletrônico Sport Disponível em: <<http://www.sport.fr>> Acesso em 20 out 2004.

(no plural, talvez), como no capítulo 9, no qual a questão será retomada, com vistas à interpretação da manipulação dos produtos do dom.

### **3.1.2. O dom futebolístico matizado pelas teorias da reciprocidade**

A maneira tal qual o dom aparece nas representações, como visto a pouco, pressupõe, por um lado, que ele contenha um residual intangível às teorias nativas; por outro lado, está claro que o dom pode ser aperfeiçoado ou desperdiçado e, nesse caso, manipulado. O processo de manipulação do dom e de seus produtos deixa um rastro a partir do qual é possível contorná-lo teoricamente, pois tudo indica que ele esteja presente em vários momentos da carreira de um jogador. Não são apenas os formadores que manipulam-no, a partir do treinamento, mas muitos outros agentes, dentre os quais os torcedores - os aplausos e as vaias poderiam, sob certo aspecto, serem tomados como dons e contra-dons (ou dons invertidos) a que correspondem determinadas performances dos futebolistas. Não pretendo sugerir que o dom seja o denominador êmico de todas as trocas, a “rocha” do futebol de espetáculo, porém não restam dúvidas em relação a sua ubiqüidade. A primeira questão, portanto, é tentar compreender o significado do dom/dádiva futebolístico, o que implica, de outra parte, retomar algumas contribuições do extenso debate antropológico em torno do tema.

A teoria maussiana da reciprocidade, que está na base das demais teorias, implica um circuito pelo qual se movimentam pessoas e coisas a partir de três disposições fundamentais: dar, receber e retribuir (MAUSS, 1974b, p. 104-14). O autor faz de pronto recair o problema sobre a retribuição - o que faz com que o objeto dado deva ser retornado? - pois seria esta a obrigação que estaria no cerne da circulação e, portanto, no fundamento (e não propriamente na origem) das trocas. Lévi-Strauss dirá, a partir de um argumento lógico e dedutivo, e não etnográfico nem indutivo, como Mauss, que as trocas são condição para a comunicação e esta para a instauração do social, sendo por isso universais<sup>86</sup>. O dever de retribuir cria um parâmetro para avaliar o sucesso das trocas e, portanto, da comunicação. A não retribuição ou uma retribuição aquém do esperado enseja o conflito e a ruptura, enquanto o inverso estreitaria e aprofundaria os vínculos<sup>87</sup>. O dever de retribuir fundamentar-se-ia num primado lógico, pois as trocas são

---

<sup>86</sup> Sobre isto cf. Lévi-Strauss (1974). Ver tb. Hénaff (1991, p. 59-98) e Tarot (1999, p. 38-45).

<sup>87</sup> Na perspectiva lévi-straussiana, pois, reciprocidade implica simetria e eqüidade, pelo menos em termos simbólicos. Isto equivale a dizer que pessoas e coisas podem ter equivalência, na medida em que, do ponto de vista simbólico, sejam equiparadas. O importante é destacar que a ênfase na eqüidade sugerida pela reciprocidade lévi-straussiana pode escamotear algo importante da perspectiva prática, que são os embates visando, justamente, a construção do valor do objeto implicado nas trocas. É neste ponto que Bourdieu discorda de Lévi-Strauss, pois para ele uma teoria da reciprocidade deve prever a possibilidade de débito e crédito (sem limitar o sentido destes termos à perspectiva utilitária) entre as partes, ou seja, é

imprescindíveis à reprodução da sociedade. Com tais argumentos, Lévi-Strauss não apenas deixa clara sua perspectiva estruturalista, senão que rechaça a suposição de Mauss de que haveria na coisa dada algo que obrigaria seu receptor a retribuí-la (174b, p. 114-29). O *hau*, expressão Maori equivalente ao “espírito da coisa” (ou ao espírito da pessoa que está na coisa) estaria na origem do dever de retribuição, de retornar a coisa dada ao seu lugar de origem (MAUSS, p. 52-6)<sup>88</sup>.

Por sorte, dirá Lévi-Strauss (1974), o *hau* está do ponto de partida do *Essai sur le don*, salvaguardando o conjunto do texto de um equívoco grosseiro; sorte que não teria tido outra obra importante de Mauss, *Théorie Générale de la Magie*, na qual ele também se serve das teorias nativas e, particularmente, da noção de *mana* para responder a um leque de questões<sup>89</sup>. O uso maussiano da noção de *hau* é, digamos, inspirado na noção de *mana*, mas os termos possuem sentidos distintos. Em *Théorie Générale de la Magie*, o *mana* é apropriado de uma “teoria indígena”, neste caso Melanésia, e dela Mauss jamais se afastará por completo. Ele apropria e amplia o sentido do termo nativo, explicando primeiramente a magia, seguindo-se a religião, mais adiante o sagrado e as representações coletivas, enfim, o fundamento do social (“a rocha”), uma modalidade de busca marcadamente durkheimiana.

O *mana* não é simplesmente uma força, um ser: é também uma ação, uma qualidade e um estado. Em outros termos, a palavra é ao mesmo tempo um substantivo, um adjetivo e um verbo. [...] A idéia de *mana* é uma dessas idéias turvas, de que nos cremos desembaraçados, e que, por isso, é-nos difícil definir. É obscura e vaga e, não obstante, tem um emprego estranhamente determinado. É abstrata e geral, mas muito concreta. [...] O *mana* é exatamente o que dá valor às coisas e às pessoas - valor mágico, valor religioso, até mesmo valor social (MAUSS, 1974c, p.138).

E, logo adiante, já em fase de apropriação conceitual, lê-se:

A noção de *mana*, como a noção de sagrado, é em última análise apenas a espécie de categoria do pensamento coletivo que fundamenta [os] juízos, que impõe uma classificação das coisas (...) (p. 150). Pensamos, pois, encontrar na origem da magia a forma primeira das representações coletivas que tornaram-se depois os fundamentos do entendimento individual (p. 172).

---

preciso incorporar a possibilidade da dívida e, por extensão, dos acordos e desacordos em torno dela (conflitos e aliança) e da dívida impagável, embora consentida (da dominação, portanto). Sobre isto cf. Bourdieu (1994, p. 175-211).

<sup>88</sup> Para uma recapitulação completa acerca do debate em torno do *hau*, em várias direções possíveis, desde o seu significado entre os Maori até a sua apropriação teórica cf. Kilani (1995).

<sup>89</sup> Devo chamar a atenção para o fato de que Godelier (2001, p. 32-43) também se ocupa do “retorno à crítica de Mauss por Lévi-Strauss” tendo como ponto de partida as noções de *hau* e *mana*, mas suas preocupações são de outra ordem, notadamente críticas em relação a Lévi-Strauss. Por hora prefiro manter-me à margem desse debate, mas a impressão, por vezes, é que encontramos-nos num ciclo em que “Mauss é bom; Lévi-Strauss é mau”, quando outrora fora o inverso e, quiçá, no futuro, Mauss volte a ser mau (sobrinho de Durkheim...), e Lévi-Strauss bom. Enfim, Karsenti e Tarot são, a meu ver, as interpretações mais equidistantes e consistentes no que concerne aos avanços e recuos de Lévi-Strauss em relação a Mauss. Lévi-Strauss talvez não tenha sido justo o suficiente com Mauss, invocando para si uma revolução que já estava em curso, mas retornar a Mauss ignorando-se as teorizações em torno dos sistemas simbólicos é um equívoco, como argumenta Tarot (1999).

Em que pese a boa vontade de Mauss para com as categorias nativas, sobretudo das sociedades que ele define como “arcaicas”, há um problema incontornável na medida em que se tratam de apropriações anteriores ao desenvolvimento de uma teoria dos sistemas simbólicos e, particularmente, de uma dada teoria baseada na lingüística, como argumenta de forma extensa e consistente Tarot (1999, p. 403-56). O argumento de Lévi-Strauss (1974), incontestável sob este aspecto, é de que *hau* e *mana* desempenham uma função equivalente nas obras supracitadas, pois elas também cumprem funções equivalentes em seus contextos de origem. Quer dizer, os usos das noções de *mana* e *hau* possuem equivalência, e nisso Mauss estava certo, mas não são exatamente o que o ele preconizava.

A crítica de Lévi-Strauss (1974, p. 27-36), tida por muitos comentadores como o ato inaugural do estruturalismo, é consistente, embora excessiva em alguns aspectos. Se *hau* e *mana* são equivalentes, basta contestar o uso de um dos termos para, posteriormente, projetar sobre o outro a mesma ordem de argumentos. Lévi-Strauss concentra-se na noção de *mana*, valendo-se de uma ferramenta que não estivera ao alcance de Mauss: a lingüística saussuriana. A perspectiva semiológica inspirada na lingüística usada por Lévi-Strauss permitirá, por um lado, deixar para trás a preocupação com os fundamentos do social (a “rocha”). Por outro lado, possibilitará uma análise estruturalista das representações e, particularmente, dos simbolismos, algo que esteve muito presente em Mauss, mas que o desenvolvimento incipiente da lingüística não lhe permitiu avançar. Dizer que Mauss estivesse menos preocupado com o simbolismo do que Lévi-Strauss seria injusto, mas só este último pôde conduzir uma análise das estruturas do pensamento a partir das estruturas manifestas na linguagem<sup>90</sup>.

O *mana* é devolvido por Lévi-Strauss ao seu contexto original e pensado não mais a partir na interpretação nativa, mas semiológica. À mesma pergunta - o que significa *mana*? - Mauss e Lévi-Strauss darão respostas invertidas. *Mana*, dirá o primeiro, é algo que está na base, “uma força, um ser, uma ação, uma qualidade e um estado”; é tudo. Já o segundo sugerirá, muito simplesmente, que *mana* é tudo, e nada, ao mesmo tempo.

Depois de um sobrevôo etnográfico pelas sociedades onde o termo *mana* é usado, especialmente na Polinésia, e por outras onde é possível notar o uso de termos com significado equivalente, Lévi-Strauss retorna à sua própria sociedade.

Ao contrário do que se acreditava em 1902 [publicação de *Théorie Générale de la Magie*], as concepções do tipo *mana* são tão freqüentes e tão disseminadas que convém perguntar se não estamos em presença de uma forma de pensamento

---

<sup>90</sup> Não custa lembrar aqui a frase lapidar de Merleau-Ponty (1980b, p. 195), comentando a passagem de Mauss a Lévi-Strauss: “os fatos sociais não são coisas, nem idéias: são estruturas”; ou, atualizado-a, são relações.

universal e permanente [...]. [...] Sem dúvida, de maneira mais reservada, praticamos algumas que são do mesmo tipo, quando qualificamos de truque ou de engenhoca [*truc* e *machin*, no original] um objeto desconhecido ou cujo uso é mal explicado, ou cuja eficácia nos surpreende. Por trás de engenhoca, está o engenho e, mais afastada, a idéia de força ou poder. Quanto ao truque, os etimologistas derivam-no de um termo medieval que significa golpe feliz no jogo de destreza ou azar, isto é, um dos sentidos precisos que damos ao termo indonésio em que alguns vêem a origem da palavra *mana* (1974, p. 29-30).

Ao fim e ao cabo a solução:

Acreditamos que as noções de *mana*, tão diversas quanto possam ser, e encaradas em sua função mais geral [...] representam precisamente esse significante flutuante, que é a servidão de todo o pensamento acabado, mas também a garantia de toda a arte, de toda a poesia, de toda a invenção mítica e estética [...]. [...] Vemos no *mana*, no *wakan*, no *orenda* e em outras noções do mesmo tipo, a expressão consciente de uma função semântica, cujo papel é o de permitir que o pensamento simbólico se exerça apesar da contradição que lhe é própria. [...] De fato, o *mana* é tudo isso ao mesmo tempo, mas, precisamente, só é porque não é nada disso: simples forma, ou, mais exatamente, símbolo em estado puro [...] (p. 34-5).

Onde se pretende chegar afinal? Digamos que Lévi-Strauss esteja correto, então as noções de *mana*, *wakan*, *hau*, *machim* e *truc* são, em certo sentido, equivalentes; são significados flutuantes. No entanto, o que isto tem a ver com o dom futebolístico? A resposta a esta altura deverá parecer clara, ou próximo a isso, desde que retomados ao menos dois dos depoimentos acerca de Zidane, já referidos anteriormente.

Zizou a le truc rare de rendre simples les situations les plus compliquées, car il est capable de trouver une solution technique à chaque problème posé.

(Marcello Lippi, em 1998, à época treinador da Juventus/Itália).

Il a un don unique, Zizou. Un don qui lui permet d'aller chercher des ballons à une hauteur inouïe, un don qui lui confère une fluidité, une facilité de dribble incomparables.

(Thierry Henry, em 2002, atacante titular da seleção francesa).

Se o termo *don*, expresso no primeiro depoimento, fosse substituído por *truc*, qual seria a mudança de sentido acarretada? Não seria a mesma que ocorreria caso se procedesse em sentido inverso, substituindo o termo *truc* por *don* na segunda assertiva? Como o que está em jogo, ao menos neste exemplo, não são os juízos em relação a Zidane, mas o uso da linguagem, tomei a liberdade de substituir os termos *truc* e *don* nas frases acima, adulterando a grafia original. Se o truque não tiver sido notado à primeira leitura, trata-se de mais um argumento ratificando a hipótese de que não apenas *don* e *truc* são permutáveis, mas que o dom, mesmo quando aparece como sinônimo de talento, pode estar sendo, e seguidamente é, usado para preencher um espaço cuja destinação original deveria ser de um outro termo. Não por acaso, o termo *truc*, usado

originalmente por Thierry Henry para se referir a Zidane, é exatamente o termo que Lévi-Strauss refere como exemplo de significante flutuante. Efetivamente, os franceses usam seguidamente este termo em linguagem coloquial, da mesma forma que nós usamos os termos “coisa”, “treco”, “tchan”, “jeito”, entre outros.

O dom, entendido como significante flutuante, teria valor simbólico zero, “um sinal marcando a necessidade de um conteúdo simbólico suplementar” e, portanto, ainda seguindo Lévi-Strauss, sua função seria “opor-se à ausência de significação sem comportar por si mesma qualquer significação particular” (p. 35). Por isso, vale a pena reproduzir a frase de Ronaldinho Gaúcho, já citada anteriormente.

Moi, j'essaie de m'amuser, de prendre du bon temps et de faire en sorte que les gens s'amussent aussi en regardant mon jeu. Il n'y a rien de plus, c'est de l'instinct, un don que Dieu m'a donné (p. 7).

O dom é precisamente isso: “nada de mais”, “o instinto”, uma “dádiva divina” e, agregando-se outros termos do meio futebolístico, dom é “aquele algo mais”, “o que não se pode explicar”, “aquilo que você sabe quando o sujeito tem, mas não sabe o que é”, entre outras. Enfim, dom é, fundamentalmente, um termo que preenche um espaço que deveria ser ocupado por outro termo, um coringa, razão pela qual seu significado permanece oculto, em aberto, como ilustra o diálogo com o olheiro Dadá, citado anteriormente - “Você pode ver pelo jeito dele correr, o jeito como bate na bola”. Só o contexto dirá, efetivamente, o que está em jogo quando o termo dom é usado.

O dom não é substância, mas representação. Trata-se de uma categoria importante, justamente porque consegue preservar uma dimensão intangível. Há sempre um residual que não pode ou não se deseja compreender, mas que reverbera no modo como se relacionam os agentes no interior do campo. Pode-se argumentar que os futebolistas são produzidos a partir do treinamento metódico nos centros de formação, mas sempre se pode contra-argumentar que nem todos os que são recrutados por tais dispositivos possuem a mesma sorte. Há portanto diferenças no aprendizado e, por mais que se tente precisá-las, haverá sempre uma possibilidade de questionamento. Mesmo no caso das explicações calcadas na biologia e seus códigos, haverá indeterminação: como dois filhos de um mesmo casal podem ter performances desiguais e, particularmente, no caso de gêmeos - Diego e Diogo, meus informantes, por exemplo -, como um torna-se mais exitoso do que o outro? Por que um deles é melhor do que o outro e não o inverso? Enfim, o dom se presta, como significante flutuante, para preencher estas e outras lacunas. O dia em que elas forem preenchidas talvez decline, ao menos em parte, o interesse pelo futebol de espetáculo, pois não resta dúvidas de que ele é um dos campos de produção e de circulação legítima do pensamento mágico. Observa-se em um time, na seleção brasileira, por exemplo, um

conjunto representativo do que há de mais valorizado em termos de capital futebolístico no mercado internacional, e percebe-se uma diversidade de tipos físicos, étnicos, regionais, intelectuais. Como explicar que aqueles onze sejam “os eleitos” se, rigorosamente, eles não parecem se diferenciar dos milhares que desejariam estar em seus lugares?

Todavia, nem tudo se explica a partir de tal dispositivo. Antes de declarar que o futebol é um dos eventos que ainda comporta um operador mágico, no sentido de intangibilidade à razão instrumental, é preciso lembrar que há vários futebóis e, sobretudo, que eles são jogados, fruídos e interpretados em contextos particulares. Algumas configurações sociais e seus respectivos sistemas simbólicos articulam-no com mais ou menos espaço para os imponderáveis, como pode ser notado no texto em destaque.

#### **Aimé Jacquet, o Hermes do futebol**

A derrota do Brasil na final da Copa de 98, por 3 a 0 para a França, já rendeu até investigação no congresso nacional. Claro que a CPI da Nike, como ficou conhecida, aproveitou o ensejo e fez uma pequena devassa em vários âmbitos do poder dirigente do futebol de espetáculo. Dirigentes de clubes, federações, confederação e mesmo agentes/empresários foram chamados a depor e alguns deles indiciados a partir do relatório da referida comissão, mais tarde publicado em livro, referido ao longo desta tese.

Ronaldo Nazário, um dos pivôs da derrota segundo a versão brasileira, foi chamado a depor. Desejava-se saber se, afinal, teria havido interferência da Nike na escalação do jogador, que à época desfrutava o prestígio de ser o melhor do mundo e possuía um contrato de exclusividade com a multinacional, que também patrocinava a seleção brasileira. Ronaldo sofrera um mal súbito a poucas horas da partida final, tendo sido conduzido inconsciente a um hospital. Depois de uma bateria de exames em que nada fora constatado, o mesmo entrou em campo durante mais de uma hora. A mídia só ficaria sabendo o que se passara na concentração depois do final do jogo e, durante alguns dias, muitas conjecturas foram elaboradas. Pretendia-se saber as razões que provocaram o mal súbito e também os motivos que teriam levado o atleta a ser escalado logo após o acometido.

Para a segunda ordem de conjecturas, suspeitava-se que pudesse ter havido interferência do patrocinador, exigindo a presença de Ronaldinho em campo. Afinal, eram milhões de aparelhos de TV ligados. Já o leque das conjecturas em torno da primeira questão - o que teria provocado o mal súbito? - era de espectro amplo e diversificado, o suficiente para que vários especialistas fossem convocados a programas de rádio, jornais e TVs para esclarecê-lo. Teria ele “amarelado”? Em que medida o suposto romance de sua então namorada com um apresentador de televisão brasileiro teria sido a gota d’água que desencadearia o mal súbito?<sup>91</sup> Em seu depoimento na CPI, conduzida por Aldo Rebelo, do PC do B, partido a quem coube mais tarde o Ministério dos Esportes no governo Lula, Ronaldo foi discreto, mas não perdeu a oportunidade quando um deputado perguntou-lhe por que o Brasil perdera o jogo: “foi porque a França fez três gols e nós nenhum!”

Em fevereiro de 2004, quase seis anos depois daquela final, estive em Clairefontaine, centro de treinamento e hospedagem da seleção principal. Jean-Luc Ruty, diretor do centro, explicou-me, como testemunha ocular, as razões pelas quais haviam vencido o Brasil. Segundo M. Ruty, que assistira a preleção do técnico francês, a seleção brasileira havia sido meticulosamente estudada, tendo sido decifrado cada um de seus movimentos. Afinal é para isto que se presta o fantástico acervo de VTs de jogos entre seleções, ilha de edição e uma série de outros recursos audiovisuais disponíveis em Clairefontaine. Ainda segundo M. Ruty, Aimé Jacquet e seus auxiliares decodificaram os jogos, notando

<sup>91</sup> O alvoroço, de tão intenso, rendeu ao menos dois textos acadêmicos, Helal (2001) e Guedes (2000).

que os alas, Cafu e Roberto Carlos, eram os responsáveis pela alimentação das jogadas de ataque. Se bloqueassem o avanço deles, os temíveis atacantes brasileiros receberiam escassos lançamentos e, portanto, teriam reduzidas possibilidades de arremate e de gol. A defesa brasileira tinha problemas e os franceses teriam boas chances de marcar. E foi isso o que efetivamente aconteceu em campo, segundo M. Ruty. Aimé Jacquet decifrou os códigos e então arquitetou a vitória; a razão foi sua ferramenta e Zidane, o mestre de obra. Não é que não exista espaço para o imponderável, mas ele é nitidamente circunscrito - “je sais que s’est passé quelque chose au vestiaire brésilien, mais...”. O dom/talento de Zidane, que fez dois dos gols do jogo, e o dom/talento de Ronaldinho, de quem se esperava gols e não fez, aparecem em plano secundário. Quaisquer que tenham sido as razões que decretaram os 3 a 0 para a equipe da França, o certo é que brasileiros e franceses constroem narrativas diferentes e o fazem a partir de lógicas distintas, claras o suficiente para merecerem comentários.

Os formadores, como visto anteriormente, investem contra as representações do dom, não apenas porque elas encobrem os investimentos realizados ao longo do treinamento - diria que o dom encobre, inclusive, a “natureza cultivada” de Wacquant -, mas porque os formadores pertencem a um segmento de produção discursiva racionalizada no interior do próprio campo futebolístico. Usar um léxico verbal próprio é condição para diferenciarem-se dos discursos dos torcedores, dos mediadores e até dos dirigentes, uma estratégia de sobrevivência profissional, individual e coletiva, portanto. Todavia, o dom preserva sua eficácia e não é raro ver os próprios formadores apelarem para ele, bastando, para tanto, que seus métodos encontrem limites - “se o cara não tem bola no corpo...”.

Enfim, foi Mauss quem me guiou durante a maior parte do trabalho etnográfico e a ele retornarei, especialmente no capítulo 9, no qual abordo o duplo estatuto, de pessoa e coisa, a que são sujeitos os futebolistas. Não obstante, foi preciso tornar mais clara a maneira como o termo é significado pelos nativos e, nesse intento, a abordagem lévi-straussiana foi de extrema valia, impedindo que a categoria nativa fosse incorporada à tese sem a devida problematização. Talvez não se tenha, até este momento, avançado substancialmente em qualquer direção, mas ao menos evitado que se tomasse quaisquer atalhos, sobretudo os dois aqui suscitados: a) a diluição do dom pela noção de *habitus*; b) a diluição do dom pelas teorias da reciprocidade.

As representações nativas não são algo que deva ser mantido intacto, mas entre a fusão e a confusão de horizontes há uma fronteira tênue quando se opera com categorias ubíquas como é o caso do dom. O dom/talento e o dom/dádiva foram separados artificialmente, devendo ser recompostos na medida em que é na unidade que a categoria é operacionalizada concretamente. O dom é uma espécie de constante que, mesmo transubstancializado, empresta certa ambivalência às representações, pessoas ou coisas que a ele são associadas. O interessante de trabalhar com essa perspectiva é que ela abre a possibilidade para se perguntar por aqueles que são responsáveis pela estabilização dos significados, por fazê-los deixar de serem ambivalentes,



mesmo que isso seja circunstancial. Trata-se, portanto, de retornar a Mauss depois de ter visitado Lévi-Strauss, como sugere a recomendação oportuna de Caillé.

Peut-être, pour laisser à chacun la place qui lui revient, et pour ne pas noyer Mauss dans Lévi-Strauss comme celui-ci a dissous le don dans l'échange, conviendrait-il de distinguer clairement entre symbolisme et symbolique et de mieux marquer, à la manière structuraliste, comment chacun de ces termes est à l'un ce que chacun de nos deux auteurs est à l'autre. Lévi-Strauss est le penseur et l'analyste du symbolique, c'est-à-dire des ensembles de symboles, institués, donnés, hérités, formant système et pour cela susceptibles d'être étudiés selon les méthodes de la linguistique structurale. Mais on le sait [...], le sens d'une proposition, d'un terme, d'un symbole, ne peut pas être pleinement établi indépendamment de son usage. Il dépend, à chaque fois, d'une dimension pragmatique et contextuelle (1999, p. 17).

O dinheiro é um dos produtos do dom futebolístico e, como tal, não é um dinheiro qualquer, é um “dinheiro ambivalente”. Como não está claro a quem o dom/dádiva pertence, em que pese o dom/talento se manifeste num sujeito concreto - mas por que nele e não noutro filho, por exemplo? -, tampouco o dinheiro que é produto do dom tem um proprietário, um dono, um possuidor. Nesse ponto, entra em ação a entourage, a configuração de pequena escala que gravita no entorno do boleiro exitoso - do dom, se preferirem. É ela quem contribui para forjar as representações acerca do dom e é ela quem vai estabilizá-lo estrategicamente em seu favor.

A presença do dom é generalizada no espectro do futebol, mas com intensidades variadas. Onde prevalecem as ideologias individualistas, em que a ética do consumo se aproxima de um modelo protestante, quase não há espaço para o dom. Há dom e circulação intensa de dinheiro sobretudo em torno de jogadores egressos de grupos populares. Nesse contexto, onde os mediadores especializados - quase sempre recrutados entre as camadas médias - vêem o desperdício do dinheiro, algo rotineiro no Brasil, esta tese se esforça para ver uma outra ética em ação: a da redistribuição mediada pelas estratégias da entourage. A força que faz a coisa dada (o dom/talento) ser retribuída é, sobretudo, o “espírito da entourage”.

### **3.1.3. A transubstanciação do dom no futebol**

Aquele em quem é reconhecido o dom e que se reconhece como predestinado torna-se suscetível a retribuir, de algum modo, ao longo de sua carreira, à dádiva que está na origem de todos os investimentos. Isso não é obra de um indivíduo isolado que, depois de um exame de consciência ou coisa que o valha, sente-se impelido à retribuição<sup>92</sup>. Há, isto sim, um sistema

---

<sup>92</sup>“Si les agents peuvent être à la fois mystificateurs, d'eux-mêmes et des autres, et mystifiés, c'est qu'ils ont été immergés dès l'enfance dans un univers où l'échange de dons est socialement institué dans des dispositions et des croyances et échappe de ce fait aux paradoxes que l'on fait surgir artificiellement lorsque

simbólico em ação, em algumas configurações com mais ênfase do que em outras, de tal modo que a adesão e a extensão da cadeia de reciprocidades vai depender de quão susceptível a ela for o sujeito em quem o dom for reconhecido.

O simples fato de alguém ser reconhecido ou declarar-se portador de dom não implica na constituição de uma cadeia de reciprocidades. Para tanto, será necessária a existência de uma configuração social e, por definição, simbólica, aqui tratada por entourage, a lembrar e até mesmo a exigir que os produtos do dom sejam partilhados. A circulação do dom vai depender, portanto, de quão susceptíveis a fazê-lo circular estejam o seu portador e aqueles que estão no seu entorno. Dizendo de outro modo, o dom não entra em circulação por haver nele uma força misteriosa e muito menos pelo fato dessa força atuar, isoladamente, sobre a consciência daquele em quem o dom é reconhecido. Enquanto significado flutuante, o dom abre a possibilidade para que o sucesso invulgar e a riqueza sejam significados de maneira tal que eles sejam também redistribuídos. Redistribuídos?

Ocorre que o dom futebolístico não pode ser pensado fora de um contexto espetacularizado. Esse campo profissional pode ser generoso com alguns indivíduos, e o fato de sê-lo, em linhas genéricas, com os populares e, particularmente, com os negros, por vezes cria um flanco para a apoteose populista. Entretanto como outros campos do mundo artístico, o futebol de espetáculo pode ser generoso com uma dada classe de indivíduos, mas não é com todos os indivíduos de uma classe. Não há preconceito de cor em relação à profissionalização de futebolistas, o que não implica dizer que não haja preconceito de cor em relação a outros postos - como o de técnico e de dirigente - nem mesmo que os negros não sejam, em certa medida, vitimados pela promessa que não se cumpre senão a alguns poucos - ver-se-á.

Sendo assim, é o público, mediado pela indústria do espetáculo esportivo - uma variante da indústria cultural - quem vai determinar quantos, como e quem serão os eleitos. O auto-reconhecimento por parte de um indivíduo de que ele é portador de qualidades excepcionais não é um processo isolado, mas matizado pela percepção de que ele é ou está sendo notado como tal. Os futebolistas em formação são particularmente sensíveis a tais percepções. Eles têm consciência, em graus variados, de que o sucesso profissional só será possível a alguns, pois o futebol de espetáculo tem escassa possibilidade de expansão, na medida em que o clubismo limita a expansão de totens (clubes) e, por extensão, de atletas. Não é difícil, pois, inculcar num sujeito que compete em tempo integral, com e contra seus próximos, a idéia de que ele é um predestinado, qualquer que seja o resultado do seu empenho. Se o sucesso e o fracasso,

---

[...] on se place dans la logique de la conscience et de la décision libre d'un individu isole (BOURDIEU, 1994, p. 179).

sobretudo este último, recaíssem exclusivamente sobre o indivíduo, seria ainda mais penoso de administrá-lo do que já é. Os mesmos dispositivos que legitimam a competição em tempo integral de indivíduos, em relação face a face, encarregam-se de produzir seus antídotos, especialmente destinados aos que a ela sucumbem. Há mil e uma alternativas para um jogador explicar aos outros a “dispensa” de um centro de formação/produção, incluindo-se, lesões, perseguições, injustiças, desencantamentos, fatalidades diversas e, nisso tudo, há seguidamente algo que escapa ao alcance do indivíduo, como mecanismo de domesticação da frustração que de todo o modo é intensa para quem vê ruir na adolescência seu “sonho de vida”.

O êxito profissional, tangível apenas para uma minoria, tem todas as prerrogativas para ser pensado como uma concessão do próprio campo do futebol de espetáculo, como se houvesse uma quantidade limitada de benesses a serem partilhadas entre poucos - um time campeão, um craque do campeonato, uma revelação e assim por diante. O sucesso pode chegar, mas não é para todos; embora todos tenham o direito de lutar por ele, como se diz freqüentemente pelos bastidores. A visibilidade, o prestígio e o dinheiro são uma prova do êxito, razão pela qual são ostentadas. Contudo, se o êxito é produto do dom, então ele poderá ser distribuído ou, como dito a pouco, redistribuído<sup>93</sup>.

A frase de André, há mais de dez anos trabalhando nas categorias de base do Inter como formador, vem a calhar: “quando o cara é um pobre diabo, ninguém aparece: não tem pai, nem mãe, nem parente, nada. Aí recebe uma chance, faz um gol, aparece na TV e pronto: tem tios, sobrinhos, vizinhos, tudo!” Meu informante é formador, acredita, como quase todos, que talento não se cria, mas se aprimora; é ateu e comunista. Embora egresso de família de classe popular, incomoda-se, freqüentemente, com certas práticas que lhe são atinentes. A meio caminho entre uma ética moderna e uma ética tradicional, André vê com desdém o aflorar da entourage no momento em que o dom se consolida publicamente, adquire legitimidade e passa a render dividendos. Todavia, é preciso compreender a lógica da entourage: só tem direito às benesses do dom quem as reivindicar. Em que pese sejam muitos os oportunistas (todos são, de alguma

---

<sup>93</sup> É mais ou menos generalizada, no contexto do futebol de espetáculo no Brasil, uma certa noção de culpa entre os jogadores pelo fato de receberem altos salários num país com trabalhadores tão mal remunerados. Como boa parte dos boleiros são recrutados entre esses segmentos de classe, a culpabilidade e a culpabilização, exercida pelos torcedores com acusações como a de mercenários, são constantes. Há sempre alguém a lembrá-los, mesmo nos vestiários e à entrada em campo, de que quem veio ao estádio é o “povão”, que sacrificou seu “dinheirinho” para vê-los vencer os adversários e assim por diante. Isso não os impede, evidentemente, de ostentar seus ganhos, pois tal é uma forma de auto-afirmação de que eles necessitam. Se você não tem carro importado, celular da última geração, relógio da marca Rolex e roupa de grife, como poderão saber que você é um boleiro bem sucedido? E se os outros não reconhecem como tal, como vai acreditar que efetivamente é? Em meio a tudo isso, não se pode esquecer que aqueles que dispõem de dinheiro são consumidores potenciais e, como tal, alvos de outros agentes interessados na venda. Não por acaso, o pátio do Beira-Rio ou transformava-se, seguidamente, num shopping center a céu aberto na saída dos treinamentos.

forma), via de regra a entourage é integrada pela parentela e suas redes, o que implica que ela aflora com o dom, mas que já está constituída desde longa data. O aparente oportunismo para quem observa de fora não é no entanto percebido por quem pertence a entourage, o que não implica concluir que o dom seja gratuito, quer dizer, que o dinheiro seja pulverizado incondicionalmente.

Apenas para tornar mais claro esta asserção, convém exemplificá-la. Um menino qualquer, uma vez convidado a entrar para um centro de formação tomará isto como prova de reconhecimento de seu dom/talento - pelo menos não observei nenhum contra-exemplo a respeito - mesmo quando isto implica deixar a família, os amigos, a cidade e ir morar em albergue, em geral precários e hostis. A entourage tende então a se constituir, mobilizando-se em torno de tal menino, sendo alguns de seus membros - sobretudo pais ou irmãos - destacados para dar suporte ao vocacionado. Havia entre meus informantes vários pais assíduos aos jogos: os pais de Rodrigo Paulista, por exemplo, deslocaram-se de São Paulo à Conceição do Macabu, interior do Rio, para assistir à participação do filho num torneio da categoria juvenil; a família de Pereira viajou completa à Santiago, em janeiro de 2002; Seu Jorge passou a residir com o filho Léo em Marseille, quando este trocou o Flamengo pelo clube francês. Nada que se compare, no entanto, ao pai de Ju, que além dos jogos assiste aos treinamentos, condição galgada a partir de um emprego, e depois de outro, ambos de motorista de agente/empresário de jogador de futebol - ver texto em destaque, na seqüência “A manipulação dos capitais futebolísticos II”<sup>94</sup>. Os empregos do pai constituem estratégias dos empresários para criar vínculos até a assinatura de um contrato de gestão de imagem, o que só pode ser legalmente realizado a partir dos 16 anos. A partir de então, o pai do menino poderia até ser dispensado, mas isso raramente acontece, pois marcaria negativamente o prestígio de agente/empresário e dificultaria o assédio a outros meninos. Com um bom salário, o pai torna-se motorista do filho, como o pai de Rodrigo Paulista e o de Léo, e assim o agente empresário livra-se do empregado - em que pese os dois pais supracitados não fossem empregados de nenhum empresário.

O tipo de reciprocidade no espectro futebolístico e, particularmente, nas configurações de formação/produção não são do tipo ritual, como nas trocas de presentes, embora os presentes sejam usados no circuito como estratégias de constituição de vínculos, como será mostrado a bom tempo. As trocas envolvem a conversão ininterrupta de bens, com encontros e desencontros de sistemas simbólicos por vezes antagônicos. Nem todos os pais dos meninos que eu conheci aceitariam entregar a tutela do filho em troca de emprego. Para entregá-lo, será preciso, além de

---

<sup>94</sup> Em certa ocasião em que visitei um de meus informantes na grande-Porto Alegre, a mãe dele, reconhecendo nas fotografias que eu dispusera a família de Ju, comentou: “esses aí, também, estavam sempre lá! (nos jogos, neste caso)” .

ter um prodígio na família, haver alguém interessado e capaz de oferecer uma compensação por ele, um pai desempregado ou subempregado e, sobretudo, um dado estatuto simbólico, um tanto diverso dos padrões vigentes na família burguesa, em relação ao qual introduzir um filho no circuito da reciprocidade múltipla não implica em qualquer modalidade de sanção moral, culpa, arrependimento ou coisa que o valha. Se os agentes/empresários são bem-sucedidos no estabelecimento de vínculos com os meninos e seus familiares, quase sempre com o pai, não é porque os assediados, sobretudo de classes populares, sejam incapazes de gerir seus projetos, ainda que por vezes enfrentem obstáculos dados pelas mais diversas ordens de carências de capitais (simbólico, social, econômico, etc.). Deve-se, antes, à capacidade dos agentes/empresários de manipular os códigos desses grupos dos quais eles próprios são, muito freqüentemente, egressos. Os agentes/empresários estão numa linha de continuidade em relação aos dirigentes, de quem eles herdaram a tarefa de apadrinhamento dos boleiros. Embora se diga que o futebol seja um esporte moderno e as instituições que lhe dão suporte estejam na vanguarda da globalização, como já foi e será argüido a partir da organização FIFA-IB, o apadrinhamento, a patronagem e o clientelismo seguem-no de perto, ao menos no Brasil<sup>95</sup>.

O dom institui uma cadeia de reciprocidades múltiplas na medida em que circula, transubstanciando-se e, por isso mesmo, existindo mesmo onde o dom não é manifesto - verbalizado, sobretudo. A hipótese aqui suscitada é de que a força do dom reside na crença dos grupos que reconhecem-no e manipulam-no. Quer dizer, são as configurações sociais que geram o dom as responsáveis por orientar a sua manipulação. O futebol não é o único campo no qual se pode notar a presença do dom<sup>96</sup>, mas nem todos os campos sociais onde ele se manifesta são propensos a formular uma teoria da reciprocidade. Este é, no entanto, o caso do futebol de

---

<sup>95</sup> Sobre troca e patronagem no Brasil e, particularmente, sobre a prática do apadrinhamento a partir de uma cidade nordestina, cf. Lanna (1995). Retornarei ao tema no capítulo 9, quando tratar especificamente os agentes/empresários e suas estratégias.

<sup>96</sup> Nota-se, no campo das artes em geral, seguidas referência ao dom. Alguns depoimentos, de artistas plásticos (cf. Moulin, 1997, p. 299-326) corroboram a assertiva, que de resto não necessita ser demonstrada à exaustão. O entendimento do doar-se, segundo o ator-pesquisador Renato Ferracini, por exemplo, é interessante para se pensar na importância da interação ator-público e na modalidade de troca que a formação em artes cênicas pressupõe, pelo menos no seu entendimento. “[...] Doar é um verbo bitransitivo e, portanto, quem doa deve doar alguma coisa a alguém. Ora, se quisermos presentear alguém, primeiramente devemos possuir o presente para depois doá-lo. Se o ofício do ator é doar, comungar com a platéia, ele, como condição primeira, deve ter algo para doar. [...] O presente que o ator deve dar à platéia, o objeto direto que complementa o verbo dar, é a própria pessoa do ator. Ele deve comungar a si mesmo com seu público, mostrando não apenas seu movimento corporal e sua mera presença física no palco, mas seu corpo-em-vida. [...] Assim, a formação do ator que pretende doar-se ao público ou, ao menos, oferecer a pequena flor cultivada em sua alma, deve passar por esse mesmo complexo processo de criação de uma nova vida, devendo, necessariamente, [...] adquirir uma segunda natureza, ou seja, a natureza do palco, do corpo dilatado e extra-cotidiano (Ferracini, 2003, p. 35-6).

espetáculo. Se não tenho condições, nem pretensões, de formular uma teoria sobre a teoria nativa, tentarei ao menos indicar alguns caminhos, sempre com o cuidado de evitar os atalhos.

### 3.2. ACERCA DOS CAPITAIS FUTEBOLÍSTICOS

Mesmo que o “dom” seja uma categoria importante, o que quer que ele signifique, não é tudo de que necessita um sujeito para tornar-se futebolista, nem um conceito que dê conta do processo de formação e de atuação profissional de um ponto de vista antropológico. Como sugere Elias, cuja contribuição foi decisiva a este respeito, “com freqüência nos deparamos com a idéia de que a maturação do talento de um ‘gênio’ é um processo autônomo, ‘interior’, que acontece de modo mais ou menos isolado do destino humano do indivíduo em questão” (1995, p. 53). Quando Elias usa o termo indivíduo, ele muito raramente está se referindo a um sujeito isolado, ao *homo clausus*, mas a um sujeito que é produto e produtor de interdependência, o *homines aperti*. Daí porque “le concept d’individu se réfère à des hommes interdépendants, mais au singulier, et le concept de société à des hommes interdépendants, mais au pluriel” (Elias, 1991, p. 150)<sup>97</sup>. Juntando-se a idéia de que a maturação do dom/talento é um processo e de que o indivíduo no qual ele é reconhecido haverá de maturá-lo a partir de relações de interdependência - e nada como um esporte coletivo para evidenciá-las - cria-se uma blindagem em relação às possibilidades, sempre tentadoras, de deificação de alguns futebolistas de talento invulgar, seguidamente tomados como parâmetros para pensar “a” profissão. A contrapartida, ainda por sugestão de Elias, seria o desprezo pelos tantos que não recebem dos torcedores e dos mídias o rótulo de craques, incluindo-se aqueles que são excluídos ao longo do processo de formação - a maioria, computando-se apenas as fases decisivas - mas que nem por isso deixam de ser parte do processo de produção/formação, que é também um processo de inclusão e exclusão.

Zinedine Zidane é uma unanimidade no meio futebolístico e Ronaldinho Gaúcho dela se aproxima. São geniais no que fazem e o reconhecimento entre os pares é prova disso, como atestam as várias passagens aqui referidas acerca de Zidane - e outras que virão - e o fato de que Ronaldinho Gaúcho era a principal referência idealizada entre os meus informantes no Inter -

---

<sup>97</sup> Como define apropriadamente Delzescaux, [...] l’articulation individu/société se présente dans l’oeuvre d’Elias simultanément comme socle et armature [...]. Mais il ne suffit pas, pour ce faire, de postuler le caractère indissociable de la dimension individuelle et sociale des êtres humains, encore faut-il la démontrer et mettre à nu l’ensemble de ses soubassements. Passer de l’*homo clausus* à l’*homines aperti* c’est-à-dire de l’image d’un individu isolé et indépendant – image que les concepts même d’individu et de société contribuent à véhiculer et à institutionnaliser – à celle d’un individu ouvert et interdépendant, suppose non seulement l’élaboration d’un nouvel arsenal conceptuel, mais également la construction de modèles théoriques capables d’appréhender et de restituer la factualité du rapport individu/société (2001, p. 27-8).

mesmo tendo ele sido formado pelo arquirrival. Não se trata, todavia, de explicar o que é um gênio ou se o termo é bem empregado para o caso de jogadores de futebol. Trata-se de mostrar como eles são forjados, trazendo à baila muitas variáveis que, nas configurações concretas, tramam-se às representações do dom. Nessa perspectiva, deve-se incluir outros modelos de futebolistas, alguns realmente muito distantes de Zidane e Ronaldinho.

Nossa compreensão das realizações de um artista e a alegria que se tem com suas obras não diminui, mas se reforçam e aprofundam quando tentamos captar a conexão entre as obras e o destino do artista na sociedade de seus semelhantes. O dom especial - ou, como se dizia no tempo de Mozart, o “gênio” que uma pessoa tem, mas não é - em si mesmo constitui um dos elementos determinantes de seu destino social, e, neste sentido, é um fato social, assim como os dons simples de uma pessoa sem gênio. (ELIAS, 1991, p. 54).

Boa parte das pessoas, sejam elas do campo acadêmico ou não, desconhecem quase por completo o campo do profissionalismo futebolístico ou tem dele a imagem editada pelos mídias, eles próprios implicados diretamente com a trama do espetáculo. Nos centros de formação/produção, entram meninos com reconhecido talento futebolístico, mas apenas alguns jogarão no Inter; alguns o farão em clubes ainda mais prestigiados e outros menos do que o Inter, enquanto outros ainda serão excluídos ao longo do processo de formação. Eles convivem juntos durante alguns anos e as diferentes possibilidades que a carreira oferece vão sendo incorporadas.

Para que um menino tenha êxito, será preciso dispor do seu talento para que este seja moldado conforme as exigências do espetáculo. Dizer que os talentos são lapidados, como é freqüente ouvir dos formadores, não implica tão somente dizer que eles sejam aperfeiçoados, mas antes adequados, direcionados, potencializados, enfim, distorcidos. As disciplinas implicadas no treinamento - as ciências do treinamento, como por vezes se definem, mas não apenas elas pois também se usa, e muito, um saber prático sem a mediação acadêmica - visualizam o processo a partir da lógica instrumental, no sentido do aperfeiçoamento e da otimização dos produtos e da produção, contribuindo para naturalizar os procedimentos dos quais se servem, ocultando em seus discursos a dimensão social da formação/produção. Os livros técnicos, que são muitos e cada vez mais freqüentes, traduzem muito mal as diversas facetas desse processo. O silêncio é em parte compreensível, se considerarmos que tais obras, e por vezes seus autores, estão engajados diretamente no processo. É preciso evitar o empirismo descritivo e, sobretudo, o tecnicismo, incorporando às definições de formação/produção as dimensões sociais - econômica, cultural, política, moral e assim por diante - sem a qual não há como perceber as sutilezas na conversão de atletas e mercadorias, simultaneamente.

Não se trata tão somente do fato de o futebol ser um espetáculo de massa e, como tal, sujeito às regras da indústria cultural, cuja conversão de sujeitos em objetos de consumo é

recorrente, que as trajetórias dos futebolistas são seguidamente meteóricas e fugazes. Os jogadores produzem, com seus corpos e atuando coletivamente, uma modalidade de espetáculo que é, em si mesma, descartável<sup>98</sup>. Em certo sentido, dotar seu próprio corpo com as predisposições exigidas pelo espetáculo é dispô-lo aos outros, é entregar-se aos dispositivos do treinamento objetivando o reconhecimento do público, o que implica em projetar-se incessantemente, sendo este mecanismo um dos combustíveis da rotina extenuante que ocupa a maior parte do tempo dos futebolistas. É importante desconstruir uma visão arraigada no senso comum, mais fora do que dentro dos centros de formação, de que o mérito técnico - ou o dom/talento - é o que define a sorte de um futebolista ou, em sentido inverso, de que o meio é perverso por fazer vigorar outros critérios que não aqueles que uma dada visão idealizada do esporte julgaria como sendo corretos.

Nenhum talento se converte em profissional sem ser atravessado pelos interesses de uma extensa quantidade de agentes que estão no seu entorno, a começar pela própria família, passando pelos torcedores, aqueles para quem ele deverá proporcionar o espetáculo, os críticos especializados, os próprios pares, entre tantos. Enfim, há um jogo que os meninos precisam aprender a jogar, tão importante quanto o jogo de futebol propriamente dito. É preciso que eles acionem todos os capitais de que dispõem e isso será mostrado a bom termo. Antes porém, urge explicitar o que se entende por capital futebolístico, aquele em torno do qual gravitam as estratégias de conversão do dom em profissão.

O conceito de capital futebolístico, enquanto modalidade específica de capital exigida dos atletas profissionais, é formulado a partir da noção bourdiana de capital - uma constelação de atributos que permitem a alguém inserir-se legitimamente num dado campo social<sup>99</sup>.

a) Em sentido amplo, **os capitais futebolísticos são os atributos que garantem o acesso de um menino a um centro de formação/produção**, o que inclui desde o reconhecimento do talento - por agentes autorizados pelos clubes e não por um observador qualquer, como se verá no capítulo 9 - até os vínculos com agentes/empresários, passando pela percepção dos limites e possibilidades de

---

<sup>98</sup> Um jogo não pode ser reeditado e até mesmo o consumo de imagens - de vídeo-tape, por exemplo - *a posteriori* é relativamente inexpressivo quando comparado ao interesse pelo jogo ao vivo, dado que este é um rito disjuntivo. No *tape*, a ansiedade e a incerteza em relação ao desfecho do jogo, ingredientes essenciais da estética torcedora, desaparecem quase por completo. Em outras palavras, o jogo deixa de ser um jogo, pois perde a sua "abertura". Isso faz com que um jogo jogado seja um evento potencialmente descartado, mesmo que ele venha a ser lembrado pelos torcedores. Todavia, os eventos "lembráveis" são reduzidos e mesmo os jogadores que se incluem nesta categoria são minoria. Os demais são alienados, no sentido de que são esquecidos, ignorados, como se não houvessem sequer existido.

<sup>99</sup> Como existe uma correspondência estreita entre as noções de campo e de capital, avança-se na compreensão de um campo social qualquer à medida em que são determinados os capitais que especificam-no e, em sentido inverso, descobre-se quais são esses capitais investigando a configuração do campo, os fluxos de poder, as estratégias e os estrategistas que detêm a autoridade. Daí porque o conceito é forjado aqui, mas a especificação requer a leitura da tese no seu conjunto. Para uma síntese a esse respeito, conferir Bourdieu e Wacquant (1995).



movimentação no interior do universo profissional, o que pressupõe a posse de outras modalidades de capitais, dentre as quais o capital simbólico está em primeiro plano.

b) Em sentido restrito, referindo-se aos atributos propriamente corporais de um indivíduo qualquer, **os capitais futebolísticos perfazem um leque amplo e variado de disposições físicas, psíquicas e sociais** que extrapolam, significativamente, a dimensão técnica e, sobretudo, uma dada dimensão em particular, muito valorizada pelo senso comum, associada ao controle da bola - malabarismos, floreios, etc.

Capital futebolístico não é algo que possa ser mensurado, embora sejam alguns atributos físicos que constituem-no. É, sobretudo, algo manipulável, de tal forma que os clubes são insistentemente procurados para atender a demanda de meninos que desejam serem testados. Alguns deles chegam por conta própria, como Anderson, mostrado no primeiro documentário da série Futebol, de João Moreira Salles; as chances nesses casos são praticamente nulas, sobretudo nos centros de formação/produção dos clubes de elite. Outros chegam agenciados por dirigentes, olheiros, agentes/empresários, entre outros. As chances aumentam, mas é freqüente que um menino passe por vários testes antes de ser recrutado. O segredo é encontrar um clube compatível ao dom/talento, como foi a estratégia de Fabrício, outro menino mostrado no documentário de João Moreira Salles. Rejeitado no Flamengo, ele foi ao Botafogo e depois ao Madureira, graças ao agenciamento de um recrutador do próprio Flamengo. Em outras palavras, capital futebolístico é um conceito forjado para dar conta, inclusive, da margem de manobra existente entre a oferta de talento e a demanda do mercado de formação e atuação profissional, pressupondo que o volume de capital corporal seja algo determinante, mas não é tudo. De mais a mais, volume de capital corporal não é algo mensurável, mas ajuizável, sujeito à valoração. Por isso, ouve-se seguidamente dizer que “futebol é momento”. Em 2000, Rafael Sobis jogava no infantil do Cruzeiro de Porto Alegre, um clube que disputava a segunda divisão estadual e era usado como “parceiro” pelo agente/empresário de Sobis. No mesmo ano, Diego trocara o Grêmio pelo Inter. Rafael foi do Cruzeiro ao Corinthians-SP e de lá retornou ao Inter em 2001; Diego foi titular do Infantil do Inter ao longo do ano. Em 2002, eles foram contemporâneos no juvenil, embora Rafael fosse titular e Diego reserva. Pouco mais de dois anos se passaram e Rafael é titular do Inter, cotado para o mercado europeu por 8 milhões de euros, segundo o agente/empresário que detém 50% dos seus direitos federativos<sup>100</sup>. Diego, dispensado no início de 2003, atua no futebol de várzea, a 100 reais por jogo, sem assistência médica ou de qualquer outra natureza.

---

<sup>100</sup> Manchetes de contra-capa do Correio do Povo; “Rafael Sobis vira ‘cheque em branco’” (26/1/2005); “Sobis nos planos de clubes da Itália” (4/2/2005); “Sobis surpreso com assédio europeu” (5/2/2005).

Há outras ocupações em que há disparidade, porém raras são aquelas em que as diferenças se produzem em tão curto espaço de tempo, quando os sujeitos ainda são jovens. E de forma irreversível, ao menos para quem, como Diego, percorre uma descendente relativamente constante - voltarei a ele oportunamente. Ascender à equipe principal do Inter é um desejo de todos os meninos das categorias de base do clube, ainda que alguns deles creiam ou sejam levados a crer que possam ir além, o que significaria, por exemplo, jogar em clubes europeus, na seleção brasileira e assim indefinidamente, até tornarem-se, eventualmente, objeto de interesse midiático extra-futebolístico, como Romário, Ronaldo Nazário, Maradona e outros. Todavia, a maior parte deles não fará carreira no Inter, e nem em quaisquer outros clubes do porte do Inter. Cícero, capitão da equipe juvenil em Santiago, em 2002, foi emprestado ao América-RJ no início de 2005, o que era comentado com desdém tanto por dois membros do *staff* das categorias de base do Inter, quanto por um grupo de ex-colegas de Cícero, ex-integrantes das categorias de base promovidos à equipe principal - “O Ameriquinha... que barca furada [time ruim], heim!”. Pereira, capitão dos juniores ao longo de 2004, tendo integrado o elenco principal no início de 2003, também estava sendo cogitado de empréstimo ao clube carioca, tal qual João Guilherme, ex-capitão da seleção sub-17, campeã do mundo em 2003, e Marcelo, 3º goleiro da equipe principal, também formado nas categorias de base do Inter. O “Ameriquinha” representava, para todos os efeitos, um desfecho do processo de formação aquém do esperado, para os que estavam sendo cogitados de transferência, pois eles estiveram muito bem cotados em dadas etapas da formação, sendo capitães, selecionáveis e recrutáveis à equipe principal por antecipação. E o que dizer daqueles que sequer chegam a ser efetivados nas categorias de base, como mostra o destaque a seguir?

#### **A manipulação dos capitais futebolísticos - I**

A partir de 2004, o Internacional reformulou o processo de avaliação de atletas já em fase avançada de formação, em idade entre o juvenil e os juniores, criando um grupo especial denominado “piloto”. O grupo é diversificado, havendo adolescentes recrutados pelas “peneiras” de Dorinho e Jajá, dois ex-atletas do clube, num campo de várzea da zona Norte. As “peneiras” são freqüentadas pelos meninos menos providos de capitais sociais; são os que não possuem intermediários ou quando possuem, estes não dispõem de capitais suficientes para fazê-los entrar diretamente no piloto. Aos que são indicados por Dorinho e Jajá somam-se as indicações dos membros das comissões técnicas do próprio Inter - um garoto que se destacou num jogo contra eles, por exemplo -, as indicações de dirigentes influentes - dentre os quais alguns cônsules - e, fundamentalmente, atletas vinculados a agentes/empresários medianos - agentes do baixo clero são encaminhados às peneiras de Dorinho e Jajá; os bem cotados seguidamente colocam seus atletas entre o grupo dos estabelecidos, sem precisar de testes ou coisa que o valha.

Até então, porém, os “testes” eram incorporados, durante uma semana, geralmente, ao grupo efetivo. O garoto credenciado para a avaliação chegava ao clube e, como os demais, recebia o fardamento das mãos do roupeiro; fardava em silêncio e se dirigia ao campo em meio aos efetivos, sem

trocar palavra. Eles só deixavam de ser invisíveis quando o técnico ou o preparador físico, dependendo da atividade, dividia o grupo de aproximadamente 30 atletas em segmentos menores, encaixando “o(s) teste(s)” entre a “baba”. A “baba” é o segmento mais frágil no grupo de efetivos, posicionados no fim de uma seqüência onde constam os titulares, os reservas imediatos e os reservas eventuais. Estar entre a “baba” significa estar a um passo da “dispensa”. Como se trabalha com um número mais ou menos fixo de atletas no grupo - entre 33 e 35, no máximo - se por ventura aprovar um “teste”, dispensa-se um “baba”; é questão de tempo. Assim sendo, os da “baba” (ou preteridos) farão o possível para não deixar os “testes” (ou pretendentes) se sobressaírem e neste empreendimento contam com o apoio generalizado de todos os estabelecidos, com quem possuem, via de regra, relações de amizade - “bruxaria”. Ocorre que a “baba” é uma categoria na qual se pode entrar e também sair, sendo difícil encontrar no grupo alguém que nunca tenha estado, por razões diversas, na eminência de ser dispensado - por indisciplina, deficiência técnica, deficiência física, problemas familiares, desânimo, etc.

Os testes podiam passar ilesos de uma ou duas sessões de treinamento, especialmente quando estas tinham um caráter mais individualizado. Contudo, não passavam pelos coletivos, pelos mini-jogos, ou mesmo pelos “bobinhos”. Dia desses, observei que os “testes” estavam “apanhando” durante um mini-jogo. Cebola, à época auxiliar-técnico, comandava a atividade. Além de marcar algumas faltas, solicitara que Giacomini e Guilherme diminuíssem o ímpeto. Depois de encerrado o treino, comentei o ocorrido e ele confirmou que “estavam cagando a pau os testes”, apesar da sua “marcação de cima”. Então ouvi um relato acerca de um acontecido dias antes, em que eu não estivera lá.

Um “teste” participava de um “bobinho”...

O “bobinho” consiste numa dinâmica, seguidamente usada no aquecimento, em que se forma um círculo de troca de passes com alguém no centro tentando interceptá-los. O que está no centro - ou os que estão, pois geralmente são três ou quatro - deve tomar a bola que é passada de pé em pé entre os que estão na periferia. Se alguém da periferia erra o passe, vai para o meio da roda. O bobinho é usado também para aperfeiçoar os passes e a marcação, e ninguém gosta de estar no centro da roda, de ser o bobinho, de correr sem a bola de um lado para outro. Se isto já não fosse humilhante o suficiente, os garotos padronizaram duas outras regras: se forem dados dez ou mais passes sem que o bobinho toque na bola ele “mofa” - fica mais uma vez no centro, correndo de lá para cá mesmo depois de apanhar a bola -; e também “mofa” se lhe fizerem passar a bola entre as pernas - “janelinha”.

... Pois o “teste” levou seis “janelinhas” numa série de dez passes! Como disse Paulo, auxiliar de preparação física, que me fez o relato, “eu no lugar dele teria ido embora; foi muito humilhante, acabaram com ele!”.

Não são raros os prodígios que impressionam pela maneira hábil com que se servem de seus corpos no trato com a bola, mas daí a tornarem-se atletas profissionais há uma distância considerável, análoga à distância entre o pianista e o músico, o pintor e o artista, para citar dois exemplos. Os capitais futebolísticos são desenvolvidos, embora seja inequívoco que certas predisposições genéticas são necessárias, especialmente aquelas ligadas à motricidade. De qualquer modo, não é o biológico que está na origem e tampouco a testa do desenvolvimento dos capitais futebolísticos. A hipótese não é piagetiana, mas segue o trilha de Vygotsky (1993, p. 9-44), para quem o contexto sócio-histórico determina os rumos do desenvolvimento da linguagem e, bem entendido, o domínio do corpo e dos movimentos são uma forma de linguagem, como tem sido dito desde o princípio desta tese<sup>101</sup>.

<sup>101</sup>Sobre essa importante diferença, matizada por uma crítica ao conceito de *habitus*, ver Bronckart e Schurmans (2001). Ver também a íntegra de Faure (2000).

Os futebolistas são fabricados, e o são conforme as demandas do espetáculo. Existe, portanto, uma correspondência entre as propriedades intrínsecas do jogo, que serão analisadas no capítulo 8, e as tecnologias que servem de suporte à produção de sujeitos aptos a executá-las. As propriedades intrínsecas do jogo demandam certos capitais que a formação/produção encarrega-se de incorporar aos futebolistas e, em sentido inverso, são os capitais incorporados na formação e, posteriormente, ao longo da preparação e do treinamento, os responsáveis pela dinâmica do jogo propriamente dito. Sendo assim, é observando-se o processo de constituição dos capitais futebolísticos que se pode notar, talvez com mais nitidez do que no jogo, em que direção o futebol de espetáculo vem se desenvolvendo.

No caso dos capitais futebolísticos, há variações expressivas conforme as especializações, definidas a partir da divisão do trabalho em equipe. O **Quadro 3.1** a seguir permite que se tenha uma noção do que se espera, contemporaneamente, de um futebolista num clube como o Internacional, por exemplo, bem como um mapa da divisão das tarefas numa equipe.

**Quadro 3.1 - Características específicas prioritárias dos futebolistas**

<b>Especialidade</b>	<b>Características prioritárias</b>
Goleiros	Altura, envergadura, dimensão da palma da mão e atitude
Zagueiros	Estatuta, imposição funcional, desarme, capacidade de recuperação e antecipação
Laterais	Velocidade, desarme, saída com a bola e capacidade cognitiva
Volantes	Força, desarme, habilidade, capacidade de lançamento e de marcação
Meias	Criatividade, habilidade, domínio técnico, drible e finalização
Atacantes	Habilidade, velocidade, drible e finalização
Atacantes de área	Estatuta, imposição funcional e finalização

Fonte: Carraveta (2001, p. 77-8)<sup>102</sup>

Carravetta destaca outros traços do perfil exigido para os futebolistas, sendo tais atributos comuns a todos os profissionais, independente das suas especialidades, ainda que possa haver ênfases mais ou menos acentuadas. Os traços seriam: a) **a motricidade geral**,

<sup>102</sup> A adoção das definições de Carravetta não é gratuita, devendo-se, sobretudo, ao fato dele ter sido coordenador técnico das categorias de base do Internacional. Não se trata, portanto, de definições livrescas, embora retiradas de uma publicação escrita. Este esclarecimento é importante pois existe, no sub-campo da produção científica em teorias/metodologias do treinamento, uma extensa bibliografia acerca dos atributos exigidos dos futebolistas para o exercício profissional, especialmente em se tratando de biomecânica, cineantropometria e fisiologia do exercício, ramos do conhecimento que fazem uso alargado da mensuração, sem contar as centenas de livros didáticos sobre o treinamento esportivo em geral ou voltado para o futebol em particular. Resenhar este material não seria de todo inútil, pois neles circulam as mais diversas formas de classificação, princípios de divisão, segmentação e hierarquização de seres humanos. Todavia, tal não é o objetivo desta tese, nem mesmo deste capítulo.

entendida como capacidade para o desenvolvimento das habilidades técnicas no decurso do treinamento; b) **os atributos psicológicos**, dentre os quais o autor refere a estabilidade emocional e a capacidade de controle da ansiedade, condição indispensável para tolerar as frustrações, reduzindo também os riscos de esgotamento físico diante do treinamento intenso; c) **os componentes cognitivos**, que seriam “requisito prévio para a interpretação rápida e apropriada das informações e para a tomada de decisões que coloquem em prática soluções originais em situações novas” (p. 82). O talento futebolístico seria, segundo Carravetta, o “resultado de um amplo domínio do conjunto das variáveis mencionadas, potencializadas em valores elevados e com diferença mínima entre elas” (2001, p. 82).

Como existe uma extensa literatura na área da pedagogia do treinamento e uma diversidade de definições de talento futebolístico, bem como das formas de detecção e avaliação, não convém tomar as definições anteriores como definitivas. Não obstante, elas servem como um ponto de partida relativamente seguro, dada, entre outras razões, pelo fato de Carravetta ter estado à frente da configuração em que realizei boa parte das minhas observações de campo. Suas definições revelam a importância dada aos atributos biológicos - estatura (altura), envergadura, força, velocidade, etc -, mas deixa patente que o treinamento pode potencializar tais atributos. Se, por um lado, admite que certas disposições possuem um residual intangível à intervenção pedagógica, esclarece, por outro, que é extensa a margem de manobra dos capitais propriamente corporais<sup>103</sup>. Também destaca um conjunto de competências que seriam exigidas indiscriminadamente de todos os recrutados, enquanto existem outras que são específicas para cada especialidade do trabalho em equipe, o que garante uma margem de manobra na alocação e realocação dos talentos ao longo do processo de formação.

Para tornar-se profissional não basta dispor dos atributos específicos, é preciso saber articulá-los. Nesse ponto as definições técnicas perdem terreno para definições mais abertas, por vezes de senso comum, como aquela, freqüente entre os nativos, de que não basta, para tornar-se boleiro, “ter bola no corpo se não tiver a cabeça no lugar”. Usa-se o termo “cabeça” num leque variado e heterodoxo de acepções, que poderiam ser traduzidas como categorias do intelecto, mentais, cognitivas e assim por diante. Talvez a noção de capital simbólico, como capacidade de

---

<sup>103</sup> As disciplinas vinculadas ao treinamento, desde a ortopedia até a fisiologia do esforço, passando pela endocrinologia, a nutrição, a fisioterapia e tantas outras, investem na modulação do corpo, embora possuam determinados limites. Pode-se estimular o “desenvolvimento antropométrico” (dito estirão de crescimento), mas não há (e dificilmente existirá, no futuro próximo) tecnologia capaz de solucionar todos os casos, pois intervenções drásticas – como seria o caso do crescimento ósseo (com elevação da estatura) a partir do uso de aparelho ortopédico – impõem certas restrições como contrapartida, e os esportes performáticos são um tanto avessos a isso. De mais a mais, as tecnologias visando o aumento da performance são orientadas por valores culturais, como a lei anti-dopagem, a existência de regras, enfim, as ciências do treinamento são bem mais tramadas culturalmente do que por vezes acreditam seus praticantes.

conhecimento e reconhecimento do mundo, seja a que melhor se aproxime do termo nativo. Diz-se, por exemplo, que muitos meninos recorrem aos agentes/empresários, porque não “têm cabeça”; escolhem mal seus tutores pois “têm uma cabecinha desse tamanhinho”; são expulsos quando “perdem a cabeça”; saem com umas “mulheres nada a ver, porque pensam com a cabeça de baixo” e assim por diante. Para tirar proveito do talento, é preciso usar a cabeça ou, dizendo de outro modo, é preciso governar os capitais propriamente futebolísticos, algo que as definições mais técnicas não dão conta - como a de Carravetta, por exemplo, cuja preocupação não é de ordem antropológica, claro.

Assim, o que diferencia o jogador de pelada do profissional são, portanto, os capitais incorporados ao longo da formação e, particularmente, dos treinamentos. Os treinamentos desenvolveram-se paralelamente ao jogo, como será mostrado no capítulo 8, no sentido de otimização dos espaços, dos tempos e de todas as demais categorias tidas como imponderáveis. O treinamento, em seus aspectos gerais, tornou-se uma modalidade de trabalho que compreende, entre outros aspectos: a) o aprimoramento físico, permitindo a um atleta, individualmente, cobrir com mais rapidez e eficiência mais espaços e os mesmos espaços em menos tempo do que outrora; b) o recrutamento daqueles atletas com maior capacidade técnica individual, o que pressupõe a execução mais econômica dos movimentos e, por extensão, no ganho de espaço a partir do ganho de tempo; c) o aprimoramento tático, quer dizer, um esforço coletivo no sentido de realizar com maior eficiência as progressões em direção à zona de arremate e, simultaneamente, de impedir que o adversário o faça; d) a preferência por aqueles atletas que resistem com menor desgaste psíquico às adversidades, dentre elas as exigências por performances regulares em circunstâncias diversas, sobretudo quando a pressão por resultados põe em risco o êxito de um trabalho prolongado; e) a preferência por atletas que, além de disciplinados em todos os sentidos, contribuam para que o trabalho em equipe seja exitoso, o que inclui a tolerância em relação ao convívio prolongado e praticamente integral - *full time* - com um grupo restrito de pessoas.

Os cinco anos que compreendem as etapas juvenil e júnior poderiam ser definidos, a partir da lógica do treinamento, como os anos decisivos para a incorporação dos capitais futebolísticos. Os juízos definitivos são, no entanto, efetivados por ocasião dos jogos. Num segmento no qual o mercado de trabalho não tem tido expansão, pois o sistema clubístico, como já foi demonstrado, não comporta muitos clubes e, por extensão, muitas equipes, são exitosos aqueles que, além de potencializarem o uso do próprio corpo, conseguem relacionar-se estrategicamente no interior do campo - alguns atletas conseguem até mesmo encaminhar a reconversão.

Os capitais específicos são sujeitos a avaliações intermitentes, sendo que o salário e o preço estimado dos direitos federativos são dois critérios que, aos olhos dos próprios atletas, seriam de prestígio. Assim há “cíceros” e “pereiras”, que descendem; “sobis”, que emergem; “diegos”, que despencam; e “nilmares”, que ascendem meteoricamente<sup>104</sup>. Em razão das oscilações e incertezas, os próprios meninos e a entourage especializaram-se em auscultar o status ao longo do processo, esboçando movimentos estratégicos de acordo com a capacidade de mobilizar a totalidade dos capitais disponíveis. É o caso de Ju, por exemplo, que aparece no quadro em destaque.

### A manipulação dos capitais futebolísticos - II

Ele está no Inter desde os 7 anos de idade, tendo atravessado, com êxito, todas as etapas da formação até chegar à categoria juvenil. Como ele é nascido em 1986, não estava no grupo com o qual iniciei meu trabalho de campo, tendo sido incorporado no ano seguinte, em 2002, portanto. Tido entre os formadores como um dos mais prodigiosos talentos que já passaram pelas categorias de base do Inter, Ju conquistou rapidamente a titularidade na equipe juvenil, sendo que a base desta equipe era composta por meninos nascidos em 1985, com um ano a mais de idade, e de treinamento, o que geralmente faz bastante diferença a essa altura do processo. Na época, seu pai já estava empregado como motorista particular de um poderoso agente/empresário, o que na prática o permitia estar em tempo integral no alambrado dos campos de treinamento do Beira-Rio.

Mesmo sendo franzino, Ju impunha-se em razão da rara habilidade na perna esquerda, associada à percepção do jogo acima da média, atuando numa das mais prestigiadas posições da equipe: a de meia-armador, cérebro do time, portador do número 10, um pequeno fetiche que não perdeu o interesse. Ju vinha sendo um dos destaques da equipe na primeira fase da Torneio de Macaé, em julho de 2003, ao lado de Teco, seu amigo inseparável, que começara o ano desprestigiado, entre a “baba” - os que estão à beira da dispensa - e ocupando o lugar de Rodrigo Paulista, agora na equipe profissional, expulso no jogo de estréia. No jogo contra o Corinthians, valendo uma vaga às semi-finais, Ju sucumbiu à marcação e foi substituído. No jogo seguinte, contra o Vitória, ele sequer começou a partida, alegando indisposição intestinal - à boca pequena, este tipo de mal físico é interpretado, salvo exceção, como falta de vigor psíquico para suportar as exigências em relação à performance; no jargão vulgar, ele “se borrou”, “tremeu na hora h”, “fez água”, enfim, fraquejou psíquica e fisicamente e, por extensão, socialmente, pois seu prestígio foi arranhado. Ele entrou bem, no decorrer do jogo, quando não havia tempo para quase nada. O Inter perdeu na cobrança de tiros livres e foi eliminado.

Ju retornou cabisbaixo e o segundo semestre dele foi irregular. Nos treinamentos notava-se seu descontentamento em relação ao próprio desempenho. Estava habituado a ser o prodígio entre seus pares, mas no seu grupo de trabalho havia, entre outros, Rafael Sobis e Rodrigo Paulista, que terminariam o ano de 2004 como titulares da equipe principal do Internacional. A concorrência aumentara, as exigências também, e sob todos os aspectos, incluindo-se aqueles de ordem física e tática. Seus dribles já não fluíam como outrora, quando, segundo Tóvi, um informante que o conhecia desde bem menino, Ju fazia “o que queria com a bola nos pés”. Agora havia marcação, e cerrada. Tornara-se imperioso superar a marcação, evitar o tranco, encontrar os espaços para “trabalhar a bola”, movimentar-se incessantemente, mas sua compleição física não suportava tamanho esforço - Ju mede 1,67 m. Foi reserva no torneio de Santiago, em Janeiro de 2003 e no Inter sugeriram que ele fosse emprestado ao São José, clube porto-alegrense que sequer disputa a série C nacional. Ele conseguiu

<sup>104</sup> Nilmar foi descartado dos juvenis que foram a Santiago no início de 2002 – ocasião em que Pereira foi titular e Cícero o capitão da equipe –, tendo-se tornado, dois anos e meio depois, uma das vendas mais lucrativas do Inter nos últimos anos.

colocação no Cruzeiro, graças à intervenção do tal agente/empresário. Foi muito bem lá e retornou ao Inter, em meados de 2004, oscilando entre a reserva e a titularidade da equipe Junior.

O pai rompeu relações com o antigo agente/empresário, ficou desempregado e voltou a trabalhar como mecânico quando Ju saiu de Porto Alegre em direção à Belo Horizonte. No retorno do garoto, o pai tornou-se motorista de outro empresário, que nem mesmo reside no Brasil. Ju acredita que 2005 será seu ano decisivo. Os formadores, no entanto, têm sérias dúvidas de que ele consiga chegar aos profissionais do Inter, e não se trata de falta de talento. “O problema é o tamanho”, dizem todos.

Ter um agente/empresário é um signo de distinção entre os meninos em formação, e não sem razão. Não ter agente/empresário ou ter vínculo com os de má reputação, isto sim é que é desprestigiado, de quem não tem seu status (dom/talento) reconhecido. Os jogadores não são propriamente alheios aos procedimentos aos quais se submetem, embora as percepções sejam bastante desiguais, em certos casos conformistas. O “olhar de dentro”, contribuição que a observação participante tem a oferecer, permite que os futebolistas sejam pensados em outras perspectivas para além das usuais, sejam elas dadas pelo olhar dos mídias e dirigentes, com seus interesses particulares; seja a dos torcedores, ávidos por performances e capazes de ovacionar alguém numa tarde, por um chute que redundou em gol, e de trucidá-lo noutra, por uma razão igualmente banal quando captada pelo “olhar de fora”.

Percorrer o processo de produção de atletas implica atravessar alguns dispositivos que produzem uma modalidade de artista, mas também de indivíduo. O futebol como espetáculo tem muito a oferecer às suas vedetes, mas não se deve esquecer que são exatamente as apostas que mais prêmios dispõem as que mais riscos oferecem - ou como num adágio popular: “quanto maior a árvore, maior o tombo”. O processo de produção de profissionais é atravessado por relações de poder, quase sempre unilaterais, no sentido de que são exercidas pela instituição sobre os indivíduos, pelos mestres sobre os aprendizes, pelos dirigentes sobre ambos e, talvez, pelo público sobre todos eles. Os jogadores ocupam quase sempre a base dessa pirâmide. A arma de que dispõem é, seguidamente, o próprio dom, objeto de cobiça por quase todos, incluindo-se os torcedores e os agentes/empresários.<sup>105</sup> Ser capaz de manipular estrategicamente o dom é, por isso mesmo, uma espécie de dom suplementar que tende a fazer a diferença onde quer que seja, mesmo em casos onde o dom/talento apresenta-se como invulgar.

<sup>105</sup> Interessante, uma vez mais, a comparação com a interpretação de Wacquant sobre o mundo do boxe. “Quanto à incomum *intensidade* da exploração nessa economia, é uma função direta da distância social e etnoracial entre o explorador e o explorado bem como da enorme disparidade entre os volumes e tipos de capital que possuem: de um lado, lutadores que normalmente quase nada têm além de seus organismos treinados e a coragem moral necessária para valorizá-los em um ofício duro e arriscado; do outro, empresários que virtualmente monopolizam as competências e bens necessários para levar adiante o negócio” (2000, p. 141).



As trocas no futebol de espetáculo produzem-se em direções diversas, mas o corpo do atleta é um *locus* privilegiado. E não se trata de um corpo sem uma história pregressa, sem inscrições de classe, credo, cor, cultura, propensão à dominação, à resistência, à disciplina, à desforra e assim por diante. O futebol profissional é um campo de vedetização dos negros e jovens egressos das camadas populares em geral, razão pela qual estamos a um passo do preconceito e a outro do romantismo. A razão escolástica que nega o valor das práticas é, por isso, uma razão preconceituosa, pois não reconhece como relevante aquilo que sua racionalidade tem dificuldade de captar; vale para o boxe, para o futebol, para outros esportes e também para outras atividades práticas. Todavia, não é menos tentador passar dos preconceitos escolásticos - aos quais Bourdieu (2003, p. 22-131) empresta argumentos consistentes - a um romantismo ingênuo, caracterizado pelo culto ao popular e, particularmente, por tudo aquilo que é produzido por egressos desses grupos, de onde é recrutada a maior parte dos futebolistas.

#### **4 A CORAGEM E O DOM: a prática bricolada do futebol numa configuração de rua**

A convicção de que a rua é o diferencial brasileiro na bem-sucedida produção de futebolistas é partilhada pela quase totalidade daqueles com os quais dialoguei no curso desta investigação, brasileiros ou estrangeiros. O Brasil é valorizado pelas cinco copas que conquistou, tanto quanto pela maneira de jogar: “jogar à brasileira”, para os estrangeiros; “futebol-arte”, entre nós. “Aqui jogamos à brasileira”, disse-me um vigia no centro de treinamento do FC Nantes. “Apreciamos a troca de passes, a precisão, a velocidade no toque, mas ninguém faz isso tão bem como os brasileiros!” - “Sont superbe, les brésiliens!”

De onde viria o estilo de jogo, vistoso e eficiente, com tantos jogadores aqui formados atuando nos principais mercados europeus? A resposta quase sempre suscita, direta ou indiretamente, uma representação até certo ponto naturalizada, segundo a qual é na infância que se define a maneira de usar o corpo e isto, no Brasil, é feito na rua, com os privilégios de estar à relativa distância da coerção institucional, sobretudo da escola e de seus métodos de disciplinamento. Luis Fradua, diretor técnico do centro de formação do Athletic Club (Bilbao) sugeriu que fosse feito um estudo para saber quanto tempo, em média, os meninos brasileiros passam em contato com a bola, experimentando-se com ela, sem serem molestados por um pedagogo a dizer-lhes como deveriam fazê-lo para fazer melhor, quer dizer, otimizar os gestos. Philippe, treinador dos “moins 16” do OM, partilha da impressão generalizada de que, no Brasil, a socialização futebolística é menos sujeita ao disciplinamento. Talvez por habitar Marseille - “une ville foot” - e trabalhar nas divisões de base de um clube que acolhe muitos imigrantes árabes, africanos e descendentes, Philippe não é propriamente um entusiasta da socialização nas ruas. Ele reconhece que, ao experimentarem-se por tantas horas com a bola, muitos desses meninos de periferia, dentre os quais recruta-se um que outro para a profissionalização, estão deixando de experimentarem-se noutras coisas.

Estou de acordo com as representações segundo as quais a diversidade de experiências é importante na constituição de um repertório amplo de disposições, imprescindíveis ao uso criativo do corpo em qualquer domínio, quanto mais em atividades práticas como os esportes. Não estou certo, porém, de que a rua seja o espaço da diversidade de experiências e tampouco o espaço por excelência do exercício das liberdades individuais. Tenho certeza de que os usos do corpo apreendidos nas ruas são remodelados pelo longo processo de formação profissional. Porém, com algum esforço nota-se, aqui e ali, alguns traços desse aprendizado nas performances espetacularizadas. Não creio que as instituições escolares e clubísticas sejam tão modernas - disciplinadoras, racionalizadoras, otimizadoras... - quanto supõem alguns discursos, o que implica pressupor que o *habitus* da rua está, de algum modo, disseminado pelas escolinhas de futebol no Brasil. Enfim, reconheço que se bricola muito mais com o futebol no Brasil - seja em ruas, praças, parques, terrenos baldios, quintais, calçadas e outros locais “impróprios” ao jogo - do que em países como na França. Não obstante, o processo de formação/produção de boleiros é bem mais complexo do que as representações românticas pressupõem. Seja como for, não poderia deixar de dedicar ao menos um segmento de tese ao futebol que tanta brasilidade suscita.

Este capítulo aborda a ante-sala da formação profissional. Trata, em linhas gerais, do aprendizado das técnicas futebolísticas, realizado à margem dos controles institucionais. Há, portanto, um duplo recorte em relação ao objeto principal da tese. O primeiro diz respeito à prioridade dada à aquisição das técnicas futebolísticas elementares, enquanto o restante da tese preocupa-se, sobremaneira, com o aprimoramento voltado para o espetáculo. O segundo recorte é em relação às matrizes futebolísticas. Se o interesse estivesse centrado tão somente nas questões cognitivas atinentes ao domínio técnico, poderia ter-me valido das observações realizadas entre os “début” da A.S. Aixoise, de Aix-en-Provence, entre os quais realizei um bom número de observações e anotações. Também poderia ter permanecido mais tempo observando os mestres e aprendizes da Escola Rubra, no âmbito do Internacional. Tais configurações de aprendizes encontram-se anexadas à matriz espetaculariza e seriam oportunas se houvesse a pretensão de mostrar como são forjados os futebolistas pelos clubes, do princípio ao fim. Seria, em primeiro lugar, tornar a pré-formação mais linear do que ela é, principalmente no Brasil, onde predominam a heterodoxia e a fragmentação. Em segundo lugar, os objetivos deste capítulo ultrapassam as preocupações com o aprendizado das técnicas futebolísticas, perguntando pelos motivos com que meninos se põem a jogar.

Os meninos que jogam peladas projetam-se, seguidamente, em futebolistas profissionais, mas dizer que eles jogam para tornarem-se ronaldinhos é um equívoco. Eles jogam para se fazerem meninos, pois o futebol no Brasil é marcado por um arbitrário cultural que o define

como um espaço privilegiado da homosocialidade masculina; de um certo modelo de masculinidade, bem entendido. Jogando, alguns meninos se descobrem possuidores de atributos especiais no domínio das técnicas futebolísticas, o dom/talento, entendido aqui como um diferencial, produzido a partir da percepção comparativa entre meninos e por vezes meninas. Cada configuração de bricolagem tem o seu prodígio, pois o jogo permite o confronto e a hierarquização. No entanto, para ter status afirmado nesses jogos não é necessário ter talento; coragem é também uma virtude.

Nessa perspectiva, tomei como cenário uma configuração concreta da matriz bricolada: os meninos e meninas da Rua Leão XIII, na Cidade Baixa, bairro de classe média/média-baixa próximo ao centro de Porto Alegre. Não por acaso, este é meu endereço e as razões adicionais que me levaram a etnografar “da janela do meu apartamento” serão explícitas no decorrer do texto, mas, certamente, não foi por comodidade. O objeto principal é, portanto, o processo de aquisição da linguagem futebolística. Já o argumento central pretende dar conta da suposição de que o futebol é incorporado como um dispositivo de engendramento - no sentido de feitiço moral e estético (ALMEIDA, 1995) - de uma dada perspectiva de masculinidade para a qual a diferenciação clara dos papéis é fundamental. Isso implica na exclusão estratégica das meninas do jogo, como se as diferenças sociais tivessem que ser marcadas a partir da ritualização das diferenças biológicas. O dom/talento aparece e por vezes desaparece em meio a este processo difuso; não é um epifenômeno, por certo, mas tampouco o motivo pelo qual os meninos entregam-se ao jogo de modo tão absorvente.

O capítulo está subdividido em três partes, sendo a primeira delas voltada para o cenário, os atores e a problematização da categoria “rua”. A segunda parte trata dos atributos que permeiam a prática do futebol como estratégia cultural de engendramento dos papéis sexuais. Saio da configuração de meninos e meninas da rua Leão XIII em direção ao futebol comunitário porto-alegrense, detendo-me, particularmente, na exegese do par de contrários “guri de rua” e “guri de apartamento”, muito utilizado entre o “pessoal da várzea”. A terceira parte retorna à Cidade Baixa. Saio da janela. Jogo, entrevisto e troco impressões com meus informantes, especialmente com Laura, a menina que se infiltrou como uma espécie de vigarista nas peladas dos meninos. De algum modo, ela jogou com os papéis sexuais, fazendo ver e crer que masculino e feminino são categorias de status como outras quaisquer e de que é preciso forjá-las incessantemente, mas que a maneira como se faz é, em última instância, uma arbitrariedade cultural. Parece óbvio, mas não era assim que os meninos pretendiam jogar o “seu jogo”, daí porque Laura teve de investir obstinadamente no que poderia ser definido como uma performance de desnaturalização do futebol (do *skate* e do *taco*) na Leão XIII.

#### 4.1 A BRICOLAGEM FUTEBOLÍSTICA NA LEÃO XIII

##### Cenário e atores

A Leão XIII é uma rua sem saída, também chamada de “Beco” pelos moradores, perpendicular à Lima e Silva, entre a Sarmento Leite e a 2ª Perimetral, no bairro Cidade Baixa. Mais ou menos no meio e ao final do Beco existem dois segmentos de rua que lhe são perpendiculares, assemelhando-se, o conjunto, a uma espécie de “F” com os traços horizontais à esquerda, se percorrida a partir da Lima e Silva. Edificado ao final dos anos 50, o conjunto é constituído por 12 blocos com 8 apartamentos cada, dois por andar, sem elevador e tampouco portaria; 96 apartamentos de dois e três dormitórios, no total aproximado de 300 moradores. Os fundos do colégio da Associação Cristã de Moços (ACM) divisa com o segundo segmento do “F”, sendo que, dessa posição, projeta-se um ruído intenso de crianças de pré-escola e ensino fundamental. A gritaria torna-se mais intensa ao cair das tardes, quando parte dos moradores do Beco, na faixa dos 7 aos 14 anos, apropriam-se dele.

Wilson está sempre no Beco. Marcos II também, e ambos são moradores, o primeiro nascido e o outro chegado em 1999. À diferença do primeiro, Marcos II é freqüentemente advertido pelos pais, desde a janela do quanto andar : “sobe!”. Ele contra-argumenta e por vezes tem uns chiliques. A mãe justifica-se : “criança precisa ter limites” e “meu filho não vai virar menino de rua, deus-me-livre!”. O parâmetro é Marcos I, um dos mais antigos no Beco e por muito tempo um dos líderes, condição galgada através de ameaças e do uso da força física. Marcos I mudou-se do Beco, em 2002, mas continua freqüentando-o embora não seja mais o parceiro preferencial de Wilson, a dupla que efetivamente dava a impressão de habitar na rua.

Marcos I tornou-se a referência negativa para a mãe de Marcos II. Tiago II, que também se mudou em 2002, era usado como contra-argumento: “você querem que eu seja como o Tiago II?” Vizinho de porta de Marcos II e proibido de freqüentar o Beco pela avó adotiva, Tiago II limitava-se aos jogos de pokémon com Vivian, à entrada do prédio. Vivian, que também deixou o Beco em 2001, era a parceira preferencial de Gabriel, que fora referência para a mãe de Marcos II, pois ao invés de “bocado, mal educado, agressivo, prevalecido...”, o menino de nove anos destacava-se no domínio da língua portuguesa, conjugando todos os verbos, incluindo-se os condicionais, imperativos e impessoais, além de ser um profundo conhecedor dos poderes mágicos de cada um dos personagens de desenhos animados e das hierarquias respectivas. Todavia, o domínio do verbo e a cortesia com que tratava Vivian não foram suficientes para despertar seus encantos que, diziam, inclinavam-se por Marcos I. Este, por seu turno, importava-se tanto por Vivian quanto com o estudo de matemática, cujas notas em vermelho conduziram-no aos exames, férias a dentro. Marcos I perdeu a liderança em meados de 2001 com a chegada de Júlio, irmão de Flávio, melhor do que Marcos I em todos os quesitos, incluindo-se a truculência e o repertório de palavrões.

Acima de Júlio, encontravam-se João, mais velho, mais forte e de quem ele se tornou rapidamente amigo, e Robson, menor, porém melhor em todas as atividades que demandassem habilidade corporal. Júlio bateu em César, que não mora no Beco, mas é um dos mais assíduos. O pai de César articulou uma surra em Júlio com uma gangue da escola, a mesma em que estuda Leonardo, nascido na Leão XIII, tal qual Laura e seu irmão João, o Joãozinho.

Nos primeiros meses em que me mudei para a Leão XIII, as peladas de fins de tarde e de fins de semana sequer foram notadas. Em parte, porque elas eram pouco freqüentes, tendo-se acentuado a partir de um estágio em que os meninos e as meninas cresceram e o esconde-esconde perdeu sua atração. Ainda nos tempos em que eles mesclavam futebol, pokemon e esconde-esconde, tive com Marcos I uma alteração que me custou a sua inimizade. Ele e um



João acompanha atento as lições de um policial, na Leão XIII, Cidade Baixa (jun 2002). [Obs. Salvo indicação, todas as fotos são de minha autoria].

grupo reduzido de amigos, dentre os quais Wilson, gastavam as tardes chutando a bola contra o portão da ACM; ao cair delas, no entanto, juntavam-se os que haviam retornado da escola com os que a tinham freqüentado pela manhã e se punham a jogar e a discutir ruidosamente. Para demarcar as balizas do gol, usavam os sacos de lixo depositados pelos moradores, com vistas ao recolhimento noturno. Mesmo sendo um beco, a Leão XIII é movimentada, com a entrada e saída constante de automóveis. Um deles estourou

uma das balizas e então sugeri, da minha janela, que Marcos I recolhesse o que havia sido espalhado. Indiferente e depois agressivo, acabou acatando a sugestão, constrangido pela própria mãe que ouvira meus argumentos da janela do seu apartamento. No decorrer da semana, Marcos I entortou a placa do meu carro em represália e eu comuniquei o fato à mãe dele, tão logo Wilson denunciou o atrevimento. Marcos I foi proibido de “baixar” por uns dois dias, assistindo da sua janela as brincadeiras dos outros. Tornamo-nos inimigos, mas o tempo tudo amainou.

Como disse, as peladas não me importavam, à exceção desse episódio, talvez. Numa tarde, porém, ouvi um vozeirão em lugar da histeria infantil que os ouvidos, de tão habituados, permitiam-na passar de um lado a outro sem registrar. A voz grave era suficientemente inusitada para me pôr à janela: tratava-se de um policial militar que, em plena ronda pelo Beco, instruía João no trato com a bola. Eu os observei e depois fotografei, sem nenhuma razão especial. Dias depois, presenciei outra cena que me faria repensar a importância da sociabilidade das crianças do Beco. Marcos I, Wilson, César e Robson, instruídos por este, realizavam, ao invés de uma pelada convencional, uma espécie de seção de treinamento físico. Havia disposto uma quantidade razoável de sacos de lixo em duas colunas paralelas, de modo que os entulhos, à maneira de balizas ou cones, como é de praxe observar-se nos centros de treinamento, prestavam-se como referências para deslocamentos descontínuos: em zigue-zague, saltos, com

ou sem a condução da bola. Ao notaram-se observados, envergonharam-se profundamente. Arrependi-me por tê-los constrangido, rompendo com uma atividade em tudo diversa do que eles realizavam costumeiramente. Havia qualquer coisa “fora de lugar” no que eles estavam fazendo, do contrário não teriam razão para suspenderem-na prontamente.



Robson, “o prodígio”, coordena César, Wilson, Marcos I e João em uma sessão de treinamento sem bola no Beco (jul 2002).

Ao introduzirem uma seção de treinamento - vim a saber depois que Robson freqüentava as escolinhas do Grêmio, onde familiarizara-se com o dispositivo que agora repassava aos outros garotos - eles tornavam manifesto o desejo de fazer do futebol algo mais do que uma brincadeira, pois o que eles praticavam por entre os sacos de lixo era, como dissera o próprio Robson, treinamento e, enquanto tal, possuía uma conotação pedagógica em tudo diversa dos chutes no portão da ACM e das peladas.

A “vergonha” poderia ser interpretada como extensiva ao fato de terem sido surpreendidos praticando uma seção de aprendizado de futebol, quando se diz em toda a parte que futebol não se aprende, se nasce com ele - “quem é bom vem do ovo”. Quase dois anos depois, num final de tarde de domingo, Júlio, então com 14 anos, no Beco desde os 12, tagarelava acerca de suas próprias habilidades futebolísticas, como de rotina, enquanto exibia-se a Marcos I e a um outro adolescente que estavam à volta; e a mim, que observava-o da janela.

Ôh meu, olha só a habilidade! Olha o que que o guri faz com a bola... Bah, meu, hoje eu fui na Redença [parque da Redenção] jogar, tá ligado, aí eu vi uns carinhas que não tinham com o que fazer as goleiras, tá ligado, aí eles pegaram uns sacos e encheram de folha seca, tá ligado! É por isso que no Brasil tem tanto craque. Bah meu, o cara tem que jogar de qualquer jeito. É pura habilidade, tá ligado! A galera joga aí, no paralelepípedo, no meio dos carros, com uma bola sem câmara, só o capotão, tá ligado!

Júlio repetia isso enquanto fazia floreios - “pedipulava”, melhor que manipulava - com uma bola murcha que eles acabavam de recuperar do telhado da escola adjacente ao Beco, procedimento para o qual me fora solicitado o empréstimo do cabo de uma vassoura. Desde a semana anterior, havia sido dificultada a



Sessão de “pelada” com bate-boca, em Barcelona (jan 2003).

recuperação das bolas, pois a direção da ACM providenciara a instalação de mais três fios de arame farpado sobre as grades pontiagudas que encimam o muro de aproximadamente três metros de altura, com a finalidade de impedir as freqüentes transposições<sup>106</sup>. Não era, por certo, a primeira vez que ouvia as bravatas de Júlio, mas se não estivesse em processo de escrita deste texto, provavelmente não tivesse lhe dado ouvidos, tampouco registrado um diário de ocasião. A passagem presta-se agora para ilustrar como são ubíquas as representações acerca da importância da rua e do improvisado no aprendizado do futebol no Brasil e, sobretudo, da relação deste aprendizado com a constituição de um estilo singular de se praticar o futebol profissionalmente. A opinião de Júlio também permite compreender o constrangimento de Robson e companhia, surpreendidos quando treinavam de uma maneira ortodoxa, institucionalizada, disciplinada, se é que assim se poderia definir o zigue-zague por entre sacos de lixo.

A interação entre meninos e meninas da Leão XIII deve ser tomada como uma configuração particular, o que pressupõe a interação de indivíduos concretos, ainda que a modalidade de bricolagem que eles praticam seja relativamente extensa em se tratando de futebolis no Brasil, e em outros países também<sup>107</sup>. A *rua*, enquanto categoria nativa, é cercada de

<sup>106</sup> Ocorre que, além das peladas, os garotos exercitavam-se com chutes e cabeceios contra o portão dos fundos da ACM, tendo-o posto abaixo por duas vezes nos últimos anos. A propósito, o conflito tácito com a ACM não é o único desencadeado pelas peladas, bate-bolas e outras formas de sociabilidade no Beco, ver-se-á a seguir. O importante neste ponto é marcar a presença constante desses tensionamentos, pois eles são parte inseparável da sociabilidade de rua e decisivos para a construção de dadas representações de masculinidade.

<sup>107</sup> Há um debate interessantíssimo nos fóruns de antropologia e sociologia do esporte no Brasil em torno dos estilos de jogo e identidades nacionais. Isto será retomado oportunamente, cabendo ressaltar, desde logo, um paralelo importante entre as categorias nativas *pibe/potrero*, para o caso argentino, e moleque/rua(*várzea*, baldio) para o caso brasileiro. Ambos os pares compreendem uma intrincada relação entre indivíduo (*pibe*, moleque, piá, guri, etc.) e espaço físico (*potrero*, *várzea*, baldio, etc.), a que



ambivalências, podendo ser tanto o território da criatividade, como nas representações de Júlio, quanto o das hostilidades, como aparece nas representações da mãe de Marcos II ou nas atitudes da avó de Tiago II - citadas no excerto de abertura. Ao menos na configuração da Leão XIII, a categoria *rua* oscila em termos de valor, sendo seu sentido estabilizado a partir da relação com outras categorias estabelecidas pelos próprios agentes e, não raro, circunstancialmente; a *rua* é boa até tal hora, mais para meninos do que para meninas, para meninos a partir de certa idade e assim por diante.

Não se pode seguir, portanto, a interpretação damattiana, para além da constatação de que a *rua* e também a *casa* são categorias sociológicas para os brasileiros, [...] [pois], entre nós, estas categorias não designam simplesmente espaços geográficos ou coisas físicas comensuráveis, mas acima de tudo entidades morais, esferas de ação social, províncias éticas dotadas de positividade, domínios culturais institucionalizados e, por causa disso, capazes de despertar emoções [...]" (2000, p. 15). A positividade da *rua* dada a partir das representações acerca da virtude do nosso estilo de jogar futebol, contrapõe frontalmente, em primeiro lugar, a identificação que faz DaMatta da *rua* como o pólo negativo na oposição *rua/casa*<sup>108</sup>. Em segundo lugar, no meio futebolístico, a *rua* pode vir a ser oposta à *casa* - como ver-se-á adiante - assim como, e muito freqüentemente, às instituições formais, sobretudo à *escola*. Nesse caso a *rua* compreende tanto o pólo negativo quanto positivo da relação, dependendo do contexto e de quem a enuncia. Entre os boleiros em formação, por exemplo, ser chamado de peladeiro ou varzeano implica em desqualificação, significando que aquele que a enuncia não reconhece naquele sobre quem o juízo é dirigido a incorporação dos capitais exigidos para a prática do futebol como espetáculo. Não raro, porém, ouve-se os cronistas esportivos reivindicarem os jogadores e as jogadas de outrora, dos tempos em que os atletas de clubes grandes eram forjados à margem das pedagogias do treinamento metódico<sup>109</sup>.

A *rua* não é um espaço tão protegido como a *casa* e, por isso mesmo, é própria às manobras arrojadas; é o *habitat* do malandro, do moleque, do *pibe* e assim por diante. Não é

---

corresponde um espaço social e simbólico, na construção representacional dos estilos de jogar futebol. Até as publicações de Archetti (1998;1999, p. 181-89), acreditávamos na *doxa* jornalística segundo a qual argentinos e brasileiros seriam diametralmente opostos em se tratando de estilos de jogo, quando na verdade isto só vale para nos pensarmos uns na relação com os outros. Quando o parâmetro relacional são os europeus, brasileiros e argentinos se representam futebolisticamente de modo muito próximo. Desde então, seguiram-se vários trabalhos comparativos destacando-se a preocupação com a compreensão do poder de persuasão desses estereótipos cujo futebol de espetáculo irradia, e por vezes cria. Para tanto cf. Guedes (2003) e Alabarces (2004).

<sup>108</sup> Como escreve DaMatta, na rua "[...] passamos sempre por indivíduos anônimos e desgarrados, somos quase sempre maltratados pelas chamadas 'autoridades' e não temos nem paz, nem voz. Somos rigorosamente 'sub-cidadãos' e não será exagerado observar que, por causa disso, no comportamento na *rua* [...] é igualmente negativo" (p. 20).

<sup>109</sup> Sobre isto cf. Lovisolo e Soares (2003).

apenas hostil, nem só brasileira, embora peculiar entre nós<sup>110</sup>. Talvez fosse o caso de sair pela tangente, afirmando serem as representações futebolísticas um contra-exemplo que não



Depois de um jogo da seleção brasileira, durante a Copa de 2002, a configuração da Leão XIII realiza sua própria performance (jun 2002).

compromete, no geral, a oposição *casa/rua*, podendo vir a serem descartadas, como exceção à regra. Entretanto, o próprio DaMatta concorda, em muitos de seus textos, que o futebol não deve ser tratado como instituição periférica na medida em que ele dramatiza alguns dilemas da sociedade brasileira (1982; 1994). No “*survey* das profissões”, para usar um argumento de campo, o predado “malandro” foi identificado com os jogadores profissionais por 1/3 dos meninos e meninas, ficando atrás apenas

de “batalhador” e “rico”.

Não convém desconsiderar as representações forjadas no contexto do futebol, mas tentar compreendê-las. A rua é um espaço físico convertido em espaço social e simbólico em torno do qual o imaginário futebolístico instituiu um conjunto variado de representações de brasilidade, quase sempre positivas. Se a rua é a razão que explica nossas virtudes futebolísticas, incluindo-se um estilo reconhecido pelos outros como idiossincrático a ponto de usar-se, na França, a expressão “*jouer à brésilienne*”, pode-se dizer que somos, a partir deste viés, uma nação que

<sup>110</sup>A discussão sobre a dicotomia damattiana *casa/rua* pode parecer ultrapassada, tendo em vista as várias críticas que já lhe foram dirigidas, dentre as quais as de Souza (2001) e Lavallo (2004, p. 142-7) - embora o texto deste último deva ser lido com cautela, dado que apresenta, a meu ver, acertos e desacertos igualmente notáveis. Todavia, não posso ignorar o poder simbólico da *rua* enquanto categoria nativa no universo dos futebóis, à exceção do escolar, talvez. Ainda assim, fica a ressalva de que não estou de acordo com a dicotomia damattiana, mas tampouco seguro de que uma noção intermediária, como a de *pedaço*, sugerida por Magnani, dê conta de todos os problemas. Segundo Magnani, o pedaço seria um espaço intermediário ao qual corresponde “[...] um campo de interação em que as pessoas se encontram, criam novos laços, tratam das diferenças, alimentam, em suma, redes de sociabilidade numa paisagem aparentemente desprovida de sentido ou lida apenas na chave da pobreza ou exclusão” (2003, p. 86). Magnani está tratando de cultura popular, de grupos populares, enfim, da sociabilidade desses grupos. A discussão seria longa, mas não custa perguntar: por que seria necessário criar uma categoria específica para tratar da sociabilidade dos grupos populares? Esta é uma das razões pelas quais tenho seguido o conceito de configuração (ELIAS, 1991). A vantagem em usá-lo, parece-me, é a manutenção do sentido das categorias nativas tal qual elas são significadas, o que possibilita a realização de comparações entre contextos etnográficos diferentes. Justamente porque a rua é uma categoria com a qual me deparei na várzea porto-alegrense, na Leão XIII, em Marseille, em Bilbao e em muitos textos que herei de citar oportunamente, é que ela precisa ser investigada em detalhes. Significará a mesma coisa em todos esses lugares?

exalta a rua, sua sociabilidade e os valores a ela associados. E, nesse contexto, colide-se, de frente, com a perspectiva damattiana. Convém, no entanto, não se deter a estas representações hegemônicas. As peladas no Beco, com suas traves de sacos de lixo, corroboram a idéia de que a rua é um espaço para a bricolagem e, conseqüentemente, para as práticas criativas. Os sacos de lixo tornam-se um bem utilitário com valor simbólico, como não deixam dúvidas as exaltações de Júlio aos que no parque fizeram as traves com sacos de folhas secas e a tagarelice em torno de si mesmo, da habilidade no trato com uma bola murcha. Do mesmo modo, e em perspectiva inversa, os sacos de lixo reafirmam as impressões damattianas de que “jogamos o lixo para fora de nossa calçada, portas e janelas” (2000, p. 20), afinal eles só estavam disponíveis às peladas porque estavam fora dos apartamentos bem antes da hora que deveriam estar; o importante seria preservar a *casa*. A *rua*, espaço dos outros, pode ser usada estrategicamente neste intento.

Mesmo que as duas interpretações sejam possíveis, o que se quer mostrar sem, no entanto, escamotear a antítese, é que a *rua* é seguidamente tomada como prenehe de positividade, como espaço de recriação por excelência, no qual prevalece a lógica da bricolagem. O prazer estético dado pela ressemantização dos sacos de lixo, da bola murcha, das traves com sacos de folha secas, pelo jogo jogado no paralelepípedo, em meio aos carros estacionados, sem o calçado adequado, enfim, todos esses ingredientes de bricolagem característicos das peladas da Leão XIII poderiam ser tomados como signos que denotam um estilo de vida e mesmo uma representação de mundo. Todos os elementos referidos poderiam também ser tomados como indicativos das carências brasileiras, da falta de equipamentos adequados ao lazer, aos direitos das crianças e adolescentes, mas eles não são apenas isso. São, em certo sentido, intencionalmente engendrados, incorporados ao jogo e até mesmo imprescindíveis a ele, na medida em que constituem-no como verossímil em relação às representações generalizadas de que é assim que se aprende a jogar futebol “à brasileira” ou, como é definido entre nós, é assim que se faz o futebol-arte. A arte residiria, precisamente, na capacidade de contornar o incontornável, no jogo de cintura, no bricolar com o corpo, com a moralidade, a estética e assim por diante. O futebol seria uma extensão ou quem sabe a concretização desse imaginário. O que não se deve fazer, no entanto, é romantizar estes estilos, esquecendo-se que nele há conflitos, fluxos de poder e violências como em outros contextos.



Prosaico traçado, demarcando os limites bricolados de um campo de várzea porto-alegrense (mai 2002)

## 4.2 VIRILIDADE, CORAGEM E OUTROS ATRIBUTOS MASCULINOS

### 4.2.1 “Guri de rua” e “guri de apartamento”

Quase todos os futebolistas brasileiros aprendem os fundamentos do jogo nas ruas, experimentando-se com bolas de tipos variados em terrenos acidentados. Daí a tornarem-se profissionais vai uma distância considerável. Acompanhando as narrativas dos garotos em formação no Inter, e conhecendo de perto suas trajetórias, notei uma tendência de atribuir-se ao futebol improvisado, jogado nas ruas e em outros espaços similares, bem mais importância do que elas efetivamente possuíam. A passagem pela Escola Rubra, com seus campos precários que em nada diferem dos campos de várzea, possuía um valor extraordinário nas narrativas dos atletas, como espaço de provação e de superação. A passagem pelo “areião”, “saara” ou “pantanal” era nitidamente hiper-estimada, marcando, por conseguinte, uma proximidade em relação à categoria *rua*. Afinal, por que a *rua* é aclamada? Não seria porque é hostil?

#### Bons de bola e bons de briga!

A contenção da violência vinha sendo uma das preocupações da Secretaria Municipal de Esportes (SME), afinal Tarso Genro elegera-se prefeito em 2000 tendo-a como uma de suas plataformas. Em todos os programas ou projetos esportivos, procurava-se evitar a competitividade exacerbada, como era tradição na SME. Em contrapartida, eram incentivadas as vivências em que predominavam baixos níveis de conflito. Estas atividades recebiam, em geral, o predicativo de “lúdicas” ou “recreativas” e eram enfatizadas mesmo nos campeonatos, torneios ou festivais esportivos. O êxito não era completo, mas bem encaminhado. Um dos problemas era, no entanto, o futebol comunitário, cujo “processo de civilização”, implementado desde 1992, tinha bem menos respaldo dos agentes sociais - “usuários” dos programas. Os valores éticos e estéticos do futebol de várzea são anteriores à SME e estiveram sempre à margem do controle do Estado ou de qualquer outra instituição disciplinadora. Agressões aos árbitros, brigas entre jogadores e entreveros generalizados, não raro com a participação massiva da comunidade, são constantes. O futebol está tão arraigado à vida de algumas comunidades que o enfrentamento entre equipes de vilas rivais suscita as pendengas cujas origens não são propriamente futebolísticas, mas corolárias das disputas pelo mercado das drogas, por exemplo. De mais a mais, reúnem-se em torno dos times de várzea uma espécie de vanguarda dos valores tradicionais de masculinidade.

Em virtude disso houve a iniciativa da SME de convidar o antropólogo Luis Eduardo Soares para palestrar no congresso técnico do Campeonato Municipal de Várzea de 2001. Luis Eduardo foi subsecretário de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro e publicou, com repercussão nacional, um livro contando esta experiência. Esteve em Porto Alegre em boa parte de 2001, a convite do prefeito Tarso Genro, como consultor para políticas na área de segurança pública, tendo sido solicitado seguidamente na mídia e para palestras em locais diversos. Luis Eduardo acreditava - e isto está posto em *Meu Casaco de General* (SOARES, 2000, p. 287-98) - que o esporte poderia ser usado contra o tráfico, oportunizando aos adolescentes e jovens potencialmente cooptáveis, alternativas para a elevação da auto-estima, de cooperação, de formação de identidades grupais, etc. Também acreditava que o esporte poderia ser útil na construção de referenciais masculinos - de virilidade, de beleza, de sedução, de prestígio, entre outros - e assim competir com o modelo armado oferecido pelo tráfico.

É dispensável dizer que Luiz Eduardo é excelente orador e conseguiu, em outras ocasiões que o presenciei, cativar plenamente o público com sua performance. Amilco, coordenador de futebol da SME e organizador do “congresso técnico” do Municipal de Várzea daquele ano, conectou a palestra do

antropólogo a um sorteio que definiria os enfrentamentos para o campeonato, de maneira que ao menos um representante por equipe devesse se fazer presente. Havia mais de duzentos assistentes, com todos os lugares do auditório e as cadeiras extras tomadas. Rejane Penna Rodrigues, titular da SME, e três outras senhoras constituíam a representação feminina. Havia jogo do Inter e, por conta disso, alguns já chegaram impacientes; outros vinham de uma longa jornada de trabalho. Apesar do cansaço e da pressa, o auditório ouviu entre atento e sonolento a palestra do antropólogo.

Três quartos da fala foram usados por Luis Eduardo para narrar suas experiências como torcedor do Fluminense e da seleção brasileira. Posicionando-se como apreciador e intérprete em primeira mão, suscitara nos presentes experiências do mesmo gênero, retendo, de cada um de seus relatos, uma espécie de lição de vida, quase todos associados às emoções partilhadas coletivamente, à honra, ao exercício do autocontrole, alguns conflitos éticos, o drama da derrota, o sofrimento e assim por diante. No quarto final, Luiz Eduardo tratou das suas convicções acerca das potencialidades do esporte e do futebol, não apenas como promotor de identidades, mas sobretudo no combate à violência. “Enquanto um garoto estiver jogando, ele não vai estar usando as armas”; “as meninas precisam voltar a reconhecer nos garotos bons de bola um corpo sedutor”, “fazer um gol precisa ser mais importante do que dar um tiro”, enfim, “vocês são imprescindíveis nesta cruzada contra o crime, o tráfico...”. Jamais o futebol me parecera tão claramente uma ascese, à exceção, talvez, de uma outra ocasião em que Luis Eduardo fora palestrar para os professores da SME.

Fez-se um silêncio prolongado após a salva de palmas protocolar que encerrou a preleção. O microfone franqueado à platéia custou a ser ocupado. Alguém resolveu fazer uma brincadeira com o antropólogo, dizendo ser o “nosso Escurinho” mais eficiente do que o do Fluminense, clube de Luis Eduardo. Todos riram; um riso meio forçado, sem graça. Depois um ex-atleta gremista depôs contra o Fluminense, narrando alguns eventos em que o Grêmio havia sido prejudicado jogando no Rio de Janeiro. Fez aquelas acusações de sempre, uma ladainha segundo a qual os gaúchos são invariavelmente ludibriados - “garfeados” - quando jogam contra times cariocas. A platéia riu, desta vez com mais gosto. A coisa estava descambando para uma conversa de botequim, literalmente. Quando o burburinho se generalizou, cada qual dos presentes tendo uma história para contar sobre roubalheira das arbitragens, Amilco lembrou-os quem era aquela importante autoridade e, portanto, de que as perguntas deveriam seguir outra pauta. Luiz Eduardo fez alguns comentários na seqüência, ratificando o quarto final da palestra, que parecia ter passado de um ouvido a outro sem deixar vestígios.

Então uma mão levantou-se, bem aos fundos. Meio irônico e um tanto displicente, o sujeito perguntou:

- “Eu gostaria de saber aí, professor Luis Fernando - ‘é Luis Eduardo’, corrigiu o enfurecido Amilco -, como é que fica essa questão aí que o senhor falou que o esporte é contra a violência”. O frisson foi generalizado, antevendo a seqüência da intervenção.

- “É que lá, no nosso caso, a gente bota no time os guri que são bom de bola e bom de briga! Prá nós os guri de apartamento não servem; tem que ser guri acostumado com a rua. Tem que saber bater e apanhar, senão não serve pro nosso time. Senão a gente não ganha! Então eu queria saber do senhor, professor, como é que fica essa coisa aí, que o futebol e a violência não combinam?”

À exceção de Amilco, todos gargalhamos.

A *rua*, como se pode notar no excerto, é o espaço onde é exercida a hostilidade, onde o sujeito é também sujeitado a ela, porém não sendo considerada como o pólo negativo na relação *casa/rua*, mas o pólo masculino. As categorias “guri de rua” e “guri de apartamento” são de domínio generalizado entre os boleiros porto-alegrenses. A primeira delas equivaleria ao pólo *rua* de DaMatta, especificando um dado segmento de classe, habitante de vilas, favelas, conjuntos habitacionais e bairros populares, cuja relação com a ocupação do espaço urbano demarca diversas identidades, incluindo-se a de gênero. A sociabilidade é coletiva, nos pátios,

nas ruas ou nas casas, tanto para meninos quanto para meninas, estando a diferença marcada pela tolerância em relação à liberdade de movimentação. O raio de circulação determina a extensão dessa liberdade, seguidamente associada à noção de risco e, por isso mesmo, mais extenso à masculinidade do que à feminilidade<sup>111</sup>. O pólo contrário, “guri de apartamento”, é tomado como o pólo da alteridade, representando aquilo que não é.

No futebol de várzea, sobressaem alguns modelos convencionais de masculinidade apreciados entre os grupos populares, marcados por noções de honra, lealdade, patronato, homosociabilidade, heterossexualidade, valentia, uso da força física e resistência à dor e à bebida<sup>112</sup>. Todavia, antes de reificar as categorias nativas, convém compreender o contexto no qual elas são manipuladas e com que finalidade. Na provocação a Luis Eduardo, o par “guri de rua”/”guri de apartamento” poderia ser tomado como uma modalidade de uso estratégico dos outros - dos “guris”, nesse caso - para falar de si - “dos adultos”. O sujeito



Entre um jogo e outro, menino do projeto Em Cada Campo uma Escolinha (ECCE) exhibe-se em performance arrojada, no Parque da Redenção, em Porto Alegre (mar 2002).

que fizera a provocação não estava, por certo, intrigado com o paradoxo que enunciara, mas com a afirmação de seus próprios valores, dentre os quais incluem-se as experiências que são traduzidas na prática do futebol. Dessa forma a várzea é o espaço no qual os homens de classes populares proporcionam a si próprios um espetáculo de hostilidades, como se estivessem

<sup>111</sup> O distanciamento do raio doméstico implica desafios, dados pela interação com estranhos e pela vulnerabilidade a qual ficaria sujeito o núcleo doméstico, cuja proteção é um papel masculino. Se tais representações são hegemônicas entre os grupos populares porto-alegrenses, onde minhas experiências de campo são relativamente extensas, elas não são, no entanto, convencionais na maneira de serem operacionalizadas. Como ilustração, poderia usar o caso da ocupação de *motoboy* - uma espécie de fusão de boy (menino) com motorista (homem). A aura de masculinidade que cerca os *motoboys* é notável: eles circulam por toda a cidade, ultrapassando todos os outros veículos e desrespeitando os códigos de trânsito. Como tornara-se rotina, ao longo da minha passagem pela SME, ouvir esboços de projetos de pré-adolescentes de grupos populares em torno da aquisição de uma motocicleta, imaginei que *motoboy* seria uma das ocupações prestigiosas referidas pelos meninos no “*survey* das profissões”. Apareceu “jogador de futebol” e “policial”, duas outras ocupações demarcadoras de gênero, enquanto *motoboy* só foi sugerida como ocupação desprestigiada pelos alunos de uma das escolas particulares. Antes de supor que ela seja uma profissão ambivalente ou desprestigiada, melhor seria acreditar que ela seja masculina, que confere status, mas apenas transitório.

<sup>112</sup> A bibliografia é deveras extensa a este respeito, e matizada. Em todo o caso listo alguns textos que foram tomados como referências para compor este tipo hegemônico de homem de camadas populares brasileiras. Seriam os casos de Guedes (1997; 1998); Duarte (1999); Magnani (1994); Fonseca (2004); Jardim (1991); Martins (2000).

provando que são melhores do que outros homens, principalmente dos patrões, executivos, intelectuais e outros tipos avessos à dinâmica das configurações dessa matriz futebolísticas.

Taturana, líder esportivo comunitário do Morro da Cruz, onde possui uma escolinha do ECCE, fez uma longa argumentação acerca das vantagens que o Asa Branca - clube/time de meninos treinados por ele - teria nas fases finais do Varzinha 2002 - campeonato de futebol de várzea para garotos. Segundo Taturana, eles teriam boas chances de serem vencedores, pois enfrentariam, ao que tudo indicava, os garotos do colégio Farroupilha, um dos mais tradicionais de Porto Alegre, formado “só de



Havia outros lugares menos inóspitos para o “racha” de fim de tarde, logo adiante, noutro molhe. Aos olhos desses pernambucanos, no entanto, o que se vê era o ideal (Olinda, jun 2004).

guri de apartamento que na hora do vâmo vê, pipoca!”. Quer dizer, seus meninos, habituados ao Morro da Cruz, poderiam imprimir à lógica do jogo de futebol, com seus códigos modernos e civilizados, como sugerem Elias e Dunning (1992), uma perspectiva transversal, dada pelos códigos masculinos “de rua”, em relação à qual os meninos do Farroupilha, filhos da classe média-alta, seriam despreparados. O time de Taturana, antes mesmo da final, perdeu para um outro time de “guri de rua”. Os meninos do Farroupilha foram campeões, jogando com chuteiras de grife nos campos esburacados da várzea porto-alegrense, o que demonstra uma boa margem de autonomia dessas categorias simbólicas, pensadas a partir da prática e usadas com fins igualmente práticos, quer dizer, contextuais, ordinários e situacionais. Usando uma expressão pinçada de Merleau-Ponty por Michel de Certeau (1996, p. 67-72), categorias como “guris de rua” e “guris de apartamento” são modalidades de inscrever a “prosa do mundo”, implicando numa possibilidade de arranjos heterodoxos e estratégicos com fins práticos. Não por acaso, Fabinho, meio-irmão de Robson - o maioral do Beco -, acuado pelas acusações fraternas de que “não joga nada”, “é uma nulidade”, “uma topeira”, “vai ter que tomar muito pau até aprender”, entre outras, saiu-se com algo como: “não tenho culpa, sou guri de apartamento”. Os guris bons para compor os times de várzea são aqueles que conseguem aliar às qualidades técnicas o domínio das adversidades atinentes a uma modalidade de prática futebolística que eles próprios emolduram com hostilidades de todas as matizes. Se assim procedem, é porque encontram no jogo uma possibilidade de dramatizar seus valores sociais e culturais, o que não constitui

qualquer novidade do ponto de vista teórico<sup>113</sup>. O sentido da categoria rua só pode ser captado em seu contexto de uso, dado que ela possui uma conotação sexuada implícita. No caso do par “guri de rua”/“guri de apartamento”, a rua é prenhe de masculinidade, englobando espaços de sociabilidade masculina para além da rua propriamente dita, tal é o caso dos campos de várzea e do botequim.

Nesse contexto, o futebol de várzea não é praticado para “manter a forma”, mas para mostrar quem está em forma, o que pressupõe, no entanto, padrões de beleza corporal bastante amplos - ainda que a musculatura bem definida seja apreciada, afinal as meninas de camadas populares não vivem em outro planeta. Joga-se pelo prazer estético, para exhibir-se, para mostrar-se másculo, embora não seja habitual falar muito sobre isso. Joga-se, simplesmente. Jogar faz parte das atividades de tempo disponível, da sociabilidade entre amigos e espera-se que todos os machos, não importa de que idade, tenham algum interesse nisso. Por isso, a técnica, embora valorizada, não é o único quesito dos técnicos na hora de compor as equipes. Virilidade, força, resistência à dor, coragem e bravura são atributos essenciais a qualquer jogador de várzea. Os campos em meio às vilas são cenários nos quais dramatizam-se esses valores, e a razão desses espaços serem preservados deve-se, em grande parte, à perpetuação desses atributos<sup>114</sup>. A sobrevivência do futebol de várzea é, sem dúvida, indicativa de que o protótipo do homem viril, temido e corajoso segue sendo forjado, embora os campos indiquem outras coisas também. Por todos esses motivos, não se fazem grandes investimentos em campos de várzea - “duas goleiras, uma aplainada no terreno, é tudo de que necessitam”, dizia-se na SME - pois eles cumprem satisfatoriamente as condições necessárias à produção e reprodução de uma dada estética masculina, mesmo quando aparentam ser impróprios ao futebol para quem os vê “de fora”. Onde mais um espetáculo de hostilidades haveriam de ter lugar senão em um espaço físico hostil?

---

<sup>113</sup> Nem etnográfica, em se tratando de Brasil. Cf. Guedes (1998, p. 81-99; 117-36) e Gonçalves (2002, p. 46-95).

<sup>114</sup> Este modelo difere, em parte, dos *pop star* internacionais – Beckham e outros galácticos que estão por toda a parte. A preocupação com o visual, muito presente nas vedetes internacionais, certamente rompe com um padrão de masculinidade mais convencional, rude, violento, etc (RIAL, 2002, p. 26-31). Seria interessante também algumas comparações transnacionais, pois em muitos países europeus o estereótipo midiático de masculinidade é dado pelos jogadores de *rugby*, e não pelos futebolistas, razão pela qual estes podem se compor visualmente com mais flexibilidade. Não é que os meninos do Inter descuidassem do visual para os jogos, mas os do OM eram muito mais vaidosos, inclusive nos treinamentos. E isto que, ao contrário do complexo Beira-Rio, em que os torcedores têm acesso aos campos de treinamento, La Commanderie era completamente privativa.



#### 4.2.2 Jogos e status bricolados

Retorno agora à Leão XIII, depois deste preâmbulo necessário para mostrar, pelo menos em linhas gerais, que a agressividade latente ou manifesta dos jogos de futebol é algo abrangente, embora mais intenso em dadas configurações do que em outras. De outra parte, seria um equívoco naturalizar essa agressividade, havendo várias formas de fazê-lo, dentre as quais inclui-se a sua diluição no processo de civilização sem as devidas mediações. Está claro, assim, que o futebol de várzea manipula a categoria violência, sobretudo a violência física e seus atributos - coragem, força, virilidade, etc. O futebol praticado nos paralelepípedos da Leão XIII, em meio aos automóveis, com suas goleiras originais, não é propriamente um campo de várzea, nem está circundado por uma vila, mas está conforme os padrões hegemônicos de masculinidade. Enquanto espaço circundado por edifícios, o Beco é um palco a céu aberto. Tal qual os campos de várzea, o Beco é um espaço simultaneamente público e privado, sendo tais categorias definidas por ocasião do uso, quer dizer, dos frequentadores e dos códigos por eles acionados.

O Beco estava ali disponível para automóveis, transeuntes, mendigos, babás e bebês, idosos e meninos e meninas que se revezam ao longo da jornada. Nos fins de tarde, porém, ele tornava-se um campo de futebol, explicitando o fato desta ser a atividade principal. Sendo o futebol identificado como uma prática masculina, pode-se dizer que no Beco prevaleciam, portanto, os interesses dos meninos, até porque “eles eram maioria”, como justificou Laura.

Joãozinho, agora com oito anos, fez progressos importantes no domínio das técnicas futebolísticas de uns dois anos para cá. No princípio, quando tinha quatro ou cinco anos, era a mãe quem o conduzia para dar chutes no Beco. Vez por outra, vinha com a irmã Laura ou então com um dos tantos adolescentes que vadiavam à entrada da Leão XIII<sup>115</sup>. Joãozinho cresceu no Beco e, com o passar dos dias, deixou de tolerar aquele faz de conta com a babá, a avó e a mãe. Aos sete anos, foi sendo incorporado à dinâmica da sociabilidade de rua e, particularmente, às peladas nas quais predominavam meninos na faixa dos 10 anos de idade. Havia uns 12 ou 15

---

<sup>115</sup> Com o pequeno Douglas, cuja família mudou-se do Beco, foram o pai e os tios os socializadores mais assíduos. Dia desses, no entanto, ele saiu do apartamento acompanhado da avó; sendo menino o suficiente para tolerar uns chutes com ela. Assim como Álvaro, um outro garoto da sua idade que trocava passes com a babá no passeio, jamais nos paralelepípedos, que são ao mesmo tempo o centro do Beco e irregulares – mais difícil de jogar, portanto mais excitante. O domínio dos movimentos ainda lhes era precário, sendo que a bola freqüentemente escapava-lhes ao controle, passando por entre as pernas, da mesma forma que os chutes saíam aleatórios. Se a bola estivesse em movimento, tratavam de acomodá-la primeiro, com as mãos, e só então davam o pontapé. Se tentassem rebater a bola em movimento, havia grandes possibilidades do chute sair pelos ares; ou estatelam-se, pois o equilíbrio em um pé só ainda era precário. Mesmo quando acertavam na bola, o faziam como em chute de bailarina, sem a flexão do joelho, uma das tantas adequações de movimentos que haverão de ser adquiridos.

deles no Beco, nos tempos áureos, quando também jogavam taco, andavam de *skate* e batiam figurinhas de pokémon. Joãozinho é irmão de Laura, andadora de *skate* e jogadora de futebol, uma das duas meninas entre os mais de uma dúzia de meninos. O ingresso de Joãozinho na dinâmica dos jogos foi progressiva, paralela ao processo de inserção na configuração como um todo. O fato de possuir uma bola lhe favoreceu, sobremaneira. Passados dois anos, no entanto, ele ainda era um coadjuvante nos jogos verdadeiramente absorventes, naqueles em que o ruído era intenso, pois havia muitas intrigas. Ele jogava calado e a sua contribuição para o time era precária, em razão da pouca idade e da técnica escassa. Mas jogava; quer dizer, corria para cá e para lá, no time do melhor ou do maior, raramente tocando na bola. A exceção que notei foi na tarde em que veio com dois amigos do colégio, da sua idade, e Flávio, morador do Beco; nesse dia, ele estava alvoroçado, dando ordens, determinando as regras, aplicando aos outros a cartilha que lhe haviam aplicado. As exigências em relação a ele eram amenas, mas não ao ponto de lhe pouparem dos xingamentos. Em dada ocasião, Joãozinho fez bico, tomou a bola e recolheu-se, ouvindo barbaridades dos demais. Notando sua ausência prolongada, perguntei à Laura pelos motivos: “ele só joga vídeo-game agora, nem desce mais no Beco. É que o Wilson só xinga ele: diz que ele é um perna-de-pau. Daí ele prefere jogar vídeo-game”. É claro que, tempos depois, Joãozinho reapareceu, mas para galgar prestígio no Beco e, particularmente, nas peladas, terá que apresentar evoluções. Aprender as regras do *football association*, por exemplo, é importante, diria mesmo fundamental. Numa das tantas discussões acerca da intencionalidade de um toque de mão, Leonardo se impôs citando exemplos, à exaustão, tirados de jogos assistidos pela TV. Por fim interpelaram-me: “Né, Peti<sup>116</sup>, se a bola bate no braço que está assim, óh, grudado no corpo, então não é falta, porque o jogador não teve a intenção?” “É, é assim mesmo...” “Viu, viu...!” E o jogo segue.

O domínio das técnicas propriamente futebolísticas é condição para que alguém seja notado no jogo: para que receba passes dos seus parceiros de time, denotando confiabilidade; para que faça gols, o que o tornará célebre; para que desarme os adversários, o que fará com que estes o evitem como *sparing* para floreios e humilhações; enfim, é preciso aperfeiçoar a técnica para assegurar uma boa performance no conjunto, deixando de ser o último a ser escolhido, como era o drama de Joãozinho. No entanto, jogar bem não era a única via para se galgar prestígio no Beco, mas antes uma estratégia privilegiada. Ser bom de bola implica, aqui e em muitos outros lugares, ser valorizado pelos outros meninos e esta parece ser uma condição importante para tornar-se desejado também pelas meninas.

---

<sup>116</sup> Na medida em que julguei relevante observar mais atentamente às peladas do Beco, inseri-me, vez por outra, entre eles. De pronto, notaram semelhanças com o sérvio Petkovick, ex-Flamengo e Vasco. Desde então, todos me conhecem pelo apelido, à exceção de Marcos II, que mora no meu bloco.

Os esportes são verdadeiras máquinas classificatórias sob este ponto de vista, existindo, inclusive, uma extensa crítica a respeito<sup>117</sup>. O que esta bibliografia nem sempre leva em conta é o fato de que se não houvesse os esportes - o futebol, o taco, o *skate*, para ficar no caso do Beco - muito provavelmente existiriam outros dispositivos em seus lugares. É indiscutível que os esportes classificam, a partir de certos atributos atinentes às respectivas modalidades, razão pela qual não são jamais classificações isentas. Antes pelo contrário, eles são usados estrategicamente, como Marcos II, que preferia o *skate* ao invés futebol, pois neste ele era caçado. Marcos II estava longe de ser um jogador prestigiado, mas isso não o impedia de ser uma das companhias preferenciais, podendo-se dizer o mesmo em relação a Tiago II. Na opinião de Robson, Marcos II era “cagão” e Tiago I “não tinha jeito prá jogar”. Ele próprio, o melhor nos esportes, era no entanto evitado por vários dentre os outros membros da configuração da Leão XIII; por Marcos II, por exemplo, e também por Laura, para quem Robson fazia o tipo “que se acha”, quer dizer, era pedante.

A observação prolongada da dinâmica infanto-juvenil no Beco permite apreendê-la como um processo marcado por continuidades e rupturas. O leitor deve ter notado como são freqüentes as mudanças na configuração a partir da entrada e saída de indivíduos, crianças e pré-adolescentes que chegam e saem do Beco. Em contrapartida, havia um grupo permanente, desde que passei a observá-los. O núcleo que concentrava o poder, determinando quais eram as brincadeiras prediletas, a hora de começar ou de interrompê-las e as regras a serem seguidas, não era constituído pelos que residiam no Beco a mais tempo. A proeminência era demarcada pelas habilidades no uso do corpo, uma vez que preponderavam interações que demandavam-nas; pela imposição da força física, através de ameaças; dos meninos em relação às meninas, na medida em que eles constituíam maioria ampla, mas não apenas em razão disso; pela posse de determinados bens que poderiam ser emprestados tais como: bola, *skate*, vídeo-game, figurinhas de pokemon, revistinhas pornô, entre outros, daí um certo capital econômico a ser convertido em capital social<sup>118</sup>; e, sobretudo, pela reputação, dada pelo cruzamento dos elementos aqui referidos com outros tantos constituídos fora do Beco. Foi notável, por exemplo, a mudança

<sup>117</sup> Para um balanço desta literatura no contexto brasileiro, boa parte dela produzida por pesquisadores da área de educação física, cf. Bracht (1997). Para o contexto francês cf. Vaugrand, especialmente “Cartographie Critique”, capítulo dedicado ao grupo *Quel Corps?*, liderado pelo sociólogo Jean-Marie Brohn (1999, p. 219-58).

<sup>118</sup> Embora as diferenças de acesso a bens de consumo entre os meninos e meninas do Beco possam ser tomadas como insignificantes de uma perspectiva “de fora”, existe, como não poderia deixar de ser, demarcações bem precisas para quem as vê a partir “de dentro”. Lucas II, por exemplo, que estuda em colégio particular e tem computador em casa, é um pequeno-burguês frente ao espoliado Douglas, órfão de mãe e de pai artesão. O desdém de Douglas por Lucas nem sempre foi tão explícito quanto agora, ao ponto de considerá-lo o “cagão-mor” do Beco. A intriga é densa e remonta, em parte, às negativas de Lucas II em relação ao empréstimo de alguns de seus objetos pessoais, principalmente o vídeo-game.

operada com a chegada de Júlio e de Robson, relegando Marcos I ao segundo escalão. Wilson era tido como o galã da turma - pela mãe e pelo padrasto de Laura e Joãozinho, inclusive -, sendo visado pelas meninas, como Marina, a primeira púbere do grupo, e por Adriane, uma das últimas a chegar ao Beco, desde logo encantada por ele. Todavia, no jogo de bola ele era coadjuvante, ao menos em presença de Robson, Júlio e João.

Nesse particular, os jogos devem ser tomados como eventos que dramatizam uma outra modalidade de jogo, em torno de categorias classificatórias, de todas as matizes, empregadas cotidianamente, por vezes impiedosamente - com xingamentos, ameaças, choradeiras, desistências e até brigas. O fato de o futebol ser operacionalizado a partir de uma estrutura disjuntiva, cuja dinâmica suscita as tensões e os conflitos, faz com que ele potencialize as desavenças constituídas em outros momentos. A violência física não era rotina no Beco, mas a briga mais espetacular - Laura, por exemplo, lamentava-se de não tê-la assistido, pois o insólito provocou a ira da mãe de um dos brigões e do pai de outro - aconteceu durante uma pelada, entre dois garotos tidos como “cagões”: Flávio e Marcos II. “Foi por causa de um arremesso”, contou-me Laura, “mas a verdade é que eles sempre se odiaram”.

Pode-se optar por não jogar, o que não chegava a ser propriamente grave no Beco, mesmo para os meninos: o *ex-bad boy* Marcos I praticamente largou o jogo com a chegada de Júlio e Robson, que lhe tomaram o comando das ações; Tiago I nunca se interessou efetivamente e Tinho jogava eventualmente, nenhum deles tendo seus status arranhados por conta disso. Porém, uma vez optado por jogar, a tendência é de vir a ser absorvido pela disputa, com alguns riscos, portanto. Gabriel, o intelectual prodígio, chegou a se fazer matricular numa escolinha de futebol. Apareceu no Beco fardado dos pés à cabeça, mas continuou sendo hostilizado, e tanto mais quanto ele, como contrapartida, ridicularizava os outros quando as discussões transcendiam a esfera esportiva. Ele desejava, e muito, participar das atividades coletivas, mas os outros descobriram em Gabriel uma falta de traquejo nos movimentos, uma maneira desengonçada de correr, uma *hexis* que o colocava no final das hierarquias. De mais a mais, ele mostrava-se frágil em relação aos xingamentos nas peladas, excluindo-se delas, não raro aos prantos, e sob acusações de “chorão” e “cagão”, recaindo-lhe o estigma de “marica”. “Cagão” e “chorão” são, nesta ordem, acusações indicando a exclusão do indivíduo pelo grupo e a auto-exclusão. Não há razões para crer que, em configurações dominadas por meninos e pelo futebol, o “chorão” venha a ser senão estigmatizado, a menos que se chore de raiva, como Flávio e Marcos II, que brigaram espetacularmente. Pelas versões que cataloguei, a briga terminou empatada, mas ambos, tidos como “cagões”, galgaram algum prestígio com o evento.

### 4.3 AS VIGARISTAS: temíveis meninas nos jogos de futebol

Não é fácil fazer-se menino no Beco, especialmente para os que não dispõem dos capitais tidos como legítimos pelos estabelecidos, dom/talento ou coragem. Ser menina sem curvar-se à hegemonia masculina tornara-se, para a geração de Laura, uma tarefa ainda mais penosa, pois elas não eram mais do que duas ou três num grupo de doze a quinze. Marina nunca ligou muito para o futebol, afinal ela estava à frente do grupo, como evidenciara a mãe de Laura: “com ela, tudo aconteceu muito antes dos outros, inclusive na sexualidade...”. Entretanto, não fora só isso. Marina possuía, desde muito cedo, uma posição distinta, ao mesmo tempo acima e fora do grupo, razão pela qual ela própria excluía-se de algumas brincadeiras ou dava de ombros se lhe exigissem algo além do que julgasse ao seu alcance. Era comum vê-la sentada na traseira de um veículo estacionado ou displicentemente postada à frente de uma das goleiras, de havainas e mini-saia. “Pô Marina, vai ficar aí plantada, deixando eles fazerem o que quiserem na tua frente?” “Não, já tô fora...!” Com Laura, porém, as interações se travaram noutra conjuntura, pois ela estava tramada e portanto presa à dinâmica das configurações de bricolagem: nascera e crescera no Beco, liderando o grupo. Tirá-la do futebol poderia ser desejável; difícil seria fazê-lo.

Na maior parte das configurações de crianças e pré-adolescentes dessa idade em nossa cultura, meninas e meninos tendem a brincarem separados, como se a descoberta das diferenças demandasse a segregação. Em tais circunstâncias, as brincadeiras tornam-se sexuadas e, ao menos no Beco, foi mais ou menos quando as crianças atingiram entre 9 e 10 anos de idade que o futebol, o *skate* e o taco sufocaram os pokemons e o esconde-esconde. A chegada de Júlio e Robson, principalmente deste, fora decisiva, impondo um corte radical nos procedimentos de fins de tarde e de fins de semana. Tornaram-se mais barulhentos e intempestivos; numa tarde, quebraram o retrovisor de um automóvel e Marcos I, exultante, bradou exibindo a peça: “mais um para a nossa coleção!” Os portões da ACM eles já haviam posto abaixo antes dessa época e o fizeram outra vez, mas o que os moradores do Beco não contavam era que eles incorporassem o jogo de taco e o *skate*. Não deu uma semana e as janelas de dona Eleonor foram estilhaçadas. Depois foram os condôminos do edifício vizinho ao meu quem se mobilizaram, cavando sulcos no passeio que havia se tornado pista de *skate*. E à “véia loca”, que os ameaçava com um caneco d’água e uma performance invejável de palavrões, foi desejada a morte.

De modo geral, as meninas tendem a excluírem-se do futebol na medida em que ele é culturalmente marcado como um jogo para meninos. Quando isso não acontece, elas são, então, excluídas. Os argumentos mais freqüentes, invocados pelos meninos, são de que “elas não sabem jogar” e por isso “atrapalham o jogo”, “dão chutes para qualquer lado” e “caneladas”. Os argumentos mascaram, em grande parte, o fato de que um jogo com a presença de meninas

tende a ser interpretado, pelos próprios meninos, como um jogo que não é jogado a valer, no qual as hostilidades não podem ser exercidas plenamente na medida em que elas interessariam apenas aos meninos. Tais percepções não devem ser generalizadas, ainda que sejam notadas em contextos sociais bem diversos, como nas escolas de Belo Horizonte descritas por Altmann (2002).

Tanto mais nítida é a diferenciação dos papéis em dado contexto social, mais intensamente os jogos haverão de reproduzi-las, razão pela qual é recomendável estar atento para o valor atribuído à dada modalidade de jogo e, sobretudo, à sua conotação (ou não) em termos de masculino, feminino ou misto. É pelo fato de que se naturalizou, entre nós, o futebol como prática masculina, que se espera, de meninos e meninas, atitudes diferenciadas. Meninas atrapalham não apenas porque não dominam as técnicas corporais, senão que são percebidas pelos meninos como propensas a não se deixarem absorver pelo jogo, e raramente o fazem. Medir-se, hostilizar-se, fazer-se temer, subjugar e, sobretudo, fazê-lo aberta e publicamente - razão pela qual o jogo constitui uma ocasião privilegiada - é um arbitrário imposto aos meninos e os jogos são absorventes na medida em que suscitam tais atitudes. Todos, meninos e meninas, são hostilizados no jogo, com a diferença de que se espera dos meninos que eles permaneçam no jogo, de que eles importem-se com as hostilidades e reajam a elas com o mesmo ímpeto; que eles sintam-se ridicularizados ao serem driblados por entre as pernas, que façam ameaças e por vezes às cumpram. Trata-se de um reconhecimento dos códigos cujo ato implicava, por si só, partilhar de um dado sistema de crenças. Jogos assim são classificados como “pegados” - com “porrada de parte a parte”; “bola rolando e o pau comendo”; “joguinho duro”; “chuleado”; “marcação apertada”; “o bicho pegando”, entre outros. Teme-se que as meninas dêem a isso tudo uma significação diversa, importando-se pouco ou nada com o jogo que é jogado para além do jogo propriamente dito, enfim, teme-se que elas não sejam absorvidas pela dimensão simbólica desses jogos, que não o tomem a sério, como fazia Marina.

O arbitrário mais ou menos consensual que define o futebol como jogo para meninos também estabelece que as meninas são imunes às classificações de status estabelecidas a partir dele, desde o “craque” ao “cagão”. Por isso, as meninas ofereceriam apenas riscos ao invés de desafios. Se um menino driblar uma delas, por exemplo, não terá feito nada além do óbvio, mas se por ventura vier a ser driblado será caçado pelos seus pares<sup>119</sup>. O que permanece implícito é o

---

<sup>119</sup> “Aline fez um gol e, ao término da partida, um menino fez o seguinte comentário a um colega: ‘só você não fez gol. Até Aline fez!’” (Altmann, 2002, p. 95). “Jogar bem contra uma menina não significava muito, afinal de contas, ‘fora apenas contra uma menina’. Entretanto, jogar mal contra ela era profundamente vergonhoso, e tão surpreendente quanto perder a bola para uma menina era “até” ela fazer um gol e um menino não”. [...] Portanto, o cartão de entrada da menina no jogo dos meninos era jogar bem, mas,

fato de que através do jogo dramatiza-se tanto as definições de gênero quanto a maneira como cada menino ou menina em particular vai se posicionar em relação a elas. Isso implica dizer que há possibilidade de manobra, de empreender estratégias de ação, individuais e coletivas e, particularmente, que as meninas, investidas por argumentos pinçados em contextos menos sexistas do que o esportivo, possam investir contra o sexismo esportivo.

As peladas na Leão XIII constituem uma modalidade de rito de engendramento, instituindo comportamentos, valores, classificações, enfim, são eventos de destacada eficácia simbólica no processo de percepção e elaboração das diferenças, particularmente das de gênero, incluindo-se as próprias definições do que seja masculino e feminino<sup>120</sup>. Negar-se à *illusio* do jogo estando nele seria colocar em colapso as representações já naturalizadas e as que se neutralizam ao jogar, para não dizer o mesmo do jogo em si mesmo, dispositivo por excelência de produção de verdades situacionais. Ao menos para os meninos do Beco, alguns deles já na pré-adolescência e outros aproximando-se dela, a dramatização da virilidade apresentara-se como uma imposição. Ela devia ser demonstrada diante de outros meninos, mas construída simultaneamente dentro deles, quer dizer, idiossincriticamente, gerando pequenos conflitos - ao menos na aparência - e discursos visando a legitimação de certas estratégias contra-hegemônicas. Marcos II, acuado pelas acusações de “cagão”, foi abandonando as peladas no Beco ao mesmo tempo em que criou uma justificativa dando conta de que era o melhor no futebol entre seus colegas do colégio, fato corroborado por Joãozinho. No período de transição, quando ele ainda participava dos jogos, assumira um comportamento teatralizado, propenso a bizarrices toda a vez que a bola chegasse nele. Imaginava, talvez, impor uma névoa em relação às suas competências e ao gosto pelo jogo. Ninguém poderia acusá-lo de “cagão”, pois ele tornara-se um daqueles que não se importavam verdadeiramente com o jogo, podendo entrar e sair dele como e quando quisesse.

Certos jogos são atravessados pelo engendramento dos papéis sexuais e as tensões que eles promovem são, em boa medida, decorrentes do fato de que há consensos bem estabelecidos em torno do significado de certos códigos. As meninas representam uma ameaça nos jogos de futebol na medida em que elas podem vir a modificar os significados de certos eventos que ocorrem no interior do jogo, podendo, inclusive, destituí-lo da conotação masculina, tendo os meninos que buscarem outras estratégias para se fazerem meninos: aderindo a uma outra modalidade de jogo, onde não há a presença de meninas ou admitindo a possibilidade de

---

contraditoriamente, jogar com esta menina, mais do que um *desafio*, passaria a ser uma *ameaça* à sua imagem masculina (p. 96).

<sup>120</sup> A este respeito cf. Bourdieu (1999b, p. 35) e, sobretudo, Zaidman (2002, p. 25-31).

parâmetros menos ortodoxos em relação à diferenciação dos papéis. É razoável supor que os praticantes de futebol, para além dos meninos do beco, imaginam ocultar um segredo: de que jogando estão se fazendo homens. Ou dizendo talvez o óbvio, de que masculino e feminino são categorias de status como outras quaisquer e é preciso forjá-las incessantemente.

A resistência das meninas à exclusão do futebol têm sido mais freqüente, razão pela qual os meninos apresentam-se mais tolerantes à presença delas. Talvez nunca tenham existido antes tantas meninas praticando futebol no Brasil, mesmo que elas ainda sejam duplamente minoritárias: entre os praticantes e mesmo entre as meninas que aderem à prática, o que implica, não raro, em duplo preconceito. As estratégias de enfrentamento às percepções naturalizadas, condição indispensável para a entrada delas no jogo, podem ser as mais diversas. As de Laura constituem um caso concreto de inserção bem-sucedida, apesar do alto custo, como se verá.

Tudo o que foi dito até aqui serve como pano de fundo para dimensionar as dificuldades enfrentadas por Laura ao negar-se a ser excluída. Em dado momento em que ocorreu a transição das brincadeiras de esconde-esconde para as peladas, ninguém foi tão hostilizado(a) quanto ela. Gabriel, o intelectual prodígio - segundo classificação ética; “mongolão”, segundo parâmetros êmico - já era tido como “moscão” nas atividades que demandassem performances corporais. Laura, ao contrário, estava entre os estabelecidos no esconde-esconde. Sua voz estridente destacava-se em meio ao burburinho e, nas pendengas, ela sempre foi ativa, para não dizer que era, seguidamente, a protagonista. Segundo Robson, o maioral do futebol, Laura não deixou de ser menina - não raro as meninas que insistem em jogar futebol são rotuladas com a categoria “maria-homem” (ALTMANN, 2000) -, sendo por ele classificada numa faixa intermediária entre os peladeiros do Beco.

É difícil saber até que ponto a presença dela nos jogos contribuiu para desnaturalizar uma dada concepção convencional dos papéis sexuais que se revelavam a partir das várias estratégias de resistência dos meninos do Beco, não exatamente à presença de meninas, mas à presença de Laura, cujas atitudes contrastavam com as de Marina. Esta última sempre vestiu-se com mini-saia, mini-blusa e não lembro de tê-la visto uma única vez usando tênis no verão. Laura, segundo ela mesma, amiga preferencial de Marina, tem menos idade (está apenas agora chegando à puberdade), calça tênis e usa roupas esportivas - normalmente malhas, acentuando-lhe as pernas e os braços longos, que inspirou a alcunha de “perna-longa”. Marina, como dito a pouco, jamais entrou verdadeiramente no jogo e a constatação de Robson apenas reforça minhas observações: “ela só fica na frente do gol, atrapalhando; aí eu meto um bago [chute potente] nela que é pra ela sair de uma vez do jogo; essa aí não conta!” E Laura? “Ah - disse Robson - ela não



tem muito controle [da bola], mas não tem medo, tem raça e tal. Tem guri mais cagão do que ela!”

Na visão de Robson, Laura está completamente imersa na dinâmica das peladas, sem que estas tenham perdido a conotação viril, como se pode notar pela hierarquização de uns e outros a partir da categoria “cagão” (covarde), sem que paire em relação à garota qualquer acusação masculinizante. A propósito, num bate-papo a este respeito, Robson referira-se com admiração à Jeniffer, uma garota do seu colégio que, segundo ele, “tem o dom”, categoria que ele jamais empregou em relação à Laura. Como a categoria “dom” é para o conjunto desta tese uma noção de uso preferencial dos nativos, evitarei discordar do (não) uso que fez Robson em relação à Laura. Sou, no entanto, testemunha ocular dos progressos técnicos da menina, o que está conforme ao fato dela integrar o time de futebol feminino do colégio onde estuda; “com as gurias da sétima e da oitava!”

Numa tarde-noite em fins de 2002, Wilson, César e Laura estavam lá, meio a esmo, brincando com bola, quando retornei ao Beco. Chutaram-na em minha direção, depois convidaram-me para uma pelada. Topei um “bobinho” e a cena que descrevo, adaptada de um diário feito de improviso naquele mesmo dia, repetiu-se durante toda a brincadeira. Quando Wilson ou César estavam no centro da roda e a bola vinha na minha direção, eles tentavam recuperá-la displicentemente. Talvez imaginassem ser difícil de tomar-me a bola, em razão da diferença de tamanho, ou não pretendessem fazê-lo, pouco importam os motivos. Entretanto, quando a bola chegava à Laura, eles praticamente saltavam sobre ela, tomando-lhe a bola a qualquer custo. Assim sendo, era ela quem permanecia mais tempo no meio da roda, como “boba”. No centro, Laura corria desesperada de um lado a outro, sob os gritos de “olé” dos outros dois. Não bastassem o escárnio verbal, as gargalhadas e o rigor com que faziam valer as regras, tentavam, a todo o instante, passar-lhe a bola por entre as pernas; “vazá-la”, como se diz no léxico futebolístico. Cheguei tão rapidamente à conclusão de que os dois exibiam-se para mim às custas da garota que desculpei-me e deixei-os, mesmo sabendo que aquela era apenas mais uma ocasião na qual Laura estava sendo estigmatizada.

Claro que ela não teria sido exitosa se não fosse obstinada. Para enfrentar as tentativas de enquadramento e humilhação ela entregou-se ao aprendizado das técnicas necessárias para fazer-se respeitar. Dia após dia, lá estava Laura, próxima ao portão da ACM, fazendo floreios (ou tentando) com a bola. Uma, duas, três embaixadas... a bola caía; ela recomeçava. Um, dois... a bola fugia-lhe novamente ao controle, entrando para debaixo de um carro. Apanhava-a e recomeçava. Haja obstinação... Os gestos eram no princípio muito mecânicos, parecendo chutes de bailarina, sem a flexão do joelho. De mais a mais, para jogar é preciso aprender a manter-se equilibrado numa perna só, liberando a outra para o trato com a bola. Aprende-se isso com a

prática e alguns não aprendem jamais ou muito precariamente. Há que refinar a técnica, enquadrar o corpo na hora do chute, do passe, do drible e só então a execução transmite aquela impressão de naturalidade, a fluidez de que fala Wacquant em relação aos gestos dos boxeadores.<sup>121</sup> Os meninos só aprendem porque são constrangidos a fazê-lo, as meninas desistem, quase sempre por uma espécie de economia do esforço - para que gastar tempo e energia nisso?

Laura foi exercitando-se isolada dos outros, acompanhada de Joãozinho, seu irmão, de um ou outro menino, jamais na companhia dos melhores. Robson, Júlio e João estavam noutro patamar e tudo o que faziam não era senão para constranger os outros, principalmente se estivessem os três no jogo ao mesmo tempo. A melhora da performance no jogo depende do aprendizado de uma economia do movimento, a lapidação e adequação dos gestos, a apropriação do espaço e do tempo pelo corpo. Aprende-se a descobrir o próprio corpo, a maneira de sensibilizá-lo, aos poucos, com a paciência que não se dispõe para tantos aprendizados tidos como edificantes. Dia desses, foi César que veio exhibir-se debaixo da minha janela: havia, finalmente, conseguido equilibrar a bola na nuca, depois de dois dias de treinamento com uma pequena pedra, sob a orientação e a chacota de Júlio. Enfim, os resultados aparecem, em alguns mais rapidamente e mais claramente, enquanto noutros parecem não evoluir e assim vão se produzindo as diferenças, as hierarquias, uns vão ser os primeiros a serem escolhidos, outros deixados de lado.

Em alguns meses, porém, pode-se notar a diferença e foi isso que aconteceu quando retornei ao Beco depois de um ano de afastamento. Impressionei-me com Laura. Ela melhorou sensivelmente do ponto de vista técnico. Numa dessas peladas de fim de tarde, vejo-a dominar a bola e mantê-la sob a sola dos pés, à frente do corpo, protegendo-a do garoto que estava às suas costas. A postura é equilibrada, com os braços levemente afastados do corpo impedindo que o garoto que está às suas costas, tentando tomar-lhe a bola, contorne-a; a perna que repousa sobre a bola pressiona-a contra o solo, impedindo que esta escape ao controle; a perna de apoio levemente flexionada torna os movimentos fluídos e ela tem, então, uma fração de segundo para levantar a cabeça e direcionar o passe... Então um giro e, naquela ocasião, um chutão! Acho que está no nível de Wilson, talvez - Robson discorda, diz que está abaixo; mas é mais corajosa, estamos de acordo! Num início de tarde de domingo, sol a pino, dois contra três, Laura jogando no time de dois, o que dá idéia de que ela “está podendo”, como eles dizem. A gritaria de sempre,

---

<sup>121</sup> Wacquant, citando Weber: “Na grande maioria dos casos, a atividade real desenvolve-se em uma obscura semiconsciência ou na não-consciência do ‘sentido visado’. O agente ‘sente imprecisamente’, mais do que conhece esse sentido ou pensa ‘claramente nele’. [...] Uma atividade efetivamente significativa, o que quer dizer plenamente consciente e clara, é apenas, na realidade, um caso limite” (2002, p. 178).

a voz estridente, o tempo inteiro, marcando tudo, implacavelmente, e se isto não bastasse, acicatando a honra do time de três, como ocorreu em um gol de desempate: “três a dois e um banho de bola!”

A resistência de Laura, cuja observação prolongada poderia ser até mesmo historicizada, desde a desqualificação como jogadora pelo fato de ser menina até a sua inclusão, como jogadora, simplesmente, permite compreender a razão pela qual joga-se futebol ou, se preferirem, das razões pelas quais há o constrangimento de jogar, pretendendo-se vir a ser reconhecido como menino. A suposição de que as peladas prestavam-se como dispositivo para engendrar os papéis sexuais, mas não apenas para tal, é produto do entendimento de que os esportes dramatizam e instituem não apenas o mérito, mas também outras diferenças, dentre as quais incluem-se as de gênero. Com a prática continuada, incorporam-se os gestos e os movimentos, convertendo-se o social em corporal. Daí o poder simbólico do argumento técnico segundo o qual as meninas não sabem jogar, pois efetivamente a exclusão continuada da prática não haveria senão que acentuar as diferenças que, na origem, são um arbitrário cultural.

Fora necessário que Laura passasse a dar chutes e cabeceios contra o portão da ACM para que ela fosse incorporada respeitosamente no jogo. Contudo, não teria ela se empenhado tão disciplinadamente na domesticação do próprio corpo e dos gestos tidos como próprios à prática do futebol se não tivesse incorporado, a partir de outros espaços, a convicção de que meninas não são feitas para ocupar a periferia dos processos sociais. Inicialmente supus que a mãe, pelo fato de ser pedagoga, petista e militante feminista, teria contribuído, sobremaneira, para que Laura não deixasse de estar no centro da configuração infanto-juvenil quando ocorreu a transição entre o brincar de esconde-esconde - sem fronteira de gênero - para o futebol, o taco e o *skate*, todos com conotação masculina. Tempos depois, a própria mãe de Laura corrigiu uma hipótese, esquivando-se do rótulo de feminista. Invocou a história familiar, o fato de serem quatro filhas mulheres e da mãe (avó de Laura) ter exercido um papel que, nas famílias de origem italiana, é destinada aos homens, tal como o trabalho fora do espaço doméstico. Definiu-se, então, como pertencente a uma família de “mulheres que vão à luta”, acrescentando que ela própria fora jogadora de vôlei na juventude, o que se traduz, de algum modo, no gosto e na fluidez que Laura demonstra para a prática de várias modalidades esportivas.

#### **A poderosa Laura!**

Havia marcado a entrevista com ela para a quarta-feira, depois de ter sido autorizado pela sua mãe. Todavia, Laura não apareceu até a quinta pela manhã, quando veio desculpar-se; depois veio a mãe, na sexta-feira. Remarquei para a segunda, já preocupado com o tom sério que o rumo do bate-papo parecia ter tomado. Laura chegou e saiu tensa e inibida. Primeiramente, solicitei-a para que respondesse um questionário, o mesmo que apliquei nas escolas. Conversando sobre ele, imaginava

quebrar a seriedade da entrevista, o que efetivamente não aconteceu.

Laura foi uma das três entre as mais de 200 meninas entrevistadas que responderam que gostariam de ser “jogadora de futebol”. Ela está treinando futebol no colégio e diz ser uma das melhores, especialmente quando relativizados os quesitos idade e tamanho, uma vez que ela, que está na sexta, treina com as gurias da sétima e da oitava. Está jogando como ala direita, vez por outra na esquerda. Com um outro professor, treinava de atacante, tendo mudado este ano de função, encarregando-se, segundo ela mesma, de fazer o “vai-e-vem” (atacar e defender). No Beco, a vi jogando como “beque-de-espera”, sem “pipocar”. Não tem feito muitos gols no colégio, como no passado, o que seria melhor, segundo ela, pois assim não desperta a inveja das outras meninas. O drible seria, atualmente, um dos fundamentos que executa com perícia. Todavia, quando perguntei-lhe se driblara algum dos meninos do Beco sua resposta foi categórica: “só o Marcos II, mas ele não conta!” Por quê? “Ah, todos dizem que o Marcos II não conta muito. Ele não joga nada aqui no Beco, ele diz que não leva o jogo a sério!” Embora tenha dito com outros termos, Laura acredita ter rompido a barreira de gênero, segundo ela, “um preconceito antigo” (estalando os dedos para reforçar a idéia de que isto viria de outros lugares, de outros tempos). “Isto está mudando!”

Mesmo convicto de que Laura tem uma trajetória singularíssima, não esperava que a mãe dela devolvesse, diante da minha solicitação de autorização para entrevistar a filha - o que implicava em convidá-la a vir até meu apartamento - algo como: “eu é que estou preocupada com o futebol do Beco!”. Alguns meses depois de Laura, entrevistei a mãe e o padrasto dela. Nenhuma novidade em relação ao perfil que a própria mãe, diretora de escola, traçou da filha. Fiquei um pouco surpreso apenas com o fato dela se preocupar com o protagonismo de Laura: “não quero que isso vire uma obsessão, como no pai dela”. Entre outros temas, tocamos na questão da sexualidade e, por iniciativa dela, disse-me pouco importar-se se Laura viesse a ser homossexual, mas que preocupava-se com a falta de referências femininas no Beco.

Laura vai começar a sétima série. Está púbere e mudou sensivelmente a maneira de vestir-se, mas não o estilo. Como as peladas estão saindo de cena, ela frequenta menos a parte do Beco que está ao meu alcance. Ainda assim presenciei, à época do fechamento deste trabalho, uma performance no jogo de taco digna de nota, à altura de Júlio, que na ausência de João e Robson tornou-se o maioral.

Dentre todos no Beco, Robson se destacava pela habilidade. Ele e a bola formavam um conjunto harmonioso. Recebia de um companheiro, colocava-a debaixo do pé e então girava o corpo de um lado a outro, um passo à frente e atrás, se necessário. Só então efetuava o passe ou o drible. Às vezes tocava de primeira: rápido, lépido, preciso. Ele treinava no Grêmio e em outra escolinha particular, mas segundo ele, essas passagens só contribuíram para melhorar a sua preparação física. Aprender a jogar ele o fez na praia e nas ruas de Canasvieiras, em Florianópolis, onde residiu até os 10 anos. Nos paralelepípedos do Beco, ele conduzia a bola com maestria e na calçada manobrava com o *skate* até o dia em que os moradores, incomodados, mandaram cavar os sulcos de duas em duas lajes, inviabilizando as manobras. Até no taco ele fora o melhor, nos tempos em que dona Eleonor ainda era viva e descia ensandecida para dizer de tudo a todos.

Quando me afastei do Beco, em março de 2003, Robson ainda treinava na escolinha do Grêmio. Com a idade dele, 13 anos, entrava em uma fase decisiva. Ele é “mirradinho” e isto o faz desenvolvido do ponto de vista das técnicas futebolísticas, mas não quer dizer muito. Para que ele progrida em direção à profissionalização, terá que disputar espaço com outros garotos, numa

configuração que em tudo difere das peladas do Beco. Terá que adquirir massa muscular, altura, enfim, terá um longo percurso pela frente. E tudo parecia mais distante um ano depois, tendo abandonado a escolinha do Grêmio. Ele ainda pretendia ser jogador de futebol, mas suas estratégias eram distantes de serem as melhores, ele próprio reconhecia. Tendo abandonado a Escolinha e na época com 14 anos, não lhe restavam alternativas a não ser as chamadas “peneiras”, pelas quais quase ninguém passa, sobretudo os meninos mirrados e sem agentes/empresários como ele.

De qualquer modo, o jogo para Robson transcendeu a sociabilidade e a construção da masculinidade. Foi além de outros meninos de sua idade, mas é provável que seu dom e, principalmente, a gestão dele, não tenham sido suficientes para levá-lo mais longe. Contou-me uma história confusa, na qual figurava como sujeito da sua própria exclusão. Tomei-a como procedente, mas tenho quase certeza de que ele foi “dispensado”. O sonho de ser jogador ainda estava presente na imaginação, mas na ocasião em que ele me auxiliou, respondendo um questionário piloto que mais tarde aplicaria nas escolas, ventilou também o desejo de vir a ser “ator pornô”. Os filmes do gênero estavam entre suas descobertas recentes e isto deve ter contribuído para as insinuações. A noção de que a carreira de futebolista estava se inviabilizando era manifesta, vez por outra, com um “já era”, sendo que em outros o projeto lhe parecia viável. Por último ele escreveu que gostaria de ser jogador de futebol ou *skatista* - para a pergunta: “o que você gostaria de ser quando crescer?” - e “não sei” quando perguntado acerca do “que você acha que vai ser quando crescer”.

### **Peladas e nuas!**

Num fim de março de 2002, ao cair da tarde, participei de uma pelada no Beco. Houve um bate-boca para me enquadrar na configuração sem que houvesse desequilíbrio. Laura e Mariana desistiram. Marcos II já não estava nela. A formação inicial ficou assim: Eu, Robson e Wilson contra Cidinho - um magrela que aparece de quando em quando - Júlio, João e Marcos I, tendo este último desistido logo em seguida. Três contra três, cinco a dois para eles. Wilson abandonou o jogo tempos depois, sendo substituído por Leonardo, que acabara de chegar. Wilson estava aborrecido em razão dos xingamentos de Robson, de que ele não ajudava na marcação, não estava buscando o jogo, não voltava e não receberia mais passes. O time de João até dilatou a vantagem, mas nós encostamos à altura dos 8 a 8 e então seguimos até os 10.

Sendo o espaço um misto de rua e estacionamento, o jogo era seguidamente interrompido quando algum veículo entrava ou saía do Beco. Quando a bola passava entre os automóveis e chegava até o passeio, o jogo poderia ser continuado ou marcado “arremesso”, feito com os pés ou com as mãos. Porém quando a bola entrasse debaixo de um dos veículos estacionados era “carro” (fora de jogo). Nestas circunstâncias, quem estivesse mais próximo da bola teria a prerrogativa de trazê-la, com os pés, para um local menos congestionado de onde daria nova partida [...].

A certa altura, Wilson e Marcos I passaram a rondar uma camionete, equilibrando-se no estrado. Wilson foi xingado por Robson e estava claro, naquele momento, que o xingamento não tinha a ver com o futebol, mas com o esconderijo da Playboy da Tiazinha. Júlio, João e Robson eram os mais entusiasmados com a revista e teciam comentários acerca da recusa de uma tal de Susana em pousar nua. “O Domini

[vencedor do programa Big Brother Brasil III, da Rede Globo] já viu aquilo” disse João. “Domini é veado”, respondeu Júlio, enquanto fazia comentários acerca das posições femininas mais excitantes - “de bruços, com as pernas abertas...uhhhhh!”.

A mise-en-scène nos fins de tarde na Leão XIII poderia ser compreendida a partir da sua relação com outras configurações futebolísticas. Transformada numa configuração particular que reserva muitas similaridades - e também diferenças, evidentemente - com outras tantas configurações de rua, o futebol é praticado no Beco como um pretexto para a dramatização de um jogo de relações constitutivas da sociabilidade entre meninos e meninas, processo de descoberta de si e dos outros, sobretudo para aqueles que se descobrem e se fazem meninos jogando, no sentido lato do termo. O jogo deles é um tanto estranho ao *football association*: é interdito o uso das mãos, mas as metas são demarcadas com sacos de lixo; tem meninas em meio aos meninos; uns jogam de chinelos de dedo e outros calçados; são de idades e tamanhos variados e há senhas para interromper o jogo quando entra um carro no Beco ou a bola rola para debaixo de um dos que está estacionado; como estas, constroem outras regras; são todos árbitros em potencial, mas é obvio que apenas alguns, os mais poderosos, terão a chance de impor seus juízos, especialmente em casos de conflitos, que de resto são constantes - por vezes tem-se a impressão de que eles param de discutir para jogar, não o inverso. A escolha das parcerias, por exemplo, é uma das atividades mais dispendiosas, pois há que escalonar-se futebolisticamente e ainda conciliar as preferências dadas pelas afinidades que estão à mercê do jogo. Joga-se para ganhar, mas isso não é tudo. Acontece que a brincadeira já está em curso bem antes do jogo começar e são quase sempre as tensões paralelas que determinam o seu final. O jogo de bola é por isso mesmo um detalhe - importante, sem dúvida - da mise-en-scène.

Parece-me, portanto, que as alegações de que “as meninas não sabem jogar” e de que elas “avacalham o jogo” devem ser compreendidas a partir de uma noção mais alargada de jogo, no sentido de que, para além do futebol ou de outra modalidade qualquer, existe um jogo de status ou, se preferirem, um operador simbólico em ação. O que está em jogo no futebol dos meninos é, basicamente, sua honra pessoal - a coragem e a virilidade, sobretudo -, ainda que elas sejam seguidamente implícitas. No balaio das modalidades esportivas, o que é tido como bom para as meninas são, certamente, as ginásticas, razão pelas quais nas competições de GRD (ginástica rítmica desportiva), tanto em Porto Alegre quanto em Aix-en-Provence, as mulheres predominam em todas as instâncias, da arbitragem à competição, da organização à platéia.

Não haveria como esgotar as interpretações a partir da multiplicidade de cenas, cenários e atores que freqüentam os fins de tarde da Leão XIII. O que pretendi foi mostrar como o aprendizado do futebol está distante de ser algo instrumental, consciente, individualizado e

desconexo da sociabilidade como um todo. O dom, categoria nativa aplicada aos prodígios, é elemento dessa trama. Gestado em meio às hostilidades que demarcam o futebol como espaço masculino, o dom é um diferencial, mas não apenas em termos de uma *hexis* futebolística. O dom é também uma arma para provocar, humilhar, enfim, um artefato - como arte de fazer bom uso do corpo - inventado para exercer a violência por outros meios. Engana-se quem imagina que os dribles ditos desconcertantes - um termo bastante ilustrativo, por sinal - sejam apreciados em si mesmos. Eles o são porque humilham, subjagam, desconcertam, enfim, porque são parte de uma troca hierarquizante entre um driblador e um driblado, e como tal prenes de significado.

Assim, a possibilidade de usar a configuração do Beco para mostrar o quanto há de arbitrariedade no fato de o futebol ser uma prática quase que exclusivamente masculina entre nós. Pela observação prolongada da sociabilidade no Beco, foi possível formular muitas hipóteses *ad hoc*, testá-las a partir da janela, por vezes através de perguntas mais ou menos diretas, desistir, remodelar e consolidar algumas convicções. A presença de Laura em meio aos meninos facilitou tais observações, ao vê-la sendo tomada como “estranha” pelos próprios pares. Talvez o verdadeiro crime do vigarista, escreve Goffman, “não consista em tomar dinheiro de suas vítimas, mas em roubar-nos a todos nós da crença de que as maneiras e a aparência da classe média só podem ser mantidas por pessoas da classe média” (1985, p. 26). Diria, parafraseando-o, que Laura foi uma espécie de vigarista, ao roubar dos meninos a ilusão de que menina não pode jogar futebol.

## 5 AS LÓGICAS DA FORMAÇÃO/PRODUÇÃO DE FUTEBOLISTAS

Na medida em que nos aproximamos da profissão, afastamo-nos das configurações bricoladas, como aquela descrita no capítulo anterior. A rua Leão XIII é um protótipo de ensino e aprendizado difuso das técnicas futebolísticas, da socialização com os fundamentos do jogo, onde alguns dos que se fazem meninos jogando descobrem-se mais aptos do que outros e, dependendo das circunstâncias, podem vir a ser recrutados para os centros profissionalizantes. Júlio, João, Robson, Wilson, Leonardo e César, praticamente a metade dos peladeiros da Leão XIII, desejaram, em algum momento, tornar-se futebolistas, mas tudo indica que nenhum será - já deveriam ter um agente/empresário a ciceroneá-los, o que não se confirma. Na medida em que estreitamos nossa relação, passaram a solicitar indicações de como proceder para acessar às categorias de base dos clubes - Grêmio e Inter, sobretudo - ou, como Júlio e César, aconselharem-se acerca da necessidade de fazerem musculação, ingerir vitaminas para aumentar a estatura e outros procedimentos do gênero. Robson e Júlio, inclusive, tinham passagem pelas escolinhas do Grêmio, o primeiro com uma reputação aparentemente mais sólida. Todavia, ser futebolista tornava-se, dia a dia um projeto menos palpável. Nunca desestimulei-os, mas nem criei expectativas. “Acho que já era, né!? Confidenciou Júlio. “É complicado, tem muitos meninos querendo...” Robson, Júlio e João, os estabelecidos na bricolagem do Beco são *outsiders* em relação à profissionalização. Na idade deles, ou se está incluso no processo ou “já era”, como os três admitiriam em momentos distintos.

Para entender os nexos entre o desejo desses meninos do Beco de serem investidos profissionalmente e o mercado de pé-de-obra, é oportuno compreender as lógicas a partir das quais operam os centros de formação/produção. Afinal, não se forjam, no Brasil, desde algumas décadas, jogadores profissionais fora desses centros. São esses centros que balizam os capitais corporais demandados para a atuação profissional, estabelecidos a partir da relação entre a oferta de dom/talento e as demandas do mercado que, como se sabe, excede as fronteiras



nacionais. Deve-se evitar de pensar os futebolistas como autônomos em relação às estruturas do campo profissional, como por vezes se é levado a crer a partir da idéia de que o talento esteja na origem e no centro de todas as manobras, como se as manobras com a bola e tão somente elas estivessem em jogo em se tratando de capitais futebolísticos. Em contrapartida, é preciso resguardar aos indivíduos um raio de ação, um axioma teórico e metodológico, contíguo às noções de campo ou de configuração.

Os meninos em formação não são ventrílocos de quem quer que seja. São sujeitos, como outros quaisquer, empenhados na realização de seus projetos, referidos seguidamente como sonhos. As estratégias que empreendem são diversificadas e os resultados também, mas para compreendê-los será preciso, primeiro, esboçar as lógicas sociais que norteiam o espaço de manobra. Não há boleiro que tudo possa, nem há quem se submeta a tudo. O que está em jogo, para além do jogo no processo de formação/produção, são tanto as escolhas que um sujeito pode empreender, quanto o fato de ele vir a ser escolhido para ser empreendido. Esta tese, no seu conjunto, procura equilibrar-se entre estes dois pólos da formação/produção profissional. Este capítulo, em particular, volta-se para o “vir a ser escolhido/empreendido”. Não se trata, porém, de ir direito à lógica dos recrutadores, olheiros, agentes/empresários ou dirigentes, para saber deles o que procuram, em quem, onde e com quais interesses. Esse pode ter sido o procedimento estratégico da observação participante, mas não seria proveitoso reproduzir aqui, uma a uma, as visitas aos centros de profissionalização, os diálogos com os agentes/empresários e tantos outros procedimentos da rotina etnográfica. O que segue está diretamente vinculado ao trabalho de campo prolongado, respaldado pela convicção de que é importante apresentar uma visão panorâmica dos dispositivos de formação/produção para então detalhá-los a partir de uma configuração particular, nesse caso a do Sport Club Internacional.

A opção é pela busca da especificidade brasileira, mas sem deter-se nela, pois nada melhor para compreendê-la do que confrontando-a. A partir da ótica propriamente futebolística, articulada em torno da FIFA, pretende-se comparar diferentes modelos de formação/produção observados a partir da freqüentação aos centros de profissionalização, visando explicitar quem, onde e com que finalidade recrutam-se adolescentes para investir-lhes os atributos do futebol de espetáculo. Em complementação a esta perspectiva, será preciso apreender, através das culturas e sociedades locais - incluindo-se as intervenções do Estado-nação, gestor das fronteiras legais e das legislações trabalhistas - a dinâmica da circulação dos jovens futebolistas.

A primeira das três partes do capítulo é uma espécie de contextualização do *métier* de futebolista, incluindo-se o processo de constituição da profissão em diacronia, a maneira como esses profissionais são representados pelo público, algumas características específicas da profissão e o acesso ao mercado de trabalho, nacional e internacional. Na segunda parte, serão

apresentados os três modelos de tipo ideal, forjados a partir do trabalho de campo, visando proporcionar uma visão abrangente das lógicas que orientam a profissionalização de jogadores: o modelo endógeno, voltado às demandas do clube-totem; o exógeno, direcionado ao mercado de pés-de-obra ao qual os clubes-totem recorrem em dadas circunstâncias; e o modelo híbrido, que atende às duas finalidades. Esses modelos são úteis para compreender as lógicas em torno das quais articulam-se os indivíduos em interação que configuram a formação/produção como um processo estratégico para a compreensão do futebol de espetáculo. Na terceira parte, apresento uma comparação entre o modelo de produção de futebolistas brasileiro e francês. Não se trata de uma comparação exaustiva, pois não haveria como levar a cabo tal empreendimento em tão curto espaço, além do que a produção acadêmica acerca do processo brasileiro é carente.

A reputação técnica dos brasileiros é, certamente, um dos motivos da cobiça estrangeira, mas além de bons são baratos - por isso são levados em quantidade. O que explica o baixo custo dos pés-de-obra produzidos no Brasil é um conjunto de elementos que convém explicitar. Não se trata, tão somente, das diferenças de cotação das moedas - euros/dólares versus reais - ou do maior poder aquisitivo dos consumidores europeus e, por extensão, da capacidade de remuneração dos clubes do velho continente. Trata-se da liberdade ou mesmo do descaso das agências nacionais - desde os clubes às federações, passando pelo próprio Estado - em relação à produção/formação, permitindo a ampla liberdade de ação de instituições e agentes interessados no lucro imediato. Há uma extensa quantidade de jovens sendo investidos para uma profissão que não se expande e tampouco prevê reconversão, sem que paralelamente se dê a eles uma formação complementar, como exige, por exemplo, a legislação francesa. Assim sendo, os jovens brasileiros podem ser desterritorializados segundo as estratégias de clubes e agentes/empresários; submetidos a treinamentos extenuantes que os inviabilizam para outras atividades - diferentemente da produção francesa, que coloca a formação escolar e esportiva em paralelo; recrutados e dispensados dos centros de formação/produção de acordo com a conveniência destes e a tantos outros procedimentos, mais ou menos naturalizados como próprios ao “mundo da bola”. Com uma oferta de dons/talentos excepcional - não custa lembrá-los de que o Brasil é o país mais populoso do mundo no qual este esporte é amplamente disseminado, para não dizer hegemônico - e praticamente nenhuma restrição legal, ética ou cultural para manipulá-los, não haveria senão de transformar-se em “celeiro de craques”. Como dito alhures, não creio que os atletas em formação devam ser tratados como vítimas, tampouco como cúmplices desse processo. Eles são parte dele e se movimentam de acordo com as estratégias que estão ao alcance. À antropologia cabe compreendê-las, explicitando os protagonistas de um dado estado de coisas que se passam à penumbra do espetáculo.

### **5.1 MERCADO DE TRABALHO PARA OS PÉS-DE-OBRA BRASILEIROS**

A profissionalização do futebol, aqui tomada como um processo social, é por definição inacabada e compreende uma série de transformações pelas quais a prática amadorística converteu-se num espetáculo de grande interesse do público e da publicidade. O *métier* de futebolista é parte desse processo, mas não é tudo, devendo ser compreendido em sua especificidade. Do ponto de vista diacrônico, a bibliografia em ciências sociais convencionou o ano de 1933 como uma espécie de marco a partir do qual o profissionalismo foi adotado no Brasil. Como esse processo será retomado no capítulo 9, no qual será abordado o duplo estatuto dos atletas, de pessoa e coisa, basta antecipar aqui dois argumentos importantes<sup>122</sup>.

O primeiro dá conta de que o ano de 1933, embora sirva como referência, não pode levar a crer que o acordo entre as agremiações paulistas e cariocas tenha modificado radicalmente o que quer que seja, muito menos que tenha reverberado de modo idêntico em todas as partes do Brasil. A profissionalização dos pés-de-obra é paralela ao processo de espetacularização do futebol e este é matizado, entre outros fatores, pela urbanização, pelo desenvolvimento dos meios de transporte e de comunicação, incluindo-se a invenção do jornalismo especializado. Por tais motivos, a espetacularização do futebol no Brasil é um processo inacabado e diversificado, embora tenha se consolidado um circuito nacional, a partir dos anos de 1970, do qual faz parte a elite clubística. Vale repetir, porém, que há espetáculos de todas as matizes, em termos de organização, interesse do público e circulação de dinheiro, devendo-se evitar que os olhares sejam dirigidos apenas para a elite clubística e, particularmente, para aquilo que é midiaticizado.

O segundo argumento é uma extensão do primeiro, dando conta de que o mercado de pé-de-obra é sujeito à diversidade histórica e social da espetacularização. Em outras palavras, há mercado para os mais diversos volumes de capitais futebolísticos. Diz-se, na mídia porto-alegrense, que Rafael Sobis, atualmente com 19 anos, recebe em torno de 20 mil reais mensais no Inter, menos de 1/3 do que receberiam um grupo de quatro ou cinco atletas que compõem o teto salarial do clube. Diego, colega de Rafael em 2002, na equipe juvenil, recebe entre 100 e 200 reais por jogo em campeonatos amadores da grande-Porto Alegre e arredores. Os clubes/times da matriz comunitária pelos quais Diego joga não são computados pelo sistema FIFA-IB, mas o fato é que Diego sobrevive, atualmente, com tais ganhos - pagando pensão alimentícia para uma filha de 9 meses, inclusive. Em seguida se verá, com alguns dados, que há mais “diegos” do que “rafaéis” no futebol brasileiro.

---

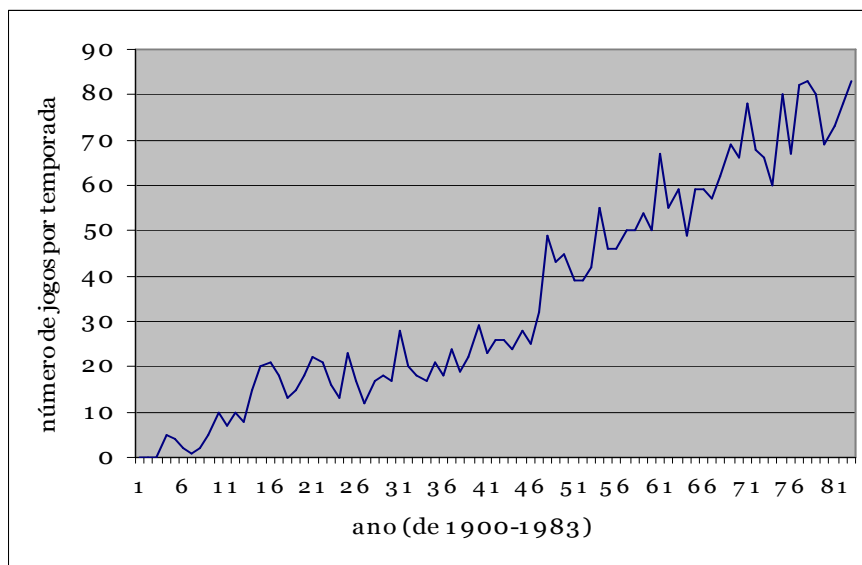
<sup>122</sup> Tanto lá quanto aqui o processo histórico é suscitado como uma modalidade de argumento em diacronia, não havendo, portanto, interesse em retomá-lo em forma de resenha ou coisa que o valha. Mesmo assim, no capítulo 9 enumero a bibliografia que me serve de suporte.

Estes dois argumentos são imprescindíveis para repensar a maneira como o mercado de pé-de-obra vem sendo abordado pelas ciências sociais. Alguns desses limites precisam ser aqui explicitados, do contrário as lógicas da formação/produção não serão devidamente compreendidas. Para ser objetivo, procederei em tópicos breves destacando alguns dos elementos genéricos implicados na atuação profissional dos futebolistas, com ênfase na conjuntura nacional. Não há espaço e tampouco motivo para aprofundar tais tópicos, seja porque outros pesquisadores já o fizeram, seja porque a proposição desta tese é compreender o futebol de espetáculo a partir da formação/produção e não propriamente da atuação dos futebolistas.

### 5.1.1 Uma profissão que se constituiu historicamente

A profissionalização dos futebolistas, ocorrida ao longo do século XX, foi paralela à espetacularização do futebol e, portanto, à constituição de um público engajado, como referido no capítulo 2. O gráfico a seguir, constituído a partir dos jogos realizados pelo Grêmio desde sua fundação, em 1903, até a conquista de dois títulos internacionais, em 1983, ilustra a escalada do interesse pelo espetáculo no contexto gaúcho. O gráfico revela a progressão na quantidade de jogos, o que implica, por extensão, na consolidação de uma rotina com dedicação exclusiva dos atletas e, como contrapartida, remuneração compatível.

**Gráfico 5.1 - A escalada do futebol como espetáculo no século XX**



Fonte: levantamento do autor a partir dos fascículos “História Ilustrada do Grêmio”

Diferentemente de estados nos quais o processo foi mais precoce, como no Rio de Janeiro e em São Paulo, e de outros, onde ele é tardio, como no Centro-Oeste, o futebol de espetáculo consolida-se no Rio Grande do Sul ao final dos anos 40. A linha ascendente do gráfico pode ser tomada como a fronteira que separa o futebol de espetáculo, agenciado pela FIFA-IB e do qual o Grêmio e o Inter participam, de outras modalidades de futebóis. O aumento no número de jogos por temporada decorre da participação em maior número de competições, inicialmente circunscritas à esfera da cidade (até os anos de 1920), depois ao estado (até o fim dos anos de 1960), nacionalizadas nos anos de 1970 e, atualmente, podendo incluir o circuito continental para o caso das equipes de ponta. As exigências em relação aos jogadores profissionais mudaram, como também os seus perfis. O vínculo com o clube deixou de ser meramente afetivo para ser contratual, legalizado e remunerado, sendo a gestão do tempo orientada pelos critérios de eficácia e rendimento, tal qual os de uma empresa qualquer do setor produtivo, com a particularidade de que as performances são tidas aqui como bens simbólicos.

A tais mudanças correspondem dadas formas de gestão política e econômica do corpo dos atletas. O apreciado *fair-play* e o dandismo dos tempos do amadorismo, em que clubes como o Grêmio faziam-se representar por jovens da alta sociedade, deu lugar à ascense clubística, delineada pelas exigências dos torcedores, ávidos por performances exitosas, e a um mercado de trabalho competitivo, cujos capitais corporais passaram a ser forjados pelas rotinas de treinamentos. O futebol tornou-se progressivamente interessante como espetáculo, do contrário não teriam aumentado o número de jogos, de competições, de possibilidades de irradiação, de falações e assim por diante. Tornou-se também mais sério, conseqüente e disciplinado, com os contornos de uma atividade mundana durante a maior parte do tempo. A curva ascendente do **Gráfico 5.1** também pode ser tomada, do ponto de vista dos jogadores, como a fronteira entre o trabalho e o entretenimento.

### 5.1.2 Uma carreira breve

Carreiras curtas, auge precoce e difícil reconversão são características estruturais da profissão. Pode-se pensar a carreira de futebolista como um espiral - combinação das temporalidades cíclica e linear - sujeita a cinco ciclos, de fronteiras porosas, dispostas no **quadro 5.1** - a seguir. Nesta tese, problematizo os dois primeiros ciclos, especialmente o segundo, mas não se deve perder de vista a posição que eles ocupam no conjunto de uma “carreira idealizada”, uma noção providencial, pois apenas uma parcela dos que ingressam na atividade efetivamente completam a espiral na maneira como foi disposta. Em parte porque o esporte moderno, no seu conjunto, dramatiza certos limites humanos, dentre os quais o

biológico, a carreira de esportista é abreviada quando comparada a outras profissões, tendo os atletas seu apogeu na média de idade em que outros profissionais estão entrando no mercado. Acredita-se que, no futebol, o ápice profissional aconteça por volta dos 24-26 anos, o que pressuporia um dado equilíbrio entre um conjunto de fatores que vão desde as variáveis físicas às emocionais<sup>123</sup>. A reconversão, em lugar da aposentadoria é, por isso mesmo, uma etapa dramática de suas vidas.

**Quadro 5.1 - Os ciclos da espiral longa<sup>124</sup>**

<b>Ciclo de aprendizagem ou pré-formação</b>	<b>Ciclos de preparação ou formação</b>	<b>Ciclos de aprimoramento e de atuação</b>	<b>Ciclos de desconversão</b>	<b>Ciclos de reconversão ou aposentadoria</b>
Domínio das técnicas elementares, freqüentação a escolinhas, eventual reconhecimento do talento, seleção e recrutamento para a formação	Restrito aos vocacionados, aos que dispõem do dom; refinamento das técnicas corporais e progressão em direção ao profissionalismo ou exclusão	Atuação profissional sujeita a variações em termos de remuneração, prestígio e sucesso, embora ser profissional seja um valor em si, pois é associado a um ideal de masculinidade	Fim de carreira e reconversão profissional, podendo esta ser definida por limitações físicas (idade ou lesões graves) ou desemprego crônico	Período de recesso; seguidamente traumático pelo distanciamento do público
Dos primeiros passos aos 14 anos	A partir dos 10 anos, intensificando-se dos 14 aos 20	Entre os 17 e os 35 anos	Entre os 30 e os 40 anos	A partir do fim da carreira ou quando este estiver próximo

Quem experimentou as benesses da profissão - dinheiro, visibilidade, fama, mulheres, etc - sofrerá com a escassez; quem não as teve sabe que não as terá. Mesmo para os que conseguem acumular o suficiente para assegurar o sustento depois de encerrada a carreira - aos 40 anos, não mais -, a privação do contato com o público e com os mídias, que se tornaram parte de suas experiências diárias, é profundamente sentida e tende a ser, de algum modo compensada. Serem

<sup>123</sup> Esta idade é mais ou menos consensual entre os atletas e formadores. Segundo eles, o parâmetro é a média de idade das equipes campeãs, normalmente situadas nesta faixa. Embora nem sempre os jogadores atinjam o equilíbrio físico, técnico e emocional ao mesmo tempo, há boas razões para crer que isso ocorra muito antes ou depois dos 25 anos. Os profissionais com mais de 35 anos de idade ainda em atividade são objeto de curiosidade, jocosidade ou admiração. Raros são os que conseguem ultrapassar esta barreira sem comprometer significativamente o seu status, como é o caso dos atletas que, por razões diversas, seguem exercendo a profissão mesmo quando o mercado lhes restringe as possibilidades, forçando-os a atuar em clubes de pouca expressão e por salários bem abaixo do que receberam no passado, tendo um final de carreira precarizado.

<sup>124</sup> Uma segunda representação esquemática, **Quadro 7.1**, é importante para compreender os nexos entre a pré-formação (ou ciclo de aprendizagem) e a formação (ciclo de preparação para o exercício da profissão).

convidados para recepções, homenagens e, principalmente, eventos esportivos são algumas das estratégias. Quando voltam às praças de esportes nas quais atuaram - e alguns o fazem com reticências -, procuram ficar bem à vista para que os torcedores os reconheçam, demandando fotos, autógrafos e narrativas pitorescas - “naquele tempo...”; “em certa ocasião...”; “como daquela vez...”<sup>125</sup>. Para uma parte expressiva, senão a maioria, a carreira é abreviada prematuramente, quando o desemprego torna-se crônico, como no caso de J.C. Belmonte.

### Desemprego crônico, aposentadoria precoce e reconversão improvável...

J.C. Belmonte é um dos tantos casos de jovens com carreiras abreviadas cuja reconversão é penosa<sup>126</sup>. Sua visita à SME, com currículo em punho, era mais uma tentativa frustrada de seguir “trabalhando com o futebol”. Aos 26 anos de idade, um veterano, praticamente, J.C. Belmonte já não tinha mais colocação no mercado como jogador. Foi o que ouviu quando bateu na porta do São José, terceira força do futebol porto-alegrense, bem distante da dupla Gre-Nal, mas ainda assim incompatível ao currículo do atleta. Sem agente/empresário, as chances de jogar em clube profissional eram ilusórias, foi o que lhe disse Tóvi, sutilmente.

Em papel com o timbre da FGF, que lhe conferia status de documento prestigiado, constavam as equipes pelas quais J.C. Belmonte havia jogado: São José, XV de Campo Bom, Nacional de Montevideu e uma outra agremiação chilena. Ele trazia ainda, numa pasta, uma cópia do diploma de goleador de um campeonato amador disputado no Chile, algo como a Várzea de Porto Alegre. Com dificuldades de expressão, trajava com sobriedade; mais parecendo um pastor pentecostal do que um booleiro convencional. Era o que dispunha para tornar-se “treinador de escolinhas”, razão pela qual procurara a SME. Tóvi, um dos coordenadores do Em Cada Campo uma Escolinha (ECCE), explicou-lhe que o referido programa era integrado por líderes esportivos comunitários que desempenhavam suas atividades como voluntários, não sendo, portanto, um trabalho remunerado. E não era exatamente o que pretendia o ex-booleiro, cuja “chance” por ele invocada demandava alguma contrapartida econômica - pelo que deu a entender, teria mercado no Chile, mas faltava-lhe o dinheiro para a passagem. Sem ter sequer concluído o ensino médio, J.C. Belmonte é um dos tantos jovens que investem todas as fichas no futebol, sem a preocupação e a oportunidade de projetar a reconversão paralelamente.

Os capitais sociais da família são, a este respeito, determinantes na maneira como os jovens encaminham a carreira. Marcos Seixas, preparador físico do Fluminense à época em que foi entrevistado, freqüentou os centros de formação como aprendiz, antes de reconverter-se em mestre. Todavia, suas estratégias e sua origem são bem diversas daquela de J.C. Belmonte.

Me dei conta [que deveria trocar o futebol pela escola] quando percebi que para freqüentar os treinos, e coisa e tal, teria que estudar num horário noturno, enquanto que eu sempre tive um costume, uma tradição na minha família, de estudar em escola católica, no Rio de Janeiro, numa escola bem tradicional, que era no período da manhã ou no período da tarde. Era impossível, prá mim, jogar bola, pois geralmente o pessoal que joga futebol vem de uma camada social mais baixa, e o pessoal pode estudar à noite, entendeu. E aí eu vi que ia ficar difícil, ia ficar muito

<sup>125</sup> Em qualquer jogo, há sempre uma legião de ex-booleiros e não é difícil de reconhecê-los, sobretudo à entrada, no intervalo e à saída dos jogos. Esses “ex” acabam por constituir verdadeiras mitologias orais, das quais são ao mesmo tempo narradores e personagens. Assim sendo, é possível que um sujeito como Bira, o “bira-boom”, com passagem por vários clubes gaúchos, dentre eles Grêmio e Inter, mas “aposentado” já em meados dos anos 80, exerça fascínio em jovens como Rafael Lopes, nascido em 1985. Em dada ocasião na qual conversávamos em frente ao albergue das categorias de base do Inter, depois de um jogo da equipe principal, Rafael apresentava-me, com detalhes, os ex-booleiros, dentre eles “Bira-boom”, que conversavam entre si à espera de serem interpelados pelos torcedores.

<sup>126</sup> Para outro exemplo do gênero cf. “o caso de Caé”, descrito por Toledo (2002, p. 113-125).

difícil, ia me prejudicar muito nas aulas, aí abandonei, aí terminei o segundo grau...  
[Depoimento gravado, em jan/2002] [grifos meus].

Como se pode notar, o suporte familiar foi decisivo na opção de Marcos. Provavelmente ele não teria sido induzido a tal se fosse um talento invulgar, o que também não parece ser o caso de J.C. Belmonte. A diferença, porém, é que Marcos pertence a um estrato social que não “pode” estudar à noite; enquanto o outro “pode”, pois é de uma camada social mais baixa. “Sorte” de Marcos, pois o sistema de formação “à brasileira”, como se verá na terceira parte, usa estrategicamente esse “pode” ao qual ele se refere. “Podendo” estudar à noite, “pode-se” treinar pela manhã, pela tarde ou nos dois turnos, se assim convier ao *staff* e ao clube; “pode-se” exaurir os atletas em formação, afinal “treino puxado” é algo bastante valorizado por quase todos. Não que os jogadores oriundos de grupos populares, como J.C. Belmonte, sejam vítimas inocentes da formação “à brasileira”, mas é importante destacar que parte da bem-sucedida produção em massa de boleiros no Brasil dá-se às custas de investimentos sem reconversão e de carreiras precocemente interrompidas, pois a oferta de pés-de-obra é muito maior do que a demanda do mercado profissional. Sem contar com os que são usados como *sparring*, como era o caso de um goleiro da equipe juvenil do Inter. O próprio treinador comentava: “Tenho pena dele! O cara se mata nos treinos, mas sabe que não vai dar; falta altura, velocidade, firmeza...” E porque não dispensam, perguntei? “Sacanagem. Tem que ter três goleiros no grupo, senão não dá para fazer algumas atividades. Então ele vai ficando até que apareça outro goleiro, daí ele é vazado [dispensado]. É um mundo cão esse; mundo de boleiro!”.

Muitos ex-boleiros tentarão, não havendo possibilidades de reconverterem-se no interior do próprio campo - comentaristas de rádio e TV, treinadores, agentes, recrutadores, olheiros, etc. -, a reconversão para ocupações marcadas por trocas intensas com o público - o *bar tabac* e as lojas de artigos esportivos para os franceses (WAHL e LAFRANCHI, p. 153-59); os postos de gasolina e as recepções de casas noturnas, entre outras, para os brasileiros. As possibilidades de reconversão dos capitais futebolísticos são restritas, visto que os investimentos são demasiadamente especializados para servirem ao que quer que seja para além do futebol. Não se trata de uma exclusividade da profissão, embora tal particularidade, acrescida pela curta duração e pelo auge prematuro, seja temida e mesmo experimentada, cedo ou tarde, por quase todos os profissionais. Apesar de arriscada, a carreira é intensa, dentro e fora do espaço de trabalho. Isso fascina os jovens, como mostrarei adiante, fazendo-os ignorar boa parte dos riscos. Investidos com a energia que é própria da idade, elevada à enésima potência pelo fato de se notarem como *pop stars* em potencial, raros são os que “têm a cabeça no lugar” - esse é o termo êmico - para não se deixarem levar pelas promessas fugazes que raramente se confirmam.

### **5.1.3 Uma profissão sem mercado fora do sistema FIFA**

A profissão de futebolista não pode ser exercida de modo autônomo. Ao contrário, a dependência é uma condição definidora da atuação em ao menos dois aspectos. O primeiro deles está dado pelos códigos que definem o futebol como uma modalidade de competição por equipe e, no caso particular do *football association*, onze é o número máximo e sete o mínimo exigido para a realização de uma partida. Não há espaço para “solistas” ou “monólogos” nessa



modalidade de espetáculo, sendo obrigados a atuarem em equipe, o que implica, para muitos, um aprendizado extra. O segundo aspecto da dependência está vinculado ao já referido monopólio exercido pela FIFA. Na medida em que detém o monopólio sobre o espetáculo, deixa aos futebolistas opções restritas de mercado para além dos clubes que participam do circuito por ela agenciado<sup>127</sup>. As possibilidades de atuação ou, preferindo-se, de remunerar o capital futebolístico, são limitadas, ainda que exista uma intensa circulação desses profissionais. No capítulo 9, explicitarei como a circulação intensa (sendo as equipes brasileiras renovadas praticamente de ano a ano) e extensa, em escala planetária, é característica do atual estágio de desenvolvimento do futebol de espetáculo, sendo o mercado incompreensível se não for pensado a partir do monopólio exercido pela FIFA e sua cadeia de agências continentais, nacionais e regionais.

#### **5.1.4 Uma profissão socialmente valorizada, mas não por todos**

O prestígio de uma profissão não é dado apenas no circuito restrito em que ela é exercida, mas por uma série extensa de fatores que não vem ao caso listar. O que deve ser considerado, isto sim, é o fato de que a valoração da profissão e o prestígio daqueles que a exercem é decisiva para que outros a escolham, bem como na maneira com que vão posicionar-se frente a ela. A constar pelo “*survey* das profissões” realizado entre cinco estabelecimentos escolares porto-alegrenses, com meninos e meninas entre 11 e 13 anos de idade de ambos os sexos, o prestígio da profissão de futebolista possui um nítido recorte de gênero e de classe social, como pode ser notado no quadro a seguir, em que foram selecionadas as 10 indicações mais freqüentes para a seguinte pergunta: “Na sua opinião, quais são as profissões mais valorizadas em nossa sociedade? (profissões legais, que dão bastante status, prestígio, o que muitos colegas gostariam de ser...)”. O prestígio de “jogador de futebol” possui um claro recorte de gênero entre os(as) pré-adolescentes que responderam aos questionários, como seria de esperar, afinal trata-se de uma profissão cujo mercado oferece oportunidades muito desiguais para homens e mulheres. As profissões de “jogador de futebol” e de “advogado” formam as mais cotadas, com praticamente três vezes o número de indicações de “médico”, terceira colocada, entre os meninos de escolas públicas. Entre os meninos das escolas privadas, “jogador de futebol” ficou em terceiro lugar,

---

<sup>127</sup>Existe, evidentemente, um mercado de trabalho informal paralelo à FIFA. Em certas comunidades do interior do Rio Grande do Sul, por exemplo, o futebol local é de tal modo apreciado que os clubes dispõem de orçamento suficiente para remunerar os jogadores, geralmente por premiação – como no caso de Diego, ex-juvenil do Inter, já referido anteriormente. Também é freqüente que equipes constituídas por ex-profissionais famosos, tipo “seleção de *masters*”, tenham público em locais afastados dos grandes centros urbanos, sendo pagos por suas exibições contra equipes locais. Esse mercado paralelo à FIFA, completamente informal, não pôde ser estudado por nesta tese.

**Quadro 5.2 - A posição de futebolista no cenário das profissões prestigiosas**

	Escolas Públicas				Escolas Privadas			
	Masculino		Feminino		Masculino		Feminino	
<b>1</b>	Advogado	44	Advogado	50	Médico	45	Médico	68
<b>2</b>	<b>Jog. futebol</b>	<b>44</b>	Médico	41	Advogado	44	Advogado	57
<b>3</b>	Médico	16	Professor	18	<b>Jog. futebol</b>	<b>14</b>	Juiz	11
<b>4</b>	Empresário	15	Não respondeu	12	Juiz	12	Ator	11
<b>5</b>	Juiz	14	Ator	12	Engenheiro	9	Jornalista	11
<b>6</b>	Professor	9	Músico/cantor	12	Empresário	7	Dentista	10
<b>7</b>	Não respondeu	8	<b>Jog. futebol</b>	<b>10</b>	Administrador	5	Empresário	9
<b>8</b>	Engenheiro	8	Veterinário	10	Ator	5	Administrador	9
<b>9</b>	Qualquer com status	6	Empresário	8	Não respondeu	4	Professor	9
<b>10</b>	Policial	6	Juiz	6	Dentista	4	Qualquer com status	6

Fonte: survey das profissões<sup>128</sup>

com notável diferença no número de indicações em relação a “médico” e “advogado”. Dos 123



Vinícius, “prata-da-casa”, cercado por meninos do projeto “criança colorada”, à entrada em campo (dez 2004).

questionários de meninos de escolas públicas, 44 indicaram a profissão de futebolista como prestigiosa, praticamente 1/3 da amostra. Já entre os 78 meninos das escolas privadas, apenas 14 deles deram crédito aos boleiros, menos de 1/5, portanto. Se 10 entre as 103 meninas de escolas públicas citaram a profissão como prestigiosa, um índice bem abaixo de seus pares masculinos - de 1/3 para 1/10, respectivamente - a proporção foi suficiente para posicionar os jogadores entre os dez tipos

com mais status. O recorte de classe confirmou-se outra vez, dado que nenhuma das meninas de escolas privadas - 107 questionários - indicou a profissão de boleiro como resposta à questão.

Em que pesem as meninas dos colégios particulares reconheçam que os boleiros são portadores de alguns símbolos consagrados de status - como riqueza, por exemplo -, o que parece ter sido decisivo para que elas os ignorassem completamente é o fato de que eles também

<sup>128</sup> Para mais detalhes a respeito deste *survey*, conferir a “Introdução” da tese. Esta questão, em particular, era do tipo aberta, permitindo respostas múltiplas. Os números indicados na coluna da direita correspondem à somatória das ocorrências para a respectiva profissão. Como os pré-adolescentes não citaram exatamente a profissão, “medicina”, por exemplo, mas o nome do profissional, “médico”, portanto, mantive este padrão na codificação dos dados. Usei-os no masculino, para meninas e meninos, pois foi assim que as meninas procederam nas suas respostas, salvo raríssimas exceções.

são identificados com alguns atributos que elas desdenham, como explicita a composição a seguir.

**Quadro 5.3' - Os predicados dos futebolistas**

	Escolas Públicas				Escolas Privadas			
	Masculino		Feminino		Masculino		Feminino	
<b>1</b>	batalhador	79	batalhador	78	rico	61	rico	66
<b>2</b>	rico	59	<b>inteligente</b>	63	batalhador	52	batalhador	62
<b>3</b>	<b>inteligente</b>	58	trabalhador	57	malandro	51	malandro	42
<b>4</b>	trabalhador	58	honesto	53	<b>burro</b>	44	honesto	31
<b>5</b>	honesto	57	<b>bonito</b>	48	folgado	37	<b>burro</b>	30
<b>6</b>	malandro	40	sério	36	trabalhador	26	trabalhador	27
<b>7</b>	folgado	37	rico	31	safado	25	<b>feio</b>	25
<b>8</b>	<b>feio</b>	28	malandro	28	<b>feio</b>	24	folgado	24
<b>9</b>	fiel	26	fiel	25	sério	22	<b>bonito</b>	20
<b>10</b>	sério	25	folgado	22	<b>inteligente</b>	21	infiel	18

Fonte: *survey* das profissões<sup>129</sup>

Há um consenso, com pequenas variações, de que os futebolistas sejam “batalhadores”, “ricos”, “malandros” e “trabalhadores”; e de que eles não sejam “caxias”, “chiques”, “pobres”, “bregas” ou “elegantes”. Uns e outros desses predicados situam-se nos extremos da classificação geral, independente de gênero e da escola freqüentada. Mais do que as coincidências, gostaria de deter-me nas discrepâncias, razão pela qual dois dos principais predicados que apresentaram esta característica foram grifados no quadro anterior.

Não creio que os atributos “bonito” e “inteligente”, e seus respectivos contrários, deixem margem a especulações em torno dos juízos de valor que eles encerram<sup>130</sup>. Assim sendo, pode-se ler novamente, no **Quadro 5.3'**, as marcações de gênero e classe social, atestadas pelos escores das categorias grifadas. Para os pré-adolescentes de escolas privadas, os jogadores são

<sup>129</sup> A partir de um questionário piloto realizado com os meninos e meninas da Leão XIII, dispus um quadro com 20 predicados, ordenados alfabeticamente, em pares antitético (bonito/feio, fiel/infiel, trabalhador/preguiçoso, etc.) para servirem de referência à questão: “Escolha (sublinhando ou circulando) cinco entre os adjetivos do quadro abaixo que você acredita combinar melhor com os jogadores de futebol profissional.” Foram computadas todas as marcações, mesmo quando excederam as cinco recomendadas. A somatória dispôs os predicados conforme a ordem a baixo, mas como o *survey* não foi formatado para fins de análise estatística, convém lê-la com cautela, sobretudo em relação às classificações intermediárias.

Batalhador (227) - rico (197) - malandro (140) - trabalhador (138) - honesto (132) - inteligente (122) - folgado (102) - burro (94) - sério (86) - feio (78) - bonito (67) - fiel (66) - safado (63) - preguiçoso (58) - infiel (37) - elegante (34) - brega (31) - pobre (23) - chique (22) - “caxias” (12)
--

<sup>130</sup> Diria o mesmo em relação ao par “rico”/“pobre”, posicionado nos extremos da classificação no computação geral. Todavia, há alguns atributos de valor ambivalente, como “malandro”, “safado” e “folgado”, entre outros.

notadamente “burros”, ainda que os meninos sejam condescendentes; o oposto do que se pode notar em escolas públicas, onde destaca-se o predicado “inteligente”. Os meninos de ambas as escolas acham os jogadores “feios” - mais por um arbitrário cultural do que por qualquer outro motivo<sup>131</sup> -, enquanto as meninas de escola pública os consideram “bonitos” e as de escola privada o contrário.

Os dados do “*survey* das profissões” não podem ser generalizados, mas constituem bons indícios das nuances de prestígio em relação aos futebolistas. O **Quadro 5.3**, desdobrado da interpretação precedente, consiste no agrupamento e valoração, segundo um critério ético, dos atributos “inteligente” e “bonito”, como positivos, e de “burro” e “feio”, como negativos. O interesse, como explicitado, é marcar as diferenças de percepção em termos de classes sociais.

As diferenças de valoração do status dos jogadores são nítidas quando confrontados os escores obtidos com a somatória dos atributos positivos (“inteligente” + “bonito”) e negativos (“burro” + “feio”). O saldo dos boleiros é francamente favorável entre os meninos e as meninas que freqüentam as escolas públicas e, inversamente, desfavorável entre as privadas. Como as escolas nas quais os questionários foram aplicados expressam segmentações conforme o acesso diferenciado aos capitais econômico e simbólico, não restam dúvidas de como flutua o status dos boleiros: a) cresce, à medida em que se descende em relação à posse de capitais econômico e simbólico; b) decresce, no percurso inverso, em proporções muito próximas, como atestam os escores corrigidos - no centro do quadro.

**Quadro 5.3** - As diferenças de prestígio dos futebolistas

	Públicas		Privadas	
	Absoluto*	Corrigido**	Corrigido	Absoluto
Inteligente + Bonito	181	40	16	59
Burro + Feio	70	15,5	34	127
Saldo	111 (+)	24,5 (+)	18 (-)	68 (-)

Fonte: *survey* das profissões<sup>132</sup>

\* Escore bruto das ocorrências

\*\* Escore corrigido em função do total de questionários<sup>133</sup>

<sup>131</sup> Apenas 15 entre 201 meninos indicaram o atributo “bonito” para os boleiros, o segundo pior índice geral, atrás apenas de “caxias”, que muitos não sabiam do que se tratava.

<sup>132</sup> Para compor este quadro, foram simplesmente somados os índices de cada atributo em questão. Como alguns questionários referiram mais do que um deles simultaneamente, não é possível levar adiante outras comparações, em termos de percentuais, por exemplo. O fato das somatórias serem maiores em relação às escolas públicas deve-se ao fato de que a amostragem é um pouco maior (226 para 185). Deve-se observar, portanto, o contraste dos sinais, antes de qualquer outra coisa.

Tomando-se como referência apenas o par de contrários “inteligente/burro” em dois colégios que estão nos extremos em relação aos capitais econômico e simbólico, Leonardo da Vinci (Mont Serrat) e Dolores Alacazar Caldas (Restinga), obtém-se respostas diametralmente invertidas para ambos os atributos, independente do sexo. Praticamente a metade dos alunos do Leonardo da Vinci - filhos de empresários, funcionários públicos de carreira e profissionais liberais -, anotaram o atributo “burro” para os jogadores (51/110), ao passo que um único aluno da escola Dolores - na qual estudam filhos de operários, biscateiros e desempregados - teve a mesma iniciativa (1/68). Assim sendo, “burro” foi o quarto atributo mais freqüente entre os alunos do Mont Serrat e o penúltimo na Restinga. Mais da metade dos meninos e meninas de classe popular acham os jogadores inteligentes (39/68), razão pela qual o atributo foi o terceiro colocado na somatória da escola Dolores. Inversamente, menos de 1/5 dos meninos e meninas da Leonardo da Vinci destacaram o atributo “inteligente” (20/110). Não por acaso, uma supervisora de escola, na qual estudaram dois de meus informantes que agora jogam na equipe principal do Inter, comentou: “eles são tão queridos, mas têm um déficit cognitivo, não?”



Tietes aguardando a entrada dos jogadores colorados no gramado do Beira-Rio (dez 2004)

A observação desses escores em relação ao quesito “inteligência” contribui para explicitar as diferenças de percepção em relação à profissão de jogador de futebol, servindo como âncora de outros argumentos desenvolvidos oportunamente. O rótulo de “burro”, freqüentemente imputado aos jogadores é, em grande medida, um preconceito de classe social, quiçá de cor. É dirigido por uma classe de pessoas melhor aparelhada em termos de capitais, em relação a pessoas que, embora oriundas das classes menos aparelhadas, conquistam visibilidade midiática e acesso legítimo a determinados bens de consumo que, de outro modo, não lhes seria possível. Desvalorizar o capital simbólico dos jogadores, rotulando-os de “burros”, é bem o caso de quem se sente de algum modo ameaçado.

O mais importante disso tudo são as conseqüências que essas percepções desiguais acarretam no comportamento dos jogadores, estejam eles em formação ou atuando profissionalmente. Os egressos de classes populares vêm a carreira de jogador como

<sup>133</sup> Para “bonito + inteligente” (escolas públicas), por exemplo: 181 (escore bruto das ocorrências)/452 (duas vezes o número de questionários para escolas públicas, pois são dois itens somados) = 40/100 (escore corrigido).

prestigiosa, a partir de uma modalidade de percepção incorporada em forma de *habitus*. Entregam-se a ela de corpo e alma, priorizando os capitais futebolísticos em detrimento dos escolares. Como a entourage tende a partilhar das mesmas percepções, muitos são os egressos de grupos populares arrastados até o final do processo de formação, mesmo quando suas chances de profissionalização tornam-se remotas. Jovens de classe média como Marcos Seixas (citado a pouco), no entanto, tendem a conciliar, no limite das possibilidades, a formação de futebolista com a formação escolar, não raro trocando a bola pelos livros quando percebem que suas chances de sucesso profissional são remotas. Na França - ver-se-á ao final do capítulo - a legislação exige que os centros de formação/produção assegurem a formação escolar, o que implica em compatibilizar o treinamento (em termos de horários e intensidade). No Brasil, há legislação, mas cada centro aplica-a a seu modo, se assim desejar. Treinos pela manhã e pela tarde; supletivo, quando muito, à noite. Um modelo assim não poderia senão produzir excelentes resultados futebolísticos, e uma extensa quantidade de jovens sem qualquer perspectiva de reconversão, afinal, o que se pode fazer com os pés além de jogar futebol?

### 5.1.5 A riqueza e a pobreza dos futebolistas

Os futebolistas são mal pagos, à exceção de poucos, cujos ganhos se aproximam dos *pop stars* - uma oscilação freqüente em carreiras artísticas. Por razões diversas, no entanto, imagine-se que jogador de futebol é rico, como exemplificado no “*survey* das profissões - **Quadro 5.3**’. Os dados fornecidos pela CBF, acerca da remuneração dos profissionais com contrato de trabalho registrado na entidade, indicam que a maioria dos boleiros recebe até 1 salário mínimo, como se pode ver no **Quadro 5.4**’, a seguir.

**Quadro 5.4’ - Distribuição dos futebolistas segundo faixas salariais I**

	Até 1 sal mínimo	de 1 a 2	de 2 a 5	de 5 a 10	Acima de 10
<b>Salários/Brasil (CBF - 1999)</b>	51,6%	33,2%	7,5%	2,3%	5,2%

Fonte: Proni (2000, p. 183)

Os contratos de trabalho de que dispõe a CBF estão muito distantes de representar os ganhos reais dos jogadores, pois tais não estão registrados em carteira de trabalho<sup>134</sup>. Pelos dados supracitados, praticamente 85% dos jogadores recebiam até dois salários mínimos em 1999, o que é francamente risível, mesmo que a maioria dos profissionais esteja distante dos padrões de riqueza imaginados pelos torcedores. Em razão disso, os dados da CBF devem ser matizados por outra pesquisa, **Quadro 5.4**”, de cunho sociológico (VIEIRA, 2001), restrita a uma amostragem de 321 futebolistas atuando em clubes do Rio de Janeiro, na qual foram incluídos o total dos ganhos declarados em entrevista.

**Quadro 5.4” - Distribuição dos futebolistas segundo faixas salariais II**

	<b>Até 1 sal mínimo</b>	<b>de 1 a 2</b>	<b>de 2 a 4</b>	<b>de 4 a 10</b>	<b>de 10 a 20</b>	<b>Acima de 20</b>
<b>Salários/RJ (2000)</b>	34,9%	11,8%	14,3%	14,9%	6,9%	17,1%

Fonte: Vieira (2001, p. 261)

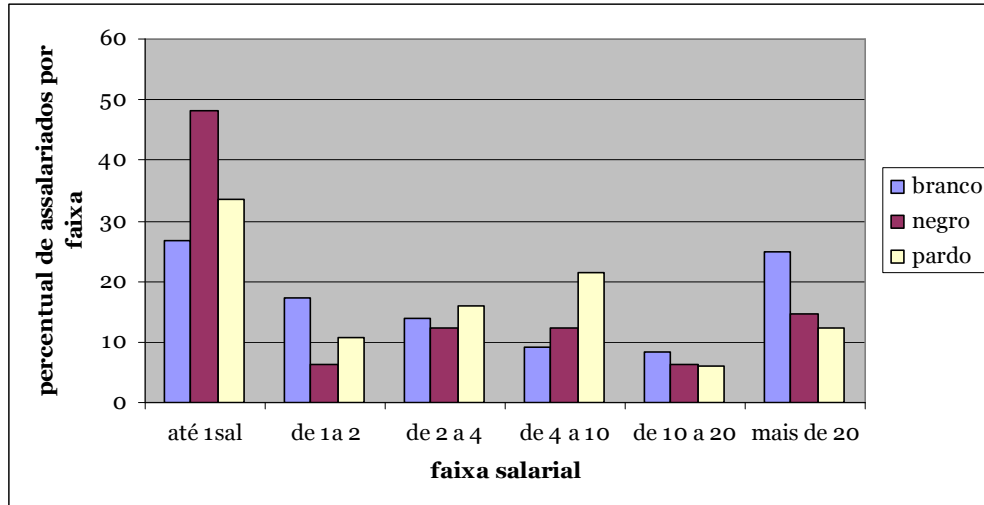
Pelos dados de Vieira, cujo universo restringe-se ao Rio de Janeiro, um dos principais mercados de pés-de-obra nacional, nota-se uma diminuição expressiva do percentual dos que receberiam até 2 pisos salariais - algo em torno de 200 dólares, pela cotação de fevereiro de 2005 -, passando de 85%, segundo os dados da CBF, para aproximadamente 47%. Também aparece, nos dados de Vieira, um percentual mais expressivo de boleiro recebendo acima 20 salários - ou acima de 2.000 dólares. O que os dois indicadores revelam é que a expectativa de ganhos com a profissionalização no futebol está aquém do que se imagina, ao menos para a franca maioria.

Tomando-se por base os dados do Rio de Janeiro, há diferença de salários conforme a cor da pele - ou raça, segundo Vieira (p. 261) -, não havendo qualquer motivo para crer que isso seja contrariado em outros estados brasileiros. No **Gráfico 5.2**, a seguir, pode-se visualizar as diferenças, prevalecendo os negros na faixa mais baixa de renda, até 1 salário mínimo, enquanto os que se declararam brancos predominam na faixa dos que recebem acima de 20 salários. Como

<sup>134</sup> Parte deles constam nos contratos de imagem, uma modalidade de acordo previsto pela legislação, usado para lograr os impostos trabalhistas e o fisco. Outra parte é acordada verbalmente, caso das premiações.

afirma Vieira, “a crença popular de que o futebol é o esporte e também o local propício para a mobilidade dos negros [...] não encontra fundamento diante destes dados [...] (2001, p. 262)<sup>135</sup>.

**Gráfico 5.2 - Negros, pardos e brancos no mercado de pés-de-obra**



Fonte: “Tabela 14” (VIEIRA, 2001, p. 261).



Negros no comando. Zé Mário (de costas), “dono” do Banguzinho, da Bom Jesus, observa a performance do técnico, no intervalo da final do Várzea 2002 (dez 2002).

A disparidade salarial não é, certamente, apenas o produto do preconceito de cor. É também um desdobramento do fato de que os jogadores negros e seus pais têm menos escolaridade do que os equivalentes pardos ou brancos, como mostram os dados de Vieira (p. 263-69). Como tem sido repetido, os capitais de que um futebolista necessita para lograr êxito profissional excedem aqueles atinentes ao domínio das técnicas corporais. O capital simbólico, herdado da família ou da escola, é fundamental no momento de negociar salários.

Ou então, na escolha daqueles a quem se delega tal representação, os agentes/empresários. De mais a mais, em que pese o futebol de espetáculo tenha-se aberto para os jogadores negros,

<sup>135</sup> É certo que o futebol não deve ser tomado como um campo que favorece a mobilidade em larga escala – de negros ou de quem quer que seja. Contudo, não se pode, jamais, desconsiderar o impacto simbólico decorrente da mobilidade de alguns, mesmo que sejam poucos. Também não se deve deixar de acentuar os usos estratégicos desta sutileza, fonte inesgotável de mitologias, contadas pela mídia e apreciadíssimas entre os torcedores.



segue segregando, de forma branda, o acesso deles a cargos e funções prestigiosas, tais como aquelas que implicam em comando - técnico, dirigente, comentarista esportivo, entre outras. Os escores de “feio” e “burro”, atribuídos por meninos e meninas de escolas privadas, talvez diga algo a este respeito, embora seja precipitado inferências dessa ordem com os dados de que disponho.

### **5.1.6 Uma profissão com mercado internacional**

No ano de 2004, 857 jogadores deixaram o Brasil para atuar no exterior, segundo dados divulgados pela CBF - aqui não há como haver erro! Portugal foi quem mais importou pé-de-obra brasileira (132), seguido por Japão (35), Alemanha (30), Itália (27), Paraguai (23) e outros 76 países, incluindo-se Sudão, Haiti, Vietnã, Azerbaijão e Albânia. O balanço de 2003 é praticamente idêntico (858 atletas para 81 países), inclusive em relação aos principais mercados de trabalho. O volume de transações em 2002 foi menor, mas igualmente intenso (665 atletas para 70 países), próximo aos dados de 1999, quando 658 jogadores deixaram o Brasil<sup>136</sup>.

Não parece ser de todo ruim que profissionais brasileiros sejam cobiçados em outros países, mas há que se considerar certas condições em que se dá a migração. Em primeiro lugar, parte dos boleiros migra por falta de oportunidades no mercado nacional, razão pela qual aventuram-se em países que lhes são completamente estranhos. Casos de jogadores repatriados pelas embaixadas são comuns, como o de Flávio, auxiliar de Jaime, técnico do Cruzeiro (Santiago-RS), em 2002, “enganado” por um empresário que o abandonou na Polônia<sup>137</sup>. Em segundo lugar, muitos migram não apenas pela escassez de oportunidades no futebol, senão que de qualquer outra oferta laboral. Não há dados estatísticos a respeito, porém, pelas conversas de bastidores, é clara a preferência dos agentes/empresários por atletas jovens. A aura de masculinidade que o próprio meio contribui para acentuar, além de não saberem fazer outra coisa a não ser jogar futebol - dos meus informantes, pouquíssimos haviam concluído o supletivo do ensino médio - e, sobretudo, por serem dragados para dentro do próprio campo - os treinamentos, os jogos, os fetiches de consumo, as aventuras sexuais, etc - são alvos freqüentes de aventuras com raras possibilidades de êxito. Em síntese: a migração é decorrente do prestígio do futebol brasileiro, bem como de uma face sombria. Em certo sentido, é esta face na qual figuram milhares de jovens desterritorializados em tenra idade, entregues de corpo e alma ao

---

<sup>136</sup> Os dados referentes aos anos de 2002-2004 foram obtidos junto à CBF. Disponível em: <<http://cbfnews.uol.com.br>> Acesso em 10fev 2005. Os demais constam em Proni (2000: P. 151).

<sup>137</sup> Cf. tb. Rebelo e Torres (2001, p. 234-45)

aperfeiçoamento de capitais sem reconversão, que gera os talentos invulgares, um estilo tido como original de dispor do corpo e várias conquistas mundialmente valorizadas.

Não há dados precisos para apurar quem são e qual a proporção dos êxitos e fracassos. As vedetes, atletas que vão para clubes de primeira divisão em países onde o profissionalismo está assentado, como é o caso da Europa ocidental, têm mais chances de serem bem-sucedidas. Os próprios clubes, como tive a oportunidade de acompanhar em Marseille, a partir do caso de Léo - ver adiante -, habituaram-se aos problemas de adaptação dos estrangeiros, precavendo-se em relação a alguns deles e sendo tolerantes em relação a outros. Uma das estratégias dos clubes, como o Olympique Lyonnais (OL), é agrupar estrangeiros de várias nacionalidades que, desterritorializados, tornam-se altamente solidários, como revelou M. Lecornu, diretor administrativo do centro de formação do OL. Não por acaso, jogavam em Lyon, durante a temporada 2003/04, Edmilson, Caçapa, Juninho Pernambucano e Élber. Na temporada seguinte, Edmilson foi vendido e Cris, igualmente brasileiro, comprado para substituí-lo; Élber lesionou-se no início da temporada, sendo contratado Nilmar, ex-Inter, para o seu lugar.

### 5.1.7 Brasil, “celeiro de craques”

Listar argumentos a este respeito seria desperdício de tempo - conquistas internacionais, prêmios individuais concedidos aos jogadores, reportagens enaltecendo as virtudes técnicas desses atletas, etc. Dos 2.747 profissionais que atuavam nos 58 clubes de primeira divisão dos cinco principais mercados futebolísticos mundiais - Inglaterra, Itália, Espanha, França e Alemanha<sup>138</sup> - na primeira metade da temporada 2004/05, o Brasil constituía-se no principal fornecedor de pés-de-obra: 108 atletas, aproximadamente 4% do total da força de trabalho

---

<sup>138</sup> Itália, Inglaterra e Espanha figuram em primeiro plano; Alemanha e França vem a seguir. Um argumento breve: entre as dez maiores transações de “direitos federativos” realizadas por clubes franceses em todos os tempos, apenas em uma delas um clube local aparece como “adquirente”, e ainda assim trata-se do Monaco, clube do principado que possui certos privilégios fiscais. Os demais “adquirentes” foram: 1 italiano, 2 espanhóis e 6 ingleses. A principal transação efetuada por um clube francês, a ida de Drogba do Olympique Marseille para o Chelsea, efetuada em 2004, por 37,5 milhões de euros, não atingiu o patamar das dez maiores transações mundiais. Entre os recordistas figuram, na condição de “cedentes”, 1 clube inglês, 2 espanhóis e 7 italianos. Na condição de “adquirentes” são 3 ingleses, 3 espanhóis e 5 italianos. Zidane, transferido da Juventus (de Turin) para o Real Madrid, detém o recorde internacional, perfazendo 75 milhões de euros. A maior transação envolvendo brasileiros foi a de Ronaldo Nazário, na ocasião de sua partida da Internazionale (de Milão) para o Real Madrid, também em 2001 – dados disponíveis em <<http://www.sport.fr>>; acesso em 20 ago 2004. Na dos 20 futebolistas mais bem pagos do mundo, publicada em France Football (nº 2978, 6/5/2003), 5 são nascidos na Itália, 4 na Inglaterra, 2 na França, dois no Brasil e em 7 em outros países. No entanto, à época da publicação, 8 atuavam em clubes italianos, 6 em ingleses, 5 em espanhóis e apenas um na Alemanha. O primeiro do ranking, o inglês Beckham, na ocasião atuando pelo Manchester United, recebia em torno de 15 milhões de euros anuais assim distribuídos: 6,6 como salário (548.816,00€ mensais), 0,2 como prêmios e 8,4 em contratos publicitários e “operações diversas”, conforme classificação do semanário francês.

empregada nesses clubes; 10% do total de estrangeiros e 20% entre os estrangeiros fora da União Européia (UE). Os dados podem não parecer expressivos à primeira vista, mas é importante lembrar das restrições legais imposta pela UEFA, a partir da mobilização dos boleiros da UE, limitando a 5 os estrangeiros por equipe. Sem esta restrição, o percentual deles provavelmente seria maior e o de brasileiros também.

Como estes 5 países constituem a “Meca do futebol de espetáculo”, pode-se considerar que ali estão empregados os que no próprio meio são rotulados como craques - os invulgares. Há evidentemente, muitos outros jogadores brasileiros atuando em países da UE, mas boa parte deles o fazem em divisões menores - por vezes amadoras - ou em países nos quais o futebol de espetáculo não é tão prestigiado. Eles compõem um contingente bem mais expressivo - só Portugal importou, no ano de 2003, mais brasileiros do que o total dos que atuam na 1ª divisão dos 5 mercados principais -, mas a eles o meio não aplica o rótulo de craques. Fixemo-nos, então, nos craques, dos quais se diz que somos celeiros.

Seguindo o Brasil, no ranking dos principais exportadores de pés-de-obra, vem a Argentina (70), a França (68), o Senegal (39) e o Camarões (28). Matizando esses números com as respectivas populações nacionais, sem no entanto preocuparmo-nos com precisões estatísticas, o ordenamento seria outro: Senegal (3,9 boleiros atuando na “Meca futebolística” para cada um milhão de habitantes), Argentina (1,84), Camarões (1,75), França (1,13) e Brasil (0,6). Em primeiro lugar, é preciso destacar que a qualidade dos atletas formados no Brasil, como em qualquer outro contexto, não é alheia à quantidade. Eventualmente pode surgir um prodígio nos EUA, Austrália, Coréia ou em qualquer outro país onde o futebol não é um esporte amplamente praticado. Contudo, o fato de que brasileiros e argentinos, para usá-los apenas como exemplo, tenham produzido futebolistas de destaque com certa constância não é obra do acaso, tal qual é a posição ocupada pela França - e mesmo por Senegal e Camarões<sup>139</sup>.

Em segundo lugar, o fato da França aparecer à frente do Brasil na proporção de pés-de-obra exportados por habitantes, coloca algumas interrogações acerca da tão propalada reputação dos futebolistas brasileiros. Se ela fosse tão boa assim, não deveriam ser os brasileiros ainda

---

<sup>139</sup> Senegal e Camarões, principalmente o primeiro, estão tão bem cotados em razão do mercado francês, que responde por 80% da oferta de trabalho aos boleiros senegaleses e por 56% dos camaroneses. À exceção da Inglaterra, onde o número de brasileiros é reduzido, nos demais países a taxa é mais ou menos constante: Itália e Alemanha empregam 28; Espanha, 24; França, 23 e Inglaterra, 5. Já os argentinos concentram-se na Espanha (28) e na Itália (23), decrescendo na Alemanha (12), na França (5) e na Inglaterra (2). Estes dados são reveladores de alguns tabus comerciais - como parece ser o caso das restrições inglesas em relação aos argentinos - e fluxos preferenciais, como é o caso da concentração de estadunidenses, sul-africanos, australianos e neo-zelandeses no campeonato inglês. Voltarei ao assunto no capítulo 8, mas devo dizer que não terei como esgotar as possibilidades de interpretações desses dados. Mesmo assim, disponho-os, aqui e ali, quando conveniente, pois acredito que possam instigá-los a formularem suas próprias hipóteses.

mais numerosos do que efetivamente são? Ou será a formação francesa que faz a diferença? Enfim, o Brasil é um celeiro de craques, mas com uma porção de ressalvas.

Para ser compreendido, o processo necessita, inicialmente, levar em causa o fato de que esta é uma modalidade de adesão não compulsória, mas tampouco voluntária. Para ingressar num centro de formação/produção, não basta apenas desejar-lo; é preciso ser desejado. Trata-se de um processo altamente seletivo, voltado para indivíduos legitimamente reconhecidos como portadores de atributos especiais, vocacionados, portanto. O dom/talento, que está na base desse reconhecimento, deve ser disponibilizado pelos seus portadores aos agentes encarregados de aperfeiçoá-lo. De uma maneira tal que reserva certa proximidade com o modelo de formação que antecedeu à instituição escolar, os aprendizes não são apenas tutorados pelos mestres, senão pelas instituições às quais são recrutados. Antes de problematizar a maneira como os jovens futebolistas conduzem seus projetos ao longo desse processo, que pode durar até 10 anos e ultrapassar a casa de 5.000 horas de treinamento, convém apresentar a lógica que norteia as instituições que dão suporte ao referido processo.

## **5.2 OS TRÊS TIPOS IDEAIS DE FORMAÇÃO/PRODUÇÃO**

Ao longo do trabalho de campo, usei os termos formação e produção como sinônimos. Embora notasse a sutileza das diferenças, faltava-me a convicção de qual deles deveria ser adotado, especialmente porque a escolha induz a pensar a formação/produção de futebolistas por analogia à escola ou à fábrica, respectivamente. Estou convicto de que as duas possibilidades são possíveis e não excludentes, mas o que me fez optar pelo uso conjugado dos termos foi, em última instância, uma razão etnográfica. A certa altura da observação participante nos “centros de formação” ou “centros de treinamento” - na França é comum fazer-se a diferença, ao contrário do Brasil -, passei a desconfiar da maneira amistosa com que era recebido. Uma das hipóteses formuladas foi de que o uso do termo formação, como sendo a minha preocupação principal de tese, tinha considerável influência no tratamento que me era concedido. Formação soava conforme o discurso oficial e, em certo sentido, ingênuo.

Existe uma diferença sutil, porém importante, em termos etimológicos desses termos aparentados. “Formação” vem do latim, *formatione*, e conforme o dicionário Aurélio, diz respeito ao “ato ou efeito de formar”, expressando, sobretudo, a idéia de “constituição, caráter” ou ainda, “maneira por que se constituiu uma mentalidade, um conhecimento profissional”. “Produção” também é um termo latino, *productione*, declinado do verbo produzir, *producere*, e segundo o mesmo dicionário, diz respeito “ao ato ou efeito de criar, elaborar, realizar”, e ainda,

“aquilo que é produzido ou fabricado”. Creio não haver dúvidas de que os termos, mesmo sendo próximos, possuem diferenças. De forma breve, diria que eles são comensuráveis no que tange à idéia de criação, invenção e transformação, o que pressupõe, em ambos, a noção de intervenção. A diferença é que o termo “formação” sugere algo próximo ao mundo das idéias, às abstrações, na medida em que enfatiza o caráter, as mentalidades e o aprendizado de uma profissão, como domínio de uma competência ou conhecimento. O termo “produção” sugere algo mais concreto, voltado para à produção de utensílios e mercadorias. “Produção” também remete, quase sempre, à idéia de fábrica, de mercado, de capitalismo, de larga escala e de coisas descartáveis. Enfim, “formação” sugere a incorporação de algo pelo sujeito, sendo este senhor daquilo que lhe foi ensinado. “Produção” incita a transitoriedade.

Como já foi dito na primeira parte do capítulo, a profissão de futebolista não comporta a atividade autônoma. O futebol é um esporte coletivo e o reconhecimento do público advém com a atuação em times ligados a clubes filiados ao monopólio FIFA. A carreira é relativamente curta e a reconversão improvável, razão pela qual se poderia pensar que o *savoir-faire* incorporado ao longo da formação é do tipo transitório. Ele capacita, dota, potencializa um sujeito, mas cria uma relação de dependência que beira à subserviência. A imagem que se tem dos futebolistas é atravessada pelo recorte midiático e, nos últimos vinte anos, pela publicidade. Isso corresponde à trajetória e ao estilo de vida de algumas vedetes, mas não reflete a pluralidade das carreiras, nem mesmo indica como sucedem a maioria delas. Usando apenas o termo formação, existia, a meu juízo, a possibilidade de perder de vista aspectos essenciais do campo do futebol como espetáculo, atribuindo-se demasiada importância ao ensino/aprendizado das técnicas propriamente ditas.

Além do uso estratégico que os clubes fazem do termo formação, dando seguidamente a impressão de que recrutam adolescentes por filantropia - quando na verdade a relação custo benefício é calculada com precisão, embora não divulgada -, o termo é usado para demarcar cronologicamente o processo de aperfeiçoamento dos capitais específicos. Na França, por exemplo, existe uma diferenciação precisa entre “formação” e “pré-formação”. Elas variam em muitos aspectos, a começar pela idade dos recrutados. Defini-se a “formação” como os procedimentos direcionados a adolescentes entre 15 e 20 anos, vinculados a espaços regulamentados legalmente e denominados de “centres de formation des clubs professionnels”<sup>140</sup>. A “pré-formação” corresponde ao aprendizado que vai dos 7 aos 14 anos e

---

<sup>140</sup> Pode-se conferir o regulamento completo necessário para receber a concessão autorizando o funcionamento de um centro de formação no *site* da Ligue de Football Professionnel (LFP) (disponível em: [www.footpro.fr/reglements/classCentres.asp](http://www.footpro.fr/reglements/classCentres.asp)). Incluem-se entre as exigências normatizadas pela FFF e pela LFP, com respaldo do Ministère de la Jeunesse, desde a precisão de como devem ser as instalações do

acontece em clubes, muitos deles distritais ou departamentais, ou em associações localizadas próximas à residência das crianças. Também os métodos de trabalho, a carga horária, os objetivos e os diplomas exigidos dos formadores são diferentes. A “pré-formação” equivale, em linhas gerais, ao que no Brasil denomina-se “escolinhas”, e a “formação” às “categorias de base”<sup>141</sup>. É também com a finalidade de abarcar as práticas que antecedem e excedem a passagem pelos centros especializados, a partir dos 14/15 anos, que optei pelo uso simultâneo dos termos, embora aqui e ali utilize-os separadamente, por economia de linguagem<sup>142</sup>.

Imagine-se pai/mãe de um menino assediado, simultaneamente, por um “centro de produção” e por um “centro de formação” de profissionais, sobre qual deles recairia sua escolha? O nome não é tudo, mas é algo que importa, e muito, especialmente num universo no qual o estatuto dos profissionais oscila entre pessoa e mercadoria. Todavia, mais importante do que a precisão vernacular é a clareza conceitual, razão pela qual será preciso avançar em direção aos diferentes modelos de formação/produção.

### **5.2.1 A formação/produção endógena**

Por endógena compreende-se a lógica de formação/produção de futebolistas realizada por um dado centro especializado, vinculado a um clube, visando suprir suas próprias demandas de pé-de-obra. A lógica endógena pode ser uma estratégia econômica, imbuída de baratear os custos com a composição do grupo principal de jogadores. Para tanto, será preciso existir uma oferta de dons em quantidade e qualidade que compensem os investimentos, quer dizer, torne mais lucrativo o investimento em jovens talentos do que em profissionais disponíveis no mercado de trabalho. A lógica endógena também pode ser uma estratégia política, visando atender às demandas dos torcedores e associados de um clube, desejosos por contar com atletas vinculados ao clube desde tenra idade. O modelo endógeno pode, inclusive, combinar as estratégias nomeadas, e freqüentemente o faz. Caracteriza-se, sobretudo, pelo fato de que a formação/produção visa suprir as demandas do clube, orientando-se a partir dela. Como o processo está tramado ao conjunto dos indicadores sociais, culturais, jurídicos e econômicos de uma nação ou região, convém tomar um caso concreto como parâmetro, embora por ser concreto não seja propriamente ideal.

---

equipamento que servirá de albergue até a titulação dos profissionais que vão trabalhar na formação, do diretor de formação ao especialista em preparação de goleiros, passando pelos seguranças do albergue. Constam ainda os procedimentos para o recrutamento e os critérios de avaliação dos centros, classificados em “categoria” 1 e 2. Voltarei a isso mais adiante, no final deste capítulo.

<sup>141</sup> Será tratado em detalhes no capítulo 7, quando descreverei a formação/produção no Internacional.

<sup>142</sup> Em relação aos pedagogos, uso preferencialmente o termo “formadores”

Dentre os centros de formação visitados ao longo do trabalho de campo, aquele que mais se aproxima de um modelo ideal de produção endógena é, sem dúvidas, o do Athletic Club, da cidade de Bilbao, no Norte da Espanha. O que diferencia a perspectiva do clube basco não são as suas instalações físicas, muito bem equipadas, nem os investimentos em recursos humanos, embora esses sejam indícios para se aferir até onde os discursos dos dirigentes correspondem, na prática, aos interesses com a produção caseira. O Athletic deposita quase todas as suas fichas nessa estratégia, diversamente do Real Madrid, por exemplo, que também se serve da formação/produção endógena.

O clube madrilenho faz convergir, em sua equipe principal, “los pavones” e “los galácticos”. Os “pavones” são produtos da formação endógena e a designação foi inspirada em Francisco Pavón, atleta formado na *cantera* madrilenha, cuja ascensão à equipe principal coincidiu com a contratação milionária do francês Zinedine Zidane, representante dos “galácticos”, entre os quais incluem-se ainda Beckham, Ronaldo Nazário, Raul, Owen e Figo - 2º, 1º, 3º, 7º, 9º, e 11º no ranking dos profissionais mais bem pagos do futebol em 2003, respectivamente, a partir de Zidane<sup>143</sup>. “Los pavones” passou, desde então, a identificar uma geração de atletas, entre os quais também se incluem Casillas, Raúl Bravo, Guti e outros. Eles também são denominados como “los canteros”, pois são originários de “la cantera” que, traduzindo, seria equivalente a jardim ou horto; enfim, um local onde se produzem alimentos ou adornos para o consumo doméstico. “Los canteros” são, portanto, equivalentes aos “pratas da casa” ou “os nossos meninos”, termos mais frequentes no Brasil para referir os jogadores formados no próprio clube.

O Athletic Club dispõe de capital econômico para qualificar sua equipe recrutando profissionais no mercado. São 34 mil associados e um orçamento anual de aproximadamente 38 milhões de euros. Mesmo que estes dados possam ser considerados modestos face aos 105 mil sócios do FC Barcelona, com seu custo estimado em 170 milhões de euros anuais, não é por falta de recursos que o Athletic não segue a tendência de recrutamento no mercado mundializado de pé-de-obra, como fazem todos os demais clubes da primeira divisão espanhola, italiana, inglesa, francesa e alemã - 58 no total<sup>144</sup>. Ou seja: o Athletic está deliberadamente e por razões não-econômicas na contramão dos 5 principais mercados futebolísticos mundiais, limitando-se, se necessário, ao recrutamento de atletas formados por outros clubes da região basca e,

---

<sup>143</sup> Sobre os jogadores melhor remunerados cf. France Football, nº 2978, mai/2003. Para reportagem completa sobre a *cantera* do Real Madrid cf. “Au coeur du Real”, em L'Équipe Magazine, nº 1130, 24/1/2004, p. 36-51.

<sup>144</sup> Informações sobre o Athletic disponíveis em: <<http://www.athletic-club.net>> Acesso em: 15 nov 2004. Sobre o Barcelona, disponíveis em: <<http://www.fcbarcelona.com>> Acesso em : 15 nov 2004.

fundamentalmente, de jovens nascidos nessa região para sua própria *cantera*<sup>145</sup>. Talvez o Athletic seja um dos clubes mais modernos em termos de gestão econômica, desde a formação profissional às demais instâncias clubísticas. Todavia, as eficientes estratégias de gestão visam, claramente, a viabilidade de um ideal identitário e, como tal, um capital simbólico. A formação/produção endógena é, assim, matizada por uma política do clube e justifica-se a partir da razão simbólica, que engloba e submete a razão utilitária.

O Athletic apresenta-se como representante da comunidade basca, a começar pelo hino do clube:

[...]  
 Arriba muchachos!  
 Adelante juventude nuestra!  
 Bilbao y toda Bizkaia  
 Sean enaltecidos em todo el mundo.  
 Arriba muchachos!  
 Arriba siempre Euskalerrria!  
 Athletic rojo y blanco, el nuestro.  
 [...]  
 Arriba jóvenes de Bilbao y Biskaia!  
 Nobles vascos, adelante!

Se a letra do hino, por si só, é um argumento frágil no que diz respeito aos vínculos do clube com o orgulho basco - para tanto será preciso que seja cantado nos estádios, e de sê-lo entusiaticamente... -, há outros nexos ainda mais consistentes<sup>146</sup>. O Athletic não apenas se outorga representante da “nação basca”, senão que recorre a um dispositivo originalíssimo em termos de verossimilhança. É freqüente, por toda a parte, observar-se torcedores e dirigentes exigindo de seus atletas provas de dedicação e entrega ao time, como provas de amor ao clube. Em Bilbao, no entanto, foi-se um pouco além, desenvolvendo uma política de recrutamento que faz o percurso em sentido contrário. É preciso ser basco de nascimento para se ter a oportunidade de demonstrar amor ao Athletic. Todavia, ser basco é condição e não prerrogativa para jogar no clube, razão pela qual investe-se forte no “oinarri futboleco” ou “fútbol base” - o que seria equivalente ao termo “categorias de base”.

---

<sup>145</sup> Euskaki ou Euskalleria compreende o “país” ou a “região” basca. São sete territórios articulados em três unidade político-administrativas. A “Comunidad Autónoma Vasca” (Biskaia, Araba e Gipuzkoa) e a “Comunidad Autónoma Navarra” (Nafarroa), situadas no domínio do Estado espanhol, e “Iparralde” (Laburbi, Benafarroa e Zuberoa), nos pirineus franceses – sob o domínio do estado Francês, portanto. A “Comunidad Autónoma Vasca”, onde situa-se Bilbao (principal pólo urbano de Biskaia), é uma unidade político-administrativa com parlamento próprio, sediado em Vitória (Araba). Disponível em: <<http://www.jjggbizkaia.net/castellano/mapa/index.asp>>. Acesso em 20/09/2004.

<sup>146</sup> O hino do Athletic se assemelha a um padrão que se podia encontrar em clubes brasileiros na primeira metade do século XX, vinculando juventude, time/clube de futebol e Estado-nação, como era o caso do hino do Fluminense – “Ninguém ao Club se pertence/A glória aqui não é pessoal/Quem vence em campo é o Fluminense/Que é como a pátria, um ser ideal/Assim nas justas se consagra/ Em torno de um ideal viril/A gente moça, a nova raça/Do nosso Brasil” (DAMO, 1998, p. 48) – e do “Credo do bom gremista”, de índole positivista, proclamado pelo seu patrono, em meados dos anos 40 (DAMO, 2002d).



Em meados de setembro de 2003, estive por uma semana no Centre de Formation do FC Nantes Atlantique e no Centre Educatif Natais pour Sportifs, na cidade homônima, noroeste francês. O FC Nantes é considerado uma espécie de vanguarda em termos de formação profissional na França e os franceses são tidos, por eles próprios e por alguns brasileiros e espanhóis com quem tratei a respeito, como vanguardistas em dado modelo de formação - retornarei na última parte do capítulo. Assim sendo, Nantes é seguidamente visitada por profissionais dessa área em busca de aperfeiçoamento. Numa das tardes em que acompanhava um treinamento de adolescentes, notei que, como eu, havia outros observadores, e não eram propriamente familiares dos jovens aprendizes, como é freqüente em toda a parte, tampouco agentes/empresários ou torcedores<sup>147</sup>. Devidamente uniformizados, os observadores faziam comentários acerca do treinamento que se realizava à distância, um deles, ao menos, tomando notas. Aproximei-me deles e em seguida conversávamos absortos, sobre a formação profissional no Brasil, na França e em Bilbao, mais precisamente no Athletic, afinal tratava-se de quatro professores do projeto DENA, um deles diretor<sup>148</sup>. Além de entusiasmado com os comentários que eles faziam acerca das atividades realizadas no treinamento - criticando severamente os procedimentos, principalmente o excesso de conversa dos técnicos com os jogadores, as interrupções constantes e, segundo eles, a baixa exigência em termos de intensidade - impressionou a franqueza com que propagandeavam a política de formação do Athletic. Em menos de vinte minutos, se tanto, Bernardo, coordenador do DENA, expunha-me os argumentos.

Nós, disse-me ele, temos nossa própria maneira de pensar o futebol e o clube. Para o Athletic, não importam os resultados a qualquer preço, não é para isso que o clube existe e compete. Para nós, o futebol é uma forma de dizer quem nós somos, de viver a nossa identidade. Então não faz sentido comprar jogadores de fora. Outros clubes fazem isso, mas nós fizemos diferente. A filosofia do Athletic é de jogar com profissionais de nacionalidade basca. É a filosofia do clube, não me cabe comentários - todavia ele não era apenas favorável senão que um entusiasta. Nós colocamos em campo jogadores identificados com o clube, e se o Athletic é basco, então achamos que os jogadores devam ser bascos. Nossos torcedores querem isso, acima de tudo.

E os resultados, perguntei, não lhes interessam?

Claro que interessam. Jogamos para ganhar, e com “mucha gana” [determinação, *endurance*...]. Mas não jogamos apenas para sermos os primeiros; não fizemos qualquer

---

<sup>147</sup> Tanto no Brasil como na França, os familiares possuem acesso privilegiado a certas dependências dos centros de formação e/ou treinamento, algo que não é facultado aos profissionais da imprensa e muito menos aos torcedores. A bem da verdade, eles não têm grande interesse nos treinamentos dos jovens, preferindo sempre os profissionais. Os observadores dos jovens são, quase sempre, familiares ou agentes, razão pela qual os espaços são também vigiados.

<sup>148</sup> DENA são as siglas de Danon Ekimena Nortusuna Athletic que, traduzindo, significa algo como Projeto de culturação/constituição de identidade atleticana (Athletic Club).

coisa para estar entre eles. Chegue onde for, o Athletic respeita certos princípios e um deles é a nossa filosofia.

De certa forma vocês estão na contra-mão do futebol – provoquei?

Pagamos bem nossos jogadores, mas eles não suam a camisa pelo cheque. Damos todas as condições de trabalho e exigimos muito, nossos torcedores são muito exigentes. Você acha que isso aí que estão fazendo - referindo-se ao Real Madrid e a seus “galácticos”, sobretudo - é futebol? Não, isso é negócio. E isso nós não fizemos. Se formos obrigados a fazer isso, então é melhor largar o futebol.

A associação superficial, de minha parte, entre o orgulho basco e o ETA<sup>149</sup>, identificava nesse discurso um viés reacionário; difícil era reagir com indiferença. Havia, de outra parte, muita curiosidade e inquietação, pois tais postulados posicionavam o Athletic na contra-mão do futebol de espetáculo. E não era apenas pelo fato de eles abrirem mão da disputa pelos primeiros lugares no campeonato espanhol - o clube não conquista títulos desde a temporada 84-85-, mas por negarem-se à lógica do mercado profissional: ao restringirem o acesso de não-bascos à equipe, limitam drasticamente a mercantilização de atletas. Ou seja, ao não comprarem atletas de fora, tornam-se uma praça desinteressante à oferta de profissionais; ao remunerarem satisfatoriamente seus atletas, tornam o clube atrativo o suficiente para que os que lá estão desejem permanecer e, assim sendo, também é fraco o fluxo de compradores. Como nenhum clube da projeção do Athletic, que jamais figurou na segunda divisão espanhola em toda a sua história, e foi 5º colocado na temporada 2003/04, pode dar-se ao luxo de tais restrições sem prejuízos performáticos, uma das maneiras de remediá-los seria com forte investimento na produção endógena, como argumentava o coordenador do DENA.

Em janeiro de 2004, fui a Bilbao para conhecer de perto o DENA, algo sobre o Athletic e seus centros de treinamento e de formação. Uma série de desencontros fez com que meu contato de Nantes não pudesse servir como mediador, de tal modo que cheguei à Lezama, na periferia de Bilbao, como um forasteiro qualquer. As peregrinações por lugares similares em território

---

<sup>149</sup> O ETA, sigla de Euskadi Ta Askatasuna (Pátria Basca e Liberdade), é um grupo auto-definido como separatista (nacionalista), que pretende implantar um Estado independente e socialista na região basca; e como uma organização mafiosa/terrorista, pelos governos da Espanha, EUA, França, entre outros. O ETA foi fundado em 1959 por um grupo de jovens nacionalistas que, num primeiro momento, investiram contra a ditadura franquista. O ETA tornou-se célebre e ativo, sobretudo ao final dos anos 70 e início dos anos 80, quando bateu o recorde de vítimas em atentados contra autoridades espanholas. Declinou desde então, tendo o braço político-militar do movimento abdicado da luta armada, embora o ETA militar a tenha prosseguido. Com a ascensão de Jose Maria Aznar à presidência do governo espanhol, em meados dos anos 90, o movimento recrudescu, mas foi sufocado, em seguida, pela dura perseguição dos governos francês e espanhol. “Ceux qui furent loués comme des résistants au franquisme ne sont plus désormais considérés que comme ‘des terroristes avec un alibi nationaliste’, selon la formule du ministre de l’intérieur espagnol, Angel Acebes [2004, governo Aznar]. Plus de 8 000 etarras ont été arrêtés depuis trente-cinq ans et plus de 150 ont été tués. L’influence du radicalisme basque a fondu. Sa représentation parlementaire aux élections régionales de 2001 est passée de 17,7 % à 10,1 %. Le nombre de victimes a considérablement baissé. Pour 17 attentats en 2003, trois personnes ont perdu la vie (BÔLE-RICHARD, Le Monde, 13/04/2004)”. Disponível em: <<http://www.lemonde.fr/cgi-bin/>> Acesso em 10/02/2005.

francês faziam-me crer que a visitação estava fadada ao fracasso. Sem *rendez-vous* agendado e sendo meus objetivos e justificativas quase sempre percebidos como difusos à primeira vista, sem contar o fantasma do orgulho basco a me perseguir - falariam, por acaso, outra língua além do euskera nas dependências do Athletic? - minhas expectativas não eram propriamente otimistas. Como havia transposto alguns bloqueios da segurança em Barcelona e em Bourdeaux, imaginei que, com sorte, poderia lograr o mesmo êxito em Bilbao. Contudo precisava ser vigilante, afinal não havia deslocado-me até o norte da Espanha para voltar de mãos abanando, sem fotografias, ao menos. Era questão de apresentar minhas credenciais - uma carta do prof. Bromberger - e negociar os acessos.

O centro de treinamento do Athletic situa-se a mil metros, aproximadamente, da estação de trem de Lezama, uma comunidade a meio caminho entre a cidade e o campo, a meia hora do centro de Bilbao. A sesta espanhola, seguida à risca, tornara o centro de treinamento deserto no início da tarde, e como não houvesse vigilância, só me senti constrangido por ser o único a transitar sob a garoa e a neblina. Aos poucos, foram surgindo os jardineiros e, a partir deles fui sendo conduzido, gentilmente, às pessoas com quem, supunham, eu devesse contatar. Combinei uma entrevista para a manhã seguinte com o “coordenador de futebol base”, Luis Fradua Uriondo, e recebi logo a autorização para fotografar os treinamentos que, pouco a pouco, foram tomando conta de quase todos os sete campos de futebol.

A essa altura, estava claro que eles não falavam apenas euskera e possuíam um centro de treinamento à altura dos melhores que havia conhecido até então - Nantes, Bourdeaux, Marseille, Paris-Saint-Germain, entre outros. O treinamento de três goleiros, de aproximadamente 15 anos, dava bem a impressão do que seria “jogar às ganas”, como referira Bernardo, diretor do DENA, em Nantes. Um senhor sexagenário, de voz grave, dirigia-os: chute para um lado e para o outro, em cima e depois em baixo, com deslocamentos para trás e para frente, por entre duas balizas, a tal intensidade que os garotos mal conseguiam pôr-se em pé depois de completar a série. Olhos esbugalhados, respiração ofegante... Tão logo estivessem recompostos, havia uma série de correções sugeridas pelo treinador: não isso, não aquilo; mais firmeza, mais velocidade, mais atenção, enfim, o próprio mestre demonstrava como tudo deveria ser feito e com que destreza! A delegação que conheci em Nantes dissera que os franceses eram



Saberes a serviço da formação endógena. Luis Fradua, coordenador técnico da formação no Athletic (Bilbao) (jan 2004).

muito moderados, falavam demais e exigiam de menos e assim por diante. Efetivamente, em Bilbao fazia-se diferente; ao menos em relação à Marseille, onde o treinamento dos goleiros era ameno comparativamente aos que observei em outros centros.

O DENA encontra-se em fase de implantação, mas não há segredo quanto aos objetivos principais: aperfeiçoar quantitativa e qualitativamente o recrutamento de talentos que possam vir a integrar o quadro principal do Athletic. Como o próprio projeto sugere, “se trata de que ningún jugador potencialmente interesante se quede sin la estimulación necesaria para poder ser un jugador competente para el Athletic desde los diferentes aspectos técnico, táctico, físico y psicológico”<sup>150</sup>. Para atingir seus fins, o projeto prevê uma série de parcerias com clubes, entidades ou agentes que atuam como extensão do Athletic, recebendo suporte pedagógico, administrativo e assistencial, necessários à implementação e funcionamento de mini-centros de formação - mini-Lezama, como são chamados.

Ao contrário do que é freqüente no Brasil, como mostrado no documentário de João Moreira Salles, Futebol (I), onde a demanda supera a oferta por pré-formação, razão pela qual os meninos procuram os clubes, em Bilbao ocorre o inverso, sendo o Athletic quem os procura. É mais ou menos consensual, nos circuitos de formação e pré-formação, o entendimento de que são remotas as possibilidades de êxito ao afastar-se prematuramente os meninos da família, razão pela qual o DENA vai até elas. Alcione, agente/empresário de Pelotas, com atuação na região sul do Rio Grande do Sul, disse-me, ao seu estilo peculiar, que “piá de menos de 13 anos eu nem pego: é arrumar sarna prá se coçar!” Jorge, coordenador das categorias Mirim e Infantil do Internacional, fez observação similar: “guri pequeno não adianta, é perda de tempo. Tu larga na concentração [albergue] e os caras [outros garotos, mais velhos e/ou mais antigos] sacaneiam ele; o cara começa a sentir saudades da mãe, choramingar pelos cantos, aí tem que meter no ônibus e mandar de volta, não tem jeito”<sup>151</sup>.

Noves fora, o que diferencia o DENA não são exatamente suas estratégias de captação de talentos. A singularidade desse modelo endógeno de formação/produção, ou a dimensão que se quer destacar, deve-se ao fato de que tais estratégias estão condicionadas pelo que o próprio DENA define como seus “principios esenciales”.

---

<sup>150</sup> Os pressupostos e as orientações gerais do DENA, estavam disponíveis também no site: <<http://www.athletic-club.net/proyectedena>> Acesso em 20 out 2004. O projeto não difere, substancialmente, no que concerne aos procedimentos e à logística, de outros dispositivos de recrutamento e seleção de talentos em tenra idade, caso do Genoma Colorado – ver capítulo 7.

<sup>151</sup> Voltarei ao tema no capítulo 9. Sobre isto cf. tb. Slimani (2000, p. 336 ss).

a- Um rasgo essencial de nuestra filosofia es que el primer equipo del Athletic Club se conforma com jogadores formados en el fútbol base Vasco, bien de su própria estrutura o de estructuras independientes que tienen convénios com Athletic;

b- “Debemos y queremos mantener nuestra filosofia y este compromiso no resultará condicionado por los resultados deportivos<sup>152</sup>.”

Nessa perspectiva, a lógica endógena do Athletic poderia ser definida como vocacional, pois pressupõe, desde a pré-formação, a inculcação de certas predisposições, como o orgulho basco, o amor ao Athletic e, daí a sutileza do modelo, um certo desdém por um dos capitais mais valorizados no esporte de alta performance: os títulos, signos de prestígio por excelência. Como consta no esboço do projeto que me foi franqueado, “el talento individual deportivo exige aportar el máximo de eficacia deportiva”, o que deixa claro que o Athletic não está fora dos parâmetros do futebol de espetáculo. Todavia, “el talento individual deportivo exige compromiso com el club y la sociedad”, o que vincula os interesses individuais aos coletivos e estes às políticas identitárias, atleticana e basca, no caso em questão.

Um levantamento realizado a partir dos atletas credenciados pelo Athletic para a disputa da primeira fase da Liga Espanhola na temporada 2003/04 mostrava que 2/3 deles haviam sido formados pelo próprio clube - haviam chegado à Lezama antes de serem profissionalizados. O outro 1/3 havia sido recrutado entre clubes bascos de menor prestígio. O Internacional de Porto Alegre, que segue outro modelo de formação/produção, mas que tem sido aclamado pelo sucesso



Fradua observa vídeo com performance dos atletas em formação. Tecnologia usada para propiciar aos atletas a visualização de eventuais erros na execução de jogadas (jan 2003).

na promoção de “pratas da casa” à equipe principal, possuía, no segundo semestre de 2004, 1/3 de jogadores formados no próprio clube, e os demais recrutados no mercado, justamente a proporção inversa do Athletic. No plantel do clube basco, 11 jogadores não haviam atuado por nenhuma outra agremiação, e 10 o haviam feito por uma única - caso dos recrutados no mercado basco ou formados em Lezama e cedidos a outros clubes para adquirirem experiência. Apenas dois atletas, César e Urzaiz, haviam jogado em mais de 3

agregiações - o primeiro em 4 e o segundo em 6 -, ambos em final de carreira. Guerreno, defensor de 30 anos, por exemplo, tem 15 anos de Athletic e jamais atuou por outro clube. No

<sup>152</sup> Na verdade, os “princípios esenciales” são cinco ao todo, mas os dois aqui referidos, em ordem alterada – o que consta como “a” é o terceiro e o “b” o primeiro – condensam uma perspectiva de conjunto. Disponível em: <<http://www.athletic-club.net/proyectodena>> Acesso em 20 out 2004.

espaço destinado aos “palmarés” (títulos) nada consta e como ele outros profissionais também não têm títulos conquistados, o que no Brasil, ao menos, é indicativo de carreira fracassada.

O modelo de formação/produção do Athletic poderia ser tomado, então, como retrógrado e vanguardista ao mesmo tempo. Sob certo aspecto, ele remonta aos tempos do amadorismo, quando a circulação de profissionais era restrita e certos valores como o “amor ao clube” - um sentimento romântico, como já foi visto - estavam na ordem do dia. As trocas de clubes por parte dos jogadores, quando ocorriam, eram motivadas por incompatibilidades pessoais, com dirigentes, técnicos ou colegas de equipe, sendo igualmente comum a passagem de um clube de menor expressão a outro, com mais status, ao longo da carreira, e o percurso inverso ao final dela. Nada que se compare às trocas incessantes que se tornaram rotina. O Athletic dá a impressão de ter parado no tempo, pois com o orçamento de que dispõe poderia recorrer ao mercado globalizado para, quem sabe, qualificar seu plantel.

Não obstante, por negar-se à lógica hegemônica do mercado de pé-de-obra, o Athletic está na vanguarda do clubismo, restringindo o comércio de jogadores e, portanto, fixando-os no clube, a partir da conjugação dos vínculos econômicos (remunera-se bem) e identitários (exige-se dedicação integral). O que quer que seja dito acerca da política do Athletic, bem caracterizada através do projeto DENA, o certo é que o clube basco presta-se como argumento concreto de que a mercantilização, mais ou menos assimilada no campo do futebol como espetáculo, não foi adotada tão somente por necessidade - como se não existissem alternativas, tal qual a sugestão de tantos arautos da modernização conservadora do futebol brasileiro - senão que por afinidades ideológicas de seus dirigentes com o neo-liberalismo. Afirmam-na como necessária quando é uma tendência hegemônica, uma transposição das ideologias neoliberais originárias de outros campos da produção de práticas e de discursos, como seria o caso da economia, do marketing e da publicidade, para citar apenas os mais freqüentes<sup>153</sup>. Esta tese não tem compromissos com quaisquer princípios ideológicos em relação ao futebol de espetáculo, razão pela qual não toma partido por nenhum dos modelos de formação/produção ou políticas de gestão clubística. Apenas apresenta-os e, a partir das diferenças, explicita seus argumentos.

---

<sup>153</sup> É interessante notar como a administração, o marketing e a gestão empresarial infiltraram suas ideologias, suas tecnologias e seus profissionais no meio do futebol na última década, particularmente no Brasil. A Fundação Getúlio Vargas, por exemplo, abriu em meados dos anos 90 um curso de especialização em marketing esportivo. Cf. (PRONI, 2000).

### 5.2.2 A formação/produção exógena

Entende-se por lógica de formação/produção endógena de futebolistas o processo que, ao inverso do endógeno, forma atletas com vistas ao mercado de pé-de-obra. Trata-se de uma lógica em expansão, especialmente no Brasil e em outros países sul-americanos e africanos, matizada pelas transformações que passou o futebol de espetáculo a partir do aumento do interesse midiático e, por extensão, dos valores econômicos em circulação. Embora a circulação de atletas sob contraprestação econômica remonte aos anos 30, pelo menos, a formação/produção exógena irá se constituir deliberadamente entre o final dos anos 80 e início dos anos 90. No Brasil, a sanção da Lei Zico (1992) e da Lei Pelé (2001) diminuíram, gradativamente, o poder dos clubes sobre os atletas, impulsionando a livre negociação da força de trabalho. Outros fatores, como o aumento generalizado dos fluxos transnacionais e a expansão do futebol agenciado pela FIFA no continente asiático, concorreram paralelamente à recuperação do prestígio do futebol brasileiro, finalista das 3 últimas edições de copas do mundo e campeão em duas delas, 1994 e 2002.

A migração de jogadores de clubes ditos pequenos para os grandes, do interior para as capitais e das capitais periféricas para os clubes do Rio de Janeiro e de São Paulo não é recente. Também não é de agora que os clubes investem na formação/produção, podendo-se encontrar já nas primeiras décadas do século passado, tão logo o futebol havia sido introduzido no Brasil, as equipes de “filhotes”, precursoras das categorias de base atuais. Todavia, o modelo exógeno só se configura a partir do momento em que produzir futebolistas torna-se uma atividade rentável, pois é o interesse econômico que o define. Assim como foi usado um caso concreto para explicitar o modelo endógeno, convém fazer o mesmo em relação ao seu contrário.

O RS Futebol Clube (RS FC, daqui por diante) é o protótipo mais próximo de um modelo ideal de produção exógena, podendo ser tomado como produto e produtor da conjuntura atual do futebol como espetáculo. O clube situado no limite dos municípios de Porto Alegre e Alvorada pertence a uma empresa, denominada Talento Desportivo S/A (Talentos S/A, daqui por diante). Trata-se de uma sociedade anônima de capital fechado, “focada na administração e no fomento das atividades inerentes à carreira desportiva, bem como na organização de eventos, captação de patrocínio e comercialização de direitos de imagem, correlacionados à empresa”<sup>154</sup>. A Talento S/A é um empreendimento cuja conformação jurídica tornou-se possível a partir da penúltima mudança na legislação esportiva brasileira, sancionada em 1992. Diferentemente de outros

---

<sup>154</sup> Esta e outras citações são retiradas de material impresso também disponível em: <http://www.rsfootball.com.br> Acesso em 20 out 2004

centros de formação/produção aos quais visitei, a Talento S/A assume abertamente a sua vocação mercadológica. A propósito, a empresa está estruturada a partir de três eixos principais:

- a) A Academia de Futebol Carpegiani, voltada para aprendizes na faixa dos 5 aos 15 anos de idade e cujos objetivos, a médio e longo prazo, são a locação de franquias que servirão, segundo a própria Talentos S/A, para “difundir o futebol e descobrir novos talentos”;
- b) O Centro de Formação de Atletas, voltado à formação profissional a partir dos 15 anos de idade;
- c) O RS Futebol Clube, devidamente credenciado junto às agências futebolísticas e apto à participação em competições oficiais, como já vem ocorrendo.

O RS FC era o 174<sup>o</sup> colocado no ranking da CBF em 2004, com 16 pontos - o Grêmio, 1<sup>o</sup> no mesmo ranking, possuía 1.811 pontos; o Inter, 7<sup>o</sup> colocado, somava 1.576 - e sequer foi nomeado nas pesquisas sobre torcidas. Em termos de capitais clubísticos, portanto, o RS FC é incomparavelmente inferior aos dois clubes da elite clubística situados no Estado. Isso é, porém, secundário para a Talento S/A, cuja infra-estrutura para a formação profissional é superior, em muitos aspectos logísticos, às de Grêmio e de Internacional. O RS FC, de propriedade da empresa, foi fundado em 01/01/2001 e a coincidência de datas, disse-me um de seus dirigentes, fora uma “bem planejada estratégia de marketing”. As cores do clube são a amarela, a verde e a vermelha, as mesmas da bandeira do Rio Grande do Sul, e o nome do clube, conhecido no universo futebolístico apenas como “RS”, coincide com a sigla desse Estado. Não se trata de confundir, mas antes de criar um vínculo imaginário nos clientes, apropriando-se, segundo o mesmo dirigente, da “imagem positiva do Rio Grande do Sul, identificado com seriedade, trabalho e competência”.

O RS FC contribui para a compreensão indireta da questão do pertencimento clubístico e, particularmente, da reconversão de capitais referidos no capítulo 2. O capital econômico que está na origem da Talento S/A, determinante para a edificação da infra-estrutura que serve ao clube, foi investido por um único empresário. Tratar-se-ia, segundo o mesmo informante, de um ex-madeireiro que, preocupado com o desmatamento, decidiu mudar o ramo de atividade. No “mito de origem”, o empresário teria procurado Paulo César Carpegiani, que viria a ser o seu parceiro no negócio. O ex-atleta e treinador, tem no seu currículo, como jogador, o tricampeonato brasileiro de 1979, conquistado com o Inter, além de vários jogos pela seleção brasileira; e, como técnico, a Libertadores da América e o Mundial Interclubes, conquistados com o Flamengo, além da direção da seleção paraguaia na Copa do Mundo de 1998. A parceria entre o capital econômico do ex-madeireiro e o prestígio do ex-atleta e treinador impulsionaram o RS FC. Nos primeiros tempos, o Clube era nomeado, na mídia, como o “time/clube do Carpegiani”, tendo consolidado o nome oficial com o passar dos anos. Todavia, para constituir uma torcida, espécie



de capital simbólico e afetivo, o caminho é pedregoso e, convenhamos, não consta nos objetivos do empreendimento.

O RS FC existe para servir como suporte de uma equipe que, por seu turno, serve como um dos dispositivos da produção exógena, um contra-exemplo do Athletic. O clube basco faz da formação um dispositivo para atender à demanda de seus torcedores/associados, convencidos de que o clube existe para exaltar a identidade basca. Já a produção voltada para o mercado, como é o caso da Talento S/A, inverte as posições. Aqui é o clube que se torna um dispositivo necessário ao sucesso do empreendimento. É preciso, então, explicitar esta lógica.

Em primeiro lugar, é consenso no meio futebolístico que só os jogos competitivos, “valendo três pontos”, testam os futuros profissionais. Suportar a pressão pelos resultados, manter o controle das emoções, resistir à dor, demonstrar obstinação e disciplina, entre outras exigências próprias ao *métier*, são apreendidas a partir da experiência concreta - *learning by doing*, tal qual é exigido dos boxeadores (WACQUANT, 2002); ou *apprendre par corps*, para o caso da dança (FAURE, 2000). Quaisquer que sejam as tecnologias usadas na formação dos boleiros, é preciso que os meninos joguem e não apenas treinem; que joguem para valer, em competições e não em amistosos; e sejam submetidos, ao longo da profissionalização, a amplas e variadas adversidades. Só assim eles poderão ser considerados experimentados, o que agrega valor na ocasião da venda de seus “direitos federativos” (antigo passe). É nessa perspectiva que o empreendimento do ex-madeireiro necessita de um clube: para que seus jovens sejam experimentados, condição necessária à maximização do valor de mercado.

Em segundo lugar, para que a produção da Talento S/A tenha compradores é fundamental que ela seja exposta, visível e então desejada. Quanto maior a cobiça, maior o preço e, por extensão, o lucro. Representar o RS FC não implica, por certo, num comprometimento com qualquer modalidade de identidade étnica, regional, nacional ou mesmo clubística - gremismo, coloradismo e assim por diante -, mas com a imagem da empresa, fundamental na atração de novos clientes. Estes são, basicamente, de três classes distintas. Existem os clubes com torcida e, dentre eles, os que possuem considerável volume de capitais, com disposição e recursos para adquirir profissionais formados ou em fase final de formação. Também são clientes os agentes/empresários. Eles podem ser mediadores entre a Talento S/A e clubes compradores, mas o prestígio da formação também atrairá os agentes/empresários que dispõem de contratos de imagem com jovens talentos e não possuem os dispositivos necessários para fazê-los evoluir satisfatoriamente. Nessas circunstâncias, a Talento S/A pode ser procurada como parceira. Finalmente, é preciso ter credibilidade para que a família dos talentos em formação seja seduzida, entregando seus filhos aos cuidados desse e não de outro centro de formação.

A Talento S/A, produto das últimas alterações na legislação trabalhista brasileira, é um exemplo de como os agentes/empresários foram beneficiados, em detrimento dos dirigentes de clubes tradicionais. Na medida em que foram afrouxados os poderes dos clubes sobre os atletas, os agentes ganharam terreno e foram eles, certamente, que contribuíram para incrementar a circulação de pés-de-obra. Não existindo uma circulação intensa, empreendimentos como a Talento S/A teriam remotas possibilidades de êxito, tal qual um centro comercial situado em meio a uma população desprovida de recursos ou de interesse pelo consumo.

Não posso dizer que tenha feito observação participante no RS FC, embora o tenha freqüentado em algumas circunstâncias, especialmente em jogos das categorias de base do Inter. Dois anos e meio depois da inauguração, quando estive na Morada dos Quero-Queros para uma visita guiada - ver excerto, a seguir -, havia sinais claros de que, até então, o sucesso do empreendimento estava aquém do que fora imaginado<sup>155</sup>. Um dos trunfos do clube era o direito federativo do garoto Éderson, na época com 16 anos. Segundo fontes diversas, dentre as quais incluem-se profissionais que atuaram como formadores no clube ou que possuíam vínculos de amizade com meus informantes no Inter, a Talento S/A esperava recuperar todo o investimento realizado na Morada dos Quero-Queros com a venda de Éderson para o exterior. Ele realizou um estágio no Parma, em 2002, mas qualquer que tenha sido seu desempenho, o certo é que isso ocorreu às vésperas do escândalo da Parmalat, principal investidora do Parma. No início de 2004, Éderson foi emprestado ao Internacional, mas não foi aproveitado - posto na vitrine! - e antes mesmo do meio do ano, já estava no Juventude, de Caxias do Sul. Também não “teve chances” e retornou ao RS FC, sendo negociado com o Nice - 1ª divisão francesa - no início de 2005.

---

<sup>155</sup> No segundo semestre de 2002, o RS e seus atletas em formação prestaram-se para uma modalidade de jogos curiosa. Pelo menos dois jogadores com passagem por clubes de elite usaram-nos para recuperar ou manter-se em atividade em períodos de desemprego. Fabiano (Cachaça), ex-ponta direita do Internacional (1996-2000), estava para ser contratado por um clube dos Emirados Árabes. Para que os agentes avaliassem a sua performance, em especial a condição física, realizou-se um jogo em que a equipe júnior do RS, com Fabiano Cachaça na ponta direita, enfrentou uma equipe da região metropolitana. Leandro Machado, com duas passagens pelo Inter, Flamengo e Celta de Vigo (Espanha), entre outros, teria usado do mesmo expediente. Era uma maneira do clube fazer caixa e eventualmente expor seus próprios atletas, mas o então supervisor parecia bastante contrariado em ter que fazer uso dessa estratégia.

### Flanando pela Morada dos Quero-Queros



Vista do campo e das arquibancadas da Morada dos Quero-Queros (set 2002).

Mesmo conhecendo parte das dependências do RS FC, deixei-me levar pelo diretor-guia. Começamos pelo prédio principal, de dois andares, compartilhado pela administração da Talentos S/A e pelo albergue dos atletas, incluindo-se o refeitório, as salas de TV e de estar. A entrada assemelha-se a um saguão de hotel, algo muito próximo do que haveria de encontrar em Nantes, o que permite, inclusive, um parâmetro comparativo. Seguimos em direção a um campo de grama sintética coberto, compartilhado pelas crianças da escolinha, pelos atletas em formação e pelos profissionais que atuam na equipe principal. Dali fomos em direção aos campos gramados, num total de quatro, todos eles alambrados e bem conservados, à exceção de um, que passava por um processo de recuperação. Um desses campos é reservado aos jogos, sendo ladeado por uma arquibancada com capacidade para 5.000 torcedores. Contudo não há uma demarcação clara, nos espaços físicos, entre o local de treino (trabalho, espaço mundano) e de jogo (evento/performance, espaço sagrado), como corre no Olímpico, no Beira-Rio ou em praticamente todos os clubes tradicionais. Para se ter uma idéia comparativa, o Inter dispõe, basicamente, de dois campos destinados às categorias de base: um deles para a equipe júnior (sub-20) e outro dividido entre os juvenis (sub-17), Infantil (sub-15) e mirim (sub-14). O OM, cujo centro de formação é classificado como “categorie 2”, dispõe de dois campos de grama sintética, cada qual destinado a uma dada categoria em formação.

Naquela tarde, havia apenas um grupo de atletas trabalhando. Observamos o treinamento durante algum tempo, sendo os comentários acerca das potencialidades de cada atleta intermitentes. Vários deles estavam no clube para um período de “testes”, o que é rotina em quase todos os centros que visitei. Um dos garotos, de porte físico avantajado, apresentava visíveis deficiências técnicas. Um dos diretores quis saber do técnico “como é que aquele lerdo, de coxa colada” tinha vindo parar ali. Ambos concordaram que deveriam dispensá-lo, urgentemente. “Imagina se o Carpegiani vê isso daí! Vai botar o cara para correr na hora. Onde já se viu jogador com as coxas coladas?”



À esquerda, aos fundos, campo de futebol sintético (coberto); ao centro a sede administrativa e albergue dos atletas; à direita as arquibancadas (set 2002).

Passamos pelos campos, um a um, incluindo um paredão quadriculado nas cores do clube. Trata-se de um dispositivo, um tanto obsoleto na opinião de alguns formadores, usado para o treinamento do passe. Consiste, muito simplesmente, numa parede com marcações (alvos), onde o jogador deve acertar a bola. No Inter, há algo parecido, mas jamais notei que estivesse sendo utilizado. O que dizem os formadores colorados é que os passes devem ser treinados em circunstâncias tais que simulem os jogos; em atividades dinâmicas, portanto, e não em frente a um paredão. Todavia esse é o protótipo da questão em relação a qual não há consenso.

Retornamos ao prédio central, às salas da coordenação pedagógica e da administração. Não entramos em nenhum dos quartos, mas soube que eles são para dois ou quatro garotos. Em Nantes, são para dois; no Clube de Futebol Zico, havia dois alojamentos, um deles destinado a um grupo de coreanos, à época em estágio no CT do Recreio dos Bandeirantes e outro, bastante modesto, ocupado por jovens das categorias de base. Mas eram poucos, não mais do que uma dezena. No Inter, os quartos abrigavam até quatro garotos, num total de sessenta albergados; um padrão mais ou menos recorrente entre os clubes de grande porte. Já em Candelária, interior do Rio Grande do Sul, numa casa alugada pelo empresário Benitz - parceiro de Juan Figger - as condições eram bem menos favoráveis, com beliches acomodados no limite das possibilidades, encimados por roupas, livros, revistas pornô, restos de comida e outros.

O espaço diacrítico, aquele que singulariza o RS FC como protótipo da produção exógena, é uma sala equipada com TV, vídeo cassete e algumas fitas dispostas nas prateleiras. A princípio imaginei que pudesse ser a videoteca dos albergados, mas o diretor me explicou, em detalhes, que aquela sala era destinada ao arquivo de fitas com performances de atletas ofertados ao clube. Classificados segundo as posições convencionais - goleiro, lateral-direito... - alguns vídeos foram-me apresentados com histórias hilariantes. “Toda a hora tem vídeo chegando, empresário e olheiro oferecendo jogador e tal”. Vocês pegam jogador por vídeo, perguntei? “Não, não fizemos isso. Às vezes ajuda, se um cara nosso foi olhar e ficou em dúvida, então não custa conferir. Também tem empresário que insiste, quer que a gente veja e tal. Mas você já sabe se o cara é de confiança ou não. Tem um vídeo aí... - e colocou-o para rodar... Você nota alguma coisa?” Não, o cara defendeu os pênaltis e tal, mas só isso não diz muita coisa... E tem mais, não entendo muito disso, desculpei-me. “Está vendo esses sapatos aqui - apontando para a imagem no canto do vídeo?” Estranho, não! “O que é que um cara de sapatos está fazendo dentro de campo?” Orientando o lado que o pênalti deve ser batido, talvez, uma espécie de diretor de cena... “Não dá pra levar isso a sério, mas acontece!”.



Sala de vídeo com arquivos de atletas oferecidos à talento S/A. Tecnologia à serviço da produção exógena (set 2002).

A custos menores, o RS FC manteve-se atuante, em 2004, nos campeonatos das divisões de base, especialmente no circuito estadual, valendo-se de parceiros melhor capitalizados como vitrine para as suas mercadorias em fase final de produção. A lógica parece simples: ao invés de manter um time para jovens como Éderson jogar, melhor é fazê-lo jogar em um time que não seja vinculado ao RS FC, mesmo que para tanto seja preciso dividir os lucros caso a venda venha a se concretizar. O parceiro preferencial da Talento S/A ao longo de 2004 foi o Juventude, de Caxias do Sul, clube que disputa a primeira divisão nacional.

O clube-empresa relaciona-se com parceiros que estão acima e abaixo dele. Sempre que estive na Morada dos Quero-Queros assistindo a jogos, havia vários agentes/empresários nas arquibancadas. Numa dessas ocasiões em que o jogo era contra o Inter, pude presenciar uma contenda verbal entre um agente, cujos agenciados atuavam pelo RS FC, e o pai de um garoto colorado, que de tanta cobiça em torno do filho tornara-se chofer de um poderoso agente, com trânsito nacional e internacional. Eu só entendi a razão do bate-boca depois das explicações de Teco, amigo inseparável do prodígio colorado. “É que o cara tava cornetiando o J.!” (sic). Na verdade, soube depois, os dois empresários eram desafetos e a “corneta” - troça, achincalhão, chiste - em relação a J. era uma estratégia de depreciação pública da mercadoria alheia. O pai do garoto escaudou-se, em parte porque tratava-se do filho; em parte, porque era a mercadoria do patrão que estava sendo aviltada.

A Talento S/A, utilizada como referência para pensar o modelo exógeno, não dá conta da diversidade de empreendimentos que aplicam, à formação profissional, o léxico mercadológico. Bem menos difundida até o princípio dos anos 90, a formação/produção exógena tornou-se um

novo mercado para profissionais formados em educação física, ex-boleiros, olheiros, investidores de ocasião e, principalmente, para empresários/agentes de jogadores. O que dificulta, sobremaneira, uma abordagem mais precisa dessa questão é a escassez de dados e a pouca confiabilidade daqueles disponíveis. Isso deve-se, em parte, ao fato de que estamos tratando de um sub-campo fortemente tramado às lógicas do mercado, em relação ao qual informação precisa rende dividendos, de modo que quem as dispõe evita de publicizá-las. A dificuldade também decorre do dinamismo desse mercado, parte dele, ao menos, informal e pessoalizado, com fluxos incessantes. A Talento S/A discrepa do que suponho, a partir da observação de campo, ser o padrão de qualidade do modelo exógeno. A transparência com que a Morada dos Quero-Queros foi-me franqueada é um indício de que, embora opere com a perspectiva mercadológica, o clube-empresa o faz conforme a legislação - o que não significa muito em relação aos “efeitos colaterais” da formação futebolística, a reconversão improvável. Há outros casos concretos de modelos exógenos e a eles retornarei oportunamente.

### **5.2.3 A formação/produção híbrida**

Endógena e exógena foram tipificações usadas para diferenciar duas lógicas contrárias, porém não excludentes de produção de boleiros, razão pela qual é providencial instituir um modelo intermediário, aqui definido como híbrido, que nada mais é do que uma combinação das duas perspectivas contrárias. O tipo híbrido não é a maneira como os dois outros modelos são operacionalizados concretamente, embora a impressão é de que ele seja hegemônico. O modelo híbrido, enquanto um modelo de tipo ideal, concilia a premissa vocacional e a mercadológica conforme a conveniência, razão pela qual ele poderia ser chamado de oportunista. Os jogadores são produzidos para atender às demandas dos torcedores, mas se o mercado oportunizar, são vendidos prontamente. Os clubes da primeira e da segunda divisão brasileira seguem o modelo híbrido, suprindo às demandas do time que representa o clube e produzindo excedentes, deliberadamente, com vistas ao mercado europeu.<sup>156</sup> O Internacional, em cujas categorias de base realizei a parte mais intensa e prolongada do trabalho de campo, será tomado como modelo, mas isso será objeto dos capítulos seguintes.

O modelo híbrido, por definição oportunista, é aquele no qual os dirigentes possuem larga margem de gestão, administrando a formação produção conforme as conveniências do

---

<sup>156</sup>Segundo a empresa Pelé Sport e Marketing (REBELO E TORRES, 2001, p. 21) a venda de jogadores representaria, no presente, em torno de 20% da receita dos clubes de primeira divisão.

clube e, não raro, as suas. O quadro a seguir ilustra alguns aspectos da trama dessas lógicas no contexto brasileiro.

**Quadro 5.5 - Recrutamento de atletas sub-17 por local de nascimento**

Local de nasc. / Clube	Cidade sede do Clube	Outras cidades do Estado	Outros estados	Total	De outros estados
<b>Brasil-RS</b>	9	10	1	20	1 SC
<b>Cruzeiro-RS</b>	13	6	1	20	1 SP
<b>Inter-RS</b>	10	7	3	20	1 ES; 1 SC; 1 SP
<b>América-MG</b>	6	10	4	20	1 SP; 1 SE; 2 RJ
<b>Flamengo-RJ</b>	15	-	4	19	1 ES; 1 MT; 1 GO; 1 PE
<b>Grêmio-RS</b>	8	8	4	20	1 SP; 2 MT; 1 SC
<b>Marília-SP</b>	-	15	4	19	2 MG; 1 GO; 1 MT
<b>Atlético-PR</b>	7	5	8	20	2 SP; 3 SC; 2 BA; 1 PE
<b>Fluminense-RJ</b>	11	1	8	20	1 MG; 1 ES; 1 PA; 1 MG; 1 SC; 1 SP; 1 DF; 1 MT
<b>Vitória-BA</b>	5	6	9	20	2 RJ; 1 GO; 1 PE; 3 PR; 2 CE
<b>São Paulo-SP</b>	6	3	11	20	2 MG; 2 PA; 1 CE; 1 ES; 1 MT; 1 RJ; 1 PI; 1 RS; 1 MA;
<b>Cruzeiro-MG</b>	1	7	12	20	1 RJ; 2 ES; 1 GO; 5 SP; 1 RN; 1 SC; 1 TO
<b>União Bandeirantes-PR</b>	1	4	15	20	8 SP; 4 MT; 2 MS; 1 RJ
<b>13 clubes de 6 Estados</b>	92	82	84	258	84 atletas de 20 Estados diferentes

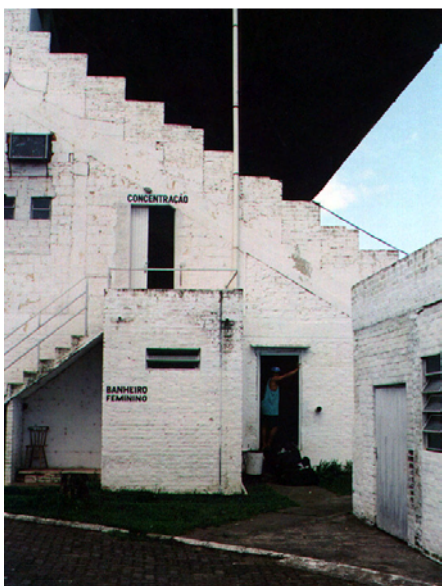
Fonte: fichas de inscrição das equipes participantes da 14<sup>a</sup> Copa Santiago de Futebol Juvenil<sup>157</sup>

Nenhum dos treze clubes segue o modelo endógeno, à exceção, talvez, do Cruzeiro-RS, da cidade onde se realiza o torneio. “Forçado” a participar da competição para atrair o público local - e verbas públicas -, o Cruzeiro jamais havia vencido um único jogo em 13 edições do evento, e em 2002 não faria diferente. A performance, nesse caso, fala por si só, escancarando a distância entre o clube amador da cidade de pouco mais de vinte mil habitantes e a maior parte dos participantes do evento, dentre os quais o Puma e o Toluca do México, além do Cerro Porteño, do Paraguai. A formação no Cruzeiro não se enquadra, a rigor, em nenhum dos

<sup>157</sup> O torneio de Santiago não é nenhuma competição organizada por agências ligadas à FIFA-IB, como de resto inexistente competição nacional para as chamadas categorias de base. Os dados não se prestam para qualquer modalidade de amostragem sociológica do que seja a formação profissional “à brasileira”, mas explicitam algumas informações que, subsidiadas pelo fato de ter acompanhado esta edição do torneio, através de observação participante, fotos, entrevistas e outras técnicas, permitem algumas inferências.

modelos e, respeitadas as classificações nativas, dever-se-ia dizer que segue o modelo “às pressas” ou “às vésperas”. Não dispondo de capitais expressivos, comparativamente aos outros participantes, o Cruzeiroinho, tal qual o Brasil-RS, recrutaram apenas um atleta de fora do RS. Sendo uma das características da lógica endógena, como a do Athletic, de Bilbao, o recrutamento de dons/talentos nas regiões próximas à sede do clube, onde se concentram seus torcedores, o Cruzeiroinho e o Brasil-RS seguiriam, pelo quadro, o modelo endógeno, o que na prática não se confirma. Os outros clubes, com maior ou menor ênfase, recrutavam atletas para bem além de suas cidades sedes, o que implica na disposição de uma rede de contatos com olheiros e agentes/empresários.

Sobre o Brasil-RS, o Marília e o União Bandeirantes, a boataria impunha-lhes o rótulo de “clubes laranjas”, servindo de fachada (vitrine) para agentes/empresários. Marília e União



Precariedade da formação “à brasileira”. Alojamento improvisado por um empresário, sob as aquibancadas de Estádio. Santa Cruz do Sul (out 2002).

Bandeirantes juntos, possuíam consigo apenas 1 atleta da cidade sede, sendo que os agentes/empresários do Marília recrutaram em outras cidades de São Paulo e de um clube paranaense fora do próprio Estado. Diferentemente do CFZ e, sobretudo, do RS FC, para os quais a opção mercadológica é assumida abertamente, Marília, União Bandeirantes e Brasil-RS são clubes que, na fachada, aparentam seguir o modelo híbrido, produzindo atletas para o time principal e negociando os excedentes. Na prática, porém, estavam “alugados”, “cedidos” ou haviam feito “parcerias” com empresários, um dispositivo recorrente no atual estágio da produção de pés-de-obra no Brasil. Os agentes, como os que estavam usando o Brasil de Pelotas, detinham “contratos de imagem” com parte dos atletas, sendo que os demais eram vinculados ao clube. Parte da comissão técnica era do clube, parte bancada por eles, numa composição tão emaranhada quanto suspeita -

cf. capítulo 9.

Como se pode notar, praticamente 2/3 desses jovens menores de 18 anos residiam fora de sua cidade natal, o que implica uma primeira etapa - para alguns já são várias a essa altura - das muitas migrações a que serão sujeitos ao longo da carreira. A composição do Cruzeiro-MG, campeão daquela edição da Copa Santiago, também só possuía um jogador de Belo Horizonte, sua cidade-sede. Os demais haviam sido recrutados por olheiros remunerados pelo clube - segundo informações do técnico da equipe. São Paulo, Vitória, Fluminense e Atlético-PR, outros

clubes que investem pesado em formação/produção, também recrutaram boa parte de seus atletas fora de seus estados. Todos eles, assim como Flamengo, Grêmio, Inter e América-MG seguem o modelo híbrido, equilibrando, de modo oportunista, a gestão da formação/produção. O quadro é incompleto, evidentemente, mas pode ser tomado como um esboço da extensão da circulação de adolescentes em vias de profissionalização<sup>158</sup>.

No modelo endógeno, é a formação que está a serviço do clube, enquanto no modelo contrário, é o clube que está a serviço dela. O modelo híbrido, também chamado de oportunista, opera nas duas perspectivas, dependendo de quem detém politicamente o controle da instituição. Pode-se usar o prestígio do clube - e há muitas estratégias para fazê-las sem ser notado - a fim de atrair talentos que, transformados em profissionais, poderão render dividendos simbólicos aos dirigentes. Pode-se usar do mesmo dispositivo para formar atletas e depois vendê-los, reinvestindo na produção caseira ou em quaisquer outras instâncias do clube. Pode-se ainda produzir e vender sem dar aos ganhos nenhum dos destinos acima sugeridos. É questão de manipular estrategicamente com os códigos legais e, principalmente, com os interesses dos torcedores, dos demais dirigentes e, particularmente, dos mediadores especializados.

### **5.3 AS PRODUÇÕES “À FRANCESA” E “À BRASILEIRA”**

Falar em produção de futebolistas “à brasileira” é arriscado. De Bourdieu (1999) a Homi Bhabha (1998), são tantas as advertências em torno da ficcionalidade da categoria nação, que seu uso como ferramenta conceitual é pouco recomendável, quer pelo fato de que mascara as diversidades - argumento de Bhabha -, quer porque sua manipulação pelos próprios agentes sociais investem-na politicamente - seria a crítica de Bourdieu. Entretanto, será preciso desafiá-los para compreender uma dimensão importante da formação/produção de boleiros, cujas lógicas expressas a partir dos modelos de tipo ideal não captam. E a razão é simples: os modelos explicitados a pouco foram forjados para dar conta da relação entre a formação e a atuação profissional, considerando-se que esta é encompassada pelo clubismo e, assim, precisa fazer frente a dadas exigências da comunidade de pertencimento aos quais os clubes representam. Isso não é tudo; afinal o futebol não é um espetáculo fora do espaço social.

---

<sup>158</sup> É claro que a facilidade de colocar os meninos em circulação tem muito a ver com o estatuto que as crianças e os adolescente possuem entre os grupos populares, de onde provêm a maioria dos que se encontram albergados pelos clubes e, portanto, fora do espaço doméstico. Para não sobrepor interpretações, sugiro um pouco de paciência, pois algumas questões serão retomadas. O trânsito de menores e a atuação dos agentes, por exemplo, é tema do capítulo 9.



A organização do futebol de espetáculo, articulada pela FIFA e suas subsidiárias, é uma espécie de retradução do modelo de gestão política do Estado-nação, como evidencia o **Quadro 6.1**, no próximo capítulo. A pergunta é: afinal, existe algo como uma formação/produção de pés-de-obra ‘à brasileira’? Se existe, em que consiste a sua singularidade? À primeira questão a resposta é afirmativa. Sim, existe uma formação/produção de boleiros à brasileira, mas assumir esta premissa implica riscos. Antes de ser evidente, a formação/produção à brasileira precisa ser demonstrada, algo mais complexo do que se imagina à primeira vista.

O processo de formação/produção não é alheio a outros dispositivos atinentes ao futebol de espetáculo cujo controle é monopolizado pela FIFA e sua cadeia de agências locais, entre as quais está a CBF. A FIFA institui padrões válidos internacionalmente, que regulamentam e, como tal, contribuem na configuração do mercado de pés-de-obra. O mercado brasileiro e, por extensão, a formação/produção que lhe serve como dispositivo de suporte, não é imune a tais deliberações. Todavia, a cadeia FIFA não tem autonomia irrestrita, devendo-se adequar às legislações locais, nesse caso, às legislações trabalhistas.

Se o processo de formação/produção fosse abordado tão somente a partir do ponto de vista legal, seria bem mais simples do que quando se introduzem outras variáveis, mas seria bem menos completo do que quando apreendido a partir do concreto - onde ele se faz completo, como diria Mauss. A etnografia não é uma ferramenta que tudo pode, sobretudo quando se trabalha com processos em escala tão ampla. Todavia, a maneira como ela foi conduzida, tendo como universo as próprias configurações de formação/produção e sendo a ela dedicada uma etapa importante das observações ostensivas, permite, agora, formular conjecturas que transcendem os universos empíricos - o Inter, o OM e assim por diante<sup>159</sup>.

Há conjecturas a serem explicitadas sobre a formação/produção de boleiros à brasileira - e à francesa, por comparação - como condição à compreensão do que se passa no cotidiano das configurações concretas de profissionalização. É claro que os nativos, sobretudo os mestres e aprendizes, têm um domínio difuso do que sejam estas categorias amplas, instituídas pelo Estado ou pelo mercado do espetáculo (FIFA), o que não impede que eles as manipulem - não foi por outra razão que fui convidado a fazer uma palestra sobre “a formação européia” para os formadores do Inter, quando do retorno da França. Dessa forma, não se pode esperar que um adolescente domine as convenções da FIFA, sobre o estatuto de atleta em formação, ou do Estado brasileiro, sobre a legislação trabalhista. No entanto, ele haverá de incorporá-las, pois tais convenções norteiam o processo do qual ele faz parte<sup>160</sup>.

---

<sup>159</sup> Nos dois próximos capítulos faz-se, justamente, um mergulho nas configurações concretas.

<sup>160</sup> Em linhas gerais, penso que a categoria do tipo “formação à brasileira”, por oposição à “formação européia” ou “a formação que se faz lá fora”, muito usada pelos formadores colorados, é operacionalizada

A CBF, representante da FIFA no Brasil, tem o poder de deliberar sobre a formação/produção, tal qual a FFF em relação à produção na França. Porém a CBF não delibera, alguém dirá. De acordo; já é uma das especificidades do modelo de formação à brasileira. A CBF dispõe de um departamento de “divisões de base”, imbuído tão somente do recrutamento de atletas visando a participação em competições internacionais<sup>161</sup>. Se a CBF limita-se a isso é também porque o Estado brasileiro, que lhe outorga a prerrogativa de organizar o futebol de espetáculo, não entende como ou por que a CBF deveria intervir no processo de formação/produção de futebolistas.

O fato é que a FFF é responsável indireta pela gestão dos campeonatos da primeira e da segunda divisões profissionais, bem como pelos centros de formação a eles vinculados, impondo normas de funcionamento que incluem, inclusive, uma classificação dos centros, acessível a quem quer que seja<sup>162</sup>. De mais a mais, a FFF governa indiretamente as 31 ligas regionais e 102 distritais, tendo quase 20.000 clubes amadores credenciados e mais de 2.000.000 de futebolistas licenciados - 2% de mulheres, aproximadamente<sup>163</sup>. A capilaridade da CBF limita-se, em contrapartida, aos aproximadamente 500 clubes ditos profissionais, sendo que ela própria governa os campeonatos nacionais de 1ª, 2ª e 3ª divisão, aqueles que possuem valor de mercado. A mesma lógica que preside a gestão da atuação profissional pode ser aplicada, *mutatis mutandis*, à gestão da formação/produção. Como esta não interessa ao público, nem aos mídias e, como tal, tem escassa possibilidades de dar lucro, exceto para os clubes e agentes/empresários que, por conta própria, ordenam o mercado de recrutamento, investimento, seleção e comercialização de dons/talentos, a CBF simplesmente retira-se de cena.

Como o espaço é exíguo, convém explicitar alguns elementos que a etnografia ostensiva, acompanhada de uma revisão bibliográfica sobre a produção “à francesa” em ciências sociais - sociologia, principalmente – faz crer que sejam importantes para uma compreensão panorâmica da formação à brasileira e, particularmente, para o andamento dos capítulos seguintes. Ao invés de uma comparação sistemática entre o contexto francês e brasileiro, focalizo, aqui, o primeiro.

no quadro da “visão de mundo” – como idéias abrangentes sobre a organização do mundo do futebol. Sobre a diferença entre “ethos” e “visão de mundo” cf. Geertz (1989, p. 143-59).

<sup>161</sup> Como regra, nenhuma competição organizada pela FIFA é realizada sem a perspectiva de retorno econômico. O interesse do público por tais jogos é francamente diminuto, visto que a maior parte deles são realizados com os estádios vazios. Em contrapartida, são de grande interesse dos agentes empresários. Rafael Sobis, que participou do último campeonato sul-americano da categoria sub-20, estaria sendo observado por enviados de clubes europeus, conforme intensa boataria na mídia porto-alegrense. Léo, meu informante em Marselle, foi contratado pelo Clube francês depois do campeonato mundial da categoria sub-17, realizado em 2003. O “olheiro” do OM não fez qualquer segredo a este respeito.

<sup>162</sup> O “classement des centres de formation” encontra-se disponível em:  
<<http://www.footpro.fr/reglements/classCentres.asp>> Acesso em 07 out. 2004.

<sup>163</sup> Dados disponível em: <<http://www.fff.fr>> Acesso em 07 out 2004

No restante da tese, será sempre a formação local que estará em jogo, valendo-me do processo à francesa como parâmetro comparativo - uma espécie de *gestalt*, em que o fundo francês torna mais nítida a figura de frente, a formação/produção à brasileira. Devo destacar que a questão estética - se existe um jogar à brasileira, deveria existir algo como uma maneira de ensinar a fazê-la, não? - será objeto da segunda parte do capítulo 8.

É difícil pensar as diferenças entre as formações à brasileira e à francesa sem as nuances do Estado e das subsidiárias da FIFA. O “*systeme de formation à la française*”, cujos resultados concretos são evidenciados pelas conquistas da medalha de ouro na Olimpíada de Los Angeles (1984), da Eurocopa (1984 e 2000) e da Copa do Mundo (1998), entre outras, pode ser sintetizado como o produto das transformações iniciadas da década de 70. A extensa bibliografia acerca do assunto toma “*la Charte du football*”, assinada em 1973, como o marco simbólico desse processo. “*La Charte*” tratou, basicamente, do estatuto do jogador de futebol profissional, algo comparável, em termos de época, à Lei nº 6.354, de 1976<sup>164</sup>. Legitimou também o lugar estratégico de “*L’Institut national du football*” (INF) e delineou as funções da FFF na gestão nacional desse esporte, como uma espécie de parceira do Ministère de la Jeunesse. Segundo Slimani (2002), as transformações engendradas a partir dos anos 70 visaram duas ordens de interesses distintos, porém complementares: a) a melhora do desempenho futebolístico da equipe nacional; b) a restauração da autoridade federal no meio futebolístico. Cada qual desses eixos é importante de ser detalhado.

### **5.3.1 Em torno da performance futebolística das formações francesa e brasileira**

A crise de resultados dos clubes franceses e da seleção nacional no período do pós-guerra é tida como determinante para as transformações iniciadas nos anos 70<sup>165</sup>. O Institut National du Football (INF), criado em 1972 e efetivamente ativado dois anos mais tarde, foi um incubador tecnológico, estrategicamente monitorado pelo Secrétariat d’Etat à la Jeunesse et aux Sports, com suporte financeiro da FFF e do Groupement du Football Professionnel - encarregado da gestão do futebol profissional. Segundo Tournier e Rethacker, “*L’INF devait répondre à trois missions essentielles: former des joueurs professionnels; préparer ces futurs professionnels à*

<sup>164</sup> A Lei nº 6.354, que dispõe sobre as relações de trabalho dos atletas profissionais, servirá como base às recentes alterações da Lei Pelé (1998 e 2000). Cf. Melo Filho (2000, p. 364-372).

<sup>165</sup> Entre 1954 e 1976, foram disputadas 5 edições de copas do mundo e de campeonatos de seleções européias (Euro). À exceção de um 3º lugar no mundial de 1958 e de uma 4ª colocação na Europoca de 1960, sediada na própria França, os resultados foram modestos nas demais edições. Pior, a França sequer se classificou para 3 das 5 copas do mundo e para 2 das 5 edições do campeonato europeu de seleções. Para um “bilan” completo da performance no período, incluindo a participação dos clubes franceses em competições européias, cf. Tournier e Rethacker (1999, p. 11-22).

une éventuelle reconversion; contribuer par ses recherches et ses expériences, au perfectionnement technique du football français” (1999, p. 27).

As três preocupações essenciais do INF, acima referidas, foram de tal modo entrelaçadas que é difícil separá-las, à exceção da preocupação com a reconversão, cujos desdobramentos extrapolam o âmbito esportivo. O profissionalismo na França, como em muitos outros países, data dos anos 30, razão pela qual não havia, no pós-guerra, déficit de pés-de-obra. Muito embora o futebol estivesse à deriva, numa espécie de semi-profissionalismo, vários clubes, por iniciativa própria, haviam criado seus centros de formação (WAHL e LANFRANCHI, 1995, 165-77)<sup>166</sup>. Está claro que os profissionais de então não satisfaziam as expectativas dos dirigentes, razão pela qual a missão do INF não era, simplesmente, a de “formar profissionais”, mas um determinado perfil de jogador, diverso daquele de então<sup>167</sup>. É evidente também que o INF, sediado em Vichy e mais tarde transferido para Clairefontaine, junto ao centro de treinamento da FFF, não poderia dar conta da demanda por formação de todos os clubes profissionais. Em razão disso, investiu-se na formação de formadores e na constituição de uma espécie de cartilha visando padronizar os elementos essenciais do treinamento - número de horas, ciclos de atividades, metodologia, ética professoral, etc. -, um processo cujos resultados concretos só apareceriam a médio prazo. “La Charte” e, particularmente, o INF, formataram um modelo que, se não é homogêneo, é ao menos integrado. Em todos os centros de formação - e atualmente de pré-formação - situados em território francês, são exigidos o mesmo diploma dos formadores, sem contar que as normas que regulamentam os centros, do ponto de vista dos direitos e deveres dos clubes, são previstos pelas “dispositions générales relatives aux relations entre les club e la ligue”<sup>168</sup>, fiscalizadas diretamente pela Ligue de Football Professionnel - associação de clubes que tem o poder delegado pela FFF para organizar os campeonatos de 1ª e 2ª divisões - e à distância pela FFF e pelo próprio Estado. Por essa razão, pode-se aplicar, sem problemas, o termo “système de

---

<sup>166</sup> Dentre eles estava o Sochaux, clube ligado à fábrica de automóveis Peugeot, em funcionamento desde 1949. Saint-Etienne e Nantes, nos anos 60, também foram precursores da formação à francesa.

<sup>167</sup> Alguns dos pontos de vista de Peirre Pibarot, primeiro diretor técnico do INF, são reveladores da ética profissional que se pretendia implantar no futebol francês. “Nous voulons former de véritables professionnels, des gens qui aient du rendement et une capacité du produire. Le professionnel est celui qui dispose d’une condition physique lui permettant de disputer 50 à 60 matches par saison, avec un maximum de rendement. Le joueur qui nous intéresse est celui qui est capable de répéter à la demande sa prestation maximale. Sur le plan moral, le professionnel de l’avenir est un dur. Il a un caractère qui lui permet de résister à l’échec. Dans le recrutement, méfiez-vous du dilettante et de celui dont on dit volontiers – quand il veut – ce sont des pièges. [...] Pour 30%, avoir l’étiquette professionnel de football, paraître dans la ville, attirer le regard des filles, semble être leur principale ambition. Ces joueurs-là sont aussi des pièges. [...] Travailler mieux et davantage que les autres, telle doit être notre règle d’or. (Tournier e Rethacker (1999, p. 27-8).

<sup>168</sup> O regulamento completo dos centros de formação, incluindo o estatuto administrativo dos jogadores e dos educadores pode ser consultado em <<http://www.footpro.fr/reglements>> Acesso em 20 ago. 2004.

formation à la française”, muito embora as práticas discrepem, como em qualquer parte, das legislações (SLIMANI, 2000; 2002)<sup>169</sup>.

Instrutores de futebol, como Baba e Sébastien, vinculados à A.S. Aixoise e responsáveis pelos “début” - meninos de até 7 anos -, necessitam do diploma referendado pela FFF. O mais elementar desses diplomas é de “jeune animateur technique”, ao qual podem candidatar-se jovens entre 15 e 18 anos interessados em ser monitores esportivos, uma espécie de assessor de pedagogo em clubes como o A.S. Aixoise. O mais cobiçado desses diplomas é certamente o último dos 12, o de “entraîneur professionnel de football”. Para atuar nos centros de formação é, pois, necessária a posse de um diploma compatível com a função desempenhada, e a ele muitos jogadores têm acesso paralelamente à formação ou atuação futebolística - era o caso de Sébastien, ex-estagiário do FC Nantes<sup>170</sup>. No Brasil, não existe qualquer regulamentação em torno dos profissionais que atuam nos centros de formação, havendo, inclusive, uma disputa acirrada entre os portadores de diploma universitário, egressos dos cursos de educação física, e ex-boleiros, portadores de um saber acumulado pela experiência adquirida ao longo da carreira, cada qual tendo vencido um *round* até o presente, como será mostrado adiante.

É difícil avaliar, mesmo tendo freqüentado vários centros, se a formação centralizada - nos departamentos e, no caso dos diplomas mais cobiçadas, em Clairefontaine (centro de treinamentos da FFF) - faz com que os treinamentos sejam mais padronizados do que no Brasil, onde a formação dos formadores é notadamente heterogênea<sup>171</sup>. Como sugeriu Luis Fradua, coordenador técnico da formação do Athletic Club, “não há segredos em treinamento hoje em dia”. Segundo ele, as tecnologias encontram-se disseminadas, dada a facilidade de acesso às

---

<sup>169</sup> O fato de constituir um sistema não é, por si só, motivo para apologias. É claro que, comparando-se Brasil e França, constata-se, rapidamente, que a formação “à brasileira” é anárquica, no sentido de ausência de princípios ordenadores, definidores do que quer que seja, embora o artigo 29 da Lei 9615 determine alguns direitos e deveres dos clubes. Cf <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9615consol.htm/art29](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9615consol.htm/art29)> Acesso em 20 fev. 2005.

<sup>170</sup> São 5 as categorias de jogador de futebol em formação previstas pela legislação francesa: “apprenti” (15 anos); “aspirant” (16-17); “stagiaire” (19-20); “espoir” (17-22) e “professionnel” (a partir dos 18 anos). Para cada qual dessas categorias há normas a serem seguidas pelo clube, com detalhamentos que não vêm ao caso. Até a assinatura de um contrato profissional, no entanto, o clube é inteiramente responsável pela formação escolar. Também existe, nos critérios de classificação dos centros de formação, uma tabela de pontuação para avaliar o número de jogadores aproveitados pelo clube na equipe principal. Quanto maior este índice, melhor a classificação do “centre de formation”. Esses critérios funcionam relativamente bem na medida em que os clubes recebem subvenções estatais pela formação dada aos jovens, sendo, portanto, fiscalizados com rigor. De outra parte, os clubes manipulam estrategicamente suas classificações visando atrair meninos para seus centros. Sabe-se, por exemplo, que um “espoir” do Nantes FC terá maiores chances de vir a ser profissional do que um jovem de mesma condição que está no OM.

<sup>171</sup> De maneira geral, todos os informantes diplomados brasileiros queixam-se da formação deficiente que receberam nas universidades. Claro que não dirão isso abertamente, nos centros de formação, onde o diploma é uma arma apontada para os ex-boleiros. Contudo, é notório que muito do que praticam com os meninos em formação é produto do aprendizado realizado nos próprios locais de formação, vendo, ouvindo e trocando experiências com profissionais que estão a mais tempo no mercado.

bibliotecas virtuais, vídeos, revistas especializadas e, sobretudo, à cultura oral, muito presente nos esportes em geral - sem contar que os jogos são transmitidos em escala planetária e podem ser decodificados pelos experts. A hipótese de Fradua é plausível e até pode ser procedente para o caso dos procedimentos realizados em centros de formação/produção de clubes de elite - eu tive muitas dificuldades para encontrar diferenças entre os procedimentos de Floes, no OM, e de Joel ou de André Luiz, no Inter -, mas não se deve esquecer que boa parte da formação/produção brasileira é realizada fora dos grandes clubes e por pessoas com formações diversas, muitas delas precárias em termos de acesso às produções atualizadas, boa parte em língua estrangeira.

A rigor, cada mestre brasileiro segue sua própria rotina, sendo, inclusive, um atributo de status - “treinar/jogar à Felipão”, por exemplo (TOLEDO, 2000, p. 149-57). Quem não dispor de uma linha pedagógica própria é seguidamente ridicularizado, como um feiticeiro que se serve apenas dos truques alheios, sem originalidade, aura e assim por diante<sup>172</sup>. É perceptível, no entanto, uma certa diferença entre as práticas dos que possuem formação acadêmica daqueles que não a têm. Mais do que um *habitus* incorporado na universidade, a pedagogia dos diplomados é produto do embate permanente com os ex-boleiros, de quem usurparam um filão do mercado laboral, o que não ocorre na França - sendo esta outra diferença importante - na medida em que o sistema de formação, preocupado desde os anos 70 com a reconversão dos atletas, oferece-lhes praticamente a exclusividade desse mercado, sem que sejam molestados pelos STAPS - profissionais com curso universitário, equivalentes aos professores de educação física.

Sabe-se que o treinamento visando à profissionalização, incluindo-se os jogos, impõe determinadas exigências ao corpo que, se não forem adequadamente gerenciadas, podem gerar lesões e seqüelas. Como este argumento é freqüentemente usado pelos profissionais diplomados - ortopedistas, fisiologistas, fisioterapeutas, entre outros -, e não sem interesses corporativos, convém não exagerar em torno dos riscos que o modelo anárquico da formação à brasileira pode acarretar aos jogadores em formação, principalmente quando não se dispõe de dados precisos. Contudo, é mais do que evidente que as fronteiras fluídas dos centros de formação, sobretudo dos que estão vinculados a clubes “laranjas”, oferecem riscos à carreira daqueles que os integram. No caso do Inter, os ex-boleiros, completamente marginalizados durante a gestão que antecedeu Fernando Carvalho, recuperaram terreno com a chegada deste ao poder, ameaçando os diplomados. Como o supervisor do grupo com o qual um desses ex-boleiros trabalhava fosse

---

<sup>172</sup> Cebola, auxiliar-técnico de uma das categorias de base do Inter, perguntado sobre a linha de treinamento que seguia, demorou-se explicando as influências adquiridas com um ex-treinador dos juniores (articuladas a partir dos “pequenos-jogos”), sobre livros didáticos, conversas informais com pessoas que haviam estado “lá fora”. Quando perguntei qual era a “linha” seguida pelo técnico de quem ele era auxiliar à época respondeu, secamente: “do vento”. Afinal estava tentando tomar o posto deste.

contra a presença deles nas categorias de base, mas tivesse que tolerá-las por ordens “da direção”, usou a seguinte estratégia para “ferrar” com o ex-boleiro. Simplesmente silenciou diante de procedimentos demasiadamente repetitivos - como chutes a gol, durante uma sessão completa, que nós presenciamos. Em uma semana, o ex-craque colorado teve metade do time internado no departamento médico com lesões musculares por LER. Sem titulares importantes perdeu seus jogos e acabou sendo remanejado semanas depois.

É difícil avaliar os resultados da formação/produção brasileira. A quantidade de atletas exportados não me parece um parâmetro convincente, nem mesmo a qualidade dos que atuam no mercado de ponta. Afinal, como alegavam seguidamente Floes e Phillippe, do OM, com a quantidade e a qualidade dos dons/talentos brasileiros, não seria difícil de transformá-los em profissionais - o que não é bem verdade. De mais a mais, os resultados da seleção brasileira não deixam margem para descontentamentos, pelo menos nas últimas edições de copas do mundo, o que faz crer que a produção nacional não está em crise, como esteve a francesa no pós-guerra. Assim sendo, ela segue silenciada, o que não é de todo ruim, ao menos para alguns dos agentes do campo futebolístico, cujos ganhos com a anarquia à brasileira é notável.

### **5.3.2 Em torno do desempenho escolar das formações brasileira e francesa**

Por “restaurar a autoridade federal no meio futebolístico”, anteriormente referida como um dos eixos da “Charte”, entenda-se, no que concerne ao “système de formation à la française”, o emparelhamento entre a formação escolar e a formação esportiva. É, nesse ponto, que a comparação entre o modelo francês e o brasileiro expõe as fragilidades deste. É difícil tomar partido em relação à eficácia técnica dos dois modelos, mas é evidente que, do ponto de vista dos atletas em formação, particularmente dos que não terão colocação satisfatória no concorrido mercado de pés-de-obra, o modelo brasileiro deixa muito a desejar. Tal modelo não é apenas diversificado, mas precarizado.

A prática do futebol profissional é restrita, basicamente, às entidades filiadas ao sistema FIFA, como já foi dito anteriormente. Trata-se de um modelo que não se expande indefinidamente na medida em que o clubismo limita a participação de clubes nas disputas e a nacionalização ou internacionalização das mesmas, ao invés de aumentarem, reduzem o mercado de trabalho, pois a expansão desses calendários dá-se em detrimento da compressão dos certames estaduais ou regionais. Desse modo, a tendência é que a elite clubística, que concentra o interesse midiático e, por extensão, o poder econômico, também concentre a distribuição desses recursos entre os atletas que eles empregam. Trata-se de um processo

generalizado, no Brasil ou fora dele, em que um número reduzido de clubes - menos de 20%, entre nós - concentram as possibilidades de trabalho sistemático, durante toda a temporada. Nos demais clubes, as possibilidades de estar empregado são incertas, com contratos reduzidos para três, seis ou oito meses, dependendo da sazonalidade das competições. O fundamental é que o clubismo não se expande e, assim, não gera novos postos de trabalho. Porém, ele gera uma demanda permanente visando incrementar a competitividade entre os profissionais. O resultado disso é a precarização dos salários e das relações de trabalho, cada qual tentando manter seu espaço a todo o custo, como se verá nos capítulos seguintes. Como o próprio esporte dramatiza a eficácia e o rendimento, a competitividade dos treinamentos e dos jogos acaba sendo incorporada às relações de trabalho, numa espécie de naturalização do status quo. Afinal, onde entra a formação/produção nisso tudo? Três pontos são aqui essenciais de serem ventilados, cujos desdobramentos serão detalhados ao longo dos capítulos seguintes.

#### 5.3.2.1 Cultura escolar e cultura esportiva

Em dado evento sobre futebol, daqueles que se fala um pouco sobre tudo, a formação de jogadores ocupou uma parte importante da programação. Um diretor executivo do Grêmio, meu informante de outras investigações, destacou, na abertura do seu pronunciamento, que os atletas do clube estariam recebendo aulas particulares de inglês. Achou conveniente alongar-se sobre o tema logo adiante, listando as vantagens que o clube tinha em oferecer essa modalidade de formação complementar. A principal delas era, obviamente, a de que falando inglês um jogador teria mais facilidades de colocação no mercado europeu, logo, o seu valor seria maior, um tipo de investimento que valia a pena ser feito, segundo o diretor-executivo do Grêmio. À época não tinha iniciado a presente pesquisa, do contrário teria ido direto ao centro de formação do clube, mas provavelmente, se encontrasse alguém estudando inglês por lá, seria um caso isolado.

Dizer que os clubes não têm nenhuma preocupação com a formação complementar seria um erro, pois eu participei, junto com meus informantes colorados, de uma palestra sobre sexualidade. Estavam os meninos e toda a comissão técnica, numa tarde em que o treinamento foi colocado em segundo plano. Tratava-se de uma palestra “gratuita”, promovida pela multinacional Scherring do Brasil e, de mais a mais, os clubes têm muito interesse em regrar a atividade sexual de seus patrimônios. Doenças sexualmente transmissíveis podem tirá-los dos treinos, e gravidez precoce, desestabilizá-los. De todo o modo, houve algo de “complementar” no ano de 2002.



A frequência à escola é que faz a diferença em relação aos centros franceses. Não obstante, a esse respeito não se pode atribuir todas as responsabilidades ao clube, pois é notória a má vontade dos meninos em relação aos bancos escolares, quer pelo fato de serem egressos de camadas populares, para os quais a escola está longe de ser uma instituição privilegiada, quer pelo fato de que o trabalho que realizam, centrado nas atividades práticas, dificulta e por vezes oblitera a disciplina corporal que os bancos escolares demandam. Isso é procedente e serve para amenizar as responsabilidades dos clubes que, a contar pelo Inter, realmente têm dificuldades de fazer os adolescentes estudar, como queixava-se Bernardete, a assistente social colorada - “a



Esportistas, na biblioteca principal do CENS.  
Estratégia da formação “à nantaise” (set 2003).

mãe”, na concepção dos meninos.

Mesmo na França, os investimentos são desiguais. O FC Nantes, tido como centro de vanguarda, construiu, recentemente, em parceria com outros clubes esportivos e a prefeitura da cidade, um centro educativo, em frente ao centro de formação. Segundo seu diretor, Gasnier Gilles (em set. 2003), a formação escolar sempre foi um dos diferenciais da formação “à nantaise”, e com o Centre éducatif nantais pour sportifs (CENS) o clube

mantinha essa tradição. Os meninos do futebol tinham, desde então, a possibilidade de interagir com outros esportistas, com meninas, inclusive, e assim ampliar suas redes de relações com adolescentes com quem possuíam afinidades em termos de experiências no mundo da performance esportiva. “Tem também meninas, eles ficam mais motivados, não querem passar vergonha e acabam estudando mais do que quando estavam só entre eles”, diz M. Gilles. Equipado com biblioteca, salas de aula, laboratórios - biologia, química e línguas -, professores especializados em horários compatíveis aos treinamentos, o CENS também servia como estratégia de convencimento dos pais dos meninos assediados pelo clube, o que demonstra, por si só, algumas diferenças culturais em relação à valorização da formação escolar e, sobretudo, uma preocupação alardeada em razão da reconversão improvável dos futebolistas (SLIMANI, 2000, p. 343). Porém, em Nantes como em qualquer outra parte, os clubes investem porque são exigidos, e priorizam a formação esportiva.

Já em Marseille, os atletas em formação freqüentavam as aulas de língua estrangeira em containers, improvisados no próprio centro de treinamento. Também por isso, o OM é classificado como “categorie 2”, caracterizando-se como um clube com tradição de recrutamento

no mercado e pouco interessado em formação<sup>173</sup>. Ainda assim, estamos a alguma distância do Inter, por exemplo. Na gestão Miranda-Medina (ver próximo capítulo), o Inter fez uma parceria com um colégio da rede privada, situado em frente ao Estádio e a 100 metros do albergue. Segundo as supervisoras, o resultado foi quase desastroso. À exceção de Tainan, dispensado do Inter no início de 2002, no segundo ano de juvenil, e de um outro menino de menos idade, que estava a pouco tempo no colégio, os demais tinham fracassado. Os meninos colorados, segundo uma das supervisoras, só pensavam no futebol, além do que a maioria, egressa de grupos populares, havia freqüentado até então a rede pública de diferentes pontos do Brasil, e tinham que ser colocados em turmas especiais. Havia, por fim, os “exibidos”, que seduziam as meninas - o colégio é de profissão católica -, instigando conflitos com outros meninos e, assim, alterando a rotina da escola. Antes mesmo do final da parceria, Bernardete tratou de distribuir o “pessoal da concentra” em escolas públicas e, principalmente, no supletivo. Segundo Diego, um ex-atleta dispensado, “não tinha como estudar! Eu saía de casa às 8h para pegar o treino às 9h. Treinava até o meio dia, e as vezes à tarde - 3 turnos por semana, ao menos. Chegava no fim do dia táva acabado, e ainda tinha que pegar o trem depois do colégio. Chegava em casa às 11h. Não tinha como, então eu só fiz até o supletivo da 8ª (ensino fundamental) e parei.”

### 5.3.2.2 Futebol em tempo integral

Sem formação complementar, escolar ou de qualquer outra espécie, salvo raríssimas exceções, poucas são as possibilidades dos boleiros em formação agregarem capitais que não sejam os futebolísticos. Eles viajam muito, mas quando chegam à equipe de ponta ou são convocados para a seleção brasileira. Isso ocorre com um grupo seletivo, para quem a formação escolar talvez não faça mesmo diferença. Até os que viajam muito são, no entanto, submetidos ao circuito aeroporto-hotel-estadio-hotel-aeroporto; um shopping em caso de excursões mais longas. A impressão é que os meninos do juvenil, de quem estive próximo, possuem a maturidade de uma pessoa adulta, tais são as experiências às quais eles são submetidos. Porém,

---

<sup>173</sup> Gouguet e Primault, classificam o FC Nantes como um “club formateur par vocation”; o AJ Auxerre como formateur par nécessité” e o AS Cannes “par opportuniste” (2003, p. 26). Poderiam ter incluído mais uma categoria, na qual se encaixaria o OM: formador por obrigação. Segundo meus próprios levantamentos, a partir das transferências de jogadores no início da temporada 2003/04, o Marseille e o PSG eram os dois clubes que mais haviam movimentado o mercado, com 28 e 35 transferências de jogadores, respectivamente, e dois dos que possuíam os menores índices de atletas formados no próprio centro de formação em seus elencos - 11,5% para o OM e 12,5% para o PSG. O FC Nantes, em contrapartida, tinha o maior índice de atletas formados no próprio clube (74%) e era o segundo clube com o menor índice de transferências (12) (Fonte: L'Équipe - Guide Football 2003/2004).

em se tratando de conhecimentos gerais, parecem não ter avançado muito desde quando entraram para os centros de formação. Os formadores têm muitas histórias de “jogador burro” - “O Daniel Carvalho era tão limitado que era preciso explicar os filmes prá ele durante as viagens”, relatou-me um formador. Entre eles mesmos são constantes as gafes e as brincadeiras, especialmente quando o assunto envolve cálculos. Não por acaso, são freqüentes os boleiros que entregam a gestão de seus contratos aos agentes/empresários, como outrora entregavam-no aos dirigentes dos próprios clubes.

O principal ganho com a liberdade da formação “à brasileira” é dos próprios clubes. Sem a necessidade de conciliar a agenda futebolística com a agenda escolar, os atletas em formação, a partir dos juvenis - entre 15 e 17 anos -, são disponibilizados praticamente em tempo integral. Que diferença isso faz? O depoimento de Luiz Fradua Uriondo, diretor técnico do Athletic, é lapidar. “É difícil de formar jogadores aqui [...]. Você não pode exigir muito, além de certos limites, pois o futebol não é a única opção desses jovens. Felizmente a nossa sociedade oferece outras chances. O futebol não é tudo o que eles dispõem [...] Eles não têm a disposição para fazer qualquer coisa, e se aquilo que nós propusermos não agrada, eles deixam o futebol. Talvez no Brasil não seja bem assim [...]” (jan. 2004).

E não é. Não se trata de vitimização de quem quer que seja, mas quando se fala na bem-sucedida formação/produção “à brasileira”, com sua renovação sistemática de talentos invulgares, não se pode deixar de arrolar, entre outros argumentos, que parte do sucesso está dado por elementos que pouco tem a ver com o futebol - e muito menos com talento inato ou coisa do gênero. Nesse particular, o processo de formação/produção de futebolistas revela-se estratégico na medida em que possibilita o acesso, por uma via ainda pouco explorada, às tramas da sociedade e da cultura locais. Estado, multinacional esportiva, clubes de futebol, meninos, pedagogos, sonhos, desejos de redenção social e econômica, clubismo, cultura popular, agenciadores, mercado de profissão e de profissionais, são alguns dos dispositivos heteróclitos que se encaixam de maneira tal que o Brasil seja internacionalmente reconhecido como um celeiro de craques, abastecendo o mercado voltado à produção de bens simbólicos de vários países do mundo e, particularmente, da Europa ocidental.

## **6 A CONFIGURAÇÃO COLORADA: Um modelo de formação/produção híbrida**

Este capítulo é continuação daquele que o precede, embora reserve certa especificidade. Tem como objeto principal os dispositivos da formação/produção de futebolistas, sendo agora descritos a partir de uma configuração particular: o Sport Club Internacional. No capítulo anterior, foi conceituado, rapidamente, o modelo de produção híbrida, um processo que combina tanto a lógica endógena (ou vocacional) quanto a exógena (ou mercadológica). Todavia, a produção híbrida não é o meio termo das duas outras, mas um modelo no qual ambas são acionadas pelos agentes que a constituem.

A formação/produção é um processo altamente competitivo do ponto de vista dos atletas. Como já foi explicitado no capítulo anterior, o mercado de pé-de-obra tem poucas possibilidades de expansão num contexto como o Brasil, em que o clubismo está relativamente estabilizado. Há, em contrapartida, possibilidades de emprego no mercado internacional, mas como foi mostrado, boa parte dessas oportunidades são em países futebolisticamente periféricos ou em clubes de 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> divisões, por vezes amadores. Não é com essa expectativa que os meninos entram para os centros de formação. O projeto deles é um sonho, e como tal ambicioso: a seleção brasileira, os grandes clubes europeus, o Inter, as páginas dos jornais, o assédio feminino e por aí afora. São adolescentes, razão pela qual as projeções um tanto exageradas são compreensíveis; a maior parte vem de grupos populares, já experimentados com as agruras da pobreza e não acreditam que as portas que lhe foram abertas possam ser fechadas em seguida; são investidos por representações de masculinidade que os tornam propensos aos riscos e aos desafios que a carreira apresenta; nenhum dos que conheci sequer suspeita de que não tenha dom, mesmo os que foram dispensados prematuramente.

De outra parte, há o clube, a torcida, os dirigentes, agentes empresários, cronistas, formadores, familiares, amigos, namoradas e outros tipos circulando pelos espaços da

formação/produção. Nem sempre estão à beira do campo, mas a presença deles é sentida pelos meninos. O que segue não é uma descrição do que seja “a formação colorada”, mas uma demonstração de como a carreira de futebolista vai constituindo-se em meio à trama de uma configuração clubística. O capítulo seguinte trabalha com os dispositivos que estão no entorno dos campos de futebol, espaços por excelência de investimento dos capitais futebolísticos. Aqui, no entanto, privilegia-se um espaço mais amplo, o entorno do clube, partindo-se do pressuposto de que o clube é um espaço de produção de crenças. “Le club fonctionne lui-même comme un champ de position sur lequel se réalisent de multiples interactions entre des individus et des groups qui font la vie du club [...]. C’est par un effet de ce travail collectif de mobilisation [...] que le club vient à prendre une sorte de personnalité dotée de vertus propres inscrites dans la durée [...]” (FAURE e SUAUD, 1999, p. 156).

Nessa perspectiva, apresento, primeiramente, uma panorâmica do que vem a ser o Internacional. Recupero algumas formulações suscitadas no capítulo 2, sobre o pertencimento clubístico, recorrendo, quando necessário, a argumentos em diacronia para tratar da construção da identidade social do Inter, como totem que representa uma dada comunidade afetiva, e ao mesmo tempo, como entidade político-administrativa imbuída de governar um time que atende às demandas da comunidade totêmica. A segunda parte objetiva mostrar como a produção/formação de jogadores está tramada ao clube, a seus dirigentes, às suas políticas de governança, intrigas e outros elementos que dão ao clube um colorido apimentado. Serão focalizadas as interações entre indivíduos concretos, explicitando a maneira como os futebolistas forjam um complexo de relações. A preocupação não é fixar-se num ou noutro ponto de vista dos agentes, embora eu tenha estado a maior parte do tempo entre os atletas e a comissão técnica da categoria juvenil. O objetivo é o processo, as tramas e as interações que elas produzem. Enquanto os capítulos 2 e 3 possuíam um tom mais formal e conceitual, aqui serão privilegiados os fluxos entre o pertencimento dos torcedores e o dom dos boleiros em formação.

## **6.1 A CONSTITUIÇÃO E A GESTÃO DOS PATRIMÔNIOS COLORADOS**

### **6.1.1 O totem, o clube e a comunidade político-afetiva**

O Sport Club Internacional foi fundado em 1909 e seus primeiros anos foram de um clube mambembe, tendo realizado seus jogos nas cercanias da Ilhota, antiga vila de alforriados; depois na várzea da Redenção, onde atualmente situa-se o parque homônimo; e, finalmente, na Chácara dos Eucaliptos, entre a Getúlio Vargas e a Érico Verissimo, no atual CETE (Centro de

Treinamento Esportivo)<sup>174</sup>. Dali o clube mudou-se para o primeiro terreno de sua propriedade, no qual edificou o novo Eucaliptos, no início dos anos 30, cujas ruínas encontram-se à mostra no miolo do bairro Menino Deus. O Eucaliptos foi obra de Ildo Meneghetti, mais tarde eleito governador do Rio Grande do Sul, e foi nele que se realizaram os jogos da Copa de 1950<sup>175</sup>. Já o Beira-Rio, situado às margens do estuário do Guaíba, também no Menino Deus, foi inaugurado em 1969, mas começou a ser construído 12 anos antes. O terreno doado pela prefeitura era, de fato, parte do Guaíba, e teve de ser forjado. Aterros subseqüentes aumentaram significativamente os 13 hectares originais. No entorno do estádio, foi construído o Gigantinho, um ginásio com capacidade para 15.000 pessoas, um parque com piscinas e quadras de tênis, campos de treinamento, estacionamento, capela e outros equipamentos. O centro de formação funciona nesse complexo.

Trata-se de um clube à beira de seu centenário, um dos 13 que fazem parte da elite clubística brasileira, com considerável patrimônio material e simbólico. Constituído como arquirrival do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, o Inter não é voltado exclusivamente para o futebol de espetáculo, mas esta é, sem dúvidas, sua razão para existir. O Inter é, desde longa data, uma instituição totemizada e quem a ela pertence se diz “colorado” - só alguns poucos torcedores de mais idade usam o termo “internacionalista”. Existe a “nação colorada”, auto-denominação dos torcedores para se referirem ao conjunto dos que torcem pelo Inter; o “Genoma Colorado”, um projeto de recrutamento de talentos ao qual retornarei oportunamente; o “Fanaticolorado”, um tablóide de 4 páginas sem vínculo institucional, distribuído gratuitamente para os torcedores; canta-se “Sou colorado, com muito orgulho, no coração...” e “Dá-lhe, dá-lhe colorado...”.

A adoção do termo “colorado” deve-se, muito provavelmente, a uma série de convergências, a primeira delas dada pelo predomínio da cor vermelha<sup>176</sup> no uniforme do time, homenagem dos sócios-fundadores a uma associação carnavalesca da época. Não se deve esquecer também que a cor vermelha identifica os maragatos e um dos dirigentes colorados, Antenor Lemos - presidente do Inter em 1920, 21, 22 e 26 e presidente da Federação Rio-

<sup>174</sup> As informações sobre a trajetória institucional do Inter podem ser encontradas, com mais detalhes, em Damo (2002a, p. 58-120). Elas são o produto de pesquisa documental, em fontes escritas do próprio clube ou em periódicos de época, sendo importante referir também as contribuições de Coimbra e Noronha (1994), Coimbra, Noronha e Souza (2004), Lopes dos Santos (1975) e Diestmann (1987).

<sup>175</sup> Atualmente o espaço foi convertido numa espécie de centro de lazer e treinamento, depois de ter sido abandonado e, de tempos em tempos, ser tema de boataria na mídia, com especulações em torno da destinação da área, valorizadíssima em razão da extensão (um quarteirão) e da localização, em bairro de classe média, próximo ao centro. À noite e aos finais de semana, as quadras de grama sintética são alugadas para a bricolagem futebolística, e nos dias de semana os garotos das seleções da Escola Rubra dispõem-nas para os treinamentos.

<sup>176</sup> Segundo o dicionário Houaiss, do latim, *colorátus*, equivale a “colorido, corado”, podendo ser usado como sinônimo de vermelho.

Grandense de Football entre 1927 e 1930 -, era militante fanático e notório provocador<sup>177</sup>. Quaisquer que sejam as razões que levaram à adoção e à consolidação do adjetivo “colorado” em detrimento de “internacionalista” - o tema renderia, sem dúvidas, uma boa monografia - é notável que este último tenha desaparecido quase por completo. Até mesmo os gremistas usam o termo “colorado” para referir-se, quase sempre pejorativamente, aos torcedores do Inter, como num “cântico de estádio”, adaptado de “Explode Coração”, samba-enredo do Salgueiro, campeão do carnaval carioca em 1989, em evidência no princípio dos anos de 1990: “Explode chiqueirão [Beira-Rio]/Pra soltar a macacada/Eu vou chamar o Ibama/Pra dar banana pra torcida colorada/Explode...”. Como este existiu, desde longa data, cânticos, xingamentos e anedotas racistas nas quais a torcida do Inter é reconhecida como “popular” e, particularmente, “negra”.

Do ponto de vista simbólico, essas categorias são fundamentais para se compreender o poder do clubismo, na medida em que tramam o futebol de espetáculo a categorias sociais de uso alargado e, preferencialmente, polêmicas. Os clubes são bons para se torcer também porque são bons para se pensar e isso só é possível na medida em que possuem uma duração no tempo, ao contrário dos times, em mutação a cada temporada. Os clubes estabelecem um nexos entre o passado e o presente, sobretudo porque organizam times para debater-se com outros clubes e, portanto, outros totens. Se “nós” representamos o “popular” e o “negro”, “eles” representam a “elite” e o “branco”, mas isso não implica, por conseguinte, que os afro-descendentes torçam pelo Inter, nem que os euro-descendentes inclinem-se pelo Grêmio<sup>178</sup>.

---

<sup>177</sup> Maragato fora a alcunha dada aos adeptos do Movimento Federalista (1893), de oposição à Júlio de Castilhos, e também aos membros do Partido Libertador, que em 1923 opôs-se ao então governador do Rio Grande do Sul, Borges de Medeiros. A pecha foi atribuição dos castilhistas aos parlamentares que lhes faziam oposição e possuía, na origem, uma conotação pejorativa, mais tarde ressemantizada pelos próprios maragatos (MORAES, 1964, p. 288-9; CASCUDO, 2001, p. 362-4). De mais a mais, o Grêmio deteve, salvo um ou outro percalço, a hegemonia do futebol porto-alegrense até o final dos anos 30. Aurélio de Lima Py, o político de maior influência no Grêmio e no futebol gaúcho durante aquele período, era deputado do Partido Republicano Rio-Grandense, de índole positivista e base de sustentação de Borges de Medeiros, duas razões em acréscimo para consolidar a identificação do Inter como “maragato” ou, simplesmente, “colorado”. E como quase tudo no Rio Grande do Sul tem seu contrário, chimango é o par de maragato.

<sup>178</sup> Na noite anterior à revisão deste parágrafo, presenciei um gremista ironizando a progressão do Inter numa competição sul-americana nos seguintes termos: “Bem, já conheceram a Colômbia e agora vão conhecer a Argentina”, referindo-se à classificação colorada diante do Junior de Barranquilla e ao confronto contra o Boca Juniors, em Buenos Aires. “Conhecem também o Paraguai. Quer dizer: a Ponte da Amizade e Ciudad del Este, onde vão fazer compras de Natal!”. Se fosse um condômino fazendo graça do porteiro a brincadeira bem poderia ser interpretada como de mau-gosto, pois Ciudad del Este abastece as encomendas de Papai Noel das classes populares. No entanto, era o garçom de um *trailer* de cachorro-quente quem “tirava onda” de um freguês colorado, com quem parecia ter muita intimidade, ao menos para jocosidades dessa ordem. A gozação dá bem a idéia de como as categorias elite/popular possuem uma margem alargada de aplicabilidade no espectro do clubismo. Sobre a distribuição de gremista e colorados entre as classes sociais cf. capítulo 2.

Não existe totem futebolístico sem pertencer ao clubismo. Para integrar a elite desse sistema, aquele com representatividade nacional, o Inter teve de ser investido no passado e deve continuar sendo no presente, em diferentes direções. Possuir um bom time é condição fundamental e, para tal, é necessário capital econômico, que pode ser mobilizado entre a comunidade de pertença. Porém, isso não basta. Para ser um bom totem é preciso um incessante investimento representacional. As jocosidades, por exemplo, que circulam à margem do controle institucional, não são suficientes para sustentar uma rivalidade como a Gre-Nal, sendo imprescindível dotar a trajetória dos clubes com narrativas e rituais de cunho oficial. Comemoram-se datas, homenageiam ex-jogadores e dirigentes, fazem publicar livros ditos de história, criam museus, patrulham as opiniões dos cronistas esportivos e assim por diante. Afinal, é preciso dotar a nação clubística, nesse caso a colorada, de um conjunto de símbolos a serem partilhados, condição indispensável para a existência de um “nós”. Tal produção deve ser incessante e criativa, não abrindo mão das narrativas míticas, como é recorrente na origem e na atualização dos nacionalismos<sup>179</sup>.

Os militantes de esquerda - no Rio Grande do Sul, território imaginado dos colorados, há muitos deles, sabidamente - vêem o futebol de espetáculo com certa ambivalência, pois incita a competitividade, a euforia, aproxima padrões de empregados e separa estes em comunidades rivais, portanto, aliena. O problema é que muitos se fazem militantes depois de terem se tornado colorados e nem todos são capazes de sublimar a paixão clubística, inclusive pelo fato de que ela proporciona um espetáculo admirável aos olhos desses mesmos militantes: a *communitas*, um estádio coeso em torno de uma mesma bandeira, um time lutando pela causa de uma comunidade, jogadores sacrificando-se pela causa da torcida. Enfim, se Drummond estiver certo e, portanto, torcer é uma forma de expressar emoções políticas, há boas razões para que militantes de esquerda signifiquem o clubismo noutra chave que não a da alienação. E o Inter presta-se muito bem para uma narrativa mítica de viés esquerdista, a começar pelo nome, “internacional”. Soma-se ao predomínio da cor vermelha o fato do “outro” ter sido fundado por teuto-brasileiros enquanto o Inter foi obra dos irmãos Poppe, filhos de imigrantes italianos, vindos de São Paulo a Porto Alegre para trabalhar no comércio. E há quem diga que os Poppe, recém chegados à cidade, teriam sido rejeitados pelos gremistas, enfim, com tantos elementos para um mito de origem, por que recorrer à história? Na medida em que se quer tanto conciliar o engajamento clubístico com o político-partidário, por que não acreditar que os Poppe eram

---

<sup>179</sup> Para uma discussão acerca do uso e das propriedades das narrativas míticas nas representações da nação moderna cf. Oliven (1992, p. 13-29).



comunistas, ou simpatizantes, ao menos, e que o Inter foi, desde sua origem, um clube de excluídos<sup>180</sup>?

Várias referências foram feitas nesta tese acerca do paralelo entre o clubismo e o nacionalismo, mas é preciso abrir um breve parêntese e retomar o tema, condição para compreender como se articulam as dimensões totêmica - abordada no capítulo 2 - e político-administrativa de clube. Como existe, inclusive, uma extensa bibliografia a respeito, pode-se trabalhar aqui com uma representação esquemática, como a exposta no **Quadro 6.1**, a seguir, traçando paralelos entre a organização social e política do Estado-nação e do Clube-torcida de futebol. Compreende-se a maneira como se configuram os grupos de pertencimento no campo do futebol quando se faz uso de certas ferramentas conceituais pinçados da literatura sobre nacionalismo, dentre elas as noções de “comunidade de sentimento” (Weber, 1974) e de “comunidade de sentimento imaginada” (Anderson, 1989), entre outros<sup>181</sup>. De outra parte, encontra-se amplamente disseminado, no universo futebolístico, o uso nativo do termo “nação” como auto-representação de pertencimento a uma dada coletividade, suplantando, inclusive, os termos “família”, “massa” e “galera”, muito usados em outros períodos. Isso faz crer, como tenho argüido também em outros momentos, que o aparato simbólico do Estado-nação foi incorporado tanto ao modelo de gestão institucional do futebol de espetáculo, pelas agências FIFA-IB, quanto às representações que fazem delas os agentes sociais, pois são simultaneamente cidadãos e torcedores.

---

<sup>180</sup> Em outra ocasião (DAMO, 1998), fiz questão de desconstruir, um a um, os indícios de protocunismo que cercam o Internacional e, em seu lugar, propus a seguinte chave interpretativa para a atitude dos Poppe: qualquer que fosse a ideologia que seguissem, eram recém-chegados à cidade e não possuíam quem os indicasse para pertencer ao Grêmio, um clube hermético. Faltou-me provar que os Poppe não eram militantes de esquerda, razão pela qual a proposição de então não é definitiva. Por mais que, creio eu, o coloradismo de esquerda tenha uma construção mítica, devo reconhecer sua eficácia e não mais pretendo levantar-me contra ele. Em parte, porque acredito, agora, não ser muito elegante ao antropólogo debater-se com as interpretações nativas, mesmo quando estereotipadas. De outra parte, porque tais construções precisam ser compreendidas a partir de seus mecanismos de eficácia simbólica e não desmistificá-los. De mais a mais, tenho muitos amigos de esquerda, coloradíssimos, e não desejo mais aborrecê-los.

<sup>181</sup> Ambas as categorias são de uso ostensivo na literatura especializada sobre futebol. Para uma argüição mais detalhada a respeito cf. Souza (1996). Outras referências serão incorporadas por ocasião da discussão acerca do tema futebol e identidade nacional, no capítulo 6, quando outros autores serão referidos.

### Quadro 6.1 - Nacionalismo e clubismo

Estado-nação	Clube-torcida
Território geográfico bem demarcado	Território imaginado - os colorados concentram-se, basicamente, no Rio Grande do Sul e nos demais Estados onde há imigrantes sul-rio-grandenses, como no oeste catarinense e paranaense e nos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul <sup>182</sup>
Capital, centro-administrativo, local onde se concentra imaginariamente o poder	Estádio Beira-Rio - a “casa do Inter”, território de domínio colorado, onde a torcida exige que o time se imponha, vença, faça-se respeitar, etc.
Monopólio do uso legítimo da violência	Isto é, como se sabe, um privilégio que o Estado só delega em circunstâncias especiais. Embora os clubes contratem seguranças para proteger seus atletas e seu patrimônio, as forças repressivas do Estado são constantemente demandadas.
Chefe de estado	Presidente do clube
Parlamento e partidos políticos	Conselho deliberativo e facções internas - InterAção, Inter 2000, Inter Grande, entre outros.
Movimentos sociais	Torcidas Organizadas
Cidadãos (indivíduos de direito)	Torcedores, sócios
Nacionalismo (brasilidade, italianidade...); mitos e ritos	Clubismo - coloradismo, seus ritos e mitos
Língua oficial como código de comunicação	Cores (código visual), cânticos e xingamentos (códigos acústicos)
Poder judiciário	Justiça esportiva, nesse caso em escala regional, nacional e supranacional, conforme as agências gestoras das competições
Entidades supranacionais - ONU, OTAN, G8...	Associações de clubes e federações - FIFA, CONMEBOL, Clube dos Treze...
Representatividade junto a outros Estados como consulado e embaixada	Tanto Grêmio quanto o Inter possuem uma extensa rede de representantes espalhados pelo interior do Estado, pelo Brasil e mesmo fora dele, denominados de “cônsules”

Não apenas no Brasil, mas em quase todos os Estados ocidentais, a organização esportiva é um poder delegado, razão pela qual as agências futebolísticas, como a CBF e suas subsidiárias, confundem-se facilmente com as agências governamentais. De outra parte, a organização esportiva e, particularmente, a futebolística, não se deu por acaso, nem da noite para o dia. Trata-se de um processo em relação ao qual as agências governamentais desempenharam um papel decisivo, podendo-se afirmar, sem margem de equívoco, que a organização do futebol como espetáculo declina da lógica estatal. O trânsito intenso de dirigentes de futebol pelos interstícios do Estado - seja do aparato administrativo, legislativo ou judiciário -, fez migrar não apenas uma espécie de “mentalidade de gestão”, senão que muitas representações acerca da nação<sup>183</sup>. Finalmente, parece razoável crer que uma instituição englobante como o Estado,

<sup>182</sup> Um levantamento por mim realizado em 1998 mostrou haver uma correlação muito próxima entre a distribuição de CTGs (Centros de Tradições Gaúchas), de consulados do Grêmio e de emissoras de rádio que retransmitiam os jogos com o sinal da Rádio Gaúcha (DAMO, 1998, anexos).

<sup>183</sup> A partir da década de 1970 e, particularmente, nos últimos anos, tem-se processado uma mudança expressiva na gestão administrativa dos clubes. As mudanças devem-se às exigências mercadológicas e às

concentrador de diferentes “tipos de capital”<sup>184</sup>, reproduza-se, ao menos em parte, em outras instituições sociais, com tanto mais propriedade quanto mais uso fizer delas, e este é o caso do futebol de espetáculo<sup>185</sup>.

Concluído o parêntese, pode-se retomar, então, a questão do coloradismo e, mais especificamente, a constituição de um imaginário clubístico, sem o qual não seria possível compreender uma das razões pelas quais os colorados reivindicam do Inter uma produção caseira de futebolistas. Para que o Inter pudesse tornar-se e manter um totem, foi e segue sendo necessária intensa militância dos colorados. Concomitante aos investimentos simbólicos, tal qual o “mito de origem em versão esquerdista” e outras narrativas, em relação às quais o imaginário e a memória seletiva atuam em paralelo, é preciso que o time jogue e por vezes vença, mantendo o clube entre a elite, condição indispensável para que seja um totem respeitável. Sem isso, a comunidade de pertença corre o risco de se dispersar, adotando outros totens.

É para essa modalidade de investimento que concorre a dimensão institucional propriamente dita e é, nesse ponto, que o modelo híbrido de produção/formação de futebolistas começa a ser desenhado. Num piscar de olhos, o Inter já não é mais apenas totem, mas uma instituição político-administrativa. É administrativa na medida em que necessita gerir o patrimônio material, sejam as edificações (estádio, locais de treino, etc.) ou dividendos pecuniários (compra e venda de atletas, arrecadação com eventos, entre outros); o patrimônio social, dado pela reputação do clube no espectro do clubismo, e não apenas entre os colorados; o patrimônio simbólico, dado pelo reconhecimento junto a seus torcedores, daí porque necessita-se de um museu, de *site* e mesmo da venda de objetos identificados com o clube, pois eles servem como códigos visuais a partir dos quais os torcedores se reconhecem como membros de uma mesma comunidade afetiva, especialmente em circunstâncias rituais. Porém é para gerir o departamento de futebol e, particularmente, a equipe principal, incluindo-se atletas e membros da comissão técnica, que está voltada boa parte da estrutura administrativa do Inter e, acredito, de todos os principais clubes de futebol<sup>186</sup>.

---

tecnologias, bem como os tecnólogos têm sido buscados na economia de mercado, com ênfase para as áreas de administração e marketing. Sobre o caso brasileiro cf. Proni (2000).

<sup>184</sup> “O Estado é resultado de um processo de concentração de diferentes tipos de capital, capital de força física ou de instrumentos de coerção (exército, polícia), capital econômico, capital cultural, [...] constitui o Estado como detentor de uma espécie de metacapital [...]” (Bourdieu, 1996, p. 99).

<sup>185</sup> Cf. Alabarces (2002, p. 65-82), especialmente “Conciliaciones y Panteones: la patria desportiva en el peronismo”.

<sup>186</sup> São aproximadamente 450 empregados, boa parte deles em funções administrativas e uma folha de pagamento mensal de 900 mil reais, só com os profissionais do futebol (Correio do Povo, 19/01/2001). Manter uma instituição com orçamento de município de porte médio exige, por certo, competências extra-esportivas, razão pela qual alguns profissionais são contratados, serviços são delegados e outros tantos são realizados por voluntários, por amor, interesse ou por ambos ao mesmo tempo.

O Inter é também uma instituição política. Diferentemente do RS FC, de propriedade da Talento S/A, como visto no capítulo anterior, o Inter é uma “entidade de prática desportiva” sem fins lucrativos. Nesse caso, a legislação específica determina que a entidade possua um estatuto e nele conste a obrigatoriedade da possibilidade de alternância de poder, entre outros. Em outras palavras, o Inter está mais próximo de uma entidade pública, como uma prefeitura, por exemplo, do que de uma empresa de capital privado, o que reforça, como mostrado no quadro anterior, as representações entre Estado-nação e Clube-torcida. O Inter possui em torno de 8.000 sócios subdivididos em 9 categorias<sup>187</sup>. Os associados são torcedores diferenciados, tendo certas prerrogativas que não estão ao alcance de todos os colorados. A maior parte deles adquire o direito a voto nas eleições de diretoria e do conselho deliberativo, mediante o pagamento de mensalidade, enquanto outros recebem tal concessão depois de “relevantes serviços prestados” à instituição, como no caso dos sócios beneméritos. É entre os associados que se constitui um núcleo ainda mais restrito, denominado de “conselho deliberativo”, cuja atuação assemelha-se, para não dizer que reproduz, a atuação dos parlamentares<sup>188</sup>.

Quando o clubismo implementou-se no Brasil, mesmo antes do futebol, o país vivia a transição republicana. Para os padrões da época, a gestão dos clubes esportivos, e os de futebol em particular, contrastava com a maior parte das instituições nacionais herdadas do império e do colonialismo. Na esteira da importação de costumes europeus e de símbolos de modernidade em geral, a gestão democrática dos clubes esportivos veio a reboque das práticas propriamente ditas, e ambas foram como símbolo do homem-novo: moderno, liberal e de espírito cavalheiresco. Podemos afirmar que clubes como o Grêmio, por exemplo, eram herméticos, mas não podemos dizer que, internamente, não fossem seguidos os cânones democráticos: direito à voz, à contestação, ao voto direto dos associados na escolha dos dirigentes, entre outros. Foi por volta dos anos de 30/40 que os clubes tornaram-se menos democráticos, ou por outra, promoveram uma acomodação dos direitos e deveres dos associados, separando dentre eles um grupo seleta com mais direitos do que os demais. Com um pouco de sarcasmo pode-se dizer que houve um processo de *curialização* tardio ou, simplesmente, que a criação dos conselhos é parte

---

<sup>187</sup> As categorias de sócio constantes no estatutos do Inter são as seguintes: Benemérito, honorário, remido, patrimonial, contribuinte, paraninfo, colaborador, atleta, atleta laureado. A grande maioria dos sócios enquadra-se na categoria “contribuinte” e o número estimado de associados com a mensalidade em dia tende a oscilar em torno dos 5 mil, dependendo da campanha do time nas competições ao longo do ano. Para maiores informações consultar o regimento, disponível em: <<http://www.internacional.com.br>> Acesso em: 28 fev. 2005.

<sup>188</sup> O Conselho Deliberativo do Inter é composto por 326 sócios e renovado de dois em dois anos, a partir da apresentação de chapas, sem no entanto haver proporcionalidade – o que tende à bipolarização. É do interior do conselho que surgem as facções políticas, modalidade de partidos, e é dentre os conselheiros que emergem os presidentes e vices cujos cargos são preenchidos pela via eleitoral. Informação obtida em: <<http://www.internacional.com.br>> Acesso em: 15 jun. 2005.

da democratização funcional ocorrida com a derrocada do amadorismo - voltarei ao assunto no capítulo 9.

Os clubes se tornaram, ao longo da espetacularização, objetos de crença e de adoração para além de seus associados; eles se totemizaram, massificaram, popularizaram, enfim, deixaram de ser instituições fechadas, seletivas e segregacionistas<sup>189</sup>. A regra foi clara: ou o clube se abria à popularização ou abandonava o futebol, e não foram poucos os que adotaram a segunda perspectiva. Os sócios aumentaram em número, em diversidade de opiniões e de pertencimentos de credos, classes, etnias e, por isso mesmo, tornaram-se uma ameaça para os que, até então, dominavam a gestão de clubes já tradicionais, como o Grêmio e o Inter. A estratégia conservadora deu conta da criação de um dispositivo no interior do próprio quadro de associados, constituindo um grupo de notáveis, com 200 ou 300 homens e, eventualmente, uma ou outra mulher. Desde então, a gestão política e administrativa dos clubes deixou de ser algo ao alcance dos associados, sendo que jamais foi aberta aos torcedores em geral<sup>190</sup>.

Enfim, são os conselheiros que elegem os presidentes, embora o Inter tenha, em 2001, alterado seu estatuto. Desde então, os conselheiros fazem uma espécie de referendo entre as chapas inscritas e indicam as duas mais votadas para que os sócios procedam, então, à escolha definitiva<sup>191</sup>. Seguindo-se o regime presidencialista, o chefe eleito por mandato de dois anos tem autonomia para gerir o clube de acordo com as normas estatutárias do mesmo, sendo o governo fiscalizado pelos conselheiros. Além do presidente, são eleitos dois vice-presidentes. As demais vice-presidências são ocupadas por conselheiros da confiança do presidente e do grupo político que o elegeu, com composições eventuais, bem entendido. As vice-presidências são espécies de ministérios e, a partir delas, articula-se a gestão do clube<sup>192</sup>. Disposta lado a lado com as outras

---

<sup>189</sup> Sobre o “clube como objeto de crença” cf. Faure e Suaud (1999, p. 149-190).

<sup>190</sup> A “corte” é recrutada entre os sócios, mas isso não é tudo. São profissionais liberais, empresários, comerciantes, políticos, enfim, pessoas que pertencem, em sua grande maioria, às camadas médias-altas e às elites econômica e social. Como eles próprios definem os critérios de inclusão e exclusão no círculo do poder, reproduziram-se por mais de meio século sem serem molestados, a partir de um argumento que agora tornou-se um tanto obsoleto – até no Grêmio! -, segundo o qual as eleições à presidência dos clubes não poderia ser direta, pois se assim o fosse haveria o risco desta ser entregue a sócios-torcedores passionais, escolhidos precipitadamente. Substitua-se “sócios” por “cidadãos” e teremos o argumento universal dos regimes de excessão, o que dá idéia também das mentalidades “cortesãs”.

<sup>191</sup> Em tese, os conselheiros salvaguardam os interesses do clube, bloqueando a participação de “aventureiros”. Na prática, o processo satisfaz um desejo de participação direta dos associados, mas restringe a possibilidade de um debate aberto, como poderia ser o caso de haver uma escolha direta, mesmo que restrita aos associados. Pelo sim ou pelo não, nas duas eleições subsequentes, as mudanças estatutárias candidataram-se e foram eleitos homens de longa trajetória na “corte”.

<sup>192</sup> No Inter, são 10 no total: Finanças, Patrimônio, Administração, Marketing, Comunicação Social, Futebol Profissional, Esporte Amador, Serviços Jurídicos, Parque Gigante e Serviços Especializados, além da Secretaria Geral e da Ouvidoria. Cada vice-presidência possui ao menos um “diretor” e algumas possuem também “gerente”, sendo tais cargos de conotação preponderantemente técnica e remunerados.

vice-presidências no organograma político-administrativo, a de Futebol Profissional é certamente aquela que concentra o interesse, a visibilidade e o prestígio, entre todos os agentes do campo.

Um clube presta-se, em última instância, a gerir um time; para fazê-lo vencedor e, por extensão, proporcionar alegrias aos torcedores e posicioná-los como ativos nas trocas jocosas. Se tal condição é satisfeita, mesmo uma gestão despótica e fraudulenta terá poucas chances de vir a ser contestada, ou só o será na posteridade. Montar equipes vencedoras é a principal reivindicação da nação torcedora, sendo dissecados, em detalhes, nas mesas de bar, os diferentes aspectos desse processo, razão pela qual, como argüido alhures, as discussões entre torcedores extrapolam, seguidamente, o espectro propriamente esportivo. Discutem as estratégias de gestão financeira, de compra e venda de atletas, mas também fala-se sobre estratégias políticas, de pressão ou conchavo com outros dirigentes e instituições. Escalam jogadores, comentam erros de arbitragem, gozam os rivais e fazem luto nas derrotas, sendo estas e outras atitudes encompassadas pelo desempenho do time<sup>193</sup>.

A produção/formação de jogadores, pelo menos no Inter, tem recebido tratamento de “política de estado”, tamanho é seu interesse estratégico, como será visto em seguida. Como tal, a formação é sujeita às configurações de poder que se constituem no clube, sendo incompletas as representações que se fazem na maior parte dos livros didáticos sobre formação de jogadores, organização das categorias de base e processos correlatos. Nesses manuais, a dimensão política é simplesmente suprimida. Acredito que isso revele, entre outras coisas, uma representação idealizada desses que são, quase sempre, profissionais da área de educação física, contratados como técnicos de gestão pedagógica e administrativa, e desejosos de terem seus poderes ampliados, pois, na atual conjuntura clubística, são sujeitos ao governo dos dirigentes - também conhecidos como “cartolas”. Na última parte deste capítulo, trabalharei com episódios de campo que ilustram como o processo de formação/produção é entrecortado por essas redes, cujos interesses seguidamente divergem. Por hora, é preciso reforçar a idéia de que a produção/formação de futebolistas, em quaisquer de seus modelos, especialmente no híbrido, como o colorado, responde satisfatoriamente ao tratamento teórico e metodológico de uma

---

Os cargos de vice-presidentes são de cunho político e não são remunerados, ao menos até o presente, sendo que seus ocupantes normalmente dedicam-se a eles em tempo parcial.

<sup>193</sup> Todavia, os argumentos de que aos torcedores só interessa “a bola na rede”, “a vitória do time”, “a taça”, “a faixa de campeão” e outros na mesma linha são reducionistas e por vezes encobrem uma representação autoritária. Com tais argumentos, excluem-se os torcedores-cidadãos do direito à participação na esfera política e administrativa dos clubes pelos quais torcem. É certo que não existe, salvo algumas exceções, movimentos de torcedores objetivando, claramente, a democratização do poder nos clubes, ou quando eles existem tendem, muito seguidamente, a serem sufocados ou redirecionados, quer pelos dirigentes, quer pelos mediadores especializados.

configuração social como outra qualquer. Com tais argumentos, espero ter dado um passo importante para fazer crer que não se forjam atletas apenas nos campos de treinamento, e mesmo esses não são meros espaços físicos, senão que correspondem a determinados espaços de relações e como tal sujeitos a jogos que excedem consideravelmente o âmbito do futebol.

### **6.1.2 O clube, o time e as políticas de recrutamento de futebolistas**

As políticas do clube definem as estratégias de recrutamento do jogadores, e estes contribuem, significativamente, para forjar a imagem do clube. É certo que o valor econômico é um componente importante nas estratégias de recrutamento. Todavia, no valor de mercado de um jogador está incluso um leque extenso de atributos simbólicos, afinal é em pessoas que estão etiquetando um preço. Os dois segmentos a seguir são uma breve síntese de como o recrutamento pode ser estratégico na construção da identificação de um clube e, por extensão, de uma crença disseminada entre a comunidade de sentimento que a ele pertence. Dizem que o Inter é o clube dos populares e dos negros, enquanto o Grêmio seria o clube da elite e dos brancos, mas acabei de mostrar que Grêmio e Inter são praticamente idênticos do ponto de vista político - elitistas e conservadores. Veremos, a seguir, como eles são próximos e ao mesmo tempo distantes do ponto de vista do recrutamento estratégico de jogadores.

#### 6.1.2.1 “Era negro? Era bom? Era nosso!”

O Inter estabeleceu-se, no cenário do clubismo, recrutando *outsiders*. Porém isso não ocorreu desde a fundação, nem sem critérios. No curso de sua trajetória de quase um século, o clube adotou, basicamente, os procedimentos de outras agremiações brasileiras no que concerne ao recrutamento de atletas, divergindo estrategicamente de seu arquirrival, pelo menos durante a primeira metade do século XX. Nos primórdios, ainda sob a égide do amadorismo, o Inter recrutava *players* entre os bons moços, embora eles não pertencessem ao *establishment* local, nem fossem predominantemente teutos ou descendentes - como os gremistas - mas também não eram negros. Predominavam alunos do colégio militar, muitos deles vindos do interior para estudar na capital e tratados como *outsiders*, embora alguns fossem filhos de estancieiros; da elite rural, portanto. Também havia muitos porto-alegrenses no Inter, que não eram bem aceitos pelo Grêmio porque seus capitais não estavam à altura. Negros, porém, não eram quistos por

ambos. Lugar de negros era na Liga dos Canelas Pretas e na Liga do Sabão - espécie de segunda divisão -, mas não na Liga dos Sabonetes; nem no Grêmio, nem no Inter<sup>194</sup>.

Já no final dos anos 20, quando o amadorismo dava sinais de esgotamento, o Inter passou a recrutar negros, para testá-los e, digamos, experimentar a reação da torcida. Em 1935, ano do centenário da Revolução Farroupilha, o Inter perdeu o campeonato metropolitano para o Grêmio. Quem foram os culpados? Darcy Encarnação e Tupã, por coincidência os dois negros do time. Todavia, isso não foi suficiente para bloquear a política de recrutamento colorada<sup>195</sup>. Com a consolidação progressiva do futebol como espetáculo e tendo tornado-se irremediável o profissionalismo - oficialmente adotado em 1937 pela dupla Gre-Nal -, o recrutamento de atletas passou a ser atravessado pela questão econômica.

Os jogadores brancos, aqueles que a dupla preferia, tornaram-se caros em razão da concorrência. Em contrapartida, havia muitos negros disponíveis na várzea, na Liga do Sabão e nos clubes do interior do estado - A Liga dos Canelas Pretas extinguiu-se ainda na década de 1920. O Inter idealizou uma política pragmática e, até certo ponto, vanguardista, pelo menos em relação ao arquirrival. Como teria definido Abelardo Noronha, presidente do Inter entre 1943 e 44, anos mais tarde: “Era negro? Era bom? Era nosso!” (COIMBRA E NORONHA, 1994, p. 47).

O Rolo Compressor, constituído no final dos anos 30 e quase imbatível na década seguinte, não era apenas um time de negros, mas de negros vencedores, e com eles chegaria ao fim a hegemonia gremista. O Grêmio contra-atacou com a importação de jogadores do centro do país e até do exterior para fazer frente aos “diabos rubros”, como foram inicialmente denominados os atletas colorados por um periódico local. A estratégia gremista produziu, no entanto, resultados modestos. Foram seis títulos colorados consecutivos, de 1940 a 45, seguidos pela conquista gremista de 1946. Mais dois títulos do Inter e nova vitória gremista, em 1949, mas dali por diante, com o “Rolinho”, seriam mais quatro títulos de campeão gaúcho consecutivos - à época não se disputava o campeonato brasileiro.

Com tantos títulos e negros no time, o Inter tornou-se o preferido dos afro-descendentes, miscigenados e populares em geral. O carnaval ganhara as ruas da cidade e as arquibancadas do Eucaliptos, com a charanga de Vicente Rao, o Momo porto-alegrense de todos os tempos. O carnaval e o futebol de espetáculo encontravam-se, dentro de campo e nas arquibancadas, promovendo uma simbiose até então estranha na cidade. O Inter deixara de ser um time de

---

<sup>194</sup> Sobre a Liga dos Canelas Pretas cf. Damo (2002d) e Mascarenhas (1998). Sobre o perfil dos sócios-atletas colorados das primeiras décadas cf. Lopes dos Santos (1975, p. 87-98).

<sup>195</sup> Apesar de ter perdido aquele campeonato histórico, “o Inter engendrava uma reação que transformaria aqueles anos 30 de hegemonia intermitente do Grêmio em um vulto no passado longínquo. Os chamados ‘negrinhos do Internacional’ estavam sendo reunidos aos poucos no Eucaliptos. Eles formariam um time com futebol veloz e de beleza plástica que mereceria o codinome com o qual passou para a história: O Rolo Compressor” (COIMBRA E NORONHA, 1994, p. 42).



*outsiders* para ser um time de negros; de negros, brancos e mestiços, enfim, de quem quer que fosse bom de bola. O que não significa dizer que eram apenas os critérios técnicos que preponderavam, mas eles assumiram, nesse período, ao qual corresponde a consolidação do futebol de espetáculo, do clubismo e do profissionalismo, uma valorização sem precedentes até então. O Grêmio, acuado, teve que ceder a partir do final dos anos 40, quando adotou uma política de “enegrecimento”, inserindo, a contragosto de muitos conselheiros, um ou outro negro, de preferência mulato, que se pudesse dizer que era “bronzado” ao invés de afro-descendente. Finalmente, em 1952, contratou Tesourinha, vedete do Rolo Compressor, que depois de transferir-se para o Vasco da Gama, clube do Rio, desejava retornar ao futebol gaúcho<sup>196</sup>.

De clube remediado, o Inter transformar-se-ia num clube popular, e como o futebol se disseminara ainda mais com o impulso do Estado-Novo e o crescimento das metrópoles, o Inter é que estava na crista da onda nos anos 40, enquanto “eles” agonizavam numa crise sem precedentes. Não há dúvidas de que é a partir dessa conjuntura que o Inter adquiriu os contornos populares presentes nas representações atuais. Em algum momento, haveriam de ser inventados os mitos de origem, recuando a entrada dos negros no time, para tornar o clube popular e negro desde “as origens”, “por vocação”, “por natureza”, “por essência”, enfim, para atender aos padrões narrativos mais convincentes do público futebolístico. Pouco importa que as pesquisas mostrem não haver esse recorte de classe entre os torcedores no presente - não há qualquer levantamento sobre a questão da cor. No entanto, todos vêem mais negros nos jogos do Inter, mais negros vestindo a camisa colorada nas ruas e assim por diante<sup>197</sup>.

Uma vez incorporados os negros, a baixo custo e a excelentes resultados futebolísticos, o Inter adotou, desde então, uma política híbrida para a constituição da equipe principal. Tanto quanto o Grêmio, produz pelo menos uma parte dos pés-de-obra de que necessita, mas raramente eles predominam na equipe principal. O recrutamento é marcado por critérios que

---

<sup>196</sup> A contratação de Tesourinha - que chegou a ser acusado de “traidor da raça” - causou estardalhaço na imprensa local e a reação furiosa de alguns conselheiros do Grêmio, que alegavam não terem sido consultados a respeito da quebra de “uma tradição” seguida pelo clube. No ano seguinte, Lupicínio Rodrigues compôs o “hino do cinqüentenário” do Grêmio, que mais tarde seria adotado como hino oficial. Somando-se à transferência da sede do clube do Moinhos de Vento, bairro elitizado, para a Azenha, de média-baixa/proletária, o Grêmio deu uma guinada em direção à popularização, recuperando, graças também aos títulos que se seguiram - 12 campeonatos em 13 disputados a partir de 1955 -, seu prestígio junto ao público futebolístico. Sobre a reinvenção das tradições no Grêmio cf. Damo (2002a, p. 86-120).

<sup>197</sup> Acredito haver uma certa inclinação dos afro-descendentes pelo Inter, principalmente quando comparados os públicos do Olímpico e do Beira-Rio, afinal não existe entre a torcida colorada qualquer tipo de hostilidade em relação à cor da pele, em forma de cântico ou xingamento, sendo recorrente entre os outros. Como se diz que os colorados predominam entre os populares e os dados desmentem, é preciso certa cautela em relação a cor da pele. De qualquer modo, classe e cor da pele são categorias do simbólico futebolístico, estereótipos cuja força não deve ser negligenciada.

extrapolam o econômico, embora este seja importante e esteja tramado às crenças, mitologias, identidades, enfim, ao simbolismo do clube.

#### 6.1.2.2 Mercado periférico e recrutamento estratégico

A partir dos anos 50 e, particularmente, a partir dos anos de 1970, com a nacionalização das disputas futebolísticas, as estratégias de recrutamento do Inter aproximaram-se daquelas adotadas pelo arquirrival. Ou seja, as diferenças são menos ostensivas e não chegam a marcar as identidades clubísticas. Com o desenvolvimento do futebol de espetáculo, para o qual a profissionalização dos atletas foi uma etapa decisiva, as estratégias econômicas de recrutamento adquiriram importância crescente, embora dirigentes, cronistas e torcedores jamais considerarem-nas como os únicos critérios relevantes. As contratações de vedetes, aquelas de “congestionar o aeroporto”, não são propriamente raras na história de Grêmio e Inter, mas digamos que os torcedores vão à recepção de futebolistas que nas duas principais praças brasileiras seriam tratadas, muito provavelmente, com discrição. Como já foi mostrado no capítulo 2, em relação à trama dos capitais clubísticos, existe uma relação deles com o PIB regional. Quando se trata do recrutamento de futebolistas, o mercado sul-rio-grandense e a economia local como um todo são decisivos, e é deles que dependem, seguidamente, o poderio da dupla Gre-Nal. O quadro abaixo, retratando a composição das equipes que representaram o Brasil em copas do mundo, revela alguns dados interessantes. Um detalhe: a distribuição dos atletas foi realizada de acordo com a localização, por estado da federação, dos clubes que eles atuavam quando da realização das copas, e não por local de nascimento, bem entendido.

**Quadro 6.2 - Composição da seleção brasileira em copas do mundo**

Copa Estado	30	34	38	50	54	58	62	66	70	74	78	82	86	90	94	98	02
<b>RJ</b>	24	17	18	15	12	12	10	10	6	6	9	7	6	8	2	5	2
<b>SP</b>	-	-	4	6	11	10	12	10	11	12	9	7	10	1	8	2	5
<b>MG</b>	-	-	-	-	-	-	-	1	4	2	2	3	2	-	-	2	2
<b>RS</b>	-	-	-	-	-	-	-	1	1	2	2	3	2	1	-	-	2
<b>Outros</b>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
<b>Exterior</b>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	2	12	12	13	10
<b>Total</b>	<b>24</b>	<b>17</b>	<b>22</b>	<b>21</b>	<b>23</b>	<b>22</b>	<b>22</b>	<b>22</b>	<b>22</b>	<b>22</b>	<b>22</b>	<b>22</b>	<b>22</b>	<b>22</b>	<b>22</b>	<b>22</b>	<b>22</b>

Fonte: levantamento do autor a partir de fontes diversas.

Em razão de disputas políticas entre as diferentes entidades que agenciavam o futebol em vias de espetacularização, os atletas que atuavam por clubes cariocas preponderaram nas duas

primeiras copas<sup>198</sup>. Com a consolidação do profissionalismo, em que os critérios técnicos adquiriram maior importância na escolha dos selecionáveis, e com o equilíbrio de poder entre paulistas e cariocas, são estas duas praças quem constituem a base das seleções no período do pós-guerra. A participação de atletas gaúchos e mineiros ocorre simultaneamente, com a intensificação das disputas nacionais, que resultariam na criação, em 1971, do campeonato brasileiro. Desde então, Grêmio e Inter, Atlético e Cruzeiro têm cedido atletas com certa regularidade, por vezes equiparando-se a Rio e São Paulo, muito embora a participação de brasileiros atuando no exterior seja o dado recente mais destacado. Com a globalização do mercado de pé-de-obra, os clubes de elite, concentrados nesses 4 estados, perderam suas vedetes. Já no final dos anos 40, no entanto, os principais destaques do futebol gaúcho foram atuar nos clubes do eixo Rio-São Paulo, um fluxo migratório inédito até então<sup>199</sup>. A partir dos anos 80 e, sobretudo, na década seguinte, o mercado para as vedetes sulistas já não é mais o eixo Rio-São Paulo, e sim os campeonatos europeus, quer pelos euros, quer pelo prestígio<sup>200</sup>.

A região Sudeste concentra o PIB brasileiro e 10 dos 13 fundadores do Clube dos 13, clubes dos quais foram recrutados a base dos selecionáveis até os anos de 1990, salvo raras exceções. Nota-se, pelo **Quadro 6.2**, como o Rio Grande do Sul é o único estado fora da região sudeste a ceder jogadores para as copas, à exceção da convocação de Kléberson, do Atlético Paranaense, para a Copa de 2002. Os jogadores atuantes nos clubes cariocas perderam terreno com a consolidação do profissionalismo, especialmente no pós-guerra, quando as copas do mundo transformaram-se em eventos de destaque internacional e de interesse generalizado do público. Todavia a elite clubística nacional, como um todo, perdeu terreno com a reordenação do mercado a partir da década de 80, quando em torno de 50% dos convocados passaram a ser recrutados em clubes estrangeiros.

Com a abertura do mercado europeu para profissionais brasileiros, os clubes do eixo Rio-São Paulo passaram a enfrentar uma concorrência muito poderosa. Jogadores de destaque em

---

<sup>198</sup> Sobre isso cf. Caldas (1990, p. 65-170).

<sup>199</sup> Havia, claro, deslocamento de atletas, mas não eram decorrentes do mercado futebolístico e antes da profissão da qual o sujeito se ocupava. Assim sendo, Edwin Cox, irmão de Oscar (dito introdutor do futebol no Rio de Janeiro), jogou no Grêmio no início da década de 1910, quando residiu em Porto Alegre para cuidar dos negócios da família. Luiz Carvalho, atacante gremista, jogou no Vasco da Gama, em razão de uma transferência de posto no serviço militar, tendo retornado em seguida ao Grêmio. Foguinho, um dos destaques do Grêmio nos anos de 1930, jamais aceitou deixar o Grêmio. Ainda que gostasse muito do clube, o certo é que as ofertas não eram suficientemente sedutoras. A trajetória das vedetes do Rolo Compressor, uma década depois já é diferente, como foi o caso de Tesourinha, recrutado pelo Vasco da Gama.

<sup>200</sup> Na década de 90, houve intensa migração de vedetes brasileiras para o Japão, mas a crise asiática e uma certa reformulação na política de recrutamento das equipes nipônicas, melhor abastecidas pela produção local, diminuíram o ímpeto de importação de pés-de-obra brasileiros, mas ainda continua sendo um dos principais mercados, como mostram os dados apresentados na primeira parte do capítulo 5.

Grêmio e Inter, mas também em outras praças, têm sido comercializados diretamente com clubes estrangeiros. O “estágio” que se fazia no centro do país ao longo dos anos 80, passaram a ser realizados em campeonatos de menor prestígio na Europa<sup>201</sup>. O que se dizia, pelo menos no Rio Grande do Sul, é que os jogadores que atuassem no estado eram prejudicados em relação às convocações nacionais, pois permaneciam metade do ano distantes dos olhos do técnico da seleção e da mídia do centro do país, tida como mais influente. Com a expansão do calendário nacional - Campeonato Brasileiro e Copa do Brasil - este argumento já não mais se sustenta, mas não se pode dizer que fosse despropositado<sup>202</sup>.

Seja como for, Inter e Grêmio jamais estiveram em condições de bancar os grandes clubes do eixo Rio-São Paulo. Isso possui algumas conseqüências diretas na constituição das equipes, nas estratégias de recrutamento e, o que mais interessa aqui, para as políticas de produção/formação caseira<sup>203</sup>. Uma delas é a recorrência sistemática ao mercado platino, inaugurado pelo Grêmio em 1916<sup>204</sup>. Um levantamento breve, a partir dos grenais realizados

---

<sup>201</sup> Falcão foi vendido pelo Inter diretamente ao Roma, no início dos anos 80, e Valdo, do Grêmio para o Benfica, no final da década. Em contrapartida, Renato Portaluppi foi do Grêmio para o Flamengo, em 1986, e só então transferiu-se para o Roma. Dunga saiu do Inter para o Palmeiras e dali foi para a Itália, o mesmo ocorrendo com Mauro Galvão, que trocou o Inter pelo Botafogo antes de transferir-se para a Suíça. O padrão das transações das vedetes formadas na dupla Gre-Nal mudou nos anos de 1990. Taffarel trocou Porto Alegre pela Itália após a Copa de 1990. Ronaldinho Gaúcho saiu do Grêmio para o Paris-Saint-Germain, em 2001, transferindo-se posteriormente para o Barcelona, em 2003. Anderson Polga, ex-Grêmio, foi para o futebol português em 2003 e Emerson, que disputou a Copa de 1998 – e foi desligado em 2002 por lesão, quando era capitão do time – trocou o Grêmio pelo Bayer Leverkusen, em 1997, transferindo-se em seguida para a Itália (Roma e Internazionale). Lúcio, ex-zagueiro colorado, titular em 2002, também foi direto para a Alemanha, em 2000. O jovem Nilmar, vendido em agosto de 2004 para o Lyon (França), tem parte dos seus direitos federativos ainda vinculados ao Inter (em torno de 20%), uma cláusula imposta pelo clube porto-alegrense já prevendo a possibilidade de que ele venha a ser comercializado novamente em curto período, da França para um dos três principais mercados europeus – Inglaterra, Itália ou Espanha.

<sup>202</sup> De qualquer modo, desapareceram as queixas em relação à invisibilidade dos jogadores e apareceram, na mesma linha, as alegações de má distribuição dos jogos transmitidos em TV aberta, na receita com publicidade e assim por diante. Trata-se da atualização, no campo futebolístico, dos discursos auto-discriminatórios, amplos e recorrentes em quase todos os segmentos da sociedade sul-rio-grandense quando se trata de pensar a sua relação com os demais estados da federação, e o Brasil como um todo. Sobre isto cf. Oliven (1992, p. 47-69).

<sup>203</sup> Talvez fosse o caso de destacar, para não haver dúvidas, a diferença entre produção/formação caseira e os tipos puros (endógeno, exógeno e híbrido). Produção caseira são os investimentos que se fazem para produzir jogadores no clube, na *cantera*. Os tipos puros são usados conceitualmente para caracterizar a política de gestão desta formação, entendendo-se por política o uso estratégico do dispositivo de formação/produção.

<sup>204</sup> O registro desta transferência merece ser reproduzido, pois releva, nos termos da escrita, um certo padrão de migração de jogadores por clubes nos tempos do amadorismo. “O ‘center-half’ do ‘scratch’ uruguaio vencido pelo Grêmio em 1916, Julian Bertola, enamorou-se perdidamente de seu eventual adversário e acabou por enriquecê-lo com outros três companheiros que, em 1917, saíram do país oriental, acompanhando-o na transferência para o clube gaúcho. Foi assim que, Eduardo Behrengaray (também craque da celeste), Eduardo Garibitti, Nicanor Rodrigues e ele mesmo passaram a atuar no Grêmio. Mesmo quando voltou a sua Montevideú, Julian Bertola nunca mais deixou de manter estreito vínculo

desde 1980, constata a presença de 26 estrangeiros, 14 deles atuando pelo Inter e 12 pelo Grêmio, o que evidencia, uma vez mais, o argumento de que, com o profissionalismo, desaparecem boa parte das diferenças em relação às estratégias de recrutamento. Uma pesquisa sistemática haveria de comprovar a hipótese de que a dupla gaúcha é a que emprega, com mais constância e em maior quantidade, pés-de-obra dos países sul-americanos, sobretudo do cone sul - são 10 paraguaios, 7 uruguaios, 5 argentinos, 3 chilenos e 1 panamenho ao longo de ¼ de século. É interessante destacar que esses estrangeiros não são buscados por simples critérios econômicos, conquanto a proeminência de paraguaios e uruguaios sobre os argentinos diga algo a respeito. Recrutam-se especialmente jogadores de defesa: 5 goleiros, 13 defensores, 5 meias e 3 atacantes. Trata-se exatamente do procedimento inverso ao que fazem os clubes europeus quando recorrem ao mercado externo, principalmente em países periféricos - cf. capítulo 8. Teria a dupla Gre-Nal dificuldades para formar zagueiros? Claro que não; os “xerifes” castelhanos, como são chamados, são recrutados a partir de um operador simbólico, assentado na crença de que eles sabem se fazer respeitar, impondo-se perante os atacantes, com pontapés, se necessário. Fazem o óbvio, sem enfeites, mais ou menos como teria feito Obdúlio Varela em 1950, quando o Uruguai venceu o Brasil em pleno Maracanã<sup>205</sup>.

Figueroa, defensor chileno, é tido como o herói do primeiro título nacional do Inter, em 1975. Talvez seja o único jogador estrangeiro a publicar uma biografia diretamente em português, para os colorados, certamente<sup>206</sup>. As taças mais importantes dos anos 80 conquistadas pelo Grêmio foram entregues, primeiro, às mãos do uruguaio Hugo De León, dentre elas a de Campeão da Libertadores da América, com a qual ele cortou o supercílio, acidentalmente, ao recebê-la no momento da comemoração. A foto sairia perfeita: o xerife uruguaio, de barba crescida e farta cabeleira, com o sangue a escorrer-lhe pela face, levantando a taça de campeão da Libertadores<sup>207</sup>. Por essa e outras, os clubes gaúchos são seguidamente

---

com o Grêmio, acabando por ser agraciado com o título de Sócio Honorário, por sua atuação na defesa dos interesses do clube na capital uruguaia, onde era ativo cônsul.” (História Ilustrada do Grêmio, nº 3, p.23).

<sup>205</sup> A bibliografia que trata da “tragédia de 50” é extensa e controversa no que tange aos constrangimentos impostos por Varela aos atletas brasileiros. Para uma lista de depoimentos dos próprios atletas, 50 anos depois, cf. Moraes Neto (2000). Para uma discussão sobre a construção da identidade nacional a partir dos estádios de futebol cf. Guedes (1998, p. 19-60). A partir de Guedes, pode-se traçar, então, uma lista mais extensa de outros autores que abordam a questão.

<sup>206</sup> Ela segue, basicamente, o modelo de outras biografias de jogadores de futebol. Escritas por jornalistas e endereçadas ao público engajado, consta de uma série interminável de episódios ocorridos na carreira do jogador. Cf. Oliveira e Carvalho (s/d).

<sup>207</sup> Para mais detalhes do episódio De León, cuja foto foi estampada na capa dos principais jornais porto-alegrenses, cf. Coimbra e Noronha (1994, p. 193). No novo ciclo de vitórias gremistas, em meados de 1990, lá estavam os paraguaios Arce (lateral) e Rivarola (defensor). Em 2004, atuaram no Grêmio o goleiro paraguaio Tavarelli e o zagueiro panamenho Baloy; no Inter, encontravam-se o meio-campo Gavilán (paraguaio), desde 2002, e o zagueiro argentino Herbella, “el doctor”, contratado no segundo semestre de 2004.

identificados como portadores de um estilo de jogo que se distancia do protótipo brasileiro, representando valores normalmente atribuídos aos times e atletas platinos - retornarei a isso no capítulo 8.

Um segundo desdobramento, um pouco à margem das estatísticas, mas nem por isso menos relevante, é o consenso estabelecido em torno de certas estratégias que teriam produzido bons resultados. Nessa linha, por exemplo, é referida a equipe do Grêmio, de sucesso em meados dos anos 90, montada com jogadores formados no próprio clube (Danrlei, Roger, Carlos Miguel, Emerson e Arilson); recrutados no mercado externo, mas a baixo preço (Arce e Rivarola); e um terceiro grupo, desprestigiado pelos clubes de Rio e São Paulo (Dinho, Goiano, Jardel e Paulo Nunes). Com esses atletas, basicamente, e um técnico ainda sem prestígio entre a elite clubística, o Grêmio venceu várias competições, mas perdeu outras ao repetir, sem sucesso, a mesma estratégia, sobretudo em relação aos “renegados” pelos clubes do centro do País.

Finalmente, como terceiro e importante elemento que caracteriza as estratégias de recrutamento de jogadores por parte de Grêmio e Inter, encontram-se os investimentos na produção/formação caseira. Sobrepõem-se, nesse caso, as razões econômicas e simbólicas, como é característico da formação/produção híbrida. Como tal questão vem acompanhada de informações etnográficas e interessa, sobremaneira, à tese, será abordada com detalhes na segunda parte do capítulo. Não se deve perder de vista, contudo, o argumento em diacronia, mostrando como o recrutamento de futebolista é importante na construção da identidade dos clubes, sendo o processo inverso igualmente pertinente.

## **6.2 NOS BASTIDORES DA CONFIGURAÇÃO COLORADA**

Entre as razões pelas quais escolhi o Inter como ponto de partida para a realização do trabalho de campo, estava a centralidade que o tema da produção/formação de jogadores ocupava nos debates que seguiram ao longo da década de 90. A disputa entre as várias facções do Conselho Deliberativo culminaram com a eleição, em 2000, da chapa articulada pelo movimento Inter2000, que apregoava a modernização político-administrativa do clube, com destaque para as categorias de base. Sendo assim, o Inter havia sido campeão da Copa Nike em 1999, um prestigiado torneio internacional para garotos de até 15 anos, patrocinado pela multinacional. Como iniciei meu trabalho de campo em setembro de 2001, fui direto à categoria juvenil, onde estavam as vedetes da Copa Nike, para então acompanhá-los no processo que as conduziria - ou não - à equipe principal. O Inter2000 já estava há dois anos na gestão do clube e havia mudado,

vizivelmente, o panorama da formação/profissional, mas os resultados da equipe principal não condiziam com as expectativas da torcida, razão pela qual os colorados estavam em ebulição.

### 6.2.1 Homens à beira de um ataque de nervos

O *sketch* a seguir foi pinçado de uma monografia que realizei no final de 2001. É um tanto realista, mas expressa, na polifonia irada das vozes torcedoras, o quão sofrível foi ser colorado nas duas últimas décadas, especialmente em ocasiões como aquela, em que o time fora eliminado de uma competição de forma pífia: em seu próprio território, para uma equipe reserva, já sem pretensões no campeonato. O *sketch* traduz vozes fragmentadas, gravadas desde a coréia, segmento de arquibancadas mais próximo do campo e freqüentada por populares; são xingamentos dirigidos ao goleiro formado no clube, culpabilizado pela derrota e dispensado do Inter no ano seguinte.

Xingamentos nesses termos não são exclusividade dos colorados, e a pressão pelos resultados da formação/produção são sentidos em toda a parte. Um dos meus informantes, treinador dos juvenis, repetia aos jogadores, que eles precisavam “matar um leão por dia” se

#### A execração de um “prata da casa”

- [...]
- O que que esse goleiro foi fazê aí!
  - O que que esse cara foi fazê aí! Goleiro filho da puta!
  - Frangueiro, filho da puta!
  - Viaaado!
  - Por que que essa merda teve que ir lá? Goleiro fudido prá caralho!
- [...]
- Fica no gol, filho da putaaa!
- [...]
- Oh! João Gabriel, filho da PUTAAAAAAAAAAAA!
- [...]
- Oh! Frangueiro filho da puta, FILHO DA PUUTAAAAAAAAAAAA!
  - Tu nunca atacou nada, FILHO DA PUTA!
  - Sempre tomava gol em Gre-Nal, FILHO DA PUTA!
- [...]
- Vamo frangueiro!
  - Mercenário, pau no cu!
  - Mercenário, filho da puta!
  - Frangueiro, FILHO DA PUTAAA (voz infantil).
- [...]
- Mercenário, filho da puta!
  - Perde pro time reserva do Corinthians, oh filho da puta!

(Inter 0 X 2 Corinthians (novembro/2001);  
depois do gol corinthiano e, principalmente,  
à saída de João Gabriel do gramado.)

quisessem permanecer no Inter, e não creio que ele estivesse exagerando. Talvez Wesley, do Vitória, dissesse o mesmo; tal qual Gilson Gênio, do Fluminense, e mesmo Floes, do Olympique Marseille - todos técnicos da categoria junvenil, meus informantes. Pelo sim ou pelo não, o certo é que no Inter há, e não é de agora, um rugido intenso. E o trabalho de formação/produção faz-se em meio a isso, quase sempre com a expectativa de silenciá-lo.

#### 6.2.1.1 A crise de resultados dentro de campo

O ciclo de escassez de resultados não chegava a preocupar os colorados nos anos de 80, embora fosse desconfortável. O clube havia conquistado, na década anterior, três títulos nacionais (1975, 76 e 79), nada menos do que um terço de suas edições até então, a última de forma invicta, algo de fazer inveja a qualquer torcedor. Nos anos seguintes, o time arrefeceu e tão somente em 1987 voltou a disputar uma final de campeonato nacional, tendo sido derrotado pelo Flamengo. Em outro ano, tornaria a ser vice, desta vez diante do Bahia. Um ex-presidente, acuado pelas críticas, contra-atacou, ainda nos primeiros anos da década, afirmando não estar no cargo para ganhar títulos, mas para pagá-los, referindo-se a pretensas dívidas herdadas da década anterior.

Embora tivesse conquistado alguns títulos gaúchos, seus torcedores, exigentes e ambiciosos, queriam mais. O pior, para os colorados, é que o arquirrival chegou a um título nacional em 1981. Era apenas um, contra três; um deles invicto. Em 1983, no entanto, o Grêmio venceu a Libertadores da América e, em dezembro do mesmo ano, o Mundial Interclubes, sendo este último um jogo único realizado no Japão, patrocinado por uma multinacional do setor automotivo, entre o campeão europeu e o sul-americano. Os colorados alegavam o caráter não oficial do evento - não agenciado pela FIFA - para depreciar a conquista gremista, mas seus três títulos brasileiros já não reluziam tanto como outrora. A década gremista seria consolidada com as duas derrotas coloradas em finais de brasileiros, 87 e 88, e uma eliminação dramática nas semi-finais da Libertadores, em 1989. Para completar, o Grêmio conquistou, em 1989, a primeira edição da Copa do Brasil<sup>208</sup> e também venceu cinco vezes consecutivas o campeonato gaúcho, de 84 a 88. O “gauchão” já não era o mesmo de outros tempos, muito embora ainda ocupasse a metade do calendário da dupla - atualmente reduz-se a dois meses, no início da temporada.

---

<sup>208</sup> Trata-se de um torneio nos moldes das copas realizadas em quase todos os países europeus, cujas primeiras rodadas são integradas por equipes de divisões menores, por vezes amadoras. A conquista da Copa do Brasil garante uma vaga na cobiçada Libertadores.



A “era” gremista estava consolidada, como previa a “gangorra”<sup>209</sup>. Por isso, os anos de 1990 haveriam de ser colorados, ao menos nas projeções da *illusio* clubística. Tudo se encaminhava para tal, tendo o Grêmio sido rebaixado para a segunda divisão do campeonato brasileiro, em 1991, e o Inter tornado-se campeão da Copa do Brasil no ano seguinte. Para os torcedores, o rebaixamento é um título invertido - associado à morte e ao inferno, o oposto da boa ventura<sup>210</sup> - e como tal significado inversamente, pelo “nós” e pelos “outros”, razão pela qual jamais os colorados deixaram de cantar, desde então, “ão, ão, ão, segunda divisão”. O Grêmio retornou ao convívio da elite em 1993. Um ano após, venceu a Copa do Brasil, o que lhe garantiu uma vaga na Libertadores da América, tendo-a conquistado pela segunda vez em 1995. O Grêmio perdeu nos pênaltis a final em Tóquio, e os colorados saíram às ruas, numa manhã de quinta-feira, em que Porto Alegre parecia viver um dia de jogo da seleção brasileira em copa do mundo.

Segundo as categorias nativas - sendo a partir delas que se deve trabalhar para entender as tensões políticas nos clubes - o Grêmio equilibrara a “gangorra” nos anos 80, e a segunda metade dos anos 90 definiriam a quem pertenceria a “era” que, pela lógica, deveria ser colorada. Em 1996, o Grêmio foi campeão brasileiro e em 1997 da Copa do Brasil. Declinaria em seguida, mas a “gangorra” parecia ter-se partido, pois o Inter também estava em baixa, tendo sido seriamente ameaçado de rebaixamento no campeonato brasileiro de 1999. Além dos vários títulos conquistados no período de 94 a 97, o Grêmio disputou e perdeu finais e semi-finais, estando seguidamente nos mídias, muito embora mal falado, especialmente no centro do país.

Muitos duvidavam que aquele Grêmio, comandado por Luis Felipe Scolari, fosse algo mais do que um time violento, e os gremistas interpretaram tais críticas com as chaves do gauchismo. Como o Grêmio fosse chamado de time/clube gaúcho, as acusações de violento foram significadas, pelos gremistas e pela crônica local - incluindo-se alguns colorados menos fanáticos - como discriminatórias, características da opressão do centro em relação à periferia. Tal qual os torcedores de Nápoles e de Marseille<sup>211</sup>, os gremistas se posicionaram como vítimas e

---

<sup>209</sup> Para os nativos, a dupla constitui uma díade perfeita, alternando-se os ciclos de conquistas ou, como preferem, “as eras”, o que pressupõe que quando um está no alto o outro está embaixo. A gangorra também operaria nos ciclos curtos, anuais, sendo que nessa alternância residiria, segundo os nativos, o encantamento Gre-Nal. A “era” de 80 fora gremista e a anterior colorada. Os anos 60, gremistas; os 50, divididos, e a “era” de 40 colorada, com a mesma ou talvez mais intensa supremacia do que nos anos 70 - até então as “eras” haviam sido, todas elas, gremistas. Nos campeonatos brasileiros, por exemplo, eles raramente fazem campanhas equivalentes. Apenas em 1988 chegaram juntos à fase decisiva, enfrentando-se nas semi-finais, no que ficou conhecido como o Gre-Nal do século, vencido pelo Inter.

<sup>210</sup> Na esteira das jocosidades sexuadas, ser rebaixado equivale a ser passivizado. Ou, para dizer sem rodeios, ser currado, razão pela qual vendia-se, no Estádio Beira-Rio, em finais de 2004, quando o Grêmio fora rebaixado pela segunda vez, um adesivo no qual um gremista, com as calças arreadas, era penetrado por um colorado.

<sup>211</sup> Sobre os discursos auto-discriminatórios dos torcedores de Marseille e Nápoles cf. Bromberger (1995). Apenas para exemplificar como o futebol se presta para dramatizar estas diferenças entre centro e

dessa posição contra-atacaram, apropriando-se dos símbolos do gauchismo, de cânticos - como “Querência amada”, de Teixeira -, de provérbios - “não tá morto quem luta e quem peleia” -, da bandeira, do hino<sup>212</sup>, entre outros. Qualquer que tenha sido o resultado desses arranjos heterodoxos, o certo é que eles preocupavam os colorados, afinal o gauchismo é patrimônio de ambos e não dos gremistas. Porém, como fazer frente à apropriação unilateral do gauchismo pelos “outros” se o “nosso” time não permitia que sua comunidade afetiva pudesse propalar: “o Inter é o Rio Grande no brasileirão” ou “o Inter é o Brasil na Libertadores”?

Os resultados foram tão desfavoráveis ao Inter que sua torcida diminuiu – em comparação ao Grêmio, em razão da conversão desigual de crianças e adolescente que entraram para o clubismo nas duas últimas décadas<sup>213</sup>. Embora a performance dos times não seja o único componente na definição de pertença, uma seqüência prolongada de más performances dificulta, sobremaneira, a militância daqueles que torcem pelo perdedor. Em sentido inverso, o clube vencedor acaba atraindo aqueles cujos familiares não se importam verdadeiramente com o clubismo. Em razão das performances de Grêmio e Inter, a militância dos pais colorados teve que ser intensificada para que os filhos se convertessem ao Inter e, caçados pelos colegas gremistas, não optassem pelo Grêmio.

#### 6.2.1.2 A crise política na “corte”

Uma série de questões formuladas ao longo desta tese, e outras tantas que constavam no projeto original e foram abandonadas, por razões diversas, poderiam ter sido abordadas a partir de outra configuração concreta, no Grêmio, por exemplo. A escolha do Inter foi estratégica, em grande medida pelo fato de que a formação/produção de futebolistas ocupava, à época, o centro das discussões políticas no clube. Talvez porque houvesse uma crise, sobretudo de resultados futebolísticos, mas não apenas dessa ordem, os debates se intensificaram e extrapolaram a esfera

---

periferia, mais ou menos universalmente, citei o início e o fim de um “manifesto” - “Marseille c’est pas la France” - que circulou entre os torcedores marseheses em fins de 1993, ano em que l’OM foi rebaixado à segunda divisão por acusação de suborno e, coincidentemente, “les blues” não se classificaram para a Copa de 1994 (EUA). “Chez eux y’a personne. Chez nous y’a dégun/Chez eux on discute. Chez nous on tchatte/Ils se font frapper. On les crève./Ils sont racistes, et Rachid c’est notre frère. [...] [20 trocadilhos depois...] Ils sont quelconques. Nous sommes Olympiens/Ce sont des robots. Nous sommes des hommes./Ils sont Français. Nous sommes MARSEILLAIS.” (Bromberger, 1995, p. 256)

<sup>212</sup> “[...] Mostremos, valor, constância/ Nesta ímpia e injusta guerra/ Sirvam, nossas façanhas/ De modelo a toda a terra [...]”

<sup>213</sup> Não existiam pesquisas sobre a composição das torcidas até recentemente, razão pela qual a comparação fica prejudicada. A crença mais ou menos generalizada era de que a composição seria equilibrada, mas daí às estatísticas vai uma distância que é preciso ser considerada em matéria de rivalidade Gre-Nal. Uma estimativa a partir das diferentes faixas etárias de torcedores de Grêmio e Inter (Damo, 1998, p. 72-85) tende à ratificação da crença na equidade quantitativa, ao menos nos anos oitenta. O desequilíbrio pró-Grêmio, como consta no Quadro 3.1 (cap. 3) é produto da entrada desproporcional de gremistas no clubismo ao longo, principalmente, da década de 1990.

restrita do Conselho Deliberativo. Todavia, foi no Conselho que se processaram muitos *rounds*, instituindo-se várias facções, uma delas denominada de Inter2000, encabeçada por dois jovens que mais tarde chegariam à presidência do clube: Fernando Miranda, pelo Inter2000, e Fernando Carvalho, pelo InterGrande, dissidente do movimento original. Fernando Miranda era relativamente jovem à época de sua eleição para a vive-presidência, razão pela qual Jarbas Lima, um político tradicional, várias vezes deputado federal, ligado à antiga Arena e aos partidos que a sucederam, foi o candidato à presidência em fins de 1999. Porém, ninguém tinha dúvidas de que Miranda e seu grupo seriam os gestores do Inter, tendo Jarbas Lima afastado-se do cargo 10 meses depois, alegando problemas de saúde. Miranda não pertence à família tradicional, nem se pode dizer que seja um sujeito de posses, alguém que pudesse bancar crédito para o clube ou mesmo “assinar cheques”<sup>214</sup>. Sua ascensão diferia, portanto, do perfil de dirigentes de clubes de elite no Brasil, o que reforça a convicção de que a crise era grave e de que os dirigentes tradicionais estavam desgastados.

O grupo que chegou ao poder a partir de 2000 era justamente aquele que elegera, desde meados da década anterior, o uso estratégico das “categorias de base” para alavancar o time e, por extensão, o clube. Contudo, não estava nos planos usá-las para compor as receitas institucionais, pois era essa, exatamente, uma das principais críticas aos dirigentes de outrora. A promessa não cumprida, nem por aquela nem por qualquer outra gestão clubística brasileira no presente, era de resistir à venda de jogadores. Miranda vendeu as vedetes de sua gestão, Lúcio e Fábio Rochemback, dois “pratas da casa”, embora o primeiro tivesse sido trazido para os juniores já com 19 anos - em 1998, por Fernando Carvalho, aliado e depois rival de Miranda.

Quando dei início ao trabalho de campo, em 2001, o Inter estava sob a gestão Miranda. Ele, seu grupo, suas idéias e, certamente, sua maneira pouco amistosa de tratar os “profissionais da imprensa”, seriam derrotados pelo outro Fernando, ao final daquele ano. Nos bastidores do clube, poucos foram os que expressaram suas opiniões, por temerem represálias. Nas conversas reservadas, no entanto, muitos lamentavam a “má sorte”, “a inexperiência”, “a franqueza” e mesmo “a herança” que, segundo eles, teriam vitimado Miranda, cuja gestão da equipe principal não correspondeu às expectativas. O *sketches* citado no início e ao final dessa sessão foram captados no período e ilustram o ânimo dos torcedores colorados.

---

<sup>214</sup> Durante o trabalho de campo realizado entre 1996-97, constituí uma relação cordial e até certo ponto cúmplice, com um ex-jornalista de “relevantes serviços prestados” ao Grêmio, mas que no entanto não fazia parte do conselho deliberativo do clube. Resignado diante do esquecimento, foi da boca dele que ouvi um argumento que de resto é bastante recorrente: “presidente de clube tem que ser alguém com o poder de assinar cheques”. Traduzindo: alguém com capital econômico, capaz de prover o clube em momentos de crise, o que por certo dá margem às gestões fraudulentas e ao clientelismo em geral.

Segundo meus informantes, especialmente os formadores, a contribuição de Miranda para a produção/formação caseira teria sido diferenciada, com mais subsídios de todas as matizes, do técnico ao financeiro, e com menos interferência dos dirigentes no trabalho pedagógico. Havia mesmo quem apontasse para uma mudança no perfil dos dirigentes. João Paulo Medina, ex-professor do curso de Educação Física da USP, mestre em Educação e ex-preparador físico do São Paulo, mais tarde “consultor esportivo”, foi um dos pivôs da gestão Miranda. Ele estivera pela primeira vez no Inter em 1996, contratado pelo próprio Miranda, então diretor da gestão de Pedro Paulo Záchia (1996-97)<sup>215</sup>. Um ambicioso projeto de modernização do Inter teve início com um “diagnóstico” a partir do qual um “novo” modelo de gestão haveria de ser implementado.

A incumbência inicial de Medina era fazer um diagnóstico do departamento de futebol, em dezembro de 1996. Este diagnóstico levou cerca de três semanas para ser concluído, resultando em um polêmico relatório sobre as condições técnicas e sócio-culturais do setor responsável pelo futebol do SC Internacional. Este relatório provocou polêmicas ao chegar à imprensa, e quase causou a demissão de Medina. O relatório revelou mazelas inaceitáveis num clube moderno, como falhas no sistema de segurança, no serviço de recepção e telefonia, no setor de alimentação e higiene. Detectou até mesmo ratos e baratas no refeitório do clube (RODRIGUES, 2003, p. 116)<sup>216</sup>.

Embora tenha uma carreira exitosa como consultor, o perfil de Medina diverge do padrão dos “homens do futebol”, dos que mandam, efetivamente. Comedido, com algumas preocupações humanistas, Medina não se manteve com a saída de Miranda da gestão Záchia, embora os jornais apresentassem, no início de 1997, matérias elogiosas à sua intervenção. Medina era retratado como uma espécie de mago do treinamento moderno, científico, racional, com equipe multidisciplinar, computadores, vídeo-tapes e uma lista extensa de outros dispositivos que jamais vi serem usados durante todo o período de campo, no Inter ou em outros centros. Dentre os tais equipamentos, estava uma viseira que impedia os jogadores de olharem para a bola quando esta estivesse no solo, com o objetivo, segundo consta, de aperfeiçoar a percepção do espaço e do tempo, da bola e da movimentação dos outros atletas<sup>217</sup>.

---

<sup>215</sup> As tramas políticas nos conselhos dos clubes não são menos complexas do que as da política partidária. Miranda era opositor da Záchia, mas compôs com este durante parte de sua gestão. A estratégia do grupo de Záchia - popularmente referido como “império otomano”, pelo fato de serem alguns dos protagonistas descendentes de libaneses (seguidamente confundidos com turcos) e se reproduzirem no poder do clube e do conselho por quase duas décadas - foi de domesticar a fúria oposicionista, “fritando” um de seus líderes ao entregar-lhe um cargo de confiança. Medina é contratado, afastado e, mais tarde, retorna ao Inter, sempre pelas mãos de Miranda.

<sup>216</sup> Para constar: a) em meados deste mês, o Grêmio foi campeão brasileiro; b) o relatório era sigiloso, mas foi estrategicamente “vazado” pelas intrigas entre as facções do Conselho.

<sup>217</sup> Para um apanhado geral sobre “Os projetos do ‘Super Coordenador Técnico’ João Paulo Medina” conferir Rodrigues (2003, p. 116-35).

Na segunda passagem de Medina pelo Inter, seus poderes foram ampliados, com o suporte de Miranda na vice e, depois do afastamento de Jarbas Lima, na presidência. Ele passou a influenciar na política de gestão da equipe principal, sobretudo de contratações, e não tardou para que seu nome aparecesse em pichações pela cidade: “Fora Medina”. Do ponto de vista dos resultados a gestão Miranda não foi brilhante, mas o time não esteve, como nos anos anterior (1999) e posterior (2002), ameaçado de rebaixamento. Ele não venceu grenais; enfrentou uma oposição contundente, como a sua, nos anos anteriores; e desgastou-se com os repórteres que cobriam o cotidiano do clube - tendo sacudido um deles pelo nariz em dada ocasião. Medina, seu escudeiro, não teve melhor sorte, sendo dispensado ao final da temporada, junto com o técnico Parreira, outro nome identificado com o futebol “moderno” e “científico”.

O depoimento de um dirigente colorado, citado por Rodrigues (2003), talvez não expresse o consenso do que pensam os dirigentes sobre Medina - e seu modelo de gestão -, mas informa um dado ponto de vista equilibrado. A má sorte do “super coordenador” não é atribuída exatamente a sua competência/incompetência técnica, mas à maneira como ele se posicionou politicamente.

Medina veio e trouxe boas idéias e contribuições que foram adotadas, [mas] não chegou a ser uma mudança radical. Foi, digamos, um aprimoramento, porque o Internacional tem políticas modernas de futebol há muito tempo, especialmente depois de todo o período Beira-Rio [1969]. A distribuição de funções, a correta aplicação de uma política unificada de futebol, tudo isso é matéria anterior à vinda do Medina. O que ajudou foi a experiência dele, mas em compensação eu imagino que houve a hipertrofia de atribuições na sua segunda presença. Atribuiu-se ao supervisor, diretor técnico, uma competência de definir as políticas de futebol, aí foi uma competência excessiva para sua função. Essa competência [...] é do vice-presidente de futebol juntamente com o presidente e não de um funcionário, ainda que da mais alta categoria como o Medina. Foram atribuídas funções demais a um coordenador técnico. [...] Como auxiliar da direção no mais alto nível, Medina se revelou um quadro extremamente competente, dedicado e sério. Quando deram-lhe atribuições de direção, ele sofreu uma cobrança injusta, acho eu, e isso acabou prejudicando sua segunda passagem no Internacional (entrevistado D) (RODRIGUES, 2003, p. 20-1).

Nas configurações futebolísticas, há algo mais em jogo além da bola. Trata-se de um universo masculino permeado por intrigas, para não dizer fofocas. O cotidiano dos clubes é freqüentado pelos seus funcionários administrativos - um tanto marginalizados em relação a essas redes; profissionais da bola, dos jogadores às comissões técnicas; agentes/empresários, jornalistas, dirigentes, além de curiosos de toda a espécie. Há, portanto, uma diversidade de agentes e de interesses em jogo. Não é que os jogadores sejam intimados a participar das reuniões do conselho, das eleições ou do que quer que diga respeito à política do clube. Nem Medina, com seu *lobby* moderno, fora bem-vindo aos “*affairs* da corte”, como expresso no depoimento anterior, do “dirigente D”.

Dessa forma, assentado numa estrutura disjuntiva, servindo-se de um vocabulário bélico, jocosidades sexuadas, vínculos de sangue e códigos de honra, haveria de se esperar o quê de uma configuração de futebol voltada justamente para o espetáculo? Não será, por certo, espetáculos e tampouco bastidores quaisquer. Para encerrar como abri a sessão, segue outro *sketch*, anotado na mesma tarde do anterior, no último jogo da gestão Miranda-Medina-Parreira. Ocorre que, em todo o restante da sessão, as vozes torcedoras não haviam sido referidas, dando a impressão, talvez, de que eles não gostem da trama que descrevi, o que seria injusto.

<p style="text-align: center;"><b>A despedida de Miranda</b></p> <p>VÁMO LÁÁÁÁ. BUM! [pancada num portão]; VÁMO LÁÁÁÁÁÁ [o grito é de um torcedor solitário, o tom é desesperador; de alguém pedindo socorro]; VÁMO LÁÁÁÁ; Uhh, uhhh, uhhh, brigadiano é pau no cu; Uhh, uhhh, uhhh, brigadiano é pau no cu; Uhh, uhhh, uhhh, brigadiano é pau no cu... [querem invadir o gramado... depois o coro se desfaz e, em seu lugar, há manifestações individuais, os torcedores não apenas falam, mas gritam, chutam, xingam, caminham de um lado para outro... ao meu lado, um senhor, de barba, com seu radinho no ouvido, balbucia algumas palavras trêmulas, quase incompreensíveis; vê-se que ele sofre, mas seu sofrimento é contido, disciplinado, para dentro]... [entre muitas falas sobrepostas, reverberam os gritos de “filha da puta”]... [O coro se refaz, para os jogadores: puta que o pariu, eu quero ver você sair do Beira Rio; puta que o pariu, eu quero ver você sair do Beira Rio [esses xingamentos são cânticos, possuem uma sonoridade que não pode ser recuperada pelo texto]... [Um “coreano” grita: Óh (exibindo uma cédula de um real) Eles não valem isso, óh, meu; eles não valem isso óh... QUE MERDA MESMO! (melancólico, desesperador)... Aquele corno tá ouvindo, o Miranda, aquele corno, aquele corno dá o cu pro Miranda (apontando para um segurança, que está vigiando o campo para não ser invadido...]</p> <p style="text-align: center;">Uh, uh, uh, Miranda pau no cu Uh, uh, uh, Miranda pau no cu</p> <p>Seguem-se alguns xingamentos desencontrados e o coro retorna: Ei, você aí, avisa o Miranda tá na hora de saí, filho da puta;</p>	<p>Corno, filho da puta, viado... (xingamentos individuais)</p> <p style="text-align: center;">Êêêê, o Miranda vai morrêêê! Êêêê, o Miranda vai morrêêê!</p> <p>OôôôÔÔÔÔ, sô colorado, maloquero e sofrêô, GRAÇAS A DEUS!</p> <p>OôôôÔÔÔÔ, sô colorado, maloquero e sofrêô, GRAÇAS A DEUS!</p> <p>Êêêê, sô colorado: tô cansado de sofrê, fora Miranda!</p> <p style="text-align: center;">[...]</p> <p>Êta, êta, êta, amor à camiseta! Êta, êta, êta, amor à camiseta! Queremos time! Queremos time! Queremos time! Queremos time! Queremos time! Queremos time! Queremos time!</p> <p>Oôôô, Miranda ditador! Oôôô, Miranda ditador! Oôôô, Miranda ditador! Carvalho! Carvalho! Carvalho! Vamo invadi!</p> <p>Ero, ero, ero, eu quero meu dinheiro !</p> <p>[...] (senhor, solitário, xinga Parreira) Pode ir prá Coréia... Vai fazê a tua viagem! Pode ir Parreira, prá Coréia! Já tirô o Inter... Marqueteiro, marqueteiro...</p> <p>[coro]</p> <p style="text-align: center;">Miranda, tu é cagão, tu não veste a camisa do povão Miranda, tu é cagão, tu não veste a camisa do povão Miranda, tu é cagão, tu não veste a camisa do povão</p> <p>[...]</p> <p style="text-align: right;">(Inter 0 X 2 Corinthians, nov/2001, nos minutos finais do jogo)</p>
--	--

### 6.2.2 Os investimentos nos e dos atletas em formação

Os jogadores, pelo menos que estão em processo de formação, raramente sabem exatamente o que está se passando no entorno deles, sendo seguidamente surpreendidos por decisões tomadas nas instâncias diretivas. São jovens e ainda vulneráveis, tentando se estabelecer, razão pela qual dependem das redes de amizade - “bruxaria”<sup>218</sup>, como dizem - para evitar a “fritura”, a “queimação” ou a “torradeira”, expressões associadas à vulnerabilidade em geral. Eles passam a maior parte do tempo treinando, afastados das tramas de bastidores, mas são sensíveis ao menor dos elogios ou, em contrapartida, das reprimendas; sabem que o *staff* os está julgando permanentemente, em conversas ao pé do ouvido, não raro no entorno do próprio local de treino. Se estão longe de casa e fazem gols, ligam assim que podem para os familiares; para as mães, principalmente, as gestoras dos afetos, como Ju e Teco, que jogavam juntos e ligavam juntos desde Conceição do Macabu-RJ, quando lá estivemos julho de 2003. Vistos de perto, os jogadores são mais frágeis do que aparentam quando estão em campo, imbuídos de atos performáticos. O futebol de espetáculo dramatiza, pelo menos no Brasil, muitos valores associados à masculinidade, sendo um deles a capacidade de resistência à competitividade exacerbada, tramada, inclusive, nos bastidores dos jogos. Jogar com essa segunda natureza do jogo é algo que deve estar ao alcance de quem pretende “seu lugar ao sol”, como será visto.

#### De dirigente para jogador

Durante a Copa Santiago de Futebol Juvenil, em início de janeiro de 2002, justo nas primeiras semanas da gestão Carvalho, havia um certo mal estar entre os atletas, indignados, mas calados, com a “postura” do novo dirigente. Num desses episódios, quando jantávamos na sede de um dos quartéis em que todas as delegações faziam suas refeições, vários garotos foram repreendidos, em público, pela maneira com estavam trajados. Um deles usava chinelos, outro entrara no refeitório sem camisa, um terceiro usava um tênis de marca que não correspondia ao patrocinador do clube, outro tinha os cabelos desgrenhados, enfim, fora um “puxão de orelhas” e tanto.

No retorno à Porto Alegre, na madrugada que seguiu à desclassificação nas semifinais, um grupo de atletas e formadores contavam “causos de boleiros” - hilários, por certo - no andar inferior do ônibus da delegação. Um deles contou uma bravata: guiava o carro do pai pelo interior do município onde residiam seus familiares. Era menor de idade e não tinha habilitação, razão pela qual as traquinagens possuíam, à sua própria percepção, qualquer coisa de muito fascinante. Estava extenuado, como todos, depois de duas semanas albergados num quartel. “Não vejo a hora de pegar o carro do pai e sair levantando poeira... E não tô nem aí com a polícia...”. “Que carro tem o teu pai?” Foi a pergunta do mesmo diretor; um trintão boa-pinta, filho de estancieiro, que diziam ter feito parte

<sup>218</sup> “Bruxaria” é o oposto da “traição”. “Traíras” são aqueles em quem não se pode confiar, mas só se saberá exatamente quem são depois que a “traição” se configurar. Trata-se de uma metáfora antropofágica, pois o peixe, traíra, de onde o termo teve origem, é um carnívoro que devora outros peixes – menores, sobretudo. Poder-se-ia pensar também que o termo declina do verbo trair. O que importa é que a “traição” implica em entredeveramento, um espécie de competição velada, com aproximações e as amizades estratégicas, não raro rompidas por interesses utilitários e individualistas.

<p>de uma prestigiada gangue porto-alegre de jovens de classe média. “Um fusquinha”, respondeu o menino, já encabulado. “Tu tem mesmo cara de fusca!” devolveu-lhe o dirigente.</p>
---

Nota da viagem a Santiago-RS, jan 2002

#### 6.2.2.1 Os vínculos de identidade clubística num contexto de formação híbrida

Os torcedores percebem-se, via de regra, como presos aos clubes pelos quais torcem, enquanto os jogadores circulam de acordo com as oscilações do mercado, dispondo seus capitais em troca de remuneração. A circulação, por si só, tende a ser vista com desconfiança pelos primeiros, afinal o futebol de espetáculo é movido pelas regras de pertença que são, em grande parte, forjadas à sua revelia, pelos laços de parentesco ou de amizade. Dizendo de outro modo, a estética torcedora não se limita à contemplação distanciada, mas co-participa do jogo a partir dos códigos da pertença clubística instaurados a partir do parentesco consanguíneo, da honorabilidade e, como argumentado nas páginas iniciais deste capítulo, dos fluxos simbólicos vazados pela porosa fronteira do clubismo com o nacionalismo. Acrescente-se o léxico belicista e masculino e não será difícil imaginar as razões pelas quais certos pactos não podem ser mediados apenas pelos códigos modernos. Em todos esses universos, dos quais o futebol emprestou elementos para constituir-se como cultura e espetáculo planetário, a troca de facção é interdita, ou prescrita por regras explícitas, sendo a pertença definida por pactos dentre os quais sobressai o de sangue, e pacto de sangue é inquebrantável, como explicitado em outro momento. Não por acaso, o termo “mercenário” tornou-se a principal categoria de acusação dos torcedores em relação aos profissionais na presente conjuntura do futebol.

A produção caseira é percebida como estratégia há um só tempo voltada para a inculcação dos capitais futebolísticos, necessários à boa performance, e do pertencimento clubístico, que não é rigorosamente distinto de um clube para outro, sendo essas sutilezas importantes de serem retratadas. O Inter é tido como um “clube do povo”, mas seus torcedores não estão preocupados em saber se este ou aquele atleta foi recrutado entre as camadas populares, se tem *habitus* de consumo, gosto e estilo de vida populares; se gosta de pagode, se distribui parte do que recebe aos familiares e amigos, e coisas do gênero. O Inter, identificado simbolicamente com os populares e com os negros, não segue nenhum critério de recrutamento que privilegie, ao longo da produção de futebolistas, qualquer modalidade de dispositivo dessa ordem. Ou seja, jogadores que servem ao Inter, também servem ao Grêmio, seu contrário no sistema totêmico.



O trânsito de profissionais já formados é cercado de um certo tabu. Segundo a imprensa local, havia uma cláusula no contrato de venda de Christian, ao Bordeaux (França), que impunha uma multa altíssima caso o clube francês viesse a repassá-lo ao Grêmio, cujo interesse era comentado desde longa data. Christian foi contratado pelo Grêmio em 2003 e, como profissional, fez inclusive gol em Gre-Nal, no próprio Beira-Rio. A família colorada ficou dividida, entre torcer pelo clube e pelo filho/irmão. Já os torcedores colorados não perdoaram seu ex-ídolo, como no coro que registrei no Gre-Nal realizado em julho de 2004: “Hei, Christian, vai se fudê! Quem tem Nilmar não precisa de você!”.

Entre os atletas em formação, no entanto, o trânsito é freqüente, justamente pelo fato de que o processo pouco interessa aos mídias. Mateus, trazido para o Beira-Rio aos 14 anos, foi dispensado aos 17, tendo em seguida tornado-se titular dos juniores do Grêmio. Teco começou no Inter. Foi para o Grêmio junto com Tiago, seu amigo, retornando ao Inter, uma temporada depois, desta vez sem Tiago. Danny começou jogando numa escolinha particular, com 12 anos. Um ano mais tarde foi para o Grêmio, onde passou toda a temporada de 1998, sendo convidado pelo técnico do infantil a trocar de clube. Danny era capitão do Grêmio, mas, com a mudança de técnico, acabou perdendo até mesmo a titularidade, aceitando o convite do Inter. Saraiva fez toda a sua formação no Inter, foi preterido, e no início de 2004, ao final de seu vínculo, o Grêmio contratou-o com certo estardalhaço, como se estivesse “roubando” um tesouro do arquirrival. Saraiva, entretanto, não atuou uma única vez pelo Grêmio, sendo emprestado ainda no segundo semestre do mesmo ano. Diego começou no Grêmio, trocou-o pelo Inter e foi dispensado ainda nos tempos de juvenil, indo parar no Sapucaense - clube de segunda divisão estadual. E assim é também a trajetória de Marcelo Labarthe, Patrick, Rafael Lopes e outros, quase a metade dos meus trinta e cinco informantes principais.



*Staff (em pé) e atletas, ouvem as recomendações de Seu Corbellini, diretor das categorias de base, antes da viagem à Macaé-RJ (jul 2002).*

Um jogador que serve ao Inter, também serve ao Grêmio, pelo menos do ponto de vista de classe e cor. Nenhum dos dois clubes segue critérios tão ortodoxos como o Athletic, para quem a etnia é um valor fundamental. A propósito, não observei, ao longo de todo o trabalho de campo, nenhum atleta sendo constrangido a declarar-se colorado, havendo, inclusive, muitos deles que torciam para o Grêmio - surpreendi, em certa ocasião, três deles deixando o Beira-Rio depois de um jogo preliminar, enquanto outros, coloradíssimos, apressaram-se no banho para



Felipe Soares, seleção brasileira sub-17, autografa em Santiago. São os primeiros sinais da afirmação como boleiro (jan 2002).

acompanhar o jogo de fundo. O que eles não devem é explicitar este pertencimento enviesado, o que seria grave; porém, pertencimento clubístico não é, decididamente, critério de recrutamento.

No contexto do que foi exposto, pergunta-se: Seria falsa a crença dos torcedores de que os “pratas da casa” teriam identidade com o clube e, por extensão, com a comunidade afetiva? Se esta questão tivesse interesse reduzido ao campo do futebol seria irrelevante seguir adiante, podendo ser considerada mera querela do clubismo. Todavia, ela aciona determinadas questões concernentes ao vasto campo de estudos em torno da produção de vínculos sociais na modernidade. Se é um tanto surpreendente a maneira como um conjunto tão expressivo de códigos tradicionais operam na base do pertencimento clubístico, não menos estranho é o fato de que eles possam combinar-se à modernidade, com ou sem dilemas.

A razão simbólica que norteia a produção híbrida segue, *pari passu*, os pressupostos da produção endógena, como visto no capítulo anterior. O Real Madrid, cuja equipe principal é composta por “galácticos”, recrutados a custos altíssimos, e “pavones”, formados no próprio clube, é um bom exemplo de como a razão simbólica pode operar de forma autônoma à razão instrumental. Ora, o Real não forma jogadores porque tenha escassez de recursos para o recrutamento no mercado, mas porque acredita que, sem eles, o time descaracterizar-se-ia frente aos torcedores, quer dizer, não satisfaria uma importante condição de verossimilhança entre time e clube. O exemplo é interessante, pois mostra que os vínculos não são dados pelo mero uso de dados signos visuais - como se bastasse, aos olhos dos torcedores, um jogador vestir a camisa do clube para ser reconhecido como parte dele.

Para que um jogador seja “nosso”, para que ele integre o “nós”, é preciso algo mais. Então outra pergunta: qual é a modalidade de identificação que os torcedores exigem dos futebolistas? Como se produz um futebolista “colorado”? Os vínculos de um futebolista formado no Inter com a respectiva comunidade afetiva é, primeiramente, o produto da crença dos torcedores de que, ao longo da formação/produção, são inculcados dados valores, embora não façam idéia precisa de quais sejam e de como isso ocorre efetivamente. O discurso público dos dirigentes, dos cronistas e mesmo dos formadores, para não dizer dos próprios jogadores, reiterando a crença de que alguém formado nas categorias de base do clube é alguém identificado com o clube, é fundamental. Sem esta crença, ela mesma um sub-produto do clubismo, toda a justificativa para a identificação não se sustentaria. Ou por outra, nesse caso, uma crença que é produto de outra e ambas não resistiriam se não houvesse um encantamento que é dado pela *illusio* clubística. Menos mal que em Madrid também tenha uma “cantera”, do contrário poder-se-ia pensar que os colorados são irracionais, subdesenvolvidos ou coisa que o valha. Afinal, os colorados acreditam em certos vínculos que eu, por acreditar nos colorados, perdi boa parte dos meus dias fazendo



Depois de altos e baixos ao longo da formação e de quase um ano na reserva da equipe principal, Rodrigo Paulista estréia como titular do Inter, entrando em campo cercado por crianças (dez 2004).

perguntas, anotando e comparando procedimentos de treinamentos cotidianos para chegar à pífia conclusão de que tudo não passa de uma invenção. Menos mal que, como as crianças de Paul Veyne, as quais “acreditam ao mesmo tempo que Papai Noel traz brinquedos pela chaminé e que esses brinquedos são colocados lá por seus pais” (1984, p. 9), aproveitei a observação “dos pais colocando presentes nas chaminés” para algo, e as histórias de papai Noel para outros fins.

Ou seja, a formação profissional não é exatamente o que os torcedores pensam, o que não os impede de seguir acreditando em suas crenças, dentre as quais a de que um jogador formado em casa dispõe de uma aura clubística que outros não têm.

Todavia, se os pais não colocarem presentes, as crianças poderão suspeitar que Papai Noel não existe e é precisamente isso que os atletas precisam evitar. Não estou, ao recorrer a tal metáfora, sugerindo que os torcedores sejam infantilizados por suas crenças, mas supondo que certas crenças sejam necessárias para que o clubismo opere. Para que um “prata da casa” seja identificado com o clube, é preciso que ele coopere, mas no essencial trata-se de uma

teatralização. Durante a formação, aprende-se a manipular concretamente esse códigos. Ou não aprendem, e terão algum ônus por isso. Não existe um gol à maneira colorada, mas existe um gol comemorado com a torcida: beijando-se o dístico do clube, por exemplo. O simples fato de um menino ser destacado como “prata da casa” investe sua ação de uma verossimilhança peculiar com o clubismo, porque os torcedores, esses sim, são feitos em casa, literalmente. Um jogador precisa aprender a representar, no sentido de teatralizar a sua identificação, que não é a mesma coisa que a pertença dos torcedores. Seus sucessos não serão dados pelo fato de serem torcedores colorados, ainda que isso possa ser um dos elementos com os quais eles vão compor a teatralidade da identificação. Se não forem eficazes, os “pratas da casa” serão xingados como outros quaisquer, como ocorreu com João Gabriel - no texto em destaque, na abertura do sub-capítulo.

De todos os meus informantes, Todeschini<sup>219</sup> era o mais “colorado” dos meninos em formação. Torcia pelo Inter, mas isso não era tudo, nem o mais importante. Tratava-se de um jogador limitado tecnicamente, mas que fora titular desde os 14 anos de idade, no mirim. Durante boa parte de 2003, já no segundo ano do juvenil (sub-17), ele foi, inclusive, o capitão do time. Tal condição havia sido galgada pela liderança no grupo, que não se impunha nem pela técnica, nem mesmo pelo carisma. De família de classe média porto-alegrense, Todeschini não freqüentava a rotina do treinamento-albergamento. Ele raramente fazia as refeições no clube, assim como seu repouso eram feitos fora do espaço institucional, sendo o clube um local de treinamento, mas não em regime de internato. E, no entanto, ele era o mais institucionalizado de todos, do ponto de vista do coloradismo. Todeschini soubera tirar proveito dos capitais que possuía, como a capacidade de expressar-se oralmente, algo raro entre seus pares, de circular com desenvoltura entre a comissão técnica e dirigentes, tendo incorporado o senso de responsabilidade e de auto-suficiência a partir dos quais era reconhecido como “um líder nato”<sup>220</sup>. É certo que ele possuía um estilo aguerrido, “dava porrada”, “suava sangue”, “jogava para o



Ritual de fechamento. Meninos pedem proteção, e se ajudam, rezando juntos antes da decisão por pênaltis, valendo vaga à final da Taça Macaé-RJ (jul 2003).

<sup>219</sup> O nome é fictício.

<sup>220</sup> Como é próprio das crenças dos esportistas, dos talentos aos líderes, os melhores sempre são “natos”. Sobre isto cf. tb. Wacquant (2000).

time”, enfim, arriscava-se, mas outros também faziam isso. O que lhe proporcionava a condição de liderança era a combinação destas três ordens de fatores: coloradismo, estilo arrojado, desenvoltura e, sobretudo, a capacidade de articulá-las convincentemente.

Contudo, possuía limitações técnicas e problemas de obesidade - era chamado, carinhosamente, de “gordo”. Um dos formadores confessou-me que Todeschini dificilmente chegaria à equipe principal, sendo uma espécie de “perda de tempo” seguir investindo nele. “Mas quem vai dispensar ele?” Todeschini deu um passo em falso, discutindo com um dos profissionais que, talvez, imaginasse de menor prestígio, na medida em que ocupava uma posição de “auxiliar” na comissão técnica. A discussão foi áspera, e o *staff*, coeso, puniu Todeschini, tirando-lhe a “braçadeira de capitão”. Ainda no primeiro semestre de 2003 ele deixou o Inter. Fiquei sabendo por telefone e, desde Aix-en-Provence, acompanhei algumas reportagens de sua chegada ao Venezia, levado por um agente/empresário não muito cotado - que descrevia Todeschini como um “Dunga melhorado”. Quando retornei ao Inter, perguntei se ele havia sido dispensado. “Não, ninguém se atreveria a dispensar o Todeschini!” Ele simplesmente “não estava sendo aproveitado”, tinha chegado ao seu limite, não conseguia mais acompanhar o ritmo dos outros, tanto técnico como físico. Havia “subido” para a categoria júnior, a última etapa da carreira, porém deparara-se com um grupo novo, sobre o qual não possuía liderança e mesmo esta já havia sido arranhada seis meses antes com a perda da “braçadeira de capitão”. Porém, ainda era Todeschini e o clube viu com bons olhos a sua “liberação”, uma espécie de saída honrosa para ambos.

A trajetória dele mostra o quanto é importante saber jogar com os códigos de pertença que atravessam a formação/produção. Ele não chegou à equipe principal do Inter, mas se não tivesse sabido manipular certos códigos talvez tivesse sido dispensado bem antes, sem chances de conhecer Veneza. A performance de Todeschini, nos treinos, nos vestiários e nos jogos era teatral, no sentido positivo do termo. Afinal, esse jogo que ele jogou tão bem, até ser destituído de capitão, ao menos, não deve ser encarado como farsa, um faz de conta qualquer. É muito arriscado, pois os torcedores não acreditam em qualquer Papai Noel.

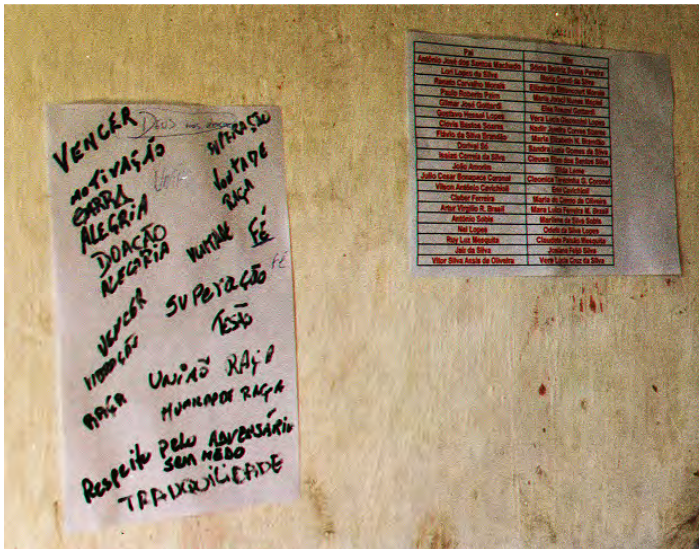
#### 6.2.2.2 Os vínculos federativos, a outra face da produção híbrida

Guardo, nos meus arquivos, uma foto cuja qualidade não recomenda a publicação, em parte por ter sido forjada para servir como nota de campo. Foi produzida no início de janeiro de 2002, no dia em que seria publicada a lista dos convocados visando a participação do Inter no 14<sup>a</sup> Copa Santiago, à época a principal competição nacional para jovens em formação menores de 18 anos. Os garotos fardaram-se tensos, ansiosos pela convocação que seria afixada no

vestiário enquanto eles estivessem treinando. Dirigiram-se ao campo e ouviram as orientações do técnico, por mais tempo do que o normal na medida em que este explicitava, além da seqüência dos trabalhos de campo, os critérios que haviam norteado a composição da tão aguardada convocação - “determinação”, “disciplina”, “espírito de grupo”, “seriedade”, “regularidade”, entre outros. Aqueceram sob a orientação do preparador físico, realizaram uma atividade mista e, em seguida, foram divididos em duas equipes para o “coletivo” - uma modalidade de jogo simulado. André Luiz, o técnico, distribuiu os jalecos e os que não receberam - o grupo tinha mais de trinta garotos - sentaram-se no banco de reservas: estava claro, então, quem não constaria na convocação e, portanto, entraria em recesso enquanto os demais participassem da tão cobiçada competição. Todos, à exceção de um dos fotografados, seriam dispensados do clube, durante o recesso ou no princípio do ano seguinte.

À exceção foi o menino franzino, displicentemente sentado no reservado, que quase ao final do treino foi escalado na equipe reserva e, por pouco, não brigou a socos com um colega-adversário. Diante da deselegante pergunta que lhe fiz, André Luiz justificou a não convocação de Nilmar por opções táticas, e também “porque ele é muito bobinho. Tem muito que aprender e é bom ele tomar cuidado!” Nilmar “estourou a idade” naquele ano, tendo sido compulsoriamente

promovido a júnior. Acompanhei, à distância, sua trajetória ao longo de 2002, uma vez que meu interesse - e a autorização de que dispunha - limitavam-me a freqüentar os juvenis. Sabia que ele estava “bem cotado” junto ao técnico dos juniores, mas, no final do ano, quando o Inter venceu o campeonato gaúcho, a página dupla do jornal Zero Hora, fixada nos vestiários, para servir de “motivação ao sucesso dos demais”, segundo Ademir, o coordenador das categorias de base, trazia uma sorridente foto dos gêmeos Diego e Diogo, as vedetes da Copa Nike



No vestiário, em Macaé. À direita, quadro com o nome dos pais; à esquerda, lista de categorias usadas para motivar os boleiros, segundo estratégia do preparador físico (jul 02).

(2000). No ano seguinte, Nilmar seria testado na equipe principal, em parte por méritos, outro tanto por falta de recursos para recrutar no mercado. Afirmou-se como artilheiro do time no campeonato brasileiro, foi convocado para a seleção brasileira sub-20, apelidado de “nilmaravilha” e cobiçado por empresários russos, mas não foi negociado pois estes não topavam

os 6 milhões de euros exigidos pelo presidente do clube. Lesão no início de 2003, recuperação, convocação para a seleção brasileira principal e uma oferta definitiva, em julho de 2004, do Olympique Lyonnais (OL): 9 milhões de euros, segundo divulgação aberta pelos mídias, além de parte na revenda de seus “direitos federativos” caso o Olympique Lyonnais venha a repassá-lo nos próximos cinco anos.

#### Nilmaravilha, nilmascarado!

- “Os meninos estão bem”, respondeu-me Paulo, auxiliar de preparação física dos juvenis. “O Rafael Sobis jogando um bolão. Tu viu o Gre-Nal? Ele passou a pouco, num Golf vermelho!”

- É, de Golf, retruquei. E aí, eles estão *mascarados* ou continuam cumprimentando e tal?

- “Não, não tão mascarados, conversam numa boa!”

- Também o Nilmar?

- “Aí já é um pouco diferente. O Nilmar é diferente. Você tem que entender o que aconteceu com ele. Num ano o cara mora na concentração [albergue do clube] e ganha 700 pila por mês. No ano seguinte, ele vai para um apartamento, ganhando 20 mil. Um ano mais e ele passa a ganhar 40 mil e todo mundo fala nele. Todos querem entrevistar, ter autógrafos, seleção brasileira, “nilmaravilha”, pô, tem que entender, tem que dar um desconto...”

Resumindo: Nilmar estava “mascarado”, expressão usada para conotar aqueles que incorporam o personagem, quer dizer, os que passam a se comportar de acordo com a imagem que é produzida deles, quase sempre destoante do comportamento apresentado antes do estrelato. Diz-se também do tipo exibido, que aparenta ser o que não é. Tipo “fazido”, “balaqueiro”, “cheio da onda”.

Nilmar chegou ao Beira-Rio em 2001, trazido por um olheiro do clube. Fora negociado junto com Sidmar, que em 2004 foi emprestado pelo Inter ao Caxias e nunca mais retornou ao Beira-Rio. O Inter poderia tê-lo perdido no início de 2002, na ocasião em que ele fora preterido para a competição de Santiago. Isso não aconteceu porque Neimar possuía um contrato e, portanto, um vínculo legal. Não poderia, como Rafael Sobis, abandonar o Corinthians; ou proceder como Teco, que saiu do Inter, foi para o Grêmio e retornou ao Inter antes de completar 16 anos e, como tal, sem a possibilidade de estabelecimento legal de vínculo. Nilmar também não tinha um agente poderoso, como Ju, emprestado pelo Inter ao São José de Porto Alegre, em meados de 2003, mas que, negando-se a tal, foi “colocado” no Cruzeiro, de Belo Horizonte, e de lá retornou à equipe júnior do Inter em agosto de 2004. O que lhe restou, em março de 2002, já nos juniores, foi seguir trabalhando no próprio Inter.

A substituição de um contrato de “700 pila”, como diria o auxiliar de preparação física, por um de “20 mil” tão logo ele foi efetivado na equipe principal, e a reformulação desse contrato para o dobro do valor, seis meses depois, quando o clube - e o atleta, claro - foram assediados pelos russos, relevam a dinâmica intensa do mercado profissional. Também revelam a necessidade dos clubes possuírem gestões ágeis e, principalmente, o vácuo para a atuação dos agentes/empresários, na medida em que os atletas em formação demandam um suporte que muito raramente seus familiares podem oferecer.



À espera de uma oportunidade. “Bancários” em Conceição do Macabu (jul 2002)

Nos meus arquivos, há também fotos de Diego Pain, e algumas delas estão no seu álbum de família, tendo-me demandado-as pouco antes de sua dispensa. Ele e Nilmar não jogaram juntos, pois Diego é dois anos mais jovem, mas pode-se dizer que foram contemporâneos. Diego começou jogando na várzea, num município da grande-Porto Alegre. Foi notado por um olheiro do Grêmio, irmão de Alcindo, ex-jogador do clube. Testado durante 1 mês, aprovado e mais tarde dispensado, incorporou-se a uma espécie de sucursal do Grêmio, comandada por outro ex-atleta do clube. Notado por Marcelo, à época treinador da equipe mirim (sub-14) do Inter, ingressou nas categorias de base e foi titular durante o restante do ano de 2000, e toda a temporada de 2001, já como infantil (sub-15). Promovido à categoria juvenil (sub-17) em 2002, teve altos e baixos ao longo do ano, tendo seu melhor momento próximo à competição de Macaé, para a qual foi convocado. Participou de apenas um jogo e não foi muito bem, sentido a falta de ritmo, dada a condição de reserva crônico. Todavia, foi o melhor na briga que teve na final do jogo contra o Corinthians, safando Mateus e Felipe Soares de uma surra espetacular. Por essa e outras, era “bruxo” de quase todos no grupo, mas o *staff* não estava muito preocupado com isso e dispensaram-no ao final do ano. Contrato com Inter ele não possuía, afinal não era propriamente um “prodígio”. Zagueiro de muita “pegada”, treinava às ganhas -“dá prá ver que esse aí já trabalhou em obra”, comentou em certa ocasião André, auxiliar-técnico -, e fazia por merecer melhor sorte, mas o mundo da bola é implacável.



Diego foi treinar no Sapucaense, clube da segunda divisão gaúcha, no início de 2003, e lá conheceu W. Batiolli, com quem fez um contrato de imagem, passando a receber uma ajuda de custo; um pouco menos do que 1 salário mínimo. Dois meses depois, estava no São José, sem ajuda de custo ou coisa que o valha. Lá reencontrou Hick e Roberto, outros dois ex-atletas colorados. Jogou contra o Criciúma e agradou ao treinador do time catarinense. Batiolli o encaminhou prontamente, lá permanecendo até o final de 2003. Teria jogado bem até uma torção no tornozelo, mas tendo voltado sem as devidas condições físicas “foi mal” e, assim sendo, dispensaram-no. Mais dois jogos pelo Sapucaense e transferiu-se novamente para o São José. Deveria se reapresentar nesse clube no início de 2004, mas estava trabalhando com o tio, “numa pintura”, em Porto Alegre. Perdeu o prazo e então foi levado por Batiolli ao Camburiense, da segunda divisão catarinense, segundo ele próprio um time de empresários que “gostam de se esticar no cara” - enganar, enrolar... Como Diego não é dado a isso, pegou seus pertences e voltou para Porto Alegre, um mês depois. Desde então, joga em times/clubes de várzea, aos finais de semana, a 100, 200 ou 300 reais, dependendo do lugar, da fase do campeonato e da performance da equipe.



Labarthe desfrutando de um dos signos mais prestigiosos para os meninos: a entrevista ao final do jogo, em Santiago (jan 2002).

Nilmar e Diego Pain são exemplos de como a lógica da formação/produção de futebolistas opera, estabelecendo, em curto espaço de tempo, uma distância irre recuperável entre dois indivíduos que foram contemporâneos. Nilmar e Diego não são casos isolados, existindo no grupo de meus informantes outros meninos que se prestariam para contrastar as trajetórias. Seis meses depois de sua transferência, Nilmar ainda não tem lugar assegurado no time do Olympique Lyonnais, mas o dinheiro da transferência e o contrato por cinco anos devem ter-lhe assegurado, ao menos por hora, as benesses da profissão. Diego faz planos de começar um curso profissionalizante, mas não parece muito convencido de que o futebol profissional fechou-lhe as portas. Ao fazer uma balanço de sua trajetória, pareceu-me resignado, listando a “bruxaria” que chegou ao “profi”, e aquela que, como ele, foi se dispersando depois da dispensa do Inter. Lenílson, ele repetia sem cessar, virou “obreiro” - pastor pentecostal. “E ninguém jogava como ele no mirim!”

Razão simbólica e razão instrumental são duas faces da mesma moeda no contexto da produção híbrida, sendo que ambas devem ser compreendidas, a partir da lógica do pertencimento e, portanto, com a lógica simbólica englobando a lógica instrumental. Os

torcedores desejarão, sempre, que o clube mantenha os melhores jogadores do time, e particularmente, os “pratas da casa”, mas não são de todo insensíveis à venda, pois está mais ou menos incorporada a idéia de que o clube depende deles como receita. Está a critério dos dirigentes, responsáveis pela administração do clube e do time, encontrar as estratégias de convencimento adequadas, o que implica numa série de pré-requisitos, como o momento da venda, o valor, a promessa de reposição e assim por diante. Todavia, nem sempre as estratégias são convincentes e, por vezes, paira sobre as transações suspeitas de que interesses privados estariam atravessando o que em termos ideais é um patrimônio coletivo, afinal um jogador que pertence a um clube pertence a uma nação, sendo propriedade coletiva ou pública.

A lógica da pertença torcedora é anacrônica para os padrões modernos, em que os vínculos são pensados a partir da lógica instrumental. Os torcedores encontram-se presos ao clube do coração, enquanto os jogadores, dadas as características atuais do futebol de espetáculo, não apenas circulam senão que o fazem por razões econômicas. É quando os “pratas da casa” são vendidos que o conflito entre razão econômica e razão instrumental torna-se mais intenso, pois nesse caso, o que está sendo vendido, junto com o jogador, é o tanto de coloradismo que foi por ele incorporado. São “os guris”, “os meninos”, enfim, são as crianças, os filhos, que estão sendo postos em circulação, que são trocados por dinheiro.

Não há propriamente restrição em relação a essa modalidade de circulação - voltarei ao assunto no capítulo 9 -, importando, sobretudo, as estratégias empreendidas, sendo elas que nos revelam aquilo que em antropologia se define como os códigos culturais. Um “guri” pode deixar o clube imperceptivelmente, como Todeschini, antes mesmo de chegar à equipe principal; ou mesmo como Tiago Saletti, que depois de um começo promissor, foi culpabilizado pelo próprio técnico por uma derrota do Inter, sendo sacado do time e depois “emprestado” para um clube que disputava a segunda divisão. Um “guri”, como Nilmar, o ‘nilmaravilha”, pode deixar o clube em menos de duas temporadas de titularidade, sem que os dirigentes sejam censurados e ele próprio acusado de mercenário. A mercadorização foi incorporada ao futebol de espetáculo e revela-se concretamente no discurso dos gestores da formação/produção híbrida, como na entrevista abaixo, concedida pelo presidente colorado a um jornal porto-alegrense.

Jornalista: O senhor falou que o Inter está numa situação financeira confortável. Mas continua com um déficit mensal [...].

Presidente: Situação confortável é porque temos que receber uma parte dos recursos do Nilmar, temos o seguro de vida do Mahicon Librelato [morto em acidente automobilístico], de 6 milhões de reais, além da postulação sobre a venda do Lúcio, de um milhão de dólares [...] O déficit vai continuar [...] e teremos que continuar vendendo um jogador por ano. Lá adiante poderemos vender Chiquinho, RodrigoPaulista, Sobis, Diego, Granja, Edinho, Tinga, Alex. Todos fazem parte do nosso ativo. A venda é necessária para o clube criar estabilidade e ter condições de trazer novos jogadores e até de formar outros (Zero Hora, 30/01/2005, p. 56).

No contexto da formação/produção híbrida, a terminologia econômica virou rotina e os próprios torcedores parecem tê-la assimilado. Nilmar é bem o caso oposto da saída litigiosa de Ronaldinho Gaúcho, hostilizado pelos gremistas - capítulo 3. O que diferencia um do outro são, principalmente, as estratégias de desvinculação do clube. A de Nilmar foi conciliatória - “se é bom para mim e para o clube...” - e, em certo sentido, parcial, como ilustra a despedida de Nilton Santos, responsável pela contra-capa do jornal “Portã8”.

**Obrigado, Nilmar**

Em nome de todos os colorados, quero agradecer pelas alegrias que você nos proporcionou. Vamos sentir saudades de suas belas jogadas e dos belos gols. Fique sabendo que o Beira-Rio e o Rio Grande do Sul sempre estarão de braços abertos para te receber.

***Vá com Deus e sucesso!***

A contrapartida desse desequilíbrio entre permanência e circulação - quantos torcedores, ao olhar para o time, lamentam-se de não poder trocar de clube! - é dada pelo poder, quase absoluto, que os atletas concedem aos torcedores, excluindo-se o uso da violência física. As vaias e os xingamentos são a contrapartida dos aplausos, o que indica que os torcedores possuem ampla liberdade de circulação no universo das palavras, das representações, dos juízos. Já os atletas são silenciados, razão pela qual reagem, muito seguidamente, às vaias e aos xingamentos com expressões do tipo “não tem que falar, temos é que seguir trabalhando”, “vaiar é direito do torcedor”, “jogador não tem que falar, tem que jogar”, etc.

## **7 A LAPIDAÇÃO DO DOM:**

### **As rotinas na incorporação dos capitais visando o espetáculo a partir da formação/produção colorada**

Acompanhei, entre outubro de 2001 e dezembro de 2002, o cotidiano dos atletas do grupo juvenil do Internacional, composto por aproximadamente 35 adolescentes nascidos em 1984, 85 e 86. De outubro de 2003 a fevereiro de 2004, estive junto aos “moins 18” do Olympique Marseille (OM), cujo grupo era bastante reduzido, não superior a 18 atletas, nascidos em 1986 e 87. Como minha estada em campo foi bem mais prolongada no Inter, pude negociar com os dirigentes, comissão técnica (*staff*) e atletas em formação uma modalidade de inserção que possibilitou a circulação pelos espaços e tempos privados - tais como viagens, concentrações, palestras, vestiários, campos de treinamentos e de jogos, entre outros. Com um pouco menos de desenvoltura, circulei também pelos espaços equivalentes junto ao OM e, em períodos menores, por outros centros de formação/produção, usando estrategicamente os eventos de Santiago e Macaé para observações complementares e entrevistas. Não obstante, este capítulo não é o relato das experiências empíricas, mas uma síntese das rotinas de formação/produção a partir de alguns de seus dispositivos, com ênfase na organização do trabalho cotidiano voltado para o aperfeiçoamento dos capitais futebolísticos.

A formação/produção é um processo altamente competitivo quando visto da perspectiva dos atletas. Além da aprendizagem ser realizada diretamente no corpo e as pedagogias primarem pelo trabalho coletivo, os investimentos são incertos. Como mostrado no capítulo 5, o mercado de pé-de-obra tem limitada possibilidade de expansão num contexto como o Brasil, em que o clubismo está estabilizado. Há, em contrapartida, possibilidades de emprego no mercado internacional, mas como foi dito, boa parte dessas oportunidades são em países futebolisticamente periféricos, ou em clubes de 2ª e 3ª divisões, por vezes amadores. No entanto, não é com essa expectativa que os meninos entram para os centros de formação. O projeto deles é um sonho e como tal nada modesto: a seleção brasileira, os grandes clubes europeus, o Inter e

por aí afora. São adolescentes, a maior parte vinda de grupos populares, investidos por representações de masculinidade que os fazem propensos aos desafios que o futebol exige. Nenhum dos que conheci sequer suspeitava de que não tivesse dom, mesmo os que foram dispensados prematuramente. A carreira começa, efetivamente, e por vezes termina, num centro de formação/produção.

Para aderir à formação, é preciso desejá-la - princípio da voluntariedade; mas isso não basta, é preciso ser escolhido - princípio da elegibilidade; e se estes dois princípios convergem, é preciso entregar-se de corpo e alma - princípio da dedicação integral, a partir do qual “se respira futebol”, como expressou André, membro do *staff* juvenil, para quem os atletas eram dragados de tal modo pelo circuito restrito ao *métier* que acabavam por alienarem-se do mundo. Esses três princípios são indissociáveis e marcam, de ponta a ponta, o processo de produção de futebolistas. Não se consegue compreender as razões pelas quais os adolescentes se entregam à incorporação dos capitais futebolísticos, na intensidade e na extensão que ela exige, desconsiderando-se o fato de que eles são induzidos à percepção, desde o ponto de partida, de que são, antes de tudo vocacionados, como afirmam Faure e Suaud.

L'investissement, exigé par le choix de devenir footballeur professionnel, suppose une mobilisation positive des individus pour se consacrer à un projet de vie qui va les prendre totalement, corp et ame. Ils se construisent ainsi une seconde nature, en s'installant dans un autre monde dans le quel l'exploit physique est appelé à devenir une pratique ordinaire, ce passage à un monde séparé qui a ses propres normes exige que l'on rompe avec le style de vie ordinaire, les relations habituelles pour vivre à contre-temps, voire à contre-espace; au sein d'un univers où le domaine du privé n'a plus guère de place. [...] En tant que condition *sine qua non* de l'appartenance à l'univers des joueurs professionnels, une tel transformation de soi équivaut à un processus d'intériorisation par lequel des individus sélectionnés acquièrent les dispositions nécessaires pour accepter un traitement aussi intensif du corps, susceptible de conduire à la performance avec la marge d'incertitude que l'on sait (1999, p. 199).

No capítulo anterior, enfatizei a maneira como a atuação de dirigentes e torcedores configura o espaço clubístico, com suas múltiplas facetas dadas por vínculos de ordens e interesses distintos e seguidamente conflitantes. Do “entorno do clube”, passo, agora, ao “entorno dos campos de futebol do clube”, espaços por excelência dos investimentos em capitais futebolísticos. Na primeira parte, explico as principais etapas da progressão ao longo do processo de formação, organizada em forma de ciclos que combinam as temporalidades cíclica e linear. O destaque dessa parte é para “o funil” (quadro 7.1), uma representação gráfica elaborada a partir das noções nativas. Na segunda parte, destaco dois dispositivos usados pelo Inter no recrutamento de crianças e adolescentes, destacando a maneira como os recrutados manipulam as tecnologias da formação/produção híbrida. Por fim, trato do cotidiano do treinamento, da sua organização e de seus objetivos, destacando, com um breve argumento em diacronia, a

importância do treinamento físico no processo de demarcação da atividade de futebolista como trabalho e, portanto, como uma atividade que oscila entre dois mundos: o mundano (tempo de preparação, ordinário, trabalho) e o sagrado (tempo da performance, extraordinário, espetáculo).

### 7.1 AS PROGRESSÕES EM ESPIRAL

Tenho insistido com a idéia de que a produção/formação profissional deva ser pensada como um conjunto de dispositivos, mas também como um dispositivo do conjunto. Ou seja, o processo de conversão de dons/talentos em profissionais é uma tecnologia, constituída no decorrer da espetacularização do futebol, não existindo em outras épocas da mesma forma como se configura no presente. É o que chamo de dispositivo do conjunto, pois a formação/produção é parte desse futebol fruído como espetáculo e, simultaneamente, um processo que demarca, na forma de capitais incorporados, a distância entre a prática bricolada, como lazer ou entretenimento - da prática profissional. Desse modo, o processo em causa é constituído por um conjunto de elementos heteróclitos, tratados como dispositivos, que arranjados de uma maneira eficaz produzem os resultados almejados.

Tempo e espaço são categorias fulcrais na prática do futebol, sobretudo na matriz espetacular. Dispor do tempo e do espaço talvez seja a forma mais elementar de organizar uma dada pedagogia prática, como é o caso do futebol. O espaço será priorizado no próximo capítulo, razão pela qual as atenções voltam-se aqui sobre o tempo. A rigor, qualquer atividade pode ser pensada a partir do encontro de duas temporalidades, uma delas cíclica, marcada pela repetição, e a outra linear, caracterizada pela continuidade. O *métier* de futebolista é uma combinação dessas duas temporalidades que se entrecruzam.

Um jogo possui dois tempos de 3/4 quartos de hora, e esses tempos, definidos pelas regras, não mudam de um jogo para outro. O que muda é a sua gestão, a maneira como uma equipe vai portar-se em relação a ele, se vai “potencializá-lo”, quando estiver perdendo, por exemplo, ou “gastá-lo”, quando estiver vencendo - quer dizer, desperdiçá-lo, deixar o “tempo passar”, “fazer cera” (esquivar-se do jogo). O tempo dos códigos da FIFA-IB, marcado pelo cronômetro, é fixo e repetitivo, sem história. O tempo social, dado pela sucessão de eventos, de lances propriamente ditos, é um tempo narrativo, único e irreversível<sup>221</sup>. É preciso, pois, “administrar o tempo”, ou seja, a duração mecânica; atribuir-lhe um sentido, mesmo que seja o

---

<sup>221</sup> Se necessário, retomar a parte final do capítulo 1 na qual abordo a multiplicidade de narrativas instituídas a partir dos eventos de um jogo.

de desperdício. Para uma equipe cujo empate lhe garante o título, o ideal seria que o jogo terminasse tão logo tivesse início ou sequer fosse realizado. Para a equipe adversária, por razões opostas, o ideal seria que o jogo não tivesse fim enquanto o resultado não lhe conviesse. A manipulação do tempo é um dos ingredientes mais importantes da tensão e da excitação futebolística, e se é certo que os torcedores vivem-na intensamente, não menos intensa, mas diversamente, experimentam-na os atletas.

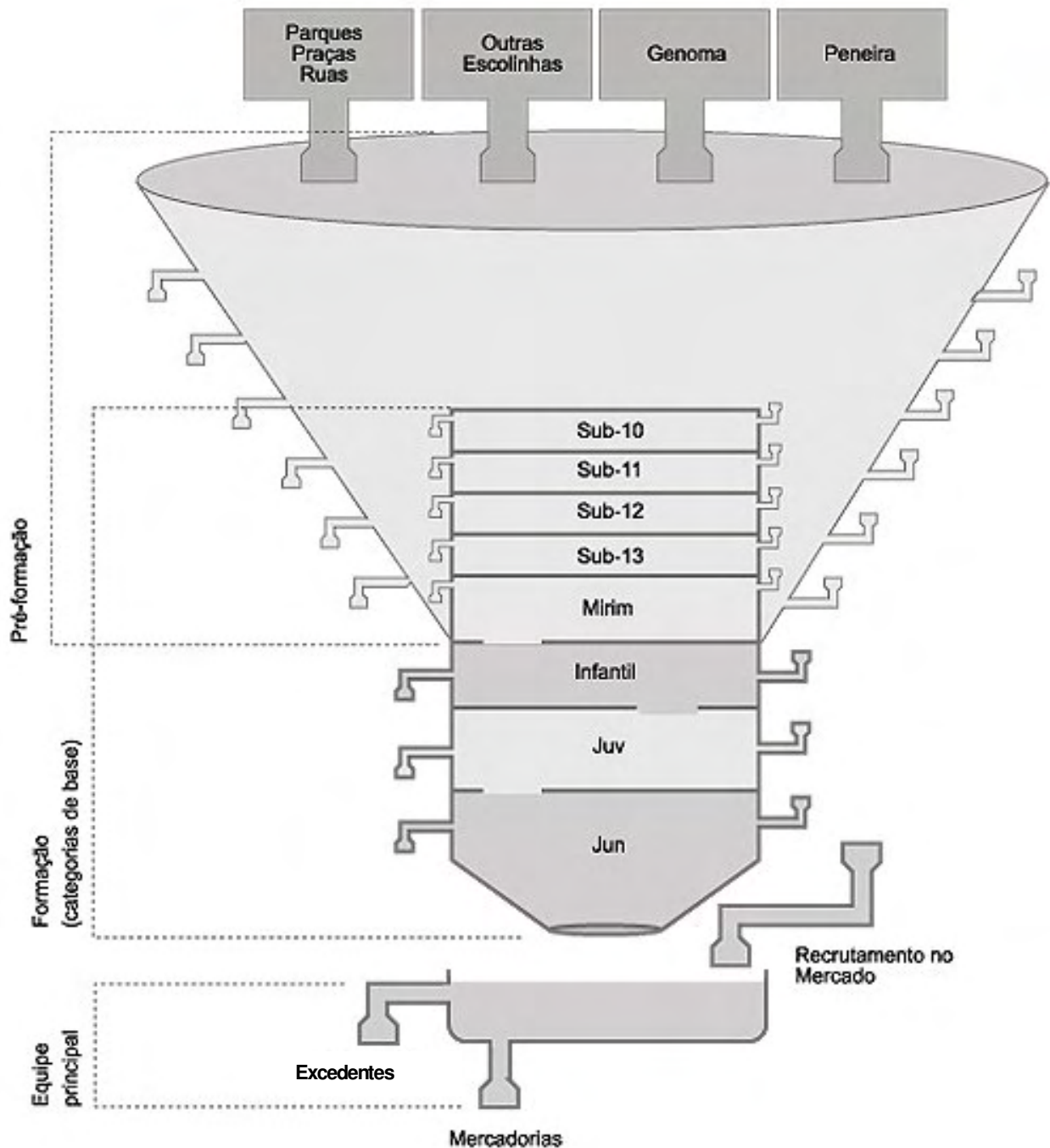
Assim, existe o tempo do jogo, entrecortado por seus ritmos situacionais, e o tempo de preparação. Na preparação, há o tempo do treinamento, do repouso/recuperação, da concentração e outros que serão tratados na terceira parte deste capítulo. E se o tempo de preparação for anexado ao tempo do jogo, tem-se uma unidade. Pode ser um ciclo semanal, por vezes mais ou menos espaçado, uma vez que os clubes brasileiros colocam seus times em campo em torno de 70 a 80 vezes num ano, uma vez e meia por semana, portanto. Há o ciclo anual, dado pela correspondência entre o recesso e o trabalho, assegurados pela legislação. O que mais importam, porém, são os ciclos dados pelas competições, que se repetem ano após ano, como o campeonato brasileiro, disputado desde 1971; as copas do mundo, de 4 em 4 anos, desde 1930, e assim por diante. Enfim, o termo “rotina” não é gratuito, nem exclusivo do futebol, mas foi incorporado a ele ao longo do processo de espetacularização que, por seu turno, constrange a atividade profissional a um ciclo de aproximadamente 15 anos para os atletas bem-sucedidos - os que não são vítimas do desemprego crônico ou de lesões graves, como dito no capítulo 5.

Não custa reproduzir uma versão resumida do **Quadro 5.1**, explicitando “os ciclos da espiral longa”, como denominei o conjunto da carreira de futebolista, sempre destacando que esta pode vir a ser interrompida a qualquer momento.

Ciclo de aprendizagem ou pré-formação	Ciclos de preparação ou formação	Ciclos de aprimoramento e de atuação	Ciclos de desconversão	Ciclos de reconversão ou aposentadoria
Dos primeiros passos aos 14 anos	A partir dos 10 anos, intensificando-se dos 14 aos 20	Entre os 17 e os 35 anos	Entre os 30 e os 40 anos	A partir do fim da carreira ou quando este estiver próximo

A presente tese prioriza o segundo ciclo, “de preparação ou formação”, mas não perde de vista a posição que ele ocupa na totalidade da carreira. Uma representação esquemática, **quadro 7.1**, a seguir, é necessária para a compreensão dos nexos entre a pré-formação, a formação/produção e a atuação profissional.

**Quadro 7.1 - Os ciclos da espiral curta ou da preparação para a profissão**



A representação do processo de formação/produção como um funil é recorrente no circuito futebolístico, razão pela qual decidi adotá-la. Com tantos pretendentes e tão poucas vagas, não é preciso alongar-se para explicitar as razões pelas quais o funil é bom para pensar a trajetória que vai do reconhecimento do dom/talento à exibição performática. Por questão de coerência dever-se-ia inverter



o funil, projetando o gargalo para o alto, pois é em direção ao alto que os meninos imaginam seus



Cena clássica de disciplinamento: o transporte das goleiras. Grupo de juniores do Inter (set 2002).

percursos. Expressões como “tenho que me puxar” e “estamos se puxando”, usadas para referir a necessidade de superação, são compatíveis com “treino puxado” (ciclo diário/turno) e “semana puxada”, utilizadas para definir ciclos de rotina intensa. Como representações êmicas, tais expressões explicitam a convicção de que os corpos, individuais e coletivos, precisam expandir-se, constantemente, para serem preenchidos com os capitais futebolísticos. “O grupo tem que se puxar”, quer dizer, uns precisam acicatar os

outros, do contrário “o trabalho não rende”, os jogadores e/ou o grupo tendem a “se estagnar”. Um jogador “estagnado” é alguém que perdeu a capacidade de expansão, de incorporação de capitais, que chegou no “limite” do seu dom/talento, da sua resistência ou mesmo da motivação, quase sempre as três coisas ao mesmo tempo. “Ter limitações” ou ser um “jogador limitado” é não mais poder ser “puxado”, “esticado” ou “expandido”. No caso do processo de formação, isso é mais importante do que o volume absoluto de capitais, razão pela qual os formadores - e os próprios meninos - estão constantemente atentos aos desempenhos em comparação a si mesmos<sup>222</sup>. Quer dizer, há que se progredir sempre, melhorar em relação ao próprio desempenho, pois quanto mais se desce no gargalo do funil, maior a competitividade. As representações acima são eivadas de conotações masculinas, altamente sexuadas, seguidamente ambivalentes, em que mostrar que se é um bom jogador equivaleria a mostrar quem se é como homem - “acredito no meu potencial”, “posso mostrar meu potencial”, “o sujeito não tem potencial”, “o tamanho da bola dele não dá pro Inter”, entre outras<sup>223</sup>.

<sup>222</sup> Seria preciso uma longa descrição para explicar como operam os olheiros, *experts* práticos que avaliam os meninos. Por vezes, meninos de atuação destacada aos olhos do leigo, são preteridos por eles. Os olheiros também erram, por certo, mas o olhar deles não é para a performance presente, aquela que o leigo nota ao ver o jogo, mas por outra, dada pela possibilidade do sujeito vir a ser investido, quer dizer, ter seu dom/talento expandido.

<sup>223</sup> De qualquer modo, esses termos não possuem, na rotina dos boleiros, qualquer ambigüidade. Tal qual os vestiários do *rugby*, como mostrado por Saouter (2000), os do futebol dessexualizam os corpos, para que eles possam ser tocados (abraçados e até beijados, se for o caso) sem que isso tenha conotação erótica. Por serem espaços altamente reservados, restritos à intimidade de quem é parte do grupo, são também fantasiados por quem não os frequenta. Do ponto de vista da sexualidade, ao menos, as imaginações dos torcedores - sobretudo do público gay e feminino, mas não só - são disparadamente mais férteis do que as práticas dos jogadores. Todavia, o que está posto aqui é matizado por uma experiência etnográfica limitada no tempo e no espaço. Outros trabalhos poderão apontar vestiários com procedimentos distintos daqueles que eu observei.

Para facilitar a compreensão da etapa preparatória para a atividade profissional, convém concentrar as atenções no dispositivo colorado. Com pequenas variações, ele predomina nos principais centros de formação no Brasil, vinculados aos clubes de elite<sup>224</sup>. Os chamados “laranjas”, associados ao modelo exógeno, raramente apresentam o processo na integralidade, fixando-se, quase sempre, nas etapas finais. Duas considerações gerais são importantes. Em primeiro lugar, pode-se entrar e sair do funil em diferentes etapas, razão pela qual há de lado a lado da representação, pequenos ductos. É dispensável dizer que é mais fácil ser expelido do que agregado, na medida em que se passa da base ao gargalo do funil. Em segundo lugar, a entrada e a saída são avaliadas segundo a posse dos capitais futebolísticos, “do potencial”, e não propriamente do volume, como dito a pouco, mas não apenas isso. A entrada mais simples, para quem dispõe apenas de dom/talento, é pela base, lá onde prevalecem os critérios técnicos, distante de tudo e de todos - olheiros, dirigentes e torcedores. Quanto mais se avança em direção ao gargalo, maiores são as exigências de dom/talento e de “Q.Is” - “quem indica”: olheiros, dirigentes, cónsules, agentes/empresários, etc.

#### Quadro 7.2’ - Aspectos gerais da pré-formação, formação e atuação profissional

Designação genérica	Designação específica	Ano (s) de nasc.	Atletas por grupo	Turnos de treinos/semana	Horas de treinos/semana	Profissionais com DE	Profissionais sem DE
Pré-formação	Escolinha	98-92	25-30	2 (1,5h)	3	-	2
Formação	Seleções	95-92	25-30	3 (1,5h)	5	2	9
	Mirim	91	25-30	5 (2h)	10	2	9
	Infantil	90	25-30	5 (2h)	10	2	9
	Juvenil	89-88	30-35	7 (2,5h)	18	7	6
	Piloto <sup>225</sup>	89-85	35-40	7 (2,5h)	18	-	6
	Junior	87-86-85	30-35	7 (2,5h)	18	7	6
Atuação	Profissional	A partir de 86	25-30	5-7 (2,5h)	16	14	-

Fonte: Tanto este como os dois próximos quadros foram constituídos a partir do trabalho de campo e atualizados em dezembro de 2004 junto à coordenação técnica das categorias de base do Inter.

\* A base de fixação das faixas etárias é o ano de 2005.

<sup>224</sup> Com pequenas variações, Vitória, Cruzeiro, Fluminense e Curitiba seguem o modelo colorado, segundo informações de membros de comissões técnicas. Através de visitação aos *sites* de outros clubes e de informações repassadas pelos profissionais entrevistados, pode-se sustentar, como segurança, a afirmação do texto. Clube-empresas tais como o CFZ e o RS FC, cujos centros foram visitados e os profissionais entrevistados, também estão próximos do Inter. O modelo não dá conta, no entanto, da diversidade, da extensão e, em certos casos, da precariedade da “formação à brasileira”.

<sup>225</sup> O “piloto” é um grupo integrado por garotos com idade para ser juvenil ou júnior em fase de “avaliação” ou “teste”. São indicações de dirigentes – conselheiros e cónsules, especialmente -, olheiros e *staff* das próprias categorias de base, agentes/empresários e de Dorinho (ex-atleta que realiza “peneiras”, como as mostradas no primeiro episódio da série “Futebol”, de J. M. Salles e A. Fontes). A avaliação pode durar de uma semana até um mês ou mais. O “piloto” usa as instalações do clube – campos, vestiários, etc. – mas os atletas não possuem vínculo formal, não são, na designação nativa, “efetivos”.

A Escola Rubra possui mais de 1.500 alunos, mas ela já não é tida pelo clube como eficaz no processo de formação. Para otimizá-lo o Inter - e outros clubes no Brasil - recuaram a formação propriamente dita, selecionando meninos da Escola Rubra entre 10 e 14 anos que apresentem potencial destacado, submetendo-os, então, a um processo diferenciado de trabalho, como mostrado no quadro 7.2'. Pela carga de trabalho e pelo número de profissionais com e sem dedicação exclusiva pode-se notar a diferença entre a importância dada à pré-formação e à formação<sup>226</sup>. O volume de atividades, ou “carga de trabalho”, nos termos nativos, assim como o desempenho em relação a elas, são matizados pela expectativa de formar atletas com capital futebolístico



Paulo, auxiliar de preparação física, cronometra o tempo dos atletas durante teste de Cooper (mai 2002)

compatível ao mercado de elite. Nem todos os atletas que chegam ao final da formação na configuração colorada serão aproveitados no time e tampouco no mercado de elite, mas o trabalho é orientado nessa direção, e os treinamentos têm a frequência e a intensidade que tal mercado pressupõe. Os que não conseguem acompanhar o ritmo são “dispensados”, não importa se por limitações técnicas, fadiga física ou psíquica, por vezes as três juntas - “fulano não está agüentando”, “tá muito forte prá ele”, “chegou no limite”, são expressões usadas para definir um estado de saturação, a partir do qual a deserção ou a dispensa tornam-se iminentes.

Sob todos os aspectos, como se verá ainda neste capítulo, os investimentos do clube são na formação e não em pré-formação, como muitos dirigentes pretendem fazer crer, dando aos clubes uma conotação assistencial que eles não têm. Formar a índole dos meninos para além do que o exercício profissional pressupõe pode ser uma preocupação de um ou outro pedagogo, mas não é uma política institucional. No modelo de formação híbrida, como é o caso do Inter, investe-se, efetivamente, naqueles em quem se reconhece o dom/talento, começando por separá-los da massa que frequenta a escolinha<sup>227</sup>. “As seleções”, como são chamadas no Inter, treinam em local separado, no antigo estádio dos Eucaliptos, ou mesmo nos campos suplementares do

<sup>226</sup> Dois outros quadros, 7.2” e 7.2’”, especificam, no decorrer do texto, as informações do **quadro 7.2’**.

<sup>227</sup> Dos 10 informantes que chegaram à equipe principal, apenas 2 têm passagem pela escolinha do próprio Inter, os demais foram agregados no percurso. O clube sabe, na ponta da caneta, que a escolinha é um dispositivo quase-obsoleto, razão pela qual não investe nela, como se verá em seguida.

complexo Beira-Rio. A Escola Rubra está localizada num terreno aos fundos, até pouco tempo em litígio, denominado de “saara” e “pantanal”, conforme a estação do ano.

Os que são selecionados para as “seleções” - sub-10 a sub-13” - e os que estão no “mirim” (sub-14) e no “infantil” (sub-15) recebem um tratamento próximo, porém mais cuidadoso conforme progredem em idade, avançando em direção ao gargalo do funil. É no juvenil (sub-17), com idade entre 15 e 17 anos, que os investimentos se intensificam e o torniquete é acionado. Até então, os meninos vêm progredindo em grupos numericamente constantes, ano a ano. O grupo do juvenil, no entanto, possui duas faixas de idade e o mesmo número de atletas dos grupos anteriores, ocorrendo um excesso de dons/talentos no início da temporada e a conseqüente dispensa de pelo menos a metade de quem estava no infantil. É nessa categoria que tendem a ocorrer o maior número de dispensas, conforme dados do próprio clube. Como os atletas são avaliados pelo potencial e não pelo volume de capital absoluto, um menino recém chegado ao juvenil pode ter privilégios em relação a outro que já está no grupo, mas de quem não se espera muito. Foi o caso de Patrick, que passou 2002 na reserva mesmo sendo seu último ano de juvenil - acabaria dispensado no ano seguinte -, em detrimento de Ju, recém promovido, e Taianan, pinçado do infantil quase ao final do ano. Patrick estava abatido, e nem poderia ser diferente. Com Ju e Taianan jogando, não era preciso dizer que ele seria dispensado em breve.

As categorias júnior e a juvenil têm praticamente os mesmos privilégios: o clube disponibiliza o material de treino e de jogo, incluindo-se as chuteiras; existe alojamento para aqueles que não são de Porto Alegre e região metropolitana; possuem uma comissão técnica completa e exclusiva; partilham dos serviços de recuperação em casos de lesões - médico, fisioterapeuta, preparador físico -; viajam pelo interior do Estado e participam com maior frequência de competições fora de Porto Alegre, embora raramente viagem de avião e nunca sejam hospedados em hotéis cinco estrelas (caso dos profissionais); quase todos têm agente/empresário, vão a festas, têm namoradas, vestem e calçam produtos de *grife* - comprados no shopping ou no pátio do Beira-Rio, não raro patrocinados pelos agentes/empresários - e alguns até possuem carros esportivos de marcas populares<sup>228</sup>. O acesso ao vestiário deles é relativamente vigiado, os jogos são realizados no campo de treinamento dos profissionais e, às vezes, no gramado principal - como jogo de abertura. É ante-sala do “profi”, como eles chamam, embora todos os juniores do Inter possuam contratos profissionais.

---

<sup>228</sup> A exceção foi Cléber, que comprou um Marea-Fiat, tido como um absurdo por vários formadores. “O que ele tá pensando, não acha que os outros vão meter o olho nele, porque tá ganhando mais do que todos?” Segundo um dos formadores mais influentes, o declínio de Cléber, ao longo de 2004, teria começado “depois do Marea”. “Errou quem fez um contrato tão alto com ele; não deviam. Ele começou a ‘se achar’, querer parecer diferente dos outros, deu no que deu, ‘se largou nas cordas’ e aí ‘fritaram ele!’”

Dependendo dos capitais futebolísticos, os atletas em formação passam a receber “ajuda de custo” desde as seleções, mas contrato com o clube eles só podem estabelecer, segundo a legislação brasileira, aos 16 anos. Nessa idade, que corresponde à categoria juvenil, nenhum atleta vai à competição sem assinar algum contrato, mesmo que seja como amador, pois caso ele se destaque é provável que venha a ser assediado por agentes/empresários. Segundo dados do próprio Inter, há um teto de aproximadamente 200 dólares para os meninos do Infantil, mas são raros os que dispõem desse montante como ajuda de custo; 300 para o juvenil e 400 dólares para os juniores. Atletas de exceção, como o goleiro Renan, da seleção brasileira - e Cleber, que fez um contrato francamente além das expectativas -, podem “estourar”, dependendo de um jogo intrincado de bastidores no qual o sujeito será etiquetado com um valor de mercado.

No final de 2004, o Inter possuía aproximadamente 400 meninos nas categorias de base, a partir dos 10 anos de idade, excluindo-se os da Escola Rubra. Da temporada 2004 para 2005, nenhum atleta das categorias de base foi promovido à equipe principal. O índice deveu-se, em parte, à antecipação da “maioridade” de alguns jovens ainda no início do ano, como será explicitado em seguida. Todavia, o número dos que atravessam o gargalo do funil e são colhidos pela equipe principal - os “profi”, como chamam - é realmente baixo, três ou quatro, se tanto, por temporada. Muitos são testados e descartados logo em seguida, outros nem recebem oportunidades - casos de Cícero e de Cléber, por exemplo. Para se ter uma idéia de quão concorrida é a formação colorada, basta dizer que no ano de 2004 foram testados 550 jogadores na equipe piloto, juvenil e Junior, portanto, sendo que apenas 14 foram aprovados, uma média de 39 candidatos por vaga<sup>229</sup>. E acrescente-se: os testes já vieram “peneirados”: por Dorinho, por agentes/empresários, pelo *staff* do próprio Inter, consúles e outros homens com bom trâmite no clube - os “QIs”.



Pereira, vestido a caráter, no pátio do Beira-Rio (abr 2002).

<sup>229</sup> Para se ter um parâmetro comparativo do grau de dificuldade para se acessar um centro de formação de formação prestigiado, como é o caso do Inter, seguem as densidades dos três cursos mais concorridos no vestibular 2005 da UFRGS: medicina (29,79 candidatos/vaga), psicologia (26,43) e direito (21,84). Se considerarmos que a base dos que procuram a profissionalização futebolística são, sobretudo, jovens de camadas populares, tem-se aqui mais um argumento corroborando o que o “survey das profissões” apontava: para esses grupos, a carreira de futebolista é compatível, em termos de prestígio, à carreira médica, para jovens de camadas médias e altas.

A díade preparação-jogo, com destaque para o treinamento no âmbito da preparação<sup>230</sup>, é comum tanto aos profissionais quanto aos atletas em formação, especialmente aqueles que integram as categorias juvenil e júnior. Contudo há também diferença e os quadros 7.2” e 7.2”” devem auxiliar na compreensão das mais importantes.

### Quadro 7.2” - Volume de treinamento ao longo da formação profissional

<b>Categoria (s) da formação</b>	<b>Ano (s) de nascimento</b>	<b>Horas de treinos semanais</b>	<b>Semanas de treinos anuais</b>	<b>Horas de treinos anuais</b>	<b>Total de horas de treinos na categoria</b>
Seleções	95-94-93-92	5	40	200	800
Mirim	91	10	40	400	400
Infantil	90	10	40	400	400
Juvenil	89-88	18	45	810	1.620
Júnior	87-86-85	18	45	810	2.430
				Total de horas de treinos	5.650

A categoria juvenil, por exemplo, disputa ao menos duas competições anuais fora da cidade, permanecendo no mínimo 15 dias “concentrada” em cada ocasião. Para não superestimar o total das horas de treinos ao longo da formação, tomou-se, para fins de cálculo do tempo médio



Folga? Não, repouso compensatório!  
Rogerinho, massagista, trata lesão de Felipe Soares, em Macaé (jul 2002).

das sessões, o período que compreende o início e o término dos trabalhos realizados dentro de campo, sem computar o tempo gasto nos vestiários, antes e depois das sessões - algo em torno de 1 hora. Enfim, as aproximadamente 5.500 horas de treinos não estão superestimadas, embora muitos profissionais sejam promovidos antes de completar 20 anos e, portanto, tenham se submetido a menos horas de trabalho. Dos garotos que foram meus informantes e chegaram ao profissional do

próprio Inter, a maioria foi promovida antes de “estourar a idade” - Diego e Diogo, com três anos de antecedência; Nilmar, Felipe, João Guilherme, Rafael Sobis, Rodrigo Paulista, Pereira e Renan, a dois; Álvaro, a um ano e meio, e Marcelo Labarthe com um ano.

A precipitação no lançamento de um jovem à equipe principal pode custar-lhe a sorte na carreira - “ser queimado”, nos termos nativos -, pois os torcedores e os críticos nem sempre

<sup>230</sup> Faço uma distinção providencial entre preparação, envolvendo todas as atividades que excedem o jogo propriamente dito, e treinamento, restrito, basicamente ao trabalho prático, físico, técnico e tático. Retornarei ao tema em seguida.

poupam os novatos, mesmo que sejam “pratas da casa”. Todavia, o fato de que o Inter esteja promovendo-os antes de esgotado o período legal de formação não implica em precipitação, mas na antecipação da formação profissional. Os garotos vão “queimando etapas” - casos de Diego e Diogo, por exemplo, que passaram à categoria júnior quando ainda tinham idade para serem juvenis - e antecipando o *début* na equipe principal, para o delírio dos torcedores, ávidos por novos talentos que, em caso de bem-sucedidos, serão rapidamente vendidos para o mercado europeu. Na prática, os atletas não chegam ao profissional com um déficit de capital futebolístico, mas com lacunas na formação escolar, pois a partir da categoria



Diego e Diogo, sucesso profissional apesar de faltarem ao colégio. Em Santiago (jan 2002).

juvenil há treinos em dois turnos, forçando os atletas a freqüentar a escola no turno da noite, quando estão extenuados pela rotina de trabalho. Raros são os que conseguem completar o ensino médio, e os que o fazem, recorrem ao atalho do supletivo. Para Diego e Diogo, a má reputação como alunos no colégio que abandonaram - “eram tão queridos, uns amores” confessou-me uma das supervisoras do colégio freqüentado pelos atletas do Inter, “mas eles têm um déficit cognitivo, você não acha? - talvez não lhes faça diferença, mas esta não é a regra para a maioria dos que abdicam da formação escolar para se dedicar à formação futebolística. Para quem não for exitoso ao final do processo, todo o investimento terá sido inócuo, ou próximo a isso.



A prova da ascensão: os gêmeos viram “coleccionáveis” em bilhete de acesso ao Beira-Rio (jul 2004).

O **quadro 7.2**” complementa as informações do **quadro 7.2**’, especificando quem são os formadores com e sem dedicação exclusiva que trabalham nas categorias de base do Inter. Por intermédio deles, tem-se uma idéia concreta da rotina de um centro de formação, pois a cada especialista corresponde uma especialidade. Como se pode notar, pelo aumento das horas/turnos de treinamento e da

quantidade e diversidade (diria mesmo que da qualidade) das comissões técnicas, há uma intensificação progressiva das exigências ao longo da formação/produção. A rotina dos juvenis e

juniores envolve menos jogos do que os profissionais propriamente ditos, e como esses são realizados, via de regra, com equipes locais, como estratégia de barateamento da formação/produção, os meninos também viajam menos, concentram menos, têm menos contato com o público, são menos assediados pelos mídias e também as tensões intra-grupo são mais fáceis de serem administradas. Em contrapartida, treinam mais, pois ainda encontram-se em processo de apropriação dos capitais corporais demandados para a atuação propriamente dita.

### Quadro 7.2” - Profissionais da área técnica com e sem DE no Internacional

<b>Categorias</b>	<b>Nº de atletas</b>	<b>Profissionais com dedicação exclusiva*</b>	<b>Profissionais sem dedicação exclusiva</b>
Escolinha	25-30	-	técnico/professor e coordenador técnico
Seleção	25-30	técnico e preparador físico	assistente social, coordenador técnico, fisioterapeuta, massagista, médico, psicólogo, reabilitador, roupeiro e treinador de goleiros
Mirim e Infantil	25-30	técnico, preparador físico, massagista e roupeiro	assistente social, coordenador técnico, fisioterapeuta, massagista, médico, psicólogo, reabilitador, roupeiro e treinador de goleiros
Juvenil e Junior	30-35	técnico, auxiliar-técnico, preparador físico, auxiliar de preparação-física, treinador de goleiros, massagista e roupeiro	assistente social, coordenador técnico, fisioterapeuta, médico, psicólogo, reabilitador
Piloto	30-35	técnico, preparador físico, treinador de goleiros	assistente social, coordenador técnico, fisioterapeuta, massagista, médico, reabilitador, roupeiro
Profissional	35-30	técnico, auxiliar-técnico, preparador físico, auxiliar de preparação-física (2), treinador de goleiros, auxiliar de treinador de goleiros, massagista, roupeiro, médico (2), fisioterapeuta, assessor de imprensa, glandula (2), seguranças, coordenador técnico	-

\* São considerados profissionais com DE aqueles que estão disponíveis integralmente ao grupo, quer dizer, aqueles que acompanham a rotina de treinamentos e jogos, quando necessário.

A relação entre treino e jogo, para o caso das equipes juvenil e júnior, sobretudo, vai ser matizada pela lógica dos modelos de formação/produção. Quanto mais próxima do modelo endógeno estiver uma configuração concreta, maior é a tendência de priorização dos treinos em relação aos jogos, menor é o fluxo de atletas pelas laterais do funil e menor será a pressão em relação à performance das equipes, pois no modelo endógeno interessa, principalmente, investir nos futuros profissionais do clube. Já no modelo exógeno, cuja formação/produção é voltada



para o mercado, a tendência é que se priorizem os jogos, para que os atletas sejam vistos e cobiçados, havendo um fluxo intenso de atletas e pressão em relação aos resultados, pois o êxito das equipes é fundamental para atrair a atenção midiática e, particularmente, dos agentes/empresários. Uma configuração híbrida, como a colorada, em que a formação/produção é susceptível tanto aos interesses da equipe principal, e como tal dos torcedores, quanto aos do mercado de direitos federativos e, assim, da captação de dividendos para o clube, a proeminência de uma ou outra lógica é matizada pela gestão política e administrativa da instituição, podendo haver modificações mais ou menos intensas de uma gestão à outra.

A modalidade de ênfase que é dada ao treinamento também é nuanceada. Em linhas gerais, o treinamento da equipe principal é voltado para os jogos, enquanto os treinamentos das categorias de base são voltados para os jogos e para a aquisição das competências requeridas para a atuação futura. O processo de produção/formação poderia, em uma analogia à produção textual, ser tomado como os rascunhos, os esboços, as versões preliminares, enfim, como algo que não está explícito no espetáculo, pois nele só tem espaço os que obtiveram êxito, assim como o texto que o leitor tem acesso oculta seus esboços. No entanto, para cada “prata da casa” que ingressa na equipe principal, quer seja do Inter ou de qualquer outra configuração de produção híbrida, há vários que foram testados, parcialmente investidos e descartados ao longo do processo. Se assim não fosse, o funil não seria pertinente. Os formadores e os próprios atletas demarcam, seguidamente, as diferenças entre o processo de formação e de atuação profissional a partir de uma variedade de frases, tais como: “uma coisa é o dom, outra é a profissão”; “uma coisa é jogar bola, outra é ser profissional”; “o menino joga muito, mas daí a chegar ao profissional...”; “lamentável, o cara tem bola no corpo, mas não quer trabalhar”, entre tantas.

## 7.2 DOIS DISPOSITIVOS ESTRATÉGICOS DA FORMAÇÃO/PRODUÇÃO

### 7.2.1 O Genoma e a Escola Rubra: recrutamento e seleção precoce de talentos

O Inter, por ser totem, desperta o interesse dos meninos que se projetam nos jogadores. Há uma demanda por formação profissional que necessita ser atendida; há meninos e pais telefonando ou mesmo circulando pelo Beira-Rio em busca daquilo que, no presente, já se convencionou como “escolinha”. A do Inter chama-se Escola Rubra e o espaço que a



Acesso ao “pântanal” (jun 2002).

ela é destinado, em terreno de chão batido e alagadiço, denominado de “saara”, no verão, ou “pantanal”, no inverno, diz exatamente o quanto a escolinha interessa ao clube. Em outros tempos, antes de tornar-se a Escola Rubra, a escolinha do Inter era uma espécie de cabide de emprego de ex-boleiros. Com a expansão universitária dos anos 80 e 90, que atingiu diretamente os cursos de educação física, aumentando a quantidade de profissionais disponíveis no mercado, estagiários e até mesmo professores passaram a disputar esse mercado como ex-boleiros<sup>231</sup>. A oferta de escolinhas expandiu-se para além dos clubes, inclusive, tendo, em contrapartida, perdido sua eficácia enquanto estratégia de recrutamento. Até alguns anos, alguém poderia orgulhar-se de ter um filho na escolinha de um clube como o Internacional, mas, no presente, isso não diz muita coisa, ao menos em termos de volume de capital futebolístico do suposto talento. Basta ter dinheiro para pagar as mensalidades e estar atento aos prazos de inscrição e não será difícil ter um garoto nas escolinhas. De todo o modo, os dons/talentos não estão mais - se é que algum dia estiveram - no “saara”/”pantanal”. Embora os profissionais de educação física que lá trabalhavam fossem, via de regra, destituídos de capital político, seus argumentos em prol da modernização das pedagogias de pré-formação foram assimilados ao longo das duas últimas décadas, e atualmente eles praticamente dominam esta modalidade de trabalho no interior dos clubes, incluindo-se o Inter. Todavia, a vitória é apenas parcial, dado o descaso mais ou menos generalizado dos clubes. O que lhes interessa, efetivamente, é recrutar talentos e, em segundo plano, atender a já referida demanda de pais colorados - tratados, seguidamente, como inconvenientes. A Escola Rubra é a estratégia adequada para ambos os fins. Precariamente equipada em termos de espaço físico e de material, com mão-de-obra composta, basicamente, por estagiários de educação física, a escolinha deixou de ser um local freqüentado por aprendizes de dirigentes, amadores em todos os sentidos. Distantes de tudo e de todos, os argumentos a favor da ludicidade, da diversidade de experiências, da participação em detrimento da competitividade e outros tantos na linha contrária à alta-performance, conquistaram um lugar

---

<sup>231</sup> Sobre o “boom das escolinhas” no Brasil cf. Pimenta (2000) e Toledo (2002 p. 89-93). Para o uso estratégico das escolinhas em projetos assistenciais ver Decache-Maia (1999; 2004). Sobre escolinhas em bairros populares cf. Guedes (1998) e Zaluar (1994).



Meninos da Escola Rubra em sessão de aquecimento no “areião” (ago 2002).

nos clubes de elite. Uma certa utopia pedagógica pôde assim desenvolver-se, mas à margem de quase tudo o que é tido como relevante do ponto de vista institucional. Na medida em que as escolinhas tornaram-se obsoletas, ou muito próximas disso, outros dispositivos de recrutamento e seleção foram sendo inventados. O Genoma Colorado foi implantado na primeira gestão de Fernando Carvalho (2002-03) e parece ter sido inspirado no modelo de captação de talentos do DENA, do Athletic Club - “[...] que

ningún jogador potencialmente interesante se quede sin la estimulación necesaria para poder ser um jogador competente para el Athletic [...]” - citado no capítulo 5. Como o Genoma corrobora os argumentos já explicitados de que os clubes de futebol são pensados a partir das categorias do Estado-nação, e a produção/formação com aura de cientificidade, vale reproduzir, na íntegra, a apresentação do projeto.

O PROJETO GENOMA COLORADO inspira-se nos progressos da ciência, que diz ter à sua frente, à sua disposição, a ferramenta definitiva para o conhecimento de nós mesmos no nível molecular. Sabe-se hoje que muito do "destino do homem", já está disposto antes mesmo de seu nascimento.

O genoma da criança traz codificado, no DNA dos seus 46 cromossomos, as instruções que vão afetar sua estrutura, seu tamanho, sua cor, sua inteligência, enfim todos os aspectos de seu comportamento. Oitenta mil genes têm o homem na formação de seu genoma. Inspirados nessas descobertas científicas é que o Sport Clube Internacional parte para identificar seu "genoma esportivo".

Trabalharemos neste projeto com "jovens colorados" auxiliados por seus ascendentes genéticos, que são seus pais, avós, bisavós. Eles nos auxiliarão na tarefa gigantesca de criar raízes coloradas, descobrir futuros craques, aumentando também nosso quadro social, bem como colocar no ponto alto o orgulho e a auto-estima do verdadeiro colorado.

E para levar a efeito esse mega projeto é que contamos com o empenho e a colaboração de todos os Cônsules, Representantes e Diretoria dos núcleos colorados que serão criados no nosso Estado, no País e quem sabe no Exterior.

O Internacional até hoje não conhece a si mesmo. Não conhece ainda o tamanho de seu potencial.

A hora de agir é agora!<sup>232</sup>

<sup>232</sup> Estas e outras referências ao Genoma poderão ser obtidas tb. Em <<http://www.internacional.com.br>> Acesso em 15/10/2004.

Ainda que o Genoma oscile entre a ficção científica e o ideário imperialista<sup>233</sup>, sua continuidade depende do êxito na captação de talentos para as categorias de base do Inter, razão pela qual o atual diretor-técnico é o ex-recrutador da Talento S/A - proprietária do RS FC. Notei, por ocasião da freqüentação ao Beira-Rio, a inscrição do Genoma numa dessas tantas aberturas sob as arquibancadas do estádio.

Todavia, quem me passou uma cópia do projeto, do qual retiro as presentes citações, foi Taturana, um jovem desempregado, morador do Morro da Cruz, que mantém, com o apoio da prefeitura, uma escolinha comunitária de futebol - a Asa Branca, já referida no capítulo 4. Segundo Taturana, meu informante desde longa data, o convite para integrar o Genoma havia sido feito por um “diretor” do Inter. Taturana



Taturana exhibe seu caderno de notas. Desempenho dos meninos do Asa Branca eram quantificados jogo a jogo (jan 2003).

queria saber de mim até onde “integrar” o Genoma implicava, como ele imaginara, uma possibilidade de trabalho ou uma progressão curricular, ascendendo de treinador de várzea - “líder esportivo comunitário”, segundo a SME - a treinador das categorias de base do Inter. “Integrar” o Genoma implica participar de um circuito de competições envolvendo crianças e adolescentes organizados e, portanto, próximos ao Inter, para não dizer na concavidade do funil. Se algum menino qualquer do Asa Branca agradar, então fazem-no passar pelo ductos do funil, em direção às seleções. Do contrário seguirá treinando com Taturana.

Como Taturana havia instigado-me a opinar, reforcei apenas algumas frases do próprio projeto, que em nenhum momento mencionava trabalho remunerado ou coisa que o valha: “O Internacional oferecerá a cada núcleo toda **assistência técnica** para a sua instalação e **todas as normas** que regerão o seu funcionamento”. Ora, “assistência técnica”, com o nome de

<sup>233</sup>Seguem os seus propósitos: “Implantação de um programa de núcleo na Capital, Interior, País e Exterior ou outro órgão semelhante que se ocupe de criar, organizar, assessorar e acompanhar núcleos do clube em todos os bairros de Porto Alegre, região metropolitana, cidades do interior gaúcho, Santa Catarina, Paraná bem como demais Estados Brasileiros, com a finalidade de **ampliar as fronteiras coloradas no sentido social, esportivo e comercial**. A idéia de criar núcleos de apoio não é nova no Internacional. Na campanha para construção do Beira-Rio, foram criados núcleos colorados em todos os bairros da cidade e, com a participação dos consulados no interior, tiveram um papel significativo no sucesso que foi a construção do Estádio Beira-Rio e do Gigantinho. Hoje os motivos que nos levam novamente aos núcleos são outros, **expansão social, esportiva e econômica do Clube**, identificação precoce de talentos, **ampliação das fronteiras coloradas** para além do Estado, mas, a mobilização é a mesma, **recolocar o Internacional em seu lugar de direito**.” (Grifos meus)

“supervisão”, e “normas”, sob o rótulo de “pressupostos pedagógicos”, Taturana já dispunha participando do ECCE, com a diferença de que este não trabalha com a perspectiva de recrutar talentos para o futebol de espetáculo. Que fosse conversar com o diretor e estivesse atento, foi o que eu lhe disse. Ele me respondeu que “estava vacinado!”.

A propósito, Taturana seria bem o alvo do Genoma, ao menos em dois de seus “objetivos”.

- Tomada de posição do "Clube do Povo" em face da circunstância social do país, destinando boa parte do atendimento desse projeto para as populações de baixa renda nas regiões abrangidas;
- Criação de uma Organização Não Governamental (Ong) para arrecadação de recursos, a fundo perdido, no país e no exterior para o financiamento do projeto.

Outros “objetivos” e “metas” - e a efetiva execução do Genoma - são, no entanto, menos difusos, apesar de algumas projeções exageradas.

- Aumento significativo no número de torcedores;
- Aumento eventual do quadro social;
- Facilidade na descoberta de novos talentos para o futebol;
- Intercâmbio esportivo e cultural com a organização de eventos e torneios regionais e estaduais;
- Atingir, nos primeiros doze meses, 26.000 jovens colorados de ambos os sexos, entre 7 e 16 anos de idade, na capital, região metropolitana (87 bairros) e 497 municípios do Estado;
- Atingir, nos doze meses seguintes, mais 44.000 jovens colorados de ambos os sexos, entre 7 e 16 anos de idade, em 400 municípios gaúchos, Santa Catarina, Paraná e demais Estados Brasileiros

O Genoma não é, certamente, um dispositivo desinteressado. Ainda que seus objetivos estejam voltados para a captação de talentos precoces, as atividades que promove, ao menos até onde estou informado, não ferem qualquer princípio legal, diria que nem mesmo moral, situando-se na fronteira entre dois outros dispositivos tornados parcial ou totalmente obsoletos: as escolinhas e as peneiras. Os treinamentos da escola Rubra são realizados no “saara”/“pantanal” e seus professores são, em geral, estagiários dos primeiros anos do curso de educação física, sendo o *laissez faire* uma prática bastante freqüente e até certo ponto legitimada com argumentos tirados dos livros. Em tais circunstâncias, a pedagogia de Taturana, nos altos do Morro da Cruz, e de alguns outros líderes esportivos comunitários ligados ao ECCE, não difere, substancialmente, do que é oferecido aos freqüentadores da Escola Rubra, à exceção da “aura” colorada, algo que o Asa Branca não dispõe<sup>234</sup>.

---

<sup>234</sup> No conjunto, o ECCE possuía, até 2004, em torno de 50 escolinhas credenciadas espalhadas pelos campos de várzea de Porto Alegre, com aproximadamente 2.500 meninos vinculados, quase o dobro da Escola Rubra.

### 7.2.2 O internato e as suas múltiplas funcionalidades

O regime de internato (ou albergamento) é um dos mais importantes dispositivos no processo de produção de futebolistas. Trata-se de uma modalidade restrita àqueles que são efetivamente “eleitos” pelos formadores dos clubes como aptos para serem investidos. A esse regime corresponde, basicamente, um espaço físico - que é também um espaço social e simbólico - que serve para albergar os meninos recrutados em locais distantes da sede dos clubes. Todos os clubes de elite possuem albergues e não haveria razões para o Inter fazer diferente.

Como já foi referido no capítulo anterior, há nos centros de formação um certo consenso de que abaixo dos 14 ou 15 anos de idade são remotas as possibilidades de êxito do internato. Em parte, porque os meninos são jovens para suportar a separação da família. Por outro lado, porque são submetidos pelos mais antigos, maiores ou mais velhos, como parece ser uma constante em internatos masculinos. E, principalmente, porque nessa idade, nem os clubes e tampouco os agentes/empresários, são seguros de que os investimentos vão render lucros. Por mais talentoso que seja um menino, nenhum formador avaliará seu futuro até essa etapa da formação, que corresponde, aproximadamente, ao mirim e ao infantil. O albergue é um dispositivo estratégico para meninos com 15 anos ou mais, que revela muitas semelhanças com os seminários, amplamente usados pela igreja católica para albergar as vocações dispersas<sup>235</sup>. Sem esses dispositivos, restringe-se drasticamente o raio de recrutamento e, como tal, muitas vocações são desperdiçadas. Não é que o Inter, como os demais clubes de elite, não tenham oferta local para preencher as vagas disponíveis nas categorias de base, mas é de interesse do clube ocupá-las com o maior coeficiente de talento possível, razão pela qual urge ampliar as fronteiras.

Alimentação adequada às exigências do treinamento, acesso à escola, equipe de suporte multidisciplinar composta de médico, nutricionista, dentista, psicólogo e assistente social, enfim, uma lista extensa de profissionais e serviços. Quem ouve os diretores, mas não conhece a “concentra” pode ser tentado a querer mudar-se para lá. Os meninos referem-se a ela de modo ambivalente, e com razão. Por um lado, trata-se de um dos dispositivos mais draconianos da formação profissional, onde o indivíduo é, literalmente, institucionalizado, sendo controlado em tempo integral; com a privacidade praticamente zerada, pois na “concentra” os quartos, tal qual os banheiros, são coletivos. Como a maioria deles são menores de idade, o clube é co-responsável

---

<sup>235</sup> Creio que tenha sido por influência de seu trabalho anterior, com as estratégias vocacionais da igreja católica, que Suaud irá pensar, em parceria com Faure, nos clubes de futebol como objetos de crenças: configurações concretas em que são moldadas as pré-disposições vocacionais. Cf. Suaud (1978) e Suaud e Faure (1999).

por quaisquer danos que eles possam causar ou sofrer, o que serve como prerrogativa para a severa vigilância, sendo as entradas e saídas controladas mediante autorização. Há alguns maiores de idade, mas liberá-los seria acender um estopim e arriscar-se a ver também os mais moços serem arrastados para “a noite”. Afinal, não é para freqüentar o colégio que eles reclamam por mais liberdade. Estão descobrindo-se desejados: “o cara descobre que pode pegar quem quiser”, exibia-se Teco (18 anos). E na continuação: “Aí o cara fica meio deslumbrado, depois vê que é assim mesmo, daí já não tem mais tanta pressa de pegar todas de uma vez, sei lá...”.

### Entre o tudo e o nada

Tóvi foi um informante estratégico, à margem da configuração colorada, mas com trânsito invejável entre boleiros de status diversificados. Por intermédio dele, estreitei meus vínculos com alguns meninos do Inter, meus informantes. Soube, por outras fontes, que um deles, em relação a quem Tóvi possuía especial predileção, “estava na noite”. Dado (nome fictício) nasceu e cresceu na periferia Leste da cidade, freqüentando o Centro de Comunidade no qual Tóvi fora seu professor. “Dado não tem ninguém por ele”, diziam seguidamente o ex-professor e espécie de “tutor” do garoto. O pai teria abandonado a família e um irmão havia assassinado outro menor numa briga de gangues. “O Dado tem que dar certo; é a salvação de todos eles, mas se ele não der pro futebol não sei o que vai acontecer!”

Estive afastado de campo e havia meses que não encontrava com Dado. Sabia dos boatos e perguntei se Tóvi também estava ciente. Ele confirmou, acrescentando que havia tido uma “conversinha” com o garoto, já com 18 anos.

- O negão tá saindo com os boleiros. Diego, Diogo, Nilmar, são todos amigos dele. Aí chega nos lugares, sabe como é: os caras já são conhecidos, têm uma porção de gatinhas na volta. O Dado se apresenta como júnior do Inter, já rola um esquema. O cara fica deslumbrado. É isso. Se ele não tem estrutura, tá perdido... Então eu disse: Negão, olha só, tu acha que já é alguém, certo? Tu já deu uma casa prá tua mãe? Tu já tem um ap. prá levar as gatinhas? Ah, tu não tem, é? Então vou te dizer: tu não é ninguém, tu não é nada, ainda!

E o que ele respondeu?

- Disse que sabia disso e tal. Só que ele precisa saber disso todos os dias, senão não adianta. O Negão joga muito, mas não tem cabeça. Olha só, um dia desses ele veio com um papo de largar a concentração do Inter, ir morar junto com o Clair (nome fictício); queria fazer festa. O cara não tem noção, entende? Agora me parece que o Clair voltou para a mulher dele, voltou a jogar futebol. Os caras têm que ter uma mulher prá ajudar; alguém que fica ligando pró celular, prá saber onde ele está, que diz toda a hora: vem prá cá e tal. Senão os caras se perdem!

**Dois meses depois...**

Tarde de segunda, dia de jogo-treino da equipe reserva do Inter contra o Novo Hamburgo. Cheguei ao Beira-Rio e permaneci algum tempo no estacionamento, conversando com Carioca, preparador físico. Dei meia volta e fui à lancheria, em frente à concentração. Avistei Dado, completamente mudado. Cabelos levemente crescidos, tiara, brinco - acho que isso ele já tinha -, colar, camisa sobre a blusa, em preto e branco... Ele veio na minha direção. Conversamos, mas parecia disperso, sendo difícil de mantê-lo atento ao nosso diálogo. Olhava para todos os lados, observando se estava sendo observado. Em seguida, juntou-se a nós um grupo de garotos, um deles do juvenil, todos moradores da “concentra”. Não demorou para que os temas amorosos ocupassem o centro da conversa. Aos outros garotos, Dado relatava suas aventuras no final de semana, mais exatamente no domingo à

tarde, quando estive na casa da namorada. Ele dera “umas bifas” - ou seja: tapa, safanão, “porrada”... - na menina que ele diria, mais adiante, gostar; pois tentara e ainda não pudera livrar-se dela. “Ela atirou um balde em mim quando eu estava sentado no sofá... veio prá cima de mim e deu socos, tapas, tinha que ver! Eu dei nela também. Eu disse que vou continuar dando até ela se ajeitar!”

Dado tem um irmão “jurado de morte” na vila, que à época cumpria medida sócio-educativa na “FEBEM”. “Bá, olha só o que os caras estão fazendo agora: tão vendendo rifa falsa! Rifa falsa meu, muito irado!” Todos riam, alvoroçados. “Vende prá todo mundo, não quer nem saber. Rifa falsa, muito irado, meu! Vendeu até prá minha tia!”

Mais tarde o vi circulando com Clair. Ah o Clair! O apelido dele era Javali. Tinha os dentes sobrepostos. Agora está com aparelho ortodôntico, cabelo crescido, brinco, calça dobrada até o joelho, já incorporou completamente o *habitus* do boleiro. Cada qual com seu celular, uma ligação atrás da outra...

Por outro lado, o internamento é um indicativo de que o sujeito teve seu talento reconhecido, do contrário o clube não se disporia a albergá-lo. Assim sendo, institui-se, nos próprios meninos, uma margem de tolerância em relação à “concentra”, que de resto torna-se um dos elementos mais valorizados num modelo mais ou menos padronizado de narrativas acerca da profissionalização. A tolerância também é produto de um cálculo jamais manifesto, entre as chances de êxito e os obstáculos, sendo o internato apenas um deles. Há, por certo, os ritos iniciáticos, a que são submetidos os neófitos, mas superada essa etapa, pode-se, inclusive, exercer uma certa liberdade, transgredindo um ou outro código institucional. Todavia, este jogo depende muito do status do garoto junto ao *staff* político, administrativo e pedagógico, sendo freqüentes os casos de “dispensa” por indisciplina.

Juaro, por exemplo, foi suspenso dos treinamentos por 10 dias, ao final dos quais retornou entre os reservas e, dias depois, passou ao grupo dos excedentes, sendo dispensado às vésperas da viagem à Macaé, uma das principais competições da categoria, na qual ele seria titular. O motivo alegado teria sido uma briga na “concentra” com outro atleta do grupo, que no entanto não recebeu nenhuma punição. Seria Juaro uma vítima, por acaso? Talvez não. Acompanhei a discussão da comissão técnica no vestiário e as opiniões divergiam. Embora a “ordem” para que Juaro fosse deixado de lado - “esfriado”, “posto na geladeira” - não lhes agradasse, como se manifestou um dos membros da referida comissão: “tudo bem que ele é prevalecido, mas se acham que não dá mais, que não vai chegar ao profissional, então que mandem embora de uma vez. O que não gosto é de ver o guri triste, choramingado; o cara sabe que está sendo fritado, o cara está sofrendo, tem que levar em conta o lado humano também, pô! A ordem para que Juaro fosse “esfriado” partira “da direção”, sabe-se lá de quem, exatamente.



### A “concentra”

A entrada do albergue colorado fica mais ou menos em frente ao campo de treinamento “A”, usado preferencialmente pelos titulares, e próximo à lancheria que funciona todos os dias da semana. Como quase todos os espaços internos do Beira-Rio foram criados depois da sua inauguração, obedecendo à complexa relação entre demandas, possibilidades e viabilidades, seria inútil empreender qualquer exegese visando os motivos pelos quais a “concentra” está ali e não em qualquer outro lugar - inclusive já esteve, até bem pouco tempo, no lado oposto. Um pequeno toldo em listras vermelhas e brancas, com duas floreiras de cada lado da porta, dão àquela abertura um certo ar de acesso residencial - para mim o Beira-Rio e o Olímpico são dois queijos suíços, tamanha é a quantidade de acessos, corredores, túneis e dependências construídas debaixo das arquibancadas. Ao lado direito da porta, lê-se: CATEGORIAS DE BASE, em caixa alta; e logo abaixo, “Alojamento”. O dístico do clube está grafado em vermelho, assim como as demais inscrições. Na parte direita inferior e à esquerda, em itálico, lê-se: “*O Clube do Povo*”.

Quatro porteiros revezam-se na vigilância do local, diuturnamente. Logo à entrada, há uma sala de espera, com duas poltronas de cada lado. Além delas, só entram os funcionários e os atletas. Praticamente contígua à sala de espera há uma espécie de sala de TV, com um aparelho de 29 polegadas em que podem ser sintonizados “canais fechados”. Em torno da TV, algumas poltronas, vários troféus e fotografias monotemáticas - futebol, times, jogadores... - precariamente equilibrados. Ao lado desta sala encontra-se o *toallete* e a sala de banho, ambos de uso coletivo. São em torno de oito repartições com vasos sanitários em frente aos quais há uma pia, encimada por um espelho, em toda a extensão do recinto. Os azulejos são em cor clara e estão em bom estado de conservação, o mesmo equivalendo para a sala de banho. Ali, em um tamanho aproximado de 80 a 100 m<sup>2</sup>, situam-se os chuveiros, cuja parte terminal das duchas foram todas arrancadas, para a indignação de Seu Bastos, um dos quatro vigias. Ele faz questão de mostrar algum danos nas paredes, produtos do escasso zelo que os garotos têm pelo lugar: *muitos vêm da vila, não têm isso em casa; não dá prá entender porque eles destroem tudo; parece que isso nem é prá eles!*

Antes mesmo de chegarmos ao segundo pavimento, onde estão os quartos, Seu Bastos já nos fizera várias advertências acerca do que haveríamos de encontrar. Sobee-se um pequeno lance de escadas e depois dobra-se à direita; mais meio lance em linha reta (com uma foto de Pelé à frente) e outro novamente à direita: estamos nos quartos. Durante os dias de semana, os garotos devem abandoná-los, obrigatoriamente, até às 10h da manhã e, à tarde, até às 15h. Nesses intervalos, é realizada a faxina diária (de dois em dois dias na ocasião, pois o clube estava em crise financeira - outubro de 2002 - e não vinha cumprindo com o repasse de verba à empresa terceirizada encarregada da limpeza); justamente como ocorre no momento em que fizemos a visitação. Cada quarto com aproximadamente 2,70m de largura por 6m de comprimento possui um aparelho de ar condicionado, normalmente três beliches e roupeiros com seis lugares, mas nem todos estão lotados. Em cada porta, consta o nome dos seus ocupantes, distribuídos de acordo com a “categoria” a que eles pertencem. Uma segunda inscrição, em forma de bilhete afixado à porta, constava: “péssima aparência”. Supus tratar-se de uma jocosidade entre os internos, mas logo notei que os bilhetes constavam em todas as portas, sendo portanto algum tipo de classificação - à exceção de uma porta, com “aparência razoável”, as demais haviam recebido classificação “péssima”. Seu Bastos nos informou que se tratava de uma “avaliação” atribuída pela assistente social, que fiscalizava todos os dias a arrumação das camas e a disposição geral dos utensílios.

O vigia demorou-se explicando os critérios de Bernardete: *se todas as camas estivessem como aquela ali daria um bom, mas olha como os outros deixaram as coisas: tudo atirado! Então é péssimo, não tem jeito!* Enquanto falava, aproveitava para tirar da tomada um liquidificador e assim seguimos de um quarto a outro até o final do corredor, quando nos encontramos com uma faxineira que fazia a varredura de uma tal quantidade de embalagens de biscoitos e outras sobras que parecia estar varrendo as arquibancadas do estádio em dias subseqüentes a grandes jogos. A esta altura, chegou Bernardete, a assistente social, responsável pela governo da “concentra” fazia um ano. É ela quem acompanha desde a chegada até a saída os garotos do alojamento. Como ela conta, *às vezes tem uns que não conseguem suportar a separação da família, pegam as malas e saem por aí, sem saber para onde, como se estivessem fugindo. Já aconteceu de ter que trazer um guri de volta do portão, que estava indo*

*embora sem saber prá onde! Então a gente conversa, tenta convencê-los a ficar, mas tem uns que não adianta. Aí vai do emocional de cada um; tem uns que conseguem suportar, outros não. Bernardete diz que a cotação afixada nas portas não contribui muito para resolver o problema da “desordem”, pois são gente de todos os lugares, de educação diferente, de cultura diferente. Então uns são mais caprichosos, outros não. A gente tenta, mas é difícil de manter a ordem.*

Seu Bastos lembra de uma circunstância em que se fez um concurso ao final do qual os vencedores foram agraciados com uma pizza: *tinha que ver o capricho, eles arrumavam tudo, desciam lá, pegavam a Bernardete pelo braço e traziam aqui prá conferir. Melhorou bastante, mas depois voltou tudo ao normal* (à “péssima aparência”, portanto). Se tivesse que atribuir uma cotação à “concentra”, como faz Bernardete, talvez fosse mais generoso. E nem é por discordar de seus critérios, mas tão somente pela frequência a outros albergues de atletas em formação ou afins, tais como quartéis, casas de estudantes e seminários, entre outros.

Quando um garoto não rende à altura das expectativas, há sempre alguém da comissão técnica para dizer: “esse daí tá comendo e dormindo às custas do clube, devia dar lugar a outro”. Segundo a avaliação da maioria dos garotos, a “concentra” não é o “bicho”, mas “dá prá encarar”; até porque muitos deles vêm de famílias cujas habitações talvez estejam bem abaixo do que o clube (no caso o Inter) oferece. Na avaliação de Rafael Lopes - que já rodou bastante, em quase uma dezena de clubes - a “concentra” do Inter está à altura daquelas dos grandes clubes que ele conheceu. De qualquer modo, morar na “concentra” é uma “provação”, sempre citada entre os obstáculos que eles precisam superar na escalada do profissionalismo.

### **7.3 APRENDER PRATICANDO**

#### **7.3.1 Treino é trabalho**

A prática esportiva voltada para o espetáculo desenvolveu-se na direção do aumento das exigências em relação à performance, aqui entendida, em sentido antropológico e na linha de Zumthor (2000), como um ato comunicativo.<sup>236</sup> As exigências em relação aos atletas podem ser notadas a partir da quantidade, da diversidade e da especificação das tecnologias usadas na preparação. Nas peladas, por exemplo, há performance, mas seu público reduz-se,

<sup>236</sup> Performance implica, por um lado, “as condições de expressão” e, por outro, as de “recepção”, ou seja, “um ato de comunicação como tal; [que] refere-se a um momento tomado como presente, [...] significa a presença concreta de participantes implicados nesse ato de maneira *imediata*” (Zumthor, 2000, p. 59). Muitos especialistas do campo da educação física ou das ciências do treinamento definem os esportes voltados para o espetáculo como práticas de “alta-performance” ou de “alto-rendimento”. Não há qualquer objeção ao uso desses termos, mas por vezes eles são embaraçosos, levando a crer que, existindo algo como “alta-performance”, haveria de existir as contrapartidas “baixa”, “média” e assim por diante.

seguidamente, aos próprios praticantes. Pode-se dizer, então, que as exigências são menor, pois o que se passa ao longo do jogo tende a ser assimilado no próprio circuito dos praticantes. Não se tem muito a ganhar, mas tampouco a perder - é brincar com fogo sem o risco de se queimar, como diria Geertz em relação aos apostadores de rinhãs de galos balinesas. O privilégio de atuar para uma platéia extensa e de fazê-lo num estádio como o Beira-Rio, por exemplo, implica contrapartidas as quais não estão sujeitos os peladeiros. Na medida em que se amplia o circuito de comunicação, quando o praticar implica em praticar para a apreciação de um dado público, também aumentam as exigências, razão pela qual o circuito do espetáculo é altamente seletivo, recrutando apenas parte dos praticantes.

Um jogo de futebol compreende os “noventa minutos regulamentares” e, embora ele seja um evento, dada a sua característica disjuntiva, é parte de uma totalidade que o engloba, o espetáculo. Para compreender um espetáculo do ponto de vista antropológico é importante considerar tanto os “90 minutos...” em que os jogadores estão em ação, quanto a co-participação dos torcedores - objeto do último capítulo<sup>237</sup> - e outros tantos aspectos que não precisam ser listados à exaustão. O **jogo propriamente dito** refere-se, portanto, à **performance dos jogadores**, podendo ser usados como sinônimos os termos partida, embate, disputa, enfrentamento e assim por diante. Trata-se, em última instância, das configurações produzidas pelo enfrentamento entre as equipes. Tudo o que excede ao jogo e ocupa o tempo dos jogadores, à exceção, evidentemente, do tempo em que eles estão “liberados” pelo clube - tempo privado, em que eles se tornam indivíduos e não personagens -, pode ser definido como **tempo de preparação**, pois a gestão desse tempo não é atributo apenas dos atletas, mas da instituição a qual estão vinculados.

O termo preparação engloba, no âmbito desta tese, o termo treinamento. Preparação é entendida como o conjunto dos procedimentos a que são submetidos os futebolistas visando à realização do espetáculo, incluindo: a) **os treinamentos**, como dispositivos visando otimizar a produtividade individual e coletiva de uma equipe<sup>238</sup>; b) **o repouso ativo e passivo**,

---

<sup>237</sup> Nessa linha de raciocínio, não menos importante é a compreensão do processo de mobilização do público (seus deslocamentos pela cidade, os códigos de pertença que são acionados, o jogo ouvido ou assistido para além do estádio propriamente dito), das agências que organizam e mantêm o controle do evento (empresas de transporte, de fiscalização do trânsito, polícias, mas também os responsáveis pelas bilheteria, a arbitragem, os vendedores ambulantes, os guardadores de carros, entre outros), as agências midiáticas e suas estratégias narrativas (as programações antes, durante e depois do jogo), e assim por diante.

<sup>238</sup> Do ponto de vista dos profissionais que manipulam diretamente com o treinamento, a ênfase conceitual recai sobre a dimensão instrumental, definindo treinamento como um conjunto de procedimentos cujo “propósito básico [é] modificar o desempenho do atleta e culminar com a superioridade organizacional da equipe” (Carravetta, 2001, p. 73). Esta definição, embora um pouco genérica, é representativa de uma visão consensual no meio, sobretudo no Internacional, dado o fato, entre outros, de que seu autor foi coordenador-técnico das categorias de base de 2000/01 e, mais tarde, assumiu a coordenação geral da

recomendados ou forçados, antes e/ou depois dos jogos e dos treinamentos; c) **os deslocamentos para a realização de jogos**, uma modalidade de tempo social parcialmente ociosa; d) **a reclusão**, também denominada de “concentração”, um dos mais antigos dispositivos usados na preparação para os jogos; e) **a gestão das tensões e dos conflitos**, potencializados pela convivência intensiva e, sobretudo, pelo fato de que a cooperação e, por vezes, a sujeição de alguns indivíduos ao grupo é condição para o êxito coletivo.

A unidade constituída pela díade preparação/jogo abarca o conjunto de atividades atinentes à rotina dos futebolistas em formação ou já formados. Se o jogo é o tempo da performance, a preparação é o tempo da incorporação das disposições para ela, como referido no primeiro capítulo. É através do treinamento que os profissionais já formados aprimoram a atuação coletiva, descobrindo, uns nos outros, as virtudes e fragilidades. Se considerada a importância que é dada pelos próprios profissionais às categorias espaço e tempo, como será visto no próximo capítulo, poder-se-ia definir as virtudes de um futebolista como sendo a capacidade de integração de múltiplas relações de espaço e tempo, dentre as quais inclui-se uma lista extensa, encabeçada pela noção de equilíbrio; pela capacidade de mobilizar determinados agrupamentos musculares, principalmente dos membros inferiores, de modo a dispor com precisão o próprio corpo no espaço-tempo desejado; pela habilidade em integrar ao movimento corporal um objeto, que é recebido e repassado em movimento; pela percepção de como os companheiros de equipe se movimentam, em que ritmo, com que desenvoltura, quando é possível passar-lhes a bola, ou quando não é, o que implica em estabelecer relações entre o seu próprio movimento, o da bola, do parceiro e dos adversários; de percepção da movimentação individual e coletiva dos adversários, enfim, as categorias espaço e tempo estão na base da performance futebolística, embora não apenas dela senão de quase todos os esportes. Como isso é exigido dos profissionais, não será para outra coisa que serão solicitados aqueles que estão em processo de formação.

“Learning by doing”, como propõe Wacquant (2002), é a definição que melhor descreve as pedagogias do treinamento esportivo, quaisquer que sejam as modalidades, “filosofias”, “escolas” ou “linhas” adotadas pelos pedagogos. A duração e a repetição são imprescindíveis para

---

preparação física, embora esteja cotidianamente mais próximo aos profissionais. É interessante, no entanto, destacar que existem definições diferentes para o treinamento, como bem exemplifica a passagem a seguir. “Do ponto de vista dos repórteres e cinegrafistas que realizam as coberturas cotidianas nos treinos, as imponderabilidades e imprevisibilidades, elementos lúdicos que constituem a dimensão do jogo, são deslocados do perímetro do campo, pois rigorosamente não há partidas em um treino, para as *performances* deles próprios que, fazendo uso das atividades liminares e ocasionais acontecidas nos treinos e imbricadas a elas, valorizando em parte o *voyeurismo* torcedor, procuram alcançar os níveis desejáveis de emoção e imprevisibilidade numa matéria, para manterem mobilizados os telespectadores-torcedores” (Toledo, 2002, p. 197).

dotar o corpo, através de um processo lento e gradativo, das disposições artísticas-futebolísticas. O saber do qual os atletas são portadores não é propriamente um saber reificado pela repetição do gesto ou pela simples domesticação do corpo. É um saber prático, cuja constituição exige uma mediação entre o sujeito cognoscente e um conjunto de enunciados - em forma de proposições insistentemente repetidas durante os treinamentos: “não deixe a bola bater na cabeça, impulsione-a”; “não cabeceie de olhos fechados; não tenha medo”; “use a testa para impulsar a bola”; “antecipe-se”, e assim por diante.

Dotar o corpo do senso prático exigido pelas performances é dotá-lo de um senso preciso das múltiplas relações de espaço e de tempo, a que os futebolistas denominam, seguidamente, como “momento” e os pedagogos chamam de “timing” - um senso de urgência, como escreve Bourdieu (1980). Isso implica circunscrever o corpo num contexto de trocas intensas, nos quais as noções de espaço e de tempo estipulado pelas regras do jogo combinam-se ao espaço-tempo de movimentação da bola, mediadora da movimentação e do ritmo empreendido pela equipes. É a dinâmica do jogo propriamente dita - uma modalidade de dinâmica configuracional, como definida a partir de Elias, no primeiro capítulo. Isso é exigido de qualquer praticante mediano, como parte do domínio elementar das técnicas futebolísticas. O que vai diferenciar o profissional é a velocidade, a precisão e a sincronia coletiva com que será capaz de empreender tais gestos. Por essa razão, o futebolista, tal qual o boxeador (Wacquant, 2000) e a dançarina (Faure, 2000), não podem se dar ao luxo de acionarem processos demasiadamente abstratos por ocasião da ação. É preciso “pensar corporalmente”, antecipando, se possível, às ações. Isso inclui, inclusive, a antecipação das ações dos outros, dos companheiros de equipe e dos adversários. Como escreve Bourdieu, em perspectiva um tanto idealizada, pois nem todos os futebolistas conseguem assimilar adequadamente esse senso de urgência, “le sens du jeu est le sens de l'à-venir du jeu, le



Cleber simula uma cobrança de falta. Precisão à base da repetição (mai 2002).

le sens du sens de l'histoire du jeu qui donne son sens au jeu” (1980, p. 138).

As exigências em relação às competências técnicas variam de acordo com a divisão do trabalho de equipe, ou seja, com as especialidades - “posições”, no léxico nativo. Não se exige de um defensor a mesma destreza, criatividade e velocidade de raciocínio que aquelas demandas de um “meia-armador”, principal responsável pela criação de jogadas de uma equipe - Zidane,

como disse seu colega Thuram, “Il lit le jeu avant les autres et avant le jeu lui-même, en fait, il le

lit, puis l'écri". Em contrapartida, não se exige de um "meia" que ele seja um exímio cabeceador, o que dificilmente se tolera de um defensor. Exige-se, de cada especialista, o domínio das disposições correspondentes à divisão do trabalho de equipe, sendo os treinamentos orientados nessa direção.

O treinamento é, desse modo, o espaço-tempo que demarca a esfera de atuação dos profissionais propriamente ditos. Embora os treinos sejam seguidamente percebidos como o inverso dos jogos, são neles que, à maneira dos ensaios, como no teatro e na dança, instituem-se os padrões de uso individual e coletivo do corpo. Por pertencerem à temporalidade cotidiana e à rotina dos profissionais, o público e os mediadores especializados têm interesses e representações difusas a respeito deles. Para a compreensão da maneira como pensam o futebol em perspectiva estética os profissionais - atletas e *staff*, sobretudo - os treinamentos são essenciais.

### **7.3.2 Trabalho é rotina**

Como já referido, os treinamentos de quem atua profissionalmente são encaixados nos jogos, sendo modulados estrategicamente em função deles, ao passo que na formação procura-se conciliar essa dimensão com a constituição de uma base ampla de experiências que serão demandadas futuramente. Ao menos é assim que sugerem os manuais do treinamento/formação e essa é a tendência observável nos centros de formação/produção, particularmente naqueles em que não há urgência em relação à comercialização dos atletas. Na França, por exemplo, onde o processo é nacionalmente ordenado, os parâmetros pedagógicos tendem a ser mais homogêneos e o próprio sistema prevê uma clara distinção entre a formação e a atuação profissionais. Na prática, há discrepâncias, como já referido na parte final do capítulo 5, mas a diversidade pedagógica é menor do que na formação "à brasileira", cuja autonomia dos centros permite uma margem de manobra mais ampla.

Diferentemente do calendário profissional, as "categorias de base" têm o início da temporada associado ao começo do período letivo escolar, e as principais competições ocorrem no recesso das aulas. Tal período também corresponde ao recesso das equipes profissionais, de maneira que os jogos das categorias de base, como a Taça São Paulo de Futebol Junior, adquirem visibilidade midiática. O juvenil do Inter participou, no período em que estive em campo, de três competições ao longo da temporada, cujo início ocorre em março e o final em meados de janeiro, depois de encerrada a participação na Copa Santiago, tida pelo Inter como a competição nacional mais importante dessa categoria. Em segundo plano, estão a Taça Macaé-RJ, realizada na cidade homônima e adjacências, durante a segunda quinzena de julho, e o campeonato gaúcho, de maio a dezembro, com jogos restritos aos finais de semana.

O ciclo de treinamento anual dos juvenis é organizado tendo em vista essas competições. A intensidade e o volume de trabalho são projetados de modo que os atletas atinjam o “pico” de rendimento durante a competição. O trabalho físico, considerado como a base do treinamento, é mais intenso no início da temporada, quando ocupa praticamente o tempo integral dos atletas. Nos interstícios das competições, programa-se o treinamento de acordo com o ciclo semanal, no meio ou ao final do qual geralmente é realizado um jogo - se não for pelo campeonato, poderá ser um amistoso. As rotinas semanais são discutidas entre a comissão técnica, treinador e preparador físico, especialmente, ponderando diferentes variáveis: as competições em curso ou em vias de iniciação, a avaliação dos aspectos físicos, táticos e técnicos da equipe, a disponibilidade de campos, acesso às salas de musculação, piscina e assim por diante.

Os treinamentos possuem diferenças expressivas em termos de intensidade ou, conforme o termo nativo, “carga de trabalho”, adequada às respectivas capacidades de assimilação. E, fundamentalmente, há uma diferença de ênfase em relação a certas modalidades de atividades, sendo que aquelas envolvendo os “fundamentos” - o passe, o drible, o chute, o cabeceio, enfim, o aperfeiçoamento das técnicas individuais - tendem a diminuir progressivamente à medida em que se avança da base em direção ao gargalo do funil. Para compreender a rotina da formação/produção, nada melhor do que a observância do emprego do tempo ao longo de um ciclo semanal no Internacional.

### Quadro 7.3 - Programação semanal de atividades

	Período	Horário	Atividade
Seg	manhã	9h	3.200 abaixo de 12'45"
	tarde	-	Folga (1)
Ter	manhã	9h	RAST
	tarde	15h	Técnico/tático
Qua	manhã	8h30min/9h	8h30min musc (alojamento)/9h (todos) técnico
	tarde	14h30min/15h	14h30min musc (alojamento)/15h (todos) tático
Qui	manhã	9h	Técnico/tático
	tarde	-	Folga (2)
Sex	manhã	9h	Técnico/tático
	tarde	-	Folga (3)
Sab	manhã	9h	Pequenos jogos para não relacionados
	tarde	15h	Inter X Caxias - Gauchão
Dom	manhã	-	Bom repouso (4)
	tarde	-	Idem (5)

Fonte: programação semanal (16-20/09/2002) constante no vestiário do juvenil

No ciclo semanal aqui reproduzido, constam quase todas as atividades compreendendo a unidade preparação-jogo a que estão sujeitos os atletas em formação: a) o treinamento propriamente dito - físico (musculação, RAST e Cooper (3200)), técnico e tático (agrupados); b) o repouso ativo e passivo, que por vezes é confundido com as folgas, devidamente numeradas, como prova de que a gestão do tempo por parte da instituição é praticamente integral; c) o jogo propriamente dito, valendo pelo campeonato gaúcho. Não constam: a) viagem/deslocamento, uma vez que o jogo daquela semana seria realizado no gramado suplementar do Beira-Rio; b) reclusão/concentração, pois as categorias de base só cumprem essa rotina em circunstâncias especiais, à medida em que boa parte dos meninos já reside no albergue do clube, a reclusão acarreta em custos para o clube e, sobretudo, porque o resultado daquele jogo não importava muito, podendo-se afrouxar a vigilância em relação às atividades consideradas perniciosas - ditas da “noite”: sexo e álcool; c) a gestão das relações interpessoais, realizadas estrategicamente, sempre que necessárias, de acordo com a percepção do *staff* pedagógico e, eventualmente, em casos mais graves, com intervenção das instâncias diretivas<sup>239</sup>.



Juvenis tomam uma “dura” de Joel. À direita e abaixo, o “altar” de Seu Paulo, em Conceição do Macabu-RJ (jul 2002).

Não obstante, a pressão dos dirigentes e torcedores por vitórias das equipes de base, esta não é tão intensa quanto aquela direcionada à equipe principal. Os formadores dificilmente concordarão com tal afirmação, pois uma de suas reclamações mais freqüentes é justamente acerca do imediatismo dos dirigentes, ávidos por performances exitosas e pouco propensos a ponderar os argumentos trazidos da academia. Os formadores acreditam que os resultados devem ser avaliados a médio e longo prazo, pela quantidade e qualidade dos atletas içados à equipe principal, e não pelos títulos conquistados durante a formação/produção. Se, em linhas gerais, eles parecem ter sensibilizado parte dos dirigentes, quase sempre leigos em relação às minúcias do treinamento, não o fizeram por completo, sendo exigidos e reposicionados seguidamente. O *staff* com o qual realizei a maior parte do trabalho de campo foi, por razões diversas, “desprestigiado”: o treinador perdeu o cargo por negar-se a escalar um “gato” - ver capítulo 9; o preparador físico foi deslocado para o setor de “reabilitação”, por tentar impor sua

<sup>239</sup> À época em que realizei a parte mais intensa do trabalho de campo, o Inter não contava com psicólogos, o que passaria a ocorrer a partir de 2004 – cf. capítulo 10.



própria “filosofia de trabalho”; o preparador de goleiros demitiu-se para trabalhar nos EUA, mas como não conseguiu visto de entrada acabou readmitido, numa categoria de status inferior; o auxiliar-técnico sentiu-se preterido ao não ser promovido a técnico, em dada vacância do posto, tendo solicitado seu deslocamento para um posto bem abaixo em termos de hierarquia - da categoria juvenil (sub-17) para uma seleção da escolinha (sub-11). O massagista pediu demissão; o auxiliar de preparação física permanecia no mesmo posto até dois anos depois (sinal de estagnação) e tão somente o roupeiro havia migrado para a equipe júnior. Ao final de 2004, também o coordenar técnico foi destituído, a partir dos maus resultados da equipe de juniores no campeonato gaúcho. Não é por outra razão que “futebol é momento”, uma representação forjada a partir das circunstâncias do jogo, mas arrastada para diferentes instâncias das configurações de rotina. Tanto atletas, já formados ou em formação, como suas comissões técnicas e até mesmo os dirigentes, bem como os torcedores, vivem intensamente a lógica da urgência, ainda que isso tenha variações em termos sociais e culturais<sup>240</sup>.

### 7.3.3 O treinamento físico

Mais do que qualquer outro dispositivo da preparação para os jogos, o treinamento físico demarca a transição do amadorismo ao profissionalismo na carreira dos atletas, seja ela tomada em sincronia ou em diacronia. Na sociogênese dos esportes de espetáculo, que passaram a dramatizar os limites do corpo, o treinamento físico foi usando como estratégia para resistir à fadiga (BANCEL e GAYMAN, 2002, p. 169-70). Desde então, o trabalho físico especializou-se sobremaneira, sendo direcionado para cada modalidade esportiva em particular<sup>241</sup>. No Brasil, a preparação física no futebol é um território dominado, no presente, pelos profissionais formados em educação física. Diferentemente das competências atribuídas ao técnico, aquelas atinentes ao

---

<sup>240</sup> Preparo, para publicação futura, um levantamento sobre a movimentação dos técnicos de futebol. Trata-se de uma documentação ampla, envolvendo técnicos brasileiros e dos principais mercados de trabalho europeu. A proposição é comparar as trocas de comando nas equipes de futebol com a dinâmica das trocas em outras esferas da sociedade brasileira – com as trocas de partidos políticos, por exemplo. Um dos objetivos seria pensar categorias como estabilidade e mudança a partir da perspectiva cultural, quer dizer, do sentido atribuído a essas categorias na sociedade brasileira.

<sup>241</sup> Além da especialização no âmbito dos esportes competitivos, o condicionamento físico popularizou-se através da profilaxia e dos cuidados com a estética corporal. Depois dos programas de condicionamento em massa – como a ginástica laboral – viriam as academias e, a partir dos anos 80, os *personals training*.

preparador físico possuem uma aura de cientificidade, cuja legitimidade é dada, em grande parte, pelo uso de testes, como visto anteriormente, e de equipamentos de medidas.

Não encontrei, ao longo de todo o trabalho de campo, um único preparador físico não diplomado trabalhando em centros de formação ligados a clubes de ponta no Brasil, enquanto na França, onde há exigência legal de diploma da FFF para

trabalhar em centros de formação, o diploma universitário é prescindível, tanto ao *coach* quanto ao *preparateur physique*. No Brasil, no entanto, a marcação das especialidades é bem nítida, mesmo que o trabalho seja integrado. As experiências concretas - “ter vivido na prática”, como eles dizem - são muito valorizadas para o *métier* de técnico/treinador, em grande parte porque os atletas são recrutados prioritariamente entre as classes trabalhadoras, onde o trabalho manual, o aprendizado prático e a transmissão direta do conhecimento, de mestre para aprendiz, são ainda valorizadas. Assim sendo, há uma predisposição para assimilar o que diz um ex-boleiro, e uma certa resistência em relação ao profissional com formação acadêmica. De mais a



“Príncipe Jajá” demonstra como se deve enquadrar o corpo para o chute. Era seu trunfo contra os professores de educação física (Beira-Rio ao fundo, set 2002).

táticas proeminência sobre o preparador físico e as atividades que ele desenvolve<sup>242</sup>. Para tanto, são usadas tecnologias chanceladas pelas disciplinas que integram as ciências do treinamento - fisiologia do exercício/esforço, biomecânica, cineantropometria, entre outras - e, muito



Circuito de treinamento com o uso de equipamentos para “driblar” a monotonia, no FC Nantes, França (set 2003).

mais, não raro o ex-boleiro demonstra, ele próprio, como quer que sejam praticadas as atividades, enquanto muitos diplomados evitam até tocar na bola com os pés, dada a falta de traquejo com ela. O trabalho de preparação física poderia ser definido como o aperfeiçoamento de certos atributos propriamente físicos, tais como a força, a velocidade, a flexibilidade, a agilidade, a coordenação e a resistência, conforme programação estabelecida pelo *staff* técnico, tendo o treinador/técnico e as atividades técnicas e

<sup>242</sup> Sobre isto conferir Carravetta (2002, p. 48-50) e Cometti (2002, p. 14-38).



Treinador Joel confere resultados do teste de Cooper, sob olhar atento de Teco (maio 2002).

freqüentemente, importadas de outros esportes. A razão pela qual o trabalho de preparação física é alvo menos freqüente dos torcedores e críticos, comparativamente à dimensão técnica e tática, por exemplo, advém, em parte, da manipulação por parte dos preparadores físicos, de tecnologias e de um léxico marcadamente academicista, em que se destacam as medições, os dados quantitativos e os testes - de lactato, VO<sub>2</sub> máximo, Cooper, esteira, e outros. A contrapartida dessa relativa ingerência de cronistas, torcedores e dirigentes sobre a

preparação física é a sua desvalorização em relação ao trabalho do treinador, cujas diferenças em termos salariais são a prova - em geral, um preparador físico recebe um terço do salário de um técnico, ou menos.

Do ponto de vista dos atletas, a precisão das medidas e, particularmente, os testes, são percebidos de modo ambivalente. De um lado, eles permitem comparações quantitativas, enquanto todos os demais juízos são produtos de pontos de vista sujeitos à contestação. Pelos mesmos motivos, os testes também são temidos. Um atleta pode discordar da avaliação de um técnico que o acusa de não estar se movimentando o suficiente em campo, contra-argumentando que sua movimentação não é visível ou mesmo que o técnico está de má vontade com ele. Porém, suas chances reduzem-se quando o técnico argumentar com base num teste de esteira, de Cooper, ou com o peso, tomado semanalmente na balança. Mesmo sendo rotina generalizada desde os anos de 70, a preparação física continua sendo detestada, a tal ponto que ela raramente ocupa uma sessão completa de trabalho, um turno todo, por exemplo, além do que criaram-se subterfúgios do tipo: o jogador é solicitado para uma série de exercícios - saltos, deslocamento em zigue-zague... - ao final dos quais chuta a bola contra um alvo qualquer, sob o pretexto de que esta última atividade



Paulo mede, Jordan anota e Teco confere a mensuração de um salto; na pista atlética, parte interna do Beira-Rio (maio 2002).

complementa a série. Independente da procedência ou não desta última atividade, o certo é que os atletas, já formados ou em formação, preferem, largamente, os trabalhos com bola e, se possível, atividades que simulem os jogos. Assim sendo, os preparadores físicos incorporaram a bola à boa parte de suas dinâmicas, como “estratégia motivacional”. Como dizia Carioca, preparador físico da equipe juvenil do Inter, “se não tem bola, eles fazem o que você pede; é obrigatório e necessário, eles sabem disso. Já se você coloca uma bola no meio da coisa, então eles fazem com mais tesão; facilita as coisas!”



Circuito com ênfase no trabalho de pliometria (potência muscular), no centro de treinamento do Bordeaux (França) (set 2002).

A proximidade com a bola, o contato com ela, exerce um fascínio entre os jogadores, não importa qual dos futebolistas o sujeito pratica, tampouco sua idade. Isso está disseminado na própria cultura futebolística, preenche-se símbolos de masculinidade, no interior da qual a bola é feminilizada<sup>243</sup>. O futebol de espetáculo não ignora e até acentua tais representações, mas impõe outros sentidos para o jogo, a partir dos quais o encantamento com a bola é visto como coisa de “peladeiro”, “amador”, “varzeano”. No futebol de espetáculo moderno, a bola precisa circular, por razões de economia de espaço e de tempo, e não é missão simples, pelo menos no Brasil, inculcar esse *habitus* nos meninos, sendo uma queixa freqüente dos formadores. O que quer que a retenção da bola signifique do ponto de vista psicológico, o certo é que a desposseção implica na transição de um imaginário lúdico, onde o prazer no jogo está em primeiro plano, para um imaginário performático, onde o prazer não está alienado do jogo, mas matizado pelos resultados obtidos nele ou a partir dele. Mais do que qualquer outra atividade circunscrita à esfera do treinamento, o trabalho físico é o *locus* da mundaneidade, um espaço-tempo de trabalho, não raro associado à dor, ao sofrimento, à disciplina, à perseverança, enfim, a uma série de elementos em relação aos quais o dom/talento figura em plano secundário.

<sup>243</sup> As associações são extensas, podendo ser ilustradas por dois depoimentos de ex-craques brasileiros. “Jogador de futebol, se pudesse, tinha que pôr uma bolinha debaixo da cama pra quando ele acordar, tocar nela, sentir, ter sensibilidade. Dar um toque nela e sentir: ela está aí!” (Didi) “Acho que ela tem vida própria. Tem jogos que ela tem vida própria. Toma efeitos que você fica louco, mas acho que ela tem vida própria. Ela gosta de quem trata ela bem!” (Zizinho) (In: FUTEBOL (II). Direção: João Moreira Salles e Arthur Fontes).

### O temido 3.200

O teste de Cooper, em vias de extinção, foi realizado 4 vezes ao longo de 2002 para o grupo juvenil do Inter. O teste é rápido, mas desgastante. O atleta percorria 8 vezes a pista atlética do Beira-Rio (3.200 metros no total) no menor tempo possível. Antes do início dos trabalhos, o preparador físico sugeriu, em setembro de 2002, por ocasião do terceiro teste da temporada, que a média dos tempos deveria ficar em torno de 12 min. Zeca fez em menos de 12 minutos; Ju ultrapassou os 13 e Cléber passou mal, desistindo em meio à prova. Já no início, pode-se notar a disparada de Zeca, o mesmo acontecendo com Flávio, Tiago e Diego. A cada volta o cronometrista citava o nome do atleta e informava o seu tempo para que este pudesse controlar o ritmo.

É freqüente o estímulo, especialmente do preparador físico, para que os atletas façam o melhor possível, superando o cansaço. É comum ocorrerem desistências. Roberto teve que ir ao banheiro bem no momento em que o teste iniciaria e acabou fazendo-o em separado. Ju manifestava desejo de desistência desde a segunda volta, dizendo que não conseguiria agüentar, mas acabou completando a prova, apesar de ter feito um tempo superior ao que fizera na edição anterior. Depois de tudo, comentava com Teco a sua repugnância com os amigos que dizem que “é barbada ser jogador de futebol, é só jogar bola. Jogador tem que ganhar milhões, milhões! Isso daqui é a pior coisa do mundo!” Habitado a ser um dos mais prestigiados, dado o talento técnico, Ju sentia-se duplamente desconfortável. Por um lado, havia a fadiga física a que ele acabara de ser submetido. De outro, a performance ruim, que o colocava entre os piores do grupo, abaixo de Zeca, Flávio, Diego e outros atletas que, no dia do teste de 3.200 tinham seus dias de glória. Então Ju comentava, à boca pequena: “Tá, e aí, o cara corre um monte, mas não joga nada...!”



Atletas do juvenil são orientados antes de uma sessão de testes físicos (maio 2003).

Se, no presente, o treinamento desprovido do contato com a bola apresenta-se aos futebolistas como mundano, imagine-se a resistência em relação a ele ao longo da transição do amadorismo para o profissionalismo. O treinamento físico não representou apenas a porta principal pela qual entraram no futebol as teorias e os métodos ditos científicos, senão que é corolário da sua proletarização e, particularmente, da taylorização (BANCEL e GAYMAN, 2002). A proletarização do futebol correspondeu ao acesso, no futebol de elite, de atletas egressos das classes trabalhadoras, que dele estiveram alijados dado o segregacionismo dos tempos do amadorismo<sup>244</sup>. No Brasil, a profissionalização foi forçada por atletas de camadas populares e, particularmente, pelos negros, pouco importando, a esse respeito, as discrepâncias em termos de datas e locais. A profissionalização, por si só, punha abaixo o glamour esportivo, pois um de seus sustentáculos havia sido, até então, a concepção ao mesmo tempo romântica e puritana, de entrega, de sacrifício, de dispêndio de tempo e de energia gratuitos, sem a mediação pecuniária

<sup>244</sup> Constará, no capítulo 9, um argumento em diacronia mais extenso a este respeito, quando será abordada a mercadorização dos atletas.

e, sobretudo, sem as obrigações atinentes ao mundo do trabalho. Arriscar-se em jogadas ásperas, com intenso dispêndio de energia, também os amadores faziam, mas por amor patriótico ou ao clube, uma escolha vocacionada e voluntária, em nada parecendo-se com as obrigações de produtividade próprias ao mundo do trabalho - os torcedores xingando, o técnico exigindo disciplina, etc. Como as transformações ocorreram tramadas umas às outras, é difícil mensurar até que ponto a mundaneidade, a que correspondeu o treinamento físico, contribuiu para afastar os jovens das classes médias e altas do futebol em vias de profissionalização, ou se foi o afastamento deles que permitiu o uso alargado desses dispositivos.



Jajá, ex-atleta de destaque nos anos 70/80, no caminho dos campos de treinamento do Beira-Rio com os “sub-13” (ago 2002).

A taylorização está na base da conversão do futebol em espetáculo e, especialmente, do aumento do público engajado, ávido por vitórias, quer dizer, importando-se com o resultado. As comparações entre uma equipe de futebol - *rugby*, basquete ou qualquer outro esporte coletivo - e uma fábrica ou usina são abundantes na literatura esportiva e fora dela (EHRENBERG, 1991, p. 171-5). Em que pesem tais analogias tenham perdido parte de sua eficácia, em detrimento das comparações inversas - sendo freqüente, no presente, os técnicos de futebol serem solicitados a palestrar para executivos de grandes empresas capitalistas -, na medida em que os esportes de espetáculos afirmam-se como espaço autônomo em seus processos de trabalho, a aplicação de conceitos de fora para dentro, como seria o caso da taylorização perdeu parte da sua eficácia. Isso não implica dizer que, pelo menos no princípio do século XX, em que se desenvolveram concretamente experiências com o taylorismo e o fordismo, não tenha havido uma transposição de parâmetros estéticos de um espaço a outro. Se o ritmo frenético e harmônico do trabalho fabril causara espécie, por que seria menos interessante de notá-lo numa praça de esportes? Terá sido por acaso que o futebol se desenvolveu rapidamente no norte da Inglaterra, região altamente industrializada, e nos centros urbanos em geral e subúrbios em particular?

No Brasil, o treinamento físico constituiu uma estratégia de ocupação do tempo dos atletas recém convertidos ao profissionalismo. A ginástica e as corridas, praticadas desde os anos de 10, adquiriram tons utilitários, uma modalidade de governo sobre o físico imposta pelos

dirigentes de clubes<sup>245</sup>. Exercitar-se tornara-se sinônimo de trabalho e também de submissão, e isso nada tinha a ver com os filhos da alta sociedade. Mas não é tudo. O treinamento físico é produto da gestão do corpo dos atletas e não difere, sob este aspecto, da reclusão na véspera ou anti-vésperas dos jogos, mais conhecida como “concentração”. A gestão do corpo é integralizada no decorrer da profissionalização dos jogadores, razão pela qual tenho insistido, seguidamente, com a idéia de que não é apenas o dom/talento que precisa ser disponibilizado pelos atletas em formação, mas o conjunto dos capitais corporais. Entende-se melhor a transição do amadorismo



Trabalho físico na piscina do Parque Gigante, um dos tantos dispositivos à serviço da formação colorada (jul 2002).

para o profissionalismo quando matizado por essas tecnologias de preparação, que corresponderam a uma mudança no status dos jogadores. A prática voltada para o espetáculo aproximou-se do universo social e simbólico do trabalho e, portanto, das classes populares. Em contrapartida, jogar com negros, mulatos e proletários de todas as matizes poderia ser tolerável aos jovens das classes altas, mas treinar com eles nem tanto. “Concentrar”, então, estava fora de cogitação, pois implicava na intensificação das trocas.

Não se dispõe, até o presente, de estudos detalhados acerca de como a profissionalização alterou a rotina dos futebolistas, mas há indicações genéricas e indícios por toda a parte de que as tecnologias da caserna foram largamente empregadas nos primórdios da preparação para os jogos<sup>246</sup>. A reclusão, por exemplo, atravessa fronteiras históricas e

culturais, sendo usada como estratégia prática e simbólica visando salvaguardar os atletas do desperdício de energia em véspera ou anti-véspera de jogos<sup>247</sup>. Não por acaso, as interdições principais recaem sobre o intercurso sexual e a ingestão de bebidas alcoólicas, duas atividades aparentemente distintas mas que podem ser agrupadas a partir das representações populares de masculinidade. De outra parte, a migração do treinamento físico para o interior dos esportes foi favorecida pela simetria representacional entre o guerrear e o jogar, sem contar que tanto o exército quanto o futebol são espaços preponderantemente masculinos, não raro havendo o

<sup>245</sup> Cf. Barros (1990).

<sup>246</sup> São abundantes os trabalhos mostrando a migração das práticas da caserna para a educação física ao longo da primeira metade do século XX no Brasil. Para isto conferir: Castro (1997), Soares (1994), Mello (1999), entre outros.

<sup>247</sup> A questão da liminaridade entre a esfera do mundano (preparação/treinamento, cotidiano, trabalho) e do extra-mundano (jogo, espetáculo, rito), que parece-me ser a chave para compreender a perpetuação da “concentração” no tempo e no espaço, será abordada no último capítulo.

trânsito de pessoas entre um e outro. Ainda que a gestão do corpo e do espírito possam ser separadas do ponto de vista analítico, para melhor compreendê-las em suas especificidades, é um equívoco dissociá-las completamente. Nessa linha de raciocínio, a concentração e o treinamento físico correspondem às gestões do corpo e do espírito, para usar as categorias analíticas, ou do “corpo” e da “cabeça”, para usar os termos êmicos<sup>248</sup>.

Todavia, a caserna não foi o único referencial para a insipiente preparação física da primeira metade do século XX. Gentil Cardoso, negro e marinheiro, foi um dos pioneiros a adotar tais tecnologias, tendo sido contratado pelo aristocrático Fluminense em 1945, um fato isolado, como continua sendo ainda hoje a presença de negros no comando técnico das equipes. Gentil Cardoso não esticava o cabelo, como muitos jogadores faziam para disfarçar a negritude<sup>249</sup>. Era marinheiro e tudo faz crer que efetivamente tenha assistido aos jogos do Arsenal, treinados por Herbert Chapman, o inventor do WM. Consta que além do domínio do WM, aplicado desde o ano de 1932, quando treinava o modesto Bonsucesso e causara espécie entre os grandes times cariocas, Gentil Cardoso impunha aos seus comandados uma rotina que incluía corridas em volta do quarteirão dos estádios e “ginástica parada”.

Contemporâneo de Gentil Cardoso, o húngaro Dori Kruschner foi buscado pelo Flamengo na Suíça, ao final dos anos 30. Kruschner tentara impor, a partir dos treinamentos, um padrão de comportamento tático ao qual os jogadores brasileiros não estavam habituados. Os registros de sua passagem, como sugerem Cabral e Ostermann (s/d, p. 22-6), são escassos, mas dão conta de que o húngaro investiu na preparação física, como condição básica para modernizar as formas/padrões de jogo, dinamizando a movimentação dos jogadores e a ocupação ordenada dos espaços. “O Flamengo precisava ter pernas, o futebol moderno precisava de velocidade, de força e resistência. E dê-lhe trabalho!” (p. 23).

Havia resistência à preparação física e a quaisquer outras atividades que contrariassem a idéia de que jogador de bola já nasce feito, ou de que futebol não se aprende, mas é fato que o treinamento foi sendo gradativamente implementado, bem antes da Copa de 1958, tida por vários manuais como uma espécie de marco zero no assunto. Paulo Amaral, que integrou aquela

---

<sup>248</sup> No último capítulo, ver-se-á que o preparador físico é também o responsável pela gestão das emoções e é ele quem encaminha, no Brasil, os ritos de vestiário que antecedem à entrada dos jogadores em campo.

<sup>249</sup> Segundo a descrição de Mário Filho, Gentil Cardoso teria impressionado na sua apresentação no Fluminense, e contanto que ao menos parte da descrição seja verossímil, vale a pena reproduzi-la. “Havia tricolor escandalizado. Nunca se vira nada parecido em Alvaro Chaves. Os jornais comentando o fato, pareciam até jornais europeus falando de um Brasil, capital Buenos Aires [...]. E eis que surge Gentil Cardoso. Vestia uma calça de macacão cinza, de atleta, a sanfona, também cinza, apertando o sapato de basquete. Cobria-lhe o busto largo um blusão, da mesma cor da calça do macacão, com dois bolsos largos à altura do peito, um de cada lado. Em volta do pescoço, um colar de cordão grosso [...], de onde pendia, feito um crucifixo, o apito. Enterrado na cabeça o boné alto de aba larga. E na mão direita, pronto para ser levado à boca, um megafone. Gentil Cardoso ia dirigir o treino do Fluminense a apito e megafone. Na hora de parar o treino, o apito, na hora de dar uma ordem, o megafone” (RODRIGUES FILHO, 1964, p. 284).



comissão técnica, já era o encarregado da preparação física do Botafogo desde o início dos anos 50 (CASTRO, 1995, p. 53-8)<sup>250</sup>. A Copa de 50 entraria para a história como tragédia nacional e talvez por isso pouco interesse seja dado ao mês e meio de preparação realizada em Araxá, interior do Rio de Janeiro. Acreditar nas palavras de Ademir, de que “tivemos uma preparação física mais ou menos como a que se faz hoje” (MORAES NETO, 2000, p. 123), é temerário, mas certamente devem ter praticado, no mínimo, ginástica e corridas, e não apenas jogado baralho e fumado, o que certamente devem ter feito em quantidade, pois isso era parte da rotina das concentrações. O aquartelamento a que eram submetidos funcionava, mais do que nos dias de hoje, como um dispositivo moral, pois do ponto de vista funcional os resultados de longos confinamentos tendem a trazer mais problemas do que benefícios. Enfim, até mesmo a seleção que representou o Brasil em 1938, na França, aparece fotografada, no jornal *Paris-Soir*, realizando atividades físicas sem bola a 15 dias da estréia<sup>251</sup>.

A história social do treinamento esportivo, em seu conjunto, e a do futebol brasileiro em particular, estão por serem escritas. Boa parte dos livros sobre treinamento físico consultados ignoram que este campo do saber é sujeito, como todos os demais, aos processos histórico, social e cultural. Ignoram, seguidamente, o fato de que seu domínio está sujeito a progressos não-lineares, incluindo-se a dificuldade de quantificar parte considerável das predisposições que manipulam, o que depõe contra um certo modelo de cientificidade que por vezes seus profissionais apregoam. O que se pode afirmar é que o campo do treinamento físico no futebol brasileiro é dominado, ao menos nos clubes de primeira e segunda divisões, por profissionais diplomados em educação física. Juntamente com os médicos, os fisioterapeutas, os nutricionistas e os fisiologistas, eles são os responsáveis pela gestão propriamente anátomo-fisiológica dos futebolistas. Eles instituíram, gradativamente, um domínio reservado, cuja manipulação de certas tecnologias, incluindo-se conceitos, equipamentos, testes e procedimentos variados, expressos em linguagem técnica, garante-lhes certa autonomia em relação aos demais agentes do campo profissional. A história social do treinamento físico deverá,

---

<sup>250</sup> A presença de Paulo Amaral no *staff* brasileiro de 1958 tem sido tomada como marca da preparação física no Brasil, ocasião em que até sociólogo exercendo atribuições de “psicólogo” constava na delegação que venceu aquela Copa. Castro (1995) refere, sem citar maiores detalhes, a presença de um especialista em preparação física na Copa de 1954, e é possível que mesmo em 1950 os jogadores realizassem alguma modalidade de trabalho físico diferenciado, com ou sem a presença de um especialista

<sup>251</sup> No *Paris-Soir* (20/5/1938) aparece uma foto em que os jogadores, lado a lado e em linha uniforme, sob a tutela de um comandante, realizam alongamentos de perna. Na legenda, o seguinte comentário: “Est-ce l'affluence des journalistes qui fit limiter cet entraînement à des exercices d'assouplissement dans la crainte que leur jeu ne soit divulgué à leurs futurs adversaires?” O jornal esportivo *L'Auto* (2/6/1938) também publica uma foto com os brasileiros exercitando-se na floresta de Niederbronn, região de Strasbourg, à espera do jogo contra a Polônia. Mesmo que tais atividades estejam distantes da importância que elas assumiram ao longo do pós-guerra, o certo é que o uso de tecnologias de preparação sem o uso da bola datam dos anos de 30, ao menos.

quando escrita, levar em conta as estratégias de inserção desses agentes e dos saberes que eles portam. Não se trata exatamente de invenções no vazio, como se nada existisse antes deles, mas inserções estratégicas, atravessadas por conflitos de interesses.

A “lapidação do dom”, na versão dos formadores, ou a incorporação dos capitais futebolísticos, na minha própria conceituação, é um processo bem menos atrativo do que se supõe à distância do ponto de vista daqueles que se submetem a ele. As lentes midiáticas, que são, seguidamente, os olhos do público, captam mal a rotina de treinamentos dos boleiros e, particularmente, daqueles em formação, para não dizer que lhes são indiferentes. Quando os atletas debutam na equipe principal de forma exitosa, tornam-se, em seguida, objeto de reportagens, nas quais são apresentados como “revelação”, ao passo que aqueles vitimados pela concorrência ao longo do processo são esquecidos. Mesmo os que passam pelo gargalo do funil fazem questão de ocultar os anos de aprendizagem. Faz parte da *illusio* profissional acentuar os dotes de origem, como o dom/talento, em detrimento do tanto que a eles foi agregado. A formação é um período de incertezas ou de convicções passageiras, em que o “sonho” por vezes parece ao alcance, por vezes inatingível. Submetidos, salvo algumas exceções, à rotina dos profissionais já formados, os meninos vão sendo lapidados lenta e progressivamente. Trata-se, segundo eles próprios, de um trabalho repetitivo, extenuante e monótono. Nada que lembre os jogos, o público e tudo aquilo que eles próprios consideram como a dimensão gratificante da profissão. Por isso, “deslumbram-se” - e por vezes põem a perder o esforço empenhado - quando dos primeiros sinais de que estão sendo bem-sucedidos.

A preparação excede o treinamento, como foi repetido diversas vezes, pois envolve procedimentos amplos, como a concentração, os deslocamentos, a recuperação, etc. Todavia, o treinamento propriamente dito, seja ele físico, técnico ou tático, ocupa um lugar de destaque nesse processo, pois ele é o mecanismo a partir do qual são incorporadas as disposições para a performance. Tratam-se de dispositivos para uma performance prática, apreendidos a partir da prática, mas nem por isso reduzíveis a quaisquer automatismos. Como escreve Faure, recuperando Vygotsky, “les actions [práticas] ne sont pas totalement déterminées par une logique pratique et corporelle déconnectée de toutes possibilités de distanciation réflexive et de prises de conscience” (2000, p. 86). Todavia, a tomada de consciência própria daqueles que integram esses circuitos nos quais o indivíduo é absorvido quase por completo, seja pela instituição seja pelo grupo do qual faz parte, é de um tipo particular. Treina-se no contexto de uma configuração concreta, com e contra outros indivíduos, competindo cotidianamente, de tal modo que a lógica própria ao jogo e aquela instituída pelas disputas por posições no campo da formação visando a profissionalização se entrelaçam completamente.

## **8 ESTÉTICA E FUTEBOL**

### **Espaço, tempo, estilos e outras propriedades das configurações de jogo**

Ao abordar o pertencimento clubístico, argumentei que o gosto pelo futebol de espetáculo não pode ser compreendido sem considerar o engajamento, e que este não tem a ver com o jogo propriamente dito, mas com as redes de afetos masculinos que estão na base do clubismo. Se o jogo fosse interessante por si só, não haveria recorte de gênero e tampouco fronteiras nacionais matizando a sua apreciação. Embora haja argumentos plausíveis para a disseminação em escala planetária do futebol - salvas as ex-colônias britânicas, incluindo-se os EUA -, não se pode declinar o interesse nele a partir da simplicidade das regras, da beleza das performances ou da singularidade dada pelo uso preferencial dos pés. Até mesmo o pertencimento clubístico não esgota, por si só, as manifestações em torno do espetáculo. Os torcedores que vão aos estádios ou fruem os jogos pelos mídias importam-se, e muito, com as dinâmicas configuracionais, razão pela qual deve-se estar atento ao gosto propriamente estético. Além de interessados no resultado, em ganhar ou perder, os torcedores importam-se com a beleza ou não de uma disputa. Do contrário, não haveria investimentos na formação/produção de jogadores, concorrência em torno dos melhores performistas e tampouco preparação para o espetáculo.

Há algo de relevante nas configurações de jogo que particularizam o futebol; algo que torna a atuação dos futebolistas apreciável tanto aos que assistem-no engajados pelo clubismo, quanto aos que se interessam por jogos envolvendo times representando clubes aos quais não pertencem. Enfim, é possível dizer que o clubismo, isolado da compreensão das configurações de jogo, não dá conta da estética futebolística. Na maioria das vezes, os torcedores co-participam dos embates de maneira engajada, atentos à performance de sua equipe, do adversário e do conjunto, razão pela qual a compreensão do futebol a partir de uma perspectiva estética demanda o escrutínio do pertencimento - realizado no capítulo 2 - e da dinâmica configuracional, já definida, a partir de uma perspectiva eliasiana, como um conjunto de relações

de interdependências face-a-face, eventos parcialmente fragmentados reconstituídos em forma de narrativas pelo público<sup>252</sup>.

O capítulo está subdividido em duas partes. A primeira delas retoma a questão do espaço e do tempo, já suscitadas no primeiro capítulo. Mostro como o futebol pode ser sujeito a diferentes narrativas estéticas, enfocando nesse segmento, a perspectiva dos profissionais propriamente ditos - atletas, treinadores, auxiliares, entre outros. Retoma-se, com alguns exemplos concretos, a noção de propriedades intrínsecas, com destaque para as formas/padrões de jogo ou, em linguagem nativa, os esquemas táticos, pois é no entorno deles que gravitam os interesses dos profissionais e de uma parcela do público que se auto-define como “entendida”. Na segunda parte, abordo a questão dos estilos de jogo, dentre os quais destaca-se o “futebol-arte”. A pergunta é: afinal, existem, efetivamente, estilos diferentes de praticar o futebol ou tal percepção é tão somente uma invenção dos torcedores e dos mediadores especializados?

A formação/produção tem, a respeito desse tema, um estatuto diferenciado, não apenas como bastidor do espetáculo, mas como espaço-tempo onde são investidos os capitais naqueles que fazem o espetáculo. Para integrar o circuito desse futebol é necessário possuir capitais futebolísticos diferenciados e, em sentido inverso, são esses capitais que imprimem uma dada dinâmica às configurações de jogo, com variações estéticas locais e circunstanciais, mas em toda a parte diversas das configurações de bricolagem. Observando-se a constituição dos capitais futebolísticos, pode-se notar, talvez com mais nitidez do que no jogo, em que direção o futebol tem se desenvolvido e, por extensão, quais são alguns dos elementos constitutivos do encantamento que fazem dele dos bens culturais mais apreciados em escala planetária.

## **8.1 UMA ESTÉTICA PRAGMÁTICA**

### **8.1.1. A economia do espaço e do tempo no futebol**

Uma citação do crítico de teatro Décio de Almeida Prado é instigante como ponto de partida na abordagem do futebol em perspectiva estética.

Como marcar um gol a não ser ganhando sobre o adversário meio metro de terreno ou uns poucos segundos de vantagem? Por outro lado, como dissociar uma coisa da outra, se ambas só se apresentam unidas? [...] É que o espaço, de entidade física,

---

<sup>252</sup> No sentido de trama ou intriga, tal qual a sugestão de Ricoeur, para quem “l'intrigue est l'ensemble des combinaisons par lesquelles des événements sont transformés en histoire ou – corrélativement – une histoire est tirée d'événements. L'intrigue est le médiateur entre l'événement et l'histoire. Ce qui signifie que rien n'est événement qui ne contribue à la progression d'une histoire. Un événement n'est pas seulement une occurrence, quelque chose qui arrive, mais une composante narrative” (1986, p. 14).

transformou-se em metáfora, uma das grandes metáforas da era moderna (ou pós-moderna, ninguém sabe ao certo). Se publicitários e astros de televisão, políticos e manequins entrevistadores e entrevistados, empresários e feministas, só pensam em abrir espaço [...], conquistar espaço, ocupar espaço, [...], por que não fariam o mesmo os habitantes desse universo menor que é o futebol? (1997, p. 251)

Trata-se de um olhar pragmático, por certo, o que não implica, em hipótese alguma, qualquer modalidade de reducionismo utilitarista<sup>253</sup>. É preciso forjar espaços, ocupá-los, conquistá-los, subtraí-los do adversário. Chegar primeiro, na frente, obter a vantagem, comandar as ações. “Meio metro de terreno ou uns poucos segundos de vantagem” são indispensáveis ao “atacante”, ao “artilheiro”, ao “matador”, ao “carrasco”, tanto quanto ao que, em sentido inverso, tentará, seguindo os dispositivos legais, evitar, destruir, bloquear, enfim, impor-se e contrapor-se - não por acaso, esses atletas serão chamados de “defensores”, “xerifes”, “beques de espera”, *stoppers* e assim por diante. Governar o tempo é tão importante quanto o domínio do espaço. Talvez devesse falar em tempos, no plural, pois há que potencializá-los - quando se estiver perdendo, por exemplo - ou gastá-lo, quer dizer, desperdiçá-lo - “deixar o tempo passar”, “fazer cera”<sup>254</sup> (esquivar-se do jogo) - quando se estiver vencendo. O tempo das regras é fixo, marcado pelo cronômetro; é repetitivo, sem história, duas partes de 90 minutos. O tempo dado pela sucessão de eventos, de lances propriamente ditos, é um tempo social, e como tal significativo. Por isso, ouve-se dizer que “é preciso administrar o tempo” - mas sem interferir no cronômetro, pois isso não é prerrogativa inscrita nos códigos da International Board. O que existem são subterfúgios, alguns dos quais fazem parte do folclore futebolístico, como é o caso dos “apagões” - circunstâncias em que os refletores do estádio são desligados para que o jogo seja interrompido, “para esfriar o adversário” ou coisa que o valha. Ou seja: é preciso apropriar-se da duração, atribuindo-lhe um sentido, mesmo que seja com a conotação de desperdício.

Para uma equipe cujo placar do início do jogo lhe serve, zero a zero, por exemplo, o ideal seria que o jogo terminasse tão logo tivesse início. Seria desejável comprimir o tempo

---

<sup>253</sup> Para uma discussão acerca da aplicação dos referenciais do pragmatismo à estética popular – e, particularmente, sobre o *rap* – ver Shusterman (1992). Embora acredite que o pragmatismo possa contribuir para a compreensão da estética esportiva, contrariando opinião desse mesmo autor, que exclui os esportes da possibilidade de serem pensados como produções artísticas (p. 59ss), nem este capítulo e tampouco a tese, no seu conjunto, pretendem aprofundar a questão. O fato inequívoco de que o futebol seja apreciado como um espetáculo é suficiente, do ponto de vista etnográfico, para que sejam formuladas questões atinentes ao gosto. Mas isto tangencia a preocupação em conceituar tal modalidade de gosto – seria algo digno do rótulo de arte? De arte popular, talvez?

<sup>254</sup> É difícil precisar a origem da expressão “fazer cera”, de domínio amplo no meio esportivo. Seria mais preciso dizer “fazer cena”, pois tal expressão é usada para referir as circunstâncias em que os atletas “encenam” algo, uma lesão, um problema com o equipamento ou com uma aplicação da regra. Encenar implica “fazer tempo”, outra expressão nativa que significa ocupar o tempo com alguma coisa que não seja o jogo. São estratégias usadas quando se deseja “fazer o tempo passar”, o tempo cronológico, bem entendido.

cronológico, enquanto a equipe adversária desejaria expandi-lo, para que o jogo não tivesse fim enquanto o resultado não lhe beneficiasse ou, então, enquanto dados eventos não se produzissem. Poder-se-ia, a esse respeito, recorrer à etnologia tradicional para expressar as diferenças. Os *Gahuku-gama*, da Nova Guiné, realizavam tantos jogos quantos fossem necessários até que uma das equipes, a que representava os mortos, saísse vencedora, pois acreditavam que os vivos precisavam agradá-los para que aqueles permanecessem em seus lugares e não causassem aborrecimentos (LÈVI-STRAUSS, 1989)<sup>255</sup>. A manipulação do tempo é, por conseguinte, um dos ingredientes mais importantes da tensão e da excitação do jogo, e se é certo que os torcedores vivem-na intensamente, não menos intensa, mas diversamente, experimentam os atletas. A gestão do tempo é tão importante que os atletas apreendem-na ao longo do processo de formação, recebendo seguidas instruções antes, no intervalo ou durante o jogo; repreensões após, se for o caso.

Espaço e tempo são categorias indispensáveis para se compreender a dinâmica das configurações futebolísticas e, particularmente, o sentido do desenvolvimento das tecnologias que lhe servem de suporte. “Encontrar” ou mesmo “criar” os espaços para a progressão em direção à “zona de arremate”, espaços de onde acontecem os chutes e cabeceios que resultam em gols; e “tirar”, “preencher” ou “encurtar” os espaços, para evitar os gols, eis em que consistem as preocupações basilares dos profissionais que manipulam as estratégias de jogo. Nessa perspectiva, a formação de futebolistas poderia ser definida como uma modalidade de pedagogia do tempo e do espaço, um aprendizado prático da gestão individual e coletiva dessas categorias. A gestão do espaço e do tempo deve ser ensinada, treinada e aperfeiçoada, pois erros e acertos são decisivos, podendo implicar êxito ou fracasso de uma equipe. Como no futebol de espetáculo um erro/acerto pode custar o “céu” ou o “inferno”, como dizem os nativos, tenta-se, a todo o custo, domesticá-los. Os detalhes da experiência de um boleiro se constitui nessa pedagogia prática que consiste em preparar o corpo para a dinâmica mutante das configurações de jogo, de pequenos eventos - passes, dribles, chutes, desarmes, entre outros - relativamente fragmentados que as narrativas pré, pós ou simultâneas ao jogo tentam ordenar, atribuindo-lhes um sentido.

---

<sup>255</sup> O tempo cronológico não possui, para os *Gahuku-gama*, qualquer relevância. Em contrapartida, em um desses jogos bricolados dos quais eu também faço parte, nossa equipe abriu dois gols de vantagem logo no início. Um companheiro de equipe apanhou a bola e se dirigiu com ela até um espaço de nossa defesa, onde não havia nenhum adversário e lá permaneceu fazendo floreios à espera de que um adversário fosse em seu encalço. Dois adversários manifestaram-se prontamente: “vou lá, mas não será só para te tomar a bola”, disse um deles em tom ameaçador; e outro, ironizando: “pode ficar aí de frescurinha, o tempo da quadra tá barato!” Detalhe: o jogo só pode durar das 18h30min às 19h30min e o espaço é alugado (pago, portanto). Para uma discussão mais extensa acerca das diferenças entre o significado do tempo, para *Gahuku-gama* e para nós, modernos, a partir da maneira de orientar o jogo, cf. Damo (2001).

Não se trata, tão somente, de saber como agir, o que quase todos os torcedores imaginam-se *experts*, mas de agir, razão pela qual não é uma relação abstrata com o tempo e o espaço que se espera dos jogadores. É preciso estar impregnado por determinadas disposições de usos do corpo, uma modalidade de *habitus*, portanto, pois as configurações de jogo são essencialmente práticas. Sob muitos aspectos, o futebol é um espetáculo que dramatiza a propriedade do tempo e do espaço. Em alguns outros esportes, como o *futsal*, o basquete e o handebol, é cronometrado apenas o tempo de bola em jogo, e não o “tempo corrido”, como no futebol, um dos raros casos em que é possível não jogar enquanto o cronômetro registra o tempo. Talvez esta particularidade esteja com os dias contados, pois o tempo cronometrado é bom para a programação televisiva, mas tornou-se anacrônico em relação aos atuais padrões capitalistas, em que o trabalho é remunerado cada vez mais pela produtividade e menos pelo tempo que o operário permanece na fábrica. Não são escassos os depoimentos de torcedores enfasiados com teipes de jogos da década de sessenta e setenta, a que corresponde, para alguns críticos, ao auge do futebol-arte. Os gols e algumas jogadas editadas podem ser apreciáveis, dizem esses torcedores, mas o jogo, no seu conjunto, é monótono, muito menos intenso do que no presente. Os espaços são menos vigiados; há menos pressa, menos urgência nas ações, em grande medida porque a preparação física tornou os jogadores do presente mais aptos à atividade incessante. Eles são mais resistentes, velozes e fortes; percorrem distâncias maiores em menos tempo, sendo ensinados a “encurtar a distância”, a “apressar o jogo”, a “aproveitar/administrar os espaços”, a “objetivar as ações” e assim por diante. De mais a mais, pequenas mudanças nas regras ocorridas ao longo dos anos 90 fizeram o tempo de jogo efetivo (descontadas as paralizações) aumentar em quase 25%, segundo Turpain (2002, p. 78)<sup>256</sup>.

Como em qualquer modalidade de trabalho em equipe, a produtividade depende da sincronia entre as parte, e no futebol de espetáculo produtividade é algo exigido pelo público. Porém, diferentemente de outros processos de trabalho, o futebol implica na cooperação visando a construção e a desconstrução de jogadas. A dinâmica do jogo compreende essa dialética ininterrupta entre a criação e a destruição, razão pela qual há tantos paralelos com a guerra, desde um período em que a guerra pressupunha uma disputa por territórios, pela ocupação dos espaços, como condição necessária à dominação. Não se trata tão somente do *agon*, da assimetria de objetivos, presente em quase todos os esportes. No futebol, o espaço não pertence

---

<sup>256</sup> Segundo este autor, o ganho real de tempo – média de 55 min, na Copa de 1990, e de 68 min, na Euro 2000 – teria sido decorrente das limitações impostas ao uso das mãos pelo goleiro – desde então este não pode apanhar com as mãos a bola passada intencionalmente por um companheiro de equipe – e da presença de várias bolas no entorno do campo, o que agiliza a reposição (Turpain, 2002, p. 78-9). Tanto o recuo para o goleiro quanto os chutes em direção às arquibancadas eram estratégias usadas pelas equipes vencedoras para “gastar o tempo”, quer dizer, não jogar, e assim evitar riscos.

a nenhuma das equipes. Existe o espaço de jogo, dado pelas regras, que é um espaço em jogo, disputado pelas equipes. A configuração dinâmica, a qual se refere Elias, é dada pelas ações das partes, vistas de uma perspectiva de conjunto.

Trata-se, assim, de um espetáculo de dramatização explícita da dominação de uma das partes sobre a outra. Em presumida igualdade de condições, afirmada pela equidade em relação às regras, como seria no mundo idealizado pelo liberalismo, uns e outros travam aos olhos do público um confronto ao final do qual acredita-se que o melhor venha a ser o vencedor, ainda que por vezes recorra-se aos imponderáveis para justificar certos resultados. Olhando-se para o jogo com lentes weberianas, temos pela frente um espetáculo cujo objetivo é a economia política do espaço e do tempo. Esta definição é produto da inserção pelos bastidores do futebol, pelos seus esboços, talvez, e claramente pensada a partir da lógica interna do jogo e do treinamento, logo, dos profissionais propriamente ditos. Há outras definições, outros pontos de vista possíveis, mas aquele aqui enfatizado objetiva, entre outras coisas, distorcer o olhar de torcedores e/ou de críticos aparentemente desinteressados. O gol deixou de ser o objetivo imediato das estratégias de jogo para ser a aferição quantitativa da disputa, sendo que a gestão do espaço e do tempo tornou-se, progressivamente, o foco de interesse. Não se trata, por certo, de algo absoluto, pois ter “a posse da bola”, como se diz em linguagem nativa, não implica que se tenha o domínio das ações. O que está em jogo, segundo a hipótese deste capítulo, é o uso estratégico dessas categorias, daí porque a idéia de uma economia política. Nesse ponto, estou de acordo com Gumbrecht (2001, p. 8), para quem “ocupar e bloquear espaços com corpos é justamente a essência dos esportes coletivos”. “Essência” talvez não seja o termo pertinente, mas traduz, de qualquer modo, a importância fulcral que as noções de espaço e de tempo possuem no futebol, especialmente no de espetáculo. Sendo assim, um olhar a partir do pragmatismo parece oportuno.

### **8.1.2 As formas/padrões como ilustração das propriedades intrínsecas do futebol**

Ao longo do século XX, no decurso da espetacularização, mudaram as expectativas, as exigências e as sensibilidades do público em relação à performance. Não se trata de avaliar, como é freqüente entre os torcedores e cronistas, se tais mudanças tornaram o futebol mais ou menos atraente, mas está ao alcance da antropologia a indicação do sentido dessas mudanças, ou ao menos de formular algumas hipóteses. Se o futebol é algo apreciável para além do pertencimento clubístico, então é provável que parte do interesse do público pelo jogo seja dado por suas propriedades intrínsecas. Na perspectiva da sociologia da arte, de onde a proposição é inspirada, ela equivaleria a uma modalidade de abordagem dita “interna”. Diferentemente da perspectiva



que privilegia o “em torno” do artista (da obra ou do movimento ao qual ele pertence), cuja ênfase recai sobre as suas origens sociais (o processo de legitimação, as redes de recepção da obra, o funcionamento do mercado e assim por diante), a perspectiva “interna” “tente de repérer à l’intérieur même de la construction de l’ouvre les éléments permettant l’élaboration d’une connaissance du social” (Péquignot, 1993, p. 17)<sup>257</sup>.

As propriedades intrínsecas constituem o objeto por excelência dos críticos, tanto nas artes quanto nos esportes, razão pela qual é preciso ter cuidado para não reproduzir ou sobrepor as tomadas de posição em relação ao objeto. As propriedades intrínsecas e, particularmente, a gestão do espaço-tempo de jogo, podem ser exemplificadas pelas “formas ou padrões de jogo” - os “esquemas táticos”, em linguagem nativa<sup>258</sup>. Como assinalou Toledo (2002, p. 61), tais propriedades, observáveis em todos os jogos de futebol de espetáculo no presente, “não constam nas regras”. Elas foram invenções desencadeadas a partir da fixação das regras - a partir de 1870, segundo Bromberger (1995, p. 123) - visando ocupar de modo equilibrado os espaços do campo, cujas dimensões são previstas pelas regras. Por ocupação equilibrada, deve-se entender algo como: racional, produtiva, vantajosa e assim por diante. Existem as medidas regulamentares do campo que são definidas pelos códigos da IB, mas nada é dito em relação à sua ocupação. O esquadrinhamento, com a valorização das áreas centrais e próximas às goleiras, também definidas como “zonas de arremate”, é produto de um dado desenvolvimento do jogo com vistas ao aumento da produtividade.

Sendo a prática e a apreciação do futebol apreendidas concretamente, o esquadrinhamento do espaço e do tempo torna-se, seguidamente, naturalizado aos olhares de praticantes e observadores. Entretanto, nada há de natural no posicionamento das equipes, nem mesmo no sentido preferencial das suas ações. Nota-se isso com nitidez quando se tenta captar a lógica do jogo das crianças, cuja socialização com as premissas do futebol de espetáculo é tão

---

<sup>257</sup> As “propriedades intrínsecas” foram provisoriamente definidas no capítulo 1 – item 1.2.2.1 – como os elementos das configurações de jogo que são objeto de interesse dos apreciadores e, particularmente, dos críticos. Elas compreenderiam, entre outros: os códigos da IB, as formas/padrões de jogo (ditos esquemas táticos), a divisão do trabalho em equipe, as estratégias de jogo, a qualidade técnica e a disposição dos atletas, o entrosamento do conjunto, os lances, os gols, o resultado e suas implicações, os estilos, enfim, o conjunto de disposições que fazem um jogo de futebol ser o que é. Um dos principais objetivos ao agrupar um conjunto extenso de elementos em torno de um conceito é romper com a idéia de que um jogo de futebol de espetáculo consiste, tão somente, na conformação do corpo às regras. Seria equivalente a pensar que um agente social pode ser bem-sucedido em seu campo de atuação simplesmente pelo fato de dominar os códigos de status, os valores, as normas morais e identificar os aliados estratégicos, sem dispor de capitais. Uma das diferenças do futebol de espetáculo em relação aos outros futebolis é, justamente, a posse de capitais específicos incorporados ao longo da formação.

<sup>258</sup> Deverei adotar, daqui por diante, a definição de Toledo (2002), tratando os ditos “esquemas táticos”, como formas/padrões de jogo, o que não destoa, absolutamente, do termo “systèmes de jeu”, proposto por Bromberger (1995, p. 121-53). As formas/padrões de jogo equivalem, segundo Toledo (2002), à segunda natureza do jogo, sendo que à primeira corresponderiam as “regras” e à terceira os “estilos”.

incompleta quanto a incorporação dos valores que orientam-na. Os “début” da A.S. Aixoise, garotos entre 5 e 7 anos de idade, cujos “treinamentos” observei entre maio de 2003 e fevereiro de 2004, seguidamente disputavam “la touche” - reposição de bola lateral, feita com as mãos -, um gesto pouco apreciado em configurações de adultos. Na lógica dos “début”, o contato com a bola constituía um dos elementos principais do jogo, como é freqüente entre os iniciantes, e o jogo, no conjunto, possuía uma dinâmica diversa das configurações de adultos, mesmo de peladeiros, à exceção daquelas nas quais o domínio das técnicas corporais é muito precário. Os “début” concentravam-se na bola e ocupavam os espaços válidos para o jogo a partir do deslocamento com ela ou no entorno dela. O trabalho do pedagogo Sébastien consistia em interromper o jogo e, como tal, uma dada dinâmica de ocupação do espaço tempo, reposicionando os meninos. Na configuração que eles constituíam por iniciativa própria, a partir do interesse fixado na bola, o jogo praticamente não fluía, nem havia troca de passe. Cada qual que apanhasse a bola partia em direção ao gol, desconsiderando a presença de companheiros que



Pais observam, ao longe, “les gamins” da A.S Aixoise. Todos os meninos estão vidrados na bola, uma forma de ocupação do espaço característica das configurações de aprendizes (jan 2003).

poderiam auxiliar nesse intento. Afinal, formavam uma turma de debutantes, razão pela qual Sébastien insistia: “futebol é um jogo coletivo”; “é preciso passar a bola”; “não tentem fazer tudo sozinhos”, etc.

Ao contrário dos meninos brasileiros, que desconhecem o jogo de *rugby*, os “début” dominavam-no com a mesma desenvoltura do futebol. No *rugby*, também existe uma economia do espaço e do tempo, sendo o trabalho de equipe tão ou mais importante do que no futebol, mas a “placage” (obstrução, tranco) daquele

que dispõe da posse da bola é legal, desde que respeitadas algumas especificações. O que faziam, seguidamente, os “début” da A.S. Aixoise era uma trama entre os códigos do *rugby* e do futebol, investindo com os dois pés (“carrinho frontal”) contra aquele que estivesse conduzindo a bola, uma modalidade de uso do corpo interdita pelas regras. Os “début” haviam assimilado a interdição do uso das mãos, uma espécie de diferença elementar entre o futebol e o *rugby*, mas não possuíam a noção clara de que a “placage” era interdita no futebol, razão pela qual a praticavam, e com os pés, o que é interdito também no *rugby*. Ao fim e ao cabo, eles constituíam uma dinâmica original, pelo menos aos olhos de um brasileiro, pois entre nós a tendência é de que o tranco seja interdito, especialmente nos jogos informais - voltarei a isso no final do

capítulo. A dinâmica do jogo dos “début” não tinha a fluidez usual do futebol, sendo a bola presa reiteradas vezes num emaranhado de pontapés, a menos que Sébastien aumentasse consideravelmente o espaço de jogo. Não por acaso, eram freqüentes também as contusões. Numa das tardes em que Sébastien distraiu-se por alguns minutos, Adrian pôs-se a gritar: “Entraîneur, entraîneur, entraîneur il y a des blessés!” Isso mesmo, no plural, pois havia mais de um ferido, embora ao todo não fossem mais de uma dúzia de debutantes.

Um argumento retirado da dinâmica dos “début” da A.S. Aixoise é suficiente para dar conta de que as propriedades intrínsecas do futebol são apreendidas ao longo da socialização prática. A economia do espaço e do tempo, individual e coletiva, não está dada, senão que é aprendida a partir da tradição, como diria Mauss (1974a). Pode-se dizer que ela é também inventada, pois o jogo poderia ter tomado outras direções, pouco importa quais seriam. Seja como for, uma equipe de futebol de espetáculo deve articular-se, no presente, a partir de



Diferentemente dos meninos/aprendizes, os adolescentes em formação profissional configuram-se espacialmente tendo a bola como uma das referências, jamais a única. CFZ Rio, Barra da Tijuca (jul 2002).

diferenciais diversos dos “début”, e de quaisquer outras configurações de peladeiros, ocupando os espaços estrategicamente e forçando o deslocamento da bola. Tanto é verdade que mais de 95% dos deslocamentos dos atletas são realizados sem a bola (COMETTI, 2002, p. 33-6).

Da gestão do espaço e do tempo, surgiram as formas/padrões de jogo referidas como o “3-4-3”, o “4-2-4”, o “4-3-3”, o “3-5-2” e outras variações possíveis, porém limitadas.

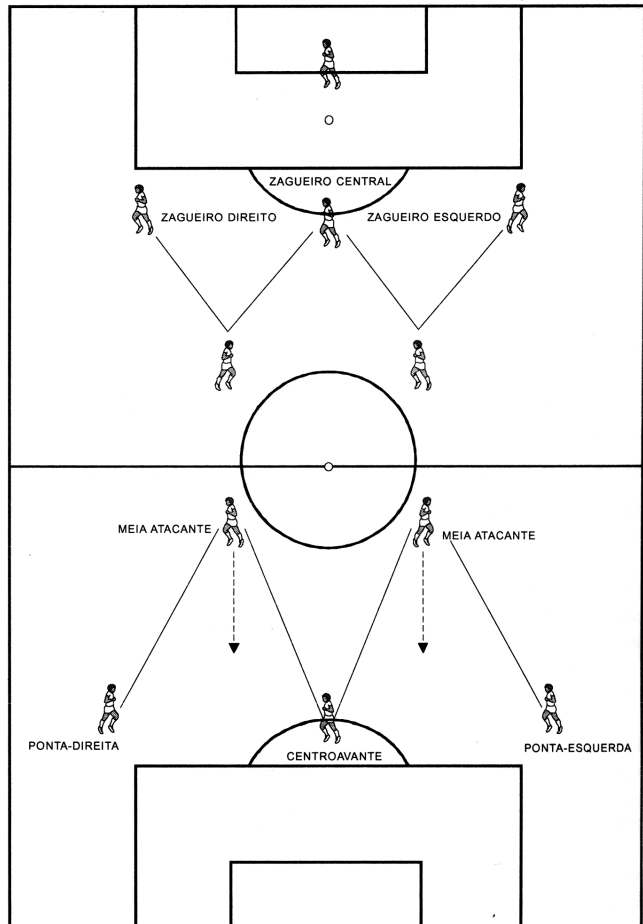
Tais formas/padrões nada são além de estratégias de ocupação dos espaços e fazem parte da cultura futebolística - os profissionais usam, seguidamente, o termo “cultura tática” para referirem o domínio prático ou discursivo dessa modalidade de dispositivo. Atuar de acordo com as formas/padrões é ensinado e aprendido ao longo da formação profissional, como uma modalidade de capital futebolístico. Trata-se de uma estratégia de divisão dos espaços - defesa/meio-campo/ataque - a qual corresponde uma dada divisão das tarefas entre os diferentes membros de uma equipe. Em conceito sociológico, as formas/padrões de jogo seriam princípios de divisão social do trabalho e, por extensão, de especialização. Não se espera, por exemplo, que um defensor seja um prodígio no trato com a bola, pois na divisão do trabalho de equipe compete-lhe, principalmente,

bloquear as investidas dos ataques adversários. “Atenção”, “coragem”, “segurança” e “rudeza” são alguns dos atributos exigidos para o exercício da função, ficando os atributos técnicos em segundo plano<sup>259</sup>.

Ao longo do processo de profissionalização, os meninos vão sendo experimentados em diferentes funções, quer dizer, realizam diferentes modalidades de prestação à equipe e são avaliados em quais delas se destacam. Em geral, eles regridem do ataque para o meio de campo e dali para a defesa. O recuo é, nesse caso, estratégico, podendo ser sugerido pelo técnico ou por iniciativa do próprio atleta, mas raramente a movimentação processa-se em sentido inverso, da defesa para o ataque, pois a obstrução dos lances do adversário, principal tarefa dos defensores, é tida como menos difícil e também menos nobre do que o trabalho de articulação, exigido dos meias, ou de conclusão, a cargo dos atacantes<sup>260</sup>.

Por perceber algumas limitações como atacante, Teco decidira investir seu “ano decisivo” - segundo ano como júnior - “como meia”, na “segunda função” (algo intermediário entre a proteção à defesa e a assistência aos atacantes). “Ele marca tri

bem”, disse Ju, seu amigo inseparável. “Vou correr prá ti”, retrucou Teco. Correr por alguém ou para alguém significa, no léxico dos boleiros, a realização de um trabalho mundano por excelência, pois embora seja valorizado entre eles, é quase imperceptível aos olhos dos torcedores. “Correr prá ti” implica, no caso de Teco e Ju, que o primeiro estava propenso à realização do trabalho de contenção dos adversários e recuperação da posse da bola, entregando-



**Figura 8.1** - Representação da forma/padrão de jogo WM (in: Toledo, 2002, p. 72).

<sup>259</sup> Sobre as qualidades requeridas para o exercício de dadas especialidades, ver **Quadro 3.1**.

<sup>260</sup> Não por acaso, dos 20 futebolistas mais bem pagos do mundo, em 2003, 10 eram atacantes, 5 meio-campistas (2 deles ditos “ofensivos”), 4 defensores e 1 goleiro. Informações e classificações das especialidades segundo France Football, nº 2978, 6/5/2003, p 6-10.

a, em seguida, para Ju, a quem competiria realizar uma outra especialidade, tida como nobre, que é de jogar com a bola: driblar, lançar, fazer gols e, nesse caso, comemorar com os torcedores.

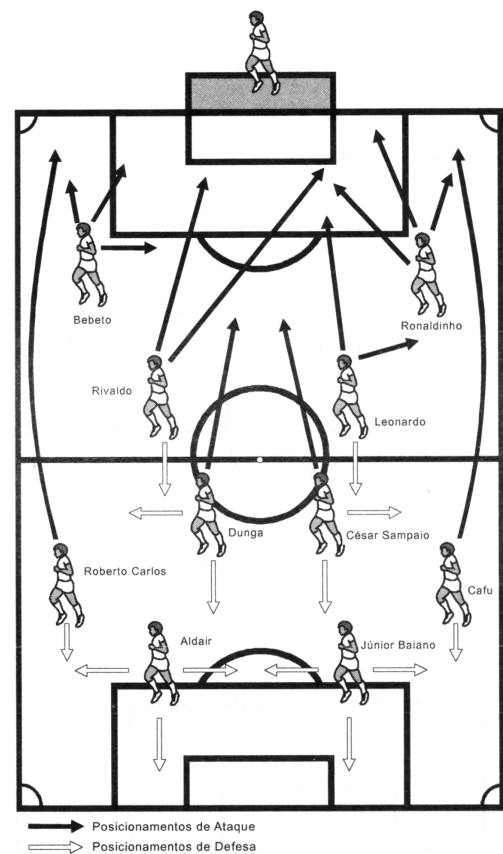
Embora as formas/padrões de jogo sejam amplamente discutidas no meio futebolístico, elas especificam o domínio dos profissionais, especialmente dos técnicos e seus assessores. Quem não é iniciado deve estar aguardando uma explicação mais precisa do que vem a ser as formas/padrões e, particularmente, “aqueles números”, o “3-4-3”, por exemplo. Se dissesse que o “3-4-3” é o “WM convencional”, alguém poderia retrucar que isso deve fazer sentido aos técnicos e jogadores, mas não à antropologia. Engano, pois o “3-4-3”, a forma/padrão de jogo que, segundo as fontes jornalísticas, teria revolucionado o futebol por volta de 1930, é uma possibilidade de dispor os atletas em campo. O uso do WM, representado na **figura 8.1**, é remoto no presente, mas dele podem ser declinadas as outras formas/padrões, uma espécie de denominador comum. O importante é frisar que nenhuma equipe profissional abdica da distribuição dos atletas e das funções correspondentes respeitando um dado equilíbrio entre defesa, meio-campo e ataque, em perspectiva longitudinal, e entre centro e periferia, do ponto de vista latitudinal. Assim como numa banda de rock convencional não compreende somente bateria, baixo, guitarra e vocal, senão que o baterista é posicionado atrás dos instrumentos de cordas e o vocalista à frente deles e no centro, não são outras as razões, senão a busca de uma dada harmonia para o conjunto, que norteiam as posições, tanto no rock como no futebol, à exceção, talvez, de boa parte das bandas de garagem e das peladas, respectivamente.

Três considerações breves são necessárias. A primeira é de que as formas/padrões de jogo são invenções do futebol de espetáculo, no qual a perspectiva do rendimento e da eficácia são impostas, em boa medida, de fora para dentro, por torcedores, cronistas e dirigentes que, sob argumentos e métodos diversos, impõem aos jogadores dados padrões de produtividade. Todavia, as formas/padrões migraram do espetáculo para os outros futebolis, o que não implica dizer que nas peladas sejam seguidos à risca, mas que a busca do equilíbrio, pressupondo a especialização de funções, e o esquadramento dos espaços, podem ser aí verificados, mesmo que de modo insipiente. As formas/padrões determinam, portanto, um senso de racionalidade para o jogo. O interesse pelo jogo e o prazer que se obtém assistindo ou praticando-o podem ser declinados, ao menos em parte, dessas modalidades brandas de violência, se pressupormos que à dominação do espaço e do tempo corresponde o domínio sobre o adversário.

Uma segunda consideração tem a ver com o fato de que não é preciso ser *expert* em relação às formas/padrões de jogo para se obter prazer com o espetáculo, pois este pode ser significado de maneiras distintas. Aqui vale a mesma modalidade de hipótese apropriada de Panofski por Bourdieu (1999a, 269, p. 94), para quem uma obra de arte - e poder-se-ia acrescentar um extenso conjunto de produções humanas - pode ser interpretada em diferentes

níveis. A percepção das formas/padrões de jogo requer um certo treinamento do olhar, um conhecimento adquirido pela frequência aos jogos, por intermédio de leituras, audiência e assim por diante. É uma chave para a compreensão do jogo, embora não seja a única, mas uma das mais valorizadas entre os torcedores mais engajados, os mediadores especializados e, particularmente, os profissionais. O gosto pelo futebol implica, muito seguidamente, no interesse pelas discussões em torno da performance das equipes e, nessa perspectiva, as formas/padrões tendem a ser invocadas - uma modalidade discursiva capaz de absorver quem domina os códigos e irritar quem não os conhece.

Finalmente, a terceira ponderação, corolária da anterior, dá conta de que as formas- padrões de jogo podem ser pensadas, para além da dimensão prática, como signos de distinção, usadas por determinados indivíduos para demarcar circuitos de pertencimento restritos, dos que se auto- definem como “entendedores” ou “conhecedores” de futebol. “Entender de futebol significa, quase sempre, a compreensão das relações de espaço- tempo, condição indispensável para as simulações imaginárias que antecedem os jogos e para as recriações hipotéticas que sucedem-no. No espectro do futebol de espetáculo, o domínio das formas/padrões de jogo é tido como uma modalidade de capital simbólico. Socialmente valorizado, demarca uma distinção em relação ao gosto. Diferentemente dos torcedores organizados, que passam parte do tempo ocupados com suas próprias performances, ou dos torcedores que ficam atrás das goleiras, com parte da visão do jogo encoberta, perdendo praticamente toda a noção de profundidade, os apreciadores da dinâmica configuracional, da qual as formas/padrões são declinadas, tendem a posicionarem-se em locais onde o campo de visão abarca integralmente o jogo. São as posições centrais, onde situam-se



**Figura 8.2** – Movimentação presumida da seleção brasileira na Copa de 1998, de acordo com a forma/padrão 4-4-2 (in: Toledo, 2002, p. 82).

também as cabines de rádio e televisão, os veículos e os personagens a quem se atribui a reelaboração do espetáculo<sup>261</sup>.

As três considerações precedentes devem ser entendidas considerando-se que as formas/padrões são tecnologias universalmente usadas pelo futebol de espetáculo. O que aparentemente é algo simples, dado que as representações gráficas são sempre esquemáticas, é na prática complexo, pois um jogo é uma configuração dinâmica, na qual os espaços estão em disputa e a movimentação dos atletas é constante, quer seja na procura dos espaços ditos “vazios” (estratégia de ataque), quer na “compactação” deles (estratégia defensiva). Assim sendo, as representações gráficas ficam muito aquém do que efetivamente acontece no decorrer do jogo, não passando de um esboço - razão pela qual são chamados de “esquemas táticos”. Se dissesse que o WM corresponde à **figura 8.1**, representada anteriormente, estaria omitindo o fato de que é apenas um grafismo, bastante distorcido, pois trata-se de uma representação estática.



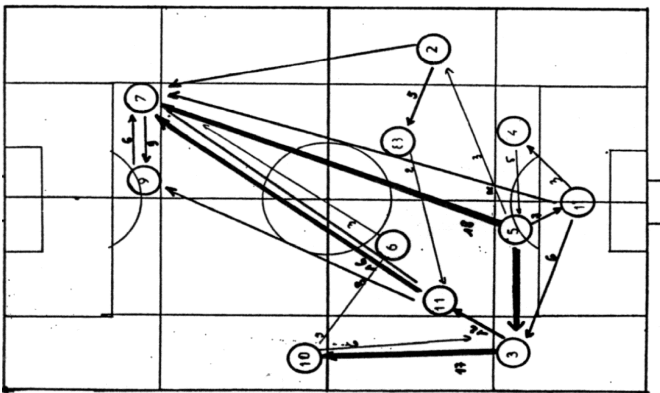
Marcelo Estigarribia, treinador dos juniores do Inter, faz preleção antes do jogo. Apesar da performance convincente de Marcelo o Inter perdeu o jogo para o Caxias (dez 2004).

Tal equívoco poderia ser redimido, ao menos em parte, sugerindo-se uma segunda representação, dada pela **figura 8.2**, pois nela constam os sentidos hipotéticos da movimentação preferencial dos jogadores, os espaços que eles devem ocupar prioritariamente para que o equilíbrio do conjunto seja mantido, a partir de uma dada economia do esforço. É a bola, em primeiro plano, quem deve ser deslocada, e não o atleta. Parece frase de malandro, mas trata-se de uma das tantas formas de uso estratégico da energia física, bem como do tempo e do espaço, pois seguidamente é mais econômico fazer a bola chegar a um companheiro através de um passe longo do que conduzi-la por intermédio de passes curtos e dribles. Passes e dribles são, portanto, técnicas ou dispositivos estratégicos, que tendem a ser executados de acordo com um contexto informado pela dinâmica das

<sup>261</sup> Destaca-se, nesse caso, o comentarista, uma espécie de decifrador dos códigos pretensamente inacessíveis aos leigos. Um fato notável em relação ao público que frequenta os estádios no Brasil, em Porto Alegre, ao menos, é que em torno da metade dos torcedores acompanha o jogo pelo rádio, enquanto em Marseille, Barcelona e Madrid não notei um único torcedor valendo-se desse suporte. Valeria a pena investigar melhor as razões que justificam tal uso, segundo a perspectiva dos torcedores. Entre tantas possibilidades que a audiência simultânea ao espetáculo permite, é a identificação precisa dos lances, incluindo-se também um certo tônus dramático, espetacular e emotivo, acentuado por alguns locutores e, não menos importante, a atenção aos comentários realizados, supostamente por um especialista, com quem os torcedores dialogam imaginariamente, concordando ou divergindo.

configurações. Não é de outro lugar que Elias e Bourdieu retiram muitas das noções que aplicam à dinâmica das configurações sociais ou às tomadas de posição no campo social, respectivamente. Em um e outro, há possibilidades de movimentação dos indivíduos na esfera dos espaços sociais, mas o que sugerem, Elias e Bourdieu, é pensar tais movimentos a partir das relações de conjunto, o que implica na percepção incorporada - tanto um quanto o outro usam a noção de *habitus* - pelo processo de socialização, que nada mais é do que o processo de imersão na lógica do jogo, consciente e inconsciente, racional e irracional, premeditado e contingente.

A propósito, onde encontra-se a bola na **figura 8.2**? Subentendida, talvez? Esse é apenas um dos tantos problemas da representação, da passagem de um esquema essencialmente prático para um esquema teórico, constituído hipoteticamente. A impressão é de que a troca de passes e a condução da bola até os pés ou à cabeça dos atacantes possa ser deslocada em quaisquer das circunstâncias apresentadas, sendo passada de jogador a jogador, através de um programa mecânico. Quiçá a **figura 8.3** seja a representação correta de um jogo, realizada *a posteriori*, indicando não mais os sentidos presumíveis dos passes, mas o sentido em que eles efetivamente aconteceram? Ou ao menos, seus sentidos recorrentes, indicando, assim, as estratégias padrões?



**Figura 8.3** – Representação indicando a passagem da bola da equipe A.S. Cannes. Os traços espessos indicam as relações preferências entre os jogadores (in: Mombaerts, 1991, p. 38)

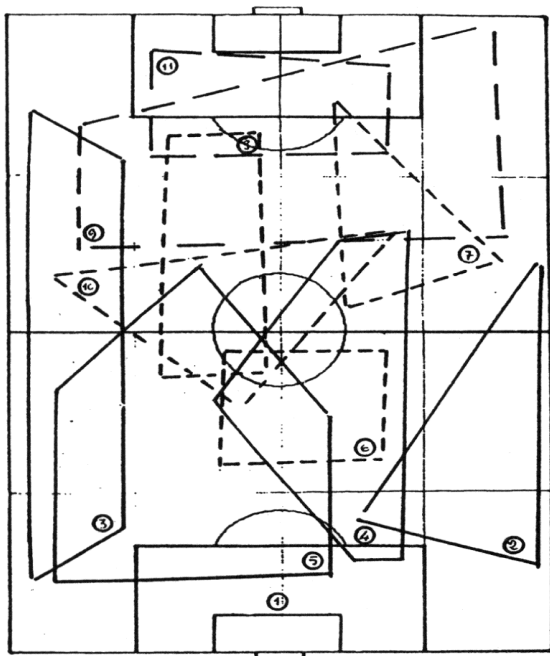
A representação apresenta detalhes importantes, como é o caso das relações entre os atacantes, números “7” e “9”, em que o primeiro exerce o papel de referência para os passes vindos da defesa e do meio de campo. Ele é o que se chama, no léxico nativo, de “segundo atacante” ou “assistente”, cabendo-lhe a tarefa principal de preparação das jogadas de ataque visando o arremate, nesse caso a cargo do atleta “9”, dito “atacante principal”, “artilheiro”, “matador”, enfim, aquele a quem

compete a definição das jogadas. Resta, uma vez mais, a dificuldade de representar a dinâmica do jogo, pois além de carecer do movimento, o que pressupõe, entre outras coisas, o uso estratégico do tempo, todas as representações precedentes não contêm os adversários. Ao incluí-los, muito provavelmente, as representações esquemáticas perderiam a condição de esboço (de esquema, para ser preciso) e também de inteligibilidade. É notável também a diferença entre a **figura 8.3** em relação às demais, nas quais a representação gráfica hipotética harmonizava os atletas, de tal modo que o arranjo numérico das formas/padrões de jogo eram perceptíveis nas



representações gráficas. Poder-se-ia dizer que a A.S. Cannes atuou em um 3-5-2 (**figura 8.3**), mas com quantos adendos? Nota-se, portanto, como as formas/padrões abrem um leque extenso de possibilidades discursivas a partir das quais um sujeito não apenas demonstra seus conhecimentos, sua capacidade de percepção e de elaboração das configurações de jogo, senão que se oferece à classificação e classifica outros sujeitos, dentro do amplo segmento de apreciadores do futebol. Embora aprendidas a partir da frequência aos jogos, as formas/padrões constituem uma modalidade de discurso de exegese que demanda a abstração e, por isso mesmo, possui uma conotação intelectualista no meio futebolístico. Aquele que as

domina impõe-se, seguidamente, o rótulo de “conhecedor”.



**Figura 8.4** – Zonas de deslocamento preferencial dos atletas, com ou sem a bola (in: Mombaerts, 1991, p. 38).

As representações gráficas, como esboços e não mais do que isso, são limitadas no que concerne à elucidação da dinâmica das configurações, mas talvez se prestem para ilustrar o que sejam as propriedades intrínsecas de um jogo. Explicitam, nessa perspectiva, não apenas a existência de uma produção de tecnologias visando o controle do espaço e do tempo, bem como informam o sentido dessa produção. Uma representação como a que consta na **figura 8.3** e **figura 8.4**, a seguir, são mais condizentes com a dinâmica empírica de um jogo do que as representações precedentes. Não sem razão, elas constam num livro escrito por um treinador de futebol, e voltado para um público de iniciados.

Se é possível aos espectadores compreenderem um jogo abdicando do domínio de algumas das propriedades intrínsecas, o que na prática é freqüente, o mesmo não se pode dizer em relação aos profissionais, os que necessitam incorporar tais propriedades, pois num jogo não há tempo para abstrações, cálculos aritméticos, simulações ou o que quer que seja. No jogo, é preciso criar/obstruir os espaços e não há como fazê-lo sem manipular o tempo, razão pela qual uma fração de segundo corresponde a alguns centímetros, imprescindíveis para um passe ou para a sua interceptação. Uma seqüência de depoimentos de boleiros e ex-boleiros contribui para

reforçar o argumento da centralidade das categorias espaço e tempo no que concerne às propriedades intrínsecas do futebol de espetáculo<sup>262</sup>.

O espaço existe. O espaço está aqui [apontando para a cabeça]. Não tá no pé, não. Tá aqui [indicando outra vez a cabeça].

(Zinho, meia-atacante titular da seleção brasileira na Copa de 50)

Você não precisa correr. Quem precisa correr é a bola. Se eu dava um passe de 40 metros, pra que eu vou correr 35 metros para dar um passe de 5 se eu posso dar um passe de 40?

(Didi, meia-armador titular nas copas de 1954, 58 e 62)

A diferença entre um grande jogador e outro é a capacidade de inventar o momento. De repente, ele sai com uma jogada que não estava prevista.

(Tostão, atacante, titular nas copas de 1966 e 70)

Ce que j'envie à Zizou, c'est son regard. [...] Il lit le jeu avant les autres et avant le jeu lui-même, en fait, il le lit, puis l'écrit.

(Patrick Vieira internacional francês, 2000)

Zidane connaît les raccourcis invisibles autour de la surface.

(Zico ex-seleção brasileira, treinador do Japão, 2000)

Ce mec pense en une fraction de seconde ! Vous pouvez compter dans le monde sur d'autres joueurs ultra-techniques. Mais int-ils cette imagination, ce pouvoir de création ? Sel Zidane a ce don.

(Edgar Davids, coequipier de Zidane à la Juventus, 2000).

Como os depoimentos sugerem, o domínio do espaço e do tempo constituem o dínamo da



Uma fração de segundo e Eduardo teria defendido a cobrança de tiro-livre. Teria também mudando o ânimo de nosso retorno a Porto Alegre (Macaé, jul 2002).

estética futebolística: o espaço está na cabeça, conforme Zinho; é preciso fazer correr a bola, encontrando os espaços para tal, como afirma Didi; inventar o momento, como afirma Tostão; ler e escrever o jogo, como sugere Thuram; encontrar os atalhos, o que implica condensar o tempo e o espaço, segundo Zico; enfim, pensar numa fração de segundo, tal qual só Zidane seria capaz de fazer, como sugere Davids. Como já foi dito aqui, as propriedades intrínsecas são objeto de

<sup>262</sup> O depoimento dos ex-futebolistas brasileiros foi retirado do segundo episódio do documentário "Futebol". Os depoimentos acerca de Zinedine Zidane foram recolhidos por Pascal Gio e publicados no suplemento de "L'Équipe" (nº 1122, 22/11/2003).

interesse dos nativos, em particular dos profissionais, que as manipulam, e dos críticos (comentaristas, sobretudo), que as decodificam, comparam e recriam. De outra parte, é preciso reconhecer que certas propriedades, como as formas/padrões de jogo, são um dispositivo tão importante que nenhuma equipe abdica delas, na medida em que, como bem apontou Toledo (2000), elas estabilizam as configurações de jogo. Antes de torná-lo monótono, como alguns críticos sugerem, as formas/padrões foram incorporadas ao gosto pelo espetáculo e à discursividade dos torcedores.

O esforço concentrado na economia do espaço e do tempo, violência simbólica por excelência, na medida em que dramatiza a dominação, volta-se para o interesse do público. O aumento progressivo das exigências em relação às performances, de que são prova os vários dispositivos usados na preparação - incluindo-se a formação-produção em centros especializados -, criou uma distância expressiva entre o praticante leigo e o profissional, assim como entre o profissional de outras épocas e o contemporâneo. Eficácia, utilidade, objetividade, simplicidade e outras categorias do gênero povoam os centros de formação-produção, mesmo no Brasil, tido como inventor de um estilo próprio, dito futebol-arte. Se há lugar para dribles e outras efemeridades, este lugar precisa ser encontrado em meio às exigências de uma economia do espaço e do tempo. Não por acaso, Elias e tantos outros afirmaram que o futebol é produto e produtor da modernidade.

## **8.2 ESTILOS DE JOGO: ISSO EXISTE, AFINAL?**

Os estilos são constitutivos das propriedades intrínsecas dos jogos. Ao considerá-los enquanto tal, implica dizer que eles são objeto de interesse dos agentes sociais e sujeitos à criação e recriação. Isso serve como advertência à abordagem antropológica, cuja entrada no debate deve pautar-se pelo uso de uma chave hermenêutica distinta daquela que está ao alcance dos agentes sociais, ao menos em relação a esta questão. Os estilos de jogo são percebidos durante uma partida, mas concebidos a partir de articulações que extrapolam-na, razão pela qual a antropologia precisa se posicionar noutra horizonte, tentando captar não exatamente os estilos, mas o processo de instituição ou, preferindo-se, a estilização.

Os estilos de jogo, quaisquer que sejam, são objeto de interesse dos agentes sociais, porém não o são indistintamente. Assim como as formas/padrões interessam, prioritariamente, aos profissionais (jogadores, técnicos, etc) e aos mediadores especializados (comentaristas, sobretudo), os estilos importam a determinados públicos (torcedores, intelectuais, etc) e,

particularmente, em dadas circunstâncias (copas do mundo, por exemplo). Na medida em que um jogo pode ser interpretado em diferentes níveis, como se disse no primeiro capítulo - a partir da apropriação de Panofsky, via Bourdieu -, tanto as formas/padrões quanto os estilos são possibilidades a partir das quais um jogo pode ser compreendido, mas não são as únicas e tampouco imprescindíveis. Aliás, é pelo fato dos torcedores permitirem-se olhar para o jogo com diferentes chaves interpretativas que ele torna-se um evento com múltiplas narrativas.

Voltarei, em seguida, a estas duas questões fundamentais, mas antes será preciso definir o que entendo por estilo de jogo, e o farei a partir de uma confissão um tanto embaraçosa. Quando meu trabalho de campo estava sendo iniciado, acreditava possível mostrar, de uma vez por todas, como se inscrevem nos futebolistas as predisposições a que correspondem os estilos, incluindo-se o futebol-arte, tido entre nós como um estilo genuinamente brasileiro. A hipótese, bastante razoável, tomava os variados estilos como produtos de representações matizadas pela percepção estética do espetáculo. O conceito de estilo, seguindo sugestão de Ewen (1991), era suficientemente aberto, significando uma maneira de marcar as diferenças, razão pela qual poder-se-ia supor que eles existem em toda a parte, são plurais e se combinam indefinidamente. A hipótese inicial pressupunha, também, que os estilos eram criados (aprendidos, ensinados, mudados...) e incorporados através da prática, ou seja, do treinamento. Essa última crença está mais consolidada do que jamais estive depois de concluído o trabalho de campo, mas muitas das conjecturas acerca daquilo que efetivamente é inscrito nos corpos ao longo do processo de formação tiveram de ser revistas.

Uma delas foi em relação ao próprio conceito de estilo, tratado seguidamente como se fosse uma espécie de adorno das configurações de jogo, uma dada maneira das equipes disporem seus capitais corporais para além das formas/padrões de jogo e outras urgências próprias à cultura futebolística. O erro é compreensível, afinal os estilos são cunhados, seguidamente, com termos pinçados fora do espectro do futebol propriamente dito - “jogar à brasileira”, “à européia”, “futebol-arte”, “futebol-força”. Um segundo equívoco que o trabalho de campo auxiliou a remediar foi subestimar as possibilidades de significação que o jogo de futebol oferece. Paulatinamente, notei que não havia obviedade em torno dos estilos, mas que estava, isto sim, diante de um campo minado por aquilo que Geertz definiu com “uma hierarquia estratificada de estruturas significantes” (1989, p. 17). A tarefa do etnógrafo não seria, então, a do decifrador de códigos - o que é o futebol-arte, afinal? -, e sim a do agente que “determina a base social e a

importância” dessas estruturas significantes. Isso equivale a perguntar por quem, onde, em que circunstância e com que finalidade os estilos, mais ou menos estereotipados, são forçados<sup>263</sup>.

O futebol-arte está, evidentemente, no centro desse debate. Trata-se de uma categoria conotando, entre nós, brasileiros, uma modalidade de estilo de jogar consagrada, sobretudo, ao longo das três primeiras conquistas de copas do mundo - em 1958, 62 e 70. Quaisquer que sejam os meandros dessa definição, e das polêmicas em seu encaixe, incluindo-se aquelas travadas nos mídias e nos botequins, a categoria, em si mesma, teve reconhecida a sua dimensão ficcional. Uma passagem retirada de uma comunicação recente de Guedes sintetiza a maneira como os estilos de jogo passaram a ser compreendidos na atualidade do ponto de vista antropológico.

Os “estilos nacionais” são gestados, justamente, dentro deste espaço simbólico no qual os incipientes sentimentos nacionalistas encontram possibilidade de expressão em uma prática que começa a ser compreendida e valorizada por todos os segmentos da população e, além do mais, ecoa para além das fronteiras da nação. O “produto” deste processo, tanto no Brasil quanto na Argentina, resultará na valorização de uma específica corporalidade, num determinado uso social do corpo [...] que extrapola suas potencialidades estéticas e sua capacidade de vencer o opositor pela habilidade. [...] Ademais, deve-se ressaltar que a construção da especificidade “nacional” estabelece, por um lado, a potencialidade de inclusão de todos os indivíduos que partilham a mesma herança e, por outro lado, a exclusão desta herança (no caso, a posse inata de uma corporalidade “hábil e criativa”) dos que não partilham a nacionalidade. Neste caso, tanto para brasileiros quanto para argentinos, todos “os outros”, particularmente “os europeus”, são como “máquinas” ou capazes apenas de usar o corpo como força. Mas disputam, entre si, o privilégio da posse naturalizada da habilidade corporal [...] (2002, p. 8).

Dei-me conta, a certa altura do trabalho de campo, que as categorias de estilo e, particularmente, o futebol-arte, possuíam uso restrito no meu universo de observação participante, centrado no circuito da formação/produção de profissionais e, portanto, um tanto à margem dos torcedores e dos mediadores especializados. Tornara-se evidente, na medida em que fui dialogando com meus informantes, que as categorias de estilo eram propriedades

---

<sup>263</sup> Essa questão vem sendo reformulada gradativamente pela recente produção em ciências sociais. Num artigo de DaMatta, escrito em 1982, por exemplo, pode-se notar, com mais nitidez do que em artigos produzidos duas décadas depois, uma certa urgência, bastante compreensível, em explicitar o significado do futebol, tirando-o do limbo ao qual havia sido relegado pelas ciências sociais, como “ópio do povo”. Trabalhos pontuais, como os de Leite Lopes, foram fundamentais para abrir o leque de questões possíveis de serem abordadas, não somente sobre o futebol, mas a partir dele, em particular um artigo publicado em 1994, pioneiro ao apontar o processo de invenção do jornalismo esportivo como parte do processo de espetacularização do futebol, o que equivaleria a pensar que um e outro são indissociáveis, como atletas e torcedores. É no início da presente década, com os vários fóruns de debates (ABA, RAM, ANPOCS, entre outros), que o futebol passa, definitivamente, de um evento empírico a um objeto antropológico. É Simoni Guedes (1982, 2003a), e depois Toledo (2002), quem propõem que o futebol seja tomado como um significante flutuante. Ou seja, de que o interesse das ciências sociais não é propriamente com a significação – dizer o que é o futebol -, mas em operar com aquilo que os agentes sociais dizem que ele é, quer dizer, a maneira como ele é vivido e interpretado, em diferentes épocas, locais, estratos sociais e culturais.

intrínsecas do jogo, mas que não possuíam, entre eles, a mesma importância que as formas/padrões de jogo, por exemplo, constituindo-se numa modalidade de categoria periférica.

Formulei, desde então, uma hipótese complementar, de que os estilos de jogo são formas de classificação, e como tal categorias do simbólico, inventadas no processo de reelaboração do jogo, a partir de uma perspectiva mais próxima aos mediadores especializados, a quem competiu, no decurso do processo de espetacularização do futebol, investi-lo de significados para além do pragmatismo que caracteriza-o enquanto um rito disjuntivo. Porém, isso não é tudo. Afinal, qual é a modalidade de existência do futebol-arte? Será tão somente na forma de um operador simbólico, inventado pelos mediadores especializados, mais ou menos disseminada entre os torcedores, cronistas de ocasião e cientistas sociais? Não se trata, em hipótese alguma, de saber se o futebol é arte ou não. A pergunta é de outra ordem: a que modalidade de *habitus* corresponde o futebol-arte? Se o futebol-arte não é apenas uma ficção sem referente empírico, então ele deve ser aprendido e ensinado. A hipótese parece razoável, mas também parece ser pertinente a conjectura inversa: se nada é ensinado e aprendido em termos de futebol-arte, então essa é uma ficção dos mediadores, especializados ou não, sem correspondência concreta. Há outras questões em jogo, razão pela qual seguem quatro tópicos complementares. O primeiro é o mais breve, e apenas reforça a argumentação de Guedes, supracitada, dando conta de que os estilos são categorias ficcionais - no sentido de que são fabricadas. O segundo tópico é acerca da ficcionalidade dessas ficções, o que me leva a confrontar duas posições clássicas, de Bromberger e Leite Lopes. O terceiro é sobre o uso da categoria estilo entre os profissionais e, finalmente, o quarto traz alguns elementos novos para o debate, mostrando como é complexa a percepção dos estilos, principalmente no presente, quando eles possuem valor econômico.

### **8.2.1 A ficcionalidade dos estilos a partir do futebol-arte**

Um time de futebol pode ser tomado como o espelho de uma nação, desde que se tenha o cuidado, em perspectiva antropológica, de que esta é tão somente uma metáfora. A pior das descrições antropológicas é aquela que tenta captar a imagem diretamente projetada no espelho, ou então, a nação que está no time, na sua maneira de jogar, sobretudo. O risco, sempre presente, é de captar a auto-imagem, afinal um time de futebol está muito aquém das possibilidades de uma nação se fazer representar<sup>264</sup>.

---

<sup>264</sup> Para uma crítica pertinente a esse respeito, cf. Souza (1996, p. 44-65).

A nação, escreveu Hobsbawm, “esta imaginária comunidade de milhões, parece mais real na forma de um time de onze pessoas com nome” (1990, p. 171). Não vem ao caso, por hora, analisar o modo como o poder simbólico dos times representando as nações tem sido manipulado. O que faz um time de futebol - de *rugby*, de basquete, de vôlei e assim por diante - ser convincente é o fato de que ele é um símbolo humano, coletivo, que se bate contra outra nação e, ao final, perde ou ganha. Ganhar ou perder equivale a matar e morrer, de modo que os times com as cores do Estado-nação simulam uma guerra mimética. O Brasil pode ser frágil em quase tudo, quando comparado aos EUA, por exemplo, mas se o time de futebol representando os brasileiros perder para os norte-americanos, isso será motivo para críticas ao técnico e aos jogadores. Assim como um time pode representar um Estado-nação, também pode cumprir a mesma função em relação a outras comunidades de pertença, como já foi argumentado no capítulo sobre o clubismo. Outra coisa, porém, é a maneira como esse poder é investido, entendendo-se por investimento um espectro amplo de estratégias visando, basicamente, tornar o time reconhecível pelo público a partir de certos signos de pertencimento. Um time só suscitará vínculos afetivos em determinado público se este puder se reconhecer nele, razão pela qual um time de futebol não é exatamente um espelho, mas investido como tal.

O processo de investimento possui dupla face e pressupõe, entre outras coisas, um trabalho de mediação entre o time e a nação. É preciso fazer crer à comunidade de sentimento que aquele time representa-a, bem ou mal, e isso implica um jogo de sedução. O futebol foi, no seu conjunto, investido desse poder simbólico ao longo de mais de um século e, em razão disso, os mediadores especializados encontram, no presente, uma base considerável de investimentos já realizados, ao menos em países como o Brasil, a Argentina, a Itália, a Inglaterra e tantos outros. Uma coisa é mobilizar os brasileiros para uma copa do mundo, outra coisa é seduzir os norte-americanos, e em ambos os casos temos times de onze vestindo as cores das respectivas bandeiras. No trabalho de mediação e de afetação, concorrem, no presente, além da mídia esportiva especializada, as agências de publicidade, em parceria com grifes locais ou transnacionais, e a própria FIFA. Tais agências beneficiam-se de um longo investimento que, em outras épocas, foi patrocinado pelos Estados-nações, por intermédio de suas agências de propaganda, e em certos casos, ainda é<sup>265</sup>.

---

<sup>265</sup> Muito do sucesso das copas do mundo deve-se aos investimentos ao longo do século passado, especialmente no período do entre-guerras, no qual o futebol de espetáculo foi estrategicamente usado como meio de propaganda totalitária, tal qual outras modalidades esportivas. Não obstante essa apropriação inegável que deu significativo impulso ao futebol em alguns países, incluindo-se o Brasil, não se pode reduzi-lo a isso: um dispositivo ao alcance dos ditadores. Sobre as copas no entre-guerras cf. Vassort (1999, p. 176-180). Em artigo recente, sobre a Copa de 1978, realizada na Argentina, num período de intensa repressão, Archetti mostra a ambigüidade em torno do significado dessa conquista, bem como das controvérsias na ocasião (2003).

A imbricação entre um dado time de futebol, organizado pela CBF, vestido em verde e amarelo (ou azul e branco), e a nação brasileira, é algo que, no Brasil, está naturalizado, de tão convincente que foram os mediadores do passado e o são os do presente. Entretanto, não será esta identificação, por certo, tão somente o produto do uso de certos símbolos nacionais<sup>266</sup>. Há também uma modalidade de proselitismo laico, desencadeado a partir das narrativas acerca de eventos do passado, um processo de socialização das gerações mais jovens e dos segmentos menos susceptíveis às coisas do futebol, por aqueles que viveram e vivem mais afetadamente os sentimentos patrióticos através do futebol.

De outra parte, a performance das equipes que representam o Brasil, no passado e no presente, contribuem para que tal identificação seja originalíssima. Ter participado de todas as 17 edições de copas do mundo, chegando a 7 finais e vencido-as em 5 ocasiões, não é algo desprezível. Trata-se de uma reputação invejável do ponto de vista futebolístico e sendo o futebol um esporte prestigiado internacionalmente, não são raros os que consideram tais conquistas como a afirmação mais eloqüente do Brasil em escala transnacional. No futebol, somos admirados, invejados, temidos, enfim, o futebol permite que os outros nos reconheçam como melhores em alguma coisa. Além de possibilitar à nação que ela seja reconhecida positivamente em algo, sobretudo quando há tantos motivos para que ela seja lembrada na perspectiva inversa, o futebol torna o Brasil do tamanho idealizado; é o “gigante desperto”, por oposição ao “gigante adormecido”, slogan seguidamente repetido desde os tempos pré-ditatoriais. O que o time de onze brasileiros vestindo verde e amarelo faz não é apenas espelhar, mas deformar, quase sempre para melhor, a imagem que a nação faz de si mesma. Como o futebol brasileiro é identificado, não por acaso e sim porque é investido, com os segmentos dominados na economia e na política, seu poder simbólico de rendição é potencializado, seduzindo não apenas os excluídos, bem como uma parte da intelectualidade<sup>267</sup>. Desde os anos 30, talvez, a seleção brasileira é aclamada por praticar o futebol-arte, ou por não praticá-lo, desvirtuando-se ou reencontrando-se com suas próprias origens.

---

<sup>266</sup> Como afirma Gastaldo, “chamar o time da CBF, a ‘seleção brasileira’, de ‘Brasil’ é uma metonímia que encobre o fato de a ‘seleção brasileira’ ser apenas um time de futebol, que é, entretanto, investido simbolicamente da própria essência da nacionalidade” (2002, p.71). Bem menos sutil, porém lapidar é Nelson Rodrigues: “Não me venham dizer que o escrete é apenas um time. Não. Se uma equipe entra em campo com o nome do Brasil e tendo por fundo musical o hino pátrio, é como se fosse a pátria em calções e chuteiras, a dar botinadas e a receber botinadas” (citada em epígrafe por Moura (1998, p. 5)).

<sup>267</sup> Somos todos românticos, à exceção, talvez, daqueles que passassem ilesos pela crônica de João Ubaldo Ribeiro, publicada após a derrota da seleção brasileira na final da Copa de 1998. “Botem na cadeia quem roubou a minha gari da alegria de sacudir a camisa diante do mundo. Botem na cadeia quem chutou para fora a nossa glória maior. Sim, sim, futebol, bem sei, é apenas futebol. Mas é apenas futebol o que enlouquece o único país genuinamente miscigenado do mundo, em que temos orgulho de ser a desmoralização dessa burrice que é a noção de raça” (apud GUEDES, 2000, p. 140).



### 8.2.2 Onde se inscrevem os estilos?

Ouvi de muitas pessoas, ao longo da observação participante fora do Brasil, que os brasileiros são exímios futebolistas, destacando-se pela técnica apurada no controle da bola. Já no Brasil, acredita-se que inventamos algumas formas específicas de usar o corpo: uma certa maneira de driblar, em forma de dança, de negadas, de gingadas; capoeirado, sambado, molecado, enfim, um drible com as marcas dos afrodescendentes<sup>268</sup>. Especular em torno da procedência dessa crença mais ou menos naturalizada não implica suspeitar da contribuição dos negros, nem da cultura popular ao futebol e à brasilidade, mas indagar pelo *locus* onde se inscrevem esses usos do corpo. A pergunta pode parecer disparatada num primeiro instante, afinal, onde mais poderiam estar inscritas as predisposições para o drible à brasileira senão nos corpos dos dribladores? Talvez a pergunta pareça menos absurda se disser que não observei, ao longo do trabalho de campo, nenhuma atividade prática voltada para o aperfeiçoamento de qualquer coisa que se parecesse com “drible à brasileira”. Seria ele natural, então? Por que não supor, em contrapartida, que o drible gingado, bem como o futebol-arte, está, sobretudo, nos olhos dos apreciadores, nas palavras dos comentaristas e nas letras dos cronistas, enfim, nas representações do público ao invés de estar no corpo dos futebolistas?

Poder-se-ia dizer que há duas possibilidades aparentemente excludentes de orientar o debate, ilustradas a partir dos excertos de Bromberger e de Leite Lopes:

**a-Le style local ou national que l'on revendique ne correspond pas toujours, loin s'en faut, à la pratique réelle des joueurs**, mais plutôt à l'image stéréotypée, enracinée dans la durée, qu'une collectivité se donne d'elle-même et qu'elle souhaite donner aux autres. Non pas tant, donc à la manière dont les hommes jouent (et vivant), mais à la manière dont ils se plaisent à raconter le jeu de leur équipe (et leur existence)” (Bromberger, 1998, p. 77). [Grifos meus]

b - Apesar da rivalidade entre as cidades - entre o poder político do Rio (capital federal até 1960) e o poder econômico de São Paulo - que as disputas futebolísticas ajudam a construir e a consolidar, **a passagem de Leônidas e Domingos a São Paulo contribuem para a nacionalização do estilo de futebol carioca, onde a presença de técnicas corporais (no sentido de Mauss) associadas à cultura negra puderam desenvolver-se desde o começo do século** (através da música e da dança que posteriormente vão revolucionar o carnaval com o samba, e de técnicas de luta e dança como a capoeira) (Leite Lopes, 1998, p. 154)<sup>269</sup> [Meus grifos e tradução (espanhol)]

---

<sup>269</sup> Esta mesma convicção é expressa, praticamente nos mesmos termos, em ao menos um outro texto do autor, onde se pode ler: “Les transferts de Leônidas em 1942 et de Domingos em 1944, pour deux grands clubs de São Paulo [...] consacrent le stylo créé par les joueurs originaires des classes populaires de Rio em style national (Leite Lopes, 1999, p. 70). Cf. tb. Leite Lopes e Fagner (1994).

As diferenças entre as duas passagens são paradigmáticas. A posição de Bromberger é pouco otimista em relação à correspondência entre uma espécie de narrativa corporal, dada pela maneira como os jogadores dispõem de seus corpos, e a maneira como o jogo é interpretado, a partir de estruturas e de procedimentos discursivos diversos. Há, na posição de Bromberger, ao menos duas ordens de práticas discursivas em torno de uma configuração futebolística. Uma delas, realizada dentro de campo pelos atletas, sob o constrangimento de códigos pré-estabelecidos, dados pelas regras do jogo e pelos valores do esporte como espetáculo. A outra, desencadeada nas arquibancadas, ou mesmo distante dos estádios, correspondendo às narrativas dos torcedores e mediadores especializados.

A posição de Bromberger é pela autonomia relativa dessas narrativas, sendo que isso tem implicações teóricas que não poderão ser esgotas aqui. Todavia, ao menos uma delas é importante assinalar. Ao autonomizar as narrativas, institui não apenas uma descontinuidade discursiva e, portanto, interpretativa, senão que pressupõe a possibilidade de haver uma pluralidade de discursos sobre o mesmo objeto, seja ele um jogo, uma seqüência dentro do jogo ou um lance, como um drible, por exemplo - um gol como o de Maradona com a mão contra os ingleses na Copa de 1986 não seria a quintessência da malandragem brasileira? Um estádio é um cenário polifônico por excelência e ninguém melhor do que Bromberger traduziu essa diversidade de possibilidades em "Le Match..." (1995, p. 207-59). Há um jogo, uma dada estrutura agonística e o engajamento: os torcedores co-atuam, jogam um jogo imaginário, acertam os lances que os jogadores erram, realizam outros que estes são incapazes ou são impedidos de realizar, não raro às vésperas e depois do evento propriamente dito. Trata-se de uma outra perspectiva estética, de modalidades de experiências distintas, significadas a partir de referenciais distintos. Não se trata apenas de diferenças entre jogadores e torcedores, entre os que atuam e os que co-atuam, senão que também é preciso pensar nos mediadores especializados, nos dirigentes e nas mais diversas ordens de diferenças entre eles. Não é tão somente pelo fato de serem torcedores ao invés de atletas e de torcerem por um mesmo clube que dois indivíduos haverão de significar suas experiências estéticas de forma idêntica. Daí a polifonia dos estádios, resultante das múltiplas inserções dentro e fora do campo futebolístico. Como um espetáculo poderia tornar-se polifônico sem essa extensa gama de possibilidades interpretativas e, portanto, sem que elas pudessem ser constituídas à revelia dos fatos empíricos? Os estilos não seriam menos o produto de técnicas diferenciadas do que as diferenças que se quer ver, forjando-as, se necessário, onde inexistem?

Depois desses dois parágrafos, poder-se-ia concluir pelo equívoco de Leite Lopes, até porque outros argumentos poderiam ser acrescidos à tese da autonomia das narrativas. Todavia

a posição de Leite Lopes é defensável, pelo menos no atacado. Ela não exclui a polifonia, nem mesmo a existência de narrativas autônomas. O que ela afirma, isto sim, é a força da narrativa propriamente futebolística e, particularmente, dos atos de linguagem corporal. A passagem de Leônidas e Domingos da Guia por São Paulo contribuiu, segundo Leite Lopes, “para a nacionalização do estilo de futebol carioca, onde a presença de técnicas corporais [...] associadas à cultura negra puderam desenvolver-se desde o começo do século [...]”. A afirmação é ousada, talvez contestável de um ponto de vista acadêmico, pela carência de provas, e acusável de bairrista no meio futebolístico, sobretudo por paulistas e gaúchos. O mais importante é reter dela um traço ausente na concepção de Bromberger, dado pelo valor atribuído às técnicas corporais propriamente ditas e, particularmente, à possibilidade de tratá-las como linguagem.

Os negros em cujos corpos estariam inscritos os dispositivos da capoeira e do samba não teriam deles abdicado quando passaram a praticar também o futebol, chegado ao Brasil como elemento exógeno. A proposta de Leite Lopes não é simpática porque confere aos negros um papel de destaque; não se trata de populismo<sup>270</sup>. O pressuposto desse autor é de que os códigos futebolísticos, mesmo que universais, dizem mais o que não se deve fazer e não exatamente como fazer. Daí uma margem de manobra para que a sociedade, a cultura, os *habitus* de classe e os próprios jogadores sejam inseridos no jogo. Pouco importa se a pressão pelos resultados, as formas/padrões de jogo e a especialização do trabalho de equipe reduzam a margem de manobra do que se poderia definir como as disposições locais. A aposta de Leite Lopes é que a estética torcedora, embora autônoma, seja sensível à linguagem propriamente corporal, mesmo que elas sejam sutis, tal qual ocorre no caso da construção de identidades, individuais e coletivas, em que as pequenas diferenças podem vir a ser constituídas como marcas diacríticas, símbolos de alteridade e identificação. No caso do futebol, as diferenças de estilo existiriam, embora não estivessem acessíveis aos olhos de todos. Nesse caso, o futebol-arte não seria uma ficção qualquer, mas uma expressão corporificada da negritude ou da miscigenação. Autonomizar demasiadamente as narrativas, desconectando a linguagem corporal das categorias usadas para descrevê-las seria uma forma de negar-se a reconhecer a influência da cultura afro num dos campos em que ela se revelou particularmente criativa e produziu desdobramentos incontestáveis.

---

<sup>270</sup> Numa interpretação original das trajetórias de dois outros futebolistas consagrados, Pelé e Garrincha, o mesmo autor transcende a questão da negritude e do estilo carioca ou brasileiro, para falar em estilos associados a cada um desses jogadores. O estilo é, nesse caso, recuperado a partir de uma unidade futebolística, o drible: haveria o drible “à garrincha” e o drible “à Pelé”. Um e outro sendo tributários, segundo o autor, dos múltiplos pertencimentos desses atletas, no circuito do futebol e também fora dele (LEITE LOPES, 1992).

A posição de Bromberger estaria, comparativamente à de Leite Lopes, mais próxima do intelectualismo, enquanto a deste último do empirismo. Imaginando que os torcedores estivessem diante de uma obra de arte ao invés de um jogo de futebol, o torcedor de Bromberger estaria mais propenso a significar tal obra a partir de categorias pré-estabelecidas, quer dizer, englobando a obra à sua concepção de mundo. O torcedor de Leite Lopes seria suscitado pela obra, tocado por ela e, de certo modo, englobado por ela. O que a perspectiva de Leite Lopes acentua é a força da linguagem corporal. Não se trata, simplesmente, de afirmar que todos os agentes do campo futebolístico são dragados para o espetáculo e de que a performance dos atletas e, portanto, eles próprios, ocupam um lugar de destaque. O que ela pressupõe é a possibilidade de se pensar no jogo como um texto, havendo não apenas uma lógica em relação à disposição das equipes, suas estratégias e seus capitais, mas um sentido extra, demarcado pela presença ou pela ausência de determinados tipos, como os negros, e de determinadas técnicas corporais, como um drible gingado, capoeirado, molecado e assim por diante. Noves fora, o drible seria uma técnica de domínio extenso no futebol, sendo que, no Brasil, ele teria sido reinventado. O futebol-arte, para Leite Lopes, não é uma ficção sem fundamento empírico, não é um signo cujo significante flutua livremente.

Em ambas as posições, os estilos são tratados como construções ficcionais, categorias inventadas e investidas de significados. A diferença é que na primeira esta ficção é relativamente autônoma em relação ao jogo propriamente dito. Pouco importa o que façam os jogadores em campo, ou isso importa apenas secundariamente, o importante é marcar as diferenças. É preciso inventá-las, então, razão pela qual não interessa saber se elas possuem uma dimensão positiva, uma certa coerência entre o significante (dadas técnicas corporais, por exemplo) e o significado (brasilidade, argentinidade, europeidade). A posição de Leite Lopes é mais arriscada, mas foi aquela que tomei como ponto de partida etnográfico. Se soubesse dos riscos, talvez tivesse abandonado-a, talvez tivesse evitado até mesmo tocar na questão dos estilos e identidades.

O tensionamento suscitado através das posições de Bromberger e de Leite Lopes possui uma finalidade estratégica, visando explicitar a complexidade da questão. A posição de Leite Lopes estabelece uma linha de continuidade com as formulações de Gilberto Freyre (1964) e DaMatta (1982), o que poderia ser criticado pelo fato de ignorar as diversidades de estilos praticados no Brasil, privilegiando as influências do Rio de Janeiro<sup>271</sup>. De outra parte, há certa

---

<sup>271</sup> Gostaria de lembrar aqui da crítica realizada por Soares a Mário Filho e seus intérpretes, bem como nos desdobramentos subsequentes. Em que pese as opiniões divergentes acerca do conteúdo e da forma, das minhas próprias, inclusive, estou certo de que tal debate contribuiu para afirmar um certo procedimento acadêmico, em relação ao qual as críticas são ferramentas essenciais, em um sub-campo ou campo de produção ainda em fase de consolidação. Para recuperar o essencial basta consultar Helal, Soares e Lovisolo (2002).

continuidade que extrapola as filiações meramente acadêmicas. Refiro-me, particularmente, à sensibilidade intelectual com os usos e mediações do corpo, uma espécie de herança cultural mais ampla, que atravessa as fronteiras acadêmicas, como também pode ser notado em Guedes.

**A valorização de uma específica corporalidade, num determinado uso social do corpo [...] é, de fato, resultado de um complexo e multifacetado processo no qual as representações coletivas desempenham um papel fundamental: selecionando pelo aplauso ou pelo apupo os desempenhos valorizados, estimulando os usos sociais do corpo escolhidos, destacando e recompensando os indivíduos que melhor representam os valores selecionados.** Não se trata, pois, de apropriação simbólica de algo que está previamente dado. Trata-se, antes, de um longo processo de construção coletiva, com inúmeros debates, com posicionamentos distintos, constantemente avaliados pelos resultados, que produz ou não (2002, p. 8).

O público aplaude e vai a determinados gestos, individuais e coletivos e, assim sendo, marca sua disposição estética e, acredita-se, isso interfira nas ações dos jogadores que, por certo, preferirão, sempre que possível, os aplausos e, portanto, a realização de movimentos apreciados pelo público. Que isso não seja um processo mecânico é mais fácil de demonstrar teoricamente do que através de elementos etnográficos. Como disse anteriormente, os dados já haviam sido lançados quando estava em campo, razão pela qual decidi seguir em frente, indagando, aqui e ali, pelo tal de futebol-arte, um pouco como Quesalid, o cético aprendiz de feiticeiro que, no intuito de desmistificar a magia acaba mistificado por ela - Quesalid é personagem de Franz Boas, mas ficou famoso através de Lévi-Strauss (1970).

### **8.2.3 Estilos e estilistas em ação**

A Copa Santiago não poderia deixar de ser uma ocasião ímpar para problematizar a questão dos estilos, afinal lá estavam presentes delegações de vários estados brasileiros e até do exterior. O futebol-arte poderia ser notado quando se confrontassem equipes brasileiras contra equipes estrangeiras. No circuito clubístico, no entanto, haveria de se esperar uma perda de valor distintivo do futebol-arte, mas em compensação existiriam em seu lugar outras categorias para demarcar as diferenças na maneira de jogar entre Grêmio e Flamengo, Inter e Fluminense e assim por diante. Havia trabalhado com algumas dessas categorias e estava certo de que elas possuíam considerável valor de uso no universo do futebol e, sobretudo, de que, a partir delas, expressavam-se pontos de vistas sobre as identidades e alteridades sociais, a um “nós” e um

“eles” ou “outros”, entre gaúchos e cariocas, por exemplo<sup>272</sup>. Tinha uma vaga noção de que tais categorias perderiam sua capacidade de distinção quando se enfrentassem equipes locais, como Grêmio e Inter, mas não imaginava quem os estilos fossem tão difusos quanto me pareceram.

A observação dos jogos, como o primeiro deles, entre Internacional e Puma, do México, fora decepcionante sob esse ponto de vista. Nada que pudesse ser apontado com precisão, nenhum traço diacrítico percebido, nenhuma marca de distinção que pudesse ter sido ouvida nos comentários dos torcedores que estavam no estádio. No dia seguinte, encontrei a delegação do Inter e os comentários seguiam uma linha de raciocínio com a qual eu estava pouco habituado, nas quais as formas/padrões de jogo assumiam uma importância jamais imaginada. Tudo começava com o 3-5-2, o 4-4-2, o 4-3-3 e outras variações possíveis, adentrando, o debate, para as variações dinâmicas destas formações padronizadas. Levaria algum tempo para me familiarizar com esse vocabulário cifrado, a aprender a observar um jogo a partir dessas categorias, condição importante para ser incorporado às discussões<sup>273</sup>. Os torcedores normalmente possuem uma visão estática desses esquemas e quem não possui o *habitus* de ver jogo em estádio normalmente tem dificuldade de reconhecê-los, pois por ocasião do jogo os tais esquemas se dinamizam em razão da configuração constituída pelas duas equipes a atacarem-se e defenderem-se alternadamente.<sup>274</sup>

Havia pelo menos duas ordens de fatores que contribuíam para a minha resistência na apreensão desses códigos, a um só tempo visuais, intelectuais e verbais. De uma parte, questionava-me acerca do “valor antropológico” de apreendê-los, do que eles teriam a dizer

---

<sup>272</sup> O Grêmio, treinado por Luiz Felipe Scolari (um técnico em cujo currículo, na época, não constava nenhuma passagem por clube de elite), conquistara vários títulos entre 1994 a 1996, mesmo tendo contra si a acusação de ser um time violento e desleal. Trabalhei, naquele período, basicamente com representações de torcedores nos estádios, cronistas esportivos e cronistas que tratam do esporte ocasionalmente, mas havia, pode-se dizer, um sentimento generalizado de que o Grêmio era um time desleal. Vários eram os predicados usados para caracterizá-lo: “violento”, “punk”, “espartano”, “gaúcho”, “argentino”, “alemão”, “subdesenvolvido”, “brucutu”, “futebol-força”, entre outros. Havia um sentimento generalizado de que aquele time poderia ser tudo, menos praticante de um estilo brasileiro, pois, como definiu o cronista Helena Jr., seu estilo era a antítese do futebol-arte (DAMO, 1998, p. 183-228).

<sup>273</sup> O domínio precário desses códigos foi-me particularmente útil em Marseille, pois a relação com Michael Floes, *coach* dos “moins 18”, com quem realizei observação participante, mudara sensivelmente depois de uma conversa de segunda-feira, em que lhe propus uma série de questões atinentes às suas opções táticas e das performances dos atletas considerando-se essas variáveis. Minha impressão era de que, a seus ouvidos, finalmente haviam sido feitas perguntas relevantes, em torno das quais ele tinha muito a dizer, pois o fazia prazerosamente.

<sup>274</sup> Os jogos televisionados passam, evidentemente, por um processo de edição das imagens e, de mais a mais, a tomada jamais é aberta para que se possa acompanhar as dinâmicas configuracionais por inteiro. A câmera segue a bola, mas para apreender as formas/padrões de jogo seria preciso pensar como os jogadores o fazem, que é pensar antes de pôr a bola em movimento. Para isso, é preciso um campo de visão mais amplo, razão pela qual os clubes ainda fazem uso do “olheiro”, um profissional cuja missão é ver os jogos das equipes adversárias para que possam ser pensadas estratégias para explorar seus aspectos vulneráveis e proteger-se em relação às suas virtudes.

sobre a sociedade e a cultura ou coisas do gênero. De outra, havia limitações compreensivas de minha parte. Acreditava, como todo o peladeiro de longa data, que “entendia” de futebol. Porém, o que ficou claro é que eu estava impregnado pela percepção que era, ela mesma, o produto da minha inserção no universo do futebol<sup>275</sup>. E conhecia o segmento profissional da condição de público, como torcedor e, a partir de dado momento em que a paixão sucumbiu na medida em que seus truques foram sendo decifrados, apenas um observador, quase sempre distraído em relação ao jogo propriamente dito.

Desisti rapidamente de tentar decifrar estilos olhando os jogos, o que poderia ser um ponto em favor das teses de Bromberger, de que não há nada de muito relevante ou de diferente para ser visto. Ou ainda, de que as diferenças são mínimas, prevalecendo, no presente, uma certa uniformidade, dada não apenas pela universalidade das regras, mas também pela socialização dos dispositivos de formação/produção de futebolistas, bem como das tecnologias de treinamento. Fiz algumas entrevistas; com Êmerson, técnico da equipe do Cruzeiro, por exemplo. No entanto, do ponto de vista da questão dos estilos, a conversa foi francamente decepcionante. Ele não teria tocado no assunto se não houvesse sido instigado, e quando o fez, concordou com as hipóteses que eu sugerira, mais por gentileza do que por convicção. Procurei Gilson Gênio, treinador do Fluminense, e combinamos uma conversa no quartel onde eles estavam hospedados, o mesmo onde estava o Internacional. Como a entrevista estivesse em curso no momento em que eles partiram em direção a Bossoroca, cidade vizinha à Santiago, para um treino de reconhecimento do gramado, sugeri a possibilidade de continuá-la no ônibus, o que foi aceito com a anuência do dirigente que coordenava a delegação.

Gilson Gênio, ex-boleiro, atacante franzino, ágil e driblador, tinha bem mais coisas a dizer sobre os tais de estilos. Formado nas categorias de base do próprio Fluminense no início dos anos 70, jogou também no Bangu e no América, além do Entrerriense, onde começou sua carreira de treinador, e em outros clubes brasileiros, como o Bahia, o Internacional de Limeira, e no exterior: Serro Portenho (Paraguai) e Gil Vicente (Portugal). Também jogou uma temporada no Grêmio, em 1984, razão pela qual tinha suas impressões de campo sobre o futebol jogado no Sul. Sem muito esforço, o estilo gaúcho se configurava na fala dele, por oposição ao carioca, que de resto parecia-lhe único no Brasil. Conversamos outros assuntos, incluindo-se o jogo do dia anterior, no qual o seu próximo adversário, o Grêmio, perdera para o Marília. Gilson projetava o jogo:

---

<sup>275</sup> Penso que praticá-lo é algo importante, mas é preciso diferenciar a prática bricolada, que é a base principal das minhas experiências propriamente cinestésicas, da prática profissional. Mesmo entre a bricolagem e a várzea existe uma diferença expressiva, uma modalidade de tónus que precisa ser incorporada, o que demanda um certo acúmulo de experiências práticas

O Grêmio tem uma estatura muito grande, vai explorar muito a bola aérea dentro da nossa área, pode ganhar da gente nessa jogada. Agora, nós vamos ter uma certa vantagem quando se botar a bola no chão, porque aí meus jogadores são técnicos, sabem jogar, entendeu. Eu não tenho um time pegador, de marcação. Tenho um time com qualidade, só que eles estão começando... Eu acho que o futebol não é por aí, grande demais entendeu, sem qualidade, só força, só força. Eu fui pra Itália com um time assim pô. Lá os caras são todos do tamanho dos do Grêmio e nós ganhamos deles!

(Conversa gravada, jan/2002).

Assisti ao treinamento e retornei no ônibus com a delegação, deixando acertada minha presença para o dia seguinte. Nesse dia, à caminho de Bossoroca, Gilson estava preocupado com a arbitragem. O Grêmio era um time forte e o corpo-a-corpo precisava ser evitado. O futebol é um esporte onde o contato físico é admitido, mas dentro de certos limites, o que exclui,

invariavelmente, o uso dos braços e das pernas. Pode-se usar o troco, sobretudo os ombros, mas não de forma ostensiva. Há uma margem de manobra entre o que as regras interditam e o uso efetivo do corpo nas disputas, sendo que tal margem pode ser mais ou menos elástica de acordo com a tolerância da arbitragem. Tendo jogado no Grêmio, Gilson Gênio sabia que a tolerância da arbitragem sulina era maior do que aquela com a qual os seus meninos estavam habituados no



Vigilância incômoda. Jogadores do Grêmio “cercam” os atletas do Fluminense, num enfrentamento entre duas “escolas de futebol” (Copa Santiago, em Bossoroca, jan 2002).

Rio de Janeiro. “Lá, se alguém encosta em você, o juiz marca falta. Aqui não, eles deixam o jogo correr. O problema é que o menino vai tentar proteger a bola com o corpo e o jogador do Grêmio vai bater na bola e no menino. No Rio é falta, aqui não é!”



A partida mal começa e já não parece um jogo, mas um filme cujo roteiro pertence a Gilson Gênio. O time do Grêmio é notadamente mais forte e toma conta dos espaços, mesmo porque havia perdido na estréia e precisava vencer para não ser eliminado vexatoriamente naquela altura da competição. O Fluminense havia vencido e podia ser mais cauteloso. O Grêmio fez um gol e depois fez outro. Os meninos de Gilson Gênio tentaram fazer frente, mas, além da “pegada” gremista, havia o desencontro entre as interpretações da arbitragem e as dos meninos do Fluminense, tendo estes perdido o controle emocional. Para compreender o choro copioso de alguns atletas depois do jogo, é preciso recuperar um elemento já referido nos capítulos



Tiago Prado, agora titular do Grêmio, prepara um “tranco” em Rodrigo Tiuí, atacante titular do Fluminense, preparando-se para um “giro” no gremista (Bossoroca, jan 2002).

precedentes. Competições como as de Santiago são partes do processo de formação/produção e, como tal, não se espera dos jovens entre 15 e 17 anos o mesmo controle de um profissional já formado. Também não se espera deles a mesma disciplina individual ou coletiva. Quando o jogo inicia, boa parte do que é dito nos vestiários, nas palestras e intermináveis conversas de bastidores, incluindo-se aquilo que se deseja e o que se acredita poder realizar<sup>276</sup>, tudo isso tem chances remotas de acontecer. Um jogo é um evento dramático. Para quem está no centro das evidências, é fundamental manter o equilíbrio das emoções, superar a ansiedade, o pânico, a angústia, a ira e, no caso dos que lidam diretamente com o corpo: a dor. No futebol profissional, como de resto em todos os esportes, a dimensão vivida das experiências possui um valor diferenciado. Não é apenas para tornar os músculos mais possantes que existe algo como a formação

profissional, mas para dar conta de uma economia política do corpo que perpassa o domínio mecânico dos gestos.

<sup>276</sup> Aqui incluem-se também os sonhos, as visões, as premonições, as aparições e assim por diante. O espírito santo manifestou-se a Jordan, treinador de goleiros do Inter, antes de um jogo em Carazinho. “Ele me disse que o Cleber marcaria um gol de cabeça!” Justo o Cleber, de quem menos se espera um gol de cabeça. “E não é que o negão meteu de cabeça? Não foi Cleber, que eu te chamei antes do jogo e te disse: olha, o espírito santo tá te reservando uma coisa boa hoje!” “É, foi isso mesmo”, confirmou um Cleber assustado na semana seguinte; “e eu tava mesmo precisando meter um golzinho, senão ia pro banco!”. E Jordan arrematou: “e ainda tem neguinho que não acredita!” Giacomini, em Macaé, perguntava-se, nos vestiários, depois da desclassificação nos pênaltis, com erro seu, “por que, por que, por que, se fizemos tudo certo?” referindo-se ao trabalho de preparação e, particularmente, aos ritos de vestiário.

Se aquele Grêmio e Fluminense estivesse sendo realizado nos anos 30, provavelmente os meninos teriam levado a disputa para além dos códigos definidos pela Internacional Board. Diria mesmo que o árbitro e seus auxiliares não teriam tido a mesma postura, ao menos não tão impunemente. Os meninos de Gilson Gênio, Toró e Rodrigo Tiuí, por exemplo, dois exímios jogadores técnicos, recebiam a bola de costas e usavam o corpo para protegê-la. Os gremistas davam-lhes um encontrão e o juiz seguia o jogo. No princípio, eles usaram o jargão comedido, aquele que denota tão somente uma discordância em relação aos critérios do árbitro: “eih, professor, foi falta!” Como o árbitro desse de ombros, e eles seguissem acreditando estarem sendo vítimas de marcação desleal, passaram para um código menos amistoso: “pô, professor, não vai marcar nada mesmo?” ou “e aí, não tem cartão, professor?” Em resposta, ao menos numa dada ocasião, bem próximo de onde eu estava, o árbitro retrucou “joga a tua bola que eu apito, guri!” Mais adiante, devem ter ouvido algo como: “cala a boca senão vou te botar pra rua!” E dito coisas do tipo: “tá arranjado, é?” Ou outras ofensas bem menos amistosas: “safado”, “sem-vergonha”, “mal intencionado” e “mau-caráter”. Os meninos de Gilson Gênio passaram a ser expulsos, terminando o Fluminense derrotado e com 9 jogadores em campo. O que estava claro é que os tais estilos existiam.

Os jogadores do Fluminense estavam habituados, quer dizer, vinham sendo preparados para um uso do corpo que não era compatível com aquele proposto pelos gremistas.

As escolas do sul jogam um jogo aguerrido, de muita pegada. É muito difícil de se jogar contra; os times do Rio sentem muita dificuldade. Por quê? Porque é um futebol, digamos assim, mais charmoso, ao mesmo tempo muito mais cadenciado. Nosso jogador sente muita dificuldade, como sentiu no jogo de antes de ontem, quando a gente sofria faltas. Tem a diferença da própria arbitragem. O jogador recebe uma marcação no Rio que, quando um jogador chega por trás, ele cai no chão e é falta. Aqui não, o jogador recebia um tranco por trás, uma falta, chegava a segurar a bola com a mão, e o juiz dava falta contra nós. Quer dizer, a característica do nosso jogo é mais cadenciado, mais toque de bola para o lado, mais calmo. O jogo do sul é mais direto, é mais franco, força muito a bola na área, entendeu, é uma coisa mais objetiva. O jogo carioca é mais devagar, mais cadenciado. O paulista, eu vejo como se estivesse no meio, entendeu. Não chega a ser só correria. É um jogo técnico, mas muita correria; bola colada, rápida, bastante velocidade...” [Marcos Seixas, preparador físico do Fluminense]

Menos de três dias depois desse jogo, fui assistir a um treinamento do Grêmio, estruturado, basicamente, a partir de bolas alçadas para a área visando o arremate de cabeça. Ao final, os atletas realizaram um jogo em campo reduzido, em sentido transversal, com duas balizas improvisadas nas laterais servindo de goleiras. Em duas ocasiões, o treinador teve que interromper a sessão, pois ao contrário do que havia solicitado, os jogadores estavam arrematando a gol com força, acertando as vidraças do quartel em frente. O treino tinha tudo para virar um diário ratificando o que se dizia acerca do estilo gremista, algo que teria se

consolidado no clube desde os tempos de Luis Felipe Scolari - uma modalidade de crença clubística, para lembrar o capítulo 6.

No dia seguinte, fui a um treino do Vitória-BA. Um treino aparentemente leve, descompromissado, sem maiores exigências físicas, que culminou com um “racha” - pelada, no jargão dos boleiros - em campo reduzido. Poderia ter traçado, então, um paralelismo com o treinamento do Grêmio, fixando-os em posições antitéticas do ponto de vista dos estilos, pois os meninos do Vitória não deram sequer um único chutão de estilhaçar vidraças. Minha euforia ruiu tão logo o treino foi finalizado, pois Wesley, treinador do Vitória, tratou de desconstruir as impressões de que eles não treinassem como o Grêmio, e de que este não pudesse treinar como eles. Afinal, havia muitas variáveis interferindo na dinâmica do treinamento do Vitória, uma delas de que se tratava de uma atividade pós-jogo e, portanto, Wesley estava “poupando os meninos”.

Para evitar tergiversações, decidi fechar meu argumento em Marseille, quando chegou do Brasil o jovem Léo, ex-juvenil do Flamengo<sup>277</sup>. Na rotina dos treinamentos que presenciei, seja de atletas em formação ou já formados, usa-se com frequência uma tecnologia simples, porém eficaz, para aprimorar o controle da bola em movimento e, principalmente, o passe, fundamento essencial no futebol de espetáculo: ao invés de trabalharem em todo o espaço do campo, os treinamentos simulam jogos em espaços reduzidos. Os treinadores justificam tais procedimentos afirmando que os espaços são compactados pelas equipes, de maneira tal que as manobras ocorrem em dimensões reduzidas, sob vigilância intensa dos adversários, o que requer agilidade e precisão na construção das jogadas. Dizendo de outro modo, a aceleração dos movimentos é uma das únicas alternativas para forjar espaços. Uma fração de segundo por vezes representa alguns metros quadrados de liberdade. É preciso, pois, que os meias e os atacantes sincronizem seus movimentos, e que os defensores impeçam-nos de fazê-lo, uma dialética própria aos esportes coletivos de contato, tais como o futebol, o *rugby* e o basquete, entre outros.

Já havia observado Léo em uma dessas dinâmicas, e ele não fora bem. Parado fazia algum tempo, estava sem o que os boleiros chamam de “embocadura” ou “ritmo de jogo”, uma modalidade de prontidão sem a qual os movimentos parecem calculados. Como já se disse na primeira parte, a lógica do jogo, notadamente prática, demanda processos de percepção extremamente ágeis, como se o sujeito pensasse com o corpo - com os pés, nesse caso. O problema de Léo não se reduzia, no entanto, à “falta de ritmo” por estar “destreinado”, mas ao ritmo com o qual estava habituado quando jogava no Flamengo. Passaram-lhe a bola e ele a dominou, com a técnica que lhe era peculiar, mas quando girou o corpo para o drible já não a

---

<sup>277</sup> Na terceira parte do capítulo 9, em texto destacado, há uma extensa apresentação de Léo e Seu Jorge, seu pai, que foram meus informantes na França.

tinha em seu domínio. Passaram-na outra vez, mas antes que ele fizesse o domínio, um marcador deu-lhe um tranco, pelas costas. A bola escapuliu e Léo estatelou-se. Pôs-se em pé, com o braço levantado protestando falta. Alain Perin, o técnico, sequer esboçou reação, e quando Léo se recompôs definitivamente, a bola já havia sido trocada de pés uma dúzia de vezes. Desde então, a bola chegou menos vezes a seus pés. Os colegas de equipe só lhe passavam em circunstâncias extremas, ou quando não havia marcação no encalço de Léo. Sem exageros, em pouco tempo ele desapareceu do jogo.

A dinâmica era suficientemente clara para que pudesse haver dúvidas do que estava acontecendo. Mesmo assim, não fiz qualquer comentário, exceto anotações. Na mesma semana, encontrei Seu Jorge, que aguardava ansioso por um “coletivo” - modalidade de treinamento em forma de jogo simulado, sem restrições de espaço para além daquelas previstas pelas regras. “Aqui a ênfase é mais na parte tática”, reclamava ele, ansioso para que Léo jogasse, e assim pudesse receber um aumento de salário, como acordado em contrato. Noutra ocasião, conversávamos enquanto os atletas treinavam em espaço reduzido. “Essa pelada deles tá pegada, não!” - comentou Seu Jorge. “Pelada” não, era treino; e treino que decidia a escalação para o jogo. Pensei em adverti-lo, mas julguei que seria melhor não dar palpites em matéria para a qual não havia sido solicitado. A impressão, porém, era de estar revendo um filme, pois Seu Jorge fazia comentários depreciativos a respeito do futebol jogado pelos franceses, queixando-se, sobretudo, da falta de cadência e do excesso de correria. Era como se estivesse, dois anos depois, revivendo as conversas com Gilson Gênio, Seixas e o jogo do Fluminense contra o Grêmio, em Bossoroca. Como Léo não demonstrasse evolução, colocaram-no para jogar entre os atletas da equipe B, e até com os “moins 18”, treinados por Floes, ele jogou. Fui assistir a um jogo seu pelos FCA (OM B), na periferia de Marseille. Léo começou o jogo perdido em campo, errando passes e, sobretudo, o tempo da bola, o que levava-o a cometer faltas desnecessárias, por vezes violentas. Aos poucos foi encontrando seu lugar - “se soltando”, no jargão nativo. Quase ao final do primeiro tempo, repetiu um lance dos treinos: reteve a bola, deu um drible, dois, e partiu com ela dominada em direção ao ataque, quando um adversário entrou “rachando” em diagonal rasteira (“carrinho”). Léo saltou, safando os tornozelos. Mal se reequilibrou e acertou um violento chute (“um coice”, literalmente) no adversário caído.

Menos mal para Léo e Seu Jorge que todos com quem conversei no OM trataram o episódio como “dificuldade de adaptação”; alguns jogos de suspensão que não fariam diferença. De minha parte, fechei o argumento em favor da crença de que alguns estilos inscrevem-se tão marcadamente nos corpos que é difícil superá-los. A originalidade da cadência do futebol carioca tem um parentesco com a capoeira, de quem ele herda, provavelmente, uma certa aversão ao contato corporal. No futebol profissional, no qual existe uma intensa circulação de jogadores,

essa característica talvez seja menos visível do que nas equipes jovens, a meio caminho entre a socialização com as técnicas elementares, apreendidas na bricolagem, e as técnicas aperfeiçoadas nos centros de formação. Bem entendido, não significa que jogadores como Léo sejam individualistas, cadenciados e avessos ao tranco pelo fato de terem praticado capoeira, mas pelo fato de que o futebol que ele aprendeu a jogar antes de ser recrutado para um centro de formação preserva uma herança de longa data, inscrita no futebol pelos capoeiras. Trata-se, portanto, de uma clara ilustração de como opera o *habitus*. Isso não implica, por conseguinte, que Léo estivesse fadado ao fracasso, mas apenas que seria sujeito a um longo processo de socialização com usos do corpo que pressupunham disposições diferentes daquelas que ele havia incorporado. Dois meses desde a sua chegada, quando retornei ao Brasil, ele ainda não havia assegurado seu status na equipe principal - pelas informações de que disponho não o fez ainda, passado um ano -, mas relatava suas primeiras experiências nos treinos como se elas tivessem ocorrido havia alguns anos - “quando eu cheguei...”, “nos primeiros treinos...” e assim por diante.

#### **8.2.4 Estilo, perfil e preço para pés-de-obra estrangeiros no mercado europeu**

No próximo, capítulo mostrarei alguns dos critérios que orientam a constituição do preço dos futebolistas e, sobretudo, como eles são negociados. Tenho uma idéia imprecisa de quanto Léo teria custado ao OM, mas a posição em que ele jogava (ala/lateral direita), a idade, a qualidade técnica e o prestígio da seleção brasileira, pela qual ele fora campeão mundial na sua categoria (sub-17), foram alguns dos elementos que levaram os olheiros/agentes do OM a notá-lo e o clube a investir nele. De modo geral, os brasileiros são prestigiados pelas qualidades técnicas individuais, uma modalidade de apreço que em muito se parece com aquela destacada pelos jornais parisienses durante a realização da Copa de 1938, organizada pela França. Leônidas da Silva, o inventor da bicicleta, encantou os jornalistas franceses na ocasião, muito embora seus juízos fossem controvertidos. Por um lado, elogiavam o talento individual dos brasileiros no controle da bola – e não apenas Leônidas -; por outro, criticavam a falta de disciplina tática (uso estratégico das formas/padrões de jogo) e de objetividade. Derrotados pela Itália nas semi-finais, os brasileiros acabaram incluídos no estereótipo do bom, irresponsável, surpreendente e inconseqüente. Numa só palavra: “selvagem”<sup>278</sup>.

---

<sup>278</sup> Preparo, para publicação futura, um trabalho detalhado sobre a visão dos periódicos parisienses - L'Auto, Paris-Soir e Le Petit Parisien, os três de maior tiragem à época - acerca da campanha do selecionado que representou o Brasil. Trata-se de uma Copa importante, realizada às vésperas da eclosão da 2ª Guerra, com forte conotação nacionalista, em que o Brasil fez uma campanha surpreendente. Por um lado, os brasileiros foram elogiados como espécie de representantes da *art noir*, tão ao gosto dos surrealistas, sendo elogiados pela capacidade “natural” de controle da bola e coisas do gênero. Por outro,

Dizer que nada mudou, passadas várias décadas, seria exagero, pois de lá para cá o Brasil conquistou 5 copas do mundo e é o principal fornecedor de pés-de-obra para a elite clubística europeia, como mostrado no capítulo 5 - em termos absolutos, mas não em percentuais. Dizer que o cenário é completamente diverso também seria equivocado, pois os brasileiros, tanto há época quanto no presente, são classificados como “estrangeiros”, um rótulo que engloba várias nacionalidades. Pelos critérios legais do futebol, seriam “estrangeiros” e “não-europeus”; para os padrões mais alargados de representações sociais, seriam “sul-americanos” e, finalmente, “brasileiros”, sem distinção por estado ou região.

Em vários centros de treinamento, indaguei pelas razões que justificariam a qualidade técnica e, por extensão, a boa receptividade dos brasileiros no futebol europeu. Muitas justificativas foram recorrentes àquelas de longa data: no Brasil, aprende-se a jogar na rua; as experiências corporais são mais diversificadas; há menos vigilância das instituições modernas, entre outros. Trata-se, pois, da mesma lista de argumentos já citada na abertura do capítulo 4, dando conta da importância da rua - praças, parques, terrenos baldios, enfim, locais tidos como próprios ao exercício de certas liberdades individuais - na aquisição de um leque amplo de disposições para o uso do corpo. Em linhas gerais, tais argumentos são razoáveis, mas existem outros. Foi Luis Fradua, diretor do centro de formação do Athletic Club (Bilbao), quem mais insistiu em relação à dimensão quantitativa dessas experiências. Treinado a procurar pela razão simbólica à sombra da razão instrumental, minha primeira atitude foi de desdém quando Luis Fradua referiu-se ao “número de horas em contato com a bola”, mas contive-me, instigando-o a seguir em frente. Ele fez questão de frisar que não conhecia o Brasil, formulando o argumento a partir do seu contexto.

É difícil formar jogadores técnicos aqui, e não é só porque se trabalha com um universo restrito, só de bascos. Você não pode exigir muito, além de certos limites, pois o futebol não é a única opção desses jovens. Também não pode dispor deles por muito tempo, pois os pais não permitem que seus filhos deixem de estudar para ficar jogando bola, e isso é fundamental na infância, pois molda o comportamento motor [Fradua era mestre em treinamento esportivo e dominava o léxico especializado]. Então é preciso pensar a formação a partir desses limites [...]. Talvez no Brasil não seja bem assim, talvez as crianças passem muito mais tempo com a bola; pode ser que os pais permitam isso, mas aqui é diferente, a maior parte do trabalho com as crianças acontece ao anoitecer, depois dos [...]

(Luis Fradua, em jan/2004; parte desse depoimento já foi referido no capítulo 5 ).

A quantidade de horas não determina, por si só, a aquisição das disposições para o que quer que seja, mas em se tratando de atividades práticas, que exigem muito do corpo, elas são

---

foram tripudiados pelo atraso em relação à concepção mesma do que seria o futebol, no qual a Itália, bicampeã, estaria no topo evolutivo, com seu futebol metódico, objetivo, calculado, coletivo, disciplinado, enfim, uma série de atributos muito próximos dos valores da caserna, compreensível para a época. Por hora, cf. Leite Lopes (1999) e Guedes (2003b).

fundamentais, como em todos os esportes, na danças e na música. Há muitos outros elementos em jogo, mas não se deve descartar, entretanto, as possibilidades de aperfeiçoamento quando se dispõe de tempo para tal, seria um equívoco grosseiro. A originalidade do estilo brasileiro, *habitus* constituído a partir do arranjo entre a cultura futebolística e as culturas locais, só é eficaz na medida em que estão dadas as condições sociais para que ele seja aprendido e aperfeiçoado. A constatação aparentemente óbvia é, no entanto, fundamental.

Como já mostrei em outros momentos da tese, os meninos se ajustam-se, por sugestão dos técnicos, às diferentes especialidades previstas pelas propriedades intrínsecas do futebol de espetáculo ao longo da carreira - a exceção são os goleiros, uma categoria à parte, pois demanda capitais alheios ao futebol<sup>279</sup>. E o fazem recuando do ataque em direção à defesa. Também mostrei que os maiores salários do futebol europeu são recebidos por atacantes, e as transações mais caras são desses especialistas - atacantes e meia-atacantes. Formar jogadores com capacidade de criação, no atual contexto futebolístico, é mais difícil do que formar profissionais com capacidade de contenção/destruição das jogadas. Ou seja: formar defensores é menos dispendioso, sob todos os aspectos, do que formar atacantes. Não diria isso se não fosse um consenso entre meus informantes. Os dados sobre o mercado para pés-de-obra mostram como os percentuais de “estrangeiros” aumentam na medida em que se vai da defesa para o ataque: 27% de goleiros; 39,5% de defensores, 43,5% de meio-campistas e 46,5% de atacantes, aproximadamente<sup>280</sup>. Todavia, não se pode trabalhar apenas com a hipótese das variáveis tempo e disponibilidade de talentos para compreender as razões pelas quais busca-se “estrangeiros” para jogar no ataque. Como afirma Pierre Tournier, um dos mais experimentados formadores franceses, “jouer devant, demande de la créativité, de la prise de risques. Derrière, c’est tout à fait différent, il faudra détruire, être rigoureux, ne pas prendre de risques” (TOURNIER e RETHACKER, 1999, p. 58). Como as atitudes de risco, indisciplina, rebeldia e imprevisibilidade são imbricadas no futebol, parece razoável supor, sem tergiversar, que os europeus acreditam ser possível encontrar esse perfil humano em atletas não-europeus, com maior probabilidade do que entre eles próprios. Afinal, era isso que diziam dos brasileiros nos jornais parisienses em 1938, e

---

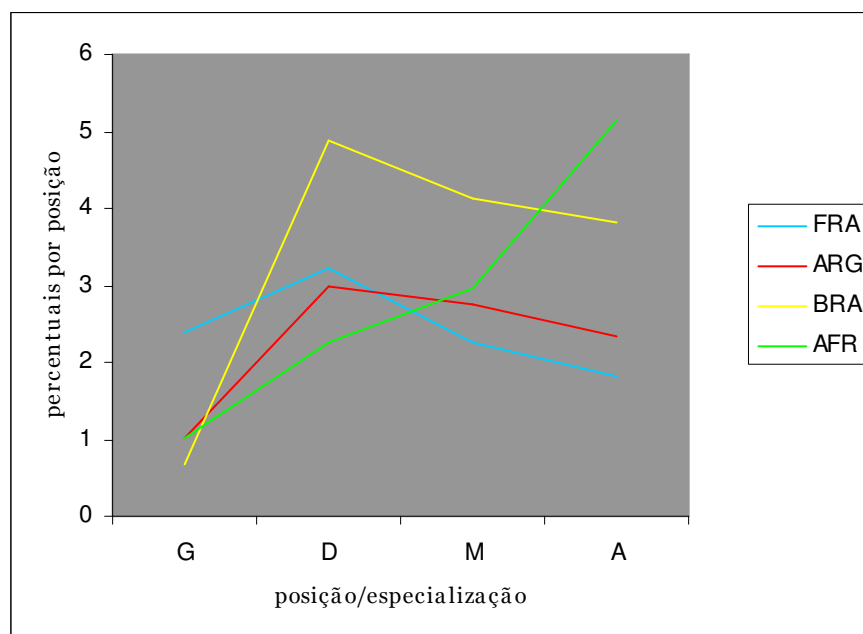
<sup>279</sup> Também em relação ao recrutamento no mercado, os goleiros são idiossincrático: custam menos, recebem salários menores e é senso comum que devam ser feitos em casa, sem recorrer ao mercado. Cf. **gráfico 8.1**, na seqüência.

<sup>280</sup> Segui a designação das especialidades dadas pelo jornal *L'Équipe*, como indicado na Introdução. Por “estrangeiros” incluem-se todos de nacionalidade diversa daquela do país onde estão atuando, independente de pertencerem ou não à União Européia. Os dados também revelam quais seriam os países com mais dificuldade de formar atacantes: os italianos, importando aproximadamente 33% dos seus atacantes; os espanhóis, 35%; os franceses 47%; os ingleses 56%; finalmente, os alemães, que importam em torno de 61% dos atacantes.

o contrário dos italianos. A surpresa, talvez, seja que os brasileiros parecem enquadrados, atualmente, num outro estatuto, como mostra o **gráfico 8.1**, a seguir.

O **gráfico 8.1** é constituído pelos principais contingentes de “estrangeiros” atuando nos 5 mercados para a elite de pés-de-obra. Os franceses compõem o gráfico, pois são significativamente numerosos, sobretudo na Inglaterra e na Itália, dois mercados economicamente mais potentes do que a França e os impostos para altos salários são menores, o que torna a atividade futebolística mais atraente para as vedetes. O dado também comprova a qualidade da formação “à francesa”, beneficiada, entre outras coisas, pelo recrutamento de jovens talentos nas ex-colônias africanas (TOURNIER e RETHACKER, 1999).

**Gráfico 8.1 – Divisão do trabalho em equipe por nacionalidade**



Fonte: banco de dados do autor sobre jogadores que atuam nos principais mercados europeus. Foram selecionados, sob 2.747 da amostra, os atletas de nacionalidade francesa (FRA), argentina (ARG), brasileira (BRA) e, agrupados, os senegaleses, camaroneses e nigerianos (AFR), os principais “estrangeiros” atuando nesses mercados<sup>281</sup>.

Legenda: G= Goleiro; D=Defensor; M= Meio-campista; A= Atacante.

A muitos talvez surpreenda o traçado da linha amarela, que representa os brasileiros, indicando que, ao contrário do que se ouve dos mediadores especializados, são tão bem-cotados quanto os franceses e os argentinos no trabalho de contenção. O fato de a linha amarela declinar na medida em que se passa da defesa ao meio-de-campo e deste ao ataque não implica que no Brasil se tenha dificuldade de formar atacantes, mas reforça a idéia de que, em muitos centros de formação/produção brasileiros, realiza-se uma formação com características próximas às

<sup>281</sup> Para detalhes da amostra, cf. item 5.1.7.



exigências do mercado europeu. A curva verde, constituída por três dos principais exportadores de pés-de-obra do continente africano, não deixa dúvidas acerca de onde se imagina encontrar indivíduos com o perfil de Leônidas da Silva, simultaneamente apreciado e desdenhado. Como é difícil desconectar a dimensão simbólica da utilitária, é impossível precisar até onde os brasileiros são recrutados pelo estilo ou pelo preço, mas é certo que não são vistos da mesma forma que outrora. Como dito no princípio, este gráfico não encerra, antes apresenta novos elementos para o debate em torno dos estilos, fazendo crer que há um intrincado jogo entre variáveis estéticas e econômicas no recrutamento de futebolistas. Os dados sobre a movimentação de jogadores possuem, a esse respeito, um valor importante, uma base relativamente segura, se comparada às declarações de mediadores especializados.

## **9 PESSOA E COISA:**

### **A dupla identidade dos pés-de-obra**

Nem todos os meninos que desejariam ser investidos têm acesso aos centros de formação, e muitos dos que são recrutados mais tarde são dispensados. Outros, no entanto, são exitosos, e alguns o são destacadamente. Sendo assim, há um momento em que os investimentos em capitais futebolísticos geram dividendos, em que o dom, pode-se dizer, vira dinheiro, podendo ser medido, quantificado e novamente trocado por outros bens. De modo geral, os futebolistas têm contra si a imagem de péssimos gestores de seus ganhos. São tidos como consumidores de supérfluos, dados à ostentação e ao desperdício. A hipótese com a qual trabalho, já suscitada no capítulo 3, é de que o dinheiro que é produto do dom - capital adquirido a partir dos capitais futebolísticos, mas não apenas deles, bem-entendido - não é um dinheiro qualquer e, portanto, tende a ser gasto a partir dos mesmos referenciais que dão sentido à existência do dom.

Esses referenciais são, em parte, tributários das culturas locais, mais presentes no Brasil do que na França, por exemplo, mas também são corolários da cultura futebolística. Para que o dom possa circular, é preciso que ele exista, óbvio. E para que ele exista, fora preciso inventá-lo, mais ou menos óbvio. O que parece não estar claro é que o futebol de espetáculo só tornou-se um campo social que engendra representações acerca do dom, e o faz circular, a partir do momento em que constituiu um público capaz de reconhecer nos praticantes esse diferencial. Um dos elementos que especifica a relação público-futebolista é o clubismo, na medida em que o engajamento dos torcedores pressupõe dados empenhos em termos de reciprocidade. A disponibilização do dom é o que o público espera dos seus jogadores, daqueles que lhes representam mediante contra-prestação monetária. E não é só o dom para executar gestos técnicos refinados que interessa ao público, sendo comum, em toda a parte, o reconhecimento de atletas a partir de atitudes de bravura, coragem, sacrifício, em uma só palavra, doação. Não há carreira possível, no futebol ou onde quer que seja, sem que haja alguma modalidade de doação,

com a ressalva de que os esportes, de um modo geral, dramatizam-na e espetacularizam-na. A maneira como o fazem é que difere, de um contexto a outro, uma época a outra, uma modalidade a outra, enfim, o importante talvez seja notar que o público faz o espetáculo e, por extensão, os atletas, assim como os fiéis fazem o sacerdote, os eleitores o político, os alunos o professor e assim por diante<sup>282</sup>.

Os futebolistas também fazem a transição de indivíduo à pessoa, e o fazem por meio de dispositivos específicos, diferentes, mas comparáveis àqueles de que se servem os torcedores - penso no uso de bebida alcoólica, por exemplo, ingerida pelos torcedores e interdita aos atletas. Nesse caso, pode-se afirmar que no futebol de espetáculo tal transição é mais intensa do que nos outros futebolis, notada a partir dos procedimentos que antecedem os jogos, desde a reclusão até os ritos de vestiário - tema do último capítulo. Todavia, os futebolistas são sujeitos a uma segunda ordem de transição: de pessoa à coisa. Eles pertencem a um clube - e a uma comunidade de sentimento - pelo fato de possuírem vínculos sociais, dentre os quais destacam-se os afetivos que, como mostrado no capítulo 6, são construídos, dramatizados e encenados. O que os prende a um clube não é, contudo, o pertencimento clubístico, único e imutável, como o dos torcedores, mas um contrato formal, juridicamente avalizado pela legislação trabalhista. Os futebolistas profissionais também são mercadorias com valor de compra e de venda.

Este capítulo está dividido em três partes. Na primeira delas, explico as principais fontes teóricas que orientaram meu trânsito nas redes do mercado de atletas em formação. Destaco, particularmente, com um argumento em diacronia, o desenvolvimento progressivo do mercado de jogadores ao longo do século XX, bem como a função estratégica desempenhada pela FIFA nesse processo. Trata-se de mostrar como a autonomização da profissão desenvolveu-se paralelamente à formação do público e, portanto, da espetacularização do futebol. Este argumento é fundamental para a compreensão das razões pelas quais o futebol é um campo de produção de representações sobre o dom. Afinal, sem público não haveria admiração, e sem ela os truques de zidanes e ronaldinhos seriam algo muito diverso do que são. Na segunda parte, apresento descrições de campo mostrando alguns elementos do processo de compra e venda de

---

<sup>282</sup> É o que se pode notar na versão eliasiana da carreira de Mozart. O fracasso pessoal do artista, que o teria levado à morte, decorre do desencontro entre as expectativas de Mozart com seu gênio e o que as cortes exigiam dele (ELIAS,1995). Penso também na etnografia de Bourdieu (2002), dos efeitos da urbanização sobre a sociedade rural francesa em vias de adequação de seus valores e suas práticas. Os solteirões não são o subproduto dessas mudanças, não são propriamente indivíduos que perderam o nexo com a história, mas, fundamentalmente, são a história social incorporada, viva, em movimento, embora, paradoxalmente, os solteirões sejam a antítese de tudo isso - imobilizados, impotentes, desinteressantes, etc. Enfim, a idéia é clara: indivíduo e sociedade fazem-se simultaneamente, razão pela qual o público futebolístico faz o jogador. É a partir dessa perspectiva que se pode notar como um indivíduo em particular movimenta-se estrategicamente, entre aquilo que é esperado dele e o que ele tem a oferecer (ou pode vir a oferecer, está disposto a fazer e assim por diante).

atletas, como a formulação do preço, a pechincha, a oferta e a demanda, quem tem ou não legitimidade para integrar esse mercado e assim por diante. Trata-se de mostrar como mercadorizam-se os portadores do dom a partir da etnografia. A terceira parte é dedicada à interpretação de “A história de Iranildo”, contada pelo documentário “Futebol (II) - O Jogador”, de João Moreira Salles e Arthur Fontes. O objetivo dessa exegese é destacar, por um lado, o uso que os grupos populares fazem do dinheiro gerado pelo dom, redistribuindo-o entre as configurações de pequena escala, já definidas como *entourage*, no capítulo 3. Por outro lado, aponto o tom irônico do documentário, cuja sutileza das tomadas de imagem e das falas deixa patente um certo sarcasmos dos diretores.

## **9.1 COMO O DOM E SEUS PORTADORES TORNARAM-SE MERCADORIAS**

### **9.1.1 O mercado de futebolistas a partir do “modelo de mercados múltiplos” (MMM)**

Os jogadores têm preço e ele é determinado não apenas pela relação entre a oferta e a demanda por pés-de-obra, mas por uma lógica especulativa, susceptível à escassez e à abundância, como os *commodities* ou ações - ver adiante. Não se trata de uma modalidade particular de empenho da força de trabalho. É isto, também, pois o futebol é um setor da economia e os atletas são produtores de espetáculo e, portanto, de um bem simbólico, mas há outros elementos em jogo. A conversão de pessoa em coisa é um processo ao qual são sujeitos todos os futebolistas e se é raro ouvi-los dizer algo como “eu valho x”, mas antes “meu passe vale x” ou “meus direitos federativos estão avaliados em x”, os demais agentes referem-se a eles, seguidamente, como mercadorias: “fulano custou x”, “com fulano o clube faturou x”, “fulano foi comprado por x, mas não vale y” e assim por diante.

Há muitas outras implicações presentes na mercadorização dos futebolistas e alguns casos etnográficos serão usados para abordar o processo em sincronia. Para tal, será usado como pano de fundo o modelo analítico proposto por Zelizer (1992)<sup>283</sup>. O MMM incorpora os aspectos

---

<sup>283</sup> Visando otimizar as observações, impressões e informações de campo, é recomendável precisar as questões abordadas daqui por diante, evitando um apanhado extenso e superficial. A circulação de futebolistas pode ser tratada de modo diverso por diferentes disciplinas – economia, sociologia, geografia, etc – e, mesmo no âmbito antropológico, não há uma única possibilidade de abordá-la. Isso fará com que se priorize aqui alguns elementos apenas, aqueles atinentes ao objeto e aos objetivos principais da tese. Assim sendo, não se trata de explicitar um modelo de funcionamento do mercado de futebolistas, como se apresentou, por exemplo, um modelo de tipo-ideal para compreender a formação/produção, mas de recuperar, a partir da etnografia, a maneira como esta dupla identidade é manipulada pelos agentes.

propriamente econômicos preconizados pela teoria econômica clássica e os coloca em relação com a contribuição da alternativa cultural e sócio-estrutural.

A **alternativa cultural**, exemplificada por autores como Taussig, Sahlins e Polanyi, seria caracterizada por “étudie le marché comme système construit de significations” (ZELIZER, 1992, p. 6), fazendo emergir do aparente utilitarismo a lógica cultural, protagonista oculta das operações mercadológicas - “le capitalisme est un processus symbolique mais son symbolisme opere d’abord dans la sphère économique” (p. 7). Se esta perspectiva tem o mérito de mostrar que o mercado não opera apenas de acordo com a lógica utilitária, Zelizer censura-a na medida em que “le marché est, certes, une construction culturelle mais il n’est pas que cela” (p. 9). Já a **alternativa sócio-estrutural**, “définit le marché comme un réseau de relations sociales (p. 6). Citando Granovetter, Zelizer afirma que os sociólogos dos anos 80 “sont bien plus intéressés par la structure sociale, les flux d’information et d’influence, les réseaux de relations sociales et l’exercice du pouvoir’ que par les valeurs culturelles” (p. 9). A crítica a tal perspectiva é justamente a ausência de preocupação com os aspectos culturais do mercado e, portanto, não constitui um modelo alternativo à perspectiva instrumental da teoria econômica.

A proposição de Zelizer é o estudo do mercado a partir de casos empíricos, sendo que, para tanto, concorreriam as contribuições das diferentes perspectivas anteriormente criticadas. “Le modèle des ‘marchés multiples’” preconiza “une théorie située à mi-chemin entre l’absolutisme culturel et l’absolutisme socio-structurel afin de saisir les effets réciproques des facteurs économiques [utilitários], culturels [sistemas de valores e significados] et structurels [fluxos de informação e influências] (p. 10). A razão pela qual o MMM serve como orientação para a etnografia das transações envolvendo atletas de futebol é a mesma que justificou a análise de Zelizer do mercado de bebês - de certa forma inspiradora do MMM. Como no caso dos bebês, ver-se-á que o mercado de atletas segue as leis da oferta e da demanda, tendo os atletas um preço de compra e venda; as transações têm lugar num mercado relativamente estruturado, respeitando-se determinados fluxos, matizados pelos aspectos macro-econômicos, como é o caso do fluxo de brasileiros em direção à Europa e não o inverso; no preço dos jogadores, constam atributos de ordens diversas, associados à expectativa de performance, à cor, à nacionalidade, ao comportamento extra-campo, ao agente/empresário que os representam, ao clube que detém o vínculo e assim por diante.

A mercadorização dos futebolistas é, assim, um processo peculiar que deve ser estudado cuidadosamente, a partir de uma perspectiva “de dentro”, estabelecendo os nexos com a espetacularização e os demais processos que a constituem, como é o caso da formação da classe dirigente, da especialização dos mídias e, sobretudo, da constituição do público futebolístico, incluindo-se, o clubismo. A mercadorização dos futebolistas é parte importante no processo de

emergência e consolidação da própria profissão, sendo que o duplo estatuto de pessoa e coisa tornou-se um dos elementos constitutivos da identidade social destes profissionais.

Uma investigação completa acerca do tema deveria contemplar também uma perspectiva “de fora”, necessária à compreensão das interfaces entre as instituições futebolísticas e outras agências, como o Estado, a indústria cultural, as economias locais, as redes de lavagem de dinheiro, de tráfico de pessoas e assim por diante. Aqui, porém, não há como dar conta dessa complexidade, mas é preciso fazer ver que o tema em questão não se limita aos interesses propriamente futebolísticos - de quem foi comprado ou vendido por quem, como é freqüente nas conversas dos torcedores. Trata-se de uma modalidade de mercado de pessoas, o que tende a ser socialmente percebido, ao menos no ocidente, com restrições, embora esse mercado exista e seja mais intenso do que se supõe, pois há um leque extenso de possibilidades de ocultar o preço, dentre as quais a classificação de “impagável” ou “valor que não tem preço”<sup>284</sup>.

Nesses casos, os sistemas simbólicos são acionados para acomodar as incompatibilidades, numa espécie de reparação de algo que só é percebido como problemático a partir da própria elaboração cultural. O comércio de jogadores, por exemplo, não é visto como incompatível com o que quer que seja, do contrário não seria legalmente consentido. Ou seja, não há razão utilitária que justifique o tratamento diferenciado de pessoas e coisas, ou de pessoas e animais, por exemplo, mas há códigos éticos e estéticos - com suporte legal, inclusive - definindo as diferenças entre uns e outros em todas as sociedades que se conhece. O paradoxo é, contudo, aparente, pois há códigos autorizando a sobreposição de status de maneira tal que pelo fato de alguém pertencer a uma classe de pessoas mercadorizáveis, uma classe de pessoas “pagáveis” e que “têm preço”, não implica, necessariamente, que eles percam seu status de

---

<sup>284</sup> “Les contrats de propriété des hommes engagés pour dettes, la servitude volontaire, le contrat d'*indentured servant*, attesté jusqu'à aujourd'hui, témoignent du fait que l'espace offert à la 'monnaie humaine' est moins étroit que ne se faisse entendre son évocation hypothétique” (Solinas, 1994, p. 125). Além de Zelizer, já citada, cf. tb. MacFarlane (1986). Em uma discussão pontual no espectro da problemática maior - custos e benefícios dos filhos - MacFarlane aborda, comparativamente, a partir de dados do século XVIII, a diferença de percepção das camadas pobres em relação aos custos e benefícios de ter ou não filhos - ou entre ter muitos e poucos -, na Inglaterra (protestante e monetarizada) e na vizinha Irlanda (católica e agrária). A primeira constatação é que os filhos não possuem valor absoluto, de modo que seu valor varia de acordo com o ramo de atividade dos pais, o sexo dos bebês, a época, a atitude moral, etc. A segunda é que os filhos não são apenas preocupação dos pais, mas também do Estado e de seus ideólogos. Enquanto na Inglaterra “de um modo geral, os filhos eram apenas um dos mecanismos de que as pessoas se serviam para enfrentar a insegurança”, sendo progressivamente liberados da obrigação de ajudar a família, na Escócia e na Irlanda os filhos eram vistos como força de trabalho em potencial. No primeiro caso é o grupo que trabalha pela autonomia do indivíduo, no segundo, ocorre o inverso. Seguindo esta tendência, “a reputação que os ingleses adquiriram há muito tempo de não cuidar dos velhos é em certo sentido justificada; a solidão é um preço a pagar pelo individualismo político e econômico (MacFARLANE, p. 128).

peessoas, mas que sejam rebaixadas, comparativamente aos “impagáveis” - aqueles cujo valor é, digamos, elevado.

Em configurações sociais, culturais e históricas distintas, há variações em relação ao entendimento do status de determinadas classes de pessoas, de tal modo que alguns grupos humanos possam vir a ser tratados como mercadorias - como os diferentes grupos de escravos. A questão de fundo é, portanto, de saber como, em pleno século XXI, seja cultural, social e legalmente consentido que uma determinada classe de pessoas, os jogadores de futebol, sejam comprados e vendidos, quando, simultaneamente, proliferam-se os movimentos de direitos humanos denunciando o trabalho escravo, o tráfico de bebês, para não falar nas restrições em relação ao comércio de órgãos e de sêmen.

Poder-se-ia responder, inicialmente, que a compra e a venda de jogadores é atravessada pelo consentimento dos próprios sujeitos (ou objetos?), havendo, nas legislações nacionais, certas restrições em relação a menores de idade, por exemplo. Ainda assim, urge indagar como uma sociedade, tal qual a brasileira, em que pesem certas restrições à manipulação do dinheiro (OLIVEN, 2001), não tenha escrúpulos quando se trata de comprar e vender jogadores - algo que praticamente todos os torcedores fazem imaginariamente, como um dos temas preferenciais das falas futebolísticas? Ou então, como a mercantilização/mercadorização dessa classe de pessoas, que por certo não é a única, naturalizou-se a tal ponto de não mais causar estranhamento? Enfim, qual a relação que se poderia estabelecer entre a mercantilização dos futebolistas profissionais e o fato deles serem, em sua maioria, recrutados entre os segmentos populares e, particularmente, entre os afrodescendentes? Eis apenas algumas questões que ajudam a pensar o mercado de pés-de-obra sob o ponto de vista antropológico. Infelizmente, não poderei senão apresentar respostas parciais, a serem levadas adiante - ou mesmo contestadas, se for o caso - em momento oportuno, por outras investigações e investigadores.

### **9.1.2 Os três estágios em direção à mercadorização dos futebolistas**

Se a mercadorização de futebolistas apresenta-se como natural, ao menos aos olhos do público engajado, salvo raras exceções, talvez seja porque o próprio processo de espetacularização tenha produzido, ao longo do seu desenvolvimento, as razões que justificam-na. Assim como se naturalizou o pertencimento clubístico, a freqüentação aos estádios, o noticiário esportivo nas últimas páginas dos jornais e tantos outros procedimentos, não haveria porque supor que com a mercadorização dos atletas houvesse de ser diferente. Trata-se, pelo que

informa a extensa bibliografia a respeito, de um processo de média - ou longa? - duração, embora uns e outros por vezes demarquem rupturas<sup>285</sup>.

#### 9.1.2.1 A compensação pelo não-trabalho

A sociogênese da remuneração dos futebolistas corresponde à alegada compensação pecuniária como contrapartida ao tempo não-trabalhado. Esse estágio pode ser observado nos diferentes países que adotaram a prática do futebol, havendo, no entanto, variações locais expressivas. Trata-se, em linhas gerais, do recrutamento de futebolistas egressos das classes trabalhadoras para atuarem em clubes inicialmente freqüentados apenas por membros de camadas médias ou de elite, aqueles que estão na origem do que Elias (1992b) definiu como o processo de esportivização ou, se preferirem, de regramento e disciplinação dos jogos pré-modernos.

Um dos trabalhos mais importantes a respeito da emergência do profissionalismo e das mudanças por ele acarretadas foi escrito por Dunning e Sheard (1992) e trata da sociogênese do profissionalismo no futebol, no *cricket* e no *rugby*, todos eles a partir do contexto inglês. Como não se pretende aqui reconstituir a história do profissionalismo no futebol, pode-se tomar o caso do *rugby* como paradigmático, não apenas porque é em relação a ele que o tratamento de Dunning e Sheard é mais completo, mas em razão de que o importante, aqui, é a sociogênese da prática esportiva remunerada e dos conflitos em torno de sua legitimação.

Dunning e Sheard fazem crer que a resistência em introduzir a remuneração no esporte decorria menos de uma questão moral, própria ao *ethos* amador, e mais a uma estratégia para manter os membros das classes trabalhadoras afastados de certos circuitos de sociabilidade. Na prática, vários clubes de *rugby* recrutavam jogadores entre os artesões e outros trabalhadores menos prestigiados, desde que eles se submetessem às regras do amadorismo. A adesão implicava uma espécie de fronteira simbólica de classe à qual os trabalhadores eram forçados a transpor caso pretendessem praticar esse esporte. Indiretamente, a adesão ao amadorismo limitava o acesso dos operários, pois eles não dispunham de tempo para treinos, jogos e viagens, nem mesmo folga do trabalho para tratar as lesões. Tais privilégios tinham os jovens de classes

---

<sup>285</sup> Já expressei alhures um certo descontentamento com os recortes e datações atinentes à história social do futebol brasileiro, mas como trabalho com argumentos em diacronia sobre um determinado tema em particular, e não propriamente com a história social, aproprio-me dessa bibliografia sem entrar em pormenores. Assim sendo, Caldas (1990), Pereira (2000) e Leite Lopes (1994), Antunes (1994;1996), (2000), Mascarenhas (2001), Silva Jr (1996) e Coimbra e Noronha (1994) são algumas das fontes aqui utilizadas para o caso brasileiro. Archetti (1999) e Frydenberg (1997) são as principais referências para a história social do futebol na Argentina. Para uma análise do profissionalismo na França, no período mais recente, cf. Faure e Suaud (1994), e em perspectiva historiográfica Wahl e Lanfranchi (1995).



mais abastadas, cujo ingresso no mercado de trabalho poderia ser retardado, sobrando-lhes tempo para os esportes.

As restrições também contribuíam para que os membros da nova burguesia mantivessem um certo equilíbrio técnico. Se fossem permitidas certas concessões, como a recompensa em dinheiro, a massa de trabalhadores tornar-se-ia passível de recrutamento e, por extensão, os clubes mais fechados, que recrutavam apenas egressos de *Public Schools* acabariam tendo prejuízos técnicos. Diferentemente do *rugby*, o *cricket* - cujo controle era exercido pela aristocracia e pela nobreza - admitira a monetarização e a convivência pacífica entre classes distintas desde o século XVIII. “La certitude d’être socialement dominants assurait aux aristocrates et aux gentlemen un statut d’une très grand stabilité, en sorte qu’ils n’étaient nullement effrayés par les contacts avec leurs subordonnés (DUNNING e SHEARD, 1992, p. 103). O *cricket*, tal qual o futebol, também passariam por transformações e conflitos em direção ao irreversível processo de profissionalização, o qual significou, principalmente, a apropriação dos esportes por parte das classes trabalhadoras. Porém, nada comparado à relutância observada no *rugby*<sup>286</sup>.

O *ethos* amadorístico seria paulatinamente suplantado com os novos significados atribuídos ao esporte, já no decorrer do século XIX. Em lugar da prática esportiva como “um fim em si mesma”, uma espécie de exercício do auto-controle e refinamento das atitudes, ou ainda, da idéia de *fair-play* (rivalidade amigável), emergira um modelo esportivo que afirmava novas formas de sensibilidade. Com as classes trabalhadoras forçando a monetarização, a prática esportiva pretensamente desinteressada, em forma de *Bildung*, foi relegada a um segundo plano. Em contrapartida emergiu, gradativamente, espetacularização. Os clubes passaram a arrecadar dinheiro com as mensalidades cobradas dos associados e com a venda de ingressos para os jogos, podendo pagar prêmios e mais tarde salários. Os que possuíssem mais aficionados remuneravam melhor e assim recrutavam os atletas de mais talento. Em pouco tempo havia sido criado um circuito competitivo que despertava o interesse generalizado, algo distante do *ethos* amador.<sup>287</sup>

---

<sup>286</sup> O conflito em torno da monetarização do *rugby*, que conduziria à cisão deste esporte em duas modalidades distintas, ocorrido ao longo dos anos de 1880, travou-se num contexto que tinha como pano de fundo um acirramento das disputas de classe. Parte dos dirigentes da Rugby Football Union (RFU), entidade que congregava clubes de várias regiões da Inglaterra, era sensível à pressão exercida pelos jogadores recrutados entre as classes trabalhadoras. Outra parte dos dirigentes era intransigente e o conflito entre eles acabou redundando na cisão da RFU, sediada em Londres, e na criação não apenas de uma liga independente, sediada em Leeds, mas também em ligeira transformação nas regras do jogo – o *rugby* jogado com 15 atletas permanece ainda hoje amador e ligado à RFU enquanto o *rugby* jogado com 13 é praticado por amadores e profissionais e encontra-se disseminado pelo mundo.

<sup>287</sup> Sobre isto cf. Sevchenko (1994).

Às classes altas restaram duas alternativas. A primeira delas foi a permanência em circuitos amadores, como no caso da RFU, que jamais tolerou entre os clubes filiados aqueles que distribuíssem recompensa monetária a seus atletas. Um segundo movimento, nomeado por Elias e Dunning (1992) de “democratização funcional”, caracterizou-se pela migração das elites, na própria esfera esportiva. Em certos casos, houve o abandono da modalidade esportiva, em detrimento de outras tidas como mais prestigiosas (do futebol para o tênis, por exemplo); noutros ocorreu a permanência, com a transição da prática para a administração<sup>288</sup>. O berço da democratização funcional na Europa foram as cidades do norte da Inglaterra, região mais industrializada, recentemente urbanizada e contando com o êxodo de imigrantes de lugares diversos, desejosos de constituir novas formas de identidade e sociabilidade. As agremiações de bairro, vila operária, distrito ou fábrica responderam satisfatoriamente a tal demanda, gerando, por seu turno, um novo padrão de disputa esportiva e pertencimento social<sup>289</sup>.

A diáspora esportiva, na qual o futebol desempenhou um lugar destacado, arrastou consigo os germes do conflito entre amadorismo e profissionalismo, em que pese os esforços, no Brasil e na Argentina, por exemplo, em preservar-lhe o *ethos* amadorístico. As pesquisas em história social dão conta da existência do conflito praticamente desde a fundação dos primeiros clubes e ligas de futebol, embora o profissionalismo viria a ser adotado oficialmente apenas nos anos 30 - em 1933 pelo eixo Rio-São Paulo; em 1937 por Grêmio e Internacional; e nos demais estados, cujas datas são imprecisas, não antes de 1933.

#### 9.1.2.2 A consolidação do clubismo e a autonomização do *métier* de jogador

A etapa subsequente do processo de mercadorização dos pés-de-obra corresponde à institucionalização da compensação pelo tempo não trabalhado, progressivamente afirmada com a espetacularização do futebol. Esse processo poderia, grosso modo, ser descrito como um processo de consolidação do clubismo para além dos circuitos burgueses, e em moldes diversos daqueles inicialmente praticados. A contrapartida foi a adesão popular às instituições criadas e controladas pela elite, com o aumento da concorrência entre as agremiações em torno das quais instituíram-se redes alargadas de pertencimento social e afetivo, contrastando com a criteriosa seleção dos associados, típica dos clubes amadores. Trata-se, portanto, de um processo de

---

<sup>288</sup> Esta é a razão pela qual os clubes de futebol no Brasil, em que pese seu apreço popular, são controlados por agentes sociais egressos da elite política e econômica. Para se comprovar esta assertiva, basta observar a composição dos conselhos deliberativos (espécie de parlamento dos clubes), já referido no capítulo 6.

<sup>289</sup> Cf. Hobsbawm (1984).

autonomização do futebol, gerador de demanda por pés-de-obra especializados. Fez-se da contra-prestação monetária um dispositivo concorrencial, seduzindo aqueles que até então dispunham seu talento a partir de critérios não econômicos, tais como vínculos afetivos, de local de moradia (bairro, vila operária, etc), de trabalho (clube de fábrica) e assim por diante. É nesse cenário (e não período!) que tem origem a circulação de atletas, pois até então mudava-se de clube por razões não-utilitárias - desavenças pessoais, mudança de emprego, cidade, etc.

O período do entre guerras corresponde, em linhas gerais, à efervescência desse processo, pois é justamente nessa época que o futebol, impulsionado pelos nacionalismos, galgou espaço em relação a outros esportes, dadas as simetrias entre o clubismo e o nacionalismo - já referidas nos capítulos 2 e 6. O fascismo italiano desempenhou, a este respeito, um papel central, embora não tenha sido o único motor das transformações. Jamais se deve esquecer que o sistema FIFA é articulado em escala internacional, de tal modo que as transformações locais, dependendo da sua natureza, reverberam localmente, pouco importa a região do planeta onde está sediado o clube, desde que ele esteja conectado ao sistema. À época, o próprio conglomerado FIFA estava consolidando-se, mas o fato da diáspora futebolística ter seguido as regras do *football association*, e sendo a prática esportiva mediada pelas regras, nesse caso universalizadas, implicava a possibilidade de circulação de atletas, já naquela época. Esta não era, entretanto, uma prática corrente, sobretudo em escala transnacional. Diferentemente de Hitler, que optara pelo olimpismo - tendo a Alemanha realizado participações discretas nas copas de 34 e de 38 -, Mussolini decidira investir pesadamente no *calcio*, organizando e vencendo a Copa de 34, e inclusive a subsequente, em 38, na França, há um ano da eclosão da IIª Guerra<sup>290</sup>.

A política fascista implicou no repatriamento de imigrantes e descendentes, sendo que a Argentina tornou-se o principal alvo, pois nela o futebol de espetáculo já havia sido consolidado, e a população de imigrantes italianos era considerável<sup>291</sup>. Os clubes argentinos revidaram, contratando as vedetes brasileiras da época: Leônidas da Silva e Ademir da Guia, que de resto já haviam atuado também no Uruguai. O movimento não era intenso do ponto de vista quantitativo. Não representava, sob esse aspecto, uma ameaça ao futebol brasileiro, como tem sido freqüentemente reproduzido, mas constituía uma provocação, pois a rivalidade entre brasileiros e argentinos era intensa. Como poderia ser admitido que os argentinos, logo eles, levassem as vedetes nacionais sem qualquer contrapartida? Todavia, isso não seria motivo suficiente para a adoção do profissionalismo, nem para a autonomização da profissão de jogador.

---

<sup>290</sup> Sobre o uso estratégico das copas de 1934 e 1938 por Mussolini, cf. Vassort (1999, p. 176-180).

<sup>291</sup> Na seleção italiana campeã mundial em 1934, havia 4 jogadores nascidos na Argentina e posteriormente "naturalizados".

Desde os anos de 1910 - pouco mais de uma década desde a introdução do futebol no Brasil - há indícios de pagamento e recebimento de prêmios. O The Bangu Athletic Club, criado pelos ingleses que trabalhavam na Companhia Progresso Industrial, contou desde o início com alguma modalidade de recompensa aos empregados que se destacassem no futebol: abono de faltas, pequenas promoções, dispensa do trabalho em caso de lesões ou mesmo para o treinamento, além das tradicionais confraternizações. Outros clubes também usaram desse expediente, de tal modo que os prêmios passaram a se denominar “bichos” - pela equivalência econômica com os prêmios dados pelo jogo do bicho, igualmente “ilegal” - e tornaram-se uma constante em muitos clubes cuja gestão seguisse um modelo mais próximo do paternalismo de fachada nacional do que do *ethos* burguês e amadorístico. Apenas nos clubes onde o processo de recrutamento era fechado, circunscrito a jovens de classe média e alta, não havia recompensa pecuniária.

A generalização dos prêmios instituiu uma espécie de profissionalismo camuflado, mas continuou sendo tolerado desde que não fosse demasiadamente escancarado. O “amadorismo marrom” - roto, manchado, borrado, etc. -, como era denominado o falso amadorismo, irrompeu uma crise sem precedentes quando o Vasco da Gama escancarou o mecenato. A crise no futebol de elite se agravou no início dos anos 30 também porque os mecenas do amadorismo, geralmente ligados à aristocracia, como era o caso dos cafeicultores paulistas, entraram em decadência e não tiveram mais condições de bancar os clubes amadores, quanto mais o profissionalismo<sup>292</sup>.

De outra parte, a consolidação de um público para o futebol no Brasil, com a construção e/ou ampliação dos estádios, tornara o referido espetáculo rentável o suficiente para bancar os prêmios e, em seguida, os salários dos futebolistas. Criara-se um novo mercado laboral, ainda incipiente, por certo, mas bastante atraente para egressos das camadas populares, beneficiados com a concorrência entre os clubes e a debandada dos jovens bem-nascidos. Não obstante, a entrada dos negros e dos populares em geral nos clubes de elite - até então freqüentados e comandados pela elite - não ocorreu sem que tivesse havido uma fronteira demarcando o status de associados e atletas, cabendo aos primeiros o poder de gestão do futebol dos clubes e federações. Mais especificamente, o poder recaiu sobre uma classe de maior status entre os associados, os ditos conselheiros - homens de “relevantes serviços prestados ao clube”, também denominados de “próceres”, “paredros” e “cartolas”. Esta segmentação gradativa e a estabilização dos papéis, com a demarcação precisa das competências e status, redefiniu a sensibilidade estética dos torcedores e a ética dos novos profissionais.

---

<sup>292</sup> Embora os atletas não fossem remunerados, contabilizavam-se gastos com a manutenção do clube, despesas com fardamentos e viagens.

Com o clubismo consolidado e a cobrança de ingressos, não havia como restringir o acesso do público que já não se dirigia ao estádio para ver as performances de Marcos Carneiro de Mendonça, *goalkiper* do Fluminense, como destaca Pereira (1996). Torcia-se pelo Fluminense, e contra ele, uma instituição clubística já constituída num circuito aberto. Os que jogam representam o clube, como antes, com a diferença de que recebem para tal. Se eles ganham, não há problema em aplaudi-los, afinal é o Fluminense quem vence. Se eles perdem, não há porque não xingá-los, afinal eles não só fizeram o Fluminense perder, como deixaram de retribuir com a vitória a confiança e o ingresso pago pelos torcedores. Como atletas da estirpe de Marcos Carneiro de Mendonça tornaram-se raros, em contrapartida ao aumento daqueles recrutados entre as classes trabalhadoras, os xingamentos tornam-se freqüentes e despudorados, especialmente nas gerais, onde a presença do público feminino torna-se escassa.

É certo que as coisas não se passaram assim tão mecanicamente, mas é impossível de se compreender por que se xingam os jogadores do próprio clube - e mesmo por que os xingamentos são uma espécie de marca diacrítica do espetáculo futebolístico no Brasil - sem entender essas transformações. Os negros forçaram seu ingresso nos clubes de primeira linha, sendo que a essa mudança no perfil dos atletas correspondeu um novo perfil daqueles que torcem, para não dizer no torcer. O que se pode notar é uma espécie de desglamourização nas e das torcidas. Mais homens e menos mulheres, menos flores e mais frutas, menos “ais” e “uis” e mais xingamentos, palavrões, ameaças, agressões e toda a sorte de hostilidade que, apesar das variações, demarcam um dado padrão de sociabilidade masculina.

A profissionalização do futebol, à maneira como vem sendo pensada nesta tese, é um tanto avessa às datações convencionais, como dito anteriormente. O ano de 1933 pode, de qualquer modo, ser tomado como referência, pois o acordo celebrado entre as ligas carioca e paulista, incluindo-se o ressarcimento pela transferência de atletas, inaugura não apenas uma modalidade de conchavo entre os gestores futebolísticos, assim como consolida um novo estatuto para os atletas: o de mercadorias. Desde então um futebolista só poderá se transferir de uma instituição à outra mediante o consentimento expresso daquele que até então detinha o vínculo com o referido atleta. Trata-se, pois, de uma forma de proteção em relação ao assédio de clubes estrangeiros, uruguaios e argentinos, mas não é apenas isso que está em jogo. Além de constituir uma nova fonte de receita às instituições de menor porte - geralmente cedentes - o acordo visava impedir que os clubes se tornassem reféns do livre mercado laboral. Assim, não bastava um clube oferecer a determinado atleta uma quantia superior a que ele estivesse recebendo, no clube em que atuava, para contar com seu futebol. Tornara-se necessário indenizar o clube que, sendo assim, poderia exercer uma pressão em contrário, elevando o preço

da indenização a ponto de inviabilizar a transação e, por extensão, manter em um patamar baixo o salário dos atletas.

Sem que se pretendesse, estava criada a Lei do Passe - oficializada nos termos da lei em 1976 -, um acordo de cavalheiros entre os clubes que a FIFA decidiu avalizar até os dias atuais. Sendo assim, os atletas tornaram-se uma mercadoria, pois a FIFA, detendo o monopólio do futebol profissional, inviabiliza aos futebolistas a oferta de sua força de trabalho em outro mercado, além de regulamentar a compra e a venda dentro do próprio sistema em relação ao qual detém o poder decisório, podendo afastar um clube de seu quadro caso este venha a desrespeitar seus códigos, o que na prática representa a sua extinção futebolística. Do ponto de vista dos jogadores, portanto, ou aceita-se as normas da FIFA, ou abdicava-se de receber dividendos com a prática do futebol.

Com mais ou menos intensidade, sempre matizado pelo suporte do público e de alguns mecenas, e não raro com verba pública, o futebol consolidou-se como espetáculo. A invenção do jornalismo esportivo é produto e produtora dessa transformação, a que corresponde a autonomização da profissão de bofeiro dentro do campo controlado pela FIFA. Em quase todos os países da Europa ocidental e na América do Sul, sobretudo no Brasil, no Uruguai e na Argentina, os anos 30 correspondem ao surgimento dos primeiros profissionais exclusivamente dedicados ao futebol, os primeiros dispositivos de preparação, a legalização da profissão e, para os fins que nos interessam, a circulação de atletas<sup>293</sup>. Nesse período, desaparecem de cena atletas como o gremista Foguinho, por exemplo, que se negavam a receber proventos dos clubes, mesmo que não pertencessem às classes altas. E aparecem as vedetes, como Leônidas da Silva e Ademir da Guia, disputadas a dinheiro pelos clubes melhor dotados de capitais - lembrar da conversão de capitais explicitada na primeira parte do capítulo 2, sobre o clubismo.

### 9.1.2.3 A ética capitalista e a globalização do mercado para pés-de-obra

O terceiro estágio da mercadorização, ao qual corresponde a consolidação do futebol como espetáculo e, portanto, como um bem simbólico com valor econômico, pode ser notado com nitidez a partir do pós-guerra, quando as agências de controle consolidam-se internacionalmente, desenvolvendo uma política de expansão futebolística sob a ética

---

<sup>293</sup> Trata-se, grosso modo, de um processo que reserva paralelos com a conversão de uma classe de artesãos em artistas e que, como mostra Moulin (1997, p. 249-74) não teria sido possível sem a constituição de um mercado, compreendendo a aparição de consumidores, críticos, *marchands*, enfim, da autonomização da própria arte em suas diferentes especialidades.

capitalista<sup>294</sup>. Isso pressupõe, em linhas gerais, um esforço para converter os torcedores em consumidores e o espetáculo num enorme *patchwork* publicitário. O que quer que seja dito acerca desse processo, é inegável que seu êxito reside, entre outras estratégias, na preservação da lógica clubística, a força motriz que o diferencia de alguns outros esportes, como o vôlei e o basquete, disseminados em muitos países, mas clubisticamente consolidados em alguns deles apenas - não é o caso do Brasil, à exceção, talvez, do Rio de Janeiro e de São Paulo.

E onde residiria, no presente contexto de mercadorização dos atletas, a preservação do clubismo, uma espécie de residual do *ethos* amador? Na restrição à livre circulação de atletas ou, preferindo-se, na moralização do mercado laboral, impedindo que um futebolista defenda, simultaneamente, duas agremiações distintas, mas não impedindo que ele mude de uma a outra em circunstâncias específicas, o que inclui, quase sempre, uma contraprestação econômica. Em outros termos, a FIFA permite a mercantilização de atletas, o que gera, por si só, um mercado rentável (e suspeito, em certos casos), mas impõe, muito sutilmente, uma restrição fundada na ordem simbólica, correspondente à mesma ordem de valores que impede os torcedores de trocarem de clube: enquanto você pertence a alguém, não pode pertencer, simultaneamente, a ninguém mais. Esta norma arbitrária visa adequar a circulação de atletas às regras do clubismo, um sistema mais vasto e anterior ao mercado generalizado de pés-de-obra. Também orienta as competições entre seleção que representam os Estados-nações. Nesse caso, interdita-se completamente a circulação de atletas, impedindo que alguém, tendo atuado em jogos oficiais por uma seleção, venha a integrar a equipe que representa outra nação. Atualiza-se, assim, um código mais amplo, próprio aos Estados-nações, que se não impedem ao menos restringem a livre circulação de pessoas.

Num e noutro caso, as restrições impostas ao mercado de pés-de-obra conformam a maneira como circulam as emoções futebolísticas que, por seu turno, reforçam a verossimilhança com determinadas instituições modernas. Mais do que parecer verossímeis, os gestores do futebol de espetáculo estão atentos às possibilidades de lucrar economicamente com os nexos existentes entre sistemas simbólicos relativamente autônomos. Ou seja: devem saber dos riscos que implicaria a livre circulação de pés-de-obra, e calcular os danos representados,

---

<sup>294</sup> Pode-se, para fins práticos, dividir o mercado de bens associados ao futebol em dois grandes blocos distintos: a) mercado dos produtores de bens, dos jogadores propriamente ditos (eles não são os únicos produtores do espetáculo, mas são os únicos que têm valor econômico); b) mercado de bens, incluindo-se os espetáculos de arena; as recriadas a partir dele, através dos mídias; toda a ordem de noticiário diário, além de fotos, reportagens e biografias sobre a trajetória e os estilos de vida das vedetes; material esportivo e uma infinidade de outros produtos. Só para dar um exemplo em torno da disseminação do vestuário esportivo, do qual o futebol contribui significativamente, não custa lembrar que “une grande majorité (80%) des chaussures de sport achetée aux États-Unis sont aujourd’hui portées hors des terrains de sport, dans la vie de tous les jours” (Bensahel e Fontanel, 2001, p. 83). Sobre a recriação do futebol pelos mídias cf., entre outros, Gastaldo (2002; 2004) e Rial (2001).

por exemplo, pela possibilidade de se estender às seleções nacionais a mesma lógica que preside o clubismo, permitindo que atletas sejam recrutados economicamente. Talvez isso venha a ser adotado no futuro, quando os exércitos forem completamente profissionalizados, mas por hora mantém-se um certo romantismo-se, em copas do mundo, existisse a possibilidade de recrutamento para além das fronteiras nacionais, provavelmente não seríamos pentacampeões.

Isso revela a atuação estratégica da FIFA, como corporação multinacional que preserva os interesses do futebol de espetáculo e, por extensão, de todos os que dele se beneficiam. Também explicita alguns dos nexos entre o global e o local, pois a formação/produção de atletas em configurações particulares, como no Internacional, está plenamente integrada, e como tal susceptível, a dados dispositivos definidos por agentes e agências distantes do local onde eles reverberam. É apenas no curso do segundo estágio, correspondendo à consolidação do clubismo e na autonomização do *métier* de jogador, que se pode falar em mercadorização do dom. Se, como dito no princípio deste capítulo, o dom não é algo absoluto, o que quer que os nativos entendam por ele, mas o produto da relação entre aquele que o detém e aqueles que o reconhecem, fica difícil pressupor o dom lá onde o público não existia ou era escasso. O dom, que se presta para pensar a trama entre atletas e público, não é senão o produto desse encontro, possível apenas em dado estágio do processo de esportivização e mediado por ele. Altera-se o processo, alteram-se também os sentidos para o dom, razão pela qual ao incremento mercadológico correspondem novas práticas, agentes e significados, incluindo-se, no presente, os agentes/empresários, mercados especializados do dom<sup>295</sup>.

Todos os futebolistas possuem dedicação exclusiva ao clube com o qual possuem vínculo, sendo que este foi por tempo determinado desde as últimas mudanças nas legislações européia e brasileira<sup>296</sup>. No presente, as legislações nacionais dos principais países futebolísticos limitam os contratos a tempo determinado, estando ambos, atletas e clubes, desvinculados desde seu término. Nada impede que os contratos sejam modificados ao longo da sua duração, podendo ser rompidos unilateralmente em casos previstos pelas leis trabalhistas ou conforme as legislações

---

<sup>295</sup> Neste particular, abre-se uma brecha na teoria eliasiana, sobretudo nas análises que apropriam-na sem considerar que o processo social, que serviu como base à teoria em questão, é datado, prioritariamente, nos séculos XVIII e XIX. Desdobram-se, no presente, os processos sociais, e com eles a produção de sentidos, necessitando novas ferramentas conceituais.

<sup>296</sup> “Em 1976, é promulgada a lei que regulamentou a profissão de jogador (6.354, lei do passe). Segundo a imprensa, foi a primeira vez que se usou a palavra 'passe' com esse sentido (artigo 111). Fixava o passe livre aos jogadores com 32 anos e dez anos de clube. Posteriormente, em 1993, a lei Zico (8.672) estabeleceu que o valor, forma e pagamento na negociação do passe deveriam ser reguladas pelo INDESP (Instituto nacional de Desenvolvimento do Desporto, autarquia presidida pelo ministro responsável), e que o vínculo empregatício se daria durante a vigência do contrato de trabalho” (TOLEDO, 2004). Para maiores detalhes acerca da mudança da legislação brasileira, cf. Proni (2000) e Melo Filho (2000). Para as mudanças na legislação européia a partir do “caso Bosmann”, cf. Slimani (2000) e Faure e Suaud (1999).



específicas ao estatuto do atleta. Quando um clube assedia um jogador com contrato em vigor, o faz através de uma oferta compensatória ao clube que detém o vínculo. Assim, a ruptura do contrato dá-se por acordo, mediante contra-prestação econômica. Quem regulamenta e fiscaliza os vínculos profissionais dos atletas é a FIFA, através de suas afiliadas, nacionais e locais (estaduais, no Brasil). Também existem as legislações nacionais que, seguindo os parâmetros das leis trabalhistas, impõem determinadas exigências a empregados (atletas) e empregadores (clubes). Se um clube burla a legislação trabalhista, corre o ônus de punição pela justiça do trabalho, mas muito mais graves são as punições previstas pela FIFA, pois elas podem acarretar a suspensão da filiação, o que implicaria a impossibilidade do infrator de disputar competições no âmbito do profissionalismo.

Em resumo, é a combinação dessas duas regulamentações da FIFA - dedicação exclusiva e possibilidade de transação durante a vigência do vínculo, mediante compensação - que torna os atletas mercadorias. Quando um clube detém “um” vínculo legal com dado atleta, eufemisticamente definido como “direitos federativos” (em alusão à FIFA), é como se ele detivesse “o” vínculo “do” atleta. No presente, o ideal, para os clubes, é que o vínculo seja de longo prazo - 5 anos é o tempo máximo permitido no Brasil -, pois isso garante que o atleta só deixará o clube mediante compensação. Quanto mais próximo do final do vínculo estiver o atleta, menores serão as chances de um clube ser compensado, pois nesse caso é suficiente ao clube interessado na contratação do profissional aguardar o término do contrato, o que o dispensa de qualquer contra-prestação econômica. Entretanto, há o risco de, ao se fazer um contrato longo com um atleta, ter de pagar-lhe salários mesmo quando ele tenha uma performance deficiente, o que de resto é freqüente. Há, pois, muitas possibilidades de se jogar com prazos, salários e “direitos federativos”.

À maneira do jogo propriamente dito, agentes, atletas e dirigentes de clubes não se limitam a operar no estrito contorno do que sugerem as regras, senão que o fazem a partir delas ou, simplesmente, jogado com elas. Daí porque a tão discutida reformulação do estatuto dos atletas, decretando o fim dos contratos por tempo indeterminado, não acabou com o “passe”, que muitos diziam ser um resquício escravagista. O fim dos contratos por tempo indeterminado retirou o poder das mãos dos dirigentes de clubes, que na antiga legislação podiam especular como o vínculo do atleta, e o repassou aos agentes/empresários, quando se pretendia, ingenuamente, que eles ficassem com os próprios futebolistas. Não se trata, tão somente, de inépcia dos boleiros em gerir sua vida profissional. Há que se considerar, a esse respeito, os valores implicados nas transações, as possibilidades de um mercado amplo, globalizado, a vulnerabilidade em relação aos juízos do público e dos críticos, a brevidade da carreira e, claro, o volume de capital social e simbólico desses trabalhadores, em geral vindos das classes populares,

jovens, com formação escolar precária, exauridos pela rotina da díade preparação-jogo e assediados por todos os lados.

A mudança de legislação acarretou, fundamentalmente, um realinhamento do poder sobre os vínculos e, por extensão, sobre os atletas. Perderam alguns dirigentes e, principalmente os mais tradicionais. Lucraram outros, dentre os quais aqueles aparelhados para enfrentar as mudanças na legislação esportiva e nos cenários mais amplos da economia em geral e da economia futebolística em particular. O futebol de espetáculo é constituído por diversos agentes com interesses igualmente plurais. Daí porque os vínculos não são apenas legais, mas altamente pessoalizados e constantemente negociados. Alguns casos concretos, tendo como objeto a manipulação de dons/talentos/capitais futebolísticos, auxiliarão na compreensão dessa diversidade.

## **9.2 O VALOR DO DOM E DE SEUS PORTADORES**

Os atletas em formação possuem um custo para a instituição, clube ou empresa, que neles investem: a manutenção dos espaços físicos, os salários dos formadores, os deslocamentos, os tratamentos por lesão e, sobretudo, os valores investidos no próprio atleta -em salários e, quase sempre, na aquisição de seus direitos federativos junto a outras instituições. Para que a formação/produção seja qualificada, é fundamental prezar pela excelência dos *sparrings*, aqueles com quem o sujeito treina e contra quem jogava. Como esses dispositivos têm valor econômico, não seria difícil calcular quanto custa produzir um atleta, não fosse o problema incontornável de que a mercadoria em questão é uma pessoa, e jamais deixará de sê-la, razão pela qual a reposta em relação aos investimentos é incerta, variando, seguidamente, aquém e além das expectativas. Foi o caso de Nilmar, descrito no capítulo 6, que rendeu ao Inter alguns milhões de euros, tendo sido adquirido num pacote em que o custo fora calculado com base nas expectativas em Sidmar, que sequer chegou a ser aproveitado na equipe principal. Casos como esses são rotina e largamente comentados na mídia.

São tantas as variáveis que compõem o preço dos jogadores que resulta infrutífero qualquer tentativa de precisá-lo. Isso acontece, entre outras razões, pelo fato de que tanto o futebol de espetáculo quanto os atletas são, antes de tudo, apreciados/consumidos como bens simbólicos e, portanto, avessos aos padrões convencionais de cálculo (BOURDIEU, 1994, p. 177-8). Todavia, seria possível realizar um estudo sobre a evolução do preço dos futebolistas depois do pós-guerra, especificando, por exemplo, as diferenças entre defensores, meio-campistas e

atacantes; as flutuações de preços no mercado interno e externo; a relação do preço dos futebolistas com as oscilações macroeconômicas e assim por diante.

O que se dispõe, no presente, são levantamentos, realizados quase sempre pela imprensa especializada, dando conta dos principais fluxos transacionais, particularmente do Brasil para o exterior, e do aumento expressivo no preço pago pelos jogadores. As razões que determinaram a escalada dos preços são, contudo, complexas e só podem ser compreendidas a partir das relações entre os principais mercados consumidores do espetáculo - Europa Ocidental, mas não só - e centros de formação/produção, situados nesses países ou fora deles. Legislações locais, flutuações econômicas e outros elementos exógenos ao campo futebolístico são imprescindíveis de serem considerados, de tal modo a estabelecer os nexos entre o local e o global, pois é certo que o chamado “boom das escolinhas” no Brasil, ocorrido nos anos 80, está intimamente vinculado ao aumento do fluxo de futebolistas brasileiros para o exterior. Enfim, em meio a tantas possibilidades e limitações, seguem alguns episódios de campo mostrando, concretamente, a diversidade de elementos embutidos no preço de um jogador. O interesse não é exatamente pelo valor econômico, mas antes pelo processo de constituição e pelas variáveis que estão em jogo.

### **9.2.1 Olheira e olheiro amadores**

Durante a Copa Santiago, em janeiro de 2002, presenciei uma cena cujo inusitado revela alguns dos elementos do “novo” mercado de dons, especialmente em se tratando da relação entre torcedores e formadores ou dirigentes de clubes. Uma senhora septuagenária, coloradíssima, havia deslocado-se de Santiago - cidade sede da competição, a Bossoroca, onde o Inter realizaria um de seus jogos - no ônibus de torcedores que para lá se dirigiu para dar suporte à equipe colorada, num dos jogos pela primeira fase da competição. A delegação de torcedores, organizada pelo cônsul local do Internacional, antecipara-se ao deslocamento dos atletas e da comissão técnica, de tal modo que, quando esta chegou ao local, foi ovacionada pelos que vieram de Santiago, somados aos colorados de Bossoroca. Os atletas, sob o comando do preparador físico, dirigiram-se aos vestiários, mas o técnico André Luiz e seu assistente, acompanhados do cônsul, permaneceram à beira do alambrado, observando a partida preliminar. A entusiasmada torcedora aproximou-se de André Luiz, chamando-lhe pelo nome e sugerindo intimidade, dizendo conhecer um “piá” que, segundo ela, era um fenômeno de goleiro. A descrição empolgada da senhora contrastava com o interesse do técnico, concentrado no jogo. Vez por outra, André Luiz dirigia-lhe perguntas protocolares, sem demonstrar o menor entusiasmo pela oferta: “quantos anos tem?”; “já jogou em algum clube?”; “fez algum teste?”. A estas indagações

breves a senhora respondia com detalhes, narrando lances espetaculares do garoto. As perguntas poderiam ser tomadas como indicativos de interesse a quem não vive no meio, mas aquilo que a senhora talvez esperasse - algo como: “precisamos vê-lo”, “falar com o pai dele”, “levá-lo a Porto Alegre”, etc - não aconteceu. A certa altura, André Luiz deu um basta: “tem de ver aí com o pessoal pro guri fazer um teste!” Dito isso, seguiu para o vestiário.

Há nesse episódio uma série de considerações. Não saberia indicar se a desatenção respeitosa de André Luiz - que ao menos fez as perguntas protocolares - devia-se mais ao fato da senhora ser mulher ou torcedora, mas é certo que a combinação inusitada contribuía duplamente para o efeito contrário às suas pretensões. Quanto mais entusiasmada era a descrição do “piá”, menores as possibilidades de que André prestasse atenção nela, pois ao invés de valorizar o prodígio, como supunha a torcedora, seu relato enquadrava-se na categoria de “conversa fiada”; coisa de torcedor “doente” ou “fanático”, um tipo existente em toda a parte, empenhado em ajudar o clube e, ao mesmo tempo, galgar status entre os demais torcedores ou entre os familiares de meninos prodígios. A idéia de que o acesso aos centros de formação é restrito e demanda a atuação de mediadores, ditos “QIs” (“os que indicam”), é amplamente disseminada e os mediadores valorizados, como pessoas que possuem relações com dirigentes influentes no clube. Mediar o acesso de um menino em um centro de formação significa, pois, ser assediado por outros prodígios ou seus representantes, numa rede interminável do tipo “eu conheço alguém que conhece um QI ou olheiro”.

Tornar-se um “QI” também implica no reconhecimento de que se é um “entendedor de futebol”, “um olheiro”, uma espécie de descobridor de talentos. Disso resulta o mais manifesto dos inusitados, pois André Luiz estava diante de uma pretensa “olheira”, sendo notório o constrangimento a que se submetiam os interlocutores, aos ouvidos dos que estavam na volta, embora a torcedora não se desse conta disso. Ela não tinha nada a perder, por certo, mas André Luiz sim, pois não convém, por um lado, expressar qualquer grosseria em relação aos torcedores, quanto mais a uma senhora que havia se deslocado de uma cidade a outra para assistir a um jogo que nem era decisivo e, por outro lado, não é recomendável dar crédito a tais descrições. Interessar-se pelo prodígio seria, no caso de André Luiz, deixar transparecer que se está desatualizado em relação à lógica social do mercado de talentos -ver caso de Jordan, a seguir.

O suposto talento era goleiro, um tipo pouco apreciado - “goleiro e zagueiro você fabrica, não requer talento” (Dadá, em julho de 2002, olheiro do Vitória-BA em Conceição do Macabu) -, pois os talentos decrescem de valor a partir do ataque em direção à defesa; possuía 13 ou 14 anos - a senhora não sabia precisar, o que também era grave - e havia se destacando em competições escolares: nenhum clube, nenhum teste, enfim, faltavam as informações que efetivamente interessam aos técnicos e dirigentes de clubes. Se era invulgar, como ainda não havia sido

assediado por nenhum agente/empresário? Ou, em sentido inverso, se tal não havia ocorrido, os atributos do suposto prodígio talvez fossem o produto da *illusio* da torcedora/olheira. Quaisquer que fossem seus atributos e independente do que tenha se passado com ele, se um agente/empresário o levou para algum lugar, por exemplo, o certo é que no Inter ele não apareceu e não ouvi André Luiz, nem outro membro da delegação colorada, voltar ao assunto.

Com o tempo, haveria de observar outros episódios semelhantes, mas jamais protagonizados por uma “olheira”. Em Conceição do Macabu, tão logo a delegação do Inter foi acomodada numa pousada, apareceu um adolescente intermediando um “teste” para outro menino, também goleiro. Diferentemente da olheira de Santiago, o garoto de Macabu mostrara-se bem mais persuasivo em seu intento, tanto é que o teste foi realizado. Ele próprio se dizia goleiro, mas já passado da idade de ser testado entre os juvenis. Não era um torcedor do tipo fanático e dominava alguns códigos dos boleiros, razão pela qual barganhou, desde a chegada da delegação do Inter, sua inserção entre nós. Aproximara-se da pousada com duas preciosidades: um equipamento de vídeo game com os respectivos CDs de jogos e uma pasta com um pretenso sigilo: o esquema tático da equipe local, que também participava da competição. O vídeo foi logo levado para o quarto dos atletas colorados, de quem ele tornara-se “bruxo” - amigo, camarada, protegido, no vernáculo futebolístico. Já a pasta foi ridicularizada pelo auxiliar técnico, desinteressado pelos segredos da frágil equipe local, goleada pelo Inter, uma semana depois. Durante a estada da delegação em Macabu, o intermediário tornou-se uma espécie de nativo vip entre os meninos do Inter, pois, além do vídeo e dos jogos, ele tornara-se o elo entre os forasteiros e as meninas locais, que passaram a freqüentar a entrada da pousada em proporções crescentes. Como a saída da cidade foi tumultuada por uma briga ao final de um jogo, tenho dúvidas de que ele tenha sido retribuído de alguma forma pela delegação colorada. Entre os conterrâneos, talvez tenha se tornado referência, algo do tipo “aquele que freqüentava a delegação do Inter”; um capital social considerável se levado em conta o prestígio dos futebolistas, mesmo que em formação.

Jordan, o treinador de goleiros, estava obcecado com as medidas e visto que o “teste” tinha o perfil procurado a avaliação foi agendada, mesmo sendo caçoada pelos outros membros da delegação. “O que é que tem, não custa experimentar, o cara tem boa estatura, boa envergadura...”. E depois do teste: “perda de tempo, o cara nunca tinha pegado na bola, mas se eu não fizesse o teste ele continuaria enchendo o saco, junto com aquele outro [o mediador], que queria uma camiseta do Inter!”

### 9.2.2 A arte da tergiversação

Durante a Taça Macaé, acompanhei André, auxiliar-técnico do Inter, em uma jornada de “observação dos adversários”. Logo após o café da manhã, saímos de Conceição do Macabu em direção a Macaé, aproximadamente uma hora e meia de viagem. Assistimos ao jogo entre Corinthians e CFZ pela manhã e, à tarde, seguimos em direção a Córrego d’Ouro, a 40 minutos de Macaé, para assistir ao jogo entre a Seleção da Serra e o Grêmio de Porto Alegre. Seleção da Serra fora uma espécie de nome fantasia dado à equipe recrutada e preparada com um mês de antecedência à competição. Eram garotos da região de Macaé assim subdivididos: a base era formada por atletas de capital futebolístico mediano, que residiam na região; um grupo de coadjuvantes, de menor prestígio, havia sido recrutado na própria comunidade de Córrego d’Ouro; finalmente, os enxertos, agregados ao grupo de última hora, eram os mais talentosos e pertenciam a agentes/empresários que usam competições como essa de vitrine, visando despertar o interesse de outros agentes de maior prestígio ou mesmo das comissões técnicas e dirigentes dos grandes clubes que participam do torneio. Daí porque os torcedores locais, presentes em bom número naquela tarde, não sabiam precisar o nome e tampouco quem eram alguns dos garotos que jogavam pela equipe de sua cidade. Como a Seleção da Serra enfrentasse o Grêmio de igual para igual, era óbvio que parte daqueles garotos já haviam sido treinados em centros especializados, de clubes médios ou grandes.

A certa altura do segundo tempo, postei-me próximo da linha de ataque do Grêmio, onde estavam André e Pantera. Pantera era morador de Macaé, um tipo carismático, apreciado entre os colorados desde as edições anteriores da taça. Sempre acompanhado do filho Rafael, Pantera circulava pelas três cidades em sua velha Parati; combustível à míngua, fazendo pequenos préstimos aos colorados - uma carona ao supermercado, uma informação qualquer, uma dica, etc. Em troca, entrava e saía das hospedagens sem restrições, e ao final ganhou um kit colorado, com agasalho, camiseta, boné, calção, enfim, uma quantidade razoável de presentes que ele amealhou entre a comissão técnica, e provavelmente passaria adiante, pois já não dispunha dos presentes que ganhara no ano anterior. De fala e gestos demorados, Pantera estava sempre a fim de uma “resenha”, como se denomina, na gíria dos boleiros, qualquer modalidade de conversa, desde os bate-papos informais até as carraspanas a que são sujeitos os atletas seguidamente. Em todos as modalidades de trocas com Pantera, havia algo de afetuoso, tanto é verdade que ele foi às lágrimas na despedida. “Ele vai chorar na saída”, prenunciara André. E chorou: “como sempre”, reafirmou o auxiliar-técnico.

Não muito tempo depois, juntou-se a nós Wesley, técnico do Vitória-BA, acompanhado do preparador físico e do treinador de goleiros. Vieram de táxi de Macaé para assistir ao jogo e

colher informações sobre as equipes, dentre as quais sairia o adversário do Vitória na etapa seguinte. Cumprimentei Wesley, a quem conhecera em Santiago, e passei a ouvir seus comentários sobre os atletas da equipe local. Ele fizera anotações acerca do esquema tático das equipes, em um pequeno papel apoiado na palma da mão e depois passou o tempo dizendo, basicamente, que um e outro atleta da Seleção da Serra era “gato”<sup>297</sup>. “Como é que pode uma equipe, juntada às pressas, enfrentar um time grande, de igual prá igual? Só pode ter gato; tem muito gato aí, é claro. Olha o número 4. Esse daí tem idade de profissional, nem prá júnior serve!” Limitei-me a ouvir seus comentários, com os quais André concordava. Vez por outra propunha uma discussão, fazendo um juízo acerca de um ou outro atleta. “O número oito se movimenta muito bem, tem bom domínio de bola, dizem que foi o destaque do jogo de ontem!” Sem pestanejar, Wesley seguia daí em diante: “É gato, conheço só pelo jeito dele jogar, é jogador experiente, rodado, o jeito que ele articula o jogo não é de moleque, não, é de quem já rodou um bocado!” E assim prosseguimos até o final do jogo, que terminou zero a zero e classificou a equipe local.

Intrigou-me a quantidade de “gatos” que Wesley e André encontraram e comentei com este último meu estranhamento. Ele argumentou que aquilo poderia ser despiste de Wesley, tentando “nos tirar da parada” e, pelo sim ou pelo não, ele próprio endossara as opiniões do técnico do Vitória. A atuação de um dos zagueiros, o “número 4”, fora irreparável, e André tratou de saber junto a Pantera se, efetivamente, aquele atleta não tivera sua documentação adulterada. “Se ele é mesmo 85 então vamos levá-lo!” Rafael, o filho de Pantera, afirmou ter estudado com o garoto, nascido em 1985, o que fez com que André repassasse a informação aos demais membros da comissão técnica e, de modo especial, a Jorge, supervisor do clube e chefe administrativo da delegação, cujas atribuições no Inter incluíam, à época, o recrutamento de atletas às categorias mirim e infantil - 14 e 15 anos, respectivamente.

Dois dias depois, eles retornaram a Córrego d’Ouro, com a Parati de Pantera, para ver o garoto jogar e aproveitaram a ocasião para conversar com os pais dele, em Macaé, conferindo se a documentação estava “em dia”. Nos dias seguintes, o assunto reapareceu e, apesar da má vontade de Jorge, um tanto desconfiado, a possibilidade do garoto ser levado para um período de

---

<sup>297</sup> “Gato”, no léxico nativo, é o nome dado ao jogador que tem sua idade cronológica falsificada, para baixo, em torno de dois anos, na maior parte dos casos, visando tirar vantagem de sua presença entre atletas teoricamente mais frágeis fisicamente e menos investidos técnica e taticamente. Seria o equivalente a colocar um aluno em final de curso em meio aos que estão na metade. Mesmo que o mais antigo seja medíocre, a tendência, se o curso tiver bons critérios de avaliação, é de que ele se sobressaia entre os que, em tese, dispõem de menos conteúdos apreendidos. Os “gatos” são forjados por agentes/empresários e, no presente, prestam-se mais para o mercado externo, pois localmente os clubes de primeira linha estão cautelosos em relação às vantagens de ter gatos entre as categorias de base. O que se diz é que eles fazem diferença ao longo da formação, mas depois de formados os limites do “gato” reaparecem e o que havia sido uma “grande promessa” vira uma “nulidade”.

testes no Inter foi se concretizando, em grande parte pela insistência de Pantera. Fora ele quem assumira a intermediação dos contatos e levava a comissão técnica do Inter até a casa dos pais do garoto. A essa altura, o pai instituíra uma cláusula: o “85” sairia de graça, mas desde que o irmão dele, um “86”, também fosse incluído na transação. O “86” havia jogado pela seleção de Macabu, mas não despertara qualquer interesse das delegações que estiveram por lá. Como o “85” estava sendo levado “de graça”, Jorge conjecturou que a pedida do pai dos garotos era viável. “Ficamos com o mongolão por uns vinte dias e depois mandamos ele embora; daí só fica o que é bom de bola”.

Na sexta-feira, véspera do jogo contra o Vitória, pelas semi-finais do torneio, Pantera esteve na casa onde estávamos hospedados, já em Macaé, para buscar o fisioterapeuta e a comissão técnica para avaliar o joelho do ‘85’ - ele havia sofrido uma lesão no dia anterior. Como o pessoal do Inter fizesse corpo mole, Pantera tomou a iniciativa de buscar o garoto e trazê-lo até a hospedaria. No exame, foi diagnosticada uma lesão, não muito grave, nos ligamentos colaterais do joelho esquerdo, ficando acertado que o garoto embarcaria com a delegação do Inter, o que efetivamente ocorreu no sábado à tarde. A mãe impunha certa resistência, preocupada com o problema da violência em cidade grande - julgada absurda pelos colorados, na medida em que o “85” havia estado no Vasco, Rio de Janeiro, por três anos. A despedida ocorreu na tarde de sábado, sem muitas cerimônias, com abraços dos avós, da irmã e dos pais, visivelmente emocionados.

Durante a viagem de retorno a Porto Alegre, os irmãos “85” e “86”, sentados lado a lado, não se dirigiram a ninguém e só trocaram algumas palavras com o massagista do Inter, o mais descontraído e um dos membros de menor status na delegação. Ao chegar em Porto Alegre, os juvenis receberam folga, e eu só retornei a campo duas semanas depois, quando fui informado de que os “guris de Macaé” haviam abandonado a “concentra” dois dias depois da chegada, alegando que o frio era insuportável. Entretanto, havia quem suspeitasse que algum outro clube pudesse ter “posto grana na mão do pai dos garotos”. A propósito, o Vitória voltou a Salvador com três garotos da Seleção da Serra, entre eles o “número 8”, “gato rodado”, segundo Wesley.

A descrição é clara para notar as diferenças de atitudes em relação ao relato precedente. É difícil precisar os interesses de Pantera, mas sua credibilidade foi decisiva para a delegação colorada, pois as desconfianças em relação à idade do zagueiro recrutado persistiram mesmo depois de conferida a sua certidão de nascimento. “Ela pode ter sido bem falsificada”, sugeriu Jorge. A propósito, tal desconfiança revela um dos ingredientes desse mercado, tido como impróprio para “marinheiro de primeira viagem”. “Se tu quer realmente saber se o guri é gato ou não, manda vir o histórico escolar. Ajuda, mas não garante. Tem que ser mandado direto da



escola, porque até isso eles [agentes/empresários] falsificam”. E outra vez Jorge: “agora, se o cara é boleiro e o gato é bem feito [documentação adequadamente falsificada], deixa como está!”

#### Quando o “gato” constrange

No Internacional como em outros clubes tradicionais, os profissionais encarregados da formação, detentores do saber técnico, não dispõem de autonomia completa, sobretudo em relação ao recrutamento e seleção de atletas. Os conflitos são, na maior parte das vezes velados, e mesmo quando eclodem não chegam a causar estardalhaço, pois a formação/produção dificilmente reverbera midiaticamente, como tenho enfatizado. É o caso, por exemplo, da demissão do treinador Joel, em dezembro de 2002, a poucas semanas da competição mais importante da categorial juvenil, o torneio de Santiago. Até então, o *staff*, composto pelo referido treinador, auxiliar-técnico, preparador físico e respectivo auxiliar, preparador de goleiros, massagista e roupeiro, mantinha-se o mesmo desde março, início da temporada, à exceção do auxiliar-técnico que havia sido promovido à categoria júnior. Os meninos haviam chegado às semi-finais em Macaé e perdido o campeonato gaúcho por um capricho do regulamento. Os resultados não eram esplêndidos, mas estavam longe de prestarem-se como argumentos para quaisquer mudanças no *staff*.

Estive pela manhã, no treinamento, e retornei ao final da tarde, quando um dos meninos perguntou-me: “já sabe que caiu o Joel?” “Mas ele estava treinando normalmente pela manhã, o que houve?” O menino deu de ombros, fazendo-se de desentendido, mas todos sabiam o motivo da “queda”. Joel travara uma disputa com os diretores do clube, negando-se a escalar um menino que havia sido incorporado ao grupo ao longo do segundo semestre. Por questões éticas, pouparei o nome do então juvenil, mais tarde promovido à equipe principal, pois a razão alegada para Joel sequer relacioná-lo para os jogos era de que “o gato é tão na cara que chega a ser vergonhoso”<sup>298</sup>.

Joel argumentara-me que seu plantel era qualificado o suficiente para vencer a competição de Santiago, não necessitando de tais subterfúgios que, segundo ele, depunham contra a honestidade dele e do próprio clube. O fato é que o dito atleta “atropelava” os demais meninos no treino. A impressão, dita à boca pequena por quem freqüentasse os campos de treinamento, é de que o gato era de uns 4 anos, no mínimo. Porém, o menino-gato havia sido trazido por um empresário que, segundo diziam, estava pressionando a direção: se o cara “acaba” com os treinos, por que não é escalado? E se dizem que é “gato”, porque não provam? Joel foi demitido, o tal jogador passou a ser escalado, e com ele o Inter venceu a competição de Santiago, em 2003. O diretor político, responsável pelas categorias de base, disse-me que a demissão não fora por razões técnicas, mas por motivos que ele não poderia revelar.

O jogo entre os olheiros, dissimulando suas pretensões, é uma das características desse mercado. Trata-se de uma modalidade de barganha que lembra, em muitos aspectos, as práticas comerciais nas quais as credenciais são pessoalizadas, como é o caso do mercado de cavalos entre os ciganos, como revela Stewart (1994). E não se trata apenas do fato de que o preço dos cavalos varia conforme a idade - razão pela qual existem *experts* em desvendá-la, auscultando-lhes os dentes. A barganha, a dissimulação, o empenho da honra e, sobretudo, a trama

<sup>298</sup> Um “especialista em ‘gatos’”, agente/empresário com quem comentei o assunto tempos depois, sugeriu que o “gato” do referido atleta fosse de 4 ou 5 anos. Todavia, não houve nenhuma especulação midiática sobre o assunto, desde que ele estreou na equipe principal até o presente.

moralmente compatível entre o utilitário e o afetivo são marcas indelévels dos mercados pessoais (STEWART, 1994, p. 47). Para os olheiros e os agentes/empresários, o utilitário precede o afetivo, sendo este constituído posteriormente, se a “mercadoria” agrada, não for falsificada e assim por diante. O fato de que eu desejei, profundamente, saber dos meninos de Macaé o que eles pensavam acerca disso tudo e me senti constrangido em fazê-lo revela não apenas minha inépcia etnográfica, mas a vigência de um certo código interdito essa modalidade de questionamento. É como se eles tivessem plena consciência do duplo estatuto e ao mesmo tempo o ignorassem. Eles viajaram praticamente como dois fantasmas entre a delegação e, quando me supus desbloqueado, eles já haviam partido do Beira-Rio, como de rotina - só em 2004, o Inter testou 550 jogadores nas categorias de base, sendo que apenas 14 foram aprovados. Entrar e sair do processo de formação sem dizer palavra e sem deixar vestígios é corriqueiro, de tal modo que aqueles que freqüentavam o grupo de juvenis durante 2002 eram chamados simplesmente de “testes”<sup>299</sup>.

### 9.2.3 Os mercadores especializados do dom

Os agentes/empresários de jogador de futebol são descritos nos mídias a partir de estereótipos, tal qual os “bicheiros”, por exemplo. Via de regra, são tidos como um “câncer” no meio futebolístico, sobretudo por formadores e mediadores especializados - também são usados termos como “gigolôs”, “aves de rapina”, “sangue-suga”, “peste” e outros termos afins. Entre as acusações, está a de que eles visam o lucro, seguida pela imputação de que o fazem, muito seguidamente, por meios ilícitos, e, por fim, de que seduzem, manipulam e servem-se dos futebolistas, abandonando-os quando não servem mais.

A péssima reputação entre os formadores e os mediadores especializados, em sua maioria portadores de diploma universitário, e egressos de camadas média/média-baixa, deriva, em boa medida, da capacidade que os agentes/empresários desenvolveram de manipular os códigos tanto dos grupos populares, de onde boa parte deles é egressa, quanto dos boleiros, na medida em que muitos deles também o foram. Trocando em miúdos, a má reputação dos agentes/empresários pode ser atribuída, entre outros motivos, justamente à razão de seu sucesso: o domínio dos códigos de reciprocidade vigentes entre os grupos populares ou, para

---

<sup>299</sup> André reproduzia, seguidamente, um episódio de dispensa de jogador para mostrar como todos eles haviam se “acostumado com isso”. Tainá, um garoto do grupo juvenil que o *staff* sugeriu a dispensa, foi chamado para uma conversa com o coordenador técnico das categorias de base, recém chegado ao clube e ao cargo. Este teria começado tergiversando, com uma narrativa acerca da trajetória de Cafu, capitão da seleção brasileira em 2002, que teria sido despedido de 8 clubes até afirmar-se como profissional. Em meio a conversa, Tainá teria dito, simplesmente: “Ok, já entendi, me dá logo meus papéis!”

encurtar o argumento, a capacidade de manipular o dom, sobretudo aquele que é sinônimo de dádiva.

Até duas décadas, se tanto, eles eram conhecidos como “olheiros”, uma modalidade de caça-talento cujo retorno principal era o prestígio junto aos dirigentes, torcedores, mídias e aos jogadores que eles “descobriam”. Abílio dos Reis foi um desses. Trabalhou para o Grêmio e para Inter e, segundo consta, teria sido o descobridor de Falcão e Dunga, dois ex-atletas colorados consagrados internacionalmente. Até um livro foi escrito em sua homenagem, por um conselheiro do Inter, mas Abílio morreu pobre, no final dos anos 90, com o prestígio de olheiro e o estigma de pederasta. Os critérios de recrutamento foram modernizados - como visto no capítulo 7 - a partir do uso de alguns dispositivos quantitativos, como os testes físicos, e o *connaissanceur* que se orgulhava de declinar um boleiro pela maneira de andar, foi banido dos centros de formação/produção. Os que restaram reconverteram-se, pois além de saber identificar o dom é preciso saber manipulá-lo, quer dizer, dispor de capitais, de todas as espécies, para tirar proveito dos prodígios encontrados em toda a parte.

#### O “guri de Paulinho” na bolsa futebolística de ações futuras

Preservarei o nome do ex-jogador em questão. Ele confessou várias vezes o desejo de escrever um livro contando suas histórias, mas estou certo de que não seria nesse tom. Por isso, uso o nome fictício tomado de empréstimo de um dos personagens narrados no filme *Boleiros*, de Hugo Giorgetti. Tendo jogado no Inter e em outros clubes destacados, ele é um entre os que experimentaram as “coisas boas da vida” a partir do futebol. Por “coisas boas da vida” entenda-se, fundamentalmente, dinheiro, mulheres, visibilidade e prestígio. Do passado reluzente, restaram duas coisas com as quais ele convive cotidianamente: os causos que conta aos amigos e uma imagem prestigiosa cuja preservação já lhe custa um esforço inominável. Passado dos cinquenta anos, o corpo está distante de produzir o encantamento de outrora. As “marias chuteiras” escassearam e o dinheiro, especialmente o dinheiro, reduziu-se a nada. Convivendo próximo a ele, pode-se notar o drama desse sujeito que é capaz de congestionar os corredores das redações de jornais, e emocionar homens - gremistas e colorados - que acompanharam sua trajetória profissional. Usa ternos coloridos, de grife, herança de outrora; veste-se e apresenta-se com distinção, sempre sorridente, seja em ocasiões solenes ou mesmo em entrevistas de rádio. Em tais circunstâncias, aparenta ser um bem-sucedido ex-atleta, cujas “economias” da época lhe permitem a “vida mansa”.

Paulinho tinha, à época em que eu o conheci, o salário de “oficineiro” numa repartição pública como a sua principal fonte de renda, algo em torno de 100 dólares, além dos vales-transporte que ele utilizava para se deslocar de uma cidade da grande-Porto Alegre à capital. Até dois anos antes, possuía uma escolinha de futebol, em parceria com a prefeitura da cidade onde mora, mas o apoio ao candidato Tarso Genro, do PT, à prefeitura de Porto Alegre custou-lhe o emprego e o material da escolinha - que ele tentava reaver na justiça -, pois o prefeito com o qual possuía parceria era anti-PT. Com a vitória de Tarso, Paulinho foi contemplado com um cargo de enésimo escalão, com proventos equivalentes aos de estagiário. Não raro ausentava-se durante duas ou três semanas, por não dispor dos vales-transporte. Mandavam-no buscar de Kombi e ele vinha sorridente, metido num terno azul celeste com gravata amarela. A presença dele era importante na divulgação dos eventos nos veículos de comunicação e Paulinho possuía particular apreço por tais aparições, pois se tratava de oportunidade ímpar para ele mostrar que “estava bem” - e quem sabe vir a ser contratado para ser comentarista esportivo ou coisa que o valha, o sonho de muitos ex-boleiros. Quando não estivesse divulgando

eventos, era freqüente encontrá-lo contando “causos de boleiro”: o camarada que transava com a esposa do diretor do clube; outro, que “comia” a empregada e todos ficaram sabendo; sua própria *garçonnière* no mesmo prédio do presidente do clube; fugas da concentração, enfim, quase sempre temas relacionados a sexo.

Desde que se deu conta de que necessitava empreender novos projetos profissionais, depois que se esgotaram as fontes que tornavam “a vida mansa”, Paulinho tentou ser técnico de futebol, começando pelas categorias de base do Inter e, sentindo a competitividade, formou sua própria escolinha. Nesse meio tempo, encontrou uma “jóia rara” e depositou nela suas expectativas de retorno à “vida mansa”. A primeira vez que ouvi falar sobre o “guri do Paulinho”, foi por intermédio de outro informante. O “guri” tinha sido enviado à Americana, interior de São Paulo, para um período de testes nos juniores. Como no dia da chegada os juniores estivessem viajando, o “guri” fora solicitado para completar o quadro reserva dos titulares do Rio Branco e, segundo a fonte, ele “acabou” com o treino: “pedalou, fez cruzamento... os caras estavam duvidando da idade dele, jogou demais para ser júnior!”

O relato de Paulinho, duas semanas depois, se tanto, era desolador. Segundo ele, sem qualquer explicação, o técnico dos juniores dispensou o guri, que então não tinha sequer o dinheiro da passagem para retornar a Porto Alegre. Paulinho desdobrava-se em telefonemas, dentre eles para um suposto parceiro de negócio, para amealhar os valores visando o retorno do guri, que ficara sem um tostão em Americana. Em seguida, telefonou para um ex-colega de Inter, providenciando um teste do “guri” entre os juniores do Clube. O ex-colega era, à época, responsável pela “peneira” do Inter e não pela colocação direta de atletas no Clube. Se o “guri do Paulinho” fosse bem na peneira, o que parecia provável, ele teria pela frente o difícil teste contra os juniores. Depois um período mais prolongado para avaliações e, agradando ao treinador do Inter, então seria efetivado no grupo, daí até chegar à equipe principal... Havia, pois, uma longa distância separando Paulinho dos “10 milhões de reais” (3 milhões de dólares, à época) que imaginava vir a ser “o preço do guri daqui algum tempo”. O “guri” fora recrutado em um conjunto habitacional - COHAB -, na zona norte da capital e, desde então, o pai do garoto o teria entregue a Paulinho com o objetivo e a promessa de que fizesse dele “um profissional”.

Segundo Paulinho, um conhecido técnico de equipes do interior do Rio Grande do Sul já teria tentado roubar-lhe o “guri”, mas ele teria reavido o mesmo por intermédio de um processo junto à FGF, na qual o garoto havia sido federado irregularmente, com a assinatura falsificada do pai. Paulinho contava com a possibilidade de que o seu “guri” viesse a ser aceito entre os juniores do Santa Cruz, clube que mantinha uma parceria com o ex-goleiro do Inter e atual agente/empresário, o paraguaio Benitz, ligado ao agente FIFA uruguaio Juan Figger.<sup>300</sup> “Eu não vou entregar o guri. O São Paulo ofereceu 100 mil; outros já ofereceram 70 mil. Eu quero uma parceria, mas eles não aceitam. Então eu não entrego, porque 100 mil dá aí... dois apartamentos, e depois ele vai ser vendido por alguns milhões. Eu não quero passar o resto da vida pensando que perdi a chance de faturar 1 milhão de dólares!”

Meses depois, confirmei com um informante que integrava a comissão técnica dos juniores do Santa Cruz/Benitz/Figger, que “o guri do Paulinho” efetivamente estava lá. Era bom de bola, mas teria tido o azar de sofrer uma lesão séria justamente nos momentos decisivos do campeonato da categoria e, assim sendo, não pudera dar visibilidade ao seu futebol. Mais tarde, em visita ao centro de formação/produção desses agentes/empresários, o mesmo informante disse-me que Paulinho havia “bailado”. Ou seja, de que ele já não tinha mais nenhuma ascendência sobre o garoto. “O Paulinho tentou usar o guri, queria ganhar muito dinheiro com ele. Foi ganancioso, devia ter entregue ele por 100 mil, se é que ofereceram 100 mil. Acabou não ganhando nada e isto serve como lição, prá ele e prá outros também!”

<sup>300</sup> Juan Figger foi um dos acusados pela CPI CBF-NIKE de falsificar passaportes para favorecer o acesso irregular de atletas no mercado europeu. As federações européias, por pressão dos sindicatos dos atletas locais, limitaram o número de estrangeiros permitidos por equipe mas, desde o caso Bosman, não existe restrição de nacionalidade para membros da comunidade européia. Esta combinação permitia aos atletas brasileiros com passaporte português falsificado atuarem por qualquer agremiação sediada em países da UE. Sobre isto cf. Rebelo e Torres (2001: P. 234-42).

Não existe, concretamente, o tipo estereotipado de agente/empresário que se apregoa, embora não seja difícil apontá-los nos pátios dos grandes clubes, à beira dos gramados ou nas arquibancadas, em jogos das categorias de base. Existem os “picaretas”, como em qualquer ramo de negócios, e existem os “honestos”, com uma extensa possibilidade de classificações intermediárias. Um de meus informantes, por exemplo, era tido como “sério/honesto” no Inter, e “picareta/mercenário/safado” no RS Futebol Clube. Eles também podem ser, na avaliação dos boleiros, “grandes/fortes/quentes/influentes” ou “pequenos/fracos/frios/de nada”. No topo da pirâmide, estão os “agentes FIFA”, aqueles que possuem a cobiçada credencial da entidade monopolizadora do futebol para transacionar atletas - negociar valores de contratos, cláusulas, transferências, salários, rescisões, etc<sup>301</sup>.

Os “agentes FIFA” raramente são vistos em público e quase nunca dão entrevistas na mídia. Todos usam celulares minúsculos, carros importados, seguranças e motorista particular, mas apenas alguns dentre eles fazem questão de se exibir entre os atletas. Raramente vão aos estádios, sobretudo em jogos de categorias de base. Quando vão ao clube, seguem direto para os escritórios de presidentes, vices, gerentes e outros gestores de negócios. Os “agentes FIFA” negociam com os dirigentes de clubes, e mesmo entre eles, a mando dos clubes ou não. É freqüente o comércio paralelo aos clubes, como um “mercado de opções” - compra/venda do direito à compra/venda futura de ações, uma espécie de “aquisição da preferência de compra/venda”<sup>302</sup>. Um agente não credenciado na FIFA pode vender a procuração que lhe autoriza negociar em nome de dado jogador caso haja uma oferta de um clube no exterior, por exemplo. Uma espécie de venda do direito à venda, cujos agentes de menor poderio são por vezes forçados a exercer.

Diferentemente da bolsa de valores, esse é um mercado pessoalizado e, como outros dessa natureza, envolto por redes de intrigas. Alfredo, que eu conheci em Santiago, não negocia mais com o RS FC porque, segundo ele, o Carpegiani - sócio do RS e ex-atleta do Inter e do Flamengo - “é um safado; tentou roubar um jogador meu”. O “roubo” de jogadores caracteriza-se,

---

<sup>301</sup> Trata-se de uma espécie de carta de apresentação que tanto pode ser interpretada como uma tentativa de controlar os movimentos desses agentes – excluindo do mercado os desonestos, como faz a bolsa de valores – ou, por outra, restringir o acesso ao mercado, através da limitação dos concorrentes e, por extensão, aumentando os lucros dos *insiders*. Na França, por exemplo, onde o Estado é bem mais vigilante, comparativamente ao Brasil, a credencial de agente é concedida mediante prestação de exames, realizados pela FFF. Em tese um clube pode vir a ser punido caso negocie com um agente não credenciado. Isto restringe, mas não elimina a circulação de *outsiders*. Como referido por Jorge em relação aos “gatos bem feitos”, em relação aos quais se deve “tapar o olho”, os clubes concorrem pelos talentos usando as brechas legais. Eu mesmo fui intérprete de um informante brasileiro quando da assinatura de seu contrato com um clube francês. Não recebi contra-prestação monetária, mas meu estatuto bem poderia ser posto em cheque: amigo, etnógrafo, intérprete, torcedor ou agente? Afinal, na ocasião estávamos presentes: eu, o pai, o jogador e os representantes do clube francês, e ninguém mais.

<sup>302</sup> Sobre isto cf. Müller (1997, p. 27-30).

via de regra, pelo convencimento do atleta ou de seus familiares de que ele deva romper as relações com determinado agente, em troca de uma oferta mais vantajosa. Quando há contrato formalizado entre atletas (ou responsáveis, se ele for menor de idade) e agentes, o “roubo” torna-se inviável, pois a ruptura de uma das partes geralmente implica em ônus econômico. Entretanto, são comuns os acordos verbais, permeados por uma série de reciprocidades, principalmente quando não há possibilidade de assinatura de compromisso juridicamente válido<sup>303</sup>. Nesses casos, os “roubos” são mais frequentes. Uma visita acompanhada às lojas de grife masculina no shopping, uma chuteira Nike, um celular ou um Rolex são, em geral, eficazes o suficiente para amarrar um futuro talento. Porém, há casos onde o investimento é bem maior.

Conheci alguns agentes/empresários, “peixe pequeno”, como se diz na gíria dos boleiros, tais como Evandro, apresentado em destaque no excerto a seguir, e Alfredo, com quem mantive contatos mais frequentes (ambos são nomes fictícios). Este último, por exemplo, foi goleiro com passagem por vários clubes do interior do Rio Grande do Sul. Durante a Copa Santiago, ele e seu assistente, outro ex-goleiro de status equiparado, andavam por todos os lados com um *book* oferecendo seus jogadores às delegações presentes. À época, eles usavam o Brasil de Pelotas como “laranja”, para servir de vitrine aos seus jogadores, repetindo a estratégia em 2004, mas com outro “laranja”. O raio de ação de Alfredo não é muito extenso, mas abrange boa parte da metade sul do Estado, particularmente a região de Pelotas, onde reside e mantém uma parceria com o Progresso, um clube local que já está conhecido como “o Progresso do Alfredo”. Para os treinamentos, ele dispõe de suas próprias instalações, uma espécie de centro de formação particular, mas sem albergamento - “tirar guri de casa é arrumar sarna prá se coçar!” - e outros dispositivos usados por clubes de médio ou pequeno porte. Seu “esquema” é recrutar e testar meninos da região, depois trazê-los para o Inter e outros parceiros, incluindo-se clubes do interior paulista.

Rafael Lopes, era um deles. Em 2002, quando ele chegou ao Inter, seu pai trabalhava como guarda-noturno e a mãe estava aposentada por invalidez. Ele é nascido em 1985 e jogou *futsal* dos 9 aos 12 anos, antes de ingressar na escolinha de Alfredo. Foi trazido para o Grêmio, como atacante, cotado a 10 mil reais, onde permaneceu por 9 meses, sendo em seguida levado para o Juventude, de Caxias do Sul, como meia-direita, cotado a 20 mil. Esteve em Caxias ao longo de 2000, seguindo para o Guarany, de Camaquã-RS, e depois para o Coelho Rocha, uma filial do Botafogo, situada em São João do Meriti-RJ. Voltou para o clube de Alfredo, em Pelotas e, em setembro de 2001, foi para o São Paulo-SP, permanecendo 3 meses como meio-campista

---

<sup>303</sup> Abaixo dos 16 anos de idade, qualquer concessão jurídica por parte dos pais ou responsáveis legais pode vir a ser anulada. Assim sendo, não há alternativa mais segura aos agentes do que investir nos vínculos pessoais como forma de assegurar o futuro e pretensamente rentável vínculo legal.

de marcação. Disputou o torneio de Santiago pelo Brasil, “laranja” de Alfredo, e então foi contratado pelo Inter, com passe estipulado em 100 mil. Foi zagueiro ao longo 2002, sendo por vezes aproveitado também como meio-campo. Recebia salário desde 2001, tendo seu vínculo clubístico ligado ao Farroupilha, clube da Serra Gaúcha. Foi “congelado” - algo como: nem foi dispensado, mas tampouco podia treinar - em fins de 2004, sob a alegação de “indisciplina”. A mim ele ficou de contar a “história toda”, mas das três vezes que fui buscá-lo na “concentra”, como combinado, ele deu “balão” - ludibriar, no vernáculo de boleiro, equivalente à “migué”. Segundo um formador do Inter, “só por indisciplina ninguém é mandado embora!”; já o coordenador das categorias de base comentou que “o cara abusou da paciência, pois já estava avisado!”. Conforme Alfredo, Rafael tentara se justificar culpando o vigia da “concentra” - “que traía, que nada; o cara é pago pra ser dedo-duro!” -, mas ele havia “botado fora a sua chance”: “pô, consegui um contrato bom pra ele, 1.000 reais por mês, aí o cara não se puxa, aí não tem como segurar!”

#### Um olheiro/agente “picareta”!

Em fins de março de 2002, inscrevi-me para um curso sobre “seleção de novos talentos” a partir de um anúncio de jornal. O curso de um dia inteiro foi ministrado por um “personal soccer”, cujas credenciais eram dadas pelo fato de ele ter trabalhado com Ronaldinho Gaúcho, no Grêmio, e de ter seu método, definido como “nova filosofia”, aprovado por João Paulo Medina, ex-gerente de futebol do Internacional - cf. capítulo 6. A “nova filosofia” incluía um conjunto heteróclito de argumentos contra os “peneirões”, modalidade de recrutamento em que os meninos são escalados para jogar durante alguns minutos e selecionados por olheiros. Os participantes do curso, não mais do que uma dezena, incluíam: um árbitro de futebol, um pai de menino prodígio, dois garotos pretendendo ingressar num centro de formação, alguns estagiários de educação física, um curioso, um olheiro, entre outros.

A certa altura da manhã, quando o curso fluía normalmente, um sujeito passou a discordar frontalmente dos argumentos do “personal soccer”, sobretudo quando este criticava os métodos convencionais de seleção de talentos, a quem ele imputava os piores adjetivos possíveis. O tipo atrevido era “olheiro” de um empresário de futebol, também proprietário de casa de jogos (bingo). Formado em educação física por uma universidade privada da grande-Porto Alegre, Evandro não parecia ter papas na língua e, por isso mesmo, tomei-o como informante. Como a reputação dele estava longe de ser das melhores, tive que me afastar em seguida, para não comprometer minha inserção no Inter.

Um dos garotos que Evandro e o empresário para o qual ele “trabalhava” haviam agenciado estava nas categorias de base do Inter, mais precisamente no infantil, e tinha 14 anos. Como o menino era menor de idade e não poderia assinar qualquer contrato com respaldo legal, Evandro e seu superior haviam contratado o pai dele para “trabalhar” na “empresa”. No dia em que eu os visitei, o pai do garoto “trabalhava” sentado de braços cruzados em uma escrivaninha, lendo o jornal do dia e fumando, na sala em frente onde ficava o escritório: um cômodo exíguo, com aparelhos de fax, telefone, computador e uma pequena ilha de edição, onde eram editados vídeos com performances de jovens talentos. O que diziam no Inter é que o menino havia “deixado” de treinar desde que o assédio tornou-se intenso. Segundo um formador colorado, “o cara mudou até a postura, o jeito de andar, não parece mais ele; tá todo marrento [“cheio de nove horas”], achando que já é um craque, mas se continuar assim não vai dar em nada!” Poderia existir outras questões envolvendo a má vontade dos colorados, mas o certo é que ele acabou dispensado em 2003, e seria Alfredo, em fins de 2004, quem estava tentando recuperá-lo. A propósito, também para Alfredo, Evandro é um “picareta”.

### **Redes cruzadas**

Evandro relatou várias proezas como *expert* no mercado. No dia anterior a uma de nossas conversas, por exemplo, ele havia “roubado” dois meninos do Coritiba. Como? Do Coritiba? Treinando em Porto Alegre? Sim, havia, na zona leste da cidade, uma espécie de sucursal do clube paranaense. O Coritiba fornecia material de expediente -bolas e fardamento -para os treinos e, em contrapartida, tinha a preferência para “observar” os garotos, enviados de ônibus a Curitiba. A sucursal era mantida/supervisionada por Marcel (nome fictício), um ex-delegado de polícia que era meu conhecido através do circuito do futebol de várzea. Segundo Evandro, os guris “roubados” foram embarcados para o Juventude, de Caxias do Sul, com as passagens compradas e 50 reais para motivá-los -em torno de 15 dólares, na ocasião.

### **Sobre o recrutamento nos campos de várzea**

Evandro conhecia quase tantos campos de várzea quanto eu, que trabalhava havia dois anos na Prefeitura e orgulhava-me de conhecer em detalhes a várzea porto-alegrense. Ele também estava atualizado em relação ao programa Em Cada Campo Uma Escolhinha, mantido pela SME em parceria com empresas privadas e líderes esportivos comunitários. Conhecia o pessoal que jogava no CEGEB, um centro comunitário da zona sul, e de lá havia pego dois guris: “um fez umas 4 embaixadas e quando veio a marcação, deu um chapéu, e depois cruzou as pernas...”. Entre uma bravata e outra recebeu um telefonema de um professor da SME, ex-árbitro de futebol e suspeito, entre os colegas de Secretaria, de usar os campos de várzea e a intervenção pedagógica num parque da cidade para recrutar pequenos boleiros. Segundo Evandro, a suspeita era procedente, mas não fez qualquer ressalva em relação a tais procedimentos.

### **Sobre gatos e lavagem de dinheiro**

“O Ronaldo Nazário é gato; gato de três anos, feito pelo Jairzinho”. Segundo Evandro, Rafael (nome fictício), goleiro nas categorias de base do Inter, com passagem pela seleção brasileira, “é gato de dois anos”. “No Grêmio está cheio de gato; o Ernesto (nome fictício) é gato, vem do Mato Grosso; de lá é tudo gato. Do Norte e do Nordeste, é tudo gato; os clubes daqui nem querem jogadores de lá...”. “Estou levando para o Grêmio um lateral esquerdo; é gato também, de dois anos!” “Gato no futebol brasileiro não tem futuro; logo ele despenca, perde a vantagem. Gato é bom para vender no exterior; carreira de tiro curto, um ou dois anos; o sujeito ganha um dinheiro, depois pronto...” “Agora nós estamos mais interessados em fazer peneira na Serra. Lá tem muito menino que pode fazer cidadania italiana. Daí passa a ter um valor diferenciado no mercado...”

“Todos os clubes lavam dinheiro; bingo lava dinheiro do jogo do bicho!” Sobre a Talento S/A, proprietária do RS Futebol Clube (usada como modelo de formação exógena no capítulo 5): “Tem uma estrutura que você só encontra na Europa. Coisa de quem tem grana; tem dinheiro do bicho aí...”

### **Sobre agentes e contratos**

A empresa como a que Evandro trabalha é contratada pelo atleta para “cuidar do marketing; da imagem; da carreira...”. Os contratos são por cinco anos; tempo em que o atleta fica vinculado à empresa e vice-versa; é o tempo necessário para fazer alguma parceria, depois comercializá-lo. Pergunto a ele se esse mercado funciona à maneira de Hollywood. “Sim, é como o mercado de modelos: tem que ter uma agência, que cuida de tudo... Os agentes do futebol cuidam de tudo...!”

### **Sobre os métodos do “personal soccer”**

Evandro desacredita-os, por completo, algo demasiadamente humanista no seu entender. “Basta uns quinze minutos pra ver se o garoto é bom; daí leva-se ele pra ser observado com mais cuidado...” Evandro tem priorizado as “peneiras” no interior do Estado, e não apenas por interesses instrumentais. “A gente recebe um tratamento diferenciado. É Evandro daqui, Evandro dali... tem que ver o tratamento que a gente recebe...”.



Mais do que saber das necessidades dos boleiros, os agentes sabem dos desejos, e por aí eles investem. Boa parte da ética ascética que os formadores tentam inculcar, através do treinamento disciplinado, intenso e prolongado, com a promessa de uma carreira bem-sucedida, os agentes reequilibram com a ética do hedonismo, dos prazeres imediatos, do consumo conspícuo e de toda a ordem de favores, como a aquisição de imóveis, automóveis, carteiras de motorista falsificadas, garotas de programa e assim por diante. As fronteiras entre uma ética e outra está longe de ser demarcada por escolhas conscientes e individuais. Ao contrário do que se poderia imaginar, a oferta dos formadores é sedutora, sobretudo porque eles se valem do longo tempo que os meninos ficam disponíveis para inculcar-lhes, de preferência pela via prática e, portanto, diretamente no corpo, a lógica da perseverança, do autocontrole, da resistência à dor e de tudo aquilo que, acreditam, uma vez incorporado, trará dividendos em tempo futuro, o que recoloca, outra vez, a idéia do dom. Nesse caso, o dom é vinculado ao sacrifício; de quem faz por merecer para receber a dádiva e, só então, usufruí-la. Já a lógica dos agentes/empresários opera em sentido inverso, sugerindo o usufruto da dádiva de que se dispõe. De algum modo, eles ressemantizam uma expressão corrente no meio, segundo a qual “futebol é momento”, vinda de dentro de campo, mas que eles a estendem para a esfera mundana.

Estas são lógicas genéricas, mais do que um modelo para encaixar formadores e agentes, mas são importantes para compreender as razões pelas quais são justamente os formadores os que mais têm restrições aos empresários, depois dos torcedores, é claro, pois estes últimos estão no pólo diametralmente oposto daqueles: são os que não lucram economicamente com o espetáculo, antes pagam por ele. Na prática, não existe agente/empresário que desestimule o treinamento e uma certa ascese corporal. Seria atentar contra seu próprio patrimônio, mas eles não abandonam facilmente um boleiro por conta de indisciplina. Alfredo perguntava-me, em dada ocasião: “o que adiante você ter 40% do passe de um jogador como esse aí [referindo-se a Rafael Lopes] se o cara não se ajuda? Melhor é ter 10%, mas de um cara que tu sabe que vai te dar retorno!”.

Ao fim e ao cabo, os meninos aprendem, em proporções variadas, a manipular a pluralidade de códigos e agentes que lhes cercam. Em certa ocasião, perguntei a Cleber, para provocá-lo: “hei, como é que tu tá pegando banco dessa ‘barca furada’ [time ruim]?” “Pois é”, respondeu-me, “essa semana vem aí meu empresário, vamos ver se ele vai mexer os pauzinhos. Já falei com um diretor também [dirigente do clube]...” Dias depois, o coordenador técnico das categorias de base fez o seguinte comentário: “fizeram um contrato muito alto com ele; comprou um Marea e largou os treinos, tava ‘se achando’ [auto-suficiente], mas as coisas não são como ele está pensando. Agora ele vai ser emprestado pro Ameriquinha-RJ, as chances dele no Inter

praticamente se foram!” E daí em diante seguiu narrando eventos da sua própria trajetória, marcando, justamente, uma ética do trabalho, do sacrifício e da persistência.

Pode-se definir os agentes/empresários de boleiros como investidores no mercado de ações futuras. De algum modo, todos são, desde os próprios meninos, seus familiares, os formadores, os dirigentes dos clubes, não importando o modelo de produção/formação. Todavia, os agentes são aqueles que, dada a nova configuração do mercado de pés-de-obra, são mais sensíveis à lógica utilitária. Os clubes tradicionais têm comportamentos diversos em relação a eles, vetando alguns, franqueando o espaço para outros, e os meninos em formação também. Eles vão descobrindo, aos poucos, como separar o joio do trigo, mas pode-se dizer, resumidamente, que eles medem o tamanho do seu futebol pelo status do agente/empresário que possuem. Ter agente ruim ou não tê-lo é mau sinal. De mais a mais, equivale a estar nu, sem proteção contra possíveis atos de indisciplina ou desentendimentos com o *staff*.

### **9.3 O “DINHEIRO DO DOM” A PARTIR DE “A HISTÓRIA DE IRANILDO”**

O “dinheiro do dom”, capital econômico adquirido a partir dos capitais futebolísticos, não é um dinheiro qualquer e, portanto, tende a ser gasto a partir dos mesmos referenciais culturais que dão sentido à aparição do dom. O futebol de espetáculo, por si só, é um campo gerador de representações do dom, como já foi argumentado em vários segmentos da tese, principalmente neste e no terceiro capítulo. Todavia, em alguns contextos, há mais representações do dom do que em outros, quando se comparam os bastidores da formação francesa e brasileira, por exemplo. Mesmo que os formadores, de modo geral, sejam reticentes em relação à categoria dom, especialmente aqueles com diploma universitário, como evidenciado no capítulo 3, no Brasil as probabilidades de captá-la são maiores do que na França, onde o desempenho técnico está associado à cognição e ambos à aprendizagem metódica, enquanto aqui sempre há como encaixar o significante flutuante. As culturas locais que atravessam a prática universalmente disseminada do futebol marcam-no de forma sutil, porém com precisão. Talvez não seja apenas no Brasil, mas aqui o “dinheiro do dom” não é algo impessoal, embora sujeito a diversas variações em termos de significado e de uso.

É a partir dessa premissa que formulo uma alternativa às explicações correntes, que circulam por toda a parte, segundo as quais os jogadores de futebol não possuem estrutura para gerir seus altos salários, desperdiçando facilmente a fortuna recebida ao longo da carreira - para os casos de carreiras bem-sucedidas, evidentemente. Em lugar de uma “estrutura ausente” sugiro, como ponto de partida, a possibilidade de se pensar numa estrutura diversa daquela que

orienta os padrões modernos de usos do dinheiro, calcados na razão utilitária e individualista. Em lugar da noção de “desperdício”, suponho que haja redistribuição e, por meio dela, a realimentação do sistema social e simbólico que produz as representações do dom, aliando o talento à dádiva. O dinheiro que é matizado pelo dom não retorna exatamente ao seu lugar de origem, mas tampouco permanece com aquele que é portador do dom. O que a circulação faz crer é na presença e na atualização de um código em que a noção de individualismo e, por extensão, de propriedade privada, são bastante difusas. O dom é algo que na origem está no sujeito, mas não lhe pertence. Enfim, não há como possuir sem distribuir, pois é na distribuição que ele se manifesta. No entanto, por distribuição/redistribuição não se deve pressupor inexistência de regras, de estratégias e de quaisquer princípios de aleatoriedade.

Como minha observação de campo foi realizada, prioritariamente, entre futebolistas em formação/produção, quando muito em processo de afirmação profissional e de reconhecimento do dom pelos torcedores, terei de recorrer a um caso concreto tomado de segunda mão para dar prosseguimento à argüição. Trata-se da trajetória dos jogadores Iranildo e Lúcio, contadas no segundo episódio de um documentário dirigido por João Moreira Salles e Arthur Fontes. “O Jogador”, que contém “A história de Iranildo” e “A história de Lúcio”, é parte da trilogia “Futebol”, originalmente produzida para a rede GNT e, mais tarde, comercializada em vídeo-cassete<sup>304</sup>. A vantagem de trabalhar com este documentário é que ele enfoca a trajetória de dois atletas já formados, atuando num clube grande, o Flamengo, tendo ambos acesso a boa parte dos signos prestigiosos que a profissão reserva aos exitosos. Ainda que eles possam ser definidos como *outsiders* se comparados a Romário, companheiro de equipe no Flamengo, na época em que o documentário foi gravado, Iranildo e Lúcio estão num estágio mais avançado daquele que meus informantes que chegaram ao profissional do Inter - à exceção de Nilmar, vendido ao futebol francês.

Como tenho feito ao longo dessa tese, proponho que o referido documentário seja tratado como um texto etnográfico. Ao servir-me de “A história de Iranildo”, estou ciente de que se trata, em última instância, de uma “versão dos diretores”, e não de depoimentos em primeira mão. Há algumas vantagens em relação a isso. Uma delas é que o documentário é relativamente acessível, de tal modo que minha interpretação pode ser confrontada, o que seria bem menos prático se tomasse como base a trajetória de meus informantes. Nesse caso, haveria também o risco de que a minha interpretação conduzisse tendenciosamente o recorte dos fatos empíricos. As trajetórias

---

<sup>304</sup> O primeiro episódio da série aborda a trajetória de quatro garotos que sonham em se tornar jogadores profissionais, peregrinando por diferentes centros de formação/produção. O terceiro trata, basicamente, da vida depois de encerrada a carreira, focado na trajetória de Paulo César Caju. A trilogia tenta dar conta do “antes”, do “durante” e do “depois” de ser boleiro, com trajetórias concretas intercaladas por depoimentos de ex-jogadores famosos comentando as três etapas da carreira.

de Iranildo e Lúcio, retratadas no documentário, são uma interpretação da trajetória desses jogadores, de parte delas, por certo, e embora fique explícito, há critérios nada isentos orientando as escolhas do roteiro, dos personagens, das falas, das tomadas e assim por diante. Isso precisa ser dito, embora não seja objeto de análise exaustiva.

A resenha do filme, constante na contra-capá do estojo, é sugestiva: “Que menino está preparado para ganhar 25 mil reais por mês, quando um dia antes ganhava 300?” “O Jogador” procura mostrar, a partir de vários pontos de vista, o que representa na vida dos jovens atletas a mudança brusca a que são sujeitos, supondo, acertadamente, que à passagem dos 300 para os 25.000 reais correspondem outras transformações radicais. O filme acompanha a trajetória dos dois atletas durante um ano, com ênfase no primeiro semestre de 1997, ano em que ambos estavam chegando ao Flamengo, clube de maior torcida do Brasil, onde jogavam, à época, Romário, Sávio e Júnior Baiano, entre outros estabelecidos. Iranildo vinha contratado junto ao Botafogo, também do Rio de Janeiro. Ele é pernambucano de nascimento, mas passou a adolescência numa favela de Jacarepaguá, para onde sua família migrou em busca de oportunidades para o filho, segundo a versão de seu pai, que também se chama Iranildo (Seu Iranildo, daqui por diante). Lúcio é natural de Esmeralda, interior de Tocantins, tendo sido eleito “a revelação” do campeonato brasileiro de 1996, atuando pelo Goiás. A família de Lúcio permaneceu em Tocantins. Talvez por isso, mas não apenas, a vida da família de Iranildo tenha mudado com mais radicalidade, “mudado por completamente” (sic), como diz Dona Roberta, sua mãe. O documentário tenta mostrar esta mudança, mas eu tentarei, contrariando inclusive Dona Roberta, mostrar que a vida deles não mudou tão radicalmente. Ou melhor, os 25.000 reais deram à família de Iranildo um novo padrão de acesso ao consumo, mas a lógica que preside as escolhas segue tendo forte relação com aquela que os orientava à época em que havia apenas 300 reais para serem gastos.

Não se trata de mostrar o despreparo da família para gerir tais cifras, como me parece ser a perspectiva do filme. Tampouco de remeter a discussão para a questão do consumo conspícuo, como poder-se-ia pensar à primeira vista. O interessante em “A história de Iranildo” é que ela explicita, por um lado, a maneira como o dinheiro é gasto e, simultaneamente, estigmatiza-a. É forçoso admitir que, no que concerne a um certo estereótipo de novo rico, as personagens de “A história de Iranildo” parecem ter sido escolhidas a dedo, quando creio que apenas o roteiro e os cortes, em cenas e falas, o foram. Em certo sentido, pois, o documentário poderia ser rotulado como um clichê, simplesmente reforçando o que já se sabe, viu ou ouviu dizer em algum lugar. Minha preocupação não é restituir a dignidade dos personagens, mas tornar manifesta a lógica que preside o sistema de reciprocidades a partir do qual eles elaboram os usos do dinheiro.

### **Eu, ele, nós, a gente...**

“A história de Iranildo” começa a ser mostrada logo após uma primeira sessão com depoimentos de ex-atletas famosos, como Pelé, Zizinho, Domingos da Guia e outros, relembrando os seus primeiros passos na carreira. A câmara percorre as ruelas de Rio das Pedras, uma favela situada em Jacarepaguá, onde a família de Iranildo residiu por quatro anos, desde que saíram de Pernambuco. Enquanto isso, a voz de Seu Iranildo conta como eles chegaram até o Rio de Janeiro. **“Ele saiu de Pernambuco; quando a gente saiu de lá ele tinha 12 anos, e o sonho dele sempre foi ser jogador de futebol, pra tirar a gente da vida, pra tirar eu e a mãe dele da vida que a gente vivia, trabalhando pros outros, né. É por isso que eu incentivei ele. Eu vou ser jogador de futebol! E eu: vamos, vamos! Então a gente veio pro Rio”**<sup>305</sup>. A câmara segue por ruas cada vez mais estreitas quando ao final de um beco surge um terreno baldio, com alguns meninos descalços disputando uma bola de borracha dentro duma poça d’água. Era, certamente, um dos locais freqüentados por Iranildo quando morava em Rio das Pedras, uma espécie de espaço mítico nas representações acerca do aprendizado das técnicas corporais dos craques brasileiros, como já referido no capítulo 4.

A narrativa segue com Seu Iranildo: “No segundo treino [em local não especificado] o treinador disse: quero você lá, você vai começar direto no juvenil”. Iranildo deveria ter entre 15 e 16 anos na época, idade crítica para ingressar em centros de formação. “Com um ano que ele estava lá o Madureira falou prá ele: olha Iranildo, vou lhe profissionalizar. E daí veio a escada, né. Botafogo!” Nessa altura, são exibidas as imagens de Iranildo comemorando o título de campeão brasileiro de 1995, conquistado pelo Botafogo, quando ainda era suplente. “Quando ele chegou em casa, **na época ele nunca tinha visto dinheiro**, e o pessoal do Botafogo tinha direito a 3.000 dólares. **Ele comprou uns relógios; ele comprou tudo o que ele achou na cabeça dele e quando ele chegou em casa ele me deu 2.000 dólares: ta aí pai, 2.000 dólares!”**

Seu Iranildo apresenta os cômodos da casa em que eles moravam, sendo em seguida exibida uma cena de final de campeonato, com Iranildo sendo carregado nos ombros e festejado pelos demais atletas do Flamengo, ao som dos torcedores em festa: “Uh, tererê! Uh, tererê! Uh, tererê!” A voz de Seu Iranildo reaparece, com os gritos da torcida aos fundos: **“A recompensa veio, tudo de dois anos e meio pra cá. O que ele realizou já, eu que trabalhei 23 anos não tinha conseguido!”** O primeiro segmento é encerrado, seguindo-se o depoimento

---

<sup>305</sup> Os grifos são meus, para facilitar a localização das falas na interpretação subsequente.

de Dario, destacado artilheiro nos anos 70. “Eu saí, saí chorando copiosamente. O Maracanã em peso me aplaudiu, e gritando Dario! Foi a primeira vez que eu ouvi falar Dario, né. E o Maracanã em peso gritando Dario, Dario, Dario. E eu chorando assim copiosamente. E eu saí e cheguei no vestiário, e eu senti que ali estava a fama”<sup>306</sup>.

Dois elementos importantes merecem ser destacados até o presente. Um deles é a sobreposição, expressa desde o princípio da narrativa de Seu Iranildo, entre os sujeitos da trajetória exitosa, como nas três passagens a seguir: a) “Ele saiu de Pernambuco; quando a gente saiu de lá [...]”; b) “[...] o sonho dele sempre foi ser jogador de futebol pra tirar [...] eu e a mãe dele da vida que a gente vivia [...]”; c) Eu vou ser jogador de futebol! E eu: vamos, vamos! Então a gente veio pro Rio”. A sobreposição (e não confusão) dos pronomes, não é gratuita, podendo ser notada em outros momentos do documentário. O “eu” e o “nós”, mas sobretudo o “eu” e “ele” estão seguidamente tramados. Daí porque não é de surpreender-se que Iranildo tenha dado ao pai dois terços do prêmio que recebeu pela conquista quando jogava no Botafogo. E tampouco é estranho que o pai trate os ganhos do filho como “recompensa”, entendida como sendo de todos eles. O segundo destaque é em relação ao dinheiro, à maneira como Iranildo teria gasto parte de seu prêmio e, fundamentalmente, ao modo amistoso com que o pai afirma que o filho “nunca tinha visto dinheiro”. Depois de um ano recebendo salários no Botafogo? Por menor que fosse, e salário de principiante por vezes é realmente modesto, há os prêmios, enfim, há desde logo algo misterioso nesse depoimento, um enigma importante a ser decifrando noutro episódio.

### **Iranildo é frágil, logo precisa de muitos suportes...**

No segundo bloco sobre Iranildo, as imagens mostram-no apanhando sua namorada onde parece ser a casa dela, uma residência simples, com as paredes pichadas. Eles embarcam no Mustang preto do jogador e vão jantar numa churrascaria, enquanto ouve-se o locutor do documentário: “Ao contrário de Lúcio, Iranildo está adaptado ao Rio. Vive na cidade há dez anos e há dois namora Elaine, uma comissária de bordo que abandonou a carreira para se dedicar a ele”. Iranildo e Elaine contam que se conheceram num pagode. “Quando eu cheguei, ele ficou me olhando e a gente começou a conversar. Eu não entendo nada de futebol, nem conhecia. E eu estranhei o tumulto que estava. Eu falei: nossa, mas que coisa curiosa, todo mundo em cima! Ai eu falei: o que está acontecendo? Mãe! Ele joga futebol! É? Então ele não vai nem me ligar! Ai no dia seguinte ele ligou três vezes! [risos...] Ele nem perguntou meu nome e falou que queria beijar

---

<sup>306</sup> O documentário passa então à trajetória de Lúcio, igualmente interessante de ser analisada, mas com elementos que fogem ao eixo central deste capítulo, razão pela qual vou referi-la, quando necessário, em circunstâncias pontuais.

minha boca” [mais risos, de ambos]. “A gente até fala em casamento”, segue Elaine, “mas não prá agora, porque no momento ele está mais voltado prá carreira, porque **ele precisa se firmar** como titular, é um passo no trabalho que ele vem fazendo”. Durante os depoimentos, as imagens alternam-se, entre uma tomada fechada, no rosto dos noivos, com Iranildo envergonhado, mas sorridente, bebendo suco de canudinho, como se fosse um menino; e outra mais aberta, circulando pela churrascaria, ocasião em que são mostrados os coquetéis coloridos na bandeja de um garçom, a picanha gorda e mal passada servida numa mesa ao lado, batatas fritas noutra...

Na mesma seqüência narrativa, mostram-se imagens de um jogo do Flamengo na qual Iranildo está entrando em campo no decorrer do jogo. A locução do documentário explicita o argumento: “**Desde os tempos do Botafogo, Iranildo é um jogador de segundo tempo.** Entra sempre que o time está em situação difícil e geralmente muda o jogo. **A torcida o apóia**”. Júnior, então técnico do Flamengo, fala sobre as qualidades de Iranildo. “Iranildo é um jogador que você encontra muito pouco no futebol brasileiro, que são aqueles apoiadores que dão os passes em verticais. São aqueles passes desmarcantes, que você deixa o companheiro na cara do gol. Ele precisa ter e esperar o momento certo para executar esses passes. **Ele ainda não está conseguindo isso, uma ou outra vez apenas. Quando ele está com a cabeça boa ele consegue isso**”. O próximo entrevistado é Washington Rodrigues, comentarista da Rádio Globo, em plena cabine do Maracanã, falando ao microfone, “[...] **O que falta ao Iranildo é base física.** Você encosta no Romário, e é ruim de derrubar o Romário. **Você passa perto do Iranildo, o Iranildo cai.** Você até pode tentar [melhorar a “base”]. Agora, o que você ganhar em força, ele perde em velocidade, que é a arma principal dele”. “**Iranildo é frágil, pequeno, uma conseqüência direta da infância que teve**”, diz a locução do documentário, enquanto são mostradas imagens de Iranildo contorcendo-se no gramado, e depois sendo retirado de campo no carro-maca.

Segue-se, imediatamente, o depoimento de dois outros personagens centrais na trajetória dos futebolistas: os agentes/empresários de Iranildo. Um deles é dono de uma loja de carimbos, o outro de uma farmácia. “Quando eu o conheci, diz Pinheiro, vi que **a situação lá era ruim.** Sabe, pobreza! Não tem geladeira, não tinha nada. **Faltava o básico,** não é? Só tinha o fogão. Aí eu vi que toda a alimentação dele estava numa **prateleirazinha,** que era uma farinha e um feijão, com um **saquinho** de feijão já aberto, usado. Fui eu que iniciei isso tudo, né! Comprei vitaminas americanas pra ele tomar, uma calça que dava para vestir com paletó, um sapato fino, querendo educar por esse lado, até como pegar no garfo. Dar os costumes - comia com colher! Completa o outro -, para, exatamente, ter a base de uma vida com dinheiro. No Madureira, a remuneração era de 200 reais. Em 1995, no Botafogo, chegava a 4.000 ou 5.000. Foi para a

seleção, voltou, esse ano [1997] ele está ganhando 25.000 e no outro ano 35.000. É lógico que com o bicho dá 1.000.000 de dólares nessas duas temporadas”. João d’Ávila complementa: “**ele não sabe se o que ele ganha no Flamengo representa 2 ou representa 200. Ele não tem essa noção.** Têm dois ou três carros na garagem e paga aluguel, não tem uma casa. Tá devendo em banco com um salário que não precisava estar, né! Mas isso não é o Iranildo, tá? É a família. **É como se fosse um herói. Fica todo mundo, primos, primas, mãe, idolatrando o jogador**”. A narrativa do segmento encerra-se com o depoimento de Seu Iranildo, tendo aos fundo a pelada das crianças de Rio das Pedras. “Eu não quero ser um cara rico, mas quero olhar assim oh, e [se] meu filho diz, quero comer alguma coisa: toma, vá lá e compra. Isso é a coisa mais importante que eu queria, prá mim e pro meu filho. Comida, comida! Coisa que ele desejava comer e ter; tudo, tudo o que você imagina: [uma] carne por dia, comer um frango assado, beber leite, maçã, uva, tudo o que ele imaginava e hoje ele tem!

Um jogador como Iranildo é alguém dividido em muitas partes, pois elas são necessárias para acomodar os vários gestores. Ao jogador não cabe gestar a própria vida, mas gestar os gestores; acomodá-los, evitando os conflitos, o que implica fragmentar-se e, em certo sentido, despertencer-se. Todos os depoimentos convergem em torno da fragilidade de Iranildo, incluindo-se o argumento principal que é dado pelo próprio documentário. Não se trata de desmentir os diretores, mas de fazer ver que o porte físico de Iranildo é apenas um detalhe, estrategicamente usado para tornar o argumento verossímil. De mais a mais, os depoimentos corroboram-no. Elaine é a gestora dos afetos privados. “O Jogador” não dá muito espaço às mulheres - a mãe de Iranildo é monossilábica -, mas, pelas minhas observações de campo, as namoradas do tipo de Elaine dividem com a mãe a gestão do “coração” ou da “cabeça” do boieiro, dependendo do *topos* representacional das emoções. Eles devem parecer fortes, valentes, viris, mas as exigências da profissão, a competitividade exacerbada, as lesões, as dores, as incertezas decorrentes dos altos e baixos seguidamente os tornam frágeis. Não por acaso, muitos são os que recorrem às religiões, principalmente àquelas que dispõem de grupos de auto-ajuda. As mães, esposas ou namoradas, como Elaine, que abdicou da carreira, são essenciais na gestão dos afetos, e são a elas que os boieiros recorrem quando se sentem frágeis. Elaine manifesta o projeto de casamento, que acontecerá ao final de 1997, mas situa-o num tempo futuro, pois por hora ele “precisa se firmar”. O fato de ela ter aberto mão da própria carreira, ao menos temporariamente, situa-a lado a lado dos pais de Iranildo, pois como eles ela anexa seus projetos aos dele. O quanto isso ajuda na carreira dos jogadores é difícil de avaliar, pois depende de como será a relação entre aqueles que constituem o entorno o jogador, não raro tumultuados.

A rede de relações que gravita no entorno de jogadores profissionais, constituída como configuração social de pequena escala, já definida como entourage no capítulo 3, difere das redes



de relações profissionais, dadas pela inserção no campo do futebol de espetáculo. As relações profissionais são constituídas pelos colegas de equipe, membros das comissões técnicas, dirigentes de clubes, mediadores especializados, torcedores, empresários e demais agentes do campo. Já a entourage, relativamente autônoma em relação ao campo de atuação profissional, é constituída por aqueles que se relacionam de modo sistemático com os jogadores, como é o caso dos seus familiares. Todos os jogadores possuem entourage; pelo menos os que eu conheci, entre eles Léo, da qual posso dizer que fiz parte por um breve período, como descrito no excerto a seguir.

#### Peugeot, 8 mil euros e um ranchinho

Uma série de coincidências fizeram com que eu chegasse a Commanderie, centro de treinamento/formação do OM, mais cedo do que o habitual, numa manhã fria e chuvosa, em início de janeiro de 2003. Dirige-me, então, ao bar-café situado dentro do centro de treinamento, freqüentado pelos atletas, *staff*, jornalistas e outras pessoas devidamente autorizadas. Encontrei Fernandão, ex-atleta do Goiás, à época atuando pelo OM, e mais tarde transferido para o Inter-RS. Foi ele quem me apresentou dois outros brasileiros que acabavam de chegar à Marseille: Léo, ex-juvenil do Flamengo e da seleção brasileira sub-17, e seu pai, Jorge. Junto a eles, estava o irmão do agente francês que intermediou a transação internacional - a transação entre o Flamengo e o agente francês fora obra de outro agente/empresário, segundo Seu Jorge. Léo teria “tomado 10 lições de francês no Rio”, mas como ele mesmo disse “estava boiando”. O ambiente do bar-café era de cordialidade, marcada pelo *politesse* francesa. Mesmo as vedetes, como Barthez e Drogba, estenderam-nos a mão ao som de *bonjour*, o que deixou Seu Jorge boquiaberto: “você acha que o Romário teria feito isso? Aqui as pessoas são mais educadas, primeiro mundo mesmo! Sempre tem alguém perguntando como a gente está e tal. Apesar das dificuldades com a língua, não podemos nos queixar!”

Fernandão transferiu-se, na semana seguinte, para o Toulouse; Drogba, Barthez e os demais não abandonaram a etiqueta, mas o irmão do agente francês retornou a Paris e as interlocuções de Seu Jorge no OM reduziram-se a Manoel, “Manu”, nascido em Cabo Verde e, portanto, com o domínio do português. Desisti de observar o treino dos “moins 18” naquela manhã, para ouvir a história de Seu Jorge, bastante reticente em relação aos detalhes da transação em curso. De qualquer sorte, Léo ainda não havia assinado contrato, mas este já estaria averbado. Dependeria de uma sessão de testes de rotina e, pelo que entendi, de um período de observação do técnico da equipe principal. Léo tinha 17 anos, mas havia sido contratado para resolver o problema da lateral-direita da equipe principal.

Falei da minha pesquisa, dos meus interesses por tudo o que dissesse respeito à formação profissional de boleiros, sobre as diferenças da pré-formação no Brasil e na França, e assim por diante. Seu Jorge empolgou-se. Disse ter outro filho, menor do que Léo, que aprendeu a jogar em escolinha e, segundo Seu Jorge, “é melhor do que Léo em termos táticos, mas não tem aquela técnica, aquele jeito de tocar na bola... o jeito que Léo aprendeu na rua, jogando pelada”. Continuo a conversa, dizendo que me interessei pela trajetória dos jogadores em formação, pela família, pelos agentes, pelos profissionais, pelos dirigentes e outros agentes do campo. Seu Jorge pôe-se a narrar, então, a história do Léo, que havia se dirigido para o exame médico.

“Ele jogava no Flamengo, mas foi dispensado por indisciplina, sem mais nem menos, sem me comunicarem. Foi o técnico, que não gostava do menino; foi sem critério, entendeu? Então levei ele para uma peneira no Vasco. Foi aprovado, entre quarenta meninos, ele e um outro. Já estava sendo federado, mas então houve uma coincidência enorme. Ele pegou carona numa Topic, e o motorista trabalhava para o Flamengo. Ele deu com a língua nos dentes. Aí ligaram pra minha casa um dia inteiro. Pediram para que eu não federasse o menino antes de conversar com eles. Não dei muita bola, depois esfria e tal [...]. Eles insistiram, e no sábado chamaram-me para a Gávea [sede do Flamengo]. Pegaram

de volta o Léo e ele ficou seis meses no banco; o técnico nem olhava pra ele. Depois o lateral esquerdo foi para a seleção e o técnico teve que improvisar o lateral direito na esquerda. Léo entrou na direita e não saiu mais. Fez um ótimo final de campeonato, marcou dois gols. Prá um lateral, puxa a vida!!! Depois veio a seleção [...].”

Segunda-feira não era meu dia de freqüentar a Commanderie. A sessão de treinamento era curta, em razão do jogo realizado no domingo. Fui, assim mesmo, pois sabia que Seu Jorge e Léo estariam por lá, na rotina de testes, e havia dado minha palavra de que estaria lá na segunda. Ao longe notei que minha presença estava sendo aguardada por Seu Jorge, sorridente, postado ao lado do alambrado do campo no qual Léo treinava. Conversamos sobre várias coisas, questões mais ou menos usuais que um estrangeiro recém chegado faz a outro: preço dos alimentos, combustível, aluguel, etc. Seu Jorge queria muito saber quanto eles iriam gastar para se manter em Marseille; quanto por dia, em média, com uma alimentação à base de bife, arroz e salada [...]. Conversamos sobre o valor das passagens de ônibus, de como funcionava; sobre cartão telefônico, onde comprar, quanto, como [...]. Prosseguimos até que Léo e Manu (o cabo-verdense) saíram do banho. Seguimos para o hotel, onde Seu Jorge e Léo estavam temporariamente hospedados, na carona de Manu.

Quem pagou meu almoço foi Seu Jorge, alegando que não queria que isso entrasse na conta do OM. Disse-lhe que seria interessante comunicar o detalhe ao agente que nos aguardava, e o fiz quase ao final do dia. O agente discordou dos procedimentos, alegando que Seu Jorge seria ressarcido, afinal eu “tinha ajudado o OM”. E efetivamente havia, a Seu Jorge e Léo, pelo menos! Antes, porém, subimos e descemos duas vezes ao apartamento, antes e depois do almoço. A velha desculpa de que o quarto estava desorganizado, “quarto de homem!” Diria que estava até arrumado, à exceção de uma espécie de balcão sobre o qual havia uma porção de coisas, dentre as quais uma foto de família, com a mãe de Léo, ele e o irmão. Noutra estava ele e a namorada. Havia um quadro maior, com a imagem de uma Nossa Senhora, e junto a ele, fixado à moldura, minhas coordenadas, que havia deixado a eles na sexta-feira.

Tinha sido requisitado para acompanhá-los na escolha do apartamento/casa que seria realizada à tarde, aos cuidados de um agente do OM, razão pela qual Seu Jorge fizera questão de pagar meu almoço. Partimos em direção à sede do OM, próxima ao estádio Velodrome. Chegamos rápido e nos foi oferecido um café, enquanto aguardávamos para sermos recebidos. Estava pensando em tantas coisas que não me ocorreu a mais óbvia, até porque Seu Jorge havia sido reticente a respeito do contrato de Léo. Nos chamaram para a sala ao lado e a primeira coisa que fiz foi dizer quem eu era e o que fazia ali. O diretor do OM me confundiu com um agente e minha autorização para freqüentar a Commanderie estava a perigo. Ele quis saber detalhes, quem havia me autorizado a freqüentar o centro, por exemplo. Expliquei-lhe, com a chancela de M. Cipriani, que havia intermediado meu acesso, e que por sorte estava lá naquele momento. Sentamos à mesa e então percebi que não era para escolher casa/apartamento que estávamos lá, mas para o rito de assinatura do contrato de Léo.

Seu Jorge estava trêmulo, parecendo surpreendido. A mim ele havia tergiversado a respeito dos detalhes da transação, especialmente sobre as cifras. Porém, naquele momento não havia alternativas, tinha que “abrir o jogo”, sacando um fax roto que trazia no bolso com os valores previamente acertados entre ele, o agente brasileiro, o agente francês e os diretores do OM. Ele pediu para dizer ao dirigente do OM que possuía algumas questões para fazer antes de assinar o contrato e, uma a uma, a extensa lista foi sendo completada. De tempos em tempos, quando os dirigentes do OM ausentavam-se para atender um telefonema ou coisas do gênero, Seu Jorge dizia ao filho, ou a mim, diretamente, que um anjo me havia colocado no caminho deles.

Havia uma porção de documentos a serem assinados e todos o foram sem que o conteúdo fosse devidamente checado, à base da confiança no que havia sido acertado verbalmente. Foram unicamente os valores que Seu Jorge fez questão que eu conferisse. Léo era menor de idade, razão pela qual não poderia assinar um contrato profissional. Precisaria assinar dois contratos: um deles como “aspirant”, como se ele já integrasse o centro de formação. Assim poderia atuar na equipe principal, mesmo não tendo um contrato profissional, o que ele assinou na ocasião e cuja validade passaria a contar seis meses depois, quando encerrado o contrato de “aspirant”. Para tanto a família deveria comprovar residência na França há seis meses, o que foi providenciado. A mim solicitaram que traduzisse algo como: “o senhor deve assinar esses papéis. É um contrato de locação de imóvel, mas não é nele que o senhor vai residir [...]”. Seu Jorge assinou e um dos agentes que nos acompanhava desde o hotel desapareceu com os papéis.

Depois vieram os outros contratos, em 4 vias. Durante a assinatura, Léo chegou a cansar, trocando de caneta com o pai. Era preciso que eles copiassem, dentro de um retângulo, a frase “je suis d’acorde” e assinassem embaixo. Léo se complicou, assinando no retângulo do pai; depois em cima do que copiara. O diretor do centro de formação acompanhava atentamente e, de certa forma, impaciente. Disse que providenciariam, logo em seguida, aulas de francês para Léo, e disse isso depois de perguntar se ele não sabia falar inglês, o que se espera de um garoto francês da idade dele vinculado a centros de formação. A dificuldade de Léo em dominar a caneta era notória, o que motivou outras intervenções do diretor - sugerindo que a habilidade havia descido aos pés e coisa do gênero, num claro rito de enquadramento.

Seu Jorge quis saber detalhes: quanto ganharia depois dos descontos do fisco e outras coisas a respeito do contrato. O contrato de Léo poderia ser dividido em quatro partes. A primeira delas era composta pelo salário base, 8 mil euros por cinco anos. O valor era exatamente o que constava no papel roto que Seu Jorge trazia no bolso, mas ele não contava que o fisco ficaria com 25% desse valor, tampouco que não havia “jeitinho de driblá-lo”. Na segunda parte do contrato constava uma porcentagem acrescida sobre este valor a partir das convocações de Léo, ou seja, ele teria um aumento real de salários, na ordem de 5%, em razão de cada convocação para a equipe principal - o que até o início de 2005 não havia ocorrido. A terceira fonte de dividendos seria dada como prêmio pelas vitórias no Velodrome (estádio do OM) ou empate fora dele, mas para tanto seria preciso jogar pelo menos cinco minutos - como sequer foi convocado, nada recebeu em 2004. Finalmente, um contrato com a Addidas, gestora do OM, incluía a concessão de material esportivo não especificado na ocasião. Léo também recebeu um Peugeot novo, que deveria ser devolvido ao clube no final do contrato. Teria à disposição a mobília da casa/apartamento - até meu retorno ao Brasil, dois meses depois, eles ainda não haviam deixado o hotel. Nove fora, Léo acabaria recebendo bem menos do que Seu Jorge projetara, razão pela qual parecia atônito. Todavia, não havia como recuar.

Duas traduções demandadas por Seu Jorge me deixaram desconfortável. A primeira delas, fiz pontualmente, e tratava-se de um adiantamento do salário. Pelo que eu havia entendido, este procedimento era rotina no OM, mas deveria ser efetuado tão logo o contrato fosse chancelado pela FFF. Antes disso, não havia vínculo legal e, portanto, não havia como fazer adiantamento. Contudo, Seu Jorge insistia no assunto, fazendo sinais de que estava sem dinheiro. Então não tive outra saída a não ser reforçar com minhas próprias palavras, e de modo enfático, que eles estavam realmente precisando de dinheiro em mãos. Em poucos minutos, um cheque de 4 mil euros estaria em poder de Seu Jorge, e eles o trocariam no dia seguinte.

A segunda demanda embaraçosa estava relacionada ao abastecimento da despensa da nova casa, “um ranchinho”, como dizia Seu Jorge. Eu estava achando aquilo um excesso, depois do adiantamento, dos móveis da casa, do carro e tal. Embora fosse apenas “intérprete” de ocasião, e não devesse fazer juízos, era evidente que, aos olhos dos diretores do OM, nós três éramos brasileiros e, portanto, enquadrados na mesma categoria. Tudo bem que Seu Jorge estivesse no direito de reivindicar o cumprimento do acordo, mas eu resistia a perguntar pelo “ranchinho”, pois via ali a fina flor do paternalismo. O “ranchinho” era um excesso, se pensado do ponto de vista estritamente econômico. Com dez por cento do adiantamento, eu faria um bom “ranchinho” nos padrões que Seu Jorge idealizara-me pela manhã. Por que, então, abrir o flanco, submetendo-se a uma demanda que era quase uma esmola?

Acabei perguntando também pelo “ranchinho”. François, que nos trouxera para a assinatura do contrato, disse que isso não estava no acordo, mas que ele providenciaria, sem problemas. Eu traduzi isso para Seu Jorge, que abriu um sorriso, afinal François estava propondo-se a fazer por eles algo além do estritamente legal e impessoal. Em última instância, não importaria quanto ele receberia a partir do contrato legal, sendo relevante, de qualquer modo, receber um excesso, não-previsto ou não assegurado. Enquanto para mim o “ranchinho” significava receber uma dádiva incômoda, pois implicava em contrair uma dívida desnecessária, para Seu Jorge o “ranchinho” constituía-se num signo de que o OM estava agradando-os, disposto a ajudá-los e assim por diante. Significava, talvez, uma reaproximação com os códigos que eles estavam habituados. O sorriso estampado no rosto de Seu Jorge dava-me a impressão de que ele tivesse reencontrado, finalmente, um pouco da brasilidade, matando a saudades de São Gonçalo, no subúrbio do Rio de Janeiro.

Há muitas variações em relação à entourage: a maneira como se articula, o tipo de relação que o jogador estabelece com ela, no seu conjunto ou com cada um de seus membros, além das trocas entre seus membros - mãe e namorada/esposa; esposa/namorada e amante/caso; pai e agente/empresário; antigos e novos amigos e assim por diante. Algumas pessoas podem, evidentemente, pertencer tanto à entourage quanto ao campo de atuação profissional, mas isto não torna as fronteiras nebulosas. A extensão da entourage vai depender de muitos fatores, dentre os quais destacam-se: a) o volume de capital econômico do boleiro e b) a crença no dom. Quanto mais dinheiro um boleiro possui, mais pessoas ele terá condições de manter entorno de si, o que não implica dizer que a extensão da entourage possa ser declinada de um cálculo aritmético. É preciso considerar uma segunda variável, a crença no dom, para estabelecer a relação. Quanto mais o boleiro é susceptível à crença de que o talento com o qual ele ganha a vida é uma dádiva e, portanto, não lhe pertence por inteiro, tanto mais propenso a receber ajuda e a distribuir os ganhos. Como as representações acerca do dom não são produzidas por uma consciência isolada, é de se esperar que a própria crença seja investida nos jogadores. A teoria dos agentes/empresários de Iranildo - “É como se fosse um herói. Fica todo mundo [...] idolatrando o jogador” - só não é exata porque eles não se incluíram na entourage. A propósito, o sucesso dos agentes/empresários em seduzir os atletas em formação reside, entre tantas estratégias, em integrar-se à entourage. Os favores que eles prestam aos jogadores excede, seguidamente, a esfera profissional, razão pela qual os vínculos também invadem a esfera afetiva.

O jogador é o centro do espetáculo. Salvo raras exceções, todos os agentes do campo profissional, incluindo-se os treinadores, repetem isso. Como não pressupor que os membros da entourage também o digam? E como não formular a hipótese de que os atletas tornam-se dependentes, tanto da admiração do público quanto dos membros da entourage? A entourage de Iranildo compreende, por enquanto, o pai, os agentes/empresários, a namorada e logo será incorporada a mãe. O documentário é datado e não oferece subsídios para uma interpretação mais aprofundada acerca da relação entre eles; muito provavelmente sequer sejam mostrados todos os que estão à volta de Iranildo. Porém é possível notar, nesse segundo segmento, um conflito que se desenha entre os agentes/empresários e Seu Iranildo, ambos interessados na gestão do capital propriamente econômico do jogador. Percebe-se, nas falas de Pinheiro e João d’Ávila, os empresários, a intenção de atacar a reputação de Seu Iranildo, enquanto gestor do que quer que seja. Eles sugerem que o “problema é a família”, e não o jogador, no que tange ao consumo conspícuo. Jamais diriam que o problema é o jogador, sob o risco de perderem os vínculos. O alvo deles é o dinheiro, razão pela qual fazem questão de frisar as ingerências

financeiras, como seria o caso da aquisição de carros de luxo, pagamento de aluguel e empréstimos bancários.

Pai e empresários também disputam a proeminência sobre o jogador a partir do retorno às origens. O primeiro alega, já no segmento de abertura do documentário, ter deixado Pernambuco para viabilizar o projeto do filho, enquanto Pinheiro diz explicitamente: “Fui eu que iniciei isso tudo, né! Comprei vitaminas americanas...”. Não é preciso muito esforço para notar que os agentes/empresários usaram a pobreza da família para vincular-se a ela e, mais especificamente, entraram pelo flanco que o pai/marido (não) provedor deixou a descoberto<sup>307</sup>.

Finalmente, em relação à “revolução dos costumes” de Iranildo, a que Pinheiro e João d’Ávila se propunham, deve-se acrescentar, tão somente, que se trata de uma prática presente desde longa data na vida dos jogadores. A diferença é que, no presente, são empresários os encarregados de promover, estrategicamente, o ingresso dos atletas na “civilização”, uma tarefa que outrora cabia aos dirigentes de clubes. Basta comparar o depoimento dos agentes/empresários de Iranildo com o de Pompéia, ex-goleiro do América nos anos 60, constante no próprio documentário. “Quando eu saí de lá? Como? Calça de brim, uma bota dessas do Jeca Tatu, que tem o couro todo cravado; pra mim eu tava numa moda danada! Compraram roupa pra mim, aqueles sapatinhos bacanas. Quando eu voltei pro Bonsucesso, parecia um doutor, botando o último tipo; cortaram meu cabelo, ajeitaram... Só que a maneira de falar era uai, ô gente, ô trem bão!”

### **Dar, receber, retribuir...**

O filme segue acompanhando o desempenho irregular de Iranildo e Lúcio no campeonato carioca até o clássico contra o Vasco, em que o Flamengo vence e Iranildo, “o xodó, o queridinho da galera”, é eleito o melhor jogador em campo pela rádio Tupi, uma das principais emissoras em cobertura futebolística no Rio de Janeiro. O contraponto vem logo em seguida. Basta uma seqüência de maus resultados, coisa de três ou quatro semanas. Um torcedor irado, entre uma pequena multidão de protestantes, xinga os jogadores à saída do estádio: “Lúcio e Iranildo eu não agüento mais, eu não agüento mais isso, não agüento! Eu tenho vergonha de chegar em casa e olhar pro meu filho! Eu tenho vergonha! Não é este o Flamengo que a torcida está acostumada. Vamos perder, [mas] vamos perder com dignidade, com raça [...] Lotamos o Maracanã, lotamos de novo hoje, e passamos vergonha! Eu não agüento mais sofrer, eu não agüento mais sofrer pelo Flamengo! É uma vergonha, uma vergonha [...]”. Tamanha ira, e sobretudo os termos usados

---

<sup>307</sup> Sobre a importância do provento como um valor/honra masculino entre famílias de classes populares brasileiras, cf. Fonseca (2004, p. 53-88).

para expressá-la -dignidade, vergonha, sofrimento, entre outros -, são característicos da linguagem empregada pelos torcedores também em outros estádios, afinal são os códigos de honra tributários da adesão ao clubismo, única e inquebrantável, que revelam-se através dessas expressões.

No intervalo entre os episódios, narrando a vitória contra o Vasco e a derrota para os reservas do Botafogo, o documentário mostra o Mustang acidentado de Iranildo, no Ferro Velho do Ademar. O próprio Iranildo narra a capotagem, agradecendo a Deus pelo fato dele e do pai, que dirigia o carro no momento do acidente, estarem vivos. Por fim: “**o seguro falou que ia me dar outro, uai, ou vai me dar o dinheiro.** O pai falou que vai procurar outro Mustang aí pra mim!”. O documentário roda cenas no aeroporto do Galeão e em Palma de Mallorca, Espanha, onde o Flamengo foi disputar um torneio no qual Lúcio e Iranildo, especialmente o primeiro, se destacaram.

O locutor continua narrando os jogos da excursão, enquanto as imagens já estão em Jacarepaguá, acompanhando a manobragem de veículos na garagem da casa de Iranildo. “Esse aí é... **compramos**, né. Mesma cor, não a mesma marca, né, porque o outro era Mustang, e esse aí é um Eclipse, né! **Tô fazendo o desejo dele!** O sonho dele, né! Tinha acontecido aquilo, né [acidente]!”. Seu Iranildo insinua que o filho teria delegado a ele a tarefa de comprar outro automóvel, e exibindo o carro à equipe do documentário empolga-se: “Tudo o que um carro precisa ele tem. Tem os bancos de couro e umas coisas aí que nem eu também sei [risos]! Você vê, né, um carro desses... eu comprei aquela minha ali [Cheroquee] foi 35.000; esse aqui 48.000!”

A câmara troca, então, o pai pela mãe, Dona Roberta. Sentada sobre uma cama, ela passa algumas fotos do filho enquanto relata as transformações pelas quais estão passando. “**A vida da gente mudou por completamente**, né [sic]! Em tudo, né!” As imagens mostram *posters* do Flamengo enquadrados nas paredes da casa, enquanto Seu Iranildo prossegue: “Economia, economia, economia, sempre **todo o dinheiro na minha mão!** Só falo pra ele o que ele gasta, o que ele está gastando, certo, pra que ele tenha o controle. Vamos supor que ele vai ganhar 10.000, vou dizer pra ele que ele ganha 4.000, porque ele vai passar a gastar 1.000”. Dona Roberta exhibe “a primeira televisão” que ganhou de presente, quando o filho viajou para os EUA. O roteirista é implacável, exibindo-a em frente à TV, espanando o pó com as mãos, quer dizer, com as unhas, produzindo aquele ruído que se assemelha ao palitar de dentes com a língua.

Segue, então, uma das partes mais instigantes e reveladoras de “A História de Iranildo”. O pai afirma ser ele próprio quem recebe o salário do filho.

“É, fui agora!” [E o que o fez com ele?] “Passo para a minha conta. Vou deixar 1.000, porque 3.000 foi pro gasto. Vou dizer a ele que gastei. Por quê? **Porque ele não**

**teve tempo pra apreender a administrar qualquer coisa que pertencesse a ele.** [...] Hoje em dia, eu já passo isso pra ele. Olha, você ganha tanto, você recebe tanto, você tá gastando tanto, você tá gastando demais. Quando ele chega em casa [e diz]: pai eu vou sair... Tudo bem, quanto é que você precisa? Tanto. Toma, tanto. Talão de cheques? Não, fica comigo. Tirou alguma coisa, passou algum cheque? Não! Tudo é controlado. **Hoje eu tô dando a ele,** [corrigindo-se a tempo] **ele tá recebendo o que na época eu não podia dar. Entendeu? Ele tá me dando também, coisas que eu não tinha, que meu pai não pode me dar. Estes carros, né, pagos; essa casa, né; uma outra que tô construindo lá em Pernanbuco; tenho quinze terrenos, já, perto da praia, tudo divididozinho. Se eu compro 6 terrenos, 2 meu, 2 dele, 2 do irmão. A gente tem que aproveitar o momento, né.** Porque realmente, né, o salário dele, que tem 20 anos, né, é um salário que dá prá se viver, mas não dá para ficar rico. Não dá para fazer uma independência assim de uma hora prá outra. Isso leva tempo, mas se vir futuramente uma proposta. Vamos supor: **se for vender [Iranildo] por 6.000.000,** ele tem 15%, mais as luvas e fora o salário que ele vai fazer lá fora... Porque aqui é impossível pagar. Você vê que jogador sai do Rio pra São Paulo por 2 mil, 3 mil e pouco, mas isso aí leva transação, leva muita parcela pra se pagar... É, 3 milhões, é 3 mil reais, é 3 milhões mesmo...

A passagem não apresenta propriamente novidades, mas é clara no que concerne às razões que legitimam a gestão de Seu Iranildo sobre os ganhos do filho. A idéia de que eles estão tramados um ao outro já estava manifesta desde o princípio da narrativa, mas aqui se expressa com mais ênfase, dada a sobreposição que seu Iranildo faz em relação a quem está dando e recebendo coisas. Não se deve ser ingênuo a ponto de acreditar que Seu Iranildo não tenha consciência de que a gestão da carreira do filho é um tanto peculiar, e de que ele interfere nela decisivamente, beneficiando-se. O fundamental, no entanto, é notar como os procedimentos são justificados e justificáveis a partir de um discurso relativamente coerente, cuja redistribuição das benesses do dom segue determinados códigos bem definidos, como é o caso da hierarquia entre os gêneros. A Seu Iranildo o filho “deu” uma Cheroquee, à Dona Roberta, um televisor. O pai e o filho mais velho foram contemplados com dois automóveis, o irmão menor foi cotizado na aquisição dos terrenos. Enfim, Seu Iranildo é quem gerencia o dinheiro, detém o controle sobre os gastos e o comando das ações. À Dona Roberta cabe cuidar do álbum de fotografias e desfrutar sentada a vida “mudada por completamente”. Ou talvez, nem tão completamente assim.

### **Nascer/crescer, partir, retornar...**

O documentário segue apresentando os altos e baixos de Iranildo e Lúcio ao longo de 1997. Ao final, um último e breve episódio gravado em Igarassu, Pernambuco, onde Seu Iranildo está investindo parte do dinheiro. São mostrados os terrenos, uma casa de dois andares, com Dona Roberta, na varanda, toda sorridente. Seu Iranildo pretende construir ali, numa rua sem

calçamento, uma série de casas em dois pisos, “tudo duplex(zinho)”, para alugar. “Não faço plano de ficar no Rio”, afirma Seu Iranildo, “meu plano é mais aqui, entendeu, realizar a vida da gente aqui mesmo. **Crescemos aqui, né, nos criamos aqui, né. Aqui é muito importante pra gente! Tá em casa, né! [...] Enquanto a maré estiver dando lá, a gente está ganhando lá e vindo pra aqui. [...] A gente pretende ficar aqui futuramente, porque do lugar da gente não se pode fugir, né, é a origem da gente!** É bom, tranqüilo, no meio de família, né!” Na última tomada de “A História de Iranildo”, o casal de noivos segue de mãos dadas, pela rua em frente à casa e aos terrenos, afastando-se da câmara. Lembra, vagamente, o desfecho de “Tempos Modernos”, mas no sentido inverso, pois não há horizonte à frente de Iranildo e Elaine, mas casas simples cercadas de árvores, numa rua estreita da pacata cidade onde ele nasceu.

“A história de Iranildo” não pode ser vitimada por interpretações apressadas, como seria o caso se a diluíssemos em qualquer das perspectivas da reciprocidade. Poder-se-ia, por exemplo, sugerir que o desejo de retornar à cidade natal, e os investimentos lá realizados por Seu Iranildo nada mais são do que a força do dom, que o faz retornar a coisa ao seu lugar de origem. E que força possui este argumento, basta deixar Seu Iranildo falar: “A gente pretende ficar aqui futuramente, porque do lugar da gente não se pode fugir, né, é a origem!” Todavia, é preciso não se deixar mistificar pelas soluções abreviadas, pois não é a força do dom que faz as coisas retornarem ao seu lugar de origem, mas um conjunto mais vasto de representações, da qual o dom é produto. Vê-se, no caso de “A História de Iranildo”, como o dinheiro é significado a partir da perspectiva do dom, pois está claro que ele, Iranildo, tem sobre seu salário uma noção difusa de propriedade. De outra parte, a reciprocidade gerida à base do dom incita à circulação do dinheiro, mas não necessariamente à distribuição solidária, como poder-se-ia imaginar a partir de uma certa perspectiva romântica em relação aos grupos populares. O fato de ser Seu Iranildo o gestor do dinheiro é o primeiro indício dos critérios que orientam aquela rede de reciprocidade concreta. É o pai quem determina a aplicação dos bens, é ele quem detém o controle sobre os gastos, pouco importa a maneira como o faz. Ou seja, sua autoridade é reforçada com a presença do dinheiro, e quanto mais dinheiro, mais autoridade ele terá. Todavia, afirmar que eles estão enleados às representações do dom seria equívoco, pois aqui e ali aparecem os movimentos em direção à apropriação de novos capitais, como se observa pelo uso, ainda impreciso, de um jargão urbano, como o “completamente” de Dona Roberta e o “duplex(zinho)” de Seu Iranildo, entre outros. A casa de dois pisos que eles construíram em Igarassu contrasta, de qualquer forma, com as da redondeza, tendo alguns traços de modernidade.

Se o dom é uma predisposição, não é só futebolística. É preciso não esquecer-se de Mauss para compreender os liames que o cercam, pois o que na origem era um atributo propriamente



corporal converte-se em capital econômico, e ambos se tramam às representações produzidas dentro e fora do circuito futebolístico.

Em tudo isso, há uma série de direitos e de deveres de consumir e de retribuir, correspondendo a direitos e deveres de presentear e de receber. Contudo, essa estreita mistura de direitos e de deveres simétricos e contrários deixa de parecer contraditória se pensarmos que, e antes de tudo, há uma mistura de vínculos espirituais entre as coisas, que são em certa medida alma, e os indivíduos e os grupos, que se tratam em certa medida como coisas. E todas essas instituições exprimem unicamente um fato, um regime social, uma mentalidade definida: é que tudo, alimento, mulheres, crianças, bens, talismãs, terra, trabalho, serviços, ofícios sacerdotais e postos é matéria de transmissão e retribuição. Tudo vai-e-vem como se houvesse uma troca constante de matéria espiritual, compreendendo coisas e homens, entre os clãs e os indivíduos, repartidos entre as categorias, sexos e gerações (1974b, p. 59).

Os dividendos provenientes do dom não são redistribuídos, mas disponibilizados no circuito da entourage. A exigência de que os proventos do dom sejam disponibilizados é um valor culturalmente instituído e socialmente manipulado, quer dizer, preservado, atualizado e, sobretudo, negociado.

## **10 OS JOGADORES E SEU PÚBLICO**

Este capítulo focaliza o encontro dos meus informantes com os torcedores e, em perspectiva complementar, dos torcedores colorados com alguns dos jogadores formados no clube. Não se trata, todavia, de um mero registro desse encontro, mas de seu uso para a compreensão da dinâmica das emoções nos estádios e nos espaços e tempo contíguos ao espetáculo. Tenho trabalhado há quase uma década, de maneira intermitente, com o público futebolístico e, particularmente, com os torcedores nos estádios, a caminho deles, no entorno ou em deslocamentos para outras cidades. Estádios lotados e vazios, espetáculos absorventes e frívolos, manifestações de euforia e decepção, festa, silêncio, protesto e outros sentimentos direta ou indiretamente manifestos. Não se trata de um argumento de autoridade, mas de uma nota de esclarecimento. Afinal, o que será descrito aqui está muito aquém das possibilidades que um espetáculo de futebol oferece, e os intermináveis recortes que procederei, se fossem justificados um a um, tornariam o texto enfadonho.

O foco está orientado, pois, a partir do objeto principal da tese, o processo de formação profissional, contemplando duas questões principais: a) a maneira como os atletas preparam-se para o espetáculo do ponto de vista ritual; b) a maneira como o público interage verbalmente com os atletas por ocasião do jogo. Ao privilegiar estes dois aspectos da interação, estou deixando de focar uma série de questões relevantes. Alguém poderia questionar, por exemplo, a razão pela qual não darei voz aos jogadores, para que eles digam, com suas próprias palavras, o que sentem quando entram no gramado, quando fazem um gol ou são xingados pelos torcedores - ou quando fizeram isso pela primeira vez, já que trabalhei com jogadores em formação.

Em primeiro lugar, tais questões são formuladas pelos mídias e respondidas de maneira tão (in)satisfatória quanto as respostas que obtive quando eu mesmo as formulei aos informantes. Há, efetivamente, uma discrepância entre a intensidade das emoções, agradáveis ou não, e a verbalização, de maneira que os boleiros dirão, quase sempre, que são “emoções

indescritíveis” -seria interessante se os poetas pudessem entrar em campo! A hipótese é de que as emoções demandam distanciamento para serem elaboradas, sendo os ex-jogadores os mais indicados para falar delas. Eles o fazem a partir do sentimento de perda ou de ausência do contato com o público, o que os leva a desnaturalizar as emoções. Em segundo lugar, minha experiência com a observação participante indica que é nos vestiários e antes dos jogos que os jogadores expressam, através dos ritos, o que sentem. Ao privilegiar os vestiários e, particularmente, a descrição de uma seqüência ritual concreta, estarei procedendo a incontáveis recortes, contabilizando perdas expressivas em razão de tantas possibilidades que serão deixadas para outra ocasião. Não obstante, trago elementos inéditos, não apenas em razão de serem os vestiários espaços privativos, aos quais tive acesso a partir da estada prolongada em campo, mas especialmente porque revelam os momentos de fragilidade daqueles de quem o público espera demonstrações de força, bravura, virilidade, energia, autoridade e outros valores notadamente masculinos. A expressão “enfrentar os torcedores”, seguidamente ouvida dos profissionais, não é gratuita: os jogadores temem o público, tal qual os adversários e, seguidamente, a seus próprios desempenhos. É com esse argumento, pois, que procedi à escolha da seqüência ritual descrita na primeira parte do capítulo.

Esta não é a primeira etnografia em estádio de futebol. A antropologia avançou em relação à compreensão das emoções futebolísticas, de tal modo que já não são as interpretações obscurantistas, tais como aquelas que diziam ser o futebol um ópio do povo ou uma catarse coletiva, que servem como pontos de ancoragem<sup>308</sup>. Não se estuda propriamente o futebol, mas através dele, afinal ele não passa de um conjunto de códigos mais ou menos universais tramados às sociedades e culturas locais. O objetivo consiste, pois, em tornar inteligíveis as experiências estéticas manifestas nos estádios, o que implica pensar as emoções futebolísticas a partir de uma perspectiva relacional.

A segunda parte do capítulo focaliza as expressões verbais ditas pelos torcedores nas arquibancadas sobre aqueles que estão em campo. Outras etnografias exploraram a performance dos grupos organizados, as manifestações coletivas e a violência física e simbólica nos estádios. Aqui, a atenção volta-se para os ditos individuais, contextualizando-os em relação a outros ditos e ao jogo, e não propriamente em relação ao sujeito que os enunciou. Pelo fato de que nos estádios seja permitida a expressão pública de sentimentos, de uma maneira tal que são interditos em outras esferas da vida social, tem-se, por vezes, a impressão equivocada de que tudo pode ser feito ou tudo pode ser dito. Minha convicção é de que o espetáculo produz, a partir dos múltiplos pertencimentos em interação, um estado de ânimo alterado. Não obstante, num

---

<sup>308</sup> Minhas referências principais são, no entanto, Toledo (1996) e Bromberger (1995).

estádio não se diz tudo o que se quer, senão que há códigos morais e estéticos relativamente precisos modulando a expressão pública dos sentimentos<sup>309</sup>.

Um espetáculo futebolístico excede consideravelmente o jogo, mas tem nele o foco das atenções. Um jogo, como explicitado no primeiro capítulo, é uma configuração dinâmica constituída por duas equipes empenhadas na disjunção. Os jogadores, que participam diretamente dela, são aqueles em quem se supõe a presença de dons, disponibilizados ao time em busca do êxito do clube e, por extensão, dos torcedores que a ele pertencem. Os torcedores, em contrapartida, possuem, na origem, um vínculo de pertencimento, herdado junto às redes de sociabilidade familiar, na infância ou na adolescência; uma máscara que os tornam membros de uma comunidade afetiva. Os torcedores dispõem, pois, de uma espécie de contra-dom, na medida em que herdaram um vínculo do qual não podem se desfazer, como mostrado no capítulo 2, mas podem empenhá-lo em solidariedade ao time e, particularmente, aos demais torcedores. Numa perspectiva arrojada, os torcedores não têm muita escolha a não ser empenhar a sua fidelidade clubística, que é o valor mais sagrado que habita o pertencimento. De uma perspectiva lógica, o ato de deslocar-se ao estádio implica, desde logo, o empenho da fidelidade, pois o torcedor vai ao jogo do time pelo qual torce, e não a um evento futebolístico qualquer. Como as adesões não são jamais gratuitas, os torcedores esperam retribuição, razão pela qual há muitos aspectos similares no comportamento do público futebolístico em escala transnacional. Antes de pressupor que tais comportamentos sejam uniformizados a partir das propriedades intrínsecas do jogo, deve-se pensar que eles o são a partir da lógica do clubismo<sup>310</sup>.

O capítulo está subdividido em duas partes. A primeira trata das rotinas que antecedem os jogos. Através delas, procuro mostrar como se faz a transição para o espetáculo, quer dizer, como se instaura, nos indivíduos, sejam eles atletas ou torcedores, a sensibilidade característica aos eventos futebolísticos. Focalizo o processo que antecede os jogos a partir de duas descrições etnográficas: um deslocamento com os torcedores em direção ao estádio e um ritual dos jogadores no vestiário. Na segunda parte, abordo a dinâmica dos torcedores no estádio a partir dos ditos que são dirigidos àqueles que participam diretamente do jogo - atletas, árbitros, treinadores, gandulas, etc. O objetivo, entre outras coisas, é mostrar como comporta-se o público durante a performance e, particularmente, por que o processo de formação/produção prepara os atletas para “enfrentar o público”. A propósito, o evento que serve de suporte etnográfico para a

---

<sup>309</sup> Sobre o uso das noções maussianas, acerca da obrigatoriedade da expressão dos sentimentos (MAUSS, 1979, p. 147-153), para o contexto dos xingamentos dos torcedores, cf. Toledo (1993).

<sup>310</sup> Sobre o clubismo na Itália e, particularmente, acerca da rivalidade entre torcedores da Juventus e do Torino (ambos de Turin), cujos paralelos com o clubismo sul-rio-grandense e a rivalidade Gre-Nal são notáveis, cf. Bromberger e Mariottini (1994). Cf. também Murray (1994), sobre os rivais Celtic e Rangers, de Glasgow.

segunda parte contou com a participação de três “pratas da casa”, Nilmar, Diego e Rafael Sobis, meus informantes durante o processo de formação.

## **10.1 A SENSIBILIZAÇÃO DOS SENTIMENTOS**

### **10.1.1 A teatralidade dos espetáculos futebolísticos**

Para que as emoções de um jogo possam ser vividas plenamente é importante sentir-se parte de uma das agremiações que integram o ritual agonístico, mas isso não é suficiente. O pertencimento precisa ser mobilizado, quer dizer, sensibilizado e aflorado. Não por acaso escolhe-se criteriosamente o jogo para debutar as crianças, sobretudo os meninos, pois se deseja marcá-las com uma experiência positiva, uma vitória do time e um ambiente festivo, dados pela excitação coletiva. Nos estádios, as crianças assistem aos jogos atônitas, exceto quando estão entre um grupo extenso de pares de idade equiparada, ocasiões nas quais instituem uma dinâmica própria, dispersando-se, seguidamente, do jogo. O estranhamento não é produto da tensão do jogo propriamente dito, pois em geral as crianças não estão completamente socializadas com as propriedades intrínsecas - não têm a noção precisa de que se joga com e contra o tempo, por exemplo<sup>311</sup> -, resulta do comportamento dos adultos. Nos jogos entre clubes de futebol, os torcedores mostram-se tensos na maior parte do tempo, fixados na dinâmica das configurações, dirigindo-se ao campo com palavrões que impressionam pela eloquência com que são ditos. Há boas razões para as crianças estranharem os estádios, sobretudo aquelas de camadas médias, menos propensas ao repertório pantagruélico (BAKTHIN, 1993). Nada, porém, que o processo de socialização não torne familiar.

O comportamento das crianças serve para ilustrar o fato de que as emoções clubísticas requerem uma modalidade de educação sentimental, o que não é propriamente uma novidade, se pensarmos a partir da interpretação geertziana sobre as brigas de galos balinesas. Não menos importante é notar que os sentimentos clubísticos, em que pesem serem incorporados desde a infância, precisam ser aflorados por ocasião dos eventos. O que se passa a caminho do estádio,

---

<sup>311</sup> Uma das cenas freqüentes nas arquibancadas são os pedidos de informações sobre o tempo de jogo, que uns torcedores fazem aos outros, normalmente para alguém que esteja acompanhando pelo rádio. Fazem-no porque estão absorvidos pelo jogo, pois o controle do tempo, como foi explicitado no capítulo 8, é uma variável importante e os torcedores imaginam que podem, aos gritos, apressar ou acalmar os jogadores, dependendo da relação entre o escore da partida e o tempo que resta para ser jogado. A apreensão do tempo, próprio às propriedades intrínsecas do jogo, é produto da socialização, e não está dada de antemão. Por isso, as crianças, observei em mais de uma ocasião, também perguntam aos acompanhantes pelo tempo, mas tratam de saber o tempo que falta para o término do evento, quando poderão, então, retornar às suas casas. Duas horas de jogo parece, decididamente, um intervalo demasiadamente longo para neófitos.

no seu entorno ou dentro dele, antes de iniciarem os jogos, é fundamental para a compreensão de certos comportamentos observáveis no decurso deles. Para que as emoções sejam afloradas, a espetacularidade é um elemento essencial - *l'ambiance*, como diriam os franceses<sup>312</sup>.

Pode-se avançar um pouco mais acerca das pretensões com o termo espetacularidade reportando à noção de teatralidade, apropriada por Zumthor, a partir de Josette Féral, e referida como um dos quatro aspectos da relação entre a performance - entendida, em senso lato, como competência ou *savoir faire* (2000, p. 35-7) - e o contexto de realização. A idéia deste artigo, escreve Zumthor, referindo-se a Féral, “é a de que o corpo do ator não é o elemento único, nem mesmo o critério absoluto da ‘teatralidade’; o que mais conta é o reconhecimento de um espaço de ficção” (p. 47).

Você entra numa sala de teatro [...] onde uma disposição cenográfica espera visivelmente o começo de uma representação. O ator está ausente. A peça não começou. Pode-se dizer que aí há teatralidade? [...] Uma semiotização do espaço teve lugar, o que faz com que o espectador perceba a teatralização da cena e teatralidade do lugar. Uma conclusão se impõe. A presença do ator não foi necessária para registrar a teatralidade. Quanto ao espaço, ele nos aparece como portador de teatralidade porque o sujeito aí percebeu relações, uma encenação (p. 48).

Está no centro da proposição de Zumthor a convicção de que a performance não é compreendida enquanto tal se não for assegurado, para o caso do teatro, um “lugar cênico” ou mais apropriadamente, outra vez seguindo Féral, um “espaço transicional”. Não se trata de um espaço físico - embora ele possa contribuir para tal -, mas sobretudo de um espaço imaginário que induz os sujeitos, atores e espectadores a situarem-se num espaço-tempo de relações, entre si -resguardando ou articulando as alteridades -, e com o mundo, quer dizer, um espaço-tempo singular, ficcional. Analogamente, o que assegura a espetacularidade do futebol não é simplesmente a presença de jogadores e torcedores num estádio qualquer, mas um conjunto variado e heteróclito de signos relacionais.

---

<sup>312</sup> Durante uma tourada, em Arles, no sul da França, em abril de 2003, fiquei intrigado com a razão pela qual se cravava uma lança no cangote do touro antes do toureiro desafiá-lo no centro da arena, a parte principal da performance. Interpelei, então, um senhor que dava mostras de compreender em minúcias as “propriedades intrínsecas” da tourada. Este, identificando na minha curiosidade a falta de familiaridade com as performances, disse-me, antes de responder à pergunta: “regardez l’ambiance, c’est superbe!” Compreendi que aquela era uma mensagem muito clara de que havia algo mais importante a ser notado do que um detalhe com o qual eu estava preocupado. Tratava-se de uma lição *ad hoc* de educação dos sentidos. Se olhasse para “l’ambiance” minhas probabilidades de compreender os significados da tourada aumentariam consideravelmente, ao contrário do que se passaria se me voltasse para detalhes, sobretudo para aquele que me intrigava, um dos mais violentos e aparentemente gratuito aos olhos de um neófito. De qualquer modo, o procedimento em questão é realizado para cindir a musculatura cervical, fazendo com que o touro mantenha, a partir de então, a cabeça rente ao solo, pois assim como no futebol, a tourada andaluza prioriza a performance com o baixo corporal. É especialmente para os pés do toureiro que se deve olhar, razão pela qual há quem sugira que a tourada seja uma dança, entre a vida (toureiro) e a morte (touro, “a besta”), ao final da qual a vida deve triunfar, e tanto mais efusivamente quanto mais ela acicatar a morte. Cf. Leiris (2001).

Com o termo espetacularidade pretendo evitar qualquer possibilidade de “pensar em absolutos”, o que talvez poder-se-ia ser tentado a fazer a partir do termo espetáculo. Nos estádios de futebol, pelo menos no Brasil, a espetacularidade implica jogo, com suas configurações dinâmicas, mas vai além disso: há os torcedores, das gerais e das tribunas; há os mediadores especializados, de rádio, jornal, TV; os dirigentes de clube, de federação; os árbitros, representantes da FIFA, e os policiais, delegados pela autoridade do Estado; há os vendedores ambulantes, dentro e fora do estádio; as cores, os odores, as vaias, os cânticos, os xingamentos, enfim, trata-se de um cenário vivo, de trocas intensas, mas não de todos com todos, ao mesmo tempo e igual em toda a parte, como pressupunha a hipótese da “regressão à horda primitiva”<sup>313</sup>.

A noção de espetacularidade, por nada haver nela de absoluta, não se limita ao segmento do futebol profissional, ainda que ela seja uma de suas características. Assim como existe um processo de esportivização - inacabado, como sugerem Elias e Dunning (1992) - também existe um processo de espetacularização, em diferentes direções e em constante mutação. Para ser breve, um exemplo basta. Digamos que as peladas estejam próximas do grau zero de espetacularização e a final de uma copa do mundo esteja no outro extremo, como protótipo do que seria, “o” espetáculo futebolístico. Entre eles, há os jogos de várzea, onde se observa, quase sempre, um esforço no sentido de constituir uma espetacularidade: um certo protocolo à entrada em campo, a demarcação da área de jogo, a presença da arbitragem, o uso de fardamento e outros tantos índices visando produzir um distanciamento da bricolagem futebolística (peladas) e, tanto quanto possível, uma aproximação em relação às configurações profissionais. Trata-se, se me permitem outra analogia, de procedimentos da mesma ordem que se observa no “teatro de rua”, mesmo nos espetáculos improvisados, em que um espaço cênico - físico e imaginário - é criado com a demarcação de um círculo, de jato d’água, em meio à multidão.

Durante a maior parte do trabalho de campo, freqüentei jogos realizados à margem do interesse do público, dada a inserção prioritária nas configurações de produção/formação de futebolistas. Em boa parte desses eventos, podia-se distinguir, e por vezes nomear, os presentes, tanto em Porto Alegre, nos jogos dos juvenis do Inter, quanto em Marseille, nas partidas dos “moins 18” do OM. Em Marseille, os jogos aconteciam no Estádio Municipal Le Bert, na periferia da cidade, em torno de 40 minutos de ônibus desde o estádio Velodrome, relativamente centralizado. Já em Porto Alegre, os jogos realizavam-se num dos campos suplementares, usado para os treinamentos da equipe principal, ao lado do Estádio Beira-Rio. Faziam-se presentes, lá e aqui, os familiares - pais, irmãos, tios e até avós -, dirigentes dos clubes, outros meninos das

---

<sup>313</sup> Para uma crítica desse e de outros clichês interpretativos acerca do comportamento nos estádios cf. Ehrenberg (1991, p. 30-6). Sobre os cenários dos jogos de futebol cf. tb. Soares (1979).

categorias de base, vários agentes/empresários, e alguns poucos torcedores, um ou outro fotógrafo e muito raramente uma equipe de rádio<sup>314</sup>.

Como dito em outros momentos, o processo de formação/produção compreende o contato - ou melhor, o enfrentamento - gradativo com o público. Bem entendido, a platéia dos jogos das categorias de base é, via de regra, constituída por torcedores dos atletas, quer dizer, um público altamente engajado no jogo a partir dos vínculos de identidade com os jogadores e, particularmente, com o projeto de tornarem-se profissionais da bola. Algo muito diverso é o que eles encontram no momento que põem os pés no gramado do Beira-Rio ou no Velodrome, fardados - o termo não é gratuito - com as cores do Inter ou do OM, respectivamente. Nessas ocasiões, a entourage não será de pequena escala, tão pouco de indivíduos diretamente implicados com seus projetos pessoais. Em que pese o estádio possa não estar lotado, há uma comunidade de sentimento à espreita de suas performances.

Eles são chamados de “meninos”, “garotos”, “piás”, “guris”, “pratas da casa” e assim por diante. Todos têm menos de 20 anos - meus informantes estrearam com aproximadamente 18 anos - e o equivalente a um curso universitário em horas de treinamento incorporado; a maioria já recebe um salário bem acima da média dos empregados em suas idades e não raro sustentam a entourage. O fato de serem chamados de meninos encobre a longa trajetória e um dado acúmulo de experiências a que foram sujeitos ao longo da formação. Desde que eles ajudem a equipe a vencer, o tom afetuoso do tratamento tende a acentuar-se, podendo virar idolatria. Porém, nenhum torcedor sentir-se-á constrangido de chamar a um desses meninos de “piá [menino] de bosta” se a performance ficar aquém das expectativas, pouco importando o fato de ele ter sido formado no próprio clube.

Os meninos sabem que não devem esperar senão vaias e xingamentos do público que não pertence à comunidade de sentimento a qual eles representam. Como tal comportamento é previsível, não são esses torcedores a quem se deve temer, mas antes os do próprio clube, pois suas manifestações são menos protocolares e variam conforme as performances, individuais e coletivas. Em linhas gerais, portanto, o cenário da performance tende a ser hostil, razão pela qual

---

<sup>314</sup> O ambiente modificava-se sensivelmente por ocasião dos torneios em que tive a oportunidade de acompanhar junto à delegação do Inter, em Santiago/Bossoroca e Conceição do Macabu/Macaé, cidades de pequeno e médio porte menos habituadas à presença de espetáculos de primeira ordem como são aqueles envolvendo as equipes principais dos clubes de elite. Santiago talvez fosse uma exceção, pois no interior gaúcho os torcedores dividem-se em relação à preferência por Grêmio e Inter. Distantes do Olímpico e do Beira-Rio, os torcedores e os veículos locais de comunicação voltam-se para os meninos que um dia poderão vir a integrar as equipes principais das respectivas agremiações. Não por acaso, a foto de Ronaldinho Gaúcho estava afixada na sede do Cruzeiroiro, em Santiago, e foi exibida com orgulho por um de seus dirigentes, com o epíteto verbal: “ele jogou aqui!”.



são usados, seguidamente, os termos estar “pronto”, “preparado”, “maduro”, “consciente” e “seguro” para “enfrentar o público”.

### **10.1.2 Os ritos e performances de pertencimento antes do jogo**

Se o “espaço transicional” da teatralidade é a ficção, como sugere Zumthor, o equivalente para o caso da espetacularidade futebolística seria o pertencimento, em suas diversas faces - talvez se pudesse pensar num neologismo, como pertencidade<sup>315</sup>. Nenhuma delas é, no entanto, tão importante quanto a transição de indivíduo à pessoa. Por vias distintas, como será descrito a seguir, tanto os torcedores quanto os jogadores lhe são sujeitos, de maneira tal que nos estádios encontramos-nos diante de sujeitos em estado de ânimo alterado, seja dentro ou fora de campo.

Dezembro de 2004. Fim de tarde de quinta-feira. Largo Glênio Peres, centro de Porto Alegre. Sou um dos primeiros a subir no ônibus que nos levará ao jogo contra o Boca Júnios, valendo um vaga na final da Copa Sul-americana. Não se trata de uma competição afirmada, que desperte o mesmo interesse do Campeonato Brasileiro ou da Libertadores. O Inter entrou despreziosamente, passou pelo Figueirense, depois pelo Grêmio, e então pelo Althético Júnior de Barranquilla, da Colômbia. Dada a campanha medíocre no certame nacional, disputado concomitantemente, atletas, dirigentes, mídias e torcedores colorados passaram a dar importância à Sul-americana, mas isso não é tudo. O Grêmio, batido na segunda etapa, está a ponto de ser rebaixado para a segunda divisão nacional, o que é motivo suficiente para os colorados estarem excitados. Afinal, são eles quem gozam nos outros, e com o Grêmio na “segundona”, as perspectivas são excelentes: ao menos um ano de gozações, completo. De mais a mais, as competições sul-americanas são aquelas nas quais o Grêmio têm nítida vantagem sobre o Inter, tendo vencido em duas ocasiões a Libertadores da América, sendo um dos clubes

---

<sup>315</sup> Do ponto de vista lingüístico, pertencidade poderia (trata-se de um neologismo) significar algo como “a condição de quem é pertencente (ou de quem pertence)”, próximo à maneira como se definem termos aparentados tais como: sociabilidade, passionalidade, religiosidade e assim por diante. Na origem, encontram-se o substantivo “pertencimento” (ou, no feminino, pertença, como tenho usado com alguma frequência) e o verbo transitivo indireto “pertencer”. Segundo o dicionário Houaiss, pertencer significa “ser propriedade de, fazer parte de, ser parte do domínio de, ser referente a, ter relação com, ser merecido, caber, ser peculiar a, ser próprio de, ser da obrigação ou responsabilidade de”. Pertencer equivale a ser, em estado de transição. Quem pertence pertence a alguém ou a alguma coisa, daí porque o verbo, além de intransitivo é indireto. Trocando em miúdos, pertencer implica na idéia de posse, de propriedade e de domínio. Ou melhor: só pode pertencer quem se permite partilhar, quem dispõe de algo, de seus sentimentos, emoções, crenças e assim por diante. Não há como compreender o universo do futebol sem esta chave do pertencimento (a alguém, aos outros, ao clube, à nação colorada, etc.) e, simultaneamente, de despertencimento (a si mesmo, ao próprio status, às representações e aos imaginários ordinários, etc.).

brasileiros que mais vezes participou desse certamente continental. Em razão disso, seus torcedores enchiam os pulmões para cantar: “Grêmio, Grêmio, bi-campeão da América”. Agora, contudo, são os colorados que, na mesma melodia entoam: “Grêmio, Grêmio, segunda divisão da América”. Enfim, o jogo desta noite é contra o Boca, o mais popular dos clubes argentinos. Mais de três mil colorados foram a Buenos Aires assistir o Inter perder por 4 a 2. Hoje eles deverão lotar o estádio, pois os ingressos esgotaram-se ainda no sábado. Acreditam na vitória contra os argentinos, mas, fundamentalmente, estão “rindo à toa” pela desgraça gremista. É a gangorra local.

Novembro de 2002. Tarde de sábado, preliminar de Grêmio e São Caetano pelo campeonato brasileiro, primeiro Gre-Nal do quadrangular que decide o campeonato gaúcho da categoria juvenil. “Gre-Nal é Gre-Nal”, diz-se comumente. Trata-se de um jogo diferenciado e entre os meninos os ânimos alteram-se sensivelmente. Honra e tradição marcam o tom do enfrentamento. No ano anterior, o Inter foi desclassificado nas semifinais, por ter um de seus jogadores participado irregularmente de um jogo. Como o Grêmio e o Inter só se cruzariam na final - até os campeonatos das categorias de base são programados para que Grêmio e Inter só se enfrentem na final, numa espécie de coroamento - e o Inter foi desclassificado, o Gre-Nal do Gauchão 2001 acabou não acontecendo. Na Copa Santiago, em 2002, eles se encontrariam na final, mas ambos foram desclassificados na etapa anterior; o Inter pelo Vitória-BA e o Grêmio pelo Cruzeiro-MG. Em Macaé, o Grêmio ficou de fora, já na primeira etapa, e o Gre-Nal que poderia ocorrer nas semi-finais também não aconteceu. Portanto, fazia mais de um ano -desde um torneio realizado em Florianópolis, do qual o Inter saiu vencedor - que não havia Gre-Nal nessa categoria, e não é preciso alongar-se para dizer o quão dramático são tais jogos para os meninos. Habitados a jogar com público escasso, em dias de semana ou nos campos suplementares, com a presença da entourage, anseiam por estes jogos de público generoso, mesmo que este lhes seja hostil. As vaias e os xingamentos soam como aplausos invertidos; uma modalidade de incentivo que produz um estado de ânimo alterado; um misto de excitação, medo, ansiedade e outros sentimentos do gênero.

O ônibus que partirá em breve rumo ao jogo contra o Boca vai tendo seus assentos tomados. Faltam mais de duas horas para o início, mas aqueles que ali se encontram já estão mobilizados. Alguns devem ter passado o dia pensando no jogo, tendo acompanhado ansiosos a passagem do tempo e vivido, imaginariamente, muitos lances do jogo de logo mais; gols do Inter, por certo, pois o otimismo é uma crença que se traduz em ânimo e põe os torcedores em movimento. O ônibus não chega a lotar, quer dizer, não está “atrolhado”, como já frequentei em

outras ocasiões, como se o ônibus fosse um apêndice do estádio. Mas também não está tão desmobilizado como em outra oportunidade, dias antes, em que sequer registrei notas, pois assemelhava-se a um ônibus de linha convencional. Fora uma viagem silenciosa, aborrecida, cada qual em seu assento; nenhum palavrão, nenhum xingamento, nem cânticos, tão somente um deslocamento físico, nada de transição anímica, nenhuma espetacularidade. O “bus” vai partir em seguida; “vamos lá, vamos lá, motora...” Enfim, chegou um grupo de colorados, de amigos, por certo, um deles excitadíssimo, “ligado”, “muito ligado”. Ele será o porta-voz, o dinamismo da transição rumo ao espetáculo. “Vamos lá motora, vamos lá...”

No largo em frente de onde partiremos em breve, realiza-se um show de rock de uma banda local; uma quantidade razoável de fãs e curiosos assistem-na. Duas meninas que estavam na turma do gargarejo vão para trás do palco, exatamente onde está estacionado o ônibus. Beijam-se, e o ônibus trepida em xingamentos. Elas não se dão por rogadas, as descoladas, beijando-se novamente, mais fogosamente do que antes, desencadeando nova onda de xingamentos. Homofóbicos? Talvez. Melhor pensar que já estamos em processo ritual, de homosociabilidade masculina, tão intensa e carregada de afetividade que a condição de heterossexuais dominadores tem de ser afirmada e reafirmada, a caminho e depois dentro do estádio; uma modalidade de afirmação dada pelo ângulo da aversão aos outros, dentre os quais destacam-se os gremistas, ou quaisquer cidadãos comuns que não partilham do transe que está em curso.

Do mesmo modo que excluem, os colorados incluem. Não por acaso, sobraram voluntários para ajudar a subir no ônibus o paraplégico que entrou pelos fundos, quando de rotina haveriam de se entreolhar, à espreita de que o cobrador e o motorista tomassem a iniciativa. Eram muitos dispostos a ajudar o cadeirista, e o fizeram prontamente, afinal tratava-se de um colorado e, particularmente, havia sido criada uma ocasião para dramatizar, no detalhe de uma cena breve, a solidariedade, um dos eixos em torno dos quais gravita o pertencimento clubístico. “Gremista, filha da puta/chupa rola e dá o cu/ Eih, Grêmio, vai tomar no cu!/Olê, Inter, olê, Inter”. “Dá-lhe, dá-lhe colorado, com muito orgulho, no coraçãooooo...”

No vestiário do Inter, em novembro de 2002, encontravam-se não apenas os atletas titulares e os reservas, mas muitos outros que pertenciam ao grupo e não haviam sido convocados para o jogo. Até alguns meninos de outras categorias, dos juniores ao infantil, albergados na “concentra”, foram com a delegação colorada ao estádio Olímpico. Contrastando com a euforia dos convocados e, particularmente, dos titulares, Eduardo, o goleiro titular durante o ano inteiro, perambulava triste pelo vestiário. Além da lesão recente, o goleiro Renan, com idade de juvenil, mas que treinou o ano todo com a equipe júnior, foi “baixado” para jogar

as finais, assumindo o posto de Eduardo. Ocorre que Renan é goleiro titular da seleção brasileira e tem mais prestígio entre os dirigentes do Inter. Então ele tinha autoridade para “pedir para baixar” nos jogos importantes dos juvenis, e continuar treinando entre os juniores durante a semana. Outro de semblante abatido era Patrick. Ele foi campeão mundial da Copa Nike, sub-15, um importante torneio com várias etapas e que culmina com uma espécie de Copa do Mundo, toda ela financiada pela multinacional, na Holanda. Em 2000, os garotos do Inter venceram a competição e Patrick foi o autor do gol da vitória. Desde o ano seguinte, no entanto, ele tem tido dificuldades de se afirmar como titular e já à época dizia-se, à boca pequena, que ele não conseguiria se “segurar no júnior”, o que de fato aconteceu em início de 2003, quando foi “liberado”. Patrick estava lá, entre os que faziam o aquecimento, como se ele também estivesse se preparando para entrar em campo. Talvez desejasse demonstrar ao técnico “espírito de grupo”, algo que contribui para que um sujeito seja bem visto pelo *staff* e pelos colegas, uma estratégia um tanto desesperada de capitalizar-se por outros meios que não os efetivamente futebolísticos. Ele, que já esteve entre os estabelecidos, mostrava-se triste, desapontado e ausente; arrancar-lhe uma palavra seria impossível, razão pela qual não resta senão as especulações em torno que sentia. Lá estavam os diretores - Franco e André -, além do superior hierárquico - Seu Corbelini. Também estavam Ademir - coordenador técnico das categorias de base -, e Jorge - do infantil -, além de todos os membros da comissão técnica do juvenil e mais um bom número de membros de outras comissões técnicas da formação/produção colorada, incluindo-se Guto Ferreira, ex-técnico da equipe principal; umas 50 pessoas ao todo. “Arlei, olha só isso que o Jordan anda distribuindo!” É André, o auxiliar-técnico, entregando-me um “santinho” distribuído pelo preparador de goleiros, freqüentador de um grupo de Atletas de Cristo. Ateu, militante do PC do B, André revelara-se cético às investidas de Jordan. Em tom sarcástico, complementa: “Eu perguntei prá ele [Jordan], caso alguém distribuir esses santinhos lá do outro lado, então o jogo vai dar empate?”<sup>316</sup>

O ônibus, de dezembro último, movimenta-se, e o torcedor-dínamo assume o comando dos cânticos, xingamentos, palavrões e insultos a quem quer que não seja colorado no caminho do Beira-Rio. “Pisa, motora, porque nós tá com a potência!” Dobramos à esquerda na Júlio de Castilhos e tomamos a Mauá. Na virada, um senhor faz sinal de positivo, e o dínamo respondeu:

---

<sup>316</sup> O “santinho traz na frente duas fotos, uma de um nadador e outra de dois judocas em competição e entre eles um dizer: VITÓRIA FINAL GARANTIDA. Na parte final do boletim, inicia-se uma citação bíblica (Romanos 8, 31-2; 37-9) que se encerra no verso: “Diante de tudo isso, o que podemos dizer? Se Deus está do nosso lado, quem nos vencerá? [...] Ao final do texto, há uma mensagem grifada: “leia a bíblia!” e a indicação de quem produziu o material: Sociedade Bíblica do Brasil. Sobre “atletas de Cristo” cf. Jungblut (1994).

“é isso aí, tio, vamos meter 4 a 1; 4 a 1 pro colorado”. Numa sinaleira, um motorista de camisa azul e branca emparelha conosco: “gremista, corno, viado, filha da puta, vai voltar pra segunda divisão...”. Ele não reage, o que é providencial; os colorados esquecem-no, até encontrar outro cidadão qualquer para nova sessão de insultos. “Acelera motora, que nós tá com a potência; vamô logo que hoje é tudo com nós!” Pum, pum, pum, a batucada é improvisada no teto do ônibus: “êêêêêêêêêê, o Grêmio vai voltar pra série B”.

Seguimos pela Perimetral, depois entramos na Borges de Medeiros e em seguida na Padre Cacique, linha reta em direção ao estádio. A algazarra intensifica-se, o dínamo segue anunciando que “nós temo com a potência”, apressando o motorista e batucando no teto. Não tarda e já estamos a trezentos metros do estádio. A ansiedade é nítida, mas a preferência para a descida é do paraplégico. Dois anônimos, orientados por outros cinco, carregam-no para fora do ônibus, enquanto a cadeira é passada de mão em mão, posta ao solo, aberta e ocupada. Um espetáculo à parte, verdadeira performance de solidariedade entre iguais. Descemos, em meio à névoa de fumaça dos “churrasquinhos de gato”, pipocas, churros e outras comidas populares. A pestilência também é produto do tráfego intenso, do esterco de cavalo -um uso peculiar da polícia gaúcha -, de suor, cigarro, cerveja, pinga e outras bebidas alcoólicas que contribuem para aflorar os afetos masculinos. Tudo ao inverso do que fazem os jogadores àquela altura. Cambistas, torcedores presos, vendedores ambulantes, engarrafamento, pressa, uns que vão, outros que voltam, uns que se encontram, outros que se perderam, enfim, aproximamo-nos de um espetáculo absorvente, talvez o mais absorvente do ano. A teatralidade a qual Zumthor se refere está dada nessa multiplicidade de elementos heteróclitos que, no conjunto, especificam o espetáculo futebolístico. O coloradismo está a florado pelas falas, pelos odores, pelas cores, enfim, encontramos-nos num cenário de transição no qual as identidades e as alteridades recompõem-se a partir da lógica do clubismo. Odeia-se como nunca os torcedores do Boca Junior, e os argentinos em geral, e tanto mais os gremistas, os “outros” estruturais.

Os atletas, já fardados, agrupam-se em um círculo, o Gre-Nal está se aproximando. Abraçam-se no primeiro dos vários “fechamentos”, como é chamado o círculo característico, que se pode notar também em outros esportes. Danny, o capitão, fala em “jogar para ganhar, não ter medo da torcida”. É a voz da autoridade, de quem foi escolhido pelo técnico para comandar o grupo, razão pela qual sua fala é também estratégica, reforçando sua condição. O capitão não é obrigado a falar, mas quando o fizer deve ser performático. Outros atletas também podem fazê-lo, desde que demonstrem convicção no que dizem, sendo que raramente alguém que não é estabelecido no grupo terá acesso à palavra, aparentemente franqueada a quem dela desejar fazer uso.

Em seguida falou Carioca, o preparador físico, na mais extensa e contundente das falas. Ele falou sobre a grandeza do Inter, as glórias do passado, os títulos conquistados nos anos 70. Porém, alterou o tom para dizer que ali estava o futuro do clube: “é só ver os atletas que foram



O primeiro “fechamento” da série, antes de começar o aquecimento, dentro do próprio campo, em Conceição do Macabu (jul 2002).

vendidos, a qualidade dos atletas produzidos pelo Inter. [...] Então é hora de mostrar competência, porque Gre-Nal te levanta ou te fode! Chegou a hora. Hoje a metade do Rio Grande está com a gente. Hoje não é jogo pra ninguém reclamar de ninguém. Pode até ser que a gente saia daqui derrotado, mas eles vão ter que se matar nesse sol. Esse time não é de menino, não; tem homem nesse time. E hoje é dia de mostrar quem tem culhão!” “Temos que mostrar prá nós mesmos que nós somos fodidos [fodedores] [...] Temos que mostrar prá esses filhos da puta que fazem traiçagem;

vamos entrar lá dentro e calar a boca dessas porras!” A fala é de Giacomini, antigo capitão. O que é dito importa menos pelo conteúdo e mais pela ênfase, pelos palavrões, por códigos verbais e corporais do que instigam à transição. Quando Giacomini cala, o grupo todo grita: “vamos lá, vamos lá...”.

#### O lugar da “mãe” nos vestiários

Os preparadores físicos são aqueles que trabalham com a parte menos prestigiosa do treinamento, segundo a percepção dos atletas; aquela que acontece, seguidamente, sem a bola. Em todas as comissões técnicas do Inter, com as quais tive contato, foi sempre o preparador físico quem conduziu os ritos de vestiários, incluindo-se o aquecimento físico e os “fechamentos”, realizados em menor ou maior quantidade, dependendo da importância do jogo. Tais procedimentos implicam mobilização completa dos jogadores; de corpo e alma, portanto. Segundo Galo, nos juniores do Inter a mais de 5 anos, o “preparador físico é como a mãe dos jogadores; ele deve ser exigente, mas também estar próximo e ser afetuoso. Já o técnico é a autoridade, o que escala, substitui, dá esporro [...]”.

No período mais intenso da minha observação participante, não havia psicólogos no clube. Em 2004, porém, tanto os juniores quanto os juvenis possuíam, mas nenhum deles mostrou-se interessado em intervir nos ritos que antecedem à entrada em campo. Um deles, inclusive, confidenciou que havia tido atritos com um ex-integrante do *staff* juvenil. Ele quis fazer mistério em relação ao nome do profissional, mas foi em vão. Afinal, os papéis são tão bem demarcados que seriam remotas as possibilidades de que ele tivesse tido atritos com alguém que não fosse o preparador físico, com quem passara, desde a sua inserção estratégica no Inter, a dividir a gestão da “cabeça” dos garotos do juvenil<sup>317</sup>. “Eu não quis me meter no trabalho dele, mas o meu dia para

<sup>317</sup> Há, de modo geral, dois discursos contraditórios acerca da presença de psicólogos. Em tese, eles são desejados, dentro de uma modalidade idealizada de “equipe multidisciplinar”, tão ao gosto dos “novos”

conversar com os atletas era justo no dia dele, em que ele trabalhava sem o técnico. Ele sempre largava os guris mais tarde, exaustos, e eles acabavam faltando às sessões!”

As categorias de base geralmente não concentram, quer dizer, não passam pela reclusão às vésperas dos jogos, ou raramente o fazem. Quando o fazem porém, a tendência é que predomine o repouso e o isolamento, em que pesem as fugas, bebedeiras e orgias que fazem parte das histórias que os ex-boleiros contam. Tais acontecimentos são excepcionais, razão pela qual despertam narrativas. A tendência é que a reclusão seja vivida com uma espécie de enclausuramento, no qual os indivíduos são isolados do convívio social e recomendados a evitarem qualquer modalidade de atividade dispendiosa, seja ela física, mental ou emocional. Em Conceição do Macabu, em que pese estivessem em regime de concentração *full time*, era notável a redução de ruídos às vésperas dos jogos. Por esta razão, os ritos de vestiário, que sucedem às preleções, são intensos, ruidosos e movimentados, pois compete-lhes a ativação integral dos atletas. Os termos “aquecimento”, usado para caracterizar a movimentação física, e “fechamento”, voltado para o espírito, traduzem bem os seus significados.

Tem início o aquecimento, tão logo o círculo é desfeito. Primeiro, uma sessão de alongamentos estáticos, com os atletas espalhados pelo chão do vestiário; aos poucos, vai se intensificando, com pequenos “piques” (arranque e pequena corrida em no máximo 7 a 8 metros), até formarem uma movimentação em círculo, com movimentos de pernas, para dentro e para fora (adução/abdução), ao ritmo de palmas. As palmas são acrescidas de um som de difícil transcrição, mas o conjunto de movimentos, sons e ritmos lembra uma dança tribal. Não por acaso, Luis Fradua, diretor técnico do centro de formação do Athletic Club quis saber de que se tratavam “aquelas danças esquisitas” que os jogadores do São Paulo teriam realizados por ocasião de um torneio em Bilbao. Segundo Fradua, a torcida local divertiu-se muito com o que supuseram ser um rito tribal praticado no Brasil. Tribal ou não, o certo é que tais procedimentos são



A dupla eficácia dos movimentos em círculo: a preparação prática, integral e coletiva. Vestiário do Inter (nov 2002)

---

profissionais do mercado de formação/produção. Na prática, eles são vistos com desconfiança, pois prevalece, no meio futebolístico, dadas concepções que associam a psicologia à doença e, particularmente, à fraqueza emocional. Sabendo disso, Carlos adotou uma estratégia interessante, oferecendo-se, primeiramente, como voluntário para trabalhar com as categorias mirim e infantil - adolescentes de 13 a 15 anos -, sendo mais tarde contratado pelo clube. O trabalho dele e de Márcio ainda carece de legitimidade junto aos demais membros do *staff* colorado, e mesmo entre os jogadores. Os juniores instituíram em 2004 uma “caixinha”, multando-se uns aos outros pelas ausências às sessões de “terapia de grupo”, uma forma *sui generis* de assegurar a adesão “voluntária” ao novo dispositivo.

generalizados entre nós, e ausentes nos vestiários europeus. Léo, que estava tentando se firmar no OM, queixou-se do silêncio no vestiário. “Pô, ninguém fala nada, parece que tão de mal um com o outro. Nem parece um jogo sério; parece é uma pelada organizada!”

O ambiente estava descontraído no vestiário colorado, e a tendência é que seja assim, a menos que existam muitas distensões no grupo - muitas “panelinhas”, como eles definem os sub-grupos de afinidades. O ritmo marcado pelas palmas e pelas passadas, ou pela contagem coletiva, a pleno pulmão, converte-se numa pequena performance que os atletas proporcionam a si próprios visando a unidade. Os que não participam assistem, em silêncio,



Atletas, staff técnico e dirigentes: “fechamento” às vésperas de jogo importante. Beira-Rio (nov, 2002)

como se estivessem paralizados. Os deslocamentos em círculo prosseguem, sendo impossível estabelecer quem está à frente e quem está no final; os movimentos e os balbúrdios ritmados, o ambiente acanhado, isso tudo dá um sentido de *communitas*, para usar um termo conhecido da literatura sobre rituais<sup>318</sup>. A sincronia em tudo o que se faz nesses momentos é fundamental enquanto estratégia simbólica, pois um grupo, para ser unido, precisa também parecê-lo.



Apesar do “pai nosso”, vestiário colorado é sincrético. Entretanto, nem todos aceitam água de cheiro, como é o caso dos “atletas de Cristo” (Macabu, jul 2002).

Cessa e aquecimento e os atletas trocam os coletes pelas camisetas; é a parte que falta do fardamento. Os goleiros que aqueceram dentro de campo retornam ao vestiário. Giacomini reza em frente ao altar que Tio Paulo, o roupeiro, improvisou. O sinal da cruz a São Jorge, Nossa Senhora de Fátima, Aparecida [...]. Logo serão todos chamados para o último “fechamento”, desta vez com a intervenção do técnico Joel. “Tá chegando a hora da verdade! [...] Vamos ter confiança; quem veste esta camisa é porque tem qualidade, garra, dedicação. Que Deus nos ajude a conseguir essa vitória!” Jordan, preparador de goleiros, o que distribuía os “santinhos”, segue dali em diante: “Tem que ter responsabilidade, competitividade [...]”; Giacomini retoma a palavra: “Vamo botá os azulinhos com medo; vamo ganhá!” Em uníssono, fazem uma contagem estridente: um, dois, três. Pulmões a pleno, ecoando pelos labirintos do vestiário, ouve-se:

<sup>318</sup> Cf. Turner (1974) e também Segalem (1998).



PAINOSSOQUEESTAISNOCÉUSANTIFICADOSEJAOVOSSONOMEVENHAANÓSO  
VOSSOREINOSEJAFEITAAVOSSAVONTADEASSIMNATERRACOMONOCÉU...

VAMO SE QUERÊ, VAMO SE GOSTÁ;  
MINGUÉM É DE NINGUÉM E O BICHO VAI PEGÁ

VAMO EMBORA! VÁMO EMBORA! VAMO LÁ! VAMO LÁ!

Uns se abraçam, outros se cumprimentam; quem não vai pro jogo dá seu último recado: uma mensagem de otimismo, confiança, uma dica, como o ex-treinador Guto Ferreira que, ao pé do ouvido dizia a Rafael Sobis: “vai dentro; dentro deles!” Perfilam e seguem pelo túnel em direção ao campo. Mais um “fechamento” breve, entre os onze ninguém mais, e então ocorre a entrada em campo, sob as vaias dos gremistas, seguidas pelo coro que também se aplica aos torcedores: Ma-ca-ca-da, filha da puta!/Chupa a rola e dá o cu !/Hei, Inter, vai tomá cu!/Olê Grêmio, olê Grêmio!/ Olê Grêmio, olê Grêmio!

A razão de existirem os ritos de vestiário não é para restaurar a ordem, antes para potencializá-la. São, na verdade, procedimentos a meio termo entre ritos e performances, se tomássemos à risca as conceituações mais ortodoxas. Por um lado, eles possuem uma estrutura que se repete: reclusão-aquecimento/fechamento-jogo, com muitas possibilidades de

fracionamentos intermediários. As falas são mais ou menos convencionais, impregnadas de valores masculinos, e os agentes que as proferem dificilmente mudam de um jogo a outro. Por outro lado, os procedimentos devem conter algo de novo, afinal eles precisam ter eficácia simbólica e, como dizem, “cada jogo é um jogo” e “cada jogo tem uma história diferente”. Pouco importa a maneira como eles sejam encaixados na nossa literatura, o importante é reforçar, uma vez mais, o fato de



O Clube, os deuses, o grupo; todos são objetos de crença às vésperas de uma decisão por tiros livres (Macaé, jul 2002).

que para os nativos eles devem potencializar o grupo. Essas expressões aparentemente banais, como por exemplo, “vamo se querê, vamo se gostá”, são triviais em termos de conteúdo, mas densas em termos de eficácia simbólica. O “pai nosso”, rezado estrondosamente, com as palavras emendadas umas nas outras, traduz, sem exageros, a intencionalidade dos ritos, uma espécie de continuidade entre os indivíduos. Não custa lembrar, rapidamente, que mais do que com gols e dribles, o futebol profissional é jogado à base de passes e, portanto, de relações. Para que eles fluam de acordo com a conveniência é preciso que não haja barreiras ou interdições entre os

atletas. Todavia, eles constituem grupos de convivência intensa, geralmente permeados por intrigas (as “panelinhas”), sem contar as vaidades, as idiossincrasias, enfim, eles dependem, pelo menos no Brasil, desses ritos preparatórios que, com mais ou menos eficácia, dramatizam os pertencimentos e reconfiguram transitoriamente o grupo.

Os torcedores, em sentido inverso, não precisam potencializar o que quer que seja, mas aflorar suas emoções; podem embriagar-se, inclusive, e por vezes o fazem para romper certos tabus. Nunca é demais lembrar que, em nossa cultura, são raros os espaços públicos nos quais os homens se permitem demonstrações de afeto, sobretudo entre iguais. Sem a transição que ocorre a caminho do estádio, uma espécie de percurso liminar que determina a transição de indivíduo à pessoa, do cidadão com nome e endereço para o anônimo (ou parcialmente anônimo) colorado, a espetacularidade não se instaura. Os laços sociais do cotidiano jamais se rompem por completo, e só alguns jogos são efetivamente absorventes, como já denunciara Geertz a partir das brigas de galos. Todavia, sem que se faça alguma modalidade de transição os jogos tornam-se efetivamente enfadonhos, pois parte do gosto pela peça não é dado pela performance dos atores, mas pelo prazer estético de freqüentar o teatro.



Depois dos ritos, atletas são recebidos pelas crianças, como Rafael Sobis, conduzido ao centro do campo. Beira-Rio (dez 2004).

## 10.2 A EXPRESSÃO PÚBLICA DAS EMOÇÕES ATRAVÉS DO CLUBISMO

### 10.2.1 Os espetáculos vistos com luneta e com lupa

O termo espetáculo é usado tanto em perspectiva êmica quanto ética: a) como predicado, para destacar certas performances, ditas espetaculares; b) como substantivo, sendo sinônimo de evento. Usos tão extensos são avalizados pelo próprio termo, de origem latina, *spectaculu*, cuja etimologia sugere o emprego para tudo aquilo que “chama a atenção, atrai e prende o olhar”. Nesta, tese o termo espetáculo foi e continuará sendo usado para predicar uma dada matriz futebolística, cujas diferenças genéricas em relação às outras matrizes foram destacadas no capítulo 1, e para nomear uma modalidade de evento que caracteriza a referida matriz. Portanto, pode-se definir um espetáculo futebolístico como um evento polifônico no centro do qual ocorre

uma disputa regrada entre duas equipes que representam comunidades afetivas, sendo que essas podem-se fazer presentes, co-participando da disjunção, ou acompanhá-la à distância, na medida em que uma das características desse espetáculo é a sua recriação midiática<sup>319</sup>.

No que concerne ao olhar antropológico, o espetáculo futebolístico pode ser pensado a partir da relação com outros eventos que acontecem nas cidades, reunindo públicos identificados do ponto de vista ideológico, moral, estético e/ou afetivo. Sob certo aspecto, portanto, os espetáculos futebolísticos constituem uma das modalidades de eventos esportivos que, por seu turno, possuem estreita relação com eventos políticos (comícios, passeatas, protestos, manifestações, etc), religiosos (procissões, cultos, festas e celebrações diversas), artísticos (shows, festivais, exposições, desfiles e performances em geral), e outros tantos que mobilizam determinadas classes de pessoas, pressupõem uma organização prévia e demarcam identidades e diferenças.

Vistos a partir de uma perspectiva aberta, com uma luneta, como sugere Bromberger (2002), os espetáculos futebolísticos que têm lugar nos estádios e, de uns tempos para cá, em bares e *pubs* que disponibilizam as transmissões simultâneas, são partes de uma constelação de atividades que estão ao alcance de boa parte dos cidadãos, mas que interessam a apenas uma fração deles. Antes de saber a quem os espetáculos futebolísticos interessam, convém pensá-los em conexão com uma sociedade espetacularizada, destacando que um mesmo sujeito pode freqüentar, e normalmente o faz, mais do que um desses eventos -comícios, cultos e jogos de futebol, por exemplo<sup>320</sup>. Há, portanto, intersecção de várias ordens, mas de nada servem as comparações genéricas.

Olhar para os espetáculos do futebol com uma lupa, implica estabelecer uma outra ordem de relações, não mais horizontalizadas, como sugerido acima, mas em profundidade. O jogo, em si mesmo, está assentado numa estrutura agonística cujo desfecho é a disjunção entre as equipes concorrentes. Já foi visto nos capítulos precedentes -1 e 8, em particular -, que essa modalidade

---

<sup>319</sup> Há, a respeito, uma extensa bibliografia. Sugiro, como referência, os trabalhos de Rial (2002); Leite Lopes (1994); Toledo (2002, p. 159-219); Gastaldo (2004); Gaboriau (2003) e Ehrenberg (1991).

<sup>320</sup> Poderia citar aqui a mudança de perspectiva no uso de símbolos partidários, de esquerda em particular, até algum tempo cercados de uma conotação sagrada, em que o porte de uma bandeira implicava na adesão ideológica, para uma conotação festiva, em que bandeiras de plástico são distribuídas na esquina, os simpatizantes as tremulam pelas ruas, enfeitam as fachadas de suas casas e depois põem-nas na lixeira, passada a votação. Poder-se-ia pensar na dessacralização da política, das eleições, do esquerdismo ou das ideologias, mas, porque não, na esportivização de tudo isso? Num jogo no Estádio Olímpico (Grêmio), em 1998, na véspera do segundo turno entre Olívio (PT) e Britto (PMDB), os torcedores dividiram-se na enunciação das suas preferências eleitorais, sufocando-se mutuamente. Assim que o time entrou em campo, no entanto, restabeleceram os vínculos a partir do gremismo. Gostaria de aproveitar esta nota para dizer que não pretendo, por hora, avançar em relação às proposições instigantes de Debord (1992), cuja crítica à sociedade contemporânea a partir da ótica da espetacularização parecem-me contraditórias. A proposição deste capítulo, como da tese, é de compreender o futebol de espetáculo a partir de dentro, uma etapa necessária para incursões mais abrangentes.

de disputa cria configurações de indivíduos em interação, pautadas por regras consentidas e agenciadas, sendo que o público não apenas aprecia tal dinâmica senão que o faz de modo engajado, a partir da identificação com uma das equipes que constitui a configuração dinâmica. Todavia, o espetáculo futebolístico não se resume, do ponto de vista antropológico, à dinâmica configuracional, foco de interesse prioritário dos nativos. Às ciências sociais devem interessar as múltiplas relações estabelecidas por esses agentes ou, dizendo de outro modo, é a polifonia gerada por ocasião do jogo que demarca a sua relevância.

Sem a disjunção, os espetáculos esportivos muito provavelmente não sobreviveriam, sequer existiriam ou teriam de ser reinventados. A disjunção produz realidade; ela põe o totemismo clubístico em movimento. Por isso, cada jogo é um evento, um fato histórico, único, que além de ser um fenômeno na medida em que existe empiricamente, é significado pelo contexto. A disjunção em relação ao “outro” implica na conjunção do “nós”, e ainda que isso não opere mecanicamente, pode-se ao menos afirmar, sem riscos, ser a produção simultânea de identidade e alteridade uma das razões pelas quais os espetáculos futebolísticos são absorventes, tal qual outros ritos agonísticos.

É preciso estar atento, pois apenas alguns jogos são “absorventes”. Outros são “desinteressantes” e há também os “meia-boca”, como dizem os torcedores. Boa parte da excitação está associada à expectativa gerada pela disjunção eminente, e isso vale tanto para o futebol quanto para as rinhas de galos. A tensão em torno da disjunção cria uma dada sensibilidade estética que serve como indicativo de uma separação entre o universo da ficção convencional - teatro, cinema, etc - e a ficção esportiva, sendo ambas uma cisão em relação ao espaço tempo ordinário. O que fazem os torcedores no estádio é pôr em movimento um extenso conjunto de códigos, valores, atitudes, pertencimentos, identidades, sensibilidades estéticas, enfim, aquilo que as etnografias devem visar, pois essas categorias do simbólico não são mobilizadas de forma idêntica em toda a parte.

Pelo fato dos torcedores integrarem uma mesma comunidade afetiva não implica que as diferenças sejam suprimidas<sup>321</sup>. Nada mais equivocado do que pressupor uma unidade artificial justamente lá onde há um esforço para demarcar as diferenças. Se é evidente a proeminência do público masculino - em torno de 85-90% em Marseille, segundo Bromberger (1995, p. 113-120),

---

<sup>321</sup> “Des foules unanimes et anonymes? Par sa forme en anneau compartimenté, où s’inscrivent et s’affichent les hiérarchies [...] le stade s’offre comme un des rares espaces où, à l’échelle des temps modernes, une société se donne une image sensible certes de son unité mais aussi des contrastes qui la façonnent. [...] Chaque secteur, voire chaque travée du stade, forme [...] une sorte de territoire où s’ancre une conscience d’appartenance commune qui s’exprime, plutôt qu’elle ne se dissout, dans l’effervescence collective (BROMBERGER, 1995, p. 209).

e em Porto Alegre, segundo minha contabilidade<sup>322</sup> -, isto não implica que tenha sido sempre assim. Jogos entre seleções nacionais atraem um público distinto daquele que participa dos confrontos clubísticos, e uma vez alterado o público, alteram-se as percepções estéticas e as manifestações - nesse caso, são mais mulheres e crianças, menos xingamentos, cenários festivos distantes das tensões que permeiam a platéia de jogos entre times que representam clubes. A diversidade e a fragmentação segundo critérios de classe social, escolaridade, religião, etnia, partido político, entre outras, não desaparecem por completo, mas são englobadas pelo clubismo.

O estádio é teatro, arena, púlpito, coreto, enfim, é o local onde o espetáculo acontece e, do ponto de vista desta etnografia, onde futebolistas e torcedores encontram-se. Todavia, etnografar o que, exatamente? Os torcedores exigindo a presença de um ou outro “prata da casa”? Gritando seus nomes em uníssono ou xingando-os? Talvez porque não soubesse muito bem o que fazer em meio a tantas possibilidades - conquanto estivesse seguro de como não proceder -, pus-me a anotar, entre os torcedores nas arquibancadas do Beira-Rio, tudo o que estivesse ao alcance. No princípio, preoquepei-me em relacionar os ditos com os eventos de campo, algo do tipo: “Chuta, lesma!’ Torcedor, ao meu lado, xingando Sangaletti, quando este demorou para rebater uma bola.” Num desses jogos em que os torcedores estavam furiosos e não havia tempo para contextualizar as falas, simplesmente anotei seus enunciados. O que poderia ser interpretado como um fracasso foi para mim uma pequena descoberta, pois a supressão das referências do jogo implicava a valorização das vozes em detrimento das imagens, uma espécie de estranhamento a partir do qual os meus informantes eram percebidos na polifonia verbal dos torcedores. Rafael, Diego, Rodrigo, Nilmar, Álvaro e outros deixaram de ser informantes; eles tornaram-se aquilo que podia ser captado nas vozes dos torcedores, enunciadas simultaneamente às suas performances.

### **10.2.2 A polifonia dos colorados**

Inter *verus* Ponte Preta, 8 de agosto de 2004. O rendimento do time do Inter decresceu. Chegou a ser 5<sup>o</sup> colocado à altura da 12<sup>a</sup> rodada, mas, 9 rodadas depois, está na 13<sup>a</sup> colocação. Não vence faz cinco jogos, dois deles no seu próprio estádio. Comenta-se, entre os torcedores e na mídia, a possibilidade de mudanças do treinador Joel Santana e, talvez, do vice-presidente de futebol Vitório Piffero. O jogo da tarde é contra a Ponte Preta. Um adversário de boa performance, detendo a 4<sup>o</sup> posição entre os 24 clubes que disputam o campeonato. Ou o Inter

---

<sup>322</sup> Estimativa a partir da contagem em diferentes pontos do estádio. Sem precisão estatística, portanto.

vence, ou haverá protestos depois do jogo, no Portão 8 - é onde ocorrem os protestos colorados; no Grêmio é no Portão 3 e cada clube tem o seu “portão”.

O locutor da Rádio Gaúcha abre a jornada esportiva, que ouço à caminho do Beira-Rio, afirmando que o futebol é pautado “por resultados”. E, se os resultados não acontecem, a saída é a demissão dos responsáveis. A movimentação no entorno do Beira-Rio não é intensa; jogo para dez mil pessoas, se tanto. Entro nas “Populares”, com um ingresso exibindo a foto de Rafael Sobis, meu informante desde os tempos em que era juvenil. Ele será titular no jogo desta tarde, pelo que estão anunciando. Sigo para o alto das arquibancadas, como tenho feito há vários jogos. Tomo o bloco de notas e, sem ser molestado por quem quer que seja, procedo às anotações. O público está apático, quase indiferente, mesmo à entrada da equipe no gramado. Só as crianças que entraram com os jogadores pareciam entusiasmadas.

Um grupo da Torcida Organizada Camisa 12, pouco mais de vinte jovens, postados na diagonal onde o Inter defende-se no primeiro tempo, tenta agitar o público. Um outro grupo de torcedores organizados, na diagonal onde o Inter vai atacar no primeiro tempo, faz o mesmo. À minha direita, no último degrau das populares, e em pé, estão os personagens da tarde. Não os conheço, não sei seus nomes e nem os discriminarei nas falas. Imagino, por um instante, o quanto esse procedimento deixa a desejar no que concerne aos sujeitos da fala, aos indivíduos que a enunciam de modo tão idiossincrático - pelo conteúdo, mas sobretudo pela forma, pela entonação, pelos tons de revolta e histeria. Imagino-me gravando-os, talvez filmando-os e, porque não as duas coisas? Recomponho-me. Devo trabalhar com o que disponho. Não desejo tornar-me um positivista empedernido, não me interessa “tudo” o que se passa no estádio. É impossível captar senão fragmentos. Um olho no campo outro nas anotações. Os xingamentos não tardam, não era de se prever outra coisa.

Sangaletti é chamado de “lesma” já nos primeiros movimentos. Um atacante da Ponte Preta invade a área pela esquerda, dribla o goleiro Clemer e arremata no poste. A bola perde-se pelos fundos e um burburinho generalizado toma conta das arquibancadas. “Tão tomando um banho de bola, de novo!” Xingam o árbitro e depois Sangaletti. É o mesmo sujeito, identifico pela voz; o adjetivo também é o mesmo: “lesma!” O Inter faz algumas evoluções pelo ataque, lá pelo outro lado do campo. Ouço aplausos protocolares, porém generalizados. “**Vâmo, lesma; vâmo lesma!**” E o jogo segue...

#### A fauna do futebol

Enquanto os balineses projetam-se nos galos, como escreve Geertz, os colorados projetam animais nos jogadores. “Cavalo”, por exemplo, é um signo prestigioso. Qualquer jogador que chuta forte, “dá patada”, e também merece respeito. “Pangaré”, no entanto, é para jogador reles. “Lesma” é para jogador lento; “mosca/moscão” para desatento. “Vira-lata” sempre foi pejorativo,

enquanto “pit-bull” é sinônimo de respeito. “Burro” é demasiadamente convencional para se dar destaque em estádio de futebol. Já “macaco” é acusação grave, sujeita a encenças com outros torcedores. Os colorados adotaram o “macaco” como símbolo totêmico, como forma de domesticar o racismo gremista; “macaco” é um bicho a parte, ao menos no Beira-Rio. “Boi” é para jogador sem brio; e “touro” para o oposto, mas “vaca” também é freqüente. “Avestruz” e “galinha” são para jogadores limitados intelectualmente e “pato” para os que se deixam ludibriar - daí “pateta”, para Vinicius, como se verá em breve, no texto. “Galo” é para jogador valente, que se impõe; “frango” e “pinto” é para quem se submete. Todavia, os campeões de citação são, obviamente, o “veado” e a protuberância dos bois/touros, “corno”. Aplicasse-os sob qualquer pretexto, a quem quer que seja, desde que esteja a distância considerável. E há muitos outros bichos nos quais se projetam atitudes humanas e nos humanos, uma tradição popular que atravessa épocas e fronteiras, cujos estádios preservam e atualizam.

O técnico Joel Santana está usando uma prancheta para anotações. Depois do Inter sofrer o primeiro gol contra o Juventude, há 15 dias atrás, um torcedor gritou desesperado, como se ela fosse a responsável pelo infortúnio: “enfia no cu essa prancheta, Joel!” Joel é nacionalmente conhecido (entenda-se ridicularizado) pelo seu uso, o que denota um certo entendimento generalizado de que o futebol não é passível de ser abstraído em termos letrados ou algo que o valha. Ouvi, dia desses, um repórter perguntar-lhe, em tom sarcástico, como é que teria dado as instruções à equipe, no vestiário, durante o intervalo de um jogo, tendo esquecido a prancheta no banco de reservas!

O foco dos xingamentos agora é o árbitro: “pau no cu! Filho da puta”, depois de um impedimento da Ponte Preta que ele marcou mesmo tendo o Inter prosseguido o jogo, com vantagem. Sangaletti erra, o estádio o vaia. “**Tu não enxerga, ô imbecil!** O Sangaletti tá dormindo em campo!” São os xingamentos ditos pelos que estão à minha direita. Um outro torcedor, à minha esquerda, indigna-se com Joel Santana: “Olha aí, oh, com aquela planilha [prancheta]! O que tu tá fazendo?” O burburinho é generalizado. “Uuuuuuuuuuhhh!” - Para Sangaletti, assim que ele toca na bola. “Ou ele [o treinador] tira o Sangaletti ou nós tirâmo ele de campo!” Comenta-se o resultado dos outros jogos; até o Flamengo, último colocado, está vencendo; o goleiro do Juventude defendeu um pênalti [...].

#### A novela dos homens, até no estádio

Enquanto vêem o jogo no estádio, os torcedores acompanham o desenrolar de outros jogos pelo rádio. No presente, prevalecem os rádios de ouvido, ou mesmo os fones, uma modalidade de audiência individualizada, atualizada pelas tecnologias contemporâneas, que imprimem um padrão de sociabilidade diverso de outras época. Aqueles rádios enormes, “rádios de ombro”, com meia dúzia de pilhas, que não raro eram arremessadas nos árbitros, desapareceram do Beira-Rio. Quando eles existiam, até alguns anos, formava-se em torno deles uma audiência compacta, com meia dúzia de ouvintes, às vezes mais. Uma modalidade de sociabilidade que a modernização tecnológica, incluindo-se a modernização dos estádios, que numera e senta os torcedores, relegaram ao passado.

Em três estádios europeus que freqüentei, não observei um único torcedor com rádio. Entre nós, vê-se o jogo no estádio ou na TV, mas ouve-se pelo rádio. As jornadas esportivas são intermináveis, iniciando no domingo pela manhã e avançando noite a dentro. São sensibilidades distintas, que marcam, quero quer, uma presença da oralidade entre nós. O prazer da audição do locutor de rádio, que recompõe os eventos numa dimensão efusiva e trepidante, é preservado entre os torcedores. A relação entre as novelas de rádio e as locuções esportivas, que datam mais ou menos da mesma época, e eram dirigidas a públicos segmentados pela categoria de gênero, merece mais atenção. Em torno de 50% dos torcedores colorados ainda freqüentam os jogos com rádio, uma porcentagem que decresce significativamente entre as mulheres.

“Esse paraguaio tá dormindo em campo!” O paraguaio é Gavilan, ala direita. Seguem aplausos para uma jogada de Sangaletti; eles vêm das sociais. Nas populares, não houve manifestação alguma. **“Joga prá frente, ô merda!”** É para Chiquinho, um “prata da casa”. **“Tá dormindo, ô paraguaio de merda”.** “O que tu tá anotando?” - Pergunta um torcedor a Joel que segue absorto com sua prancheta. Outro torcedor, semi-embriagado, responde à indagação: “Tá anotando: whisky, cachaça; whisky, cachaça; esse cachaceiro de merda!” Um outro segue: **“Ô Joel, pede prá sair, cachaceiro filho da puta!”** “Vai pro Olímpico [Estádio do Grêmio]!” “Treinam uma semana prá não fazê nada!” “Ô Joel, pau no cu!” Novos aplausos para Sangaletti, outra vez das sociais. “Por que ele não bota o Diego, pelo menos ele vai prá cima!” Xingam o árbitro, a todo o momento, e já não tenho como registrar tudo o que ouço.

Um desses torcedores que está à minha direita, um senhor de barba, aparentando mais de cinquenta anos, lamenta o fechamento da coréia -espaço contíguo ao campo, interdito depois do “código do torcedor”, editado pelo governo Lula. “Lá tu vê o jogador de perto!” Eu complementaria: lá, xingava-se de perto! Então ouço à minha esquerda, “se o time não se ajuda, como vâmo apoiar?” Da direita, outra vez: “é isso aí, joga feijão com arroz, feijão com arroz. Se não sabe afinar, dá de bico!” A recomendação é para o defensor Vinícius, sendo a seguinte dirigida ao goleiro Clemer, que está organizando a barreira. **“Vâmo, fala aí pateta. Fica aí, quieto feito uma mosca!”**

A indignação aumenta na medida em que o tempo passa. “Vem cá, ô corneteiro da Guaíba. Vem cá que eu quero falar!” É um torcedor querendo ser entrevistado. O time faz outra evolução no ataque. Aqui e ali ouve-se um coro: “Olê, olê, olê, Inter, Inter.” Rafael Sobis avança pela direita e arremata com força, mas desviado. “Beleza, guri!” “Bah, 41 minutos já”, comenta um impaciente, enquanto outro xinga Vinícius: **“Vâmo, pateta! Vâmo, pateta!”** Em seguida o árbitro: “o quê? Não marcou isso aí? Pelo amor de Deus! Tá louco!” “UHHHHHHHHH...”, final da primeira etapa. **“Vinícius, pateta! Vinícius, pateta!”** “Onze patetas”, complementa um outro torcedor.



O Inter retorna com a mesma equipe. “Vâmo!” O time ataca e os torcedores empolgam-se depois que Fernandão quase marca. “Que merda, que merda!” “Tá louco!” É o gol da Ponte Preta, lá do outro lado. Irado um torcedor grita: “**Vâmo, mexe nesse time, bebum desgraçado!** Vai embora!” Nas sociais, forma-se um coro de protestos: “Hei Joel, pede prá sair!” A essa altura os xingamentos se generalizam: “**Toca essa bola, vâmo, ô merda filha da puta!**” “**Perdendo o jogo e tu vai fazer isso daí, ô filho da puta!**” “Ah, vai tomar no cu”. Em seguida mais críticas, desta vez o alvo é Nilmar, até alguns jogos cantado em prosa e verso. “Nilmar, pede prá sair. Tu não vale mais nada!”

Banha, o massagista do Inter, faz a disparada usual, correndo do banco de reservas em direção aos atletas que aquecem atrás do gol. Faz-se um suspense. Banha vem chamar um dos jogadores. Nota-se a movimentação de Élder Granja, um jogador de meio-campo. Então o estádio faz coro: “Burro, burro, burro...” Novo lance de Fernandão. Um torcedor, desses que estão à minha direita, é o solista da vez: “Burro, burro, burro, burro, burro!” Outro segue com mais dois ou três “burros”. “Vai embora, Joel!” “**Vai, cachaceiro! Vai embora, corno, cachaceiro!**” Alternadamente seguem o rosário: “Oh Nilmar, vai te fudê!” “Vai tomar no teu cu!” “**Vai embora, cachaceiro; vai-te embora, burro!**” Sangaletti é substituído, há vaias e aplausos; os aplausos são das sociais, as vaias das arquibancadas.

Em seguida, a Ponte Preta faz o segundo gol. Um dos que xingava à minha direita desce para junto da mureta, para mais próximo do campo. Nas sociais, imediatamente atrás do reservado do Inter, onde está Joel Santana, forma-se um núcleo de protestos. Os zagueiros da Ponte Preta rebatem com energia, dando chutes em direção às arquibancadas. Um torcedor do Inter elogia: “É isso aí que é zagueiro!” “É feijão com arroz!” E de lá onde está o núcleo da Camisa 12 vem o coro: “**Joel, cuzão, pede demissão!**” Na minha direita, em tom de lamento, um torcedor se manifesta desoladamente: “ah, que merda meu, que merda!” “Burro. Hei Joel, pede prá sair!” “Diego, Diego, Diego...” O coro começou bem à minha direita e irradiou-se para outras partes das arquibancadas. “Coitado do Rafael Sobis. Faz tudo: corre, chuta, marca!” O comentário segue-se a uma jogada em que Rafael dispara em auxílio à defesa colorada, estancando um contra-ataque perigoso da Ponte. Na ira, xinga-se quase que indiscriminadamente, como na cobrança de falta da Ponte, em que a bola é arremessada para muito longe da meta; “Vai chutar um pinico! Vai chutar um repolho!”

Um dos torcedores, que já havia solicitado várias vezes a entrada do atacante Diego desespera-se: “**Oh Diego, vai, tira o fardamento [agasalho]. Vai por conta, vai sozinho...**” Ele deseja que o jogador se apresente para o técnico, o que acarretaria uma ruptura das hierarquias, algo que jamais notei ao longo desses anos de trabalho de campo. Não é que os jogadores não tenham vontade de fazê-lo, mas eles precisam conter-se, é tudo. Diego jamais irá

apresentar-se por conta própria... “Olé, olé, olé...!” São os colorados ridicularizando a própria equipe, uma espécie de trilha sonora para o toque de bola desprezencioso e, a essa altura, humilhante da Ponte Preta sobre o Inter. **“O Nilmar tá uma merda, esse pau no cu!”** **“Oh, Nilmar, pede prá sair, seu filho da puta!”** “O Joel pegou o time em 5º e vai largar em 18º! “Tá tudo ruim!”

Finalmente, Diego é chamado. Aplausos generalizados. Um dos torcedores ao meu lado sugere: **“Tira o Clemer. Deixa sem goleiro, ô merda!”** Outro arremata: “Só bota o guri faltando 15 [minutos]!” Élder Granja, que fora xingado ao entrar em campo, marca para o Inter: 2 a 1. Ele corre solitário em direção às sociais e, levando a camisa colorada aos lábios, beija o dístico do clube; uma retribuição irônica em protesto às vaias que recebera ao ser chamado para entrar em campo. Ser vaiado pela própria torcida ao entrar em campo é particularmente penoso para os atletas; trata-se de um sinal de rejeição difícil de ser assimilado, mesmo para os mais experientes, o que não é o caso de Élder Granja. É no entanto parte do *métier*; quem deseja seguir na profissão deve “estar preparado”, “saber reagir”, “dar a volta por cima”, como eles dizem. O gol não foi nenhuma maravilha, mas Élder teve sua desforra. A comemoração é solitária, pois todos os demais correm para o centro do campo visando reiniciar imediatamente a partida. Há tempo, há esperanças! **“INTER, INTER, INTER!”** **“OLÊ, OLÊ, OLÊ, OLÊ, INTER, INTER!”**

Diego dribla e a torcida levanta. Faltam ainda dez minutos, pouco mais, talvez. Ao meu lado, é estabelecida uma discussão em torno de Diego: se ele vai ou não ganhar o jogo. “Manda ele prá rua!”, grita um torcedor da direita, dando ordens ao árbitro, que está advertindo Joel; ele quer que o próprio técnico seja excluído. “Esse homem tem que andar na noite, esse Marabá, só pode!” A acusação é de que o atleta estaria sem energia para o jogo. “Saindo à noite” significa que ele está bebendo, transando, divertindo-se, enfim, desperdiçando suas energias em outra coisa que não para o time. Rafael passa para Chiquinho e este cruza para a rebatida da zaga adversária: “Cagada ensaiada!” Há tensão, por certo, mas também senso de humor. Rafael ainda tenta um arremate perigoso. Em algumas circunstâncias, o chute que exigiu esforço considerável do goleiro seria aplaudido, em outras aplaudidíssimo, mas na ocasião foram escassos. Xingam o juiz por não ter marcado um pretense toque dentro da área em favor do Inter, e em seguida o jogo acaba, sob vaias generalizadas.

Saio do estádio em direção ao Portão 8. A caminho ouço lamentações, exasperações, brincadeiras e tantas manifestações que não seria possível senão classificá-las como “diversas”, efetivamente diversas, feitas num cenário de desapontamento, frustração e ira. Sobram críticas aos atletas, ao técnico, ao vice-presidente de futebol e, fato novo, ao presidente do clube. São as vozes torcedoras, cada qual tendo seu truque para fazer o time voltar a vencer, e o que é dito ali,

à saída do estádio, haverá de ser elaborado e reelaborado mais tarde, em outros espaços, nos botecos, no trabalho, na rua, enfim, o jogo haverá de ter prosseguimento sob outra roupagem.

Ainda dentro do estádio, pode-se ouvir o coro:

“JOEL, CUZÃO, PEDE DEMISSÃO!”  
 “EIRO, EIRO, EIRO, TIMINHO PIPOQUEIRO!”  
 “EIH, JOEL, VAI TOMAR NO CU!”  
 “CAR-VA-LHO, TU PROMETEU, MAIS UMA VEZ O COLORADO SE FUDEU!”  
 “EIH, PIFFERO, VAI TOMAR NO CU!”

Fernando Carvalho é presidente do Inter e Vitório Piffero seu “homem de confiança” junto à comissão técnica. Eles tornaram-se objeto da ira torcedora, uma situação completamente diversa de alguns anos atrás, quando o então presidente Fernando Miranda era xingado e o nome de Carvalho gritado em uníssono - como mostrado no capítulo 6, em dois excertos.

Há menos de um mês, ou mais precisamente no dia 17 de julho - dezenove dias, portanto - os torcedores fizeram festa e entoaram a música “Poeira”, cantada por Ivete Sangalo, depois de uma vitória contra o Atlético Paranaense:

“POEIRAAAAAAAAAAAA, POEIRAAAAAAAAAAAA, LEVANTOU POEIRA!”  
 “POEIRAAAAAAAAAAAA, POEIRAAAAAAAAAAAA, LEVANTOU POEIRA!”

Agora xingam, em versão adaptada:

“VERGONHAAAAAAAA, VERGONHAAAAAAAA, TIME SEM-VERGONHA”  
 “VERGONHAAAAAAAA, VERGONHAAAAAAAA, TIME SEM-VERGONHA”  
 “VERGONHAAAAAAAA, VERGONHAAAAA...”

Ao lado do Portão 8, encontra-se a porta que dá acesso ao vestiário da equipe profissional. É onde circulam os atletas e a entourage. Normalmente é por onde os atletas colorados deixam as dependências do estádio, é a passagem que deveria servir como transição entre o espaço-tempo de trabalho (ritual, performance) e o espaço-tempo privado. É ali que se concentram os protestos quando o time joga mal, sobretudo quando há uma seqüência de maus resultados, como no presente. Os jogadores, orientados pelos seguranças do clube, aguardarão um pouco mais no vestiário, até a multidão dispersar-se, o que vai depender da intensidade dos protestos, da maneira como os seguranças e a polícia vão conduzir a vigilância, enfim, há torcedores possessos, completamente dragados pela manifestação, como um jovem loiro, de aproximadamente 25 anos, que bate na cortina de metal xingando os atletas e dirigentes que, supostamente, estão trancados na parte interna. A namorada tenta convencê-lo a deixar o local, implora para que a siga, mas é inútil. Ela parece resignada e afasta-se; o sujeito está transtornado. Lá do alto da rampa que dá acesso às “cadeiras cativas”, um dos locais mais nobres do estádio, um grupo considerável de “almofadinhas” assiste o protesto que ocorre cá embaixo. Seguranças contratados pelo Inter e uns cinquenta soldados posicionam-se estrategicamente. O

torcedor perturbado é finalmente seguido por outros; o “caldo começa a entornar”. Os seguranças convencem-nos a afastarem-se da cortina. Eles recuam; chegam mais torcedores, há um grupo de aproximadamente cem ou mais [...].

“VERGONHAAAAAAAAA, VERGONHAAAAAAAAAAAA, TIME SEM-VERGONHA”

“VERGONHAAAAAAAAA, VERGONHAAAAAAAAAAAA, TIME SEM-VERGONHA”

Notando que os atletas e dirigentes vão usar outras saídas do estádio, o grupo de protestantes desloca-se em direção à entrada do Departamento de Futebol, onde também concentra-se a imprensa.

“JOEL, CUZÃO, PEDE DEMISSÃO!”

“VERGONHAAAAAAAAA, VERGONHAAAAAAAAAAAA, TIME SEM-VERGONHA”

“VERGONHAAAAAAAAA, VERGONHAAAAAAAAAAAA, TIME SEM-VERGONHA”

“PUTA QUE O PARIU, EU QUERO VER VOCÊ SAIR DO BEIRA-RIO!”

“CAR-VA-LHO, TU PROMETEU, MAIS UMA VEZ O COLORADO SE FUDEU!”

“EEEEÊ, SÔ COLORADO TÔ CANÇADO DE SOFRÊ!”

“UH,UH,UH, CARVALHO PAU NO CU!”

“EIH, PIFFERO, VAI TOMAR NO CU!”

“UH TABAJARA, UH TABAJARA, UH TABAJARA!”

As alusões do último coro são ao programa humorístico Casseta e Planeta e, particularmente, à linha de produtos exóticos distribuídos pelas “Organizações Tabajara”. Os torcedores gargalham. E seguem: “AH, ALEXANDRE LOPES!” Também esse coro merece adendo. O jogador Alexandre Lopes fora demitido pela direção do clube no meio da semana, sob alegação de que criticara publicamente o trabalho da comissão técnica. Após a demissão, retornou à carga, dizendo haver um sub-grupo, liderado por alguns jogadores mais experientes, cujos objetivos seriam, entre outros, garantir-lhes a titularidade. Os xingamentos a Sangaletti, ouvidos durante o jogo, seriam desdobramentos dessas intrigas, sendo que o próprio atleta, indagado por um repórter de rádio ao final do jogo, deu às vaias que lhe foram dirigidas a mesma interpretação.

“GLORIA DO DESPORTO NACIONAL  
OH INTERNACIONAL  
QUE EU VIVO A EXALTAR  
LEVAS A PLAGAS DISTANTES  
FEITOS RELEVANTES  
VIVES A BRILHAR...”

Trata-se do hino do Inter. Os torcedores cantam com os braços estendidos, em diagonal, por sobre os ombros, como é comum nas manifestações dentro do estádio; um gesto que lembra, de qualquer modo, as saudações da juventude fascista, embora seja pouco produtor de traçar paralelos - existe, no entanto, extensa literatura a respeito, especialmente em jornais europeus.

E assim prosseguem:

“JOEL, CUZÃO, PEDE DEMISSÃO!”

“UH,UH,UH, SANGALETTI PAU NO CU!”

“CAR-VA-LHO, TU PROMETEU, MAIS UMA VEZ O COLORADO SE FUDEU!”

“EIH, PIFFERO, VAI TOMAR NO CU!”

“CLEMER, GUERREIRO, O RESTO É PIPOQUEIRO!”

De tempos em tempos, cria-se um novo coro, nesse caso inocentando o goleiro colorado. Justo ele, Clemer, que mais tarde haveria de protagonizar mais um episódio envolvendo acusação de agressão a torcedores.

“EEEEÊÊ, SÔ COLORADO TÔ CANÇADO DE SOFRÊ!”

“NÃO É MOLE NÃO, EU TÔ CANÇADO DE GANHAR O GAUCHÃO!”

“PUTA QUE O PARIU, EU QUERO VER VOCÊ SAIR DO BEIRA-RIO!”

“VERGONHAAAAAAAAA, VERGONHAAAAAAAAA, TIME SEM-VERGONHA”

“VERGONHAAAAAAAAA, VERGONHAAAAAAAAA, TIME SEM-VERGONHA”

“VERGONHAAAAAAAAA, VERGONHAAAAA...”

Finalmente, depois de aproximadamente uma hora e meia do encerramento da partida, os colorados se dispersam. A maioria dos jogadores deixou o estádio por outros locais, ludibriando os manifestantes. Restam as entrevistas dos dirigentes ouvidas através das emissoras de rádio e as especulações intermináveis noite a dentro, em torno da possível demissão do técnico colorado, que haveria de se concretizar algumas semanas depois. Nem todos os jogos são como o que foi descrito, mas não se pode dizer que ele não tenha sido absorvente, mesmo tendo o Inter sido derrotado.

O jogo Inter *versus* Ponte Preta foi escolhido entre duas dezenas de espetáculos etnografados ao longo de 2004, com registros de notas, escritas ou gravadas. A preferência recaiu, em primeiro lugar, sobre a descrição de “um” jogo, evitando-se descrever “o” jogo, pois pareceu-me que o concreto seria, neste caso, mais eloqüente do que o genérico - de tipo ideal, como “a” rinha balinesa, descrita por Geertz (1989). A escolha desse jogo em particular deveu-se, sobretudo, pela abundância de manifestações dos torcedores, razão pela qual teria de ser

descrito, obrigatoriamente, uma derrota, num momento crucial do campeonato, em que o time do Inter estava em queda de rendimento. Há jogos frívolos - assim como há brigas de galos e touradas desinteressantes -, em relação aos quais quase não há manifestações dos torcedores, pouco importa o resultado. E há jogos efusivos, em que o time goleia - como fez contra o Atlético Paranaense, em julho. Analisando as notas de campo percebo, contudo, que esses jogos possuem menos anotações, que as anotações são mais repetitivas, enfim, que os jogos bons de serem etnografados são aqueles em que o time da casa perde. Quando isso acontece, ou quando isso está na iminência de acontecer, os torcedores verbalizam seus sentimentos. Quer dizer: insultam os jogadores, como se a derrota significasse uma desonra e a vitória um mero alívio.

As falas que os torcedores dirigem aos jogadores não são ditos quaisquer. São atos ilocucionários, caracterizados por uma performance daquele que os enuncia<sup>323</sup>. Assim sendo, destacam-se a quantidade de ordens que são dirigidas pelos torcedores aos atletas - “passa”, “chuta”, “lança”, “acorda”, “levanta”, “vai pra frente”, “marca”, “pega”, “vamos lá”, etc - e a eloquência, o que o texto escrito tem dificuldade de traduzir, evidentemente. Todavia, são simplesmente ordens. Os ditos são, em sua maioria, compostos por um verbo seguido de um vocativo, e acrescidos de alguns complementos, como nos casos abaixo, retirados da descrição anterior.

**Vâmo, mexe nesse time, bebum desgraçado [dirigido ao técnico].**

**Toca essa bola, vâmo, ô merda filha da puta [dirigido a um atleta].**

Sobressaem, em minhas notas, manifestações de formato simples, verbo e vocativo, tipo: “chuta, merda”; “passa, corno”; “marca, filho da puta”, etc. Não há dúvidas de que são ordens que desejam expressar, prestando-se o vocativo para desqualificar o sujeito a quem ela é dirigida. Co-atuar implica, portanto, coordenar mimeticamente as ações dos jogadores (do árbitro e até do técnico). Quando olham para as configurações dinâmicas de jogo, os torcedores projetam-se, seguidamente, no técnico, e não nos jogadores. Projetam-se naquele em quem reconhecem o poder; no chefe, aquele que comanda. Quando os torcedores discutem futebol, fazem-no, seguidamente, a partir dessa perspectiva, como senhores de outros homens. Como a discussão seria longa se fossem permitidas especulações, mas fugiria ao tema, retorno às notas de campo, destacando, no entanto, que esse terreno é fértil.

Em primeiro lugar, todos os que estão no campo ou no entorno dele são passíveis de serem interpelados com ordens e vocativos depreciativos, do árbitro (“dá cartão, corno”) ao repórter (“enfia esse microfone no rabo, imbecil”); do gandula (“pega essa bola, guri de merda”)

---

<sup>323</sup> “O ato ilocucionário é o que distingue uma promessa de uma ordem, de um desejo ou de uma asserção. [...] O que se pode expressar em termos psicológicos como acreditar, querer ou desejar, [...] investido de uma existência semântica” (RICOEUR, s/d, p. 26).

ao técnico (“mexe, teimoso”). Em segundo lugar, os adversários e os árbitros tendem a ser xingados indistintamente, independente das circunstâncias, enquanto os atletas que representam o clube podem ou não receberem ordens seguidas de vocativos pejorativos, mas ordens eles recebem o tempo inteiro. Em terceiro lugar, é importante destacar que os vocativos são, como se pode perceber nos poucos exemplos aqui referidos, mas que não fogem à norma geral, associados, seguidamente, ao baixo corporal e, particularmente, a tipos desonrados na cultura masculina: “viado”, “corno”, “filho da puta”, “copão”, “roscão”, entre outros - não tenho precisão estatística, mas atrevo-me a dizer que “corno”, “viado” e “filho da puta” são os vocativos mais freqüentes, o que reforça a idéia de que esses espetáculos dramatizam a masculinidade.

Diferentemente dos cânticos e xingamentos coletivos, cuja força ilocucionária é ainda mais patente, as expressões individualizadas têm uma variabilidade maior. Disponho de um razoável “banco de xingamentos”, mas penso que seria precipitado fazer generalizações. Sabe-se que o público do futebol nem sempre foi assim, pelo menos nos tempos do amadorismo, quando a freqüentação era próxima do que seria, em tempos atuais, uma platéia de tênis. A pergunta é: o fato de se darem tantas ordens e de se usar vocativos pejorativos, como acredito ser generalizado no Brasil, é simplesmente um corolário da composição preponderantemente masculina do público? Ou seria pelo fato de que no “palco” encontram-se, fundamentalmente, indivíduos recrutados entre as camadas menos prestigiadas da população? São perguntas que ficam em aberto, pois desdobrá-las exigiria um novo capítulo, senão uma nova investigação. Não é porque os estádios sejam espaços relativamente permissivos que aquilo que é expresso no seu interior seja um *non sense*. Ainda que todos os que põem os pés no gramado sejam sujeitos a ordens e vocativos depreciativos, alguns são mais sujeitos do que outros.

O público dos estádios é engajado ao projeto dos “pratas da casa”, mas pela lógica do clubismo. Vistos pela ótica dos jogadores, os torcedores, fiéis a seus clubes - a seus pertencimentos, portanto - são, por definição, ambivalentes, e o mesmo pode-se dizer da maneira como os torcedores percebem os atletas. Na origem, esses últimos são os que dispõem do dom, enquanto os primeiros possuem o pertencimento. Os torcedores pagam para ver jogar, mas eles não pagam para ver um espetáculo qualquer. Pagam para ver seus jogadores vencerem outras equipes, que representam os totens adversários, condição indispensável para que eles participem das trocas jocosas como ativos, gozando os/nos arquirrivais. Em síntese, vão ao estádio para co-participar, dar o suporte de que necessita o time para vencer. Não obstante, a responsabilidade pelo êxito/fracasso recai, primeiramente, sobre os atletas, afinal eles estão sendo pagos para representar os torcedores, interditos de usarem diretamente seus corpos para subjugar os adversários.

O encontro com o público é, pois, cercado de expectativas. Os meninos não falam abertamente sobre tais emoções, mas é possível arrancar, aqui e ali, alguns fragmentos. O que eles dirão é que tais momentos são “os mais importantes de suas vidas”, e quando as palavras lhes fogem ao alcance das emoções dirão que são apenas indescritíveis. Etnografar o encontro dos meus informantes com a nação colorada foi sendo viabilizado concretamente ao longo de 2004. Diego e Diogo já haviam debutado em 2003, junto com Nilmar. Ao longo de 2004, seria a vez de Felipe Soares, Álvaro, Marcelo Labharte e, sobretudo, Rodrigo Paulista e Rafael Sobis, que fecharam a temporada como titulares. Todavia, não estivera em meus planos, em momento algum, restringir a observação participante realizada entre os torcedores e no estádio, no caso o Beira-Rio, a uma coleção de opiniões acerca da performance desses informantes. Retornar ao estádio - algo que não me era estranho, pois havia trabalhado com os gremistas entre 1995 e 1997, e com os colorados, em 2001 - seria uma oportunidade de etnografar esses eventos multifacetados, transbordantes de emoções e, por isso mesmo, desafiadores<sup>324</sup>. As possibilidades heurísticas que o espetáculo futebolístico sugere são, no entanto, proporcionais aos desafios que ele impõe às metodologias convencionais. O que traduzi aqui não era exatamente o que havia projetado quando decidi escrever um capítulo sobre o encontro de meus informantes com o público. Isso tornou-se, no decurso da etnografia, um pretexto para freqüentar o estádio e repensar boa parte das experiências de campo no circuito da formação/produção de futebolistas. Com os inúmeros recortes que são necessários para se descrever um espetáculo de multidões, espero ter retido algo da experiência transitória que demarca os jogos de futebol, tanto para atletas quanto para torcedores. Pode-se pensar que esses eventos desviam a atenção dos reais problemas sociais, promovendo emoções fugazes e passageiras. Pensando bem, como escreveu Nick Hornby (2000), torcedor apaixonado do Arsenal, “quem quer ficar o tempo todo preso ao que já é?”

---

<sup>324</sup> “Face au grand stade urbain, la tentation est, en effet, de désertter un champ d’étude si peu commode et de se replier sur des unités plus restreintes, tels de petits clubs de quartier ou encore um groupe particulier de supporters, isolats beaucoup plus adéquats aux exigences totalisantes de notre discipline habituée à scruter de petites communautés ou à cheminer le long de réseaux sociaux dont elle peut appréhender la totalité des ramifications” (Bromberger, 2002, p. s/p).



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existe uma distância expressiva entre os futebolistas profissionais e os demais praticantes desse esporte, tendo ela aumentado no decurso da espetacularização, um processo inacabado, iniciado com a codificação dos jogos pré-modernos, ocorrida na segunda metade do século XIX. O processo de formação/produção de futebolistas é corolário da espetacularização, balizada pela constituição de uma dada sensibilidade estética junto a um público preponderantemente masculino. Engajados ao futebol de espetáculo por vínculos identitários, herdados quase sempre da parentela masculina, os torcedores constituem comunidades afetivas imaginadas a partir dos clubes de futebol. Estes, por seu turno, organizam-se de acordo com os códigos de uma agência multinacional, detentora do monopólio futebolístico voltado ao espetáculo.

A comunidade de sentimento, que tem com os clubes um vínculo simbólico inquebrantável, atribui a essa organização um estatuto totêmico, aqui definido como clubismo. O clube-totem, entidade sagrada para a comunidade afetiva, também possui uma dimensão político-administrativa, cabendo-lhe, entre outras atribuições, a gestão de um time que deverá representar os torcedores contra outras comunidades. O clubismo, culturalmente disseminado no Brasil, aciona uma modalidade de troca jocosa, permeada por representações masculinas, que se caracteriza como um poderoso dispositivo de comunicação transversal, rompendo certos tabus como os de idade, cor, classe e ideologia, entre outros.

Para que as jocosidades circulem, o clubismo precisa ser acionado e, para tanto, concorrem os jogos, aqui entendidos como ritos disjuntivos. O que eles fazem é, fundamentalmente, promover a cisão entre vencedores e vencidos, a partir de uma disputa regrada, cujo ponto de partida se dá em presumível condição de igualdade. Alguns desses embates, no entanto, são mais absorventes do que outros, justamente pela densidade simbólica. Esta, por seu turno, é socialmente investida através de categorias polêmicas nos contextos locais

- cor, classe social, cidade e região, são as mais frequentes no Brasil -, de modo que um confronto entre duas equipes de futebol passa a representar algo tão importante que multidões prendem suas atenções a elas.

É para atender à demanda desse público, ávido por performances exitosas e vistosas, que os clubes investem em profissionais especializados. Alguns o fazem recrutando diretamente no mercado, outros preparando-os em seu próprio domínio e, na maioria dos casos, usam ambas as estratégias. Com a espetacularização midiática, o volume de capital econômico em circulação no futebol cresceu sobremaneira, acirrando a concorrência entre os clubes pelos melhores profissionais. Produzi-los tornou-se um rentável negócio, tendo como desdobramento a mercadorização em escala planetária. Muitos clubes, que até então formavam jogadores para suprir as exigências dos torcedores, passaram a fazê-lo também com a perspectiva de lucro econômico, enquanto outros voltaram-se exclusivamente para tal finalidade.

Com o suporte da etnografia, desdobrei a formação/produção de futebolistas em três modelos de tipo ideal, articulados a partir da lógica subjacente às estratégias dos centros especializados. O modelo endógeno é aquele que prima pela formação visando atender às demandas identitárias do clube, uma modalidade que lembra, em muitos aspectos, os tempos do amadorismo, em que pese o uso de tecnologias atualizadas. O modelo exógeno opera a partir dos interesses mercadológicos, produzindo pés-de-obra para atender às demandas de outros clubes; são agremiações organizadas conforme os princípios dos empreendimentos capitalistas. O modelo híbrido manipula as duas perspectivas, de maneira oportunista, sendo o mais frequente entre os clubes de elite, no Brasil ou fora dele.

Fato notável é a expansão, ocorrida nas duas últimas décadas, do modelo exógeno nos países periféricos, como o Brasil, onde a oferta de “matéria-prima” é “abundante”, como se diz no léxico do futebol de espetáculo. A legislação frágil, acompanhada do desinteresse e/ou inoperância do Estado em fazê-la cumprir, torna a formação/produção de jogadores um ramo de atividade sem muitas formalidades - à exceção da legislação trabalhista e dos “direitos federativos” agenciados pela FIFA e suas subsidiárias, manipulados segundo os interesses dos clubes e dos intermediários. Para completar o quadro, o Brasil é internacionalmente reconhecido pela competência de seus futebolistas, sem contar que, internamente, eles gozam de status privilegiado, sobretudo entre os grupos populares. Em que pese os meninos aprendam a jogar porque a cultura lhes impõe, como estratégia de inculcação dos papéis sexuais, alguns deles revelam-se prodígios em capitais futebolísticos, alimentando, desde então, o sonho de serem jogadores profissionais.

Pelo fato de que o futebol incorporou os negros e populares em geral, ao longo da espetacularização, de maneira mais visível do que outros campos profissionais, e também porque

o futebol é planetariamente prestigiado como espetáculo, os meninos de classes populares são os alvos mais freqüentes dos recrutadores. No decurso da profissionalização, os pretendentes são solicitados de corpo e alma no aprimoramento das técnicas corporais visando a exibição para o público engajado. São aproximadamente 5.000 horas de treinamentos investidos ao longo de várias etapas, distribuídas, progressivamente, em aproximadamente 10 anos. Embora alguns atletas abreviem o percurso, não raro sob pressão de dirigentes, mercadores e torcedores, a rotina é exigente e incerta.

Aquilo que é inscrito nos corpos ao longo da formação/produção não o é em quaisquer circunstâncias, nem em sujeitos tomados aleatoriamente. Os capitais futebolísticos são uma forma de capital corporal, um *savoir fair* que pode vir a ser convertido, a partir de múltiplas mediações, em outras modalidades de capitais ao longo do exercício profissional, dentre as quais destacam-se os capitais econômico e social - status, visibilidade, prestígio, etc. Não obstante, os capitais futebolísticos são praticamente impossíveis de serem reconvertidos para além do futebol, fazendo com que os investimentos realizados ao longo da formação se tornem-se inócuos em caso de interrupção desse processo. O mesmo equivale para as carreiras breves, marcadas por acidentes de trabalho (lesões) ou desemprego crônico, o que é freqüente em razão do excesso de oferta de profissionais para um mercado que, nacionalmente, não se expande, pois o clubismo está consolidado e não comporta muitos clubes em disputa - razão pela qual não mais do que duas dezenas entre as 500 agremiações concentram a preferência de 90% dos torcedores. Trata-se, portanto, de investimentos de alto risco para os que se sujeitam aos investimentos, um risco maior no Brasil do que na França, por exemplo, onde o Estado obriga que a formação esportiva e a formação escolar sejam paralelas.

Nem todos os meninos que desejam ser investidos têm acesso aos centros de formação, sendo que muitos deles são recrutados e mais tarde descartados. As representações do dom possuem, sob este aspecto, uma dimensão fulcral. De tão importante que é para a compreensão do universo da formação/produção, optei por preservá-lo como categoria nativa, muito embora eu utilize-o com alguma freqüência, incorporando-o ao texto como estratégia de interlocução com os agentes sociais. Foi para evitar sobreposições e explicitar os principais atributos exigidos para o exercício da profissão que desenvolvi a noção de capital futebolístico que, combinado aos capitais convencionais - social e simbólico, sobretudo -, é requerido para a inserção legítima no campo do profissionalismo.

Alguns são exitosos, de tal modo que os investimentos geram dividendos. O dom, pode-se dizer, vira dinheiro, podendo ser medido, quantificado e novamente trocado por outros bens. De modo geral, os futebolistas têm contra si a imagem de péssimos gestores de seus ganhos, dados à ostentação e ao desperdício. Em primeiro lugar, esta imagem não corresponde ao padrão de

ganho da maioria desses profissionais, cuja discrepância em termos de rendimentos é acentuada. Em segundo lugar, ganha-se em compreensão da cultura popular e, sobretudo, das lógicas de reciprocidade entre seus agentes, quando se descartam as hipóteses preconceituosas segundo as quais os jogadores de futebol não teriam capacidade de gerir seus ganhos.

Sustento a hipótese segundo a qual o dinheiro que é produto do dom - capital adquirido a partir dos capitais futebolísticos - não é um dinheiro qualquer e, em razão disso, tende a ser gasto a partir dos mesmos referenciais que dão sentido à crença no dom. As redes de amizade e parentesco desempenham, a esse respeito, um papel destacado. Gravitando no entorno dos boleiros, a configuração de pequena escala, a qual denominei *entourage*, cria e atualiza, permanentemente, representações acerca do dom, dando conta de que ele é uma dádiva e não pertence apenas àquele em quem é manifesto. As benesses que são produtos do dom/talento são também as benesses do dom/dádiva e, portanto, suscitadas à redistribuição, contemplando a *entourage*.

A partir desse modelo alternativo, compreende-se melhor as razões pelas quais os boleiros têm dificuldade de reter seus ganhos, diferentemente do que sugere a economia capitalista, para a qual a propriedade individual e a acumulação indefinida são valores sagrados. No Brasil, são freqüentes os casos de futebolistas que operam às avessas do padrão capitalista, sendo por isso mesmo moralmente censurados pelos “novos” agentes do mercado futebolístico: administradores, jornalistas, pedagogos, advogados e outros profissionais com diploma universitário e auto-proclamados *experts* na gestão das carreiras dos boleiros. Estrategicamente, não lhes restam muitas alternativas a não ser atacar a *entourage*. Quem está lucrando, efetivamente, são os agentes/empresários, em sua maioria egressos de grupos populares, ávidos por dinheiro fácil e aparelhados em termos de capitais social e simbólico. Muitos são ex-boleiros, com conhecimento dos códigos do meio. Também possuem redes mais ou menos extensas de contatos, desde os tempos em que eram profissionais. Assim sendo, manipulam com desenvoltura os códigos dos boleiros, as lógicas da reciprocidade das camadas populares e o essencial da economia de mercado - em dificuldade, fazem parcerias com agentes/empresários melhor capitalizados -, o que explica o sucesso e, paralelamente, o preconceito em relação a eles por parte de outros agentes.

Mesmo priorizando a formação/produção de futebolistas como centro desta investigação, fiz um esforço para não deixar de lado as questões concernentes ao gosto e à sensibilidade estética dos torcedores. Trata-se de complementar, desde um referencial inédito, os vários trabalhos já realizados abordando o futebol de espetáculo, centrado, até o presente, no ponto de vista do público apreciador das performances e não de seus realizadores. Através da etnografia, investi nos espaços e tempos situados para além dos espetáculos, dos estádios e dos futebolistas

consagrados. Fui em busca do dia-a-dia da preparação, dos treinamentos, dos jogos sem público que caracterizam boa parte do processo de formação, dos vestiários e outros tantos dispositivos usados na formação profissional. Todavia, retornei aos estádios, aproveitando o progresso de alguns informantes em direção à profissionalização, para saber como os torcedores recebem os tão prestigiados “pratas da casa” - jogadores formados no próprio clube. Foi também uma ocasião para retomar algumas questões acerca da sensibilidade estética do público futebolístico, que jamais deixou de ser uma preocupação da tese.

Os interesses dos torcedores são orientados, prioritariamente, pelo viés do pertencimento, que mantém a tensão no jogo em função da expectativa na disjunção e para a dinâmica das configurações mas, particularmente, para as propriedades intrínsecas - a partir das quais pode-se deduzir as formas-padrões de jogo, as jogadas ensaiadas, as performances de exceção, eventuais lances bizarros e assim por diante. Do ponto de vista antropológico, não convém atribuir juízos às performances de quem quer que seja. Todavia pode-se, seguramente, indicar quando um jogo é bom - quer dizer, absorvente - observando-se a movimentação do público. Poder-se-ia listar alguns quesitos que contribuem para tornar os embates absorventes, como Geertz, sobre a briga de galos em Bali. Contudo, esse é um ponto delicado e merece atenção redobrada, pois os procedimentos geertzianos não podem ser apropriados sem ressalvas.

Geertz argumenta que as rinhas, para serem absorventes, precisam apresentar riscos aos apostadores. Em seguida, o risco é associado ao prazer e este a uma dramatização de status, uma espécie de prazer que é dado tanto pela possibilidade de pôr em risco o próprio status, visto que “as brigas de galos são como brincar com fogo, mas sem o risco de se queimar” (1989, p. 309), quanto pelo fato de que, ao fazê-lo de uma maneira transitória, haja prazer em retornar a ser quem se é, depois de haver experimentado um estado de desordem. O que se passa em Bali é uma modalidade de projeção (ou espelhamento, como sugere Geertz) dos homens nos galos, mas não em quaisquer galos, como mostram os códigos indicando como, em quem e em quais circunstâncias é recomendável arriscar-se. As apostas, feitas em dinheiro, demarcam a adesão ao embate, e aderir é projetar seu status, sendo que o dinheiro é o veículo a partir do qual o status circula.

A observação que serviu como pretexto para a interpretação geertziana data do final dos anos 50 e foi publicada, originalmente, em 1973. Mais ou menos na mesma época, Norbert Elias publicaria as primeiras versões de sua interpretação do fenômeno esportivo, a partir da teoria do processo de civilização. Os esportes modernos são, na perspectiva eliasiana, produtos e produtores das mudanças de sensibilidade ocorridas no decurso da modernidade; eles seriam a nossa maneira de “brincar com fogo sem se queimar”. A mirada eliasiana tem, na Poética de Aristóteles, sua fonte de inspiração para a adaptação dos termos “catarse” e “mimético”. Visa-se,

quase sempre, resgatar os fundamentos dramáticos da tragédia grega que, supõe-se, fazem parte da estrutura dos eventos esportivos: alternância de sentimentos que produzem emoções fortes, com intensa participação do público, instado a manifestar abertamente tais emoções, mantendo certo limiar de controle. Elias e Dunning dirão que as emoções miméticas, como aquelas produzidas através dos esportes, são experimentadas por sentimentos de “medo e compaixão ou ciúme e ódio por simpatia com os outros, mas de uma maneira que não é seriamente perturbante e perigosa [...]. Na esfera mimética são, por assim dizer, transpostos numa combinação diferente. Perdem seu ferrão” (1992b, p. 124).

Barthes, por seu turno, afirma serem os espetáculos esportivos os únicos que apresentam as características da tragédia grega. “Le public d’un grand match de football ne pleure certes pas, mais il approche d’un trouble collectif libéré sans fause pudeur; il accepte lui aussi une participation de son propre corps au combat regardé [...] (2002, p. 37). Geertz também recorre indiretamente à Poética, através de Northrop Frye, para compreender a excitação no entorno das rinhas, numa passagem que certamente poderia ser estendida para o caso dos espetáculos futebolísticos, e contra aqueles que desdenham-no por não ser edificante: “Você não iria assistir a Macbeth para aprender a história da Escócia - você vai para saber como se sente um homem depois que ganha um reino e perde sua alma.” (Frye apud Geertz, 1989, p. 318).

Não há referências diretas entre Geertz, Elias e Barthes; tampouco parece ser uma questão de plágio. A convergência entre autores de tradição tão diversas deve-se, certamente, ao fato de que eles fundem seus horizontes num mesmo referencial analítico, inspirado na tragédia grega. A constatação, um tanto óbvia, é de que, para esses autores, a proeza com que os jogos, assentados numa estrutura disjuntiva, facilitam a produção e enunciação de emoções constitui uma incógnita, razão pela qual é preciso retornar a Aristóteles. Ou por outra, há um hiato a ser preenchido, dando conta dos dispositivos sociais e simbólicos acionados por ocasião dos eventos esportivos.

A espetacularidade dos espetáculos esportivos, com o perdão da redundância, seria exatamente isso: os dispositivos que configuram-no como um espaço-tempo próprio à produção, enunciação e circulação de emoções, de um gênero particular, entre públicos heterogêneos e em circunstâncias concretas. Os signos de beleza, de ira, de angústia, de desespero, que são, em última instância, os signos de emoção dos torcedores (mas poder-se-ia ir além e pensar em signos de emoção dos cronistas, dos árbitros, dos dirigentes, dos jogadores e outros profissionais), constituem os alvos a serem interpretados. Desde que criteriosas, as intersecções entre os espaços dos esportes e os espaços das artes abrem a possibilidade de diálogos até certo ponto inéditos. E não apenas no que concerne às questões aqui tematizadas, como foi o caso da sensibilidade estética dos torcedores e dos capitais corporais necessários à satisfazê-la. São

muitas as possibilidades de intersecção, começando pelas tecnologias empregadas na formação e preparação de atores/atletas, até a constituição dos respectivos públicos, críticos, mecenas, mercados e assim por diante.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAUTO, Flávio (1999). “O futebol da cidade não morreu só mudou de lugar”. In: *Futebol: espetáculo do Século*. COSTA, Márcia *et al.* (org.). São Paulo: Musa Editora, p. 119-27.
- ALABARCES, Pablo (2002). *Fútbol y Patria*. Buenos Aires: Prometeo libros.
- \_\_\_\_\_ (2004). “Tropicalismos y europeísmos: la narración de la diferencia entre Argentina y Brasil a través del fútbol”. Exposição realizada na 24<sup>a</sup> *Reunião da ABA*, Olinda (PE), 12 a 15 de junho de 2004.
- ALMEIDA, Miguel Vale de (1995). *Senhores de Si: Uma Interpretação Antropológica da Masculinidade*. Lisboa: Fim de Século.
- ALTMANN Helena (2002). “Meninos e Meninas jogando futebol”. In: *Verso & Reverso*. São Leopoldo: Editora Unisinos, ano XVI, nº 34, p. 89-100.
- ANDERSON, Benedict (1989). *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática.
- ANTUNES, Fátima (1994). “O futebol nas fábricas”. In: *Revista USP*, nº 22.
- \_\_\_\_\_ (1996). “O futebol na Light & Power de São Paulo”. In: *Pesquisa de Campo*, nº 3-4, p. 51-64.
- ARAÚJO, Ricardo Benzaquen (1980). *Os gênios da pelota*. Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado. Museu Nacional/PPGAS/UFRJ.
- ARCHETTI, Eduardo (1998). “El potrero y el pibe. Território y pertenencia en el imaginario del fútbol argentino”. In: *Nueva Sociedad*, Caracas, nº 154, mar/abr, p. 101-19.
- \_\_\_\_\_ (1999). *Masculinities. Football, Polo and the Tango in Argentina*. Oslo: Berg.
- \_\_\_\_\_ (2003). “Argentina 1978 and after: Military nationalism, football essentialism, and moral ambivalence”. Exposição realizada no *XXVII Encontro Anual da ANPOCS*, Caxambu (MG), 22 a 26 de outubro de 2003.
- BAKTHIN, Mikhail (1993). *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo-Brasília: HUCITEC-Edunb.



- BANCEL, Nicolas e GAYMAN, Jean Marc (2002). *Du Guerrier à l'athlète: éléments d'histoire des pratiques corporelles*. Paris: PUF.
- BARTHES, Roland (2001). *Écrits sur le théâtre*. Paris: Éditions du Seuil.
- BECKER, Howard (1988). *Les Mondes de l'Art*. Paris : Flammarion.
- BENSAHEL, Liliane e FONTANEL, Jacques (2001). *Réflexions sur l'économie du sport*. Saint-Martin-d'Hères Presses Universitaires de Grenoble.
- BHABHA, Homi (1998). *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- BONNEWITZ, Patrice (1997). *Premières leçons sur La Sociologie de Pierre Bourdieu*. 2a ed. Paris:PUF.
- BOURDIEU, Pierre (1980). *Le sens pratique*. Paris: Minuit.
- \_\_\_\_\_ (1996). *Razões Práticas*. Campinas: Papirus.
- \_\_\_\_\_ (1999a). *A Economia das Trocas Simbólicas*. 5<sup>a</sup> ed. São Paulo: \_\_\_\_\_
- \_\_\_\_\_ (1999b). *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- \_\_\_\_\_ (2000). *Le bal des célibataires*. Paris: Éditions du Seuil (ESSAIS).
- \_\_\_\_\_ (s/d). *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- BOURDIEU, Pierre e WACQUANT, Loïc (1995). *Respuestas: por una antropología reflexiva*. Grijalbo: Cidade do México.
- BRACHT, Walter (1997). *Sociologia crítica do esporte: uma introdução*. Vitória: Editora da UFES.
- BRETON, David le (1998). *Les passions ordinaires*. Paris: Armand Colin/Masson.
- BROHM, Jean-Marie (1972). *Deporte, cultura y represión - Colección Punto y Línea*. Barcelona, Gustavo Gili.
- BROMBERGER, Christian (1995). *Le match de football: ethnologie d'une passion partisane à Marseille, Naples et Turim*. Paris: Éditions de la Maison des sciences de l'home.
- \_\_\_\_\_ (1998a). *Football, la bagatelle la plus sérieuse du monde*. Paris : Bayard Editions, 136 p.
- \_\_\_\_\_ (1998b). "Passions pour 'la bagatelle la plus importante du monde': le football". In: \_\_\_\_\_ (org.) *Passions ordinaires: football, jardinage, généalogie, concours de dicté....* Paris: Hachette Littératures, p. 271-308.
- \_\_\_\_\_ (2001). *Significación de la pasión popular por los clubes de fútbol*. Buenos Aires: Libros del Rojas/UBA.
- \_\_\_\_\_ (2002). "Les Pratiques et les spectacles sportif au miroir de l'ethnologie". *Intervention au congrès de la 3S*, Toulouse, 28, 29 et 30 octobre (conférence inaugurale), mimeo.
- BROMBERGER, Chistian e MARIOTTINI, Jean-Marc (1994). Le rouge et le noir: un derby turinois. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n° 103, juin, p. 79-89.
- BRONCKART, Jean-Paul e SCHURMANS, Marie-Noëlle (2001). "Pierre Bourdieu - Jean Piaget: habitus, schèmes et construction du psychologique". In: LAHIRE, Bernard (org.). *Le Travail sociologique de Pierre Bourdieu*. Paris: La Découverte & Syros, p. 153-175.

- CABRAL, Cid e OSTERMANN, Ruy (s/d). *O admirável futebol brasileiro*. Porto Alegre: Gaúcha Gráfica e Editora.
- CAILLÉ, Alain (1994). *Don, intérêt et désintéressement* – Bourdieu, Mauss, Platon e quelques autres. Paris: La Découverte/M.A.U.S.S.
- \_\_\_\_\_ (1999). “Préface”. In: TAROT, Camille. *De Durkheim à Mauss – l’invention du symbolique*. Paris: La Découverte/M.A.U.S.S.
- \_\_\_\_\_ (2000). *Antropologia do dom: o terceiro paradigma*. Rio de Janeiro: Vozes.
- CALDAS, Waldenyr (1990). *O Pontapé Inicial: memória do futebol brasileiro*. São Paulo: Ibrasa.
- CARRAVETTA, Elio (2001). *O jogador de futebol*. Porto Alegre: Mercado Aberto.
- CASTRO, Celso (1997). “In corpore sano: os militares e a introdução da Educação Física no Brasil”. In: *Antropolítica*. Niterói, nº 2, jan-jun 1997, p. 61-78.
- CASTRO, Ruy (1995). *Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha*. São Paulo: Cia das Letras.
- COIMBRA, David e NORONHA, Antônio (1994). *A História dos Grenais*. Porto Alegre, Artes e Ofícios.
- COMETTI, Gilles (2002). *La préparation physique en Football*. Paris: Chiron.
- DAMATTA, Roberto (1979). *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro.
- \_\_\_\_\_ (1982). “Subúrbio: Celeiro de Craques”. In: Da Matta, Roberto (org.). *Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro, Pinakothek.
- \_\_\_\_\_ (1994). “Antropologia do Óbvio”. In: *Revista USP*, nº 22.
- \_\_\_\_\_ (2000). *A casa e a rua*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- DAMO, Arlei (1998). *Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PPGAS/UFRGS.
- \_\_\_\_\_ (2001). Futenol e estética. In: *Perspectiva*, São Paulo, vol 15, nº3 jul/set, p. 82-91.
- \_\_\_\_\_ (2002a). *Futebol e identidade Social*. Porto Alegre: Editora da Universidade (UFRGS).
- \_\_\_\_\_ (2002b). “Do ‘ópio do povo’ à antropologia do óbvio: leitura crítica dos escritos de Roberto DaMatta sobre futebol”. Comunicação no Fórum Antropologia do Esporte, 23ª Reunião da ABA, Gramado/RS, 16-19 de junho de 2002.
- \_\_\_\_\_ (2002c). “O uso dos termos amadorismo e profissionalismo como categorias sociológicas na literatura acadêmica sobre o futebol”. Comunicação apresentada no GT Esporte, Política e Cultura, XXVI Reunião Anual da Anpocs. Caxambu (mimeo).
- \_\_\_\_\_ (2002d). Excertos de história social do futebol gaúcho e sua especificidade em relação ao Brasil”. In: *Verso & Reverso*. São Leopoldo: Editora Unisinos, ano XVI, nº 34, p. 79-88.
- \_\_\_\_\_ (2003). “Monopólio estético e diversidade configuracional no futebol brasileiro”. In: *Movimento* (Revista da Escola de Educação Física/UFRGS), Porto Alegre, v. 9, nº 2, mai/ago 2003, p. 129-56.

- DARBON, Sébastien (2001). "Pour une anthropologie des pratiques sportives. Propriétés formelles et rapport au corps dans le rugby à XV". In: *Techniques et Culture*, n° 39, p. 1-27.
- DEBORD, Guy (1992). *La société du spectacle*. Paris: Gallimard.
- DECACHE-MAIA, Eline (1999). "Esporte e Juventude no Borel". In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, vol. 13, n° 23, p. 87-117.
- \_\_\_\_\_ (2004). "O esporte e o Dom". Exposição realizada na 24ª Reunião da ABA, Olinda (PE), 12 a 15 de junho de 2004.
- DeCERTEAU, Michel (1996). *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes.
- DELZESCAUX, Sabine (2001). *Norbert Elias : une sociologie des processus*. Paris: Harmattan.
- DIENSTMANN, Cláudio (1987). *Campeonato Gaúcho: 68 anos de história*. 2ª ed. Porto Alegre, Sulina.
- DUNNING, Eric & SHEARD, Kenneth (1992). "La separation des deux Rugby". In: *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*; n° 79.
- EHRENBERG, Alain (1991). *Le culte de la performance*. Paris: Hachette Littératures.
- ELIAS, Norbert (1991). *Qu'est-ce que la sociologie?* Paris: Éditions de l'aube.
- \_\_\_\_\_ (1992a). "Introdução". In: ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. *A busca da Excitação*. Lisboa, Difel.
- \_\_\_\_\_ (1992b). "A gênese do desporto: um problema sociológico". In: ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. *A busca da Excitação*. Lisboa, Difel.
- \_\_\_\_\_ (1992c). "Ensaio sobre o desporto e a violência". In: ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. *A busca da Excitação*. Lisboa, Difel.
- \_\_\_\_\_ (1995). *Mozart, sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric (1992). *A busca da Excitação*. Lisboa, Difel.
- \_\_\_\_\_ (1992a). "A busca da excitação no lazer". In: ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. *A busca da Excitação*. Lisboa, Difel.
- \_\_\_\_\_ (1992b). "O lazer no espectro do tempo livre". In: ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. *A busca da Excitação*. Lisboa, Difel.
- \_\_\_\_\_ (1992d). "A dinâmica dos grupos desportivos - uma referência especial ao futebol". In: ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. *A busca da Excitação*. Lisboa, Difel.
- \_\_\_\_\_ (1992d). "A dinâmica dos grupos desportivos - uma referência especial ao futebol". In: ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. *A busca da Excitação*. Lisboa, Difel.
- \_\_\_\_\_ EWEN, Stuart (1988). *Todas las imágenes del consumismo*. México D.F.: Grijalbo.
- \_\_\_\_\_ FAURE, Jean-Michel e SUAD, Charles (1999). *Le football professionnel a la française*. Paris: PUF.
- FAURE, Jean-Michel e SUAUD, Charles (1994). "Un professionnalisme inachevé: Deux états du champ du football professionnel en France, 1963-1993". *Actes de la Recherche en sciences sociales*, n° 103, jun 1994.

- FAURE, Sylvia (2000). *Apprendre par corps: socio-anthropologie des techniques de danse*. Paris: La Dispute.
- FERRACINI, Renato (2003). *A arte de não interpretar como poesia corpórea do ator*. Campinas: Editora UNICAMP.
- FONSECA, Claudia (2004). *Família, fofoca e honra*. 2ª ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- FOUCAULT, Michel (1979). *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- FREYRE, Gilberto (1964). “Prefácio”. In: RODRIGUES FILHO, Mário. *O Negro no Futebol Brasileiro*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- FRYDENBERG, Julio (1997). “Prácticas y valores en el proceso de popularización del fútbol, Buenos Aires 1900-1910”. In: *Entrepasados: Revista de História*. Ano VI, nº 12.
- FURNIER, Marcel (1994). *Marcel Mauss*. Paris:Fayard.
- GABORIAU, Philippe (2003). *Les spectacles sportifs: grandeurs et décadences*. Paris: L’Harmattan.
- GASTALDO, Édison (2002). “Notas Etnográficas Sobre um País em Transe”. In: *Verso & Reverso*. São Leopoldo: Editora Unisinos, ano XVI, nº 34, p. 69-78.
- \_\_\_\_\_ (2004). “Futebol, mídia e sociabilidade no Brasil: algumas reflexões. Exposição realizada na 24ª Reunião da ABA, Olinda (PE), 12 a 15 de junho de 2004.
- GEERTZ, Clifford (1989). *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara.
- GIL, José (2000). “La danse, le corps, l’inconscient”. In: *Terrain*, 35, set 2000, p. 57-74.
- GODBOUT, Jacques e CAILLÉ, Alain (2000). *L’esprit du don*. Paris : La Découverte (Poche).
- GODELIER, Maurice (2001). *O enigma do dom*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- GOFFMAN, Erving (1985). *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. 12ª ed. Petrópolis: Vozes.
- GONÇALVES, Alana Mara Alves (2002). *Futebol amador: campo emergente de sociabilidade*. Dissertação de Mestrado. Fortaleza: PPG em Sociologia/UFC.
- GOUGUET, Jean-Jacques e PRIMAUT, Didier (2003). “Formation des Jouers Professionnels et equilibre compétitif: l’exemple du football. In: *Revue juridique et économique du sport*, Limoges, n.68, sept, p.7-34
- GUAZELLI, César (2002). “500 anos de Brasil, 100 anos de futebol gaúcho: construção da ‘província de chuteiras’”. In: *Verso & Reverso*. São Leopoldo: Editora Unisinos, ano XVI, nº 34, p. 69-78.
- GUEDES, Simoni (1982). “Subúrbio: celeiro de craques”. In: DaMATTA, Roberto (org.) *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*, Rio de Janeiro, Pinakothek p. 59-74.
- \_\_\_\_\_ (1997). *Jogo de Corpo: um estudo de construção social de trabalhadores*. Niterói: EDUFF.
- \_\_\_\_\_ (1998). *O Brasil no campo de futebol*. Rio de Janeiro:EDUFF.

- \_\_\_\_\_ (2000). “Malandros, caxias e estrangeiros no futebol: de heróis e anti-heróis” In: GOMES, Laura e DRUMMOND, José. *O Brasil não é para principiantes*. Rio de Janeiro: Editora FGV, p. 126-42.
- \_\_\_\_\_ (2002). “De Criollos e Capoeiras: notas sobre futebol e identidade nacional na Argentina e no Brasil”. Exposição realizada no *XXVI Encontro Anual da ANPOCS*, Caxambu (MG), 22 a 26 de outubro de 2002.
- \_\_\_\_\_ (2003a). “Lógicas da emoção”. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 18, n. 51, fev.
- \_\_\_\_\_ (2003). “Os ‘europeus’ do futebol brasileiro ou como a ‘Pátria de Chuteiras’ enfrenta a ameaça do mercado”. In: *Praia Vermelha – estudos de Política e teoria Social*, v. 08, p. 210-21.
- GUIBERNAU, Montserrat (1996). *Nacionalismos: o estado nacional e o nacionalismo no século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich (1998). *Corpo e Forma*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- \_\_\_\_\_ (2001). “A forma da violência: em louvor da beleza atlética.” In: *Mais!* São Paulo, Folha de São Paulo, 11 mar. 2001, p. 6-9.
- HEINICH, Nathalie (1991). *La Gloire de Van Gogh: essai d’anthropologie de l’admiration*. Paris: Minuit.
- \_\_\_\_\_ (2001). *La sociologie de l’art*. Paris : La Decouverte (Repères 328).
- HELAL, Ronaldo (1997). *Passes e Impasses*. Petrópolis: Vozes.
- \_\_\_\_\_ (2001). “Mídia, construção da derrota e o mito do herói”. In: HELAL, Ronaldo, SOARES, Antônio e LOVISOLO, Hugo. *A invenção do país do futebol*. Rio de Janeiro: Mauad, p. 149-162.
- HÉNAFF, Marcel (1991). *Claude Lévi-Strauss et l’anthropologie structurale*. Paris: Belfond (AGORA-POCKET).
- HOBSBAWM, Eric (1984). “Introdução: a invenção das tradições e A Produção em Massa das Tradições: Europa 1879 a 1914”. In: HOBSBAWM, E. & RANGER, T. *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- \_\_\_\_\_ (1990). *Nações e Nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- HORBY, Nick (2000). *Febre de bola*. Rio de Janeiro: Rocco.
- JARDIM, Denise (1991). *De bar em bar: identidade masculina e auto segregação em homens de classe populares*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PPGAS/UFRGS.
- JUNGBLUT, Airton, (1994). *Entre o evangelho e o futebol: um estudo sobre a identidade religiosa de um grupo de atletas de Cristo em Porto Alegre*. Dissertação de Mestrado, Porto Alegre, PPGAS/UFRGS.
- KARSENTI, Bruno (1997). *L’homme total: sociologie, anthropologie et philosophie chez Marcel Mauss*. Paris: PUF.
- KERTZER, David (1988). *Ritual, politics and Power*. New Haven/London: Yale University Press.

- KILANI, Mondher (1995). “Que de Hau! Le débat autour de *l’Essai sur le don* et la construction de l’objet en anthropologie. In: ADAM, J-M. et al. *Le discours anthropologique*. Editions Payot Lausanne.
- LANNA, Marcos (1995). *A dívida divina: troca e patronagem no nordeste brasileiro*. Campinas: Editora da UNICAMP.
- LAVALLE, Adrián (2004). *Vida pública e identidade nacional: leituras brasileiras*. São Paulo: Globo.
- LEIRIS, Michel (2001). *Espelho da tauromaquia*. São Paulo: Cosac & Naify Edições.
- LEITE LOPES, José S. (1992). “A morte da alegria do povo”. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, nº 20.
- \_\_\_\_\_ (1994). “A vitória do futebol que incorporou a *pelada*”. In: *Revista USP*, nº 22.
- \_\_\_\_\_ (1998). “Fútbol y classes populares en Brasil. Color, clase e identidad a través del deporte”. In: *Nueva Sociedad*. Venezuela, nº 154, mar-abr, p. 124-46.
- \_\_\_\_\_ (1999). “Les origines du jeu à la Brésilienne”. In: HÉLAL, Henri e MIGNON, Patrick (orgs). *Football, jeu et société*. Les cahiers de L’INSEP, nº 25, p. 65-84.
- LEITE LOPES, J. Sérgio e FAGUER, Jean Pierre (1994). “L’invention du style brésilien. In: Actes de la Recherche en Sciences Sociales. Nº 103, p. 27-35.
- LÈVI-STRAUSS, Claude (1970). *Antropologia estrutural I*. Rio de Janeiro:Tempo Brasileiro.
- \_\_\_\_\_ (1974). “A obra de Maucel Mauss”. In: *Sociologia e Antropologia II*. São Paulo: EPU/EDUSP.
- \_\_\_\_\_ (1975). *Totemismo Hoje*. Petrópolis, Vozes.
- \_\_\_\_\_ (1989). *O Pensamento Selvagem*. Campinas: Papyrus.
- LOPES dos SANTOS, Carlos (1975). *Na Sombra dos Eucaliptos*. Porto Alegre, Globo.
- LOVISOLO, Hugo (2001). “Saudosos futebol, futebol querido: a ideologia da denúncia”. In: HELAL, Ronaldo, SOARES, Antônio e LOVISOLO, Hugo. *A invenção do país do futebol*. Rio de Janeiro: Mauad, p. 77-99.
- LOVISOLO, Hugo e SOARES, Antônio J. (2003). “Futebol de várzea como crítica romântica”. *Caderno Cultural da Revista eletrônica Polêmica*, n.08, jan/fev/mar, 2003. Disponível em: <[www2.uerj.br/~labore/revistapolemica.htm](http://www2.uerj.br/~labore/revistapolemica.htm)> Acesso em: 20 fev. 2003.
- MACFARLANE, Alan (1986). *História do Casamento e do Amor: Inglaterra, 1300-1840*. São Paulo: Companhia das Letras.
- MAGNANI, J. Guilherme (1984). *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo:Brasiliense.
- \_\_\_\_\_ (2003). “A antropologia urbana e os desafios da metrópole”. In: *Tempo Social/USP*, nº 14, p. 81-95.
- MAGNANI, J. Guilherme e MORGADO, Naira (1996). “Futebol de várzea também é patrimônio”. In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Cultural*. São Paulo, n. 24, p. 175-84.
- MARTINS, José de Souza (2000). *A sociabilidade do homem simples*. São Paulo: HUCITEC.

- MASCARENHAS, Gilmar (1998). "Futebol e territorialidade da segregação racial em Porto Alegre". In: *Motus Corpori*. Vol. 5, nº 5. Rio de Janeiro, Gama Filho, 1998.
- \_\_\_\_\_ (1999). "Construindo a cidade moderna: a introdução dos esportes na vida urbana do Rio de Janeiro". In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, vol. 13, nº 23, p. 17-40.
- \_\_\_\_\_ (2001). *A Bola nas Redes e o Enredo do Lugar: uma Geografia do Futebol e seu advento no Rio Grande do Sul*. Tese de Doutorado. São Paulo, USP.
- MAUSS, Marcel (1969). "Parentes à plaisanteries". In: *Oeuvres* (vol II). Paris: Éditions de Minuit.
- \_\_\_\_\_ (1974a). "As Técnicas Corporais". In: *Sociologia e Antropologia II*. São Paulo, EPU/EDUSP.
- \_\_\_\_\_ (1974b). "Ensaio sobre a dádiva". In: *Sociologia e Antropologia II*. São Paulo: EPU/EDUSP.
- \_\_\_\_\_ (1974c). "In: Esboço de uma teoria geral da magia". In: *Sociologia e Antropologia I*. São Paulo: EPU/EDUSP.
- \_\_\_\_\_ (1979). "A expressão obrigatória de sentimentos". In: *Marcel Mauss*. CARDOSO de OLIVEIRA, Roberto (org.) [Col. Grandes Cientistas Sociais]. São Paulo, Ática, p 147-53.
- MELLO Filho, Álvaro (2000). *Novo Ordenamento Jurídico-Desportivo*. Fortaleza: ABC Fortaleza.
- MELO, Victor Andrade (1999). *História da Educação Física e do Esporte no Brasil*. São Paulo:IBRASA.
- MERLEAU-PONTY, Maurice (1980a). "O olho e o espírito". In: *Merleau-Ponty* (Os Pensadores). São Paulo: Abril Cultural, p. 85-111.
- \_\_\_\_\_ (1980b). "De Mauss a Claude Lévi-Strauss". In: *Merleau-Ponty* (Os Pensadores). São Paulo: Abril Cultural, p. 194-206.
- MORAES NETO, Geneton (2000). *Dossiê 50*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- MOULIN, Raymonde (1997). *L'artiste, l'institution et le marché*. Paris: Flammarion.
- MOURA, Gisella (1998). *O Rio corre para o Maracanã*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- MÜLLER, Lúcia Helena (1997). *Mercado Exemplar: um estudo antropológico sobre a bolsa de valores*. Tese de Doutorado. Brasília: Unb.
- MURRAY, Bill (1994). "Celtic et Rangers: Lês Irlandais de Glagow. In: *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, nº 103, juin, p. 79-89.
- \_\_\_\_\_ (2000). *Uma história do Futebol*. São Paulo: Hedra.
- NETTO, Euclides (1999). "O verdadeiro celeiro". In: *Futebol: espetáculo do Século*. COSTA, Márcia et al. (org.). São Paulo: Musa Editora, p. 115-6.
- NUYTENS, Williams (2002). "Le football du dimanche dans um club de district". In: *Panoramiques: Um monde foot, foot, foot!* N° 61, 4º trimestre, p. 61-65.

- OLIVEIRA, Antônio de e CARVALHO, Marco Aurélio (s/d). *Figueroa*. Porto Alegre : Gaúcha Gráfica.
- OLIVEN, Ruben (1992). *A parte e o todo*. Petrópolis, Vozes.
- \_\_\_\_\_ (1991). “De olho no dinheiro nos Estados Unidos”. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, nº 27, p. 206-35.
- OLIVEN, Ruben e DAMO, Arlei (2001). *Fútbol y cultura*. Buenos Aires: Norma.
- PÉQUIGNOT, Bruno (1993). *Pour une sociologie esthétique*. Paris: L'Harmattan.
- PEREIRA, Leonardo (1996). “Pelos Campos da Nação: um goal-keeper nos primeiros anos do futebol brasileiro”. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 10, n.19, p. 23-40.
- \_\_\_\_\_ (2000). *Footballmania: uma história social do futebol*. Rio de Janeiro: Nova
- PIMENTA, Carlos Alberto (2000). “Novos Processos de Formação de Jogadores de Futebol e o fenômeno das ‘escolinhas’: uma análise crítica do possível”. In: ALABARCES, Pablo (org.). *Peligro de Gol*. Buenos Aires, CLACSO.
- PRADO, Décio de Almeida (1997). *Seres, coisas, lugares: do teatro ao futebol*. São Paulo: Cia das Letras.
- PRONI, Marcelo (2000). *A Metamorfose do Futebol*. Campinas: Editora UNICAMP
- RABAIN-JAMIN, J. (2002). “Personne” (verbete). In: BONTE, Pierre e IZARD, Michel. *Dictionnaire de l'ethnologie et de l'anthropologie*. 2ª ed. Paris: Quadrige/PUF.
- RADCLIFFE-BROWN, Alfred (1973). “Os Parentescos por Brincadeira”. In: *Estrutura e Função na Sociedade Primitiva*. Petrópolis:Vozes.
- REBELO, Aldo e TORRES, Silvio (2001). *CBF-NIKE*. São Paulo:Casa Amarela.
- RIAL, Carmen (2002). “Televisão, futebol e novos ícones planetários: aliança consagrada nas copas do mundo”. In: *Motrivivência*, ano XIII, nº 18, p. 15-31, mar 2002.
- RICOEUR, Paul (1986). *Du texte à l'action: essais de hermeneutique*, II. Paris: Seul.
- \_\_\_\_\_ (s/d). *Teoria da Interpretação*. Lisboa: Edições 70.
- RIGO, Luis Carlos (2000). *O futebol infame*. Tese de Doutorado. Campinas:PPG em Educação/Unicamp.
- RODRIGUES FILHO, Mário (1964). *O Negro no Futebol Brasileiro*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- RODRIGUES, Francisco Xavier Freire (2003). *A Formação do Jogador de Futebol no Sport Club Internacional (1997-2002)*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PPG Sociologia/UFRGS.
- ROSENFELD, Anatol (1993). *Negro, Macumba e Futebol*. São Paulo, Edusp.
- SAHLINS, Marshall, (1990). *Ilhas de História*. Rio de Janeiro, Zahar.



- SANTOS, Marco (1999). "Periferia e várzea um espaço de sociabilidade". In: *Futebol: espetáculo do Século*. COSTA, Márcia et al. (org.). São Paulo: Musa Editora, p. 117-8.
- SAOUTER, Anne (2000). *Être Rugby: jeux du masculin et du féminin*. Paris: Édition de la MSH/Mission du Patrimoine Ethnologique.
- SCHNEIDER, David M. "Conclusion". In: *A Critique of the Study of Kinship*. The University of Michigan Press, 1992.
- SEGALEM, Martine (1998). *Rites et rituels contemporains*. Paris: Nathan Université (col. 128).
- SEVCENKO, Nicolau (1992). *Orfeu extático na metrópole*. São Paulo, Cia. das Letras.
- \_\_\_\_\_ (1994). "Futebol, Metrópole e Desatinos". In: *Revista USP*, nº 22.
- \_\_\_\_\_ (1998). "A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio". In: NOVAIS, Fernando e SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da Vida Privada no Brasil* (3). São Paulo: Cia das Letras.
- SHUSTERMAN, Richard (1992). *L'art à l'état vif: la pensée pragmatiste et 'esthétique populaire*. Paris: Minuit.
- SLIMANI, Hassen (1998). "Les Centres de Formation des Clubs". In: *Sociétés & Représentations*, nº 7, dec 1998, p. 353-61.
- \_\_\_\_\_ (2000). *La professionnalisation du football français: un modèle de dénégation*. Thèse de doctorat. Nantes, Droit et Sociologie.
- \_\_\_\_\_ (2002). "Le système de formation à la française". In: *Panoramiques*, nº 61, 4º trim, 2002, p. 78-84.
- SOARES, Carmen Lúcia (1994). *Educação Física: raízes européias e Brasil*. Campinas: Autores Associados.
- SOARES, Antônio Jorge (2001). "História e a invenção de tradições no futebol brasileiro". In: HELAL, Ronaldo, SOARES, Antônio e LOVISOLO, Hugo. *A invenção do país do futebol*. Rio de Janeiro: Mauad, p. 77-99.
- SOARES, Jorge A. e Lovisolo, Hugo (2003). "Futebol: a construção histórica do estilo nacional". In: *Revista do Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE)*, vol. 25, n. 1, set. 2003.
- SOARES, Luis Eduardo (1979). "Futebol e teatro, notas para uma análise de estratégias simbólicas". In: *Boletim do Museu Nacional*. Rio de Janeiro, nº 33, jun. 1979, p. 1-23.
- \_\_\_\_\_ (2000). *Meu casaco de general*. São Paulo: Cia das Letras.
- SOLINAS, Pier Giordio (1994). "L'être humain: une valeur qui n'a pas prix?". In: *Terrain*, 23, out 1994, p. 123-36.
- SOUZA, Jessé (2001). "A Sociologia dual de Roberto DaMatta". In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 16, nº 45, fev. 2001.
- SOUZA, Marcos (1996). *A 'Nação em Chuteiras': Raça e Masculinidade no Futebol Brasileiro*. Dissertação de Mestrado, PPGAS: Brasília/ UnB.

- SUAUD, Charles (1978). *La vocation: conversion et reconversion des prêtres ruraux*. Paris: Minuit, 1978. 280
- STEWART, Michael (1994). “La passion de l’argent”. In: *Terrain*, 23, out 1994, p. 45-62.
- STIGGER, Marco Paulo (2002). *Esporte, lazer e estilos de vida: um estudo etnográfico*. Campinas: Autores Associados.
- TAROT, Camille (1999). *De Durkheim à Mauss, l’invention du symbolique*. Paris: La Découvert/MAUSS.
- \_\_\_\_\_ (2003). *Sociologie et anthropologie de Marcel Mauss*. Paris: La Découverte.
- TOLEDO, L. Henrique (1993). “Por Que Xingam os Torcedores?” In: *Cadernos de Campo*, n.º 3, USP/IBICT.
- \_\_\_\_\_ (1996). *Torcidas Organizadas*. Capinas: Autores Associados.
- \_\_\_\_\_ (2002). *Lógicas no Futebol*. São Paulo: Hucitec/FAPESP.
- \_\_\_\_\_ (2005). *Pelé: os mil corpos de um rei*. Acessível em: <"http://www.n-a-u.org/toledo4.html"> Acesso em 20 jan 2005.
- TOURNIER, Pierre e RETHACKER (1999). *La formation du footballeur*. Paris: Éditions Amphora.
- TUBINO, Manoel José Gomes (1992). *Dimensões sociais do esporte*. São Paulo: Cortez.
- TURNER, Victor (1974). *O Processo Ritual: Estrutura e Antiestrutura*. Petrópolis: Vozes.
- TURPIN, Bernard (2002). *Préparation et Entraînement du Footballeur*. Paris: Amphora.
- VASSORT, Patrick (1999). *Football et politique*. Paris: Les Éditions de la Passion.
- VAUGRAND, Henri (1999). *Sociologies du sports: théorie des champs et théorie critique*. Paris: l’Harmattan.
- VEYNE, Paul (1984). *Acreditavam os gregos em seus mitos?* São Paulo: Brasiliense.
- \_\_\_\_\_ (1987). “Olympie dans l’Antiquité”. In: *Esprit* (La Nouvel âge du sport), vol 4, 53-62.
- VIEIRA, Jose Jairo (2001). *Paixão Nacional e Mito Social: A participação do Negro no Futebol, profissionalização e ascensão social*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro, IUPERJ (Sociologia).
- VYGOTSKY, Lev S. (1993). *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.
- WACQUANT, Loïc (2000). “Putas, escravos e garanthões: linguagens de exploração e de acomodação entre boxeadores profissionais”. In: *Mana*, vol.6, n.2, Rio de Janeiro, out.
- \_\_\_\_\_ (2002). *Corpo e Alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume-Damará.
- WAHL, Alfred e LAFRANCHI, Pierre (1995). *Les footballeurs professionnels: des années trente à nos jours*. Paris: HACHETTE.
- WALVIN, James (1994). *The People’s Game*. Edinburg: Mainstream Publishing.

- WEBER, Max (1974). "A Nação". In: GERTH, H. H. & MILLS W. (org.). *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro, Zahar.
- ZALIDMAN, Claude (2002). "Ensemble et separees". In: GOFFMAN, Erving. *L'arrangement des sexes*. Paris: La Dispute, 2002.
- ZALUAR, Alba (1994). *Cidadãos não vão ao paraíso*. Campinas: Escuta/Editora da Unicamp.
- ZELIZER, Viviana (1992). "Repenser le marché: La construction sociale du 'marché aux bébés' aux États-Unis, 1870-1930". In: *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, nº 94, set, p. 3-26.
- ZUMTHOR, Paul (2000). *Performance, recepção, leitura*. São Paulo: EDUC.